OS ROMANCES UNIVERSAIS

Sigrid Undset

A cruz

PORTUGÁLIA EDITORA

os romances universais

AS OBRAS-PRIMAS DO ROMANCE CLÁSSICO
E CONTEMPORÂNEO EM VERSÕES INTEGRAIS

VOLUMES PUBLICADOS

O MOINHO À BEIRA DO RIO
George Eliot

VILLETTE
Charlotte Brontë

FILHOS E AMANTES
D. H. Lawrence

C
Maurice Baring

RETRATO DUMA SENHORA
Henry James

MULHERES APAIXONADAS
D. H. Lawrence

CRISTINA LAVRANSDATTER
*A COROA. **A ESPOSA. ***A CRUZ
Sigrid Undset

ALMA SIMPLES
H. G. Wells

GRANDES ESPERANÇAS
Charles Dickens

HISTÓRIA DUMA RAPARIGA
D. H. Lawrence

O ROMANCE DE LEONARDO DE VINCI
Dmitri Merejkowski

A LOJA DE ANTIGUIDADES
Charles Dickens

CRIME E CASTIGO
Dostoievski

A MULHER DE BRANCO
Wilkie Collins

A SERPENTE EMPLUMADA
D. H. Lawrence

O VERMELHO E O PRETO
Stendhal

PORTUGÁLIA EDITORA
AVENIDA DA LIBERDADE, 13-3.º ◆ LISBOA

Sigrid Undset

nasceu em Kolding, Dinamarca, em 1882. Seu pai era catedrático de arqueologia da Universidade de Oslo, cidade onde a escritora passou a sua juventude como empregada de escritório. Em 1907 publica o seu primeiro livro, *Fru Marta Oulie*, a que se segue, dentro de pouco, a novela *Idade Feliz*, obras onde procura estudar a alma feminina, ainda sob a influência de Zola. Em 1911 escreve o romance *Jenny*, em que encerra a sua experiência da Itália, país onde vive algum tempo como bolseira do Estado norueguês. Em 1912 aparece o seu novo romance, *Pobres Seres*, e, em 1914, *Primavera*. É então que se começa a interessar pela história da Noruega, volvendo a sua atenção para o período medieval, época de vida primitiva e serena. São dessa fase as obras que constituem a trilogia *Cristina Lavransdatter: A Coroa*, publicada em 1920, *A Esposa*, em 1921 e *A Cruz*, em 1922. Logo traduzidas nos principais idiomas da Europa, recebem em 1928 o Prémio Nobel de Literatura. Convertida ao catolicismo, Sigrid Undset continuou a trabalhar, publicando ainda muitas outras obras, entre as quais se contam *Olav Audunssön*, que pela sua extensão e fôlego se pode comparar a *Cristina Lavransdatter*. Depois da invasão da Noruega em 1940, conseguiu refugiar-se na Suécia, de onde passou para a Rússia e daí para os Estados Unidos. Faleceu em 1949.

A Cruz

Neste último volume da trilogia, a vida doméstica de Cristina Lavransdatter e Erlend Nicolaussoen sofre alguns reveses. Depois de uma breve disputa em que a mulher o exprobra pela sua vida descuidada, Erlend afasta-se e vai residir na sua casa de Haugen. A conselho do padre, Cristina visita-o com intuito de se reconciliarem, e ali permanece uns dias em que a antiga paixão se renova. De regresso à quinta, onde os filhos a chamam, conserva-se em Joerundgaard; prestes a ser mãe, manda recado ao marido para que venha. Este, porém, que esperara debalde a sua instalação definitiva em Haugen, recusa-se a comparecer. Cristina dá à luz o último filho, que não se desenvolve e morre três meses depois. A voz pública atribui a paternidade desta criança a Ulf, seu feitor, e ela comparece perante o bispo; por causa desses boatos, um dos filhos agride um homem e é vigiado na sua própria casa. Lourenço Erlendssoen vai prevenir o pai do que se passa; este vem, encontra os guardas, com quem contende e pelos quais é ferido mortalmente. Cristina, viúva e desolada, determina-se a recolher a um convento. Aí, durante uma epidemia que traz o povo amotinado, ela morre sem que nenhum dos seus sonhos de mãe tenha sido realizado.

CAPA DE MARIA FRANCO

OS ROMANCES UNIVERSAIS

VII

CRISTINA LAVRANSDATTER

* * *

A CRUZ

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
DE REPRODUÇÃO EM PORTUGAL
E NO BRASIL

TEXTO INTEGRAL

OS ROMANCES UNIVERSAIS

I

O MOINHO À BEIRA DO RIO, por George Eliot
4.ª edição

II

VILLETTE ou num colégio de raparigas, por Charlotte Brontë
3.ª edição

III

FILHOS E AMANTES, por D. H. Lawrence
3.ª edição

IV

C, por Maurice Baring
2.ª edição

V

RETRATO DUMA SENHORA, por Henry James

VI

MULHERES APAIXONADAS, por D. H. Lawrence
2.ª edição

VII

CRISTINA LAVRANSDATTER, por Sigrid Undset
* A COROA — ** A ESPOSA — *** A CRUZ
2.ª edição

VIII

ALMA SIMPLES, por H. G. Wells
2.ª edição

IX

GRANDES ESPERANÇAS, por Charles Dickens
2.ª edição

X

HISTÓRIA DUMA RAPARIGA, por D. H. Lawrence

XI

O ROMANCE DE LEONARDO DE VINCI, por Dmitri Merejkovski
2.ª edição

XII

A LOJA DE ANTIGUIDADES, por Charles Dickens
2.ª edição

XIII

CRIME E CASTIGO, por Dostoievski
2.ª edição

XIV

A MULHER DE BRANCO, por Wilkie Collins

XV

A SERPENTE EMPLUMADA, por D. H. Lawrence

XVI

O VERMELHO E O PRETO, por Stendhal
2.ª edição

SIGRID UNDSET

nasceu em Kolding, Dinamarca, em 1882. Seu pai era catedrático de arqueologia da Universidade de Oslo, cidade onde a escritora passou a sua juventude como empregada de escritório. Em 1907 publica o seu primeiro livro, *Fru Marta Oulie*, a que se segue, dentro de pouco, a novela *Idade Feliz*, obras onde procura estudar a alma feminina, ainda sob a influência de Zola. Em 1911 escreve o romance *Jenny*, em que encerra a sua experiência de Itália, país onde vive algum tempo como bolseira do Estado norueguês. Em 1912 aparece o seu novo romance, *Pobres Seres*, e, em 1914, *Primavera*. É então que se começa a interessar pela história da Noruega, volvendo a sua atenção para o período medieval, época de vida primitiva e serena. São dessa fase as obras que constituem a trilogia *Cristina Lavransdatter: A Coroa*, publicada em 1920, *A Esposa*, em 1921 e *A Cruz*, em 1922. Logo traduzidas nos principais idiomas da Europa, recebem em 1928 o Prémio Nobel de Literatura. Convertida ao catolicismo, Sigrid Undset continuou a trabalhar, publicando ainda muitas outras obras, entre as quais se contam *Olav Audunssön*, que, pela sua extensão e fôlego, se pode comparar a *Cristina Lavransdatter*. Depois da invasão da Noruega em 1940, conseguiu refugiar-se na Suécia, de onde passou para a Rússia e daí para os Estados Unidos. Mesmo no exílio, a sua decisão e o seu génio não a abandonaram, pois desenvolveu uma intensa actividade, através da imprensa e da rádio, e escreveu *Caminho do Futuro*, onde historia a sua viagem para a liberdade, *Tempos Felizes da Noruega*, e *Sigurd e Seus Bravos Companheiros*. Em Agosto de 1945, regressou à Noruega e, depois de cinco anos de ausência, voltou a instalar-se em Lillehammer, na sua velha casa que, apesar de bastante danificada pelos invasores, retomou, a pouco e pouco, o antigo aspecto. No dia em que Sigrid Undset fez 65 anos, o rei Haakon concedeu-lhe a mais alta distinção norueguesa: a Grande Cruz da Ordem de Santo Olavo, premiando assim a notável actividade da escritora e os serviços por ela prestados à pátria. Apesar de os desgostos causados pela guerra — entre os quais a morte do filho — a terem atingido profundamente, Sigrid Undset não renunciou aos seus trabalhos literários, dedicando-se a escrever a biografia de Santa Catarina de Siena, a grande reformadora da Igreja do século XIV. Além disso, colaborou em jornais e revistas, sempre em calorosa defesa dos seus ideais políticos e religiosos. Faleceu em 1949.

O título desta obra em norueguês é

KORSET

A CRUZ

PARTE PRIMEIRA

LAÇOS DE FAMÍLIA

I

DOIS anos depois da instalação de Erlend Nikulaussoen e de Cristina Lavransdatter em Joerundgaard, quis a mulher ir no Verão às suas casas da montanha. Não cessara de pensar nisso durante todo o Inverno.

Em Skejenne, na estação em que levaram os rebanhos para o pasto da serra, era uso a ama estar presente e ajudar os pastores: acontecera, em tempos remotos, ser a filha dos senhores raptada pelos génios da montanha, e desde então as mães decidiram comparecer ali todos os Estios. Os habitantes de Skejenne tinham em muitos assuntos ideias particulares. Acostumados, achavam tudo aquilo natural. Mas noutros sítios não era hábito que as mulheres dos proprietários mais importantes se ocupassem daqueles trabalhos. Cristina sabia perfeitamente que ficariam admirados se ela tal fizesse e que não deixariam de a censurar. Meu Deus! Deixá-los falar! De qualquer maneira não ralhavam dela e da família?

Audun Torbergsoen só possuía as suas ferramentas e o fato que envergava quando desposara Ingebjoerg Nikulausdatter de Soptsgaard. Tinha sido palafreneiro do bispo de Hamar.

Foi na ocasião em que o prelado veio ao Norte para consagrar a nova igreja que sucedeu esse desastre a Ingebjoerg. Nikulaus Sigurdsoen levou o caso muito a mal: jurou por Deus e pelos homens que não queria por genro um moço de cavalariça. Mas Ingebjoerg deu à luz dois gémeos e, conforme dizia o povo a gracejar, Nikulaus julgou decerto o encargo excessivamente oneroso para ele só. Deu então a filha em casamento a Audun.

Passou-se isto dois anos depois de Cristina se casar e ninguém se havia esquecido de que Audun não era daquela região. Per-

tencia a uma família completamente arruinada e o homem não contava simpatias em Sil. Ríspido, obstinado, mostrava-se tão pertinaz no ódio como na gratidão. Mas era activo, laborioso e um tanto conhecedor das coisas da lei. Agora, com Audun Torbergsoen, pessoa considerada naquela terra, ninguém se quereria indispor.

Cristina evocava o rosto largo e tisnado de Audun, emoldurado por áspera cabeleira e pela barba ruiva e frisada, e os seus olhinhos perscrutadores. Assemelhava-se a muitas outras fisionomias que ela vira nos criados de Husaby, nos escudeiros e nos marinheiros de Erlend.

Cristina suspirou — para um homem desses devia ser mais fácil fazer-se valer vivendo nas terras herdadas pela mulher. Ele nunca dominara noutro lugar.

No decurso do Inverno e da Primavera Cristina tivera numerosas conversas com Frida Styrkaarsdatter, a mais antiga das criadas, que os acompanhara sempre. Não cessava de lembrar à serva o que era costume fazer no vale durante o Verão: assim é que os segadores estavam habituados a que os tratassem; desta forma é que se executava tal e tal coisa na época da ceifa. Frida devia recordar-se da maneira como a ama procedera no ano anterior. Cristina queria que tudo na quinta decorresse como no tempo de Ragnfrid Ivarsdatter.

Mas não lhe vinha à ideia dizer muito simplesmente que no Verão não estaria na quinta. Dirigira Joerundgaard durante dois Invernos e um Estio, e sabia que ir para os chalés equivalia a uma fuga.

Seria extremamente difícil convencer Erlend a ser razoável, ele que, desde o tempo em que a mãe adoptiva o sentava no colo, julgara haver nascido sòmente para mandar e dirigir os que o rodeavam. E se lhe acontecera deixar-se governar e guiar pelos outros, não dera por isso.

Era impossível que Erlend fosse como patenteava ser. Não podia entreter-se aqui. E ela, Cristina? O domínio paterno comprimido, silencioso, no fundo daquele vale, as campinas além do

bosque de amieiros, onde brilhavam as sinuosidades do rio, as herdades, perto dos campos cultivados, no sopé das montanhas, cujos píncaros se recortavam, cinzentos, no céu tão alto, os raios de luz que incidiam no pinheirais e nas bétulas empoleirados nas encostas — não, este não era o lar mais atraente e mais belo a que ela aspirava. Sentia-se ali prisioneira. Erlend também devia pensar ser aquilo uma terra encafuada e que não podiam prosperar. Mas, ao vê-lo, quem diria que não se sentia feliz?

No dia em que soltaram o gado em Joerundgaard, ela falou, enfim, do seu projecto enquanto estavam sentados a cear.

Erlend, absorvido na busca de um bom bocado no prato do peixe, ficou imóvel de espanto, com os dedos no prato e de olhos fitos na mulher. Cristina ajuntou muito depressa:

— É principalmente por causa dessa doença de garganta que tem atacado as crianças do vale; Munan não é muito forte; tenciono levá-lo, assim como Lourenço, para a montanha.

— Nesse caso seria bom que Ivar e Skule te acompanhassem também — retorquiu Erlend.

Os dois gémeos saltaram de alegria no banco onde estavam e durante o final da refeição não pararam de tagarelar um com o outro. Iriam com Erling, que devia levar os carneiros para as colinas do Norte.

Três anos antes o pastor de Sil prendera e amarrara um caçador e matara-o perto da sua cabana de pedra, nas montanhas de Raa — era um proscrito de Osterdalene.

Logo que se levantaram da mesa, Ivar e Skule trouxeram todas as armas que possuíam e inspeccionaram-nas muito bem. Um pouco mais tarde, Cristina saiu com as filhas de Simão Andressoen e com Gaute e Lourenço. Arngjerd Simousdatter passara a maior parte do Inverno em Joerundgaard. A rapariga tinha quinze anos nessa ocasião. Num dia de Natal, em Formo, Simão dissera que era altura de Arngjerd adquirir mais alguns conhecimentos além daqueles que podia aprender em casa. Ela sabia tanto como as criadas. Cristina ofereceu-se então para a levar para Joerundgaard

e educá-la o melhor que pudesse; percebia que Simão tinha um fraco por aquela filha e que se preocupava com o seu futuro.

Arngjerd precisava, com efeito, de ver uma casa mais bem governada do que a de Formo. Simão Andressoen era, desde a morte dos sogros, um dos homens mais ricos da região. Mostrava-se hábil e clarividente na administração dos seus bens e explorava com zelo e capacidade a herdade de Formo. Contudo, os trabalhos interiores deixavam a desejar — as criadas faziam o que queriam. Quando Simão percebia que a desordem e a confusão excediam os limites, contratava mais uma ou duas servas. Mas nunca falava desses assuntos à esposa, de quem não parecia desejar nem esperar comparticipação mais activa nos cuidados domésticos. Dir-se-ia que a considerava ainda uma criança. Era, no entanto, benevolente e conciliador para com Ramborg, e, a cada passo, cumulava de presentes a mulher e os filhos.

Cristina afeiçoou-se a Arngjerd quando a conheceu melhor. A rapariga não seria bonita, mas era inteligente, meiga e trabalhadora; tinha bom coração e mãos habilidosas. Quando Arngjerd acompanhava Cristina nas suas idas e vindas pela casa, ou quando se instalava a seu lado, à noite, na sala de tecelagem, fazia nascer em Cristina o desejo de ter uma filha. Uma rapariga compartilha mais a vida da mãe. Assim pensava ela nessa tarde, quando levava Lourenço pela mão e contemplava Gaute e Arngjerd, que seguiam à frente dela pela estrada fora. Ulvhild corria à direita e à esquerda, divertindo-se a fazer estalar debaixo dos pés a fina camada de gelo das poças. A pequena fingia ser um animal qualquer e pusera a capa do avesso, de forma a que o forro de pele de lebre branca ficasse para o exterior.

Ao fundo do vale, as sombras mais densas faziam descer já o crepúsculo sobre as terras escuras e sem vegetação; no entanto, a atmosfera daquela tarde de Primavera parecia saturada de luz. As primeiras estrelas cintilavam, húmidas e brancas, no céu, ali onde o verde-esmeralda do poente se diluía a pouco e pouco no azul-escuro da noite.

Mas por cima da linha negra das montanhas, do lado do vale, arrastava-se ainda uma faixa de claridade amarela, cujo reflexo

iluminava o rochedo que ladeava a estrada. E, lá no alto, esse mesmo reflexo fazia brilhar as serras cobertas de neve e derreter as geleiras, donde brotavam regatos que marulhavam pela encosta. A atmosfera inteira vibrava com a canção murmurante. Em baixo o rumor do rio servia de acompanhamento. E havia os trinados dos pássaros que se elevavam de todas as matas, de todos os cantos do bosque.

Em dado momento Ulvhild deteve-se, apanhou uma pedra e arremessou-a na direcção do gorjeio das aves, mas a irmã mais velha agarrou-lhe no braço; então ela caminhou sossegada durante uns instantes. De repente, a pequena desprendeu-se e desceu pela encosta até que Gaute a apanhasse. Tinham chegado ao ponto onde o caminho se embrenhava no pinheiral. Chegou até eles o zunir de um arco que se afrouxa; aqui, a neve cobria ainda a terra, o ar estava húmido e frio. Um pouco mais longe, numa clareira, apareceu Erlend com Ivar e Skule. Ivar alvejara um esquilo, a flecha cravara-se no cimo dum pinheiro, e o rapazinho, querendo recuperá-la, atirava-lhe pedras umas após outras. De cada vez que uma delas atingia o tronco sólido, este ressoava com a pedrada.

— Espera, vou tentar deitá-la abaixo — disse o pai.

Lançou a capa para as costas, fixou uma seta no arco e apontou com negligência sob a luz incerta que escoava pelas árvores. A corda retiniu, a flecha silvou no ar e enterrou-se no tronco do pinheiro ao lado da do filho. Erlend tornou a atirar; uma das duas flechas cravada na árvore tombou de ramo em ramo, com um ruído seco. A outra partiu-se e a ponta ficou no pinheiro. Skule correu para a neve a fim de ir buscar as setas. Ivar, imóvel, mirava o topo da árvore.

— Foi a minha que ficou, pai; está enterrada até à haste. Foi bem lançada, não é verdade?

Em seguida, pôs-se a explicar a Gaute as razões por que não acertara no esquilo.

— Pensas regressar já, Cristina? Eu, por mim, preciso de voltar. Tencionamos, eu e Naakkve, ir buscar o touro amanhã de manhãzinha!

Cristina respondeu muito depressa que não. Queria acompanhar as pequenas até à casa delas. Tinha de falar com a irmã nessa tarde.

— Então Ivar e Skule podem ir com a mãe, por causa do regresso, se me dais licença de ficar convosco, pai.

Erlend pegou em Ulvhild Simonsdatter ao colo para lhe dizer adeus. E como estava tão bonita, rosada e fresca, com os seus caracóis castanhos que se escapavam do gorro de pele branca, ele beijou-a antes de a pôr no chão. Depois partiu para casa com Gaute.

Agora que Erlend nada tinha em que se ocupar, fazia-se sempre acompanhar por um dos filhos.

Ulvhild agarrou na mão da tia e caminhou ao lado dela durante um momento, até que desatou a correr e passou como uma tromba entre Ivar e Skule.

Sim, era uma linda criança, mas muito turbulenta e indisciplinada. Se tivessem tido uma filha, Erlend decerto também brincaria constantemente com ela.

Quando Cristina e os pequenos chegaram a Formo, estava Simão sòzinho, com o filho. Sentado à cabeceira da comprida mesa, olhava para André. O petiz, de joelhos sobre o banco, brincava com velhos tarugos de madeira e esforçava-se por colocá-los a prumo em cima da mesa. Logo que Ulvhild viu aquilo, esqueceu-se de cumprimentar o pai. Pulou para o banco, agarrou no irmão pela nuca e bateu-lhe a cara na mesa, declarando que aqueles brinquedos eram seus; fora mesmo o pai quem lhos dera. Simão levantou-se para separar os pequenos. Nesse instante teve a infelicidade de deitar ao chão, com o cotovelo, um pratinho de barro que estava em cima da mesa e que se despedaçou. Arngjerd abaixou-se e apanhou os bocados. Simão recebeu-os e contemplou-os com ar infeliz.

— Tua mãe vai zangar-se, com certeza. Era um lindo pratinho com flores sobre fundo branco que André Darre trouxe de França; Helga herdara-o, mas ofereceu-o a Ramborg. Consideravam aquilo um objecto precioso, explicou Simão.

Nessa mesma ocasião ouviu os passos da mulher no vestíbulo; escondeu vivamente atrás das costas as mãos que seguravam os

cacos. Ramborg entrou e saudou a irmã e os sobrinhos; despiu o casaco a Ulvhild e esta correu para o pai e agarrou-se a ele.

— Como estás hoje linda, Ulvhild! Trazes o teu cinto de prata num dia de semana, segundo vejo!

Mas Simão não podia pegar na filha porque tinha as mãos ocupadas. Ulvhild gritou que estivera em Joerundgaard, em casa da tia, e por tal razão a mãe a enfeitara nessa manhã.

— Sim, tua mãe aparamenta-te como para um altar; podia-se expor-te no tesouro da igreja tal como estás — observou Simão, sorrindo.

O único trabalho de Ramborg era fazer os vestidos para a filha. Por isso Ulvhild andava sempre tão bem ataviada.

— Por que estás assim? — perguntou Ramborg ao marido.

Simão mostrou-lhe os pedaços do prato:

— Que dizes a isto?

Ramborg pegou nos cacos:

— Não valia a pena fazeres figura de parvo por causa disso.

Cristina sentiu-se contrafeita. É certo que Simão parecera um tanto ridículo escondendo o prato quebrado, como uma criança, mas era preciso que Ramborg fizesse tal reparo?

— Pensei que te ias zangar por eu ter partido o prato.

— Sim, finges sempre que receias fazer-me zangar... nas coisas sem importância — respondeu Ramborg.

Os outros viram que ela estava prestes a chorar.

— Bem sabes, Ramborg, que não é a fingir — retorquiu Simão — e também não é só por coisas mínimas.

— Não costumas falar-me de assuntos sérios — replicou a mulher no mesmo tom, voltando-lhe as costas e dirigindo-se para a porta do vestíbulo. Simão conservou-se um momento de pé, seguindo-a com o olhar. Quando se tornou a sentar, o pequeno André quis subir-lhe para cima dos joelhos. Simão pegou nele e ficou com o queixo apoiado na cabeça do filho, mas sem dar mostras de ouvir a tagarelice do petiz. Depois dum silêncio, Cristina disse em voz baixa e um tanto hesitante:

— Ramborg já não é criança, Simão. O vosso filho mais velho tem sete anos...

— Que queres dizer com isso? — perguntou o cunhado.

Cristina achou-lhe certa rispidez na entoação.

— Quero dizer... talvez minha irmã julgue que não tens bastante confiança... Podias talvez consentir que ela usasse de mais autoridade no governo de casa... de partilhar com ela...

— Minha mulher tem toda a autoridade que quer — ripostou Simão, irritado. Não exijo que faça mais do que lhe apetece, mas nunca me opus a que Ramborg governasse fosse o que fosse aqui, em Formo. Se o julgas é porque não sabes...

— Não, não é isso,—interrompeu Cristina.—Às vezes é que penso que tu, caro cunhado, te não lembras de que Ramborg tem mais idade agora do que no tempo do vosso casamento. Devias lembrar-te, Simão...

— E tu, lembras-te? — Simão pôs o filho no chão e levantou-se bruscamente. — Lembras-te de que Ramborg e eu resolvemos casar, quando isso não foi possível entre ti e mim?

A mulher entrou nesse momento trazendo um púcaro de cerveja para os visitantes. Simão foi ao encontro dela e colocou-lhe a mão no ombro.

— Já ouviste uma coisa destas, Ramborg? Tua irmã pretende que não és feliz!

Sorria. Ramborg ergueu para o marido os rasgados olhos escuros, onde passou uma claridade estranha.

— O quê?! Tive tudo o que desejava exactamente como tu, Cristina; se nós ambas não ficámos satisfeitas, não sei...

Ramborg esboçava também um sorriso. Cristina conservou-se silenciosa, vermelha e despeitada, e não aceitou a cerveja que a outra lhe oferecia.

— Já é tarde, temos de voltar para casa — e ela olhou para os filhos.

— Ainda não, Cristina. — Simão tirou o púcaro das mãos da mulher e bebeu à saúde da cunhada. — Não estejas zangada; não ligues tanta importância às coisas que se dizem entre família. Senta-te, descansa e desculpa, por favor, se te respondi inconvenientemente. Sinto-me fatigado—ajuntou espreguiçando-se e bocejando.

A seguir, perguntou-lhe em que altura iam os trabalhos agrícolas em Joerundgaard. Em Formo haviam acabado de lavrar todas as terras do norte da quinta.

Cristina levantou-se para se ir embora logo que achou oportunidade para isso.

— Não, Simão, é inútil acompanhares-me — disse ela envergando o casaco de capuz. — Não vês que tenho os meus rapazes?

Simão, porém, não lhe deu ouvidos e até convidou Ramborg a ir com eles, ao menos através dos campos. Em geral, a mulher recusava-se, mas, dessa vez, acompanhou-os até à estrada.

A noite estava escura sob o céu cheio de estrelas. Das terras recentemente adubadas evolava-se o cheiro característico que anunciava a Primavera, apesar do frio nocturno. Na sombra envolvente ouvia-se o sussurro da água.

Simão e Cristina haviam tomado a direcção do Norte e os três rapazes corriam à frente deles. Cristina percebia que o cunhado lhe desejava falar; ela, no entanto, conservava-se tão ressentida que o não animava. De facto, estimava Simão; mas daí a ele julgar que podia dizer tudo o que lhe viesse à cabeça com o pretexto de que entre parentes as palavras não têm consequências, não! Havia um limite para tudo.

Devia compreender muito bem que, para Cristina era penoso vê-lo encolerizado e grosseiro; e precisamente porque Simão a ajudara nos dias difíceis, ela não lhe podia responder no mesmo tom.

No primeiro Inverno que se seguiu à instalação em Joerundgaard, Ramborg mandara-a chamar porque Simão estava de cama, muito doente, com uma inflamação na garganta. Mas quando, depois de chegar a Formo, Cristina entrou no quarto do cunhado, este não permitiu que ela lhe tocasse ou se ocupasse dele, e mostrou-se tão zangado que Ramborg, tristíssima, pediu desculpa à irmã de a ter mandado vir. Simão procedera da mesma maneira com ela própria, explicou a mulher, a primeira vez que adoecera depois do casamento e que Ramborg o quisera tratar. Quando tinha abcessos na garganta fechava-se na casa velha, aquela a que chamavam a barraca de Saemund, e não tolerava ninguém junto de si.

excepto Gunstein, velhote feio, sujo e coberto de bichos, que servira em Dyfrin muito antes de Simão nascer.

Mais tarde, Simão fora pedir desculpa à cunhada; detestava que o vissem doente, pois achava coisa vergonhosa para um homem.

Cristina respondera-lhe que não pensava dessa maneira: sofrer da garganta não era motivo de vergonha.

Simão acompanhou Cristina até à porta; pelo caminho pouco conversaram; falaram do tempo, dos trabalhos agrícolas, em suma, repetiram o que tinham dito em casa.

Já Simão se despedia da cunhada quando lhe perguntou de repente:

— Sabes dizer-me, Cristina, que fiz eu a Gaute para ele estar tão zangado comigo?

— Gaute está zangado contigo! — exclamou Cristina surpreendida.

— Não deste por isso? O rapaz evita-me e, quando me encontra por acaso, quase nem abre a boca.

Cristina meneou a cabeça; não, não dera por nada:

— A não ser que hajas troçado dele, o que Gaute não suporta. Não passa duma criança...

Simão percebeu pela entoação da voz que ela sorria, e então ele deu uma risadinha quando respondeu:

— Não me recordo de semelhante coisa.

Tudo estava silencioso em Joerundgaard. Cristina encontrou a sala às escuras e o lume meio apagado. Bjoergulf, que ela viu na cama, mas ainda acordado, disse-lhe que o pai e os irmãos haviam saído. No leito do dono da casa, Munan dormia sòzinho. A mãe enlaçou-o com os braços quando se deitou ao lado dele. — Como era difícil falar a Erlend daquilo que nem o próprio compreendia! Pois não poderia ter consigo os dois filhos e ocuparem-se juntos na mata onde o trabalho era ainda mais urgente do que na quinta?

Claro que ela nunca esperara que Erlend conduzisse em pessoa a charrua; com certeza não conseguiria fazer nem um rego em vermos. E, além disso, Ulf não gostaria de ver Erlend imiscuir-se

na exploração da quinta. Mas os filhos não seriam educados como fora o pai, ao qual sòmente haviam exigido que soubesse manejar as armas, matar caça, divertir-se com os cavalos e jogar ao xadrez com um padre encarregado de ministrar aos filhos dos nobres algumas noções de latim, de escrita e de música.

Cristina tomara poucos criados para o serviço da quinta ùnicamente porque desejava que os filhos aprendessem e tivessem desde a infância a necessidade dos hábitos campestres. Agora poucas probabilidades havia de os filhos de Erlend viverem algum dia como os moços nobres. No entanto, entre os rapazes, só se podia contar com Gaute. Este era trabalhador, mas tinha apenas treze anos; seria de esperar que preferisse seguir Erlend se o pai o convidasse a acompanhá-lo.

Como era difícil falar destes assuntos a Erlend! Cristina tomara a firme resolução de nunca deixar supor ao marido, pela mínima palavra, que lhe censurava o procedimento ou lhe lançava à cara a sorte a que os condenara, a ela e aos filhos. Mas, nesse caso, como fazer-lhe compreender que os rapazes deviam habituar-se a trabalhar na quinta? «Ah! Se Ulf quisesse falar», pensava Cristina.

Quando foram com o gado para Hoeveringen, Cristina partiu também para a montanha. Não quis levar os dois gémeos, que haviam completado onze anos e se mostravam os mais indisciplinados, os mais teimosos dos rapazes. A sua autoridade de mãe era ainda menor pelo facto de eles se socorrerem em tudo e por nada. Se, por acaso, lhe acontecia estar sòzinha com Ivar, este mostrava-se meigo e dócil; mas Skule era rebelde e colérico; logo que os dois irmãos se encontravam juntos, Ivar obedecia inteiramente a Skule.

II

NO começo do Outono, saiu Cristina certa manhã por volta das nove horas. Dissera-lhe o pastor que um pouco mais em baixo, na encosta, seguindo o curso do rio, deveria haver grande quantidade de verbasco num terreno arroteado.

Cristina descobriu o local: uma planície escarpada, ardente de sol. Era boa altura de colher as flores.

Erguiam elas, nos montões de entulho e em redor dos troncos cinzentos, os seus altos caules amarelados cheios de estrelinhas recentemente desabrochadas. Cristina instalou Munan a apanhar framboesas nas brenhas, donde não se podia escapar sem a ajuda dela, ordenou ao cão que ficasse de vigia ao rapazinho e, de faca em punho, pôs-se a cortar os verbascos, lançando contìnuamente o olhar para o lado do filho. Quanto a Lourenço, defronte dela, cortava também os caules.

Ali, Cristina andava sempre inquieta por causa dos dois filhos mais novos. Por outro lado, já pouco tinha a temer as pessoas da terra. A maior parte daquelas que ocupavam os chalés haviam regressado a casa, mas Cristina tencionava demorar-se na montanha até depois do dia da Assunção. As noites já estavam bastante escuras e o vento muito agreste. Não se podia sair de tarde quando ventava.

Como o tempo fora belo nesse ano no cimo dos montes quando em baixo, no vale, tudo se mirrava, seco! Além disso o mar estava mau. Os homens iam ser obrigados a viver na montanha durante o Outono e até pelo Inverno adiante. E o pai de Cristina que lhe dissera jamais ter visto os seus chalés habitados nessa estação!

Cristina, com as mãos cruzadas sobre o pesado ramo que lhe

descansava no braço, deteve-se junto dum pinheiro isolado no meio da encosta. Dali avistava-se o vale dos Dofrines, onde, em vários lugares, o trigo estava já disposto em paveias.

Também lá os prados se apresentavam amarelos e ressequidos pelo sol. É certo que o vale nunca fora muito verde: «Não é como Trondhjem» — comentou Cristina de si para si.

Transportava-se em pensamento para o lar que tinham fundado: a quinta empoleirada, como um castelo feudal, no largo flanco da montanha e, a seus pés, os campos, os prados, os bosques de bétulas, que se estendiam até ao lago. Ao fundo, a vasta paisagem de colinas que se perdiam, de ondulação em ondulação, para o lado do Sul e dos montes Dofrines. Nos prados luxuriantes brilhavam flores purpúreas sob o céu rosado das tardes de Verão; o trigo de Outono era dum verde tão viçoso! E Cristina chegava a ter saudades do fiorde, dos bancos de areia de Birgsi, dos pontões, botes e navios de vela das cabanas de pescadores, do cheiro a alcatrão, das redes de peixe, do mar, de tudo aquilo que ela tão pouco apreciava quando chegou ao Norte...

Erlend, esse devia ter a nostalgia daquele cheiro e da brisa do mar alto.

Cristina julgara não poder habituar-se àquela casa enorme, àquela multidão de servos, aos subordinados de Erlend, que, montados em cavalos, penetravam com grande algazarra no pátio, fazendo retinir as armas, e a todos aqueles estranhos que entravam e saíam trazendo notícias de terras longínquas e novidades da cidade e do campo. Faltava-lhe ao presente o passado que ela pensava não poder suportar, e a sua vida parecia-lhe silenciosa, agora que os ecos dos dias distantes se haviam calado. Desejava tornar a ver a cidade, a igreja, o mosteiro, encontrar-se nas recepções das luxuosas moradias dos grandes senhores. Quereria percorrer de novo as ruas, escoltada pelo escudeiro e pela aia, entrar nas lojas dos mercadores para comprar ou desprezar os objectos expostos; ou então visitar um dos navios fundeados no porto e aí fazer a aquisição de toucas de linho inglês, de mantos preciosos, de cavalinhos de pau com os respectivos cavaleiros, que brandiam a lança quando se puxava um cordelinho.

Cristina evocava as campinas de Nidaros. Acompanhada dos filhos assistia às habilidades de cães e de ursos adestrados, e comprava pão de mel e nozes para os pequenos.

Oh! Que saudades tinha do seu vestuário doutros tempos! A camisa de seda, a touca fina e leve e o vestido sem mangas, de veludo azul-pálido, que Erlend lhe comprara pouco tempo antes de lhes acontecer aquela infelicidade... Uma guarnição de arminho circundava o largo decote e as cavas que desciam quase até às ancas, descobrindo a cintura.

Por vezes, Cristina surpreendia-se a... Não, não, o bom-senso ordenava-lhe que ficasse contente sempre que se escapava a novas maternidades. Quando adoecera no Outono, depois da grande matança, não era caso para se felicitar por isso? No entanto, derramara algumas lágrimas nas primeiras noites. Achava que há tanto tempo não tinha um filho pequenino nos braços! Munan completara apenas quatro anos; ela, porém, vira-se forçada a entregá-lo à ama antes de o pequeno perfazer um ano. E ao voltar para a mãe sabia falar e andar e não a reconhecia.

E Erlend! Oh! Erlend! Cristina sabia perfeitamente que no fundo não estava tão despreocupado como parecia, ele, o eterno inquieto. Ao vê-lo, dir-se-ia que sossegara para sempre, tal como uma torrente impetuosa que esbarra contra a muralha de penhascos abruptos e se submete perante o obstáculo: já não é mais do que um lago sereno no meio de rochas.

Erlend vivia em Joerundgaard sem nada fazer, e convidava um ou outro dos filhos a acompanhá-lo na sua inacção.

Às vezes levava-os à caça, ou ia reparar um dos barcos de pesca que ele possuía, ou então tentava adestrar um poldro. Mas, impaciente em excesso, nunca o conseguia. Pouco convivia com os vizinhos e, em qualquer caso, fingia não perceber que lhe evitavam a companhia. Os filhos imitavam o pai. Não eram estimados aqueles intrusos compelidos pelo destino a viverem no vale, todos igualmente indiferentes e reservados, sem nunca se preocuparem com as pessoas e com os costumes da região.

Ulf Haldersoen, esse era francamente detestado. Troçava dos habitantes do vale, qualificando-os de imbecis atrasados. A seus

olhos, homens que não tivessem vivido à beira-mar não eram homens.

Cristina sentia que ela também já não tinha amigos na sua terra natal...

Ergueu-se no seu vestido de burel castanho e, com a mão, protegeu os olhos dos raios dourados do poente.

Na direcção do Norte via um canto do vale, a fita esverdinhada do rio, as encostas coloridas de amarelo e de verde, as serras que se sucediam umas por cima das outras até que os seus picos nevados se confundiam com os recortes das nuvens.

Em face de Cristina, o Rostkampen avançava e estreitava o vale, forçando o Laage a mudar bruscamente o seu curso. Subia o rumor surdo do rio, que sulcava profundamente a rocha e se despenhava espumando e fervendo de degrau em degrau.

Muito perto dos pântanos, por debaixo do Rostkampen, os dois outeiros, os Blaahoer, que o pai dela comparava a seios de mulher, erguiam-se ameaçadores. Esta região devia parecer a Erlend feia, sufocante, severa.

Um pouco mais ao Sul, do mesmo lado, mas na direcção das colinas natais, tinha Cristina, quando pequena, distinguido um elfo, uma criança linda, de aspecto meigo, com sedosos cabelos ondulados a emoldurarem as faces cheias e rosadas.

Cristina fechou os olhos e voltou o rosto tisnado para a luz.

Uma mãe jovem com os seios pejados de leite e um coração semelhante a um campo lavrado há pouco... sim, decerto... Mas uma mulher como ela, Cristina, nada arriscava. *Eles* não tentariam atraí-la. O génio das montanhas veria que o adereço de ouro oferecido à desposada não conviria a uma mulher tão cansada e emagrecida, e a *huldra* não quereria pôr o seu filho em seios esgotados.

Cristina sentia-se tão dura e seca como a raiz de pinheiro na qual pousara o pé e que se retorcia sobre a pedra a que se agarrava. Bateu-lhe rudemente com o calcanhar.

Os dois garotos tinham vindo para junto da mãe; apressaram-se a imitá-la, dando violentos pontapés na raiz. Em seguida, perguntaram-lhe:

— Por que fizestes isso, mãe?

Cristina sentou-se, depôs o verbasco no regaço e começou a arrancar e a atirar para o cesto as flores desabrochadas.

— Porque o sapato me apertava os dedos do pé — respondeu ela passado tanto tempo que os pequenos já se não recordavam da pergunta. Mas não deram importância a esse facto, habituados como estavam a que a mãe não parecesse ouvi-los quando lhe falavam, ou que despertasse quando eles próprios já se haviam esquecido do que tinham indagado. Lourenço ajudou a arrancar as flores das hastes. Munan quis fazer o mesmo, mas rasgou os caules, e então a mãe tirou-lhe das mãos o verbasco, sem cólera, completamente absorvida nos seus pensamentos. Passados instantes os pequenos principiaram a brincar e a bater um no outro com os caules despojados que ela pusera de parte. Assim se divertiram junto de Cristina, que olhava para as suas caras redondas.

Eram muito parecidos estes dois rapazes. Ambos possuíam os cabelos castanhos, mas, por pequeninos indícios, a mãe previa que depois de crescidos seriam bastante diferentes um do outro.

Munan saía ao pai: olhos azuis, cabelos sedosos e frisados em volta do crânio estreito. Esses cabelos haviam de se tornar negros como o carvão. A cara, redonda e tão macia que era um prazer afagá-la, alongar-se-ia com o andar dos tempos. Teria a testa alta, as fontes cavadas, o nariz aquilino, de aresta fina como a lâmina duma faca, narinas delgadas e frementes, feições paternas que Naakkve já tinha e que se desenhavam também nìtidamente nos gémeos.

Lourenço, quando mais pequeno, possuía cabelos cor de linho, ondulados e flexíveis como seda. Agora, eram castanho-dourados, lisos em absoluto, mas sedosos ainda, embora menos finos e, por assim dizer, mais abundantes. Os dedos enterravam-se profundamente na sua cabeleira.

Lourenço assemelhava à mãe. Tinha olhos cinzentos e o seu rosto cheio mostrava testa larga e queixo de curva delicada. Conservaria sem dúvida a pele branca e rosada pela vida fora.

Gaute também era alvo. Parecia-se com o pai de Cristina no oval da cara, nos olhos cor de aço e nos pesados cabelos dourados. Quanto a Bjoergulf, Cristina não sabia a quem se assemelhava.

Era o mais alto dos filhos; largo de ombros, forte e bem constituído, tinha cabelo negro como azeviche e quase encarapinhado, testa curta e larga, olhos azuis-escuros, mas estranhamente amortecidos, e que ele piscava sempre que olhava para alguém. Cristina ignorava desde quando datava esse costume, pois Bjoergulf era, dos filhos, aquele de quem ela menos se ocupara. Logo que nascera haviam-no tirado à mãe para o entregarem à ama. Onze meses depois viera Gaute ao mundo, e Gaute fora de saúde débil durante os primeiros quatro anos de vida. Cristina levantara-se da cama, depois do nascimento dos gémeos, ainda doente duma lesão nas costas, e voltara de novo a ocupar-se de Gaute, a andar com ele ao colo, embora fosse já crescido.

Pouco tempo tivera disponível para se dedicar aos filhos mais novos: Frida trazia-lhe Ivar quando este gritava, esfomeado; então Gaute choramingava por sua vez enquanto a mãe dava de mamar ao nené. Ela não sentira forças suficientes... «Oh! Nossa Senhora! Sabeis que eu não podia fazer mais por Bjoergulf!»

Era rapaz independente, capaz de se desembaraçar sòzinho. Concentrado, sempre apreensivo, mostrava-se descontente quando a mãe o queria tranquilizar. E ela julgara-o o mais forte dos filhos — semelhante a um novilho, escuro e rude. A pouco e pouco percebera que a vista de Bjoergulf não era boa, e, enquanto ele estivera em Tautra com Naakkve, os frades haviam experimentado tratar-lhe dos olhos, mas sem resultado.

Bjoergulf continuou a ser pessoa reservada. Em vão Cristina tentou maior intimidade, e reparou que o mesmo se dava com Erlend e o filho.

No entanto, para com Naakkve, o rapaz mostrava-se diferente. Mas, se Cristina falava do irmão mais novo a Naakkve, este desviava a conversa. Erlend teria tido mais sorte, nesse ponto, do que ela? Cristina não o sabia; Naakkve, porém, gostava tanto do pai...

Os filhos de Erlend testemunhavam claramente em favor da paternidade daquele!

Cristina vira a criança de Lensviken na última vez que fora a Nidaros. Encontrara o cavaleiro Baard no adro da igreja. Saía,

com grande comitiva de homens, de mulheres e de servos. O neném ia ao colo duma criada. Baard Aasulfsoen cumprimentara Cristina com uma inclinação de cabeça rígida e cortês. A mulher não estava com ele.

Cristina apenas relanceara os olhos pela criança, mas isso fora o bastante. Aquela carinha era igual às outras que ela tivera encostadas ao peito.

Arne Gjavvaldsoen, que a acompanhava, não pudera deixar de dar à língua. Arne era assim... Os herdeiros indirectos de Baard não se haviam regozijado com a vinda ao mundo da criança, nascida no Inverno anterior. Baard, entretanto, baptizara-o com o nome de Aasulf, e parecia acreditar que nada mais houvera entre Erlend e Sunniva do que uma amizade conhecida de toda a gente.

Imprudente nas conversas, Erlend traíra-se ao falar com a senhora Sunniva; e, quando uma dama concebe suspeitas, não é seu dever avisar o oficial da casa real? Contudo, se houvessem sido *excessivamente* amigos, Sunniva devia saber que o irmão andava metido na conspiração de Erlend.

Quando Haltor Grant se suicidara na prisão, arriscando a salvação da sua alma, Sunniva quase endoidecera, mas ninguém deu importância àquilo de que ela se acusava nesse tempo. O cavaleiro Baard agarrara no punho da espada, relanceando o olhar em volta, quando falara disso, contava Arne.

Este também aludira ao caso na presença de Erlend. Certo dia em que Cristina subira ao sótão, encontravam-se os dois homens em baixo, na varanda, sem saberem que ela os podia ouvir.

O cavaleiro de Lensviken mostrava-se radiante com o filho que a mulher dera à luz no Inverno passado. Não duvidava da sua paternidade...

— Baard sabe-o melhor do que ninguém — respondeu Erlend.

Cristina percebia, pela entoação, que o marido estava a falar com as pálpebras descidas e com o seu sorrisozinho dissimulado.

Baard tinha contra si todos os membros da família que lhe deviam herdar a riqueza se ele morresse sem filhos. E agora acusavam-no de não estar muito dentro da legalidade.

— Ora! Êsse homem sabe melhor do que ninguém em que se baseia — repetiu Erlend.

— Bem, bem! O que é certo é que o rapaz herdará, ele só, mais do que hão-de herdar os teus sete filhos legítimos!

— Cá me encarregarei dos meus sete filhos, Arne.

Nesse momento Cristina desceu do sótão; não suportaria que discorressem mais sobre tal assunto. Erlend mostrou estranheza ao vê-la; em seguida, aproximou-se, pegou na mão da mulher e conservou-se atrás dela, de maneira que o ombro de Cristina lhe tocava. Julgou esta que, pela atitude de Erlend, o marido exprimia sem palavras o que acabara de afirmar. Consolava-a dalguma forma...

De súbito, Cristina notou que Munan fixava nela um olhar receoso. Ela devia ter sorrido — mas não com um sorriso de felicidade. Quando se abaixou para ele, o pequeno sorriu por seu turno, com certa hesitação, como em expectativa. A mãe sentou-o vivamente nos joelhos. Era pequenino, pequenino ainda o seu filho mais novo! Bastante criança para ser beijado, acarinhado pela mãe. Cristina piscou um olho e o petiz aplicou-se a fazer o mesmo, mas pestanejava os dois olhos. Ela então desatou a rir, e Munan imitou-a como um eco sonoro, enquanto Cristina o apertava de encontro ao peito.

Lourenço sentara-se, com o cão sobre os joelhos. Ambos escutavam um ruído que vinha da floresta.

— Aí vem o pai!

O cão, à frente, e o pequeno, atrás, precipitaram-se pela encosta.

Cristina ficou sentada um momento, depois levantou-se e avançou para o talude. Erlend, Naakkve, Ivar e Skule subiam muito animados pela vereda; saudaram Cristina alegremente. Ela correspondeu-lhes. — Vinham buscar os cavalos? — Não, respondeu Erlend; Ulf, nessa tarde, encarregaria Svein e Bjoern de os levar. Ele e Naakkve tencionavam ir à caça das renas, e os gémeos haviam querido acompanhá-los para ver a mãe. Esta não replicou: compreendera antes de formular a pergunta. Naakkve trazia um cão pela trela e vinha vestido, tanto ele como o pai, com um gabão de burel cinzento estriado de preto; tom neutro que pouco

se distinguiria das rochas. Todos quatro estavam armados de arcos e de flechas. Cristina pediu notícias da quinta, e Erlend foi-a informando pelo caminho; Ulf tratava agora da ceifa; mostrava-se satisfeito, mas a palha era curta, e o trigo dos campos de cima, amadurecido à força pela seca, debulhava-se já. A aveia estava quase em termos de ser ceifada; «temos de meter mãos ao trabalho e depressa», dizia Ulf.

Cristina não fazia comentários e limitava-se a menear a cabeça.

Foi ela mesma ao estábulo a fim de ordenhar. Apreciava esses momentos em que, na penumbra, com a cabeça apoiada ao flanco roliço da vaca, sentia o odor agradável do leite e ouvia o líquido espumante a esguichar nos baldes.

Emanava tão grande serenidade do cheiro forte e quente do curral, desses ruídos duma corrente removida, dum chifre de encontro à madeira... Depois, um dos animais batia com as patas no chão húmido ou enxotava as moscas da cauda...

Haviam já partido as alvéolas que tinham feito ninho ali durante o Verão.

As vacas estavam irrequietas nessa tarde. A *Azul* meteu a pata no balde do leite. Cristina castigou-a com uma palmada. A outra a seguir não quis deixar-se ordenhar. Doíam-lhe as tetas. Cristina tirou do dedo o seu anel de casamento e fez passar através dele o primeiro jacto de leite.

Do lugar onde estava ouvia Ivar e Skule, que gritavam junto da paliçada e atiravam pedras ao touro que não pertencia à quinta e que, todas as tardes, seguia o gado de Joerundgaard. Haviam encarregado os rapazes de ajudarem Finn a mungir as cabras, mas os pequenos cansaram-se depressa.

Quando, mais tarde, Cristina saiu do estábulo encontrou-os a atormentar o lindo vitelo branco que ela dera a Lourenço, e este a lastimar-se. A mãe pousou os baldes no chão, agarrou nos gémeos pelos ombros e empurrou-os vigorosamente para o lado.

— Fazei o favor de deixar em paz o bezerro, que pertence a Lourenço!

Erlend e Naakve estavam sentados na soleira da porta. Tinham colocado entre si um queijo fresco, donde tiravam bocados que iam comendo ou que metiam na boca de Munan, de pé, encostado aos joelhos do irmão. Este pusera uma peneira de crina na cabeça do pequeno e pretendia que Munan estava invisível, pois a peneira não era peneira, mas sim um barrete de duende. Todos três riam, mas, logo que Naakkve viu a mãe, devolveu-lhe a peneira e veio aliviá-la da carga.

Cristina demorou-se na queijaria. Estava aberto o batente superior da porta, deixando ver o compartimento do fundo onde flamejava o lume. Sentados em volta da lareira, Erlend, os filhos, as criadas e os pastores comiam à claridade das chamas.

Quando ela entrou, os outros haviam acabado de cear. Reparou que tinham deitado os dois filhos mais novos sobre o banco — dormiam já, com certeza. Erlend estava todo enroscado na cama. Cristina tropeçou no casaco e nas botas do marido e arrumou tudo antes de tornar a sair.

O céu mostrava-se ainda claro; por cima das montanhas, a Oeste, desenhava-se uma faixa vermelha: algumas nuvenzinhas escuras deslizavam na atmosfera transparente. O dia seguinte seria de bom tempo, a julgar pela calma do infinito e pelo frio, que se tornara penetrante depois de a noite descer. Não havia vento, mas uma brisa glacial que vinha do Norte; dir-se-ia a respiração igual das altas montanhas despidas. No cimo das colinas do Sudeste a Lua elevava-se quase cheia, enorme e rubra na bruma que planava sempre naquelas regiões pantanosas.

Ouvia-se, ao longe, o mugido do touro. Por toda a parte o silêncio era tão grande que impressionava. Só o interrompia o rumor do rio, ao fundo do cerrado, o sussurro do regato descendo pela colina e uma vibração surda que passava pelo bosque, espécie de inquietação entre os pinheiros, que aumentava, diminuía, desaparecia para tornar a aparecer.

Cristina tratou de arrumar alguns utensílios da queijaria, que estavam espalhados pelo chão. Naakkve e os gémeos saíram nesse momento.

— Onde ides? — perguntou a mãe.

— Vamos dormir no celeiro. Na queijaria há uma atmosfera pesada, e o cheiro dos queijos, da manteiga... e dos pastores que estão lá deitados...

Naakkve não foi direito para o celeiro, e Cristina viu o vulto do filho que se evidenciava no fundo da vegetação sombria do bosque.

Pouco depois apareceu uma criada no limiar da porta. Sobressaltou-se ao ver a ama junto do muro.

— Então não te vais deitar, Astrid? Já é tarde.

A rapariga balbuciou algumas palavras: ia simplesmente atrás do estábulo.

Cristina esperou que ela regressasse: Naakkve tinha quase dezassete anos. Havia algum tempo já que a mãe não perdia de vista as criadas quando elas gracejavam com aquele belo rapaz tão cheio de vida!

Cristina desceu em direcção ao rio e, ajoelhando-se numa laje, inclinou-se para a água que se estendia diante dela numa vasta bacia. Ali, a corrente só se percebia por algumas revessas. Mas, um pouco mais acima, distinguia-se a espuma branca na sombra; o rumor da cascata era acompanhado dum sopro gelado.

A Lua ia alta, agora, e o seu reflexo fazia cintilar a água. Aqui e ali brilhava uma folha molhada; de súbito, numa revessa, luziu um clarão...

Erlend chamou Cristina; estava a alguns passos dela, que o não ouvira aproximar-se do prado. Cristina mergulhou um braço na água gelada e tirou dali alguns baldes de madeira, que, cheios de pedras, havia posto no rio para serem lavados; em seguida levantou-se e, carregada, seguiu o marido. Nenhum deles falou durante o percurso.

Logo que entrou na queijaria. Erlend despiu-se por completo e subiu para o leito.

— Não vens deitar-te esta noite, Cristina?

— Antes, tenho de comer qualquer coisa.

E, sentando-se no escabelo de três pés, junto da lareira, ela pousou sobre os joelhos um pouco de pão e pedacinhos de queijo.

Comia devagar, contemplando as brasas que se extinguiam a pouco e pouco na cavidade rodeada de pedras praticada no chão de terra batida.

— Dormes, Erlend?... — murmurou, erguendo-se e sacudindo a saia.

— Não.

Cristina foi beber uma golada de leite à tigela. Depois, voltou para junto da lareira, levantou uma laje, descansou-a na cavidade e dispôs por cima os seus verbascos para que secassem.

Acabada essa tarefa, nada mais havia a fazer nesse dia. Despiu-se às escuras e meteu-se na cama ao lado de Erlend.

Quando ele a enlaçou com os braços, Cristina sentiu descer sobre ela a fadiga, como uma vaga de frio. A cabeça pesava-lhe; dir-se-ia que tudo o que havia dentro do cérebro se juntara numa massa compacta por baixo da nuca e lha fazia doer. Contudo, como Erlend lhe murmurasse palavras ternas, ela, dôcilmente, rodeou, com os dois braços, o pescoço do marido.

Cristina acordou durante a noite. Não sabia que horas eram, mas, pela abertura do fumeiro, via que a Lua ainda ia alta. O leito era curto e estreito, o que obrigava os dois esposos a encostarem-se um ao outro. Erlend dormia um sono tranquilo; a sua respiração igual erguia-lhe docemente o peito.

Noutros tempos, quando Cristina despertava de noite chegava-se para o corpo quente e robusto do marido, inquieta por ouvi-lo respirar tão subtilmente. Ficava então feliz em sentir o peito de Erlend elevar-se e abaixar-se enquanto ele dormia...

Ao fim duns momentos, ela levantou-se da cama, vestiu-se e saiu, sorrateira, de casa.

A Lua continuava a sua travessia no alto do céu. A água das turfeiras e os rochedos húmidos luziam gelados pelo frio da noite.

As bétulas e os pinheiros pareciam brancos ao luar; pelos prados fora cintilava a geada. Estava um tempo frigidíssimo. Cristina deteve-se um instante com os braços cruzados sobre o peito. Depois contornou o ribeiro, cujo gorgolejar se misturava ao débil rumor dos pedaços de gelo quebrados pela corrente.

No cimo do prado havia uma grande pedra enterrada no chão. Ninguém se aproximava dali de boa vontade. Quando eram obrigados a isso, derramavam leite na pedra, à chegada e à partida. Todavia, Cristina nunca ouvira contar que houvesse nesse local alguma coisa de extraordinário, mas aquele uso implantara-se no vale.

Cristina bem sabia o que se passava em si que a fazia sair de casa altas horas da noite. Parou junto da pedra e pousou o pé numa daquelas saliências. O coração crispava-se-lhe de medo, sentia frio até às entranhas. Não, não se persignaria. E, trepando para cima da pedra, ali se sentou.

Donde estava, a vista abrangia os longes, muito distantes, para além das montanhas despidas e cinzentas nesse momento. A serra dos Dofrines erguia-se, clara e dominadora, contra o céu pálido, e na chanfradura do Graahve brilhava o gelo. A neve recente alvejava nos montes Raanekamp, de sombras azuladas. As serras tomavam, ao luar, um aspecto lúgubre. Apenas aqui e ali se via cintilar uma estrela no céu imenso. Cristina estava gelada até aos ossos e o frio e o medo penetravam-na de todos os lados. Mas obstinou-se em conservar-se sentada.

Não iria deitar-se na espessa escuridão junto do corpo adormecido e quente de Erlend. Era-lhe impossível dormir nessa noite.

Tão certo como ela ser filha de seu pai, o legítimo esposo não ouviria a mínima censura dos lábios da mulher, pois ela lembrava-se da promessa que fizera quando suplicava a Deus e a todos os santos que lhe salvassem a vida de Erlend.

Ela, porém, nessa noite de sortilégio, saíra para respirar, porque lhe parecia que ia morrer. Sentada na pedra, acolhia de novo os amargos pensamentos de outrora como se recebem bons amigos.

Defrontava-os com outros pensamentos também conhecidos dela: as suas tentativas hipócritas de justificação perante Erlend.

Claro que ele as não pedia. Não lhe impusera o fardo que ela carregara aos ombros. Mas dera-lhe sete filhos.

«Eu cá me encarregarei dos meus sete filhos, Arne!» Sabe

Deus o que queria significar com aquelas palavras. Talvez não significasse nada, fosse uma simples maneira de falar.

Erlend não pedira a Cristina que se ocupasse da prosperidade do domínio e das terras de Husaby. Não lhe pedira que lutasse até à morte para o salvar. Aceitara com indiferença de grande senhor que os seus bens fossem por água abaixo, que a sua vida perigasse; aceitara a perda de tudo quanto possuía.

E comportava-se na desgraça sempre como grande senhor. De cabeça erguida e aparência tranquila, vivia como um estranho em Joerundgaard. Tudo o que pertencia a Cristina era dos filhos, legìtimamente. E estes tinham direito ao esforço dela, ao seu sangue, mas, neste caso, a quinta e a própria Cristina tinham também o direito de os reclamar, a eles.

Não era o desejo semelhante ao dum mendigo que impelira Cristina a subir à sua casa da montanha! Na realidade chegara a sentir-se tão oprimida em Joerundgaard que ficava como que sufocada. E, além disso, precisava provar a si mesma que podia trabalhar como uma camponesa. Lutara, dia a dia, de hora para hora, desde que transpusera o limiar da porta de Erlend Nikulaussoen. *Devia* lutar para conservar a herança daqueles que ela trouxera no ventre. Se o pai não se mostrava capaz disso, competia a ela essa obrigação.

Queria agora adquirir a certeza de que podia fazer todos os trabalhos de que encarregavam as vaqueiras e as criadas. O dia em que percebeu que lhe não doíam os rins depois de bater a manteiga foi um dia de felicidade. Era agradável, de manhã, ir soltar o gado — os animais haviam engordado nesse Verão. O peso que oprimia o coração de Cristina tornava-se mais leve quando, ao pôr do Sol, ela chamava as vacas que regressavam aos estábulos. Aliviava-a também o facto de ver aumentar a prosperidade, graças ao seu esforço. Parecia-lhe que estava a criar com as próprias mãos o solo sobre o qual se fundaria o futuro dos filhos.

Joerundgaard era um bom domínio; contudo, ela julgara-o melhor ainda. E Ulf não era dali. As vezes cometia erros, e perdia a paciência.

Segundo diziam os habitantes da terra, nunca faltava feno em

Joerundgaard — havia turfeiras ao longo do rio e nas ilhas —, mas não era o bom feno de Trondhjem a que Ulf se habituara. Não estava acostumado a enceleirar tanto musgo, líquenes, estevas, como aqui.

O pai de Cristina conhecia palmo a palmo as suas terras; possuía toda a sabedoria do camponês no que dizia respeito aos caprichos do tempo: sabia como cada um dos seus campos suportava a seca e a humidade. Nem os Estios ventosos nem o calor o apanhavam desprevenido. Conhecia a ascendência dos animais criados por ele, vendidos a ele, geração após geração, e todos os seus conhecimentos eram indispensáveis aqui.

Cristina não entendia tanto como o pai dos trabalhos de lavoura, mas aplicava-se a isso naquela quinta de que os filhos seriam os donos.

Não, Erlend nunca lhe exigira tamanho esforço. Não a desposara para a obrigar a tantas canseiras; desposara-a para que ela dormisse encostada ao coração dele. Por isso, passados tempos, a mulher tinha um filho a seu lado a reclamar o lugar que lhe competia nos braços da mãe, o leite que lhe era devido, o seu quinhão de solicitude...

Cristina cerrava os dentes, tremia de frio e de cólera.

Pactum serva — o que, em linguagem corrente, quer dizer: sê fiel à tua promessa.

Arne Gjavvaldsoen e Frei Leiv de Holm tinham vindo naquela ocasião a Husaby e haviam transportado para Nidaros tudo o que pertencia a Cristina e aos filhos; e Erlend, mais uma vez, deixara que o levassem para o convento de Holm.

Cristina instalara-se na sua casa da cidade — agora propriedade dos monges — enquanto Arne Gjavvaldsoen ficava junto dela para a aconselhar e lhe prestar auxílio, pois Simão escrevera-lhe nesse sentido.

Arne não teria mostrado maior zelo em defender os seus interesses. Na tarde em que trouxera para Nidaros o que salvara de Husaby, levara para a estrebaria Cristina e a senhora Gunna, de Raasvold, que chegara com Munan e Lourenço. Queria mostrar-lhes os sete cavalos de eleição. Os homens só procuravam ser

justos para com Erlend Nikulaussoen, e haviam consentido, a instâncias de Arne, que cada um dos cinco filhos mais velhos tivesse um cavalo de sela; além disso, havia um para Cristina e outro para o criado particular.

Quanto ao *castelhano*, o garanhão espanhol, Arne afirmava que, diante de testemunhas, Erlend o oferecera a Naakkve — mas, decerto, fora brincadeira do pai. Arne, aliás, não apreciava nada aquele animal de pernas muito compridas, mas sabia quanto Erlend gostava do seu cavalo.

Que pena ceder a bela armadura, o imponente capacete e a espada encastoada de ouro, dizia Arne — essas coisas só podiam servir para torneios, mas eram preciosas. Quanto à camisa que Erlend usava debaixo da armadura, camisa de seda preta ornada dum leão bordado a vermelho, Arne guardava-a para o dono; reclamava também a couraça inglesa para Naakkve. Não havia outra mais linda em toda a Noruega, para quem soubesse ver, comentava Arne. Todavia, estava em muito mau estado. Erlend fizera mais uso das suas armas do que todos os filhos dos nobres desse tempo. Arne acariciava cada objecto: o elmo, o braçal, a escarcela, as manoplas de finas placas de ferro, o corselete e a couraça feita de círculos articulados, tudo tão leve e prático e, ao mesmo tempo, tão sólido!

E aquela espada! Tinha um simples punho de aço e o couro dos corpos estava estragado; mas a lâmina! Poucas havia iguais!

Cristina ficara sentada com a espada sobre os joelhos. Sabia que Erlend teria saudades dela como se tem saudades duma noiva; nunca se servira das outras espadas: esta fora-lhe dada na sua adolescência por Sigmund Torolfsoen, seu primeiro companheiro de quarto. Só uma vez Erlend aludira a esse seu amigo na presença de Cristina:

— Se Deus não tivesse tanta pressa em levar Sigmund deste Mundo, a minha vida teria dado outra volta. Depois da sua morte aborreci-me a valer na Corte; a instâncias minhas, decidiu o rei Haakon deixar-me ir para o Norte com Gissur Galle. Mas, se eu ficasse lá, nunca te possuiria, minha querida, e estaria casado muito antes de seres crescida.

Munan Baardsoen contara a Cristina que Erlend tratara noite e dia do amigo como uma mãe trata dum filho, concedendo apenas curtos instantes ao sono, à cabeceira do doente, durante todo o Inverno em que Sigmund cuspira os pulmões desfeitos em sangue.

E quando Sigmund Torolfsoen foi enterrado na igreja de Halvard, Erlend ia de manhã e à tarde visitar a sua sepultura, e chorava, estirado sobre a pedra sepulcral. Mas nunca mais Erlend falara de Sigmund a Cristina.

Contudo, fora na igreja de Halvard que Erlend e Cristina haviam tido entrevistas, naquele Inverno de loucura em Oslo, e ele não dissera uma única palavra acerca do amigo que ali repousava.

Erlend chorara a mãe com o mesmo desespero. Quase endoidecera com a morte de Orm. Mas jamais pronunciava o nome da defunta. Cristina sabia que o marido fora à cidade visitar Margret, embora guardasse silêncio de tudo o que respeitava à filha.

Em cima, perto dos corpos da espada, havia algumas palavras gravadas na lâmina. Eram, segundo parecia, inscrições rúnicas; nem Cristina nem Arne podiam decifrá-las.

O monge, porém, pegou na espada e fitou-a atentamente durante alguns instantes. *Pactum serva,* disse ele por fim — o que significa em linguagem comum: sê fiel à tua promessa.

A maior parte das terras de Cristina naquela região do Norte — presente de núpcias de Erlend — fora empenhada e perdida, diziam Arne e Frei Leiv. Contudo, talvez pudessem ficar alguns pedaços. Mas Cristina não quis ouvir falar de tal coisa. Antes de nada, precisava de salvar a honra. Não consentia que discutissem a legalidade dos negócios do marido, e extenuava-a aquela tagarelice de Arne, por muito bem intencionado que fosse.

Quando, ao anoitecer, ele e o frade se despediram, enfim, e foram para casa, Cristina lançou-se de joelhos defronte da senhora Gunna e encostou a cabeça no peito da velha. Esta, passado um instante, ergueu o rosto de Cristina.

A senhora Gunna possuía feições grossas e tinha a cara macilenta e como que balofa. Três rugas profundas lhe sulcavam a testa, que parecia de cera. Os olhos azuis, bondosos e vivos, eram

um tanto enterrados nas órbitas; sobre a boca desdentada pendiam-lhe longos pêlos.

Aquele rosto inclinara-se para Cristina mais duma vez em horas de angústia. A senhora Gunna assistira-lhe ao nascimento de todos os filhos, menos ao de Lourenço, porque nessa ocasião Cristina estava em Jocrundgaard, junto do pai moribundo.

— Sim, minha filha — disse a senhora Bunna, pousando as mãos na cabeça da mulher — auxiliei-te muitas vezes quando te era preciso ajoelhar. Mas nesta provação, minha Cristina, vai lançar-te aos pés da mãe de Deus e roga-lhe a sua ajuda!

Então ela não fazia isso?... Cristina recitava as suas orações e alguns salmos todos os sábados; observava os jejuns que o arcebispo Eiliv lhe impusera quando a absolvera dos seus pecados; distribuía esmolas e servia pelas suas próprias mãos os visitantes que lhe pediam asilo, fosse qual fosse o aspecto deles.

Mas, agora, parecia-lhe que nada disso lhe acendia já a chama interior! Por fora brilhava a luz, porém a alma de Cristina estava como que fechada por trás de postigos cerrados.

Era, sem dúvida, a aridez da alma de que Gunnulf falava. Mas ninguém tinha o direito de desanimar, pretendia Sira Eiliv.

«Persevera nas orações e nas boas obras como o camponês que lavra, aduba e semeia; Deus manda a tormenta quando a julga oportuna!»

Ora, Sira Eiliv nunca dirigira uma quinta...

Cristina não vira Gunnulf dessa vez. Estava em Helgeland, onde pregava e recolhia esmolas para o seu convento. Gunnulf era um dos filhos do velho senhor de Husaby, e o outro...

Margret Erlendsdatter vinha de vez em quando à cidade visitar a madrasta. Duas aias acompanhavam a mulher do mercador. Andava agora muito bem vestida e enfeitada dos pés à cabeça. Como o sogro era ourives, tinha jóias ao alcance da mão. Margret parecia alegre e satisfeita, se bem que não tivesse filhos. Recebera a bom tempo a sua parte dos bens do pai. Só Deus sabia se ela pensava alguma vez no pobre inválido Haakon que estava em Gimsar! Constava que ele conseguia agora dar uma volta no pátio com o auxílio de duas muletas.

Cristina lembrava-se de que, nessa altura, não julgara o marido com excessiva severidade, pois pensava então que Erlend ainda devia passar por piores provas depois de estar em liberdade. Refugiara-se ele em casa do padre Olavo... Ocupar-se da mudança dos móveis, mostrar-se pela cidade, era mais do que podia suportar Erlend Nikulaussoen.

Depois, chegou o dia em que embarcaram no *Laurentzius*, o mesmo navio que servira a Erlend para transportar ao Norte o pessoal de Cristina quando lhes tinham dado licença para se casarem.

Estava no fim o Outono. No fiorde calmo brilhava uma claridade azulada; por toda a parte o frio semeava os seus rastos brancos. A neve fresca varrida pelo vento acumulava-se em estrias regulares nos campos e nas montanhas dum azul lívido. Na atmosfera cerúlea o vento esfarrapava as nuvens, dispersando-as como farinha tamisada. O navio avançava pesado e com dificuldade paralelamente ao promontório. Cristina observava o jacto branco de espuma no sopé da montanha. No mar alto, ela teria enjoo.

Erlend estava de pé junto do filerete, do lado da popa, com os dois filhos mais velhos. A brisa fazia-lhes flutuar os cabelos e a capa. Distinguiam o Korsfjord da banda de Gaularos e os bancos de areia de Birgsi. Um rio de sol incidia lá ao longe, nas colinas da margem, umas escuras e outras brancas.

Erlend dirigiu algumas palavras aos filhos. Então Bjoergulf desviou-se bruscamente e encaminhou-se para a ré. Abria caminho com o chuço que nunca largava e que lhe servia de bordão para avançar por entre os bancos vazios dos remadores. Passou diante da mãe, com a cabeça escura e frisada pendida para o peito. Piscava tanto os olhos que nem se lhe viam as pupilas, e os seus lábios estavam fortemente apertados. Sem se deter, entrou no abrigo da coberta.

O olhar de Cristina voltou a poisar nos outros dois: Erlend e o primogénito. Nikulaus pusera um joelho em terra, tal como um vassalo perante o seu suserano, e, apoderando-se da mão do pai, beijou-a. Erlend retirou vivamente o braço, e no espaço dum

segundo Cristina pôde ver-lhe o rosto pálido e fremente quando ele se afastou do rapaz. Depois desapareceu, escondido pela vela.

O navio entrou à noite na baía perto de Moere. O mar encapelara-se e o barco balouçava a valer. Cristina descera para o camarote que devia partilhar com Erlend e com os dois filhos mais novos. Sentia náuseas e não podia manter-se de pé no soalho, que parecia erguer-se e abaixar-se debaixo dela, enquanto diligenciava obrigar Munan, que se debatia, a deixar-se pôr na bacia da cama. A lanterna balançava-se no tecto, fazendo vacilar a chama frouxa.

Quando o pequeno acordara, ainda ensonado, começara a fazer as suas necessidades na cama; agora berrava e chorava e não queria a ajuda da mãe, que ele tomava por uma estranha.

Nesse instante entrou Erlend. Cristina a custo lhe distinguiu o rosto quando o marido lhe perguntou em voz muito baixa:

— Reparaste em Naakkve? Tinha tal e qual os teus olhos, Cristina. Os teus olhos mostravam essa mesma expressão naquela manhã, no jardim do mosteiro, quando acabavas de saber o pior a meu respeito e me prometias a tua vida.

Foi nesse momento que Cristina sentiu a primeira gota de fel instilar-se no coração.

«Que Deus proteja o meu filho! Oxalá nunca conheça o dia em que dará fé de que as mãos em que entrega a sua vida deixam tudo escapar entre os dedos como água fria ou areia seca!»

Havia já alguns minutos que Cristina julgava ouvir o som de patas de cavalo na vertente do lado sul. O ruído aproximava-se; não provinha de cavalos em liberdade. Era um cavaleiro que avançava ràpidamente pela base da colina.

Cristina sentiu-se gelar de pavor. Quem podia andar na rua àquela hora tardia? Os mortos circulam de noite quando a Lua está a declinar. — Não se ouviam outros cavaleiros que, a distância, seguiam o primeiro?

Ela, porém, ficou sentada sem mesmo saber porquê. Seria por entorpecimento ou porque estava como de pedra nessa noite?

O cavaleiro aproximava-se; ei-lo a passar o vau, ao fundo do prado. Cristina viu brilhar uma azagaia entre os vimeiros.

Então deixou-se escorregar da pedra e quis correr para casa, mas o cavaleiro saltou do cavalo que amarrou à paliçada e deitou a capa por cima do animal, à laia de manta. Depois dirigiu-se para Cristina através do prado. Era um homem alto e corpulento. Por fim Cristina reconheceu Simão.

Quando, ao luar, ele a viu, pareceu tão assustado como a cunhada estivera momentos antes.

— Jesus! És tu mesma, Cristina, ou então... Como é possível que estejas cá fora a esta hora da noite? Esperavas-me? —, perguntou como que tomado de atroz inquietação. — Terias tido um aviso da minha chegada?

Cristina abanou a cabeça.

— Não podia dormir. Que te aconteceu, Simão?

— André está muito doente, receamos pela sua vida. E, pensámos... sabemos que és a mulher de maior experiência neste género de coisas... É filho da tua irmã... Queres prestar-nos o grande favor de me acompanhar à nossa casa? Sabes que não te viria importunar desta maneira se não se tratasse da vida do meu filho — concluiu ele em tom de súplica.

Depois de entrarem no chalé, repetiu a mesma coisa a Erlend, que se sentou na cama, ainda cheio de sono e um tanto surpreendido. Erlend tentou animar o cunhado; falava com ar convicto: uma criança da idade de André apanhava febre com facilidade e delirava ao menor resfriamento. Sem dúvida que o perigo era menor do que imaginavam...

— Deverias saber, Erlend, que não viria a meio da noite buscar Cristina se não visse com os meus olhos André lutar com a morte.

Cristina soprara as brasas e pusera achas de lenha a arder. Simão, sentado junto do lume, que ele fitava, bebeu com avidez o leite que a cunhada lhe ofereceu, mas não quis comer nada. Preferia regressar a casa logo que os outros chegassem. «Se estás disposta a isso, Cristina». Um dos criados seguira-o a distância, acompanhado duma viúva que servia em Formo, mulher capaz de se ocupar, entretanto, dos trabalhos domésticos do chalé.

— Aasbjoerg é pessoa muito entendida — acrescentou.

Depois de Simão ter ajudado Cristina a montar, disse-lhe:

— Gostaria de ir pela vereda, se não te importas.

Cristina nunca passara por esse lado da montanha, porém, sabia que aí devia existir um caminho que descia a pique para o vale através da colina que dominava Formo. Aquiesceu ao que o cunhado propunha, mas pediu que o criado tomasse outro atalho e passasse por Joerundgaard a fim de lá ir buscar a sua farmácia e os seus saquinhos de ervas medicinais. Devia acordar Gaute, que, melhor do que ninguém, saberia encontrar tudo o que a mãe necessitava.

Ao chegarem perto duma turfeira enorme, puderam cavalgar lado a lado, e Simão continuou a descrição da doença do pequeno:

Em Formo, as crianças tiveram a garganta inflamada por ocasião da festa de Santo Olavo, mas curaram-se depressa. Três dias antes, por volta do meio-dia, André adoecera de repente, quando parecia estar cheio de saúde. Simão levara-o para os campos e deixara-o sentar-se no carro, mas o pequeno queixava-se de frio e, quando o pai se aproximou, tremia tanto que os dentes batiam uns nos outros. Mais tarde, fora atacado de febre e de tosse. O petiz expectorava uma matéria acastanhada, de péssimo aspecto, e queixava-se do peito — mas o pobre do miúdo nem sabia dizer o que o fazia sofrer mais...

Cristina tranquilizava Simão o melhor que podia; daí a instantes tiveram de avançar atrás um do outro. A certa altura Simão voltou-se para Cristina e perguntou-lhe se tinha frio. Exigiu que ela aceitasse a sua romeira e a pusesse por cima da capa, e continuou então a falar do filho.

Já notara que André não era muito robusto. Mas o pequeno fortificara-se no decorrer do Verão e do Outono. A ama era da mesma opinião.

Contudo, pouco antes de cair doente, o filho parecia esquisito e inquieto.

«Medo», dizia ele quando o cão se punha aos pulos à sua volta para brincar. No dia em que lhe começara a febre, o pai regressara a casa ao entardecer, levando alguns patos bravos. Em geral, André pedia a Simão que lhe emprestasse, para se

entreter, os animais que trazia da caça. Mas, dessa vez, o petiz soltou gritos agudos quando o pai atirou para o lado dele os patos amarrados uns aos outros. Pouco depois arriscou-se a aproximar-se das aves, mas molhou de sangue a mão e ficou como doido de terror.

Nessa tarde, quando estava a sofrer tanto, sem poder dormir nem repousar, pusera-se, de repente, a gritar que um falcão queria apanhá-lo.

— Lembras-te daquele dia em que recebi o teu recado em Oslo? Serão os teus sobrinhos que te sucederão em Formo, dizias tu...

— Não fales assim, como se julgasses que vais morrer sem herdeiro varão... Deus e a sua Mãe misericordiosa virão em nosso auxílio. Não é costume mostrares-te tão desanimado, Simão...

— Halfrid, minha primeira mulher, disse-me a mesma coisa quando deu à luz o filho. Sabias, Cristina, que ela me deu um filho?

— Sabia, sim, mas André já tem três anos. Nos dois primeiros é que é mais difícil conservar a vida das crianças.

Cristina era a própria a sentir que as suas palavras não tinham grande poder de consolação.

Caminhavam, caminhavam sempre. Os cavalos, fazendo tinir a barbadela, subiam com dificuldade. Nem um rumor na obscuridade glacial além dos passos das montadas e do murmúrio da água à passagem dos regatos. Montanhas e vales estavam banhados pelo luar; as encostas pedregosas pareciam lúgubres como a morte.

Por fim, distinguiram a região de Formo, inteiramente branca; o rio os pântanos, o lago resplandesciam; dir-se-ia prata líquida ao lado da palidez baça dos campos e dos prados.

— Esta noite também gela o vale — observou Simão.

Apeou-se do cavalo e conduziu o da cunhada para descer a vereda, por vezes tão a prumo que Cristina nem ousava olhar para a frente. Simão sustinha-a com as costas apoiadas aos joelhos da companheira, e ela inclinava-se para trás, com a mão pousada no flanco do cavalo.

De quando em quando o animal desprendia com a pata um pedregulho que rolava e se detinha um momento para tornar a rolar, levando outras pedras atrás de si.

Conseguiram, porém, chegar a baixo. Atravessaram os campos de cevada, ao norte do domínio, e passaram entre as medas cobertas de gelo. Por cima deles as faias sussurravam, frementes, na quietude da noite luminosa.

— É verdade — perguntou Simão limpando com os dedos o suor do rosto —, é verdade que não tinhas nenhum pressentimento?

Cristina afirmou que era verdade.

— Tenho ouvido contar que, quando alguém precisa muito de nós, somos, às vezes, avisados por forma misteriosa. Ramborg e eu dizíamos um para outro que se estivesses connosco encontrarias meio de nos valer.

— Nenhum de vós apareceu nos meus pensamentos nestes derradeiros dias — replicou Cristina —; acredita-me, Simão.

Ela, porém, não viu que ele ficasse consolado com aquelas palavras.

No pátio, vários criados correram para os recém-vindos e ocuparam-se dos cavalos.

— Tudo está na mesma, Simão, o menino não piorou — acudiu um deles vivamente, pois reparara na fisionomia do amo. Simão fez um sinal com a cabeça e, seguido de Cristina, dirigiu-se para o quarto.

Ao primeiro relance de olhos Cristina reconheceu que o perigo era grande. O pequeno estava deitado sòzinho no leito enorme; gemia, de respiração curta, e agitava sem cessar a cabeça nas almofadas. Corado e ardente, tinha os olhos semicerrados.

Simão pegou na mão de Ramborg, e todas as servas rodearam Cristina enquanto esta examinava o petiz.

Ela, entretanto, mostrou-se o mais calma possível e animou os pais de André.

Evidentemente que a pontada era muito dolorosa, mas a noite estava no fim e o mal não se agravara. Naquela doença produziam-se sempre alterações ao terceiro, ao sétimo ou ao

nono dia antes da alvorada. Cristina pediu a Ramborg que mandasse embora dali as criadas e só deixasse duas, a fim de que pudesse haver duas vigilantes à disposição. Logo que o moço chegou de Joerundgaard com os medicamentos, ela preparou uma tisana quente, que devia fazer transpirar o pequeno, e fez-lhe uma sangria no pé para aliviar o enfermo da opressão do peito.

Ramborg empalideceu ao ver o sangue do filho. Simão quis abraçá-la, mas a mulher repeliu-o e sentou-se numa cadeira ao lado da cama. Daí seguia ela com os seus grandes olhos negros todos os movimentos de Cristina.

Pelo dia adiante, como o estado do doente parecia melhorar. Cristina obrigou a irmã a estender-se no banco. Colocou-lhe almofadas debaixo da cabeça e envolveu-a em cobertores. Depois, sentando-se junto dela, acariciou-lhe docemente a cabeça. Ramborg pegou na mão de Cristina.

— Agora, só nos queres bem, não é verdade, Cristina? — disse ela num gemido.

— Como poderia não querer-te bem, minha irmã, quando nesta terra só nós ambas existimos de toda a nossa família!

Ramborg desatou em soluços — duros e curtos soluços que ela esforçava por sufocar, cerrando os lábios, enquanto as lágrimas lhe corriam ao longo das faces.

Cristina só vira uma vez a irmã chorar: à hora da morte do pai.

De súbito, Ramborg agarrou na mão de Cristina e pôs-se a observá-la. Era esguia aquela mão, mas vermelha, tisnada e rude.

— É ainda mais bonita do que a minha — disse a rapariga.

As mãos de Ramborg, pequenas e alvas, tinham dedos curtos e unhas quadradas.

É, sim, — insistiu ela quase zangada quando Cristina abanou a cabeça, sorrindo. — E és mais bonita do que eu nunca fui. O pai e a mãe preferiam-te a mim; causaste-lhes vergonha e desgosto; eu era meiga e submissa; o homem para quem iam os meus pensamentos é aquele que me deram por marido, e, no entanto, sempre te preferiram a mim.

— Não, irmãzinha. Gostavam igualmente de ti. Considera-te feliz, Ramborg, por só lhes teres dado alegria; nem calculas como é duro pensar que se fez o contrário. Mas eles eram mais novos no tempo em que eu também era nova e por isso, talvez, falavam mais comigo.

— Creio, de facto, que o Mundo inteiro era mais novo na época da tua mocidade — replicou Ramborg, com um suspiro.

Pouco depois adormeceu. Cristina ficou sentada a contemplá-la. Conhecera-a tão pouco! Ramborg era apenas uma criança quando a irmã se casara; e Cristina tinha a impressão de que a outra continuava infantil na sua forma de proceder.

Como uma criança, debruçava-se sobre o filho doente, criança pálida e inquieta, que se esforçava por resistir à angústia e à infelicidade.

As vezes, acontece que os animais deixam de crescer quando têm filhos demasiadamente cedo. Ramborg não completara dezasseis anos quando dera à luz a filha; depois disso não crescera realmente; ficara franzina e baixa, como se não desabrochasse.

Além disso, tivera um só filho varão, cujo desenvolvimento se fazia de forma difícil: era um garoto lindo, gracioso, mas duma magreza e pequenez lamentáveis. Começara a andar tarde e mesmo presentemente ainda falava mal. Sòmente os que viviam com ele percebiam um pouco a sua linguagem. Mostrava-se arisco e desconfiado junto de estranhos. Antes da doença, Cristina pouco ou nada tocara no sobrinho. Deus e Santo Olavo talvez lhe concedessem a graça de salvar o pequeno. Oh! Como ela lhes agradeceria, em todos os dias da sua vida! A mãe, por muito infantil que fosse, não suportaria a perda de André. E Simão Darre a custo se consolaria se ficasse sem o seu único filho.

Cristina compreendia agora quanto estimava o cunhado, ao vê-lo sofrer tão dura inquietação. Lembrava-se da afeição que o pai dela tinha por Simão Andressoen. E, contudo, perguntava a si própria se Lourenço não prejudicara Ramborg apressando-se tanto a casá-la com Simão. Cristina, ao contemplar a irmã mais nova, dizia para consigo que Simão era muito velho, muito ponderado, muito grave, para aquela rapariguinha.

III

PASSARAM-SE dias, e André continuava na mesma. Nenhuma alteração se produzia, nem para bem nem para mal. O pior é que o pequeno quase nem dormia. Estava deitado, com os olhos entreabertos, sem parecer reconhecer ninguém. A tosse e a opressão disputavam aquele corpinho magro, a febre subia e descia. Certa tarde em que Cristina lhe dera uma poção calmante, André pareceu repousar, mas ao fim duns momentos a tia notou que se tornava extremamente pálido. Ao tocar-lhe, sentiu a pele húmida e fria. Com prestreza, Cristina fê-lo absorver leite quente e pôs-lhe aos pés pedras aquecidas. Depois disso nunca mais ousou dar-lhe soporíficos; certamente ele era muito novo para os suportar.

Sira Soelmund veio trazer a André as relíquias da igreja. Simão e Ramborg prometeram missas, jejuns e esmolas se Deus se dignasse escutá-los e conservar-lhes a vida do filho.

Erlend apareceu também em Formo, mas não quis descer do cavalo e entrar. Cristina e Simão foram falar com ele ao pátio. Erlend olhava-os com ar desolado. A expressão desse rosto, em tais casos, sempre irritava surdamente Cristina. Claro que o marido se afligia por ver os outros doentes ou atormentados, mas parecia ser o mais atingido. Arranjava uma fisionomia tão desalentada quando tinha dó das pessoas!...

Naakkve e os gémeos vieram daí em diante todos os dias saber notícias de André.

A sétima noite não trouxe nenhumas melhoras. No entanto, na manhã seguinte o pequeno parecia não estar tão mal. A febre abrandara um tanto. Por volta do meio-dia, Simão e Cristina en-

contravam-se sózinhos no quarto do enfermo. O pai desprendeu uma medalha de ouro que usava ao pescoço num cordão oculto pelo fato. Inclinou-se para o filho e balouçou a medalha diante dos olhos de André; depois meteu-lha na mão e fechou-lhe os dedinhos. André, porém, não dava mostras de ter consciência de nada.

Simão recebera aquela medalha na sua infância e sempre a usara consigo. O pai trouxera-a de França. Fora benzida num convento que se chamava Mont Saint-Michel, e ali se via uma imagem deste santo com grandes asas. André gostava muito de a contemplar, julgava que era um galo — imagine-se! chamar galo ao príncipe dos anjos! — A pouco e pouco o pai ensinara o pequeno a pronunciar a palavra anjo. Mas, num dia em que estavam no pátio, André viu o galo a bater nas galinhas. «O anjo está zangado, pai!», disse ele então.

Cristina olhava para o cunhado. Simão falava do filho com voz igual e tranquila, mas Cristina sentia o coração dilacerado ao ouvi-lo. Estava exausta, depois das noites de vigília, e incapaz de resistir à comoção que a invadia.

Simão tornou a meter a medalha debaixo da gola da camisa:

— Darei um boi de três anos à igreja em cada Outono, pelo S. Miguel, enquanto eu viver, se o Senhor quiser esperar ainda um pouco antes de levar esta alma para Si. André não pesaria mais do que um pintainho depenado... é tão pequenino!

Simão tentou rir, mas a sua voz alquebrou-se.

— Simão, Simão, suplicou Cristina.

— Pois bem, o que está escrito, está escrito. Deus é quem governa tudo, sabe melhor do que nós...

O pai calou-se e olhou para o filho.

Ao oitavo dia, Simão velava com uma das criadas enquanto Cristina passava pelo sono em cima dum banco um pouco afastado. Quando ela acordou — dormia a criada — Simão estava sentado como nas noites anteriores na cadeira ao lado da cama e debruçava-se para o filho.

— Dorme? — murmurou Cristina, aproximando-se.

Simão abanou a cabeça e passou a mão pelo rosto.

Ela viu que as faces do cunhado estavam molhadas, contudo ele respondeu com serenidade:

— Não acredito que André adormeça antes de estar deitado debaixo da terra.

Cristina ficou como que pregada ao chão. Sob a pele tisnada, empalideceu lentamente até aos lábios. Depois foi ao canto do quarto buscar a sua capa.

— Farás por estar aqui sòzinho quando eu voltar. Falava como se tivesse a garganta e a boca secas. — Fica junto dele e, quando me vires entrar, não digas uma única palavra; depois de tudo isto, nem a mim nem a outra pessoa fales, nem mesmo ao teu confessor.

Simão levantou-se e veio com passos vagarosos; também ele descorara.

— Não, Cristina — a sua voz era apenas preceptível —, não me atrevo a deixar-te fazer essa tentativa.

Ela envergou a capa, encontrou uma toalha de linho na arca e meteu-a no regaço.

— Eu, porém, atrevo-me... Sabes, ninguém deverá aproximar-se de nós antes que eu chame, ninguém deverá falar connosco antes que ele haja acordado e tenha dito qualquer coisa.

— Que pensaria disso teu pai? — murmurou Simão como anteriormente. — Cristina não faças semelhante coisa...

— Outrora, fiz o que era mau aos olhos de meu pai; fi-lo para assegurar a minha felicidade. André é também do sangue de meu pai, é meu sobrinho, filho único de minha irmã.

Simão respirava com esforço; tremia, de pé, em frente dela, e baixava os olhos.

— Não queres que eu tente esta última jogada?

Ele não se moveu, não proferiu palavra. Então Cristina insistiu, sem saber que um sorriso leve e singular, quase malicioso, lhe errava nos lábios exangues.

— Não queres que eu vá?

Simão voltou a cabeça, e ela, passando diante do cunhado, saiu sem rumor e fechou devagarinho a porta.

Era noite escura. O vento soprava em rajadas e as estrelas

pestanejavam como que receosas. Cristina não passara além da alameda e parecia-lhe já ter andado uma eternidade. Adiante e atrás dela estendia-se um caminho interminável. Chegaria a livrar-se da aventura em que se metera nessa noite?

A própria escuridão era uma força contra a qual precisava lutar. Cristina escorregava no caminho tornado intransitável pelo degelo. Tudo se derretia ao bafo quente do Sul. A cada passo ela esforçava-se por se libertar das dificuldades provocadas pela noite e pela lama que se lhe colava aos pés e lhe pesava na borda das saias. Uma folha caída roçou-lhe pela cara, como se uma coisa viva na sombra a tocasse, segura do seu poder.

«Volta para trás, Cristina!»

Quando chegou à estrada avançou com mais facilidade no chão coberto de ervas. Sentia o rosto como que petrificado, rígido, duro. Cada passo que dava aproximava-a impiedosamente do bosque que tinha de atravessar. Atingira-a uma espécie de paralisia interior: era-lhe impossível arriscar-se naquela obscuridade e, contudo, nem pensava em retroceder. Toda ela não era mais do que terror, mas continuava a avançar como num sonho. Não tropeçava nas pedras e nas raízes, os seus pés não mergulhavam nas poças. Inconscientemente, tratara de não escorregar, de conservar o passo firme, de não se deixar vencer pelo medo.

O rumor dos pinheiros aproximava-se mais e mais na sombra. Ela entrou na mata como uma sonâmbula, de olhos semicerrados, discernindo todos os sons do rio, os suspiros e gemidos do pinhal, o marulhar do ribeiro, que atingiu e ultrapassou.

Uma pedra rolou pela encosta: lá, adiante, não se movera um ser vivo? Cristina ficou inundada de suor frio, mas não diminuiu nem apressou o passo.

Agora os seus olhos estavam tão habituados à escuridão que, ao sair do bosque, pôde distinguir um pálido reflexo na faixa do ribeiro e no pântano. Na terra que sobressaía na sombra os grupos de casas apareciam como manchas negras. Com certeza o céu também clareava, Cristina assim sentia, mas não ousava erguer os olhos para as muralhas de rocha. Daí a pouco nasceria a Lua. Cristina repetia a si própria: «Dentro de quatro horas será

dia. As pessoas entregar-se-ão às ocupações habituais em todas as herdades do vale. A aurora invadirá o céu, brotará claridade por detrás das montanhas. Nessa ocasião o caminho não é comprido; de dia, Formo não é longe da igreja».

Mas quatro horas depois já ela teria regressado há muito tempo, e aquela que entraria em casa seria, disso tinha a certeza, uma Cristina diferente da que saíra pouco antes.

Se se tratasse dum dos próprios filhos, decerto não teria coragem para se arriscar a uma tentativa tão desesperada: desviar a mão de Deus que se estendia para uma alma viva. Quando, mais nova, cuidava dos filhos doentes e o coração lhe sangrava de ternura ansiosa, dizia nas horas que o receio e a dor ameaçavam submergi-la: «Seja feita a vossa vontade».

E contudo, nessa noite, pusera-se a caminho, arrostando o próprio terror. Queria, a todo o custo, salvar aquela criança, que não era sua.

Porque tu também, Simão Darre, aceitaste o sacrifício, quando estava em jogo o que possuías de mais querido neste Mundo, aceitaste mais do que um homem consente se tem em conta a sua honra.

«Não queres que eu vá?» E Simão nem sentira coragem de responder. Cristina tinha a convicção de que, se a criança morresse, ele também suportaria esse golpe. Ela, porém, debruçara-se para o cunhado na única ocasião que o vira vacilar. Aproveitara a oportunidade e viera. Seria segredo de ambos; Simão saberia que Cristina o vira também perder a firmeza. Demais sabia acerca dos deslizes da cunhada!

Ela recebera o auxílio do homem que desdenhara sempre que se tratava de proteger aquele que escolhera. O pretendente repelido era o protector para quem ela apelava logo que tinha necessidade de defender o seu amor. Nunca pedira inùtilmente a Simão. Este, sem cessar, caminhara à frente, resguardando-a com a sua bondade e força.

Cristina metera-se nesta aventura para se descarregar um pouco duma dívida de que nunca sentira tão vivamente o peso esmagador como nessa hora.

Simão forçara-a a perceber que era o mais forte, mais forte do que ela e mais forte do que o homem a quem Cristina se entregara. E' certo que ela comprendera isso no mesmo instante em que se haviam encontrado todos três face a face em Oslo, naquela casa vergonhosa — ainda que então Cristina se recusasse a convir que esse rapazola gorducho e imbecil era mais forte do que...

Cristina caminhava sempre, sem se afoitar a invocar os santos, consentindo em cometer um pecado — por quem, afinal?

Era para se vingar de haver reconhecido que Simão possuía sentimentos mais elevados do que os outros dois...

A Lua aparecia por cima do penhasco quando Cristina tomou o rumo da igreja. De novo uma vaga de terror se desfraldou sobre ela. O templo erguia-se ameaçador e negro rodeado pelos raios brancos que teciam como que uma fina teia de aranha. Cristina descobriu logo a cruz no adro, mas não se sentiu digna de ir ajoelhar-se em frente do santo lenho. Dirigiu-se para o lado onde as pedras enxutas e a terra do muro do cemitério davam acesso mais fácil. Algumas lajes sepulcrais brilhavam como água entre as ervas esguias molhadas de orvalho. Cristina foi direita às sepulturas dos pobres, que ficavam na extremidade da banda do Sul.

Haviam enterrado ali um desgraçado emigrante que não era daquele país. As duas filhas, também órfãs de mãe, tinham sido confiadas à *Assistência,* até que Lourenço, por caridade, tomou conta delas e as educou. Depois de crescidas, como se portassem bem, haviam-nas casado com homens honrados e trabalhadores, escolhidos pelo próprio pai de Cristina. Este, como presente de núpcias, dera-lhes uma vaca, um vitelo e um carneiro, e Ragnfrid oferecera-lhes cama e panelas.

Agora, as raparigas estavam em boa situação. Uma delas fora criada de Ramborg e esta era madrinha dum dos pequenos dela.

«Bem podes deixar-me levar um pouco de erva da tua sepultura para o filho de Ramborg, Bjarne!»

Cristina ajoelhou e sacou do punhal. O suor, frio, perlava-lhe a testa e o lábio superior quando ela enterrou os dedos na erva húmida agarrada ao solo cheio de raízes. Cortou-as uma a uma.

«Em troca o morto deve receber ouro ou prata que se tenha transmitido por herança em três gerações». Cristina retirou do dedo o anelzinho ornado de rubis que fora dos esponsais da avó.

«A criança é descendente de meu pai». Enterrou o anel tão profundamente quanto pôde e, depois de embrulhar na toalha de linho o molho de erva com raízes, tapou com musgo e folhas o sítio onde remexera.

Quando se pôs de pé, as pernas vergavam-se-lhe. Teve de esperar um pouco antes de se meter a caminho.

Se agora olhasse para trás de si, poderia *vê-los*. E Cristina sentia-se terrìvelmente tentada a isso, como se a impelissem todos os mortos que ela conhecera neste Mundo.

«És tu, Cristina Lavransdatter, que vens aqui para tal coisa?»

Arne Gyrdsoen, no seu túmulo, do lado esquerdo da entrada.

«Sim, Arne, tens razão para te admirares; eu não era assim no tempo em que ambos nos conhecíamos!»

Cristina trepou de novo para cima do muro e desceu a colina da igreja. Via-se Joerundgaard ao longe, no planalto. O orvalho cintilava no musgo de todos os telhados. Cristina via-os com o olhar quase indiferente. Sentia-se como se tivesse morrido para o lar, para todos os que ali viviam. Fechara-se a porta atrás daquela que passava pela estrada nessa noite.

A sombra das montanhas estendia-se sobre o resto do caminho que tinha a percorrer. O vento soprava mais violento. As rajadas frias vinham direitas a ela de instante a instante, impelindo algumas folhas secas, que pareciam querer reconduzi-la para o sítio donde viera. Cristina não duvidava de que era seguida. Ouvia atrás de si um rumor de passos arrastados: «És tu, Arne?»

«Volta-te, Cristina, arrisca-te a olhar...»

Por fim, Cristina já não sentia verdadeiramente terror. Tinha apenas frio e cansaço, ardia em desejos de se abandonar, de se deixar cair onde se encontrava. Depois dessa noite, nunca mais, decerto, teria medo de nada.

Simão estava sentado no lugar habitual à cabeceira da cama, inclinado para o filho, quando ela abriu a porta e entrou. Ele levantou os olhos um instante. Cristina perguntou a si própria se também o seu rosto, em algumas horas, tomara um aspecto tão devastado e velho.

Logo a seguir, Simão escondeu a cabeça no braço. Cambaleou quando se pôs de pé e, desviando-se ao passar diante dela, saiu do quarto, com o pescoço enterrado nos ombros.

Cristina acendeu duas velas e colocou-as sobre a mesa. O pequeno abriu um pouco mais os olhos, e, sempre inconsciente, quis, com um ligeiro movimento de cabeça, escapar à luz. Quando Cristina dispôs o corpo débil como se dispõe um cadáver, a criança não tentou mudar de posição, pois estava muito fraca para que se pudesse mover.

A tia cobriu o rosto e o peito de André com a toalha e estendeu por cima os torrões com a erva. Ao executar isto ficou de novo tomada de pavor. Teve de se sentar perto do leito, mas não se atreveu a estar de costas para a janela que havia por cima do banco. Era preferível enfrentar aquele que, de fora, pudesse olhar para dentro do quarto. Puxou então a cadeira para o lado da cama e instalou-se defronte da janela. A noite empurrava em silêncio as suas sombras negras para o aposento. Uma das luzes reflectia-se no vidro. Cristina fitava-a, rígida, com as mãos tão fortemente crispadas nos braços da cadeira que os dedos iam perdendo a cor e o corpo lhe tremia. Tinha as pernas insensíveis, de tal forma estavam frias e molhadas; os dentes entrechocavam-se-lhe de horror, corria-lhe um suor gelado ao longo do rosto e das costas, e, contudo, ela não se movia, e só, de vez em quando, relanceava os olhos para a toalha de linho que se erguia suavemente com a respiração do pequeno.

Por fim os vidros clarearam e um galo cantou. Do pátio chegou o barulho de homens que iam à estrebaria. Cristina encostou-se no espaldar da cadeira, tomada de tremor convulsivo. Experimentou encontrar uma posição que lhe impedisse tais estremecimentos nas pernas.

Mas, nessa altura, a toalha elevou-se com maior decisão. André

afastou-a da cara e soltou um suspiro. Readquiria um pouco a consciência, pois resmungou, com ar zangado, quando Cristina se debruçou para ele.

A tia tirou-lhe depressa a toalha e as ervas e correu ao fogão para aí deitar ramos e achas de lenha; a seguir, queimou nas chamas o que era propriedade dos mortos. Feito isto, teve de se apoiar à parede; jorravam-lhe lágrimas dos olhos.

Foi então buscar leite à caçarolinha que pusera ao lume e levou-a a André. Ele, porém, adormecera, e era um bom sono, segundo parecia. Foi ela quem bebeu o leite quente, e achou-o tão reconfortante que tomou duas ou três tijelas.

Cristina não se atrevia ainda a falar. Até aí o pequeno não proferia uma palavra que se pudesse compreender. Entretanto, ela tombou de joelhos aos pés da cama e murmurou para si, sem que emitisse um som:

«*Convertere Domine, aliquantulum, et deprecare super servos tuos. Ne ultra memineris iniquitatis nostrae; ecce respice populus tuuos omnes nos...*».

Na verdade, Cristina cometera uma acção terrível. Mas André era filho único. Ela tinha sete; não devia arriscar tudo para salvar o filho da irmã? Os pensamentos que a haviam assaltado não eram mais do que imaginação nocturna. Cristina agira porque não podia suportar que a criança lhe morresse nos braços. Simão nunca a enganara; sempre fora bom e fiel para todos, e, sobretudo, para ela. Não devia, pois, tentar o impossível para salvar a vida desse filho que ele amava mais do que à menina dos seus olhos — nem que fosse pelo preço do pecado? Sim, pecara! «Oh! Deus! castigai-me, mas só a mim! Que o vosso castigo não recaia sobre o lindo filho inocente de Simão e de Ramborg!»

Cristina aproximou-se de André, inclinou-se para a sua mãozinha cor de cera, mas não ousou beijá-la. Não o devia acordar.

André estava limpo do pecado. Durante aquelas angustiosas noites que ambas tinham passado juntas em Haugen, a senhora Aashild falara *daquilo* a Cristina. Contara-lhe a sua ida ao cemitério de Konungshelle. «Foi o momento mais difícil da minha vida, Cristina».

Mas Bjoern Gunnarsoen não era uma criança inocente quando os primos de Aashild Gautesdatter o ameaçaram com a espada. Bjoern assassinara um deles antes que sucumbisse, e o outro nunca mais recuperara a saúde depois das cutiladas que recebera.

Cristina, de pé, junto à janela, olhava distraída para o pátio. Os criados ocupavam-se dos trabalhos quotidianos. Alguns vitelinhos brincavam.

Na escuridão aparecem-nos todas as espécies de ideias comparáveis a essas plantas transparentes que nascem no mar e ondulam, balouçam, estranhamente sedutoras, enquanto estão no seu elemento. Mas logo que as apanham e as atiram para a barca já não são mais do que um amontoado viscoso e sem cor. Durante a noite surgem pensamentos terríveis e, ao mesmo tempo, cheios de sedução.

Frei Edvin dizia certa vez: «Os condenados do Inferno não querem ver-se livres dos seus tormentos; o ódio e a aversão fazem as suas delícias. Por isso nem mesmo Cristo os pôde salvar».

Nesse tempo, estas palavras haviam parecido a Cristina despojadas de senso. Hoje, arrepiavam-na. Percebia agora o que o monge quisera dizer.

Inclinou-se mais uma vez para o leito, aspirou o hálito do pequeno: Simão e Ramborg não o perderiam.

E porque não havia ela de querer reabilitar-se aos olhos de Simão, de lhe mostrar que era capaz de outra coisa que não a de aceitar o auxílio dele? Quisera expor-se para lhe retribuir os serviços.

De novo Cristina se ajoelhou e recitou os salmos.

Nessa manhã, Simão foi semear centeio no campo recentemente arroteado, ao sul da mata. Tomara a resolução de parecer achar natural que tudo na quinta decorresse normalmente. As criadas haviam ficado estupefactas quando lhes entrara no quarto, de noite, e lhes declarara que Cristina desejava ficar sòzinha com o menino até que ela própria as viesse chamar. Quando Ramborg acordou, ele disse a mesma coisa: Cristina insistira para que ninguém se aproximasse do quarto. «Nem tu?», retorquiu Ramborg muito depressa, e Simão disse que sim. Feitas estas prevenções,

foi buscar o saco das sementes. Mas depois do jantar não se atreveu a afastar-se de casa. O olhar de Ramborg não lhe agradava.

Uma hora depois deu-se a explosão. Estava ele perto do celeiro de trigo. De súbito viu a mulher atravessar a esplanada a correr. Seguiu-a: Ramborg atirou-se de encontro à porta do quarto e bateu nela com os punhos cerrados, enquanto gritava com voz lancinante:

— Abre Cristina, abre!

Simão enlaçou-a com os braços e tentou serená-la com palavras consoladoras. Ela, porém, rápida como um relâmpago, voltou-se e mordeu-lhe a mão, como uma fera enraivecida.

— É meu filho! Que fizeste do meu filho?

— Bem sabes que tua irmã só fará bem a André!

Quis arrastar Ramborg, que se debatia.

— Vamos — acabou ele por exclamar com rudeza — não tens vergonha de proceder assim diante dos criados?

Ela continuava a gritar:

— É muito meu; não estavas comigo quando o dei à luz. Para ti, não valíamos tanto nesse tempo...

— Deves saber o que me absorvia nessa ocasião — replicou o marido, com ar cansado.

E, dispondo do seu vigor, levou-a para a sala.

Depois, não se atreveu a deixá-la. Ramborg recuperou a pouco e pouco o sangue-frio e, quando chegou a noite, deixou que as criadas a despissem.

Simão ficou no quarto. As filhas dormiam, e ele mandara embora as servas. Quando se levantou e atravessou o aposento, Ramborg, que estava acordada, perguntou-lhe aonde ia.

— Tencionava deitar-me e descansar um pouco a teu lado — respondeu ele.

Despiu o fato e os sapatos, meteu-se debaixo dos cobertores e passou um braço por baixo da nuca da mulher.

— Compreendo, minha Ramborg, quanto este dia foi comprido e penoso para ti!

— O teu coração bate com tanta força! — disse Ramborg um pouco depois.

— Também eu receio pela vida do pequeno, bem sabes. Mas devemos esperar com paciência até que Cristina nos chame.

De súbito Simão ergueu-se no leito e apoiou-se no cotovelo, fixando com ar alucinado o pálido rosto de Cristina, que se inclinava sobre o dele. À luz da vela, Simão distinguiu-lhe lágrimas nas faces.

Ela pousou a mão no peito do cunhado... Ele julgou, num momento... desta vez não era sonho. O homem lançou-se para trás, contra a cabeceira da cama, soltando um gemido e cobrindo a cara com o braço. Sentia-se desfalecer, de tal forma o seu coração palpitava, acelerado.

— Simão, acorda! — Cristina sacudia-o. — André chama pelo pai, ouves? Foi a primeira palavra que ele proferiu.

Um sorriso radioso entreabria os lábios de Cristina, enquanto as lágrimas não cessavam de correr.

Simão sentou-se e passou várias vezes a mão pelos olhos. Teria falado inconscientemente, quando ela o acordara? Olhou para Cristina, que continuava de pé, segurando na vela.

Brandamente, para não despertar Ramborg, saíram do quarto. No peito de Simão persistia uma sensação de mal-estar, como se qualquer coisa se fosse despedaçar nela! Porque razão não podia deixar de ter esse terrível sonho, se de dia lutava sem cessar contra os pensamentos? Quando dormia abandonado, sem forças, sonhava... esse sonho inspirado pelo próprio demónio. Perto do filho moribundo, sonhara como um monstro!

Chorava. Cristina, tanto como ele, não sabia que horas deviam ser. O pequeno estivera meio acordado, mas não falara, só à noite adormecera, e, sossegadamente, ela julgara poder descansar um pouco, e pusera nos braços o sobrinho, a fim de dar fé do mais leve dos seus movimentos. Depois, adormecera.

O pequeno parecia minúsculo no leito enorme, e duma palidez pungente, mas os seus olhos estavam límpidos e, no rosto, espalhou-se-lhe um sorriso quando viu Simão.

Este ajoelhou ao lado da cama e quis pegar no filho. Cristina deteve-o:

— Não, não, está alagado em suor e há muito frio no quarto!

Abafou cautelosamente André, e prosseguiu:

— Deita-te junto dele; chamarei uma criada para velar. Irei dormir com Ramborg.

Simão enfiou-se debaixo do cobertor. A cama estava ainda quente do corpo de Cristina, a almofada conservava o leve perfume dos cabelos dela. Um gemido surdo subiu aos lábios do homem; puxou para si o filho e escondeu o rosto nos caracóis macios e húmidos da criança.

Quase nem sentia nos braços o corpo do pequeno, de tal forma era franzino, miúdo; mas André, todo contente, balbuciava de vez em quando uma palavra. De súbito pôs-se a vasculhar debaixo da gola da camisa do pai. Apalpou, com a mãozinha molhada, o peito de Simão e retirou dali a medalha.

— O galo — murmurou, com ar satsifeito —, cá está o galo,

No dia fixado para a sua partida, Cristina estava pronta no quarto reservado às mulheres quando Simão entrou e lhe entregou um cofrezinho de madeira.

— Pensei que gostasses de possuir esta jóia.

Cristina reconheceu na escultura o trabalho do pai; no interior, embrulhado num pedaço de pelica, havia um pequenino colchete de ouro, ornado de cinco esmeraldas, que ela também reconheceu. Lourenço usava-o na dianteira da camisa quando estava com o fato de cerimónia.

Cristina agradeceu a Simão, mas, de repente, corou ao recordar-se de que nunca mais vira o pai com aquela jóia depois de ela regressar do convento de Oslo.

— Quando foi que meu pai te deu isto? — E logo lamentou haver formulado a pergunta.

— Recebi-a como dádiva de despedida no dia em que saí de Joerundgaard.

— Parece-me um presente excessivamente bom — disse ela, lentamente, de olhos baixos.

Êle sorriu.

— Vais precisar de vários do mesmo género quando os teus filhos forem para longe carregados com as prendas de núpcias...

Cristina fitou-o.

— Queria eu dizer, Simão, que as coisas que possuis de meu pai... Bem sabes que te estimo como se realmente fosses seu filho.

— De facto, Cristina?—Com as costas da mão fez uma carícia fugidia na face da cunhada e, esboçando um sorriso singular, disse com ar um tanto pueril: — Sim, sim, Cristina, eu bem sabia.

IV

TEMPOS depois, nesse mesmo Outono, Simão Andressoen necessitou de ir a casa do irmão que morava em Dyfrin. Enquanto lá estava, recebeu um pedido de casamento para a sua filha Arngjerd. Nada ficara resolvido, e Simão sentia-se um tanto inquieto enquanto cavalgava de regresso ao Norte. Talvez devesse ter aceitado: a filha ficaria arrumada e ele próprio livre de preocupações pelo futuro da rapariga.

Gyrd e Helga podiam ter razão: era estupidez não receber de braços abertos uma oferta daquelas. Eiken era um domínio maior do que Formo; Aasmund possuía mais dum terço e nunca teria pensado em ir buscar para o filho uma noiva cuja família materna era de origem modesta se Simão não houvesse emprestado dinheiro sobre três geiras de Eiken. Fora necessário recorrer às religiosas de Oslo e a Dyfrin quando Grund Aasmundsoen havia sido acusado de assassínio pela segunda vez. Grund perdia a cabeça sempre que bebia, mas, fora disso, era um homem recto e de bom feitio, dizia Gyrd. Deixar-se-ia certamente governar por pessoa tão sensata como Arngjerd.

Mas Grund tinha apenas alguns anos a menos do que Simão. E Arngjerd era rapariga muito nova. Ainda por cima, os senhores de Eiken queriam que o casamento se realizasse logo depois da Primavera.

Na memória de Simão subsistia uma recordação penosa. Diligenciava não pensar em tal, mas, desde que se falava no matrimónio de Arngjerd, vinham-lhe os pormenores ao espírito.

Sentira-se infeliz na primeira manhã em que acordara ao lado de Ramborg. Não que houvesse mostrado maior perturbação ao deitar-se do que convém a um recém-casado!

Mas impressionara-o o facto de Cristina estar entre as damas

de honor da noiva. E dizer que Erlend, o cunhado, o acompanhara ao quarto nupcial...

Ao abrir os olhos, no dia seguinte de manhã, olhara para a esposa, que dormia ainda, e o coração dilatara-se de dor e de vergonha, como se houvesse causado mal a uma criança. O remorso, contudo, de nada servia.

Ramborg rira, ao acordar.

— És meu, Simão — e as suas mãos batiam no peito do marido. — Meu pai é teu pai, minha irmã é tua irmã.

Um suor de angústia subira à testa de Simão. «Se ela soubesse que o meu coração pára de bater ao ouvi-la», dizia ele consigo.

No entanto, fora obrigado a confessar a si próprio que o seu casamento o satisfazia.

A mulher era rica, de nobre ascendência, jovem, bela e meiga. Dera-lhe uma filha e um filho. Um homem não pode esquecer isso quando sabe o que é viver na abastança sem filhos que possam conservar os bens depois da morte dos pais. Dois herdeiros! — o futuro deles estava assegurado. E, além disso, Simão era bastante rico para arranjar um bom casamento a Arngjerd. Gostaria de ter mais um filho; até se nascessem mais outros dois em Formo ele não se queixaria. Mas Ramborg estava satisfeita em escapar a novas maternidades, e era preferível não a contrariar muito, pois viviam melhor em casa quando Ramborg andava de bom humor. Simão nem sempre sabia como agradar à mulher... o governo da casa poderia ser também melhor... mas quem é que pode ter tudo neste mundo?

Eis o que Simão dizia consigo mesmo de regresso a Formo.

Ramborg devia ir nessa semana a Krube, a fim de assistir às festas de S. Clemente. Alegrava-a sempre a perspectiva de sair de casa. Mas Deus sabe o que se ia passar dessa vez! Sigrid esperava o terceiro filho. E Simão, à ida, ao visitar a irmã, ficara assustado por vê-la tão frágil, tão pouco resistente.

Mandara arder grossos sírios em Eyabu diante da antiga imagem da Virgem, que, dizia o povo, fazia grandes milagres, e prometera donativos importantes se Sigrid fosse feliz no parto.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Que seriam de Geirmund e dos filhos se a mãe morresse? Nem era bom pensar nisso.

Geirmund e Sigrid viviam tão unidos! Nunca o marido lhe dirigira uma palavra dura, nunca ele se esquecera de fazer aquilo que, na sua opinião, devia dar prazer à mulher. Quando percebeu que Sigrid se consumia de saudades pelo filho que tivera de Gjavval Arnessoen na sua mocidade, pediu a Simão que fosse buscar o pequeno para que a mãe o pudesse ter algum tempo junto de si.

Sigrid só teve desgosto e decepção quando tornou a ver aquele *principezinho* amimado. Depois disso, afeiçoou-se ainda mais ao marido e aos outros filhos.

Parecia inteiramente feliz. E Simão não se admirava. Poucos homens haveria de tão agradável convivência como Geirmund. Possuía voz magnífica. Nem que estivesse a falar dum cavalo encastelado que lhe haviam vendido, julgava-se ainda ouvir o som duma harpa. Geirmund Hersteinsoen sempre fora feio, mas outrora era robusto e bem constituído, o melhor archeiro, o melhor caçador da região, mais hábil do que todos os outros em qualquer exercício físico. Três anos antes, depois duma caçada, viera de rastos para casa, com um perna esmagada, e ficara aleijado.

Agora não conseguia andar sem bordão; já não montava a cavalo nem percorria os seus campos sem ajuda de outrem. A desgraça perseguia-o sempre. Solitário e original, não era capaz de explorar o seu domínio e de velar pela sua prosperidade. Quem quisesse podia enganá-lo. Contudo, muito habilidoso de mãos, sabia forjar ferro e entalhar madeira. Todas as suas palavras demonstravam sensatez e bondade. E quando pegava na harpa e cantava, fazia, consoante desejava, rir ou chorar. Imaginava-se ver o cavaleiro da canção deitar abaixo, só com a magia da entoação, as folhas das árvores e os chifres das cabeças do gado. Os filhos mais velhos cantavam em coro o estribilho. Era mais lindo de escutar do que o carrilhão de Biskopshamar.

Iuga, a antepenúltima filha, já sabia andar agarrada aos bancos, mas não falava ainda; no entanto, trauteava todo o dia, e a sua vòzinha parecia um guizo de prata.

Moravam todos juntos — pai, filhos, servos — numa velha cabana minúscula e escura. O andar que Geirmund falara em mandar construir nunca seria, certamente, feito. Já era de admirar que ele tivesse meios de edificar um novo celeiro para substituir o que ardera no ano anterior. E, contudo, os pais não haviam tido coragem de se separar dos numerosos filhos! Simão, de cada vez que ia a Krube, oferecia-se para adoptar um deles. Geirmund e Sigrid agradeciam e recusavam.

Quem sabe! Talvez Sigrid fosse, apesar de tudo, a mais feliz das irmãs! Gyrd declarava alto e bom som que Astrid estava satisfeita com o novo marido. Habitavam em Bylfylke, lá para os lados do Sul, e Simão não os tornara a ver depois que se haviam casado. Mas os filhos de Torgrim andavam sempre a questionar com o padrasto, acrescentava Gyrd.

E Gudmund também se dizia muito contente com a sua sorte — ainda que Simão, sem cometer pecado, pudesse agradecer a Deus pelo facto de o pai deles haver morrido sem que chegasse a ver tal felicidade.

Logo que as conveniências o permitiram, depois da morte de André Darre, Gudmund consorciara-se com a viúva que o pai não quisera para nora. O cavaleiro de Dyfrin dizia que se procurara para os dois filhos mais velhos noivas ricas e formosas, de nobre família e de boa fama — e, no entanto, Gyrd e Simão não eram completamente felizes — seria para Gudmund um verdadeiro desastre se o deixassem cometer aquela loucura que o obcecava.

Tordis Bergsdatter era muito mais velha do que Gudmund e de poucos haveres. Não tivera filhos do primeiro marido, mas, mais tarde, nascera-lhe uma filha, dum dos padres da igreja de Santa Maria de Oslo — e constava que andara com outros homens. Gudmund soubera tudo isso.

Era feia de meter medo, e Simão achava-a grosseira nas conversas; mas tinha viveza de espírito e patenteava bom humor e algum senso. Simão chegaria mesmo a simpatizar com Tordis se esta, pelo matrimónio, não houvesse entrado na família Darre. Gudmund, porém, prosperava; tornara-se quase tão gordo e pesado como Simão, o que não era natural; em moço fora belo e delgado.

Tinha agora um ar indolente; apetecia esbofeteá-lo. Gudmund sempre havia sido um autêntico palerma.

Ainda andava com sorte no meio daquilo tudo, pois os filhos, embora fisicamente parecidos com o pai, eram inteligentes como a mãe.

Mas Gudmund prosperava!...

Simão não possuía realmente razões para se atormentar como fazia por causa de Gudmund, e, afinal, era também inútil afligir-se por Gyrd. Todavia, de cada vez que entrava nas propriedades do pai e via o estado em que tudo se encontrava agora ficava tão impressionado que lhe doía o coração.

A riqueza aumentava. Ulf Saksessoen, cunhado de Gyrd, gozava de todos os favores do rei nesse momento, e arrastara Gyrd para o círculo daqueles que tinham privilégios e poder no país. Mas Simão detestava tal indivíduo, e, certamente, o irmão partilhava desse seu sentimento. Gyrd seguia de má catadura o caminho que a mulher e o cunhado lhe indicavam, mas só para ter paz em casa.

Helga Saksesdatter era uma feiticeira... Contudo, se Gyrd parecia tão desgostoso, a culpa provinha, sobretudo, dos dois filhos. Sakse, o primogénito, devia contar agora dezasseis anos. Quase todas as noites o criado era obrigado a transportar aquele imundo borracho para a cama. Já bebera o bastante para perder a inteligência e a saúde. Morreria, por se embriagar demasiadas vezes, antes de ser adulto, e não seria grande perda. Sakse, embora muito moço, tinha má reputação na terra pela sua brutalidade e orgulho. Era o predilecto da mãe. Gyrd preferia o mais novo, Jon, que parecia efectivamente dotado para fazer honra à família — apesar de marreco. Fraco de estômago, só suportava caldos e pão de farinha fina.

Simão Andressoen sempre encontrara no seu espírito de solidariedade com a família uma espécie de refúgio quando andava aborrecido com a vida. Os seus próprios desgostos tomavam menos importância se entrevia cheio de confiança o futuro e a felicidade dos irmãos.

Estivesse tudo em Dyfrin como no tempo do pai (quando aí

reinava a calma, a alegria e a prosperidade) e Simão teria com que compensar a sua secreta inquietação. As raízes dele emaranhavam-se nas dos irmãos, todas juntas penetravam mais e mais na terra obscura. Um golpe dado numa delas atingiria dolorosamente cada uma das outras.

Byrd sentia como Simão, quanto a esse ponto; pelo menos, antigamente. Agora Simão não sabia se os sentimentos de Gyrd eram os mesmos.

Preferira a todos o irmão mais velho e Sigrid. Lembrava-se de que, em adolescente, tinha às vezes tal ternura pela irmãzinha que era como que forçado a testemunhar-lha. Punha-se a serraziná-la, puxava-lhe pelas tranças, beliscava-lhe os braços! Dir-se-ia não saber patentear a sua afeição senão por atitudes odiosas. Mas fazia-lhe essas diabruras para poder, sem se envergonhar, dar-lhe tudo o que conseguia guardar em intenção dela, e tomar parte nas brincadeiras da pequena. Construía-lhe moinhos no ribeiro, edificava-lhe casas, talhava para ela flautas de cana.

A memória dele conservava, como marca de ferro em brasa, a lembrança do dia em que soubera toda a extensão da infelicidade de Sigrid.

Durante o Inverno inteiro vira-a definhar-se, chorar a morte do noivo, mas de nada mais suspeitara.

Fora num domingo, nas proximidades da Primavera. Simão, de pé sob o alpendre, em Mandvik, impacientava-se contra as mulheres, que não vinham. No pátio, esperavam há muito tempo os criados e os cavalos selados que as levariam à igreja.

Por fim, Simão zangou-se a valer e foi ao quarto das mulheres. Encontrou Sigrid ainda deitada. Admirado, perguntou se ela estava doente. Halfrid, sentada na beira da cama, ergueu para o marido o rosto meigo e crispado: «Está muito doente, a pobre pequena, mas creio que ela tem, principalmente, medo de ti e da família. Como ireis encarar esta história?»

Sigrid soltou um grito e escondeu a cara no peito de Halfrid, agarrando-se a ela e rodeando-a com os delgados braços nus.

O grito atravessou o coração de Simão, todo o seu sangue lhe pareceu derramar-se pela ferida.

A dor, a vergonha da irmã, penetrava em todo ele, fazia-o perder a cabeça. Inundava-o um suor de angústia. Que faria o pai de Sigrid?

Estava tão perturbado quando foi a Raumarike por atalhos escusos, que o criado, que nada sabia, acabou por se rir dele ao vê-lo apear-se do cavalo de instante a instante. Simão era já casado há muito tempo, mas sentia tal medo ao pensar que se ia defrontar com o pai que isso lhe fazia cólicas.

André Darre não disse uma única palavra, mas ficou como se lhe houvessem dado uma machadada.

Ainda hoje acontecia a Simão erguer-se em sobressalto, no momento de adormecer, com a reaparição da cena que se desenrolara naquele dia na sua presença: o pai, sentado, com a cabeça caída para o peito, balouçando-se sem cessar; Gyrd, de pé, com a mão apoiada no braço da cadeira, um pouco mais pálido do que o costume, de pálpebras descidas...

«Louvado seja Deus por ela não estar aqui quando isso foi descoberto; é bom que esteja junto de ti e de Halfrid», dissera Gyrd quando se haviam encontrado sós.

Foi a única vez que Simão ouviu Gyrd pronunciar uma palavra que desse a entender não confiar muito na mulher.

Mas Simão bem reparara que Gyrd se consumia, que periclitava de alguma forma desde que desposara Helga Saksesdatter.

Na época daqueles esponsais, Simão sentia-se estranhamente enternecido quando olhava para o irmão. Gyrd nunca fora loquaz, mas, de cada vez que regressava da casa da noiva, vinha duma beleza radiante.

Certo dia confidenciou a Simão que vira Helga noutros tempos, mas que lhe não falara, pois nunca supusera que chegasse a obter aquela rapariga tão linda e tão rica.

Simão sentia-se orgulhoso da beleza extraordinária de Gyrd na sua mocidade. Tão formoso que atraía todas as simpatias. Cada qual parecia adivinhar que aquele belo moço contemplativo era dotado de grande bondade, de nobreza de espírito, de coração generoso e denodado. Depois, casou com Helga, e em nada mais se distinguiu.

Gyrd era de poucas conversas, mas os dois irmãos não se separavam e Simão falava pelos cotovelos. Diziam-no inteligente. Sociável, tinha sempre muitos amigos íntimos para beber e rir com ele, acompanhá-lo à caça e em todos os prazeres da juventude. O irmão mais velho ia atrás de Simão, mais ou menos silencioso, mas exibindo o seu belo sorriso grave. As raras palavras que pronunciava tinham grande ascendente sobre os outros.

Agora, Gyrd Andressoen era calado como um túmulo.

No Estio em que Simão veio participar ao pai que ele e Cristina Lavransdatter haviam combinado desfazer o projectado casamento, Simão viu que Gyrd penetrara no segredo dessa ruptura. Este sabia que o irmão amava a noiva e que devia ter um motivo muito grave para assim abandonar o seu direito, motivo que tornava Simão infinitamente infeliz. Gyrd aconselhara brandamente ao pai que consentisse no que o outro queria... Mas, ao irmão, nunca mostrara suspeitar do que quer que fosse. E Simão meditava que, agora, se pudesse, ainda estimaria mais Gyrd...

Simão *queria* estar de bom humor, enquanto seguia em direcção ao Norte, de regresso a casa. Pelo caminho multiplicava as ocasiões de ir tratar de negócios com os amigos; entrava, cumprimentava-os, bebia alegremente um golo de cerveja. Os homens selavam os cavalos e acompanhavam-no até ao próximo domínio onde moravam outros amigos. Era agradável cavalgar sobre o chão gelado e sem neve...

O senhor de Formo fez a última paragem ao anoitecer. Havia desaparecido a excitação devida à cerveja. Os criados, entretanto, conversavam com grande algazarra, mas em Simão a fonte de gracejos parecia esgotada. Decerto está cansado, pensaram os outros.

Simão entrou em casa, e André, como sempre, não largou mais o pai. Ulvhild andava em volta da sacola, com esperanças de lá haver um presente para ela. Arngjerd trouxe cerveja e comida, e Ramborg sentou-se ao lado de Simão, interrogando-o acerca da viagem. Depois de os filhos estarem na cama, Simão sentou a mulher nos joelhos, transmitiu-lhe os cumprimentos dos amigos e

contou-lhe o que vira e ouvira. Não seria uma vergonha, uma cobardia, não estar contente com a sua sorte?

No dia seguinte, quando Simão estava na cabana de Saemund, Arngjerd foi-lhe levar o almoço. O pai julgou preferível falar sem demora do pedido de casamento, visto estarem ambos sòzinhos. Participou então à filha a conversa que tivera com os senhores de Eiken.

«Não é nada bonita a minha Arngjerd», pensava Simão ao contemplar a rapariga, que estava de pé, em frente dele. Gorda, atarracada, pálida, de feições grossas; os cabelos, dum louro desbotado e estriados de madeixas mais escuras, pendiam nas costas em duas tranças fartas, mas na testa eram ralos e caíam em desordem sobre os olhos. Arngjerd tinha o costume de os deitar constantemente para trás.

— Fazei o que entenderdes, meu pai — disse ela, com gravidade, quando Simão acabou de falar.

— Sim, bem sei que és boa filha, mas que pensas tu disto?

— Não penso nada, pai, compete a vós decidir.

— Olha, Arngjerd, gostaria de poupar-te ainda durante alguns anos à maternidade, às preocupações, à responsabilidade, a tudo o que faz parte da vida duma mulher casada. Mas talvez desejes ter a tua casa, ser independente...

— Quanto a mim, não tenho pressa, retorquiu a rapariga esboçando um sorriso.

— Sabes que se te casasses em Eiken viverias muito perto dos teus parentes ricos.

Houve um rápido clarão nos olhos de Arngjerd, e nos seus lábios passou um sorriso malicioso.

— Refiro-me a teu tio Gyrd, acrescentou ele um tanto vexado.

— Sim, bem sei que não se trata da tia Helga.

Desataram ambos a rir.

Simão agradeceu a Deus, à Virgem e a Halfrid haverem-no compelido a reconhecer Arngjerd como filha. Quando se riam juntos daquela maneira, ele não precisava doutra prova da sua paternidade.

Levantou-se e sacudiu do braço da filha um pouco de farinha que ela deixara lá cair.

— E que achas ao pretendente? — perguntou o pai.

— Não me desagrada, embora o tenha visto pouco, e sem dúvida não se deve dar ouvidos a tudo o que dizem; mas vós é que haveis de resolver, meu pai.

— Nesse caso far-se-á o que eu disse: Aasmund e Grund que esperem algum tempo, se concordarem que tenhas mais idade para então casar. No entanto, minha filha, faze o que achares melhor; és rapariga ajuizada.

Abraçou-a, e Arngjerd corou quando o pai lhe deu um beijo. Simão desde muitos anos que tal não fazia.

Não era desses homens que receiam patentear os seus sentimentos pela mulher e pelos filhos. Mas demonstrava-os sempre como se estivesse a gracejar, e Arngjerd...

Simão disse de súbito para consigo que essa rapariga era certamente a única pessoa com quem podia, de vez em quando, ter uma conversa a sério.

Foi à lucarna, que dava para o lado Sul, e abriu o postigo. Através da abertura olhou para o vale. Soprava vento suão. Uma curva das montanhas deixava ver grandes nuvens cinzentas, que se iam dilatando e fechando o horizonte. Quando um raio de Sol iluminava a paisagem esta tomava um colorido violento. O degelo diluíra os laivos da geada; a terra apresentava-se castanha, o pinhal parecia azul-escuro e, lá no alto, onde acabavam as árvores e começavam os líquenes e o musgo, passavam rastos de luz dourada.

Emanava uma força estranha daquele vento de Outono e daquela claridade irrequieta, pensava Simão. Se viesse uma boa chuva até ao dia de Todos-os-Santos haveria água para os moinhos até ao Natal. Poderia também mandar homens à montanha buscar musgo. Depois desse Outono tão seco, o Laage não era mais do que um filete de água entre as margens de areia amarelada e de pedras brancas.

Para o lado Norte só Joerundgaard e o presbitério tinham moinhos à beira do rio. Simão não se importava pedir que lhe

moessem lá o grão. Aliás, toda a gente devia ir a Joerundgaard, pois Sira Erik exigia forte maquia. Constava tirar excessivo proveito do trigo dos outros; era suficientemente ganancioso para reclamar o dízimo.

Lourenço, esse sempre permitira a todos que se servissem do moinho sem nada pagarem, e Cristina seguia o exemplo do pai.

Só em pensar de leve em Cristina, Simão sentia o coração estremecer e oprimir-se.

Era véspera do dia do seu patrono. Simão sempre se confessava nesse dia. E fora para se concentrar, jejuar e orar que se retirara para a cabana de Saemund enquanto os criados da quinta malhavam o grão na eira. A lista dos pecados não era longa de estabelecer: jurara, mentira — quando alguém o interrogava acerca de coisas que lhe não diziam respeito. Por exemplo, a rena que matara muito tempo depois de ver, pela posição do Sol, que o crepúsculo do sábado já começara; ou a caça no domingo de manhã, quando toda a gente ia à missa... Do que se passara ùltimamente quando o pequeno estava enfermo não se atrevia a falar. Mas era a primeira vez que ocultava um pecado ao confessor.

Reflectira muito nisso e sofrera bastante. Sem dúvida, cometera um pecado mortal — por se ter aliado ao mundo das trevas ou por haver incitado outrem a fazê-lo.

Não sentia coragem de se arrepender quando pensava que, sem essa intervenção, o filho decerto estaria agora no túmulo; mas tinha medo...

Observava o pequeno para verificar se nada se modificara nele. Mas não lhe via diferença.

Sabia que, em certas aves e animais ferozes, acontecia, logo que mãos humanas tocavam nos ovos ou nos filhos, os pais afastarem-se deles. O homem que recebera de Deus a luz da razão não podia agir dessa maneira! Quanto a ele, o seu gosto seria nunca mais largar André quando o tinha nos braços, de tal forma receava pelo pequeno; mas, às vezes, quase compreendia esses animais pagãos e loucos que tomam tal horror aos filhos depois de estes serem *tocados*. André não fora, por assim dizer, maculado?

Não, não se arrependia de nada; só lastimava a presença de Cristina nisso tudo. A estada dela e da família naquela região já era bastante aborrecida sem aquele caso!

Arngjerd entrou e pediu uma chave que Ramborg julgava não ter depois que o marido se servira dela.

Naquela casa cada vez se preocupavam menos com as coisas domésticas! Simão lembrava-se de haver devolvido a chave à mulher antes de partir para o Sul.

— Oh! Hei-de achá-la, disse Arngjerd.

Tinha um sorriso bondoso e olhos inteligentes, a rapariga. Afinal, seria realmente feia? Os cabelos eram claros e leves quando ela desfazia as tranças em dias de festa.

A filha bastarda de Erlend era muito linda, e a beleza só lhe acarretara desgraça. Erlend, porém, tivera essa filha duma mulher formosa e nobre; não se dignaria olhar para uma pessoa como a mãe de Arngjerd; seguira o seu caminho de orgulho através do Mundo: mulheres, donzelas belas e altivas, enfileiradas à sua passagem, haviam-lhe oferecido amor e aventuras. O único pecado desse género que Simão cometera — pois não contava com os devaneios da mocidade, no tempo em que estava na Corte — poderia ter sido um pouco mais elegante, visto que ofendia da mesma maneira a boa e digna esposa.

Ele nunca reparara naquela Iorunn, e nem sequer se recordava por que acaso se aproximara de mais da criada.

Quando Simão entrava no domicílio conjugal, depois de beber e de passear com os amigos, era Iorunn que o esperava, encarregada de vigiar que ele se fosse deitar sem causar alguma desgraça com o lume.

A aventura não fora mais brilhante do que isso!

E ele nem merecia que a filha fosse o que era e se tornasse para o pai tão preciosa!

Mas que ideia deixar-se levar por tais pensamentos quando devia meditar na sua confissão!

Chuviscava quando Simão voltou de Romundgaard, ao crepúsculo, através dos campos.

Aos derradeiros clarões do dia distinguiam-se os restolhos pálidos e reluzentes de humidade.

Adiante, do lado da velha estufa, destacavam-se umas manchazinhas brancas no chão escuro. Simão foi ver o que era. Encontrou os cacos do pratinho francês que ele quebrara na Primavera. Os filhos tinham improvisado uma mesa com uma tábua colocada sobre duas pedras. Simão destruiu tudo aquilo com uma machadada. Depois, teve vergonha de si mesmo, mas detestava recordar-se daquela noite.

Para compensar um pouco a sua dissimulação do pecado mortal que cometera, Simão falara a Sira Erik dos sonhos que tinha. Ao menos aliviava a consciência desse peso. Ia sair da igreja quando sentiu que devia falar *disso*. O velho padre, meio cego, era seu director espiritual havia doze anos.

Retrocedeu e voltou a ajoelhar defronte de Sira Erik.

Este ficou imóvel até Simão acabar de se confessar. A voz dele, outrora tão forte, estava como que sufocada, pela eterna noite em que vivia.

— Isso não são pecados. Todo o membro da igreja militante deve ser assaltado pelo Inimigo. É essa a razão porque Deus permite ao Diabo que exponha o homem a todas as espécies de tentações. Mas, enquanto o homem não depõe as armas, enquanto não anui, acordado, às visões pelas quais o Espírito imundo quer seduzi-lo, não pecou ainda.

— Não!

Simão teve vergonha de ouvir a sua própria voz. Nunca ele anuíra... mas sofria, ah! como sofria! Quando despertava, depois, desses maus sonhos, tinha a impressão de que o haviam violentado durante o sono...

Ao entrar no pátio viu dois cavalos presos à paliçada: *Soten*, o cavalo de Erlend Nikulaussoen, e a égua que pertencia a Cristina. Simão chamou o moço de cavalariça. Porque não recolhera os animais?

— Disseram-me que não era preciso — replicou o criado, com ar descontente.

Era um rapazola que estava há poucos dias em casa de Simão.

Antes, servira em Dyfrin, onde tudo devia decorrer conforme as regras usadas na boa sociedade: Helga punha nisso o maior empenho. Mas esse tratante do Sigurd julgava poder revoltar-se contra o senhor de Formo pelo facto de Simão gracejar com os criados e permitir que um ou outro dos escudeiros lhe retorquisse com presteza? Que fosse para o diabo, o impertinente! Simão ia pregar-lhe uma bofetada, mas deteve-se; não vinha nesse mesmo instante da confissão? Encarregaria Jon Daalk de ensinar ao novato que o código das boas maneiras camponesas é tão severo como o dos nobres costumes de Dyfrin.

— Parece-me que vieste direito da serra — limitou-se a dizer a Sigurd; e ordenou-lhe que recolhesse os cavalos. Mas estava mal-humorado.

A primeira coisa que viu, quando abriu a porta da sala, foi o semblante risonho de Erlend, iluminado pela vela pousada na mesa. Estava sentado no banco e defendia-se de Ulvhild, que, de joelhos ao lado dele, tentava arranhá-lo, sem dúvida, pois agitava as mãos diante da cara do tio, enquanto ria às gargalhadas.

Erlend levantou-se e quis repelir a petiza, mas esta agarrou-se-lhe às mangas do fato e veio dependurada no braço quando, em passo lesto e de cabeça erguida, ele se aproximou do cunhado. Ulvhild insistia em altos gritos para que Erlend lhe desse... Simão não sabia o quê.

O pai mandou-a com rudeza ir ter com as criadas à cozinha. A pequena protestou. Ele, porém, agarrou-a pelo braço e arrancou-a a Erlend.

— Aqui tens! — O tio tirou da boca uma bola de resina e meteu-a na da garota. — Toma lá, Ulvhild, minha flor!... Esta tua filha não há-de ser tão dócil como Arngjerd — disse ele, a rir, para o cunhado.

Simão não pudera deixar de contar à mulher como Arngjerd aceitara de forma tão simpática a questão do casamento. Mas a intenção dele não era que Ramborg fosse repetir o caso aos moradores de Joerundgaard. Aquilo nem parecia coisa de Ramborg, tanto mais que ela não gostava de Erlend.

O senhor de Formo estava vexado; vexado por Ramborg ter

dado à língua, de não poder confiar bastante na mulher; vexado porque Ulvhild, aquela pequerrucha, parecia gostar tanto de Erlend como quase todas mulheres!

Foi saudar Cristina, sentada no canto perto da lareira, com André instalado nos joelhos. O pequeno afeiçoara-se muito à tia desde que ela o tratara no começo do Outono.

Simão supunha que Cristina tinha qualquer coisa a pedir-lhe, visto que Erlend a acompanhava, pois este nunca transpunha o limiar de Formo.

Devia-se concordar que Erlend se saía airosamente da sua situação melindrosa, porque, afinal, as relações dos dois cunhados eram o que eram. Erlend evitava quanto podia o outro, mas encontravam-se o necessário para não dar que falar acerca duma inimizade entre parentes tão próximos. De cada vez que se viam mostravam-se os melhores amigos do Mundo.

Erlend ficava um tanto silencioso e reservado na presença de Simão, mas conservava-se sem constrangimento aparente.

Quando, terminada a refeição, trouxeram a cerveja, Erlend disse:

— Vais ficar espantado, calculo, com o fim da minha visita, Simão! Vimos convidar-vos, a ti e a Ramborg, para um casamento em nossa casa.

— Estás a brincar! Não tens ninguém na tua casa em idade de casar, que eu saiba!

— Não é tanto assim, meu caro cunhado. Há Ulf Haldorsoen.

Simão bateu nas coxas.

— Agora vou ter esperança de que os meus bois de trabalho tenham vitelos no Natal.

— Não chames a Ulf boi de trabalho — replicou Erlend, desatando a rir. — Quis a desgraça que ele fosse demasiadamente atrevido nas conquistas...

Simão fez ouvir um assobio, e Erlend, rindo sempre, acrescentou:

— Crê que duvidei dos meus ouvidos quando hoje apareceram em minha casa os filhos de Herbrand de Medalheim e exigiram que Ulf casasse com a irmã.

— Herbrand Rembas? Mas são uns rapazolas; a irmã não pode ser de idade aproximada à de Ulf...

— Tem vinte anos. Ulf anda perto dos cinquenta. Compreendes, Simão, — Erlend retomara a seriedade — eles acham, certamente, que é um casamento medíocre para Jartrud. Mas, entre duas eventualidades aborrecidas, a melhor decisão a tomar é casá-la... No entanto, Ulf é filho dum homem de categoria, e possui haveres. Não é obrigado a ganhar o pão em casa dos outros. Acompanhou-nos a Joerundgaard porque antes quer viver connosco, seus parentes, a ficar nas suas propriedades de Skaun... depois do que aconteceu.

Erlend fez uma pausa. A comoção embelezava-lhe a fisionomia. Depois continuou:

— Tencionamos, Cristina e eu, celebrar as bodas como se Ulf fosse nosso irmão. Pensamos ir com ele a Medalheim na semana que vem, a fim de fazer o pedido... para salvar as aparências, já se sabe... Vou rogar-te um favor, Simão. Lembro-me, meu caro cunhado, de tudo o que te devo. Ulf não é muito estimado na região, e tu és tido em tão alta conta como nenhum outro aqui. Eu próprio? — deu uma risadinha e encolheu os ombros. — Quererás prestar-nos o serviço, Simão, de nos acompanhar e de seres o porta-voz de Ulf? Ele e eu nunca nos separámos desde crianças — insistiu Erlend.

— Pois sim! — Simão corara. Sentia-se abalado, comovido, pelo pedido franco de Erlend. — De boa vontade farei tudo o que puder em honra de Ulf.

Cristina conservava-se no seu lugar com André; o pequeno queria a todo o custo ser despido pela tia. Esta avançou, trazendo ao colo o sobrinho meio nu, para a parte iluminada do aposento.

— Agradecemos-te todos o grande favor que nos fazes — disse ela, docemente, estendendo-lhe a mão.

Simão segurou um instante essa mão na sua, sem a apertar.

— Não tem importância, Cristina. Sempre simpatizei com Ulf, sabes que faço isso com o maior prazer.

Quis pegar no filho, mas André fez de menino amimado;

repeliu o pai com os pèzitos descalços e abraçou-se ao pescoço de Cristina.

Simão apurava os ouvidos para os escutar enquanto conversava com Erlend acerca dos negócios de Ulf. André ria às gargalhadas. Cristina sabia muitas canções de embalar, e ria com o sobrinho, num suave riso de garganta que parecia um arrulho. Em dado momento Simão relanceou o olhar para o lado da lareira: Cristina fizera das mãos uma espécie de escada e os dedos de André representavam pessoas que subiam os degraus.

Por fim a tia conseguiu deitá-lo no berço e foi então sentar-se perto de Ramborg. As duas irmãs cochicharam entre si.

Era verdade, pensava Simão, depois de já estar na cama, que sempre tivera simpatia por Ulf Haldorsoen. E desde o célebre Inverno em que haviam lutado em Oslo para auxiliar Cristina, sentira-se ligado a Ulf por verdadeira amizade. Considerava-o como seu igual, filho dum senhor feudal, e a sua irregular situação na família do pai — pois era bastardo — fazia com que Simão se mostrasse ainda mais delicado nas conversas com o outro.

No fundo do coração rezava sempre a Deus pela felicidade de Arngjerd quando pensava em Ulf.

Por outro lado, aquele caso não era muito bonito para que Simão se intrometesse! Um homem já de certa idade e uma rapariga tão nova!

Ora! Se Jartrud Herbrandsdatter excedera as conveniências quando fora nesse Verão à assembleia, que tinha ele com isso? Não devia nada a essa família, e Ulf era parente próximo de Erlend.

Ramborg, sem que lhe houvessem pedido, ofereceu-se para ajudar Cristina no banquete do casamento. Simão aprovou. Quando surgiam ocasiões dessas, Ramborg lembrava-se sempre de quem descendia. Sabia ser gentil.

No dia seguinte ao de Santa Catarina, Erlend Nikulaussoen celebrou o enlace do parente com muito fausto e solenidade. Assistiu às bodas grande número de pessoas nobres. Simão Darre fizera tudo para isso. Ele e a mulher contavam muitos amigos na região.

Os dois padres da igreja de Santo Olavo tinham comparecido em Joerundgaard, e Sira Erik benzeu a casa e o leito, o que foi considerado grande honra, pois este sacerdote só dizia missa em dias especiais e apenas exercia as suas funções de pároco junto das raras pessoas que o tinham como director espiritual desde longa data.

Simão Darre leu o manuscrito que dizia respeito ao presente de casamento que Ulf fazia à desposada. Erlend improvisou, à mesa, um breve e lindo discurso ao amigo.

Ramborg Lavransdatter assegurava o serviço com a irmã, e foi das que despiram a noiva no quarto nupcial

E, contudo, não foram alegres as bodas! A recém-casada era duma antiga família de camponeses muito considerada na terra. Não seria natural que os parentes e vizinhos estivessem convencidos de que ela casava à altura da sua categoria, visto ter-se de contentar em morar na casa reservada aos criados com um homem que servia outro, embora esse outro fosse um amigo!

Nem o nascimento de Ulf, devido às relações dum indivíduo nobre e rico com a criada, nem o seu parentesco com Erlend Nikulaussoen pareciam ser de alguma importância para os filhos de Herbrand.

Jartrud também não estava contente com a sua sorte. Cristina falou disso em tom preocupado a Simão quando este foi a Joerundgaard algumas semanas depois do casamento. A juvenil esposa insistia com o marido para que se instalassem em Skaun, onde se encontrava o domínio de Ulf. Dissera ela a chorar — Cristina ouvira-a — que nada lhe podia acontecer de pior do que ser chamada filha de lacaio a criança que ela ia ter.

Ulf quase nem lhe respondera.

Os recém-casados viviam no edifício denominado «casa do mordomo», porque Jon Einarsoen a habitara antes de Lourenço haver comprado toda a propriedade de Laugarbru.

O nome da moradia não agradava a Jartrud. Sentia-se também infeliz pelo facto de as suas vacas estarem abrigadas no estábulo de Cristina; receava que a julgassem criada desta. Esse

receio parecia legítimo à senhora de Joerundgaard, que mandaria acrescentar um curral à «casa do mordomo» se Ulf não levasse a mulher para Skaun. Esta última decisão seria, decerto, a melhor: Ulf já não era novo e devia ser-lhe difícil mudar de vida. Talvez as coisas lhe corressem melhor noutro sítio.

Simão observou que a cunhada tinha boas razões. Aliás, Ulf não era estimado na região. Troçava de tudo o que faziam ali. Parecia ser bom administrador, mas não conhecia os usos da terra. Conservava no Outono maior número de animais do que podia alimentar, e, quando escasseava feno na Primavera e que, de toda a maneira, se via obrigado a mandar abater o gado emagrecido, desolava com o facto e dizia que não se podia habituar àquele costume de misturar cascas na forragem do S. Paulo em diante.

Outra coisa ainda. Em Trondhjem, os contratos entre os proprietários das terras e os rendeiros eram estabelecidos de fal forma que os primeiros exigiam dos outros um tributo de todos os produtos mais necessários: feno, peles, farinha, manteiga ou lã, mesmo se combinassem o pagamento em dinheiro ou num só dos produtos. Eram os proprietários ou os administradores que calculavam, bastante arbitràriamente, a equivalência dos valores.

Mas quando Ulf vinha com essas exigências aos rendeiros de Cristina, acusavam-no de abuso e de infracção à lei, o que aliás era verdade, e queixavam-se à senhora de Joerundgaard. Ela repreendia Ulf logo que lhe chegava aos ouvidos uma reclamação, mas Simão bem sabia que censuravam não só Ulf mas também Cristina Lavransdatter.

Diligenciara explicar, em toda a parte onde ouvia esses desagradáveis zunzuns, que a cunhada ignorava a forma como Ulf agia, e que as exigências deste provinham dos usos da terra do administrador. Simão temia que pouco ou nada houvesse obtido, ainda que ninguém se atravesse a contradizê-lo na sua presença. Já não sabia se devia desejar que Ulf ficasse junto de Cristina ou se fosse embora. Como se sairia ela dos negócios sem a ajuda daquele homem recto e fiel? Erlend não tinha jeito nenhum para dirigir o domínio, e os filhos eram ainda muito novos.

Ulf conseguira revoltar todos os da região contra Cristina e

agora, para cúmulo, seduzira uma rapariga de família abastada e de boa reputação...

Só Deus sabia, no entanto, se Cristina se atormentava...

A situação dos donos de Joerundgaard não era famosa também por outras razões.

Erlend não era nada mais estimado do que o parente. Se Ulf se mostrava arrogante e abusivo, as maneiras brandas e um tanto indolentes de Erlend vexavam ainda mais os outros. Erlend Nikulaussoen nem dava fé de que excitava os vizinhos contra si; afigurava-se-lhe que, apesar de pobre, era o que sempre fora, e nem lhe passava pela cabeça que o pudessem acusar de orgulho por causa da sua atitude. Tentara fomentar uma revolta contra o rei, apesar de ser o parente que devia maiores favores a Magnus, e ele próprio dera cabo da empresa com a sua estúpida inconsciência, mas não lhe vinha ao espírito que, aos olhos de muita gente, estava como que marcado por ferro em brasa.

Erlend não era pessoa para reflectir, dizia Simão consigo. Não se sabia muito bem em que conta se havia de tê-lo. Nas conversas estava longe de ser tolo, mas parecia incapaz de tirar partido dos belos pensamentos que exprimia. Como imaginar que esse homem estava às portas da velhice e podia ser avô há muito tempo?

Ao observá-lo de perto viam-se-lhe algumas rugas na cara e um ou outro fio branco entre os cabelos; contudo, quando Nikulaus e ele estavam juntos, pareciam mais dois irmãos do que pai e filho.

Erlend conservava-se tão esbelto como na época em que Simão o encontrara pela primeira vez. A voz não era menos fresca e sonora. Em sociedade mostrava sempre o mesmo ar desprendido e seguro de si, com aquela graça um pouco distante que lhe era peculiar.

Continuava reservado e pouco palrador no meio de estranhos; tanto na prosperidade como na desdita gostava mais de ser desejado do que aborrecido. Mas não mostrava perceber agora que ninguém lhe procurava a companhia... Não existia um proprietário, um camponês, que não quisesse mal a esse senhor de Nidaros, atirado para aquela terra pela má sorte, e que, todavia, se achava demasiadamente bem nascido e distinto para conviver com eles.

E, além disso, Erlend Nikulaussoen arrastara na sua ruína a família de Sundbu. Era o que, mais do que o resto, sublevava os espíritos contra ele. Guttorm e Borgar, os filhos, estavam exilados, e a sua parte dos imensos haveres de Gjesling, assim como a metade das terras que possuíam por direito de herança, haviam sido confiscadas pela Coroa.

Ivar de Sundbu teve grande dificuldade em entrar em acordo com o rei Magnus. Como este dera os bens confiscados — não sem indemnização, dizia-se — ao cavaleiro Sigurd Erlendsoen, Eldjarn, Ivar e Haavard, os dois filhos mais novos de Trond, que ignoravam a traição dos irmãos, venderam o que lhes competia das terras de Vaage a Sigurd, primo deles e das filhas de Lourenço. A mãe do cavaleiro, Budrun Ivarsdotter, era irmã de Trond Gjesling e de Ragnfrid de Joerundgaard. Ivar Gjesling foi morar para Ringheim, em Toten, num domínio que pertencia à mulher. Os filhos acabariam por se sentir bem na região onde viviam os parentes maternos e onde se encontravam os bens hereditários.

Haavard possuía ainda muito maiores propriedades, mas estavam situadas em Valdres; com o casamento adquirira importantes domínios em Borgesyssel.

Para a gente de Vaage e do Nordal era uma grande infelicidade ver aquela antiga família de magistrados separada de Sundbu, onde, desde tempos remotos, vivera com grande brilho.

Sundbu ficara durante algum tempo nas mãos de Erlend Eldjarn de Godaland de Agder, fiel bailio do rei Haakon Haakonsoen.

Os Gjeslings nunca tinham sido grandes partidários do rei Sverre e da família deste, e haviam acompanhado o duque Skule logo que ele revoltara o povo contra o rei Haakon. Mas Ivar, o moço, tinha recuperado Sundbu, fazendo uma troca com Erlend Eldjarn, ao qual deu em casamento a filha mais velha, Gudrun. O filho de Ivar Trond não tinha de maneira nenhuma honrado a família, mas os seus quatro filhos eram belos rapazes, sociáveis e destemidos, e ninguém sentia satisfação em vê-los privados do domínio dos seus avós.

Antes de Ivar partir aconteceu uma desgraça que fez com que lamentassem ainda mais a triste sina dos Gjeslings.

Guttorm não era casada, mas a esposa juvenil de Borgar morava sempre em Sundbu. Dagny Bjarnesdatter fora, em todos os tempos um tanto fraca de espírito. Mostrara abertamente a paixão que tinha pelo marido, homem formoso, mas devasso.

No Inverno seguinte à sua saída da terra, Dagny deixou-se cair num buraco do gelo que cobria o lago. Quiseram fazer acreditar um acidente, mas todos perceberam que o desgosto e as saudades haviam tirado a Dagny o pouco juízo que possuía, e lastimaram sinceramente aquela mulher simples, amável e bonita, que tivera tal morte.

A aversão contra Erlend Nikulaussoen, causador de tantas desgraças nas melhores famílias do país, chegou então ao cúmulo.

E comentavam o seu procedimento por ocasião do enlace com a filha de Lourenço Bjoergulfsoen. Não era ela também uma Gjesling pelo lado da mãe?

O novo senhor de Sundbu foi detestado, embora ninguém tivesse algo de especial a censurar-lhe. Era, porém, de Agde. O pai criara inimigos em todos aqueles que tiveram negócios com Erlend Eldjarn.

Cristina e Ramborg nunca tinham visto esse primo. Simão travara conhecimento com Sigurd em Raumarike. Era parente dos filhos de Haftor, os quais partenciam à família da mulher de Gyrd Darre.

Mas, depois de todas aquelas histórias confusas, Simão evitava o mais possível encontrar-se em presença do cavaleiro Sigurd. Já não tinha coragem de voltar a Sundbu, pois dedicava grande amizade aos filhos de Trond; a mulher de Ivar, a de Borgar e Ramborg costumavam, todos os anos, passar uns tempos em casa ora duma ora doutra. O cavaleiro Sigurd era muito mais velho do que Simão. Devia ter perto de sessenta anos.

Eis o motivo por que, na opinião de Simão Darre, a instalação de Cristina e de Erlend em Joerundgaard complicava bastante as coisas, sem que o casamento do administrador tornasse a situação

mais fácil, mesmo se esse casamento, em si, não fosse realmente desastroso.

Em geral, Simão não ia perturbar a esposa com confidências a respeito dos seus aborrecimentos ou dificuldades. Mas, nesse dia, não pôde deixar de falar de tudo aquilo a Ramborg. Ficou surpreendido e feliz ao verificar que ela patenteava muita sensatez e grande desejo de fazer todo o possível por auxiliar Cristina e a família. Foi visitar a irmã com maior frequência do que antes e já não mostrou antipatia por Erlend. Quando se encontraram no adro da igreja, depois da missa do dia de Natal, Ramborg beijou não só a irmã mas também o cunhado — ela, que, antigamente, sempre escarnecera dos costumes estrangeiros de Erlend, que beijava a mãe de cada vez que a vinha cumprimentar.

Ao ver Ramborg abraçada ao pescoço de Erlend, Simão ficou obcecado pela ideia de que poderia fazer o mesmo com Cristina. Mas não, era impossível!

Ele, aliás, nunca tinha adoptado o uso de beijar as mulheres da família. A mãe e as irmãs bastante haviam zombado de Simão quando este tentara fazer isso ao entrar em casa, no tempo em que era soldado do rei.

No banquete do Natal, Ramborg conduziu a juvenil esposa de Ulf Haldorsoen para um lugar de honra, e testemunhou-lhe toda a consideração devida a uma recém-casada. Ramborg compareceu também em Joerundgaard na ocasião do parto de Jartrud, que teve um nado-morto dois meses antes do prazo.

Jartrud foi acometida de verdadeira crise de furor: se adivinhasse o que ia acontecer não teria casado com Ulf. Mas o passo estava dado, não podia retroceder.

O que Ulf pensava de tudo isso ninguém soube. Não disse palavra sobre o assunto.

A meio da Quaresma, Erlend Nikulaussoen e Simão Andressoen foram juntos a Kvarn. Alguns anos antes da sua morte, Lourenço comprara um escasso domínio naquela região, de acordo com outros camponeses. Agora, os que possuíam por herança essas terras isentas de privilégios senhoriais desejavam fazer uso do seu direito de extinção de foro. Mas subsistia uma dúvida quanto à

legalidade do caso, e não se sabia se a família dos vendedores tinha feito valer os seus direitos conforme a lei. Quando da partilha dos bens de Lourenço, esse domínio — e outros mais insignificantes, cuja propriedade podia dar matéria a processo — fora posto de parte. As duas irmãs dividiam entre si as rendas daqueles campos. E eis a razão por que os dois cunhados, como representantes das respectivas consortes, tinham vindo nesse dia a Kvarn. Encontraram aqui muita gente, e, como a mulher e os filhos do rendeiro estavam doentes, deitados na sala, os homens tiveram de se contentar com um velho celeiro para ponto de reunião. Era uma casa já desconjuntada e cheia de fendas, por onde entrava o frio. Os homens conservaram a peliça e todos tinham a sua arma ao alcance da mão. Ninguém pensava em demorar-se ali mais tempo do que o estritamente necessário, mas precisavam de comer qualquer coisa antes de se irem embora. Por volta do meio-dia, quando as dliberações finalizaram, cada qual pegou no seu saco de provisões e colocou-o diante de si, no chão, ou ao lado, em cima dum banco. Não existia mesa no celeiro.

Holmgeir Moisessoen tomara parte nas discussões, como substituto do pai, pároco de Kvarn. Era um rapaz tagarela e de carácter pouco firme. Não gostavam dele, mas estimavam bastante o pai; a mãe pertencia a boa gente. Holmgeir era indivíduo alto, forte e colérico, sempre pronto para o pugilato. Por isso ninguém se metia com ele. Mas havia quem o considerasse inteligente e espirituoso.

Simão conhecia-o pouco, e achava-lhe um físico antipático. Possuía cara ossuda, cheia de sardas. O lábio superior, muito curto, deixava ver os dentes amarelos e lustrosos como os dum rato.

Mas Sira Moisés havia sido amigo de Lourenço, e, antes de aquele haver reconhecido Holmgeir como filho, este fora recolhido em Joerundgaard, um tanto na qualidade de criado, um tanto como filho adoptivo. Por consequência, Simão, mostrava-se amável para com Holmgeir Moisessoen sempre que o encontrava. O filho do padre puxara um cepo para junto da lareira e, sentado ali, enfiava pedaços de tordo assado e de toucinho na ponta da faca e aquecia-os à chama. Como estivera doente, pedira quinze dias de dispensa de jejum — explicou ele aos outros, que mastigavam pão duro e peixe

seco, enquanto o cheiro dos petiscos de Holmgeir lhes chegava ao nariz.

Simão estava mal disposto; não se sentia precisamente irritado, mas um pouco rabugento e abatido.

Aquele negócio não seria fácil de deslindar, e os manuscritos que herdara do sogro não eram nada explícitos. Contudo, no percurso para Kvarn, julgara haver encontrado uma boa solução, depois de comparar os diversos documentos. Mas, aqui, ao ouvir as declarações das testemunhas, e ao ler os escritos trazidos pelos outros, parecia-lhe que o seu ponto de vista não tinha fundamento, embora ninguém visse mais claro, e o bailio ainda menos do que qualquer outro.

Pensavam em apresentar o assunto à Assembleia, quando Erlend tomou a palavra e pediu que lhe mostrassem todos os documentos. Até aí estivera sentado, a escutar, como se não tivesse nada com o caso. Pareceu de súbito acordar, e pôs-se a ler e a reler com a máxima atenção os diversos manuscritos.

Depois, explicou tudo com clareza e precisão: eis o texto da lei, eis como o interpretavam geralmente. As frases pouco claras ou supostas deviam querer dizer isto e aquilo. Se o processo fosse apresentado na Assembleia, julgariam de tal e de tal forma.

A seguir, Erlend propôs uma solução, de que os proprietários por direito de herança só tinham que se felicitar, mas que também não era desfavorável aos donos actuais. Erlend conservou-se de pé enquanto falou, com a mão esquerda apoiada no punho da espada e a direita a segurar com negligência o rolo de pergaminhos.

Pela sua atitude dir-se-ia ser ele quem dirigia o debate, mas Simão sabia que o cunhado não pensava em semelhante coisa. Era assim que falava quando exercia as funções de juiz. Dirigia-se aos outros, perguntando se o caso se passara realmente desta ou daquela maneira, ou se compreendiam o que acabara de explicar. Parecia interrogar testemunhas num tribunal, em tom cortês, mas como se estivesse ali para inquirir e o auditório para responder.

Quando acabou, entregou os documentos ao bailio como se este fosse um criado e sentou-se então. Enquanto a assistência discutia

e Simão dizia de sua justiça, Erlend escutava com ar de quem não se interessava pelo assunto. As suas respostas eram breves, claras e explícitas quando os outros se lhe dirigiam, mas não cessava de limpar com a unha uma ou outra nódoa de gordura na manga do casaco, de compor o cinto ou de brincar com as luvas. Parecia esperar com impaciência o fim da conversa.

Os homens detiveram-se na solução proposta. Simão deveria ficar satisfeito com isso. Nunca obteria tanto, por sua parte. Mas estava de mau humor. Ele mesmo se achava tolo em sentir-se vexado pelo facto de ser o cunhado a regularizar a questão, e não o próprio. Era muito natural que Erlend soubesse interpretar melhor a lei e explicar os textos obscuros, visto ter sido juiz durante anos.

Mas a intervenção de Erlend fora tão inesperada! Na véspera à noite, em Joerundgaard, quando Simão falara da reunião a Cristina e a Erlend, este nada dissera; decerto nem dera atenção. Evidentemente que conhecia melhor a lei do que qualquer camponês, contudo dir-se-ia que nada tinha a ver com as normas legislativas que explicava aos outros com amável benevolência. Simão sentia confusamente que nunca Erlend tomara a lei para fio condutor da sua vida.

E como era estranho vê-lo erguer-se assim diante de todos sem o menor embaraço! Não sabia Erlend que, fazendo isso, os incitava a lembrarem-se do que fora antes e o que era agora? Simão percebia que os outros pensavam nisso, e mais dum se irritava, sem dúvida, contra aquele homem que nunca se preocupara com a opinião que tinham dele. Aliás, ninguém disse nada, e quando o escrivão do juiz, roxo de frio, se sentou e colocou sobre os joelhos a escrevaninha, Erlend ditou-lhe o texto, enquanto brincava com uma palha que apanhara do chão e que enrolava em volta dos dedos esguios e morenos. Logo que o homenzinho acabou de escrever, entregou o pergaminho a Erlend. Este lançou fora o anel que fabricara com o pedacinho de palha, pegou no manuscrito e leu em voz alta:

«Simão Andressoen, de Formo, Erlend Nikulaussoen, de Joerundgaard, Vidar Stenissoen, de Klaufastad, Ingemund e Torald Bjoernscenner, Bjoern Ingemundsoen, de Lundar, Alf Einorsoen,

Holmgeir Moissessoen, saúdam, em nome do Senhor, todos aqueles que vêem e entendem o que aqui está escrito.

— O lacre está pronto? — perguntou ao escrivão, que soprava os dedos gelados.

«Levamos ao vosso conhecimento, que, no ano da graça de mil trezentos e trinta e oito, na sexta-feira anterior ao segundo domingo da Quaresma, nos reunimos em Crauheirm, paróquia de Kvarn...

— Podíamos ter trazido a arca que está no outro compartimento; servia-nos de mesa — disse ele voltando-se para o bailio e devolvendo o pergaminho ao escrivão.

Simão recordava-se do tempo em que Erlend vivia no Norte, no meio da sociedade a que pertencia. De facto, mostrava-se seguro de si mesmo e muito à vontade — sabia muito bem o que fazia! —, mas as suas maneiras eram sempre cheias de sedução e encanto. Não parecia nada indiferente à opinião que podiam ter dele os seus iguais e amigos. Pelo contrário, empenhava-se na sua boa reputação.

O azedume invadiu a alma de Simão, que, de repente, se sentiu ligado àqueles camponeses a quem Erlend não dava importância nenhuma.

Por causa de Erlend é que estava excluído da roda dos nobres e dos cortesãos. Claro que já era alguma coisa ser o rico senhor de Formo, mas Simão não podia esquecer que voltara as costas às pessoas do seu meio, aos parentes e amigos da época da mocidade, pelo facto de haver representado junto deles o papel de mendigo e de já não ter coragem de os tornar a encontrar. Só pensar nisso fazia-lhe mal.

E por causa desse cunhado tinha ele, por assim dizer, traído a fidelidade ao seu rei, saído das fileiras de soldados. Despojara-se tão cruelmente por Erlend que a recordação do passado lhe parecia pior do que a morte.

E Erlend falava-lhe como se nada compreendesse, como se de nada se lembrasse. Pouco se lhe dava haver ou não estragado a vida de outro...

Mas, agora, Erlend dirigia-se-lhe:

— Temos de nos pôr a caminho, Simão, se quisermos chegar a casa esta tarde; vou buscar os cavalos.

Simão ergueu os olhos, e a presença do cunhado, tão esbelto e formoso, despertou nele uma curiosa sensação de ódio doentio.

Sob o capuz, Erlend tinha um barrete justo de seda negra amarrado debaixo do queixo. O rosto estreito e moreno, com os seus olhos azuis e límpidos profundamente enterrados, parecia ainda mais novo emoldurado por aquela faixa preta...

— E fecha o meu saco enquanto eu vou lá fora — recomendou Erlend já no limiar da porta.

Os outros homens discutiam ainda o caso dos domínios.

Era realmente singular que Lourenço houvesse sido tão pouco previdente, ele que fora a pessoa mais atilada em tudo o que respeitava a compra e venda de terras...

— Meu pai é que é o culpado, disse Holmgeir, o filho do padre. O próprio mo disse esta manhã. Se tivesse prestado atenção ao que Lourenço dizia naquele tempo, tudo seria claro e fácil. Mas todos vós sabeis como Lourenço era com os padres... Sempre dócil e manso como um cordeiro.

— Contudo, Lourenço soube bem ocupar-se dos seus interesses em Joerundgaard, pelo que se via — opinou um dos outros.

— Mas só fazia o que os padres diziam — insistiu Holmgeir, com uma risada —: e talvez assim é que deva ser, mesmo nas coisas temporais, para não irem atacar o bocado que a Igreja escolheu.

— Lourenço sempre foi extremamente piedoso — observou Vidar. — Não olhava a despesas quando se tratava da Igreja ou dos pobres.

— Não! — exclamou Holmgeir com ar invejoso. — Se eu fosse tão rico como ele talvez também gostasse de consagrar parte dos meus haveres à salvação da alma... Mas, depois de gastar à larga, como Lourenço fazia, nunca voltaria para casa com os olhos vermelhos e muito pálido por ter confessado os meus pecados aos padres. E pensar que Lourenço se confessava todos os meses!

— As lágrimas do arrependimento são uma dádiva do Espírito-Santo, Holmgeir — disse o velho Ingemund Bjoernsoen. — Feliz

daquele que pode chorar neste mundo os seus pecados, porque entrará mais fàcilmente no céu.

— Nesse caso, Lourenço deve estar no céu há muito tempo, a avaliar pela maneira como chorava e mortificava a carne. Na Sexta-feira Santa metia-se no celeiro e açoitava-se com uma correia, segundo me disseram.

— Cala essa boca! — exclamou Simão Andressoen, trémulo de furor e com os olhos injectados de sangue.

Holmgeir diria a verdade? Em todo o caso, quando Simão regulara os negócios do sogro, descobrira no fundo de um armário uma caixinha oblonga de madeira, e, dentro dela, uma dessas correias que nos conventos são designadas por *disciplinas*. As tiras de couro entrançado tinham manchas acastanhadas que podiam ser de sangue. Simão queimara a disciplina com desolada veneração. Penetrara num segredo da vida de Lourenço e que este quisera esconder de todos.

— Com certeza que não falava disso aos criados, e muito menos a ti — disse Simão depois de retomar um pouco de serenidade. — Essa história não passa de pura invenção.

— Nada disso. Surpreenderam-no, muito simplesmente — respondeu Holmgeir em tom conciliador —; no entanto não precisava de se castigar daquela forma para ser perdoado dos pecados que fizera. Se eu tivesse vivido tão cristãmente como Lourenço Bjoergulfsoen, e se, ainda por cima, fosse casado com aquela desenxabida Ragnfrid Ivarsdatter, mais depressa chorava pelos pecados que não cometera.

O homem gracejava, mas Simão deu um pulo e assentou tal murro na boca de Holmgeir que este tombou de costas, de encontro à lareira. Na queda deixou cair o punhal, mas apanhou-o logo e quis atacar com a arma o adversário. Simão, protegendo-se com o braço envolvido na capa, agarrou no pulso de Holmgeir tirou-lhe o punhal, enquanto o filho do padre lhe dava socos na cara. Então aquele segurou nos dois braços de Holmgeir, mas o homem mordeu-lhe a mão.

— Agora dás dentadas, perro!

Simão largou-o, recuou vivamente alguns passos e desembainhou a espada. Caiu sobre o outro com tamanha violência que o corpo do moço se arqueou para trás — a espada enterrara-se-lhe duas polegadas no peito — e ele tombou pesadamente no lume.

Simão arremessou a espada e ia retirar Holmgeir do fogo quando viu por cima da sua cabeça o machado de Vidar. Abaixou-se de lado, retomou a arma, conseguiu desviar a do bailio Alf Einarsoen, rodou sobre si mesmo, teve outra vez de fugir de Vidar e do seu machado. Lançou, entretanto, uma olhadela por cima do ombro e viu os filhos de Bjoern e Bjoern de Lundar que o visava com a ponta da lança do outro lado da lareira. Então repeliu Arm para a parede oposta; nesse momento, Vidar voltava a atacá-lo pelas costa, depois de haver tirado Holmgeir do lume. Estes dois eram primos. Os homens de Lundar surgiram também à direita. Simão estava exposto por todos os lados, e, enquanto fazia o impossível para salvar a vida, sentia um espanto doloroso por vê-los todos ligados contra ele...

Instantes depois a espada de Erlend brilhou entre Simão e os homens de Lundar. Torald cambaleou e foi de encontro à parede. Rápido como um relâmpago, Erlend passou a espada para a mão esquerda e bateu na de Alf, que tombou no chão com grande estrépito; com a mão direita, agarrou na ponta da lança de Bjoern e torceu-a.

— Põe-te a andar! — gritou a Simão, sempre a combater.

Simão cerrou os dentes e correu para o fundo da casa em perseguição de Bjoern e de Ingemund.

Erlend seguia-o de perto e gritava no meio da luta e do tinir das armas:

— Sai, imbecil, ouve o que te digo! Dirige-te para o lado da porta! Temos de fugir!

Logo que Simão compreendeu a intenção de Erlend, retirou-se aos recuões, sem deixar de combater, até à porta do celeiro.

Atravessaram a entrada numa corrida e encontram-se no pátio, Simão um pouco mais afastado da casa, Erlend junto da porta, com a espada meio erguida e a cara voltada para os adversários, que se precipitavam para fora.

Num momento, Simão ficou como que deslumbrado. O dia estava tão luminoso, tão claro! Sob o céu azul a alva montanha tomava, aos derradeiros raios de Sol, um reflexo dourado; a floresta arredondava-se, parecia esmagada pela neve e pela geada, a cerca cintilava de mil pedras preciosas...

Simão ouviu que Erlend dizia:

— A desgraça não ficará remediada com maior número de mortos. Devíamos ter juízo, criaturas de Deus, e acabar com derramamentos de sangue; já é de lastimar que meu cunhado haja matado um homem!

Simão pôs-se ao lado de Erlend.

— Mataste sem razão o meu sobrinho, Simão Andressoen — disse Vidar de Klaufastad, que estava à frente dos outros na abertura da porta.

— Não foi sem razão, mas bem sabes, Vidar, que não fugirei à obrigação de pagar pela desgraça que vos causei. Sabeis todos onde me encontrar.

Erlend falou ainda uns momentos com os camponeses.

— Como está o rapaz? — perguntou ele, entrando com os outros no celeiro.

Simão ficou no pátio, absolutamente atarantado. Erlend saiu pouco depois.

—A cavalo! — gritou, dirigindo-se para a estrebaria.

— Morreu? — indagou Simão.

— Morreu, e Alf, Torald e Vidar estão feridos, mas sem gravidade. Holmgeir tem os cabelos todos queimados na parte detrás da cabeça! — E, de repente, Erlend desatou a rir. — Agora é que o celeiro cheira a tordo grelhado, podes crer!... Como diabo surgiu tão grande altercação durante a minha curta ausência?

Um rapazinho trouxe os cavalos. Nenhum dos dois cunhados se fizera acompanhar de escudeiro... Conservavam na mão a espada desembainhada. Erlend enxugou o sangue da lâmina com um punhado de feno. Simão fez o mesmo, de maneira sumária, e guardou a espada na bainha.

Erlend limpou a sua com toda a minuciosidade; para finalizar esfregou-a numa ponta da capa. Depois, manejando a arma,

deu alguns passos. Teve então um sorriso fugitivo, como se se recordasse de qualquer coisa, e atirando a espada ao ar apanhou-a pelos copos e meteu-a na bainha.

— E as tuas feridas, Simão? Vamos entrar em casa para eu as pensar.

Simão protestou que não era nada.

— Também estás a sangrar!

— Não tem importância; em mim, tudo sara com facilidade. Tenho notado que nas pessoas gordas os ferimentos levam mais tempo a cicatrizar.

—E com este frio! Temos de fazer um percurso tão comprido!

Erlend pediu manteiga e tiras de pano ao rendeiro e pensou com todo o cuidado as feridas de Simão. Este apresentava duas incisões no lado esquerdo do peito; embora vertessem muito sangue, não eram graves. Erlend recebera na coxa um golpe causado pela lança de Bjoern.

— Vais ter dificuldade em montar — disse Simão.

O outro soltou uma risada.

— A picada quase não penetrou além dos calções de cabedal...

Untou um pouco a ferida e ligou-a muito bem.

O frio era de rachar pedras. Antes de eles chegarem ao sopé da colina já a orla de pele do capuz estava inteiramente branca e os cavalos cobertos de geada.

— Ui! Quem me dera achar-me em casa! — dizia Erlend a tiritar. — Mas devemos passar na herdade de baixo. Tens de te acusar de assassínio.

— É assim tão urgente? — perguntou Simão. — Falei disso a Vidar e aos...

— É preferível que tu próprio comuniques a notícia. Não dês ocasião a que caiam sobre ti...

O Sol desaparecia por trás das serras. A sombra do lusco-fusco começava a estender-se por toda a região, mas ainda se via claro. Os cavaleiros contornaram um ribeiro. As bétulas que o marginavam estavam ainda mais pesadas de geada do que as árvores do bosque. A atmosfera ressumava humidade.

Erlend resmungou algumas palavras impacientes contra o frio terrível e contra a interminável viagem a cavalo.

—Ao menos não tens a cara entorpecida, Simão?

Dizendo isto, inclinou-se com expressão inquieta a fim de observar o rosto do companheiro encafuado no capuz.

O outro passou a mão pela cara. Não estava entorpecida mas mostrava-se lívida, o que a desfeava, pois a palidez punha-lhe manchas cinzentas nas feições rudes e avermelhadas e a pele parecia suja.

— Já viste alguém brandir a espada como Alf? — perguntou Erlend, desatando a rir e abaixando-se para a frente da sela a imitar o movimento do homem. — Aquele tipo nem parece um juiz. Se visses Ulf a jogar à espada! Esse é que sim!

Jogar? Sim, Erlend Nikulaussoen acabara de demonstrar esse jogo. Simão via-se a si próprio, via os outros aos encontrões junto da lareira como labregos que estivessem a rachar lenha ou a voltar feno, e o vulto ágil e rápido de Erlend no meio deles, com o olhar vivo e a mão firme — habituada ao manejo das armas — e os movimentos lestos e rítmicos.

Vinte anos atrás, também Simão era considerado dos bons jogadores de espada, quando se exercitava com os seus companheiros... Mas, desde então, nunca mais tivera oportunidade de usar as suas prendas de cavaleiro...

Oh! Quanto se atormentava por se saber culpado de morte de homem! Não podia desviar o pensamento do corpo de Holmgeir a cair no lume com o impulso da espadeirada que ele, Simão Andressoen, lhe dera! O grito curto e o estertor do moribundo ressoavam-lhe ainda aos ouvidos, e as imagens do combate rápido e furioso passavam-lhe diante dos olhos.

Desanimado, perturbado, não podia consolar-se de que se aliassem contra ele todos aqueles homens, com os quais pouco antes conversara, sentindo-se-lhes ligado. E Erlend tomara-o sob a sua protecção! Nunca Simão julgara poder amedrontar-se! Matara seis ursos desde que vivia em Formo, e de cada vez arriscara afoitamente a vida, sem hesitar. Entre ele e a fera só houve o delgado tronco dum pinheiro. A única arma de que Simão dispunha

consistia numa lança cujo cabo tinha a largura de uma mão travessa. A tensão da luta não lhe perturbara a serena actividade do cérebro, dos sentidos e dos movimentos. Mas... no celeiro? Fora o medo que se apoderara dele? Não suportava a ideia da derrota do espírito.

Quando voltara para casa, depois da caçada ao urso, com o fato em farrapos, ardendo em febre, e extenuado, com um ombro ferido, sentira sòmente uma alegria orgulhosa.

Agora pensava sem descanso no que teria acontecido se Erlend não viesse em seu socorro. Não experimentara medo, não, mas tivera uma sensação bastante estranha. Oh! a expressão de todas aquelas fisionomias á sua volta! E o corpo de Holmgeir a tombar!

Simão nunca fora assassino até este dia. Contudo, aquele cavaleiro sueco que ele matara? Tinha sido no ano em que o rei Haakon combatera contra a Suécia para vingar o assassínio dos duques.

Simão fora enviado em reconhecimento com mais dois homens, chefiados por ele. Era altivo e audacioso nesse tempo. Lembrava-se de haver metido tão profundamente a sua espada sob o elmo de aço do cavaleiro que se vira obrigado a dar-lhe várias voltas para a arrancar dali. No dia seguinte, notara que a lâmina estava cheia de mossas.

Nunca recordava essa façanha sem satisfação — eram oito, os suecos!

Usufruía prazer antecipado da guerra, o que não acontecera a todos os que seguiram o rei nesse ano!

Ao amanhecer reparara que a sua cota de malha fora salpicada pelo sangue e miolos do cavaleiro, e, enquanto a limpava, esforçara-se por tomar um ar modesto.

Mas para quê pensar no pobre diabo do sueco? O que acabara de acontecer nada tinha de comum com aquela aventura. Não o largava o desgosto horrível de haver matado Holmgeir Moisessoen.

E dizer que devia a vida a Erlend! Ignorava o que resultaria daí, mas previa que tudo se ia modificar, agora que ele e Erlend estavam quites.

Sobre esse ponto, ficavam realmente desobrigados. Os dois homens calvagaram um momento em silêncio. Em seguida, Erlend observou:

— Foi estupidez da tua parte não alcançares logo a porta.

— Quando? Antes de haveres saído?

— Não! — percebia-se pela voz que Erlend sorria. — Ainda que... Mas não era a isso que me referia. Queria eu dizer que a porta, tão estreita, não os deixaria passar senão um de cada vez em tua perseguição... É extraordinário como as pessoas recuperam a presença de espírito quando estão ao ar livre! Considero milagre só haver uma morte em toda esta embrulhada.

Informou-se por várias vezes dos ferimentos de Simão. Este disse-lhe que ardiam bastante, mas que não o faziam sofrer muito.

Chegaram pela noite adiante a Formo; Erlend entrou com o cunhado. Aconselhara-o a mandar no dia seguinte um relato dos acontecimentos ao senecal, a fim de obter, o mais cedo possível, autorização para ficar no país.

Erlend ofereceu-se para fazer o relato nessa mesma noite, visto a ferida de Simão lhe dificultar o manejo da pena.

— E amanhã deves ficar na cama, pois é natural que vás ter um pouco de febre...

Ramborg e Arngjerd não estavam deitadas; esperavam por Simão. Por causa do frio haviam-se instalado junto da lareira e, ajoelhadas no chão, em frente uma da outra, tinham, entre elas, um tabuleiro de gamão; ao vê-las assim, dir-se-ia serem duas rapariguinhas.

Simão mal abrira a boca para contar o que sucedera e já a mulher se precipitava para ele e o abraçava, com a face apoiada à do marido. Depois, apertou tão rudemente as mãos de Erlend que este gritou, rindo:

— Nunca supus que tivésseis tanta força nos dedos!

Ramborg quis a todo o custo que o marido passasse essa noite naquele aposento para ela o poder tratar.

Insistia, quase a chorar. Então Erlend propôs-se ficar em Formo e pernoitar no quarto onde Simão dormia se Ramborg

quisesse mandar a Joerundgaard um portador, a fim de prevenir, tanto mais que já era tarde para regressar a casa.

— Só tenho pena que Cristina haja ficado a pé tanto tempo, com este frio! Ela também espera sempre por mim. As filhas de Lourenço são boas esposas.

Enquanto os homens comiam e bebiam, Ramborg, sentada ao lado de Simão, chegava-se cada vez mais para ele; o marido acariciava o braço e a mão da mulher. Estava enternecido e um tanto admirado por tantas provas de solicitude e amor.

Quando os dois cunhados se dirigiram para a cabana de Saemund, onde Simão estabelecera o seu quartel durante a Quaresma, Ramborg acompanhou-os e pôs uma grande caçoula de hidromel a aquecer na pedra que protegia a lareira das correntes de ar.

A cabana de Saemund era uma casa muito velha, com um lar ao centro, mas tranquila e bem vedada: toscamente construída, cada parede consistia em quatro toros.

Não estava ali frio; contudo, Simão lançou no lume um molho de lenha resinosa e mandou o cão deitar-se na cama dele, para a aquecer. Os dois homens puxaram os bancos de encosto para junto da lareira e aí se instalaram com todo o conforto, pois estavam gelados até aos ossos depois daquela viagem, e a refeição pouco ou nada os reanimara.

Erlend escreveu o relato. Feito isso, começaram a despir-se. Como a ferida de Simão se abria sempre que ele movia o braço, Erlend ajudou-o a tirar o fato, desenfiando-o pela cabeça; descalçou-o também. Erlend arrastava um pouco a perna magoada, que a longa caminhada enteiriçara; mas não tinha importância, dizia ele.

E sentaram-se outra vez, meio despidos, perto do lume quase extinto. Sentiam-se ali tão bem, tão quentes, e havia ainda tanto hidromel na caçoula!

— Estás a tomar o caso muito a peito, Simão — disse Erlend. — Aquele Holmgeir não era indivíduo de grande valor.

Sira Moisés não será dessa opinião — replicou o outro, lentamente. — Padre tão bom e venerável!

Erlend inclinou a cabeça com ar grave.

— É aborrecido arranjar um inimigo num homem desses, sobretudo se ele não mora longe de nós. Tenho muitas vezes negócios para essas bandas.

— Pois sim, mas um acidente deste género pode acontecer a qualquer de nós. Condenar-te-ão, sem dúvida, a pagar dez ou doze marcos de ouro. Como sabes, o bispo Halvard é severo quando confessa um homem culpado de acto violento, e o pai do rapaz é um dos padres da diocese. Mas acabarás por sair bem de todas as maçadas.

Simão não retorquiu, e Erlend continou:

— Eu, decerto, também vou ter de pagar multa por inflicção de feridas... — sorriu, com o olhar distante — e já nada possuo na Noruega além do domínio nos Dofrines.

— Que tamanho tem a propriedade de Haugen? — perguntou Simão.

— Não me lembro muito bem, seria preciso verificar na escritura de venda. Mas as pessoas que exploram a terra só acusam um pouco de feno como rendimento. Ninguém quer morar lá, as casa estão a cair em ruínas, segundo consta. Sabes que o povo pretende que a alma de minha tia e a de Bjoern passeiam por lá?... Enfim, o meu trabalho de hoje valerá, pelo menos, os elogios de minha mulher. Cristina estima-te como se fosses seu irmão.

Um sorriso imperceptível entreabriu os lábios de Simão, que estava sentado na sombra. Recuara um pouco o banco e, com a mão, resguardava os olhos do calor do lume. Erlend, pelo contrário, gostava de calor como um gato. Chegara-se para o brasido e, encolhido num canto do assento, tinha um braço apoiado no encosto do banco e a perna ferida estirada para o lado oposto.

— De facto, ela mostrou-se bastante gentil para comigo no começo do Outono — disse Simão, passados momentos; havia certo ar de mofa na sua voz. — Quando o meu pequeno esteve doente, Cristina fez-me ver que era imã devotada — acrescentou ele, gravemente. Em seguida, retomou o tom escarninho: — Agora, Erlend, cumprimos a promessa que fizemos, quando pusemos a

nossa mão na de Lourenço, de sermos um para o outro como dois irmãos.

— É verdade — retorquiu Erlend com candura. — Sinto-me contente com o meu trabalho de hoje, meu caro Simão.

Conservaram-se um instante calados.

Então Erlend estendeu uma mão hesitante para o lado de Simão. Este agarrou-a; os dois apertaram-se os dedos com violência, a seguir deixaram cair outra vez as mãos e cada qual se encolheu no banco com ar constrangido.

Erlend acabou por quebrar o silêncio. Estava sentado, com o queixo apoiado na mão e olhos fitos no lume, onde se viam as derradeiras e pequeninas chamas vacilantes: bailavam um pouco e depois morriam sobre as achas carbonizadas que se esboroavam com débeis suspiros. Daí a pouco só restavam carvões negros e algumas brasas de toda aquela labareda.

— Mostraste tanta nobreza para mim, Simão Darre; creio que poucos homens haveriam iguais a ti. Eu... não esqueci.

— Cala-te! Só Deus pode saber o que se passa no coração humano — murmurou Simão com voz sufocada pela angústia e pela dor.

— É verdade — respondeu Erlend em tom igualmente baixo — e nós todos precisamos da Sua indulgência. Mas o homem julga o homem pelos seus actos, e eu... eu! Deus te recompense, Simão!

O silêncio recaiu pesadamente; eles nem ousavam mover-se, envergonhados da comoção que sentiam.

De súbito, Erlend deixou tombar a mão sobre o joelho. Brilhou uma rápida centelha da pedra encastoada no anel que ele usava no indicador da mão direita. Simão sabia que Cristina lhe oferecera esse anel no dia em que o marido saíra da prisão.

— Lembras-te, Simão, do velho ditado, disse Erlend a meia voz —: Muitas vezes cabe a um homem o que estava destinado a outro, mas ninguém pode obter o carácter e os dons doutra pessoa.

Simão levantou a cabeça, num brusco impulso. Lentamente o sangue lhe subiu à cara e as veias da testa apareceram-lhe como uma rede de cordas escuras.

Erlend fitou-o um instante; a seguir, desviando o olhar, corou também. Esse rubor, delicado como o duma donzela, espalhava-se-lhe pela pele morena, enquanto ele ficava silencioso e desconcertado, com a boca um pouco entreaberta, uma boca de criança.

Simão pôs-se de repente em pé e aproximou-se do leito.

— Preferes, decerto, dormir na beira?

Tentava falar naturalmente, mas a voz tremia-lhe.

— Não, faz como quiseres — respondeu Erlend com brandura.

Levantou-se também.

— E o lume? Devo abafá-lo? — indagou, agarrando na pá.

— Não, deixa lá isso e vem dormir — respondeu Simão; o coração batia-lhe com tanta força que ele quase não podia falar.

Erlend meteu-se, silencioso como uma sombra, debaixo dos cobertores, na beirinha da cama, e conservou-se imóvel e calado como um bicho da floresta. Simão sentia grande mal-estar por saber que o outro estava a seu lado na cama.

V

TODOS os anos, na semana da Páscoa, Simão convidava as pessoas daquela região a banquetearem-se em sua casa. Chegavam a Formo no terceiro dia, depois da missa, e ficavam até quinta-feira.

Cristina não era grande apreciadora dessas recepções. Simão e Ramborg, pelas suas risadas e contentamento, pareciam achar que quanto mais algazarra e barulho houvesse melhor era a festa. Simão pedia aos convidados que trouxessem os filhos, os criados, a prole destes, enfim, todos os que pudessam acompanhá-los.

No primeiro dia, as coisas decorriam honesta e tranquilamente. Os hóspedes importantes e os mais idosos conversavam enquanto a gente moça os escutava e ia comendo e bebendo. As crianças reuniam-se noutra sala a maior parte do tempo. Mas, ao segundo dia, o dono da casa incitava os mais novos, os solteiros e os pequenos a beberem e a praticarem toda a espécie de loucuras. Então as brincadeiras tornavam-se tão selváticas e audaciosas que as mulheres e as donzelas se refugiavam, alucinadas, nos cantos da casa, onde, em grupos e prontas a fugir, riam à socapa.

A maioria das damas respeitáveis ia para o quarto de Ramborg, onde as mães já haviam instalado os filhos mais pequenos, longe da balbúrdia da sala.

Os homens apreciavam, sobretudo, um jogo que consistia em ler «citações em justiça», acusações, textos da lei ou condenações, empregando termos impróprios ou invertendo a ordem das palavras.

Cteudun Torbergsoen recitava o rescrito do rei Haakon dirigido aos mercadores de Bjoergvin «sobre o preço que deviam pedir

pelos calções de homem, pelos remendos no calçado das mulheres, etc»; mudava, porém, o lugar das palavras, dando-lhe um sentido de descarada obscenidade.

Como remate, cada qual falava à toa.

Cristina lembrava-se da época da sua mocidade, quando o pai não permitia que os gracejos redundassem em zombaria do serviço divino ou das coisas da Igreja. No entanto, Lourenço divertia-se bastante com os convidados, que saltavam para cima das mesas e dos bancos, donde dirigiam toda a espécie de grosserias ao resto da sociedade.

Simão preferia outros jogos. Um jogador, com os olhos vendados, devia encontrar uma faca na cinza, ou então outros dois eram obrigados a agarrar com os dentes um pedaço de bolo de mel que estava dentro duma grande tigela de cerveja. Entretanto, todos os assistentes tentavam fazê-los rir, de sorte que a cerveja esparrinhava para todos os lados. Tratava-se também de apanhar com a boca um anel numa taça de farinha. A sala ficava logo imunda.

Nesse ano, na Páscoa, esteve um delicioso tempo primaveril.

Na quarta-feira, logo pela manhã, surgiu o Sol resplandescente; a seguir ao almoço toda a gente saiu para o pátio. Em vez de fazerem algazarra e grande quantidade de tolices, os moços puseram-se a jogar à péla, a atirar ao alvo, a puxar à corda, para medir forças; depois, jogaram à cabra-cega e organizaram rodas.

Mais tarde, pediram a Geirmund de Krube que tocasse harpa. Todos acorreram para dançar; novos e velhos. A neve cobria ainda os campos, mas o bosque de amieiros, em plena florescência, estava sem uma mancha branca; o Sol derramava a sua luz quente nas encostas despojadas de vegetação. Por toda a parte se ouvia o trinado dos pássaros. Decidiram, depois do jantar, acender uma fogueira ao ar livre, por trás da forja, e cada qual cantou e dançou até altas horas da noite.

Na manhã seguinte os convidados ficaram muito tempo na cama e despediram-se dos donos da casa mais tarde do que era costume.

A família de Joerundgaard era, em geral, a última a partir. Simão persuadiu Erlend e Cristina a demorarem-se até ao outro dia.

Sigrid e o marido deviam, dessa vez, ficar mais uma semana em Formo.

Simão acompanhara até à estrada o último grupo dos hóspedes. Como o seu domínio era lindo à claridade do sol-poente! O senhor de Formo sentia-se bem disposto depois das bebidas e da alegre balbúrdia da festa, enquanto percorria a alameda, de regresso a casa, onde o esperava a doce intimidade dum círculo mais restrito de amigos. Há muito tempo que não tinha o coração tão leve e contente.

Adiante, perto da forja, acendiam outra fogueira; eram os filhos de Erlend, os de Sigrid e as filhas de Jon Dalk. Simão deteve-se junto da paliçada para os ver.

O vestido escarlate de Ulvhild brilhava ao sol; a pequena corria dum lado para outro, à procura de raminhos, que deitava no lume. «Bom, agora lá se estatelou ao comprido!» O pai chamou-a, rindo, mas ninguém o ouviu.

No pátio, duas criadas, encarregadas de vigiar os mais miúdos, tostavam ao sol, sentadas de encontro à parede da casa. Por cima da cabeça delas, a luz da tarde fazia brilhar as vidraças como ouro em fusão. Simão pegou na pequena Inga Geirmundsdatter, levantou-a ao ar e sentou-a no ombro.

— Inga, minha linda garota, canta uma canção!

Mas o irmão dela e André agarraram-se a Simão para que ele os erguesse também.

Simão subiu, a assobiar, a escada que ia ter ao quarto, bastante claro ainda. Taviam deixado a porta aberta. Parecia reinar ali uma felicidade tranquila. À cabeceira da mesa Geirmund e Erlend punham cordas novas na harpa. Entre eles estava pousada a cornucópia de hidromel. Sigrid, deitada na cama, dava de mamar ao filho mais novo. Cristina e Ramborg encontravam-se sentadas perto dela. Havia uma taça de prata sobre o escabelo, ao lado das duas irmãs.

Simão encheu de vinho o seu copo de prata dourada, aproximou-se do leito e bebeu à saúde de Sigrid.

— Vejo que toda a gente, aqui, mata a sede menos tu, minha irmã!

Ela apoiou-se no cotovelo, rindo, e pegou no copo. O nenê soltou gritos agudos porque o estavam a perturbar.

Simão sentou-se no banco; continuava a assobiar sem prestar grande atenção à conversa dos outros. Sigrid e Cristina falavam dos filhos. Ramborg conservava-se silenciosa, entretendo-se com um moinho de vento em miniatura, que pertencia a André. Os homens fizeram ressoar as cordas da harpa e Erlend pôs-se a cantar baixinho. Geirmund entoou a música no instrumento e repetiu o estribilho. As vozes de ambos eram belas. Um momento depois, Simão foi até à varanda e debruçou-se na balaustrada. Dos estábulos saíam mugidos famintos. Se o tempo se conservasse assim, a vida seria menos difícil nesse ano.

De súbito, Cristina aproximou-se. Ele não precisava de voltar-se: não lhe reconhecia os passos leves? Ela chegou e ficou de pé ao lado do cunhado, banhada pelo sol vesperal.

Como era linda e esbelta! Nunca Simão a achara tão bela! E, bruscamente, teve a impressão de que ele próprio pairava naquela luz...

Respirou fundo — era bom viver! Uma alegria quente e forte transbordava-lhe do coração. Cristina era a sua bem-amada. Os pensamentos amargos que o haviam assaltado não passavam de tolices, já meio esquecidas. «Querida, não poder eu valer-te! Para tornar a ver-te feliz daria de boa vontade a minha vida!»

Bem notava que aquele rosto meigo fenecia. Os olhos rodeavam-se de pequeninas rugas. A pele perdera as cores viçosas, era agora menos fina, tisnada pelo sol. Sob esse queimado as faces tinham empalidecido.

Mas, para Simão, ela continuava a mesma. Possuía sempre os seus grandes olhos cinzentos, a boca de linhas serenas, o queixo arrendondado, aquela voz calma e um pouco velada, a mais doce voz que ele jamais ouvira.

Era-lhe agradável vê-la outra vez vestida como convinha a uma dama. O leve manto de seda cobria apenas metade da cabeça, deixando ver as tranças, dum castanho dourado, enroladas por trás das orelhas. Os cabelos tinham agora alguns fios prateados, mas Simão pouco se importava!

Trazia ela um magnífico vestido de veludo azul, orlado de arminho, e tão decotado que nos ombros só existiam duas tiras, como se fossem simples arreios de cavalos. Esse fato ia lindamente a Cristina. Via-se-lhe por baixo um corpete amarelo muito justo, afogado e de mangas compridas. Grande quantidade de botões dourados fechava-lhe a túnica. Simão estava enternecido. Todos aqueles botõezinhos — Deus lhe perdoasse! — alegravam-no como a presença dum bando de querubins!

Sentia as palpitações fortes e regulares do coração. Não se acabavam de se lhe desprender os elos? Os maus sonhos detestados não eram mais do que ilusões nocturnas; o amor desabrochava à luz do dia.

— Porque estás a sorrir e a olhar para mim de forma tão estranha?

O homem pôs-se a rir, brandamente e com ar malicioso, mas não respondeu.

O vale estendia-se em frente deles cheio da névoa flamejante da tarde. Bandos de pássaros chilreavam no bosque. A distância, soou o canto nítido e melodioso do tordo...

E Cristina ali estava junto de Simão, inundada de sol, resplandecente nos seus belos paramentos. Fugira das casas escuras, das caves frias, das pesadas vestimentas que cheiravam a suor...

— Cristina, é bom ver-te assim outra vez. — Pegou-lhe na mão. — Que lindo anel tu tens! — fê-lo girar no dedo e depois deixou cair a mão vermelha e gretada de Cristina.

Como conseguiria ele reparar o mal que haviam feito àquela mãozinha, outrora tão fina e esguia?

— Ali vêm Arngjerd e Gaute — disse Cristina. — Estão sempre a questionar.

Ouviam-se-lhes as vozes agudas e irritadas. A rapariga exclamava em tom azedo:

— Fazes bem em lembrar. Parece-me que é mais honroso para mim ser chamada bastarda de meu pai do que tu seres filho legítimo do teu.

Cristina voltou-se bruscamente e desceu a escada a correr. Simão, que a seguia, ouviu o estalo de bofetadas e viu a cunhada

a sacudir o filho pelos ombros. Os dois jovens, muito corados, baixavam os olhos, calados e teimosos.

— Vejo que não sabes comportar-se em sociedade, Gaute! Não fazes honra a teus pais!

Gaute, sem erguer a cabeça, replicou em voz baixa e colérica:

— Ela disse uma coisa que eu não quero repetir.

Simão agarrou no queixo da filha, obrigando-a a levantar a cara.

Arngjerd ruborizava-se cada vez mais e pestanejava sob o olhar do pai.

— É verdade — acabou ela por confessar, arrancando-se à mão que a retinha. — Lembrei a Gaute que o pai fora condenado como um miserável traidor ao rei, mas antes, ele disse que éreis vós o traidor, que por causa de Erlend é que vivíeis rico nas vossas propriedades.

— Julgava que já eras suficientemente crescida para não dar ouvidos a tolices infantis, a ponto de esqueceres as boas maneiras e os laços de família!

Repeliu com furor a rapariga e, voltando-se para Gaute, perguntou:

— Porque razão, amigo Gaute, pensas que traí teu pai? Já há muito tempo percebo que me queres mal. Agora diz-me: porquê?

— Bem o sabeis!

Simão abanou a cabeça.

Então o pequeno, trémulo, gritou-lhe:

— Aquele documento que abriste na presença de meu pai, na escada, para que ele dissesse que pusera lá o sinete, vi eu esse documento, fui eu quem o levou e queimou!

— Cala-te! — Erlend precipitou-se entre eles. Estava lívido, os olhos chispavam-lhe.

— Não, Erlend. Mais vale esclarecer o caso... O meu nome estava no manuscrito?

— Cala-te! — Furioso, o pai agarrava nos ombros de Gaute. — Confiava em ti, meu filho, merecias que eu te matasse!

Cristina interveio, Erlend largou o pequeno e este refugiou-se junto da mãe.

— Vi os sinetes antes de queimar tudo, pai. Pensava que talvez um dia eu assim vos pudesse prestar serviço.

— Deus te amaldiçoe!

O corpo de Erlend estremecia todo com fortes soluços.

Simão, que também empalidecera, sentiu o sangue afoguear-lhe a cara, de vergonha pelo outro. Não ousava olhar para o lado de Erlend; a humilhação do cunhado doía a ele próprio.

Cristina estava como que pregada ao chão. Com os braços protegia ainda o filho. Mas os pensamentos ordenavam-se-lhe no cérebro com a rapidez dum relâmpago.

Erlend tivera em seu poder, naquela Primavera, o sinete de Simão. Os dois cunhados venderam, em comum, a barraca da praia de Veoey ao convento do Holm. Erlend dissera que isso decerto não era legal, mas não houvera reclamações.

Ele mostrara o sinete a Cristina, acrescentando que Simão podia comprar um mais bem gravado. Os três irmãos tinham mandado reproduzir o sinete do pai, só as iniciais é que diferiam. O de Gyrd era um trabalho mais perfeito, observara Erlend.

Gyrd Darre! Erlend falara com ele nas duas últimas vezes que fora ao Sul! Cristina recordava-se de haver ficado admirada com isso. Erlend, hóspede de Gyrd em Dyfrin? Apenas se tinham visto uma vez quando do casamento de Ramborg. Ulf Saksessoen era cunhado de Gyrd Darre. Ulf tomara parte na conspiração.

— Estás enganado, Gaute — disse Simão com firmeza.

— Simão! — Involuntàriamente, Cristina pegou na mão do marido. — Lembra-te que não és o único possuidor desse sinete!

— Cala-te, também! — Erlend soltou-se da mão da mulher, com uma espécie de grito desesperado, e correu para a estrebaria. Simão seguiu-o, apressado.

— Erlend, era de meu irmão?

— Chama os criados e acompanhai-me todos — gritou Erlend a Cristina.

Simão alcançou-o à porta da cavalariça e agarrou-lhe no braço:

— Erlend, foi Gyrd?

O outro não respondeu e tentou desprender-se As feições singularmente contraídas estavam duma palidez mortal.

— Erlend, responde-me, meu irmão andou metido naquilo?

— Talvez queiras também tingir a espada com o meu sangue — resmungou o cunhado.

Simão viu-o tremer.

— Bem sabes que não. — Largou-o e recuou até á porta.

— Erlend, em nome do Senhor que sofreu a morte por nós, dize-me se é verdade!

Erlend conduzia para fora o cavalo *Soten,* de forma que Simão teve de o deixar passar. Um criado trouxe-lhe a sela e os arreios. Simão pegou neles e mandou embora o homem. Erlend recebeu os objectos das mãos do cunhado.

— Bem, podes dizer-me agora a verdade!

Simão nem mesmo sabia por que motivo insistia daquela maneira, como se se tratasse da sua vida.

— Dize-me, dize-me, peço-te, pelos estigmas de Nosso Senhor!

— Continua a julgar o que pensavas há pouco — retorquiu Erlend, em voz baixa e incisiva.

— Erlend, eu não pensava em nada.

— Sei em que pensavas.

Erlend saltou para a sela. Simão agarrou no freio do cavalo, que se empinou.

— Deixa o animal, ou passo por cima de ti — disse Erlend.

— Então vou perguntar a Gyrd. Amanhã parto para o Sul.

— Ele te dirá a verdade — retorquiu o outro, esporeando *Soten.*

Simão viu-se obrigado a desviar-se. Erlend, partiu numa rapidez louca.

A meio caminho, no pátio, Cristina juntou-se a Simão. Envergara a capa. Gaute seguia-a, trazendo as bagagens, e Ramborg vinha atrás da irmã.

Gaute teve um olhar ansioso e perturbado, e depois afastou-se. Cristina, porém, fitou Simão. Os seus olhos rasgados pareciam negros de cólera e de desgosto.

— Como pudeste acreditar em semelhante coisa de Erlend? Enganar-te-ia assim?

— Não acreditei em nada — ripostou Simão com violência. Só julguei que eram tolices que o garoto contava.

— Simão, não quero que me acompanhes — disse ela em voz baixa.

O cunhado viu que ela estava profundamente magoada e desgostosa.

À noite, quando se encontrou a sós com a mulher, Ramborg disse, de repente, enquanto se despiam:

— Ignoravas aquilo, Simão?

— Sim. E tu, sabias? — interrogou ele, palpitante.

Ramborg aproximou-se, meio despida. A luz da vela iluminava-a; em camisa e corpete, desprendera os cabelos e os caracóis caíam-lhe em volta da cara.

— Claro que eu suspeitava; a atitude de Helga era tão esquisita!

Uma sombra de sorriso crispou-lhe os lábios; ela parecia tiritar de frio.

— Dizia Helga que as coisas se iam modificar na Noruega; os nobres retomariam a superioridade! — Ramborg sorria, com um sorriso repuxado para o lado como se tivesse uma cãibra. — Como nos outros países, seriam cavaleiros e barões... Mais tarde, quando via que tomavam tanto calor em defesa deles—estavas ausente quase todo o ano e nem procuravas vir visitar-me a Ringheim, a mim que vivia em casa dum estranho e que ia dar à luz o teu filho! — pensei que soubesses... que Erlend não era o único em jogo.

— Oh! Cavaleiros e barões! — Simão soltou uma risada curta.

— Nesse caso, agias ùnicamente por amor de Cristina?

Simão olhou para o rosto branco, como que gelado, de Ramborg. Era impossível fingir não perceber o sentido das suas palavras. Com furor desesperado gritou:

— Sim!

Logo a seguir, pensou: «Ela endoideceu e eu também, toda a gente perdeu hoje a razão. Mas é preciso acabar com isto».

— Filo-lo por amor de tua irmã, é verdade — continuou ele, acentuando as palavras — e pelas crianças que não tinham parente mais próximo do que eu. Fi-lo, além disso, por Erlend, visto que devíamos ser como irmãos um para o outro. Não comeces tu também, a desrazoar, porque, por hoje, já chega de loucura nesta casa! — exclamou com rudeza, atirando contra a parede o sapato que descalçara.

Ramborg apanhou-o e mirou a trave para onde fora arremessado.

— É vergonhoso que Torboerg não tivesse a iniciativa de mandar lavar, antes da festa, esta parede tão suja de fuligem. Não me lembrei de lhe dizer.

Limpou o sapato — Simão não possuía outros tão bonitos — pontiagudo e de salto vermelho; depois, foi buscar o outro e arrumou-os no baú da roupa.

Enquanto fazia isto não parava de tremer.

Simão aproximou-se dela e abraçou-a. Ramborg enlaçou o marido com os seus braços franzinos e, sufocando as lágrimas, murmurou que se sentia cansada, cansada.

Quatro dias mais tarde, Simão e o escudeiro tomavam o rumo de Kvarn pela estrada do Norte, debaixo duma borrasca de chuva e de granizo. Por volta do meio-dia chegaram à quintarola situada na estrada real e que fazia as vezes de albergue.

A estalajeira convidou Simão a entrar no quarto onde ela dormia. Na sala só recebiam pessoas insignificantes. Sacudiu a capa de Simão e, enquanto tagarelava, dependurou-a na viga por cima da lareira, a fim de a fazer secar.

— Que tempo! E os pobres dos cavalos! O senhor decerto tivera de tomar o atalho... a travessia do lago era agora impossível... a não ser que se estivesse farto da vida!

A mulher desatou a rir, e os pequenos que a rodeavam imitaram-na. Os mais crescidos trouxeram lenha e cerveja. Os outros acotovelavam-se junto à porta. O senhor de Formo dava-lhes mui-

tas vezes uma ou outra moeda, e, quando regressava de Hamar e trazia presentes aos filhos, guardava qualquer gulodice para os pequenos da estalajadeira.

Agora, porém, parecia não os ver. Sentado no banco, com o busto inclinado para a frente e as mãos sobre os joelhos, contemplava o lume e respondia apenas por monossílabos ao fluxo de palavras da boa mulher. Contava ela que Erlend Nikulaussoen fora nesse mesmo dia a Grauheim, pois os proprietários de terras isentas de direitos senhoriais deviam receber dos antigos donos a primeira prestação da soma fixada pela venda do foro.

— Quereis, senhor, que mande um dos meus filhos avisar Erlend Nikulaussoen, para que façais juntos o percurso do regresso?

— Não, dai-me qualquer coisa para comer porque eu vou-me deitar e dormir um pouco.

Encontraria Erlend cedo de mais. O que tencionava dizer-lhe gostaria que fosse na presença de Gaute; mas era preferível só lhe falar disso uma vez.

O escudeiro Sigurd sentou-se a conversar na cozinha, enquanto a mulher preparava a refeição.

Sim, realmente a viagem fora difícil; o amo parecia um touro furioso desde que saíra de casa. Em outras ocasiões Simão Andressoen apreciava as notícias sobre a terra natal, que o criado apanhava aqui e ali de passagem por Dyfrin. Havia muitas pessoas de Raumarike que estavam ao serviço dele, pois Simão era conhecido pela sua benevolência e feitio generoso; de mãos largas, gracejava com os criados e não se mostrava orgulhoso. Mas, hoje, tudo o que Sigurd conseguira arrancar dele fora: «Cala a boca!...».

O patrão questionara com os irmãos! Nem quisera passar a noite em Dyfrin; pernoitara numa quinta situada mais adiante.

— O cavaleiro Gyrd (é preciso que vos diga que, pelo Natal, o rei armou cavaleiro o irmão de meu amo) o cavaleiro Gyrd veio ao pátio e insistiu com amabilidade para Simão Andressoen ficar lá, mas este quase nem deu resposta. E aqueles senhores fizeram um barulho dos diabos no quarto de cima, pois Ulf Saksessoen e

Gudmund Andressoen também estavam em Dybrin. Era de meter medo!

Simão, que passava em frente da cozinha, deteve-se um momento e olhou para lá. Sigurd apressou-se a explicar que procurava uma marreta e um buril para reparar convenientemente a sela que se estragara.

— Então esses objectos estão na cozinha?— resmungou Simão, afastando-se.

Sigurd meneou a cabeça e olhou para a mulher quando o patrão desapareceu.

Simão recusou o prato de carne e deixou-se ficar sentado, fatigado em excesso para se levantar. No entanto, passados instantes, foi-se deitar na cama, inteiramente vestido e com botas e esporas. Depois, achou-se constrangido; a cama, ainda que de gente humilde, era limpa e boa. Sentou-se na borda e descalçou-se. A fadiga e a lassidão devidas à longa caminhada, no meio de temporal, fá-lo-iam dormir, sem dúvida! Estava encharcado e tiritava enquanto a cara lhe ardia, causticada pelo vento.

Meteu-se debaixo dos cobertores, e virou e tornou a virar as almofadas que cheiravam a peixe.

O sono não chegava. Simão acabou por se soerguer, apoiando-se no cotovelo, e os pensamentos voltaram a rodopiar-lhe no cérebro: como animais aprisionados, tinham andado em roda dele, sem cessar, durante todos aqueles dias.

No caso de Erling Vidkunssoen saber que se tratava da vida de Gyrd e de Gudmund Darre se Erlend Nikulausssoen se descaísse a falar, ele não podia agravar as coisas ao empregar todos os meios para obter o apoio do cavaleiro de Bjarkoe. Pelo contrário. Os irmãos bem mereciam que lutassem por eles até à morte, se tanto fosse necessário. Erling estaria informado do que se preparava?

Simão pesava os prós e os contras. Não poderia ignorar que estava iminente uma revolta? Mas ainda que estivesse ao facto disso, Gyrd e Ulf pareciam não saber se esse homem fora prevenido da comparticipação deles no caso. Contudo, Simão lem-

brava-se de que Erling lhe falara nos filhos de Haftor e lhe aconselhara a pedir o auxílio dos rapazes. Os amigos é que se inquietavam, e os filhos de Haftor estavam aliados a Ulf Saksessoen e a Helga!

Mas, embora Erling Vidkunsoen pudesse julgar que Simão também pensava nos irmãos, isso em nada modificaria o que fizera. Era, também, possível que não acreditasse Simão sabedor do perigo que Gyrd e Ulf corriam, tanto mais que ele próprio dissera ao outro: «Não creio que consigam desatar a língua a Erlend».

E, todavia, possuíam motivos para desconfiar disso.

Erlend, que se soubera calar com a tortura e com a prisão, era muito capaz de se trair mais tarde, em conversa. Não seria de admirar.

Contudo, não seria a única coisa que Erlend não chegaria a fazer? Fechava-se num silêncio de pedra quando falavam do passado, sem dúvida porque temia revelar sem querer os segredos que queria guardar... Simão adivinhava que Erlend devia ter um terror infantil de quebrar as suas promessas. Terror infantil porque tudo dissera à amante, mas essas confidências não lhe manchavam a honra, não tinham importância. Os melhores deixam-se cair nisso, devia ele dizer consigo.

Enquanto não falasse, o seu nome estava sem mácula e a sua promessa inviolada: e Erlend estimava muito a sua honra, tanto quanto compreendia a significação dessa palavra. Não ficara desesperado só com a ideia de que um dos cúmplices podia ser atraiçoado, tanto tempo depois da revolta, quando a indiscrição já não prejudicaria nada os que ele encobrira à custa da sua vida, da sua reputação e dos seus bens, tanto mais que essa indiscrição, proveniente da conversa de uma criança, só chegara aos ouvidos de Simão, o parente mais próximo desses homens?

Se o caso falhasse, ele pagaria por todos — jurara Erlend sobre a cruz na presença dos companheiros de aventura!

Quem diria que indivíduos ajuizados puderam fiar-se em tal juramento! Erlend, certamente, nem mesmo sabia o que fazia.

Agora que conhecia toda a conspiração, Simão pensava que

aquilo fora a maior loucura de que jamais ouvira falar. Erlend antes deixaria que lhe arrancassem os membros do que faltaria ao seu juramento. E, entretanto, o segredo estivera na posse dum pequeno de doze anos, graças ao próprio Erlend. Também não fora por culpa deste que Sunniva Olavsdatter não soubera mais pormenores do caso.

Quem podia entender um homem assim?

Se pudera crer num momento que Erlend e a mulher julgavam que ele crera — essa interpretação dos factos era bem fácil. Gaute viera contar que vira o sinete de Simão Darre na prova da traição; e os senhores de Joerundgaard deviam lembrar-se de que o cunhado sabia muitas coisas acerca de Erlend Nikulaussoen e que, portanto, menos do que qualquer outro, podia ter confiança absoluta no seu hóspede.

Mas era evidente que haviam esquecido há muito tempo como Simão penetrara até ao fundo das suas vergonhosas acções.

Não havia, pois, razão para estar ali humilhado como um cão a quem tivessem batido por haver pensado mal de Erlend. Não procurava fazer dele mau juízo; sentira-se bastante desgostoso por causa disso e seria o primeiro a reconhecer que a suspeita era realmente estúpida, sem a intervenção de Cristina.

Diria consigo: «Os factos não puderam passar-se desta maneira», tão depressa como imaginara Erlend capaz de abusar do sinete dele. A acusação cairia por si. Erlend nunca cometera uma acção feia com premeditação.

Simão agitava-se na cama e gemia. Haviam-no feito meio doido com aquela loucura: era para ele enorme desgosto pensar que Gaute durante anos lhe artibuíra tal vilania.

Mas seria tolice tomar as coisas tão a peito. Se gostava de Gaute, como de todos os filhos de Cristina, devia, no entanto, lembrar-se que este não passava de uma criança cuja opinião pouca importância tinha.

E por que motivo sofria ao pensar naqueles homens que haviam colocado a mão no punho da espada de Erlend, jurando segui-lo como chefe?

Eram, pois, como carneiros para se deixarem deslumbrar por

uma palavra fácil e por uma atitude ousada? Para acreditarem que aquele homem tinha o estofo dum chefe? Não era de admirar que houvessem fugido como carneiros espantados quando a aventura falhara.

Simão sentia vertigens quando se lembrava do que acabara de saber em Dyfrin. Tanta gente que se atrevera a confiar a salvação do país e a sua própria salvação nas mãos de Erlend, de Haftor Olavsoen, e de Borgar Trondsoen — e nem um só tivera coragem de se expor, de exigir do rei que desse a Erlend uma punição honrosa e que lhe entregasse os seus bens.

Eram tão numerosos que, se estivessem reunidos, forçariam o rei a ceder. Ainda existia menos espírito e coragem na nobreza da Noruega do que ele julgara...

Simão atormentava-se também por não o haverem posto ao facto da conspiração; não que conseguissem levá-lo para uma empresa tão insensata, mas destestava pensar que Erlend e Gyrd haviam agido às ocultas dele. Não era tão nobre como os outros e não gozava de tão boa fama no país?

E, apesar de tudo, Gyrd não estivera completamente desprovido da razão. Erlend renunciara ao seu papel de chefe, de tal maneira que não podia exigir que os cúmplices avançassem e se lhe declarassem partidários.

Simão, se encontrasse Gyrd sòzinho, não altercaria com os irmãos. Mas o cavaleiro Ulf, de perna estirada e a expor com todos os pormenores a tolice de Erlend — que despropósito!

Além disso, Gudmund tomara a palavra. Nem Gyrd nem Simão permitiriam, noutros tempos, que o irmão mais novo exprimisse opinião contrária à deles. Mas, desde que casara com essa rameira, que fora primeiro do padre, o rapazola gorducho tomara tal sobranceria! Simão nem podia crer no que ouvira. Gudmund fazia-se importante. A sua cara de lua-cheia assemelhava-se ao traseiro duma criança de mama; apetecia dar-lhe palmadas!

Que respondera Simão, afinal, aos outros três? Já nem sabia. Mas, agora, era a inimizade. Ele tinha a impressão de que sangrava até à morte quando pensava nos laços de família para sempre desfeitos! Sentia-se empobrecido. Desgraçado do homem

que se vê só. Simão estava só, sem nenhum dos irmãos! Fosse como fosse, percebera de repente, no meio da mais violenta altercação, o motivo da atitude rígida e hermética de Gyrd.

Não era devido ùnicamente ao receio que o irmão tinha de perturbar a paz incerta da sua vida conjugal. Não. Gyrd amava ainda Helga: eis o que lhe tirava toda a força, toda a liberdade. A revelação desse amor fora como que uma luz para Simão.

E este sentia-se cheio de furor... contra quem, no fim de contas? Contra a vida inteira.

Escondeu o rosto nas mãos. Gyrd e ele haviam sido filhos obedientes. Ambos tinham, sem esforço, amado as noivas que o pai lhes escolhera.

Certa noite, o velho conversara com eles. Dizia lindas coisas, e os filhos escutavam, tímidos. O pai falava do casamento, da ternura e da fidelidade que deve existir entre esposos dignos e nobres. No fim, pedira orações e missas pela salvação da sua alma.

Era pena que o pai lhes não houvesse dito também como esquecer, quando a amizade se quebra, a honra desaparece e a fidelidade se torna em pecado — secreto e vergonhoso tormento — e que nada resta, de tudo o que estava unido, além duma chaga sangrenta e incurável.

Depois de Erlend sair da prisão, Simão experimentara uma espécie de sossego. Seria porque um homem não pode continuar a sofrer como sofrera em Oslo? Ou surge um acontecimento qualquer ou tudo acaba por serenar.

Já não era o mesmo quando Cristina se intalou em Joerundgaard com o marido e filhos, e que ele teve de voltar a vê-la, de reatar os laços de amizade e de parentesco.

O seu sofrimento fora muito pior no tempo em que se vira obrigado a viver com Cristina, como é insuportável para um homem viver com uma mulher que ele ama, quando essa mulher não é sua esposa nem irmã.

Fazia tábua rasa do que se passara entre ele e Erlend naquela noite em que haviam festejado a libertação do cunhado. Erlend suspeitara apenas disso; pensaria ainda em tal coisa? Possuia tão rara

faculdade de esquecimento! Aliás, Simão tinha o seu domínio, a esposa por quem sentia afeição, os filhos...

Acalmou-se um pouco. Que podia fazer, se amava a irmã da mulher? Cristina fora outrora sua noiva, não havia sido ele quem quebrara a promessa.

Na época em que dera o coração a Cristina, era seu dever amá-la visto que lha haviam destinado para mulher, e, se desposara a irmã, fora culpa de Ramborg e de Lourenço. Este, apesar de tão inteligente, não se lembrara de lhe perguntar se ele esquecera.

É certo que Simão não toleraria nenhuma pergunta desse género, mesmo da parte de Lourenço.

Não tinha feitio para esquecer. Nunca, porém, pronunciara uma palavra que devesse calar, e não era responsável se o Diabo o visitava em pesadelos e sonhos que ofendiam o parentesco. Nunca cedera voluntàriamente aos seus culpáveis pensamentos de amor. Nas suas acções mostrava-se irmão dedicado a ela e à família.

No fim de contas, Simão conseguira andar satisfeito com a sua sorte, enquanto soubera que era ele quem ajudava Cristina e o homem que ela preferia. Sempre tinham sido forçados a recorrer a Simão. Agora, tudo se modificara. Cristina arriscara a vida e a salvação da alma para salvar o filho do cunhado. A antiga ferida não se reabrira quando ele consentira nisso?

Em seguida, Simão devera a existência a Erlend e, como agradecimento, ofendera-o, ainda que em pensamento... No entanto...

«*...et dimitte nobis debita nostra sicut et nos dimittimus debitaribus nostris*». Por que razão o Senhor não nos ensinou também a dizer: «*Sicut et nos dimittimus creditoribus nostris*»?

Simão ignorava se o seu latim era bom. Nunca fora muito forte nessa matéria. Mas sabia que, se perdoava com facilidade àqueles que o ofendiam, lhe era infinitamente mais difícil perdoar aos que lhe haviam posto aos ombros o fardo da gratidão.

Podiam estar quites, ele e os outros dois, mas voltava a florir o velho rancor que ele calcara aos pés durante anos.

Daí em diante não conseguiria deixar de pensar em Erlend, esse imbecil que ignorava tudo, nada via, nada aprendia, que não

sabia recordar-se nem reflectir; impor-se-ia a Simão, justamente porque não se podia adivinhar o que Erlend pensava e de que se lembrava. Era impenetrável. «Muitas vezes cabe a um homem o que estava destinado a outro, mas ninguém pode obter o carácter e os dons de outra pessoa.»

Isto era certo.

Simão amara a primeira noiva. Se a houvesse desposado seria homem feliz; teriam acabado por viver satisfeitos um com o outro. Ela conservar-se-ia tal como era quando se haviam encontrado pela primeira vez: meiga, reservada, sensata. Um homem pediria de boa vontade os seus conselhos, mesmo nas coisas importantes. Talvez fosse obstinada em ninharias, mas submissa quanto ao resto, habituada como estava a deixar-se guiar e amparar pelo pai. E veio aquele indivíduo enfeitiçá-la, um homem que nunca se preocupara com coisa alguma! Violara-lhe a terna virgindade, destruíra-lhe a serena altivez, a delicadeza feminina — obrigara-a a aplicar, ao extremo, todas as faculdades. Fora Cristina quem tivera de se erguer para defender aquele que ela amava! Assim as aves, de corpinhos trémulos, defendem com pios agudos o seu ninho de qualquer aproximação.

Esse corpo encantador e flexível, que parecia feito para ser transportado por braços robustos e protegido de todo o mal, Simão vira-o animado de vontade selvática quando, com o coração palpitante de coragem, de receio e ardor combativo, Cristina lutava pelo marido e pelos filhos. Até a pomba se pode mostrar feroz e destemida quando tem filhos.

Se Cristina tivesse escolhido Simão para marido, se este durante quinze anos lhe provasse o seu honesto desejo de a tornar feliz, também ela faria tudo para o proteger no caso de a desgraça o atingir. Permaneceria ao lado dele, corajosa e previdente. Mas Simão nunca lhe veria esse rosto petrificado que ela tinha nessa noite, em Oslo, quando contara ao noivo haver estado em certa casa... Nunca a ouviria gritar pelo seu nome com tal acento de angústia...

Não fora o puro e honesto amor da sua juventude que respondera a esse grito. Mas uma paixão feroz brotara nele ao apelo

de Cristina. Simão não chegaria a conhecer as possibilidades do seu próprio coração se, com ela, houvesse seguido o caminho indicado pelos respectivos pais.

Oh! A fisionomia que Cristina mostrava ao passar diante dele naquela noite de Outono, quando fora buscar o socorro necessário a André... Não se afoitaria a ir se não fosse mulher de Erlend, habituada a agir com ousadia, mesmo que no íntimo tremesse de pavor.

E o seu sorriso molhado de lágrimas quando o acordou e disse que o pequeno chamava pelo pai! Só pode sorrir assim aquele que venceu mas que sabe o que é ser vencido num combate!

A esposa de Erlend era a amada de Simão. Como ele a amava! Sem dúvida que tal amor era culpável, por isso é que o tornava infeliz. Porque ele se sentia desgraçado. Às vezes admirava-se: de facto não haveria solução para o seu desespero? Quando espezinhara a sua honra e dignidade e lembrara a Erling Vidkunsoen coisas de que nenhum homem honesto falaria nem mesmo em voz baixa, fora por ela, únicamente por ela, e não pelos irmãos. Por Cristina, Simão descera a mendigar como um leproso pedinte às portas das igrejas, descobrindo as chagas horrveis.

Esperava que ela um dia soubesse — não até que ponto se humilhara —, mas, quando ambos fossem velhos, ele talvez pudesse dizer a Cristina: «Ajudei-te quanto pude, porque me lembrava do amor que sentia por ti no tempo em que eras minha noiva».

Havia uma coisa em que não se atrevia a reflectir: Erlend teria falado a Cristina?...

Simão dissera consigo que um dia ela ouviria estas palavras da sua boca:

«Nunca esqueci que te amei quando éramos novos.»

Mas se Cristina já soubesse, se o marido lhe houvesse dito? Seria demais, seria o cúmulo!

Simão queria confessar-lhe isso, daí a muitos anos!

Pensar que descobrira o seu segredo e que Erlend penetrara no que ele julgava escondido no fundo do coração! Ramborg também sabia, embora Simão não pudesse explicar como ela estava

ao facto disso. A mulher dele e o marido de Cristina sabiam ambos!

Simão começou a gemer e voltou-se na cama com um movimento brusco.

Deus me valha! Sou eu quem está deitado, sujo, nu, sangrando de mágoa e tremendo de vergonha?

A estalajadeira entreabriu a porta e encontrou o olhar ardente de Simão.

— Não podeis dormir, meu senhor? Erlend Nikulaussoen passou há pouco por aqui. Ia com dois filhos.

Simão resmoneou, em tom irritado, uma resposta vaga.

Deixá-los ir à frente. Mas também tinha de pensar no regresso.

Logo que entrava em Formo despia os abafos. André pegava no barrete de peles que o pai usava e colocava-o na cabeça. Enquanto o pequeno se punha às cavalitas no banco (para «ir a cavalo a casa do tio Gyrd») o gorro, muito largo, tombava-lhe ora para o narizinho ora para a nuca coberta de caracóis louros...

Para que se atormentava Simão com aquilo? Só Deus sabia quando o pequeno voltaria a Dyfrin! A recordação do outro filho — o de Halfrid — veio-lhe ao espírito. «Erling!» Poucas vezes pensava ele no cadàverzinho da criança, duma palidez azulada. Quase nem vira o pequenino Erling durante os breves dias da sua existência. Simão não abandonava a mulher moribunda. Se o pequeno vivesse, ou, pelo menos, houvesse sobrevivido algum tempo à mãe, Simão teria conservado Mandvik e decerto contrairia outro casamento nas regiões do Sul. Viria inspeccionar de vez em quando o seu domínio do Norte.

Não teria esquecido Cristina; ela arrastara-o para uma dança fantástica em excesso para que ele pudesse esquecer. Que Diabo! Um homem tem o direito de se lembrar duma aventura extraordinária! Sim, porque ele fora encontrar num prostíbulo e na cama de outro a sua noiva, uma jovem de família nobre, educada segundo a religião e os bons costumes. Mas Simão não se recordaria de Cristina de maneira a ficar sobressaltado a ponto de perder o gosto da existência.

Erling! Teria agora catorze anos. Quando André chegasse a essa idade, Simão estaria velho, decrépito.

«Halfrid, não foste muito feliz comigo, e o que me acontece não é inteiramente imerecido!»

Era possível que Erlend Nikulaussoen pagasse com a vida a sua imprudência, e então Cristina estaria viúva em Joerundgaard. E Simão talvez se desolasse por haver casado. Não havia loucura alguma de que se não julgasse capaz daí para o futuro.

A tempestade acalmara, mas caíam ainda espessos flocos de neve quando Simão saiu da estalagem. Ao entardecer os pássaros começaram a chilrear nas moitas, apesar da neve.

Como um golpe que sangra ao menor movimento brusco, qualquer lembrança insignificante afligia Simão. No último banquete pascal, tinham saído em grupo para apanhar um pouco de sol. Empoleirado numa bétula cantava um pintarroxo no ar suave e azul. Geirmund dobrara a esquina da casa, a coxear e apoiado na bengala, com a mão pousada no ombro do filho mais velho. O pequeno principiara também a assobiar como o pássaro, proeza que ele e Geirmund faziam na perfeição.

Cristina, que estava um pouco afastada com algumas mulheres, esboçara um lindo sorriso ao ouvir a criança e o pintarroxo...

Ao longe, na direcção do poente, as nuvens deslizavam, douradas, sobre as serras brancas, e enchiam de névoa cinzenta o fundo dos vales. O ribeiro tomava o brilho do cobre, escuros remoinhos rumorejavam de redor das pedras cobertas dum coxim de neve...

Os cavalos não iam depressa no caminho encharcado. Quando Simão passou na encosta de Ullag a noite mostrava-se duma brancura de leite à claridade da Lua cheia que surgia entre as nuvens varridas pelo vento.

A seguir à ponte, encontrou-se no planalto onde havia pinheiros. As montadas avançaram em passo mais rápido, farejando a estrebaria. Simão bateu uma palmada amigável no pescoço molhado de *Digerbein*. Sentia-se contente, apesar de tudo, por chegar ao fim da viagem. Ramborg devia estar a dormir há muito tempo.

Na orla do bosque distinguia-se uma cabana. Ia passar por ela quando viu cavaleiros parados diante da porta e ouviu a voz de Erlend, que exclamava:

— Então, está combinado! Apareces no primeiro domingo, não é verdade? Posso participar a minha mulher?

Simão saudou-o e achou que era má-criação não se deter para continuar o caminho com ele. Entretanto, mandou Sigurd ir à frente. Depois, dirigiu-se para os outros: eram Naakkve e Gaute; Erlend saía de casa nesse momento.

Cumprimentaram-se mais uma vez, um tanto contrafeitos. Simão via-lhes a fisionomia, apesar da luz crepuscular; mostravam expressão hesitante e hostil ao mesmo tempo.

Disse logo, com precipitação:

— Venho de Dyfrin, meu caro cunhado.

— Bem sei. Disseram-se que ias lá. — Erlend, com a mão apoiada no arção da sela, baixava os olhos. — Não te demoraste, ajuntou, como o silêncio se prolongasse.

Simão dirigiu-se aos rapazes que iam pôr-se a caminho:

— Esperai, também deveis ouvir o que tenho a dizer; foi o sinete de meu irmão que viste no documento, Gaute. E julgo que na tua opinião cumpriram mal o juramento feito a teu pai, ele e os nobres senhores que haviam posto o seu sinete na carta dirigida ao príncipe Haakon, que teu pai devia levar à Dinamarca.

Gaute baixava a cabeça e calava-se. Foi Erlend quem falou

— Há um pormenor em que não pensaste, Simão, quando foste colher informações a Dyfrin. Paguei bastante cara a segurança de Gyrd e dos meus companheiros; paguei com tudo o que possuia, menos com o meu nome de homem honrado e cumpridor. Agora, Gyrd Darre decerto acha que nem sequer salvei esse nome.

Envergonhado, Simão inclinou a cabeça para o peito: não, não pensara em tal coisa.

— Devias falar-me nisso, Erlend, quando te disse que ia a Dyfrin.

— Tu próprio podias ter essa ideia; eu estava tão fora de mim, incapaz de reflectir, quando saí da tua casa...

— Eu também não estava muito calmo...

— Não, mas tiveste tempo de sobra para serenar durante a viagem que fizeste. E eu não podia pedir-te que desistisses de interrogar teu irmão sem trair certas coisas que eu jurara não dizer.

Simão ficou silencioso; de começo, deu razão ao outro. Mas não, não, Erlend não tinha lógica nenhuma. Devia então consentir que Cristina e os filhos fizessem mau juízo de Simão? Este formulou a pergunta com violência.

— Não falei em nada, tio, nem a minha mãe nem a meus irmãos, retorquiu Gaute, voltando para Simão o seu lindo e alvo rosto.

— Mas, afinal, eles souberam à mesma, ripostou Simão com ar obstinado. Depois de tudo o que se passou em minha casa, naquele dia, não podíamos fugir a uma explicação. E, realmente, teu pai já devia esperar por isso. És uma criança, meu pequeno Gaute, e ainda mais criança quando te envolveram nesse conselho secreto.

— Era-me permitido crer que me podia fiar no meu próprio filho — acudiu Erlend exaltado. — Não tinha de escolher entre duas soluções quando fui obrigado a esconder a carta. Ou a dava a Gaute ou a deixava cair nas mãos do emissário do rei.

Simão achou inútil prolongar a discussão, mas não pôde deixar de dizer:

— Não fiquei nada satisfeito quando compreendi de que me acusava este rapaz durante quatro anos. Sempre te estimei muito, Gaute.

O sobrinho obrigou o cavalo a avançar alguns passos e estendeu a mão... Simão reparou que as faces se lhe coravam.

— Perdoai-me, Simão.

O tio apertou a mão do pequeno. Nesse instante Gaute assemelhava-se tanto ao avô materno que Simão ficou comovido.

O rapazinho tinha as pernas um tanto arqueadas e parecia baixo quando andava, mas era cavaleiro notável. Qualquer pai se regozijaria com a ideia do homem que ele seria mais tarde.

Cavalgaram todos quatro na direcção do Norte; os rapazes iam à frente. Quando estes já estavam bastante longe, Simão continuou a conversa, sem receio de ser ouvido pelos sobrinhos.

— Não creio que tenhas razão para me censurar pelo facto de eu ter ido a casa de meu irmão e de te haver pedido que me disesses a verdade. Mas sei que tendes motivos para quererdes mal, tu e Cristina: porque na ocasião em que... — Simão procurava as palavras — em que soube essas coisas extraordinárias... o que Gaute dizia do meu sinete... não posso negar que pensei... no que eu devia pôr logo de parte como inadmissível, se tivesse tido presença de espírito para isso. Reconheço que tens razão para me quereres mal.

Os cavalos patinhavam a neve lamacenta. Erlend levou certo tempo a responder, mas fê-lo então com voz amável e serena:

— Não podias pensar noutra coisa. Era a única interpretação natural.

— Eu devia saber que era impossível — exclamou Simão dolorosamente.

Daí a pouco perguntou:

— Imaginavas que eu estava ao facto da vida de meus irmãos? Julgavas que era por causa deles que eu te auxiliava?

— Não — retorquiu Erlend, admirado. — Dizia comigo que não podias saber nada daquilo. Eu não confiara esse segredo a ninguém. E não havia motivo para que teus irmãos falassem; tinha mesmo a certeza de que eles não falariam. Não duvidava que actuavas em memória de Lourenço, e porque és bom.

Simão ficou calado.

— Devias ter-me odiado — disse por fim.

— Oh! Quando tive tempo de raciocinar... Mas não podias interpretar as coisas doutra maneira, parece-me!

— E Cristina? — indagou o outro, com certa hesitação.

— Cristina... — Erlend desatou a rir. — Sabes que minha mulher não consente que ninguém me julgue... com excepção da própria. Acha, decerto, que basta ela sòzinha. E é também assim com os filhos. Deus me livre de tocar neles! Mas ralhei-lhe a valer.

— Realmente?

— Sim, e com o tempo tornar-se-á razoável. Quando Cristina

reflectir, há-de lembrar-se da amizade tão fiel que nos testemunhaste.

Simão, indignado, sentia o coração fremir. Não suportava que o outro mostrasse o ar de dizer: «Esqueçamos isso; não lhe demos mais importância».

A Lua iluminava o rosto sereno de Erlend.

— Perdoa-me — disse Simão com voz estrangulada e comovida. — Eu nem mesmo percebo como pude acreditar...

Erlend interrompeu-o com certa impaciência:

— Bem vês que te dou razão. Era-te difícil deduzir outra coisa!...

— Oh! Se não fosse a disputa do pequeno! — exclamou Simão.

— Por isso Gaute nunca apanhou tamanha sova.

— E tudo porque discutiram por causa dos antepassados. Esse Reidar Birkebein e o rei Skule, e o bispo Nikulau!

Erlend meneou a cabeça.

— Vamos, não penses mais nisso! É preferível esquecer o mais depressa possível.

— Não posso!

— Mas, Simão, não vale a pena afligires-te por essa história insignificante — observou Erlend em tom de branda censura e um tanto admirado.

— Não posso, entendes? Eu cá não sou tão bom como tu. Não consigo perdoar com essa facilidade àqueles que prejudiquei!

Erlend olhou-o com espanto.

— Não compreendo o que queres dizer.

— Quero dizer... — O rosto de Simão contraía-se de dor e de cólera e ele falava em voz baixa como se se esforçasse por não gritar: — Ouvi-te pronunciar belas palavras a respeito de Senescal de Steigen, o velho a quem roubaste a mulher. Vi que estimavas Lourenço com ternura verdadeiramente filial. E nunca notei que me odiasses pelo facto de me separares da minha noiva. Não tenho uma alma tão elevada como tu, Erlend. Eu, por mim, detesto o homem a quem fiz mal!

Lívido de emoção, fitava o cunhado. Erlend escutara-o, meio boquiaberto.

BIBLIOTECA MUNICIPAL PORTALEGRE

— Por isso é que eu não esperava! Então odeias-me?

— Julgas que não possuo motivos para te odiar?

Involuntàriamente, os dois homens haviam parado os cavalos. Olhavam-se frente a frente, procurando penetrar até ao fundo da alma dum e doutro. Os olhinhos de Simão tinham o brilho de aço. Reparou ele, à luz branca e velada da noite, que o rosto de Erlend se crispava como sob o efeito dum sentimento novo; então, mordendo o lábio inferior, que tremia, Simão gritou:

— Não posso suportar a tua presença!

— Mas... foi há já vinte anos! — disse Erlend, transtornado por completo.

— Não achas que *ela* valha a pena de pensarmos nisso durante vinte anos?

Erlend pareceu erguer-se na sela. O seu olhar firme e direito encontrou o de Simão. O luar acendia uma centelha esverdinhada nos grandes olhos do homem.

— Sim, acho... Deus a abençoe!

Num momento, ficou imóvel. Depois, esporeou o cavalo, que saltou através das poças fazendo esparrinhar a água de redor.

Simão reteve *Digerbein;* por um pouco era lançado por terra, tão bruscamente puxou as rédeas. Esperou, permitindo ao animal caracolar impaciente, até deixar de ouvir o som das patadas do cavalo na neve derretida.

Arrependia-se já do que dissera. Censurava-se, cheio de vergonha, como se, cego de furor, houvesse batido num ente desarmado, numa criança ou num animal manso e inconsciente.

O próprio ódio comparava-o Simão a uma lança quebrada, e ele mesmo se quebrara de encontro à estúpida inocência daquele homem. Erlend Nikulaussoen, essa ave agoirenta, não compreendia nada, era simultâneamenet ingénuo e indefeso.

Simão praguejava a meia voz. Ingénuo? Um tipo que já passara dos quarenta! Forte admiração que lhe falassem como a um homem!

Simão magoara-se ao ofender Erlend, mas enfim, fora bom acabar duma vez com aquilo.

«Deus a abençoe!» Com que ênfase ele proferira a frase!

Findara a comédia do amor fraternal entre Simão e os outros dois.

Nunca mais veria Cristina Lavransdatter.

Esta ideia sufocou-o. Que fosse tudo para o diabo!

«E se o teu olho te escandalizar lança-o fora», dizia o padre.

Agira daquela forma principalmente para escapar a essas relações fraternais entre ele e Cristina; sentia-se exausto.

Apenas um desejo subsistia: não acordar Ramborg quando entrasse em casa.

Mas, ao passar entre as paliçadas, viu sob as faias uma mulher envolta numa capa negra. Distinguia-se-lhe a touca de linho.

Esperava-o desde o regresso de Sigurd! As criadas estavam deitadas; Ramborg serviu ao marido a sopa que ela pusera a aquecer. A seguir trouxe toucinho e cerveja acabada de tirar do tonel.

— Não te queres deitar agora? — perguntou Simão, sentando-se.

A mulher não respondeu; dirigiu-se para o tear e pôs-se a urdir os fios multicolores. Principiara antes do Natal um tapete com desenhos, mas nunca mais avançara no trabalho.

— Erlend passou por aqui há perto duma hora — disse Ramborg, de costas voltadas para o marido. — Julgava, pelo que dizia Sigurd, que viríeis juntos.

— Não!

— Erlend estava com mais pressa de se ir deitar do que tu?

Ramborg gracejava, mas, como não obtivesse resposta, continuou:

— Ele tem sempre saudades de Cristina quande se ausenta.

Simão conservou-se calado ainda uns momentos e, em seguida, participou:

— Eu e Erlend separámo-nos como inimigos.

Ramborg virou-se com vivacidade para Simão; este contou-lhe o que soubera em Dyfrin e a primeira parte da sua conversa com Erlend e com os filhos.

— Que ideia essa, a de vos indispordes por tão pouco, quando fostes bons amigos até agora!

— Talvez... contudo o que está feito, está feito. Mas já é muito tarde para se falar disto; são horas de dormir.

Ramborg voltou para o tear como se não tivesse ouvido as últimas palavras.

— Simão — exclamou ela de súbito —, lembras-te duma história que Sira Erik nos leu um dia, na Bíblia? A história duma rapariga chamada Abisague, a sunamita? (1)

— Não.

— Foi quando o rei David era velho e perdera a força e a virilidade.

Simão interrompeu a mulher.

— Minha querida, a noite já vai alta, não são horas de contar histórias. Sei lá quem era essa mulher!

Ramborg, sem nada dizer, passava a lançadeira por entre os fios do urdume. Mas, daí a pouco, insistiu:

— E lembras-te daquela lenda que meu pai sabia: a lenda de Tristão, o belo, de Isolda, a loura, e de Isabel, a morena?

— Lembro-me, sim.

Simão repeliu o prato com a carne, limpou os lábios com as costas da mão e levantou-se.

Ficou em frente da lareira com um pé colocado no rebordo, o cotovelo apoiado no joelho e o queixo descansando na mão. Contemplava o lume que continuava a arder no seu nicho de alvenaria. No seu canto, sempre a tecer, Ramborg falava, com voz pesada de lágrimas:

— Quando eu ouvia semelhante histórias, não compreendia a atitude desses homens cruéis para as esposas juvenis que vinham para eles virgens e lhes traziam toda a ternura do seu coração. Pois não deviam enchê-las de atenções, rodeá-las de amor reconhecido em vez de irem para mulheres como as tais Betsabé e Isolda, a morena, que tinham sido doutros? Se eu fosse homem mostraria mais orgulho e melhores sentimentos. Sempre pensei que a sorte de Abisaque e de Isolda de Bretanha era a pior que um mulher podia ter.

---

1 1.° Livro dos Reis, I. — *N. da T.*

Calou-se um instante, sem conseguir falar mais. Levantou-se, atravessou o quarto e postou-se diante do marido.

— Que tens, Ramborg? — perguntou Simão em voz baixa e impaciente. — Não percebo o que queres dizer.

— Percebes, sim — exclamou ela com violência. — Pareces-te com Tristão, tu!

— Nisso é que não acredito! — Simão tentava rir. — Eu, parecido com Tristão, o belo!... E as duas mulheres de quem falaste, se bem me recordo agora, morreram virgens e puras; os maridos nem lhes tocaram!

Simão fitou Ramborg: esta mordia os lábios e a carinha triangular estava muito pálida.

Aproximou-se dela e abraçou-a.

— Minha querida, somos duas crianças — disse ele, docemente.

A companheira permaneceu silenciosa.

— Fiz o possível por te mostrar o meu reconhecimento pelo teu amor. Julgava até que fora bom marido.

Como ela continuasse calada, Simão largou-a e foi sentar-se no banco.

Ramborg seguiu-o e parou defronte dele, a observar-lhe as coxas metidas em calças encharcadas e sujas de lama, o corpo rotundo, o rosto trigueiro e de feições grossas.

Apertou os lábios, vexada.

— Com o andar dos tempos tens-te tornado feio, Simão.

— Nunca me considerei formoso — replicou ele sem se comover.

— E eu sou nova e bonita!

Sentou-se-lhe nos joelhos; corriam-lhe lágrimas pelas faces quando segurou com as duas mãos na cabeça do marido.

— Simão, olha para mim. Por que não podes tu recompensar-me de eu nunca haver desejado entregar-me senão a ti? Ainda era eu garota e já pensava que tal como eras assim devia ser o meu marido... Lembras-te que nos levavas, a mim e a Ulvhild, pela mão? Íamos com o pai ver os poldros que estavam na cerca. Pegaste em Ulvhild para atravessar o regato. O pai queria en-

carregar-se de mim, mas eu exigi que me transportasses. Recordas-te?

Simão fez que sim com a cabeça. Lembrava-se de se haver ocupado bastante de Ulvhild, pois sentia dó pela doentinha. Mas não tinha ideia nenhuma da mais nova, senão que Lourenço tivera outra filha depois de Ulvhild.

— Possuías os mais lindos cabelos do mundo — ela passou os dedos pela melena castanho-dourada que tombava na testa de Simão — e não tens ainda um único fio branco. Dentro de pouco tempo os cabelos de Erlend serão mais brancos do que pretos. Eu gostava tanto das covinhas da tua cara, quando rias! E o timbre da tua voz era tão alegre...

— Com certeza que mostrava melhor aparência do que agora...

— Não — murmurou ela —, quando me olhas com ternura. E recordas-te da primeira vez que dormi contigo? Estava eu deitada e tinha dores de dentes. Meu pai e minha mãe dormiam, e havia escuro no quarto. Mas tu aproximaste-te do meu leito e perguntaste por que razão eu chorava. Disseste-me que estivesse sossegada, para não acordar os outros, e pegaste-me ao colo. Depois acendeste a vela e talhaste em ponta um bocadinho de madeira com o qual limpaste tudo em volta do dente que me doía. Então pronunciaste uma fórmula qualquer sobre o pauzinho e fiquei curada. Deixaste-me dormir na tua cama, encostada a ti.

Simão pôs a mão na cabeça da mulher e puxou-a para si.

Agora que ela falava daquilo, ele recordava-se bem. Acontecera na época em que Simão fora a Joerundgaard dizer a Lourenço que mais valia romper o compromisso que o ligava a Cristina.

Não pregara olho nessa noite e levantara-se para se ocupar da pequena Ramborg, atormentada por dores de dentes.

— Dei-te alguma vez motivo para creres que não te amo?

— Simão, não achas que mereço ser mais amada do que Cristina? Ela foi má e falsa para ti, eu sempre te segui como um cãozinho.

Simão pousou-a docemente no chão; em seguida ergueu-se e pegou nas mãos de Ramborg.

— Não fales assim de tua irmã. Pergunto a mim próprio se sabes o que estás a dizer. Julgas que não temo a Deus, que não receio a vergonha, e o maior dos pecados, ou que não penso nos meus filhos, em todos os parentes e amigos? Sou teu marido, Ramborg, não esqueças isto e não fales mais dessa maneira.

— Sei que não foste contra a lei de Deus nem traíste a honra...

— Nunca disse uma palavra a tua irmã nem lhe toquei de forma a que não possa responder no dia do Juízo Final; invoco o testemunho de Deus e do Apóstolo S. Simão.

Ramborg inclinou a cabeça em silêncio.

— Imaginas que tua irmã continuaria a falar comigo como fala há tantos anos se pensasse que a amo com paixão culpável? Nesse caso, não conheces Cristina.

— Ela? Nunca sonhou que outro além de Erlend pudesse desejá-la; nem se lembra que também nós somos feitos de carne e osso...

— Tens razão, Ramborg, — retorquiu Simão em tom calmo. — Mas, por isso mesmo, devias ver que és doida em me atormentares com os teus ciúmes!

Ramborg retirou as mãos das dele.

— Não era essa a minha intenção. Mas nunca gostaste de de mim como de Cristina. A imagem dela não te larga o pensamento; pouco pensas em mim quando não me vês.

— Não tenho culpa que o coração humano seja assim, Ramborg. O que se gravou nele quando era jovem e ardente fica mais profundo do que tudo o inscrito mais tarde.

— Conheces este provérbio que diz: O coração do homem é a primeira coisa que se agita no ventre da mãe e a última que morre nele? — pronunciou Ramborg lentamente.

— Não! Há um ditado assim? Deve ser verdade. — Fez uma carícia fugitiva na face pálida de Ramborg. — Mas, se nos queremos deitar esta noite, temos de nos apressar — disse com lassidão.

Ramborg adormeceu depressa e Simão retirou o braço de baixo da nuca da mulher.

Recuou para a beira da cama e puxou o cobertor para o

queixo. A sua camisa estava molhada nos ombros pelas lágrimas de Ramborg.

Lastimava a esposa, mas, ao mesmo tempo, dizia consigo, cheio de desespero, que não podia continuar a tratá-la como a uma criança cega e inexperiente. Devia convencer-se de que era já uma mulher!

Por trás dos vidros o céu tomava uma cor cinzenta. A noite declinava.

Simão sentia-se terrìvelmente cansado, e o dia seguinte era domingo.

Não iria à igreja, se bem que tivesse necessidade disso; outrora, jurara a Lourenço nunca faltar à missa sem uma razão grave. Mas de que lhe servira cumprir a promessa durante tantos anos?

Não, não iria à missa!

PARTE SEGUNDA

OS DEVEDORES

I

CRISTINA nunca soube de forma exacta o que se passara entre Erlend e Simão. Contou-lhe o marido, a ela e a Bjoergulf, o que dissera o cunhado acerca da sua viagem a Dyfrin, e acrescentou que ambos haviam altercado e se tinham separado como inimigos.

— Não posso elucidar-te mais — concluiu.

Erlend estava um tanto pálido e mostrava uma expressão resoluta como raras vezes ela lhe vira no decorrer dos anos de casados. Comprendeu que nada mais saberia por ele.

Cristina sempre se aborrecia quando Erlend opunha aquele olhar a alguma pergunta. Deus bem sabia que ela não procurava ser mais do que uma simples mulher; preferia nada mais ter do que a responsabilidade dos filhos e do governo da casa. Mas vira-se obrigada a ocupar-se de mil e um assuntos que antes lhe pareciam ser tarefa de homem — e, visto que Erlend achava natural deixar essa carga nos ombros da esposa, ficava-lhe mal repeli-la quando se tratava de decisões que ele tomara sòzinho e que respeitavam ao interesse comum.

Aquela inimizade entre Erlend e Simão Darre afectava-a profundamente. Ramborg era a única irmã de Cristina. E, ao reflectir que daí para o futuro seria privada da convivência de Simão, via quanto estimava este homem e quantos favores lhe devia: a amizade fiel de Simão fora o que mais a amparara na sua situação difícil.

Sabia que aquela desavença fornecia novo assunto para mexericos em toda a região. «Os de Joerundgaard até com Simão de Formo estão de mal», diriam os outros. Simão e Ramborg tinham a estima de toda a gente, ao passo que ela, o marido e os filhos

eram pouco simpáticos para a maioria das pessoas. Cristina percebera isso já há muito tempo; daí em diante encontrar-se-iam isolados por completo.

No domingo seguinte, quando chegou ao adro da igreja e viu Simão no meio dum grupo de camponeses, desejou meter-se pela terra abaixo. Simão cumprimentou Cristina e a família com uma inclinação de cabeça: era a primeira vez que não ia ao encontro dos parentes para lhes apertar a destra e conversar.

Ramborg, contudo, aproximou-se da irmã e agarrou-lhe na mão:

— É lastimável que os nossos maridos se hajam zangado, mas não existe motivo para que nós ambas tomemos parte na contenda.

Dizendo isto pôs-se nos bicos dos pés e beijou Cristina à vista de todos os paroquianos reunidos no adro da igreja. Cristina, sem saber porquê, teve a intuição de que Ramborg não estava muito desolada. Esta nunca suportara Erlend; não teria ela, por acaso, incitado o marido contra o cunhado, conscientemente ou não?

Apesar de tudo, Ramborg continuou a ir beijar a irmã quando se avistavam na igreja. Ulvhild perguntava em voz alta por que razão a tia os não ia visitar a Formo; depois corria para Erlend e agarrava-se a ele e aos primos mais crescidos. Arngjerd conservava-se ao lado da madrasta e estendia com ar contrafeito a mão a Cristina. Simão, Erlend e os filhos deste evitavam cautelosamente encontrarem-se.

Cristina sentia saudades dos sobrinhos. Afeiçoara-se às duas pequenas; certo dia em que Ramborg trouxe o filho à missa, Cristina, à saída da igreja, beijou André e desatou a chorar. Este petiz, franzino e enfermiço, tornara-se-lhe muito querido — e, agora que ela não tinha filhos pequeninos, era uma consolação para si ocupar-se do sobrinho em Formo e amimá-lo quando ele acompanhava os pais a Joerundgaard.

Por Gaute soube Cristina alguns pormenores da disputa; contou-lhe as palavras que Erlend e Simão haviam trocado na noite em que se tinham visto à porta de Gudrun. Quanto mais ela reflectia mais lhe parecia que Erlend é que devia ser o maior

culpado. Antes, Cristina detestara Simão: não conhecia ele bastante o cunhado para saber que Erlend — cujas acções eram algumas vezes estranhas em consequência do seu feitio estouvado e colérico — nunca atraiçoaria o irmão daquela maneira, indigna de um fidalgo? E quando via o resultado dos seus actos comportava-se como um cavalo espantadiço que quebrou a corda que o prendia e se apavorava com o que arrasta atrás de si.

Nunca Erlend parecia compreender que os outros eram em certas ocasiões forçados a defender os seus interesses contra os prejuízos que ele possuía o dom extraordinário de causar. Nesses momentos não atentava nas suas palavras nem nos seus actos. Cristina sabia isso por experiência própria. Quantas vezes, quando nova e sensível, sentira o coração como que espezinhado pelas brutalidades do marido! O irmão de Erlend não se separara dele, mesmo antes de entrar para o convento? E ela pressentira que era por culpa de Erlend, que tanto havia ofendido o piedoso e digno Gunnulf, se bem que este só tivesse feito bem ao irmão. E eis que repelia Simão e que, a todas as perguntas da mulher acerca dos motivos da sua desavença com o único amigo, se limitava a tomar um ar arrogante e a declarar que nada lhe podia dizer.

Mas Cristina percebia que Erlend confessara mais alguma coisa a Naakkve. Sentiu-se desgostosa e inquieta ao notar que Erlend e o filho mais velho se calavam e mudavam de conversa quando ela entrava no quarto onde estavam.

Gaute, Lourenço e Munan eram muito mais agarrados à mãe do que Nikulaus, e ela sempre andara em maior intimidade com aqueles. No entanto, Cristina tinha a impressão de que o primogénito era, de alguma forma, o seu dilecto. E, desde que se instalara em Joerundgaard, a lembrança da época em que trazia no ventre esse filho e do nascimento dele voltava-lhe estranhamente viva e próxima, pois fazia-lhe sentir, por muitas maneiras, que o seu pecado da mocidade não fora esquecido. Os outros pareciam ser de opinião que, logo que a filha dum homem que consideravam um chefe se portara mal, ela maculara a honra daquela terra. Não lhe haviam perdoado a sua culpa, e não lhe perdoavam também que Cristina e Erlend aumentassem o desgosto e a

vergonha dum pai com o desprezo e a troça de toda a gente, levando-o a festejar o casamento duma filha seduzida com bodas tão magníficas como nunca houvera iguais no vale. Saberia Erlend que faziam reviver essas velhas histórias? Mesmo que não ignorasse, nada podia fazer. Considerava uns labregos todos os conterrâneos da mulher, e ensinava os filhos a pensar da mesma forma. Causava a Cristina profunda mágoa o facto de saber que as pessoas que tanto bem lhe haviam querido, no tempo em que era a linda filha de Lourenço Bjoergulfsoen, a «rosa do Norddal», desprezavam agora Erlend Nikulaussoen e a esposa e os julgavam com severidade. Não chorava porque se tornara estranha para eles; mas sofria. E parecia-lhe que até as muralhas escarpadas das montanhas que rodeavam o vale, e tinham protegido a sua infância, abaixavam para ela um olhar diferente do de outrora: um olhar cheio de ameaças, animado da vontade feroz de a destruir.

Certo dia Cristina chegara a verter lágrimas de amargura. Erlend presenciara-as, mas tratara-a sem indulgência. E quando soubera que a rapariga há muitos meses trazia dentro de si um filho, sob o seu coração assustado e dorido, em vez de a consolar e a abraçar com ternura, mostrara-se exasperado, envergonhado com a ideia de que o seu indigno procedimento para com Lourenço seria em pouco tempo descoberto aos olhos de todos. Nem lhe passara pela mente quanto mais penoso seria para Cristina o momento em que se veria forçada a confessar a sua vergonha ao pai tão amante e orgulhoso.

Erlend não acolhera o filho com muita alegria quando ela, enfim, o dera à luz. Nessa hora em que Cristina se libertara de angústias, de receios e de sofrimentos infinitos, e que vira o vulto informe do seu pecado nascer para a vida, graças às fervorosas orações do padre, e, tornar-se na criança mais linda e escorreita, o coração enchera-se de alegria humilde. Até o sangue escaldante do seu corpo se transformara em leite inocente, branco e doce. «Esperamos que, com a ajuda de Deus, ele saiba portar-se bem», dissera Erlend, quando, deitada na cama, ela procurara associá-lo à sua felicidade em possuir o tesouro inestimável que a mãe a

custo entregava às mulheres encarregadas de cuidar do recém-nascido. Contudo, Erlend gostava dos filhos que tivera de Eline Ormsdatter. Mas, quando Cristina tentara pôr Naakkve nos braços do pai, este esboçara uma careta e perguntara que havia de fazer daquele embrulhinho que lhe escorregava das mãos. Durante muito tempo, Erlend olhara de revés para o pequeno, não perdoando a Naakkve ter vindo ao Mundo em ocasião inoportuna. E, no entanto, era uma criança tão linda, tão rica de promessas para o futuro, que qualquer pai se regozijaria em ver um filho como aquele crescer a seu lado para o substituir um dia.

Naakkve afeiçoara-se ao pai com extraordinário ardor desde tenra idade. A sua carinha iluminava-se, brilhava como o Sol, logo que Erlend o punha sobre os joelhos ou lhe dava a mão para atravessar o pátio. Fielmente, Naakkve procurara ganhar as boas graças do pai na época em que este preferia os outros filhos.

Bjoergulf fora o predilecto de Erlend, quando os rapazes eram ainda crianças; acontecia às vezes, nesse tempo, levar Erlend os filhos para o sótão quando tinha lá que fazer: todas as armas e ferramentas que não eram de uso diário em Husaby estavam arrumadas nesse compartimento. Enquanto o pai conversava e ria com Bjoergulf, Naakkve ficava sentado numa arca, imóvel e radiante por consentirem que ali estivesse. Mas, à medida que os anos passavam e que a má vista de Bjoergulf o impedia de acompanhar o pai como os outros irmãos, o caso mudava de figura. Bjoergulf tornava-se taciturno e reservado na presença do pai, e agora Erlend parecia intimidado por esse filho. Cristina perguntava a si própria se Bjoergulf, no fundo do coração, não censurava o pai por este haver dissipado os bens da família e comprometido o futuro dos filhos, arrastando-os na sua ruína — e se Erlend sabia isso ou adivinhava. Fosse como fosse, só Bjoergulf, de todos os irmãos, não dava mostras de ter predilecção pelo pai e de considerar grande honra ser seu filho.

Numa manhã, repararam os dois mais novos que Erlend lia os salmos de David e que a sua refeição se reduzia a pão e água. Perguntaram-lhe a razão disso, visto não ser dia de jejum. Erlend respondeu que era pelos seus pecados. Ora, Cristina sabia

que esses dias de jejum faziam parte das mortificações às quais Erlend fora penitenciado pelo seu adultério com Sunniva Olavsdatter, e que pelo menos os dois filhos mais velhos não o ignoravam. Naakkve e Gaute não pareciam prestar atenção a nada, mas o olhar de Cristina fixou-se nesse momento em Bjoergulf: os olhos míopes do rapazinho fitavam o pão do almoço, enquanto um sorriso lhe errava nos lábios. Cristina vira algumas vezes esse sorriso em Gunnulf, quando o padre reduzia a nada o irmão. A mãe ficou sobressaltada.

Agora, era Naakkve que Erlend queria sempre a seu lado, e o rapaz não vivia, por assim dizer, senão à sombra do pai. Servia Erlend como um pajem serve o seu amo e senhor: não deixava ninguém cuidar do cavalo, dos jaezes e das armas pertencentes ao pai; enfiava-lhe o estribo no pé e trazia-lhe o chapéu e a capa quando Erlend ia sair. À mesa, enchia-lhe a taça e cortava-lhe a carne, pois o lugar dele era à direita do lugar de honra. Erlend zombava um pouco da cortesia e das maneiras cavalheirescas do rapaz, mas ficava encantado e cada vez mais monopolizava Naakkve.

Cristina via que ele esquecera por completo como, outrora, ela tivera de lutar e mendigar para esse filho, a fim de despertar em Erlend o sentimento paternal. E Naakkve já se não lembrava de que, em pequeno, era junto da mãe que procurava o lenitivo para todos os seus males e atribulações. Sempre fora terno para Cristina, e, era-o ainda até certo ponto; contudo, ela sentia que o filho se ia afastando mais e mais. Não pensava sequer em ajudar a mãe nos trabalhos e cuidados em que se debatia. Não que mostrasse mau modo quando Cristina lhe confiava uma tarefa, mas para todas as ocupações dum camponês era singularmente desajeitado: trabalhava então sem entusiasmo e nunca chegava ao fim. Cristina achava que, sob muitos aspectos — mesmo no físico — ele se parecia com o defunto irmão, Orm Erlendsoen. Naakkve, porém, era forte e sólido, habituado à dança, hábil no manejo das armas, bom cavaleiro e excelente patinador. Cristina falou disso um dia a Ulf Haldorsoen, padrinho de Naakkve. Ulf respondeu: «Ninguém perdeu tanto com o procedimento doido de Erlend

como esse rapaz. Porque Naakkve tem o estofo dum grande chefe e dum grande cavaleiro como não haverá outro tão cedo na Noruega».

E Cristina via que Naakkve nunca pensava no dano que o pai lhe causara.

Nessa época, havia novas e graves perturbações na Noruega, e os boatos propagavam-se pelos vales, uns plausíveis, outros bastante inverosímeis. Os principais caudilhos do Sul e do Oeste do país estavam muito descontentes com o governo do rei Magnus; constava que tinham ameaçado pegar em armas e sublevar o povo, com o fim de obrigar o rei Magnus Eriksoen a reinar conforme a vontade deles, senão elegeriam rei o sobrinho do actual monarca, o moço Jon Haftorsoen de Sudrheim: Inês, a mãe de Jon, era filha do antigo soberano Haakon Haalegg. Jon não dava muito que falar de si, mas o irmão, Sigurd, estava, segundo diziam, à frente da conspiração, assim como Bjarne, filho de Erling Vidkunsoen. Corria a notícia de que Sigurd prometera que Jon, no caso de este ser aclamado rei, escolheria para rainha uma das irmãs de Bjarne, pois as jovens Giskes descendiam também de antigos monarcas da Noruega. O cavaleiro Ivar Ogmundsoen, que fora o braço direito do rei Magnus, passara para o outro partido, e muitos senhores dos mais ricos e nobres haviam-no imitado; quanto a Erling Vidkunsoen e ao bispo de Bjorgvin, dizia-se que, às ocultas, ajudavam a empresa.

Cristina não prestava muita atenção a estes zunzuns: pensava com amargura na situação actual de Erlend e dos seus: eram agora pessoas insignificantes, e já nada tinham com os assuntos do reino. Ela, contudo, falara da revolta a Simão Andressoen, no Outono precedente: sabia que o cunhado conversara disso com Erlend, embora aquele não tocasse de boa vontade em tais assuntos — em parte porque não gostava que os irmãos se metessem em tais intrigas, e Gyrd, pelo menos, iria atrás dos sogros. Mas receava também que essas conversas fossem penosas a Erlend, visto que, pelo seu nascimento, este deveria assistir ao conselho quando deliberassem sobre os negócios do reino, embora lhe interdissessem agora o acesso no círculo dos seus iguais.

Cristina percebia que Erlend discutia estes assuntos com o filho, e certo dia ouviu Naakkve dizer:

— Mas, se os chefes ganhassem a causa contra o rei Magnus, não seriam tão vis que não obrigassem o rei a reparar a injustiça que vos fez.

Erlend sorriu; Naakkve, então, continuou:

— Foste vós o primeiro que indicou o caminho àqueles senhores, lembrando-lhes que os antigos chefes não tinham o costume de suportar, sem tugir nem mugir, os abusos do poder da parte do rei. Isso custou-vos os vossos domínios e feudos; os outros, os que vos acompanharam, saíram-se da aventura sem lá deixar uma pena. Só vós pagastes por todos.

— Mais uma razão para que me esqueçam — retorquiu Erlend, sorrindo. — Husaby foi dada em penhor ao arcebispado. Duvido que os tais senhores do conselho consigam que o tratante do rei Magnus o resgate.

— O rei é vosso parente, e Sigurd Haftorsoen e a maioria dos outros também — respondeu Naakkve, já exaltado. — Como poderiam sem vergonha trair aquele dos nobres do país que levou com honra as suas armas até à fronteira do Norte e livrou as costas de Gaudvik dos inimigos do rei e de Deus? Seriam, nesse caso, miseráveis!

Erlend soltou um assobio curto.

— Meu filho, quero dizer-te uma coisa: ignoro como terminará a empresa dos filhos de Haftor, mas aposto a minha cabeça como eles não se atreverão a mostrar ao rei Magnus a lâmina duma espada norueguesa. Intrigas, conferências e negociações, eis o que haverá, mas nem uma seta será atirada. E aqueles manhosos não darão um passo por mim, porque me conhecem e sabem que não me deixo intimidar por uma lâmina afiada, como certas pessoas... São meus parentes, dizes tu? Sim, são teus primos em terceiro grau, tanto Magnus como os filhos de Haftor. Lembro-me deles, no tempo em que estava na corte do rei Haakon. Foi sorte para Inês ser filha de rei, senão, suponho que ela teria de descarregar peixe nos portos, a não ser que uma mulher como tua mãe a tomasse como moça de estábulo, por caridade. Por mais

duma vez bati nas ventas dos filhos de Haftor, quando deviam ser apresentados ao avô materno e que chegavam ao vestíbulo tão viscosos como se acabassem de sair da barriga da mãe; e se, por espírito de família, para os ensinar a viver, eu lhes pregava uma tapona, eles berravam como um porco que está a ser sangrado. Contudo, esses mariolas de Sudrheim acabaram por se civilizar um tanto. Mas, se esperas encontrar ajuda desse lado, como devia ser entre aliados, iludes-te; tanto como se procurasses remédio no rabo dum cão.

Depois disso, Cristina observou a Erlend:

— Naakkve é tão novo! Não será imprudência falar-lhe tão francamente de semelhantes assuntos?

— E tu és tão medrosa, minha querida! — respondeu Erlend, rindo. — Vejo que queres repreender-me. Na idade de Naakkve fiz eu a minha primeira viagem a Vergoey. Se Ingebjoer me conservasse a sua fiel amizade — prosseguiu ele encolerizado — ter-lhe-ia mandado Naakkve e Gaute. Na Dinamarca não faltaria oportunidade para se preparar uma carreira a dois rapazes enérgicos, que sabem brandir uma espada.

Cristina interrompeu-o.

— Nunca pensei, quando nasceram os meus filhos, que ficassem reduzidos a ganhar a vida num país estrangeiro.

— Também eu não pensava — ripostou Erlend. — Mas o homem põe e Deus dispõe.

Cristina não sentia o coração despedaçado só por perceber que Erlend e os filhos, conforme estes cresciam, consideravam os assuntos que os interessavam como que excessivos para a inteligência duma mulher. Receava também a linguagem imprudente de Erlend, que se não lembrava de que os filhos eram muito novos.

Outra causa de inquietação para Cristina: os três rapazes mais velhos, apesar da pouca idade — Naakkve tinha agora dezassete anos, Bjoergulf ia fazer dezasseis e Gaute quinze no Outono — mostravam em frente de mulheres umas maneiras que lhe não agradavam.

É certo que nada acontecera que pudesse ser apontado. Não

corriam atrás de saias, nunca proferiam grosserias e detestavam que os criados empregassem palavras obscenas. Mas Erlend fora assim respeitador das conveniências e do pudor. Cristina vira-o por mais dum vez constrangido com histórias que faziam rir às gargalhadas tanto o pai como Simão. Ela, porém, sentira que os outros riam como se riem os camponeses de casos acerca de manigâncias do diabo, ao passo que os homens conhecedores dos embustes do espírito maligno não suportam tais gracejos.

Erlend podia também defender-se de se haver entregado ao pecado da luxúria; só as pessoas que o não conheciam o não acusariam de ter tido costumes dissolutos, de haver seduzido mulheres, consciente do mal que lhes fazia. Mas Cristina confessava a si própria que Erlend a levara para onde quisera sem usar de manhas, sem violência. E, quanto às duas mulheres casadas com quem ele cometera adultério, Cristina estava convencida de que Erlend não representara o papel de sedutor. Mas as mulheres de má vida iam ao encontro dele com atitudes provocantes; ela vira-o cheio de curiosidade como um gato: dir-se-ia envolvido numa certa sensualidade, leve como uma nuvem de poeira.

E era com angústia que ela julgava os filhos assemelharem-se nesse ponto ao pai: antes de actuarem, esqueciam o julgamento dos outros; depois afligiam-se com o que diziam deles. Quando as mulheres os acolhiam, amenas e sorridentes, não se mostravam atrapalhados nem tímidos como a maior parte dos rapazes da sua idade; não; retribuíam os sorrisos, conversavam e procediam com o desembaraço e aparência de quem vivera no paço real e aprendera as maneiras dos cortesãos. Cristina começava a temer que mesmo a candura deles lhes acarretasse alguma infelicidade; tanto as esposas e filhas de homens ricos como as humildes criadas faziam olhos doces àqueles belos rapazes. No entanto, coravam irritados, como todos os adolescentes, se alguém gracejava acerca duma mulher. Frida Styrkaarsdatter possuía esse costume — gostava de serraziná-los, apesar de ser mais ou menos da idade de Cristina. Tivera dois filhos naturais — do último fora uma dificuldade averiguar quem era o pai. Mas Cristina tomara sob a sua protecção essa infeliz, e, como Frida criara com

ternura e solicitude Bjoergulf e Skule, a senhora mostrava-se indulgente, se bem que detestasse ouvir aquela velha estar sempre a falar de mulheres aos rapazes.

A mãe pensava que o melhor a fazer era casar os filhos cedo, mas sabia os obstáculos que encontraria: os homens, cujas filhas eram, pelo sangue, da categoria de Naakkve e de Bjoergulf, não os achariam suficientemente ricos para genros. Além disso, a inimizade do rei — inconveniente que o pai lhes trouxera — impediria que os rapazes entrassem para o serviço de um grande chefe e que melhorassem de situação. Com amargura, lembrava-se da época em que Erlend e Erling Vidkunsoen haviam projectado casamento entre Nikulaus e uma das descendentes do rei.

Cristina conhecia muitas raparigas do vale que conviriam — abastadas e de boas famílias —, mas de quem os pais ou avós mais ou menos remotos se haviam esquivado a servir o rei e preferido ficar sossegadamente nas suas terras. Cristina não poderia tolerar uma recusa; se ela e o marido fizessem propostas nesse sentido a esses ricaços do campo, Simão Darre seria o melhor intermediário, mas, agora, Erlend separara-os dele.

A vida eclesiástica não parecia atrair nenhum dos filhos, a não ser Gaute ou Lourenço. Mas este era uma criança, e Gaute o único que prestava, realmente, ajuda na quinta.

O vento e a neve haviam causado nesse ano grandes estragos nas vedações, e o temporal, que viera a seguir à festa da invocação da Santa Cruz, retardara os trabalhos, de sorte que se tornou necessário andarem lestos para tudo estar pronto a tempo. Cristina mandou então que Naakkve e Bjoergulf fossem consertar a paliçada de redor dum campo situado perto do caminho.

Por volta do meio-dia foi a mãe ver como se haviam saído da tarefa os dois rapazes. Bjoergulf trabalhava do lado da estrada que ia ter à quinta; Cristina parou e falou uns instantes com ele. Ao continuar o seu percurso viu Naakkve. Debruçado no muro, conversava com uma mulher a cavalo, que detivera a montada na borda do caminho. Naakkve acariciava o cavalo; depois, agarrou no tornozelo da moça e, como que distraído, passou a mão pela perna subindo um pouco por baixo da saia.

A rapariga foi a primeira a distinguir Cristina. Corou e dirigiu algumas palavras a Naakkve. Este retirou a mão com a maior rapidez, um tanto atrapalhado. A moça quis ir-se embora, mas Cristina deu-lhe de longe os bons-dias e aproximou-se. Pôs-se então à conversa com ela, informando-se da saúde da senhora de Ulvsvoldene, de quem a rapariga era sobrinha. Cristina fingiu não ter reparado em nada e, quando a outra partiu, ficou ela a falar alguns momentos com Naakkve.

Tempos depois, Cristina teve de passar quinze dias em Ulvsvoldene; a dona da casa estava bastante doente por causa dum parto. Cristina não só era a vizinha mais próxima, como tinha fama de ser a mulher mais entendida nesses assuntos. Naakkve vinha frequentemente ver a mãe e trazer-lhe recados, e a tal sobrinha, Eyvor Haakonsdatter, arranjou maneira de se encontrar e falar com ele. Cristina não ficou muito satisfeita com o caso: a rapariga não lhe agradava. Também não a achava bonita; contudo, dizia-se que todos os homens a admiravam. Por isso Cristina se sentiu contente no dia em que soube que Eyvor havia regressado à sua casa de Raumsdalen.

No entanto, a mãe não acreditava que Naakkve se preocupasse muito com aquilo, tanto mais que Frida gracejava sempre com ele a propósito da filha dos senhores de Loptsgaard, Aasta Audunsdatter.

Certo dia em que Cristina estava na lavandaria a preparar aguardente de zimbro, ouviu que Frida voltava à carga. Naakkve encontrava-se com o pai e Gaute no pátio traseiro; estavam a construir um barco para o lago da montanha. Erlend tinha jeito para construtor de barcos. Naakkve zangou-se com os ditos da mulher; então Gaute, para enraivecer o irmão, juntou-se a Frida.

— Aasta seria um belo partido — disse ele.

— Pede-a para ti mesmo, se é essa a tua opinião — respondeu Naakkve, enfurecido.

— Oh! não, não a quero, porque tenho ouvido dizer que os cabelos ruivos e os pinheiros nascem num terreno depauperado e áspero. Tu, pelo contrário, tens cara de apreciar as ruivinhas!

— Êsse ditado aplica-se mal às mulheres — atalhou Erlend, rindo —; as ruivas são em geral brancas e de pele fina.

Frida desatou às gargalhadas, mas Cristina ficou furiosa. Aquilo eram palavras que se dissessem na presença de rapazes tão novos? Lembrou-se de que Sunniva Olavsdatter tinha cabelos ruivos, embora os amigos os qualificassem de louros.

Gaute retomou a conversa:

— Podes felicitar-te, porque eu cá não digo que tenho medo do pecado. Na noite do domingo de Pentecostes estiveste sentado com Aasta, no celeiro de trigo do imposto, durante todo o tempo que dançámos no adro. Apesar de tudo parece que ela te agrada.

Naakkve ia precipitar-se sobre o irmão, mas, nesse momento, Cristina saiu da lavandaria. Logo que Gaute se foi embora, a mãe perguntou ao primogénito:

— Que estava Gaute a dizer de ti e de Aasta Audunsdatter?

— Tudo o que ele disse acho que vós ouvistes — replicou o rapaz corando e franzindo, irado, as sobrancelhas.

Vexada, Cristina admoestou-o:

— Vós, moços de agora, não podeis assistir a uma vigília na igreja sem dançar ou correr entre os ofícios divinos. É vergonhoso! No meu tempo de rapariga não era assim.

— Mas vós mesma dissestes que, quando éreis pequena, o avô vinha muitas vezes fazer as marcações quando o povo dançava no adro da igreja.

— Não eram canções iguais às vossas, nem danças tão desvairadas — retorquiu a mãe. — E os novos permaneciam muito sossegados ao lado dos pais. Não seríamos nós que iríamos dois a dois sentarmo-nos num celeiro.

Irritado, Naakkve preparava uma resposta. Nesse instante o olhar de Cristina fixou-se em Erlend. Tinha este nos lábios um sorriso escarninho, enquanto media a tábua em que estava a trabalhar. Despeitada e triste, a mulher voltou para a lavandaria. Entretanto, reflectia no que acabara de saber. Aasta Audunsdatter não era mau partido. Existia abastança em Loptsgaard, e só havia três filhas e nenhum filho. Ingegjoerg, mãe de Aasta, pertencia a boa gente.

Cristina não imaginara que um dia a família de Joerundgaard se pudesse aliar a Audun Torbergsoen. Ele, porém, fora acometido, nesse Inverno, duma apoplexia e parecia não dever viver muito tempo. A filha era simpática e boa pessoa. Se Naakkve gostasse dela, não haveria razão para a mãe se opôr ao casamento. O enlace só poderia ser realizado daí a dois anos, pois Naakkve e Aasta eram muito novos, mas Cristina receberia de boa vontade aquela rapariga como nora.

Ora, um belo dia, a meio do Verão, a irmã de Solmund veio a casa de Cristina pedir emprestada qualquer coisa. Quando as duas mulheres, debaixo do alpendre, se despediam uma da outra, disse a irmã do padre:

— E aquilo que aconteceu a Eyvor Haakonsdatter! Parece que o pai a pôs na rua por ela estar grávida, e a rapariga refugiou-se em Ulvsvoldene!

Naakkve, que descia a escada do celeiro, parou no último degrau. A mãe, ao ver o semblante do filho, sentiu o chão vacilar sobre os pés: o rapaz estava corado até à raiz dos cabelos quando atravessou o pátio.

Entretanto, ao ouvir a tagarelice da outra, ela acabou por se convencer de que Eyvor já estava grávida antes da sua primeira visita a Ulvsvolden. «Pobre e ingénuo pequeno!», pensou Cristina, com um suspiro de alívio. «Tem vergonha de ter gostado daquela criatura.»

Uma noite, tempos depois, estava Cristina deitada sòzinha; Erlend partira para a pesca. Julgava ela que Naakkve e Gaute o houvessem acompanhado, mas, de súbito, foi acordada por Naakkve. Precisava de falar com a mãe, murmurou ele, sentando-se aos pés da cama.

— Venho de casa de Eyvor. Conversei com essa infeliz. Eu bem sabia que a caluniavam. Era capaz de pôr as mãos no fogo. Mentiu, aquela língua de víbora de Romundgaard.

Cristina escutou-o em silêncio. Naakkve procurara tornar firme a voz que a comoção sufocava.

— Ela ia para as matinas no dia do baptismo de Nosso Senhor; ninguém a acompanhava e teve de atravessar a floresta.

Aí, encontrou dois homens; ainda estava escuro; ela não sabe quem eram, talvez proscritos que viessem da montanha. Eyvor não se pôde defender, coitada da pequena, tão nova e tão fraca! Não ousou confiar-se a ninguém. Quando os pais perceberam o seu estado expulsaram-na de casa, arrastando-a pelos cabelos e enchendo-a de pancadas. Ela chorava, mãe, ao contar-me tudo isto; chorava que fazia comover as pedras.

Naakkve calou-se de repente e suspirou.

Cristina falou então, dizendo que fora de lastimar que os bandidos houvessem podido fugir. Esperava que a justiça divina os soubesse encontrar e que eles expiassem o seu crime na forca.

Naakkve desatou a elogiar o pai de Eyvor, a sua grande riqueza e a lembrar que era aparentado com tal e tal família muito estimada. Eyvor tencionava pôr o filho numa ama, noutra terra. A mulher de Gudrun Darre tivera o bastardo dum padre. E Sigrid Andresdatter continuava em Kruke, feliz e respeitada. Era preciso ter péssimo coração e ser injusto quem fizesse mau juízo de Eyvor por haver, a esta, acontecido aquela infelicidade. Podia muito bem ser pessoa digna e casar com um homem brioso da sua honra.

Cristina lamentou a rapariga e amaldiçoou os malfeitores, dando graças a Deus por Naakkve ter de esperar ainda três anos para atingir a maioridade. Depois, pediu-lhe, com doçura, que usasse de cautela daí em diante e não se metesse no quarto de Eyvor, como nessa noite; não se devia apresentar em Ulvsvoldene sem que tivesse assuntos a tratar com os donos da casa, senão poderia, sem querer, agravar a má reputação da rapariga. Sim, sim, estava combinado; e a quem duvidasse das justificações de Eyvor e não acreditasse que ela fora violentada, ele sabia mostrar-lhe que tinha a mão lesta. Mas isso ainda daria mais que falar ao povo, o que seria prejudicial à pobre criatura.

Três semanas mais tarde, o pai de Eyvor foi buscar a filha porque a ia casar. O noivo era filho dum lavrador da terra de Eyvor. Os pais haviam-se, de começo, oposto a essa união, pois tinham tido desavenças por causa dumas propriedades. Contudo, no decurso do Inverno, chegaram a acordo. Os dois jovens iam

tratar dos esponsais, mas, nessa altura, Eyvor não quis esse casamento; amava outro homem, dizia ela. Apesar de tudo, via que era um pouco tarde para recusar o noivo. Fora, entretanto, a casa da tia materna, que morava em Sil, esperando decerto que a velhota a ajudasse a esconder as consequências da sua desonra. Mas, quando Hillebjoerg de Ulvsvoldene vira o que acontecera à sobrinha, mandara-a para casa. O pai de Eyvor ficara cheio de furor e espancara a filha por mais duma vez; de maneira que a rapariga se refugiara novamente em Ulvsvoldene. Tudo isto era exacto. Mas o pai entrara em acordo com o primeiro pretendente, e Eyvor tinha de se contentar com ele, quer gostasse ou não.

Cristina notava que Naakkve se atormentava com toda aquela história. Durante muitos dias o rapaz não abriu a boca, e a mãe teve tanta pena que nem se atrevia a fitá-lo, porque, se os olhares de ambos se encontravam, o filho corava e parecia tão constrangido e envergonhado que o coração de Cristina se dilacerava.

Quando os criados de Joerundgaard levavam a conversa para aqueles acontecimentos, a patroa, em tom desabrido, mandava-os calar. Em casa não se falaria dessa história indecente e dessa desavergonhada. Frida calava-se: ouvira, tantas vezes, Cristina Lavransdatter julgar com indulgência e ajudar o mais possível raparigas que haviam tido desventuras daquelas! A própria Frida refugiara-se, em duas ocasiões, na misericórdia da ama. Mas o pouco que Cristina dizia de Eyvor Haakonsdatter era o pior que que se podia dizer.

Erlend riu, quando a mulher lhe contou de que maneira Naakkve tinha sido ludibriado. Foi numa tarde; Cristina fiava ao ar livre e o marido viera deitar-se na erva ao lado dela.

— Não tem importância — comentou Erlend. — O garoto aprendeu assim que os homens não devem confiar nas mulheres.

— Ah! É essa a tua opinião — retorquiu Cristina. A voz tremia-lhe de cólera contida.

— É, sim. — O marido esboçou um sorriso. — Julgava, quando te encontrei pela primeira vez, que eras uma menina extremamente tímida, incapaz de fazer mal a uma mosca: macia como

uma fita de seda e meiga como uma pomba... Iludiste-me bem, Cristina.

— E onde pensas que estaríamos agora se eu fosse tão sensível e terna?

Erlend agarrou nas mãos da mulher e forçou-a a interromper o trabalho. Ergueu para ela olhos cintilantes de alegria. A seguir descansou a cabeça no regaço de Cristina.

— Não, eu ignorava a imensa felicidade que Deus me concedia quando te pôs no meu caminho, Cristina.

Obrigada a dominar-se sempre para esconder o desespero que lhe causava a eterna despreocupação de Erlend, acontecia a Cristina exaltar-se quando repreendia os filhos: Ivar e Skule, sobretudo, sabiam como a mãe tinha a mão pesada e como se zangava. Estavam na idade mais difícil; iam nos treze anos, e tão obstinados e turbulentos que Cristina imaginava por vezes que em toda a Noruega nunca uma mãe deitara ao Mundo e criara filhos tão maus como aqueles. Eram bonitos como os irmãos, com os seus cabelos pretos e ondulados, macios e sedosos, olhos azuis e sobrancelhas negras, rosto magro, de feições finas; altos para a sua idade, mas estreitos de ombros, com braços compridos e franzinos. As articulações salientavam-se como nódulos no caule duma planta. Assemelhavam-se tanto que ninguém, à excepção das pessoas da casa, os distinguia um do outro. E, na terra, chamavam-lhes «os espadachins de Joerundgaard». Nisto não existia intenção lisonjeadora. Simão dera-lhes, por brincadeira, essa alcunha, porque Erlend oferecera a cada um dos gémeos uma pequena espada, que eles nunca largavam senão quando iam à igreja. Cristina não concordara com o presente e deplorava o hábito que Ivar e Skule tinham de andar sempre armados de paus ferrados, de machadas ou de arcos: com rapazes tão impetuosos era de recear algum desastre. Mas Erlend retorquia que estavam em altura de aprender a manejar as armas.

Vivia Cristina numa angústia constante por causa dos gémeos. Quando não sabia do paradeiro deles, afligia-se e suplicava a Nossa Senhora e a Santo Olavo que os trouxessem sãos e salvos. Trepavam aos montes, passando por desfiladeiros estreiros e esca-

lando rochedos abruptos, onde antes ninguém pusera os pés; destruíam ninhos de águias e, quando regressavam, traziam, debaixo do capote, avezitas de grandes olhos amarelos, que respiravam ansiosas. Seguiam no meio de rochas o curso do Laage, pelo Rostin, onde a torrente desce em cataratas. Certa ocasião, Ivar quase morria, arrastado por terra, com o pé no estribo: não se lembrara de montar um cavalo bravio que os gémeos haviam conseguido selar, sabe Deus como? Sem intuitos especiais, tinham ido visitar a bruxa da Lapónia, que morava na floresta de Toldstad. O pai ensinara-lhes algumas palavras no idioma dos lapões, e, quando a velha ouvira falar na sua língua, oferecera aos rapazes comidas e bebidas com que se banquetearam, apesar de ser dia de jejum. E Cristina sempre se empenhara em que os filhos, quando os pais jejuavam, se contentassem com pouco comer, e não manjares muito apetitosos. Fora assim que Lourenço e Ragnfrid a haviam educado. Desta vez, Erlend repreendeu a sério os filhos e tirou-lhes e queimou as gulodices que a feiticeira lhes dera como provisão para o caminho; proibiu-lhes, também, que se aproximassem sequer da orla da floresta habitada pelos lapões. Entretanto, escutou, divertido, a aventura dos gémeos; depois, descreveu a Ivar e a Skule as suas viagens pelo Norte, o que vira dos costumes daquele povo, e conversou com eles nesse feio idioma pagão.

Em geral Erlend não corrigia os filhos e, quando Cristina se lamentava do temperamento fogoso dos gémeos, o marido ria-se. Em casa, os rapazes praticavam às vezes estragos, se bem que fossem muito capazes de se tornar úteis quando os refreavam. Não eram desajeitados como Naakkve. Mas acontecia, se a mãe os mandava executar algum trabalho e ia ver como se saíam disso, encontrar as ferramentas no chão e os pequenos embasbacados para o pai, que lhes demonstrava a maneira como os marinheiros fazem nós e outras coisas deste género.

Lourenço Bjoergulfsoen costumava, depois de pintar com alcatrão uma cruz por cima da porta do estábulo e doutras casas, fazer alguns ornamentos suplementares, como, por exemplo, rodear a cruz com um círculo ou desenhar um traço vertical nos lados. Um dia os gémeos tiveram a ideia de atirar ao alvo num

desses antigos sinais divinos. Cristina ficou cheia de desespero e de furor perante aquele procedimento «judeu». Erlend, porém, tomou a defesa dos garotos: eram tão novos! Não se podia esperar que pensassem na santidade da cruz de cada vez que viam o sinal pintado a alcatrão por cima duma estrebaria ou nas costas duma vaca. «Iiriam ajoelhar-se defronte da cruz do adro e beijá-la-iam, rezando cinco Padres-Nossos e quinze Ave-Marias», ordenou o pai. «Mas que não mandassem buscar Sira Solmund por causa disso». Contudo, desta vez, Bjoergulf e Naakkve deram razão à mãe, e mandaram vir o padre, que aspergiu com água benta a parede e admoestou severamente os dois culpados.

Ivar e Skule davam a comer aos bois e aos bodes cabeças de serpentes, para os tornar bravios. Implicavam com Munan em virtude de este andar sempre agarrado às saias da mãe, e, frequentemente, faziam também arreliar Gaute. Apesar de tudo, os filhos de Erlend eram muito amigos uns dos outros, o que não impedia Gaute de dar uma sova a cada um dos gémeos quando estes se mostravam grosseiros em excesso. Chamá-los à razão só com palavras era tempo perdido: entravam-lhes por um ouvido e saíam por outro. E, se a mãe se zangava, conservavam-se imóveis como estacas, vermelhos de furor e com os punhos cerrados, fitando-a com olhos fulminantes e de sobrolho carregado. Cristina lembrava-se do que Gunnulf lhe contara a respeito de Erlend: que este, em pequeno, se atirara ao pai por mais duma vez. A esta ideia, ela bateu nos gémeos, e bateu-lhes a valer, porque tinha medo: como acabariam os seus filhos se os não domassem a tempo?

Simão Darre era o único que dominava um tanto os sobrinhos. Os pequenos gostavam do tio e abrandavam-se quando os repreendia com bom humor e serenidade. Mas, depois que lhe não falavam, não manifestavam a menor tristeza pela sua ausência. O coração duma criança é esquecido e ingrato, pensava Cristina com melancolia.

No fundo da alma, a mãe tinha grande orgulho nesses dois filhos. Se conseguissem destruir-lhes a obstinação selvática e a brutalidade, Ivar e Skule seriam superiores aos irmãos. Tinham

saúde e grandes aptidões físicas, eram corajosos, sinceros, generosos, compadecidos para os pobres e, por diversas vezes, davam provas de decisão invulgar em rapazes da sua idade.

Numa tarde, quando da ceifa do feno, estava Cristina ocupada na cozinha; de repente, Munan entrou como uma tromba a gritar que havia fogo no velho curral das cabras. Nenhum homem se encontrava nas proximidades da casa; alguns estavam na forja a afiar as foices rombas, outros haviam ido para o local onde era hábito reunir-se a gente moça nas tardes de Verão. A dona da casa agarrou em baldes e partiu a correr, ordenando às criadas que a seguissem.

O curral das cabras era uma velha cabana de telhado esconso e ficava situado numa passagem estreita entre o pátio e a capoeira. Elevava-se em frente da cavalariça e confinava à direita e à esquerda com outras construções. Cristina correu ao alpendre da banda da lavandaria, pegou num machado e num espeque de ferro, mas ao dobrar a esquina da estrebaria não viu chamas; apenas espessa fumarada saía duma abertura do tecto. Ivar, escarranchado no topo, despedia vigorosas machadadas nas traves, enquanto Skule e Lourenço, no interior da cabana, arrancavam pedaços de colmo que espezinhavam depois para apagar o lume. Nesse momento chegaram Erlend, Ulf e os homens que se encontravam na forja. Munan avisara-os, e o fogo, já dominado, depressa foi extinto; a tarde estava calma, mas de vez em quando havia como que baforadas de ar vindas do Sul, e, se o incêndio no curral houvesse tomado incremento, todos os edifícios do lado Norte — cavalariça, celeiros e despensas, assim como casas de habitação — poderiam ficar reduzidos a cinza.

Ivar e Skule estavam empoleirados no telhado da cavalariça; tinham apanhado a laço uma águia e preparavam-se para a dependurar no bico da empena. De repente, haviam sentido forte cheiro a queimado e visto o fumo sair do curral. Num pulo acorreram ali; com o auxílio de machados atacaram o colmo do telhado já em combustão, enquanto mandavam Lourenço e Munan, que brincavam ali perto, trazer socorros. Por felicidade a madeira era velha e podre; não havia dúvida que os gémeos tinham salvado o

domínio materno, acometendo resolutamente o incêndio em vez de perderem tempo a chamar as pessoas crescidas.

Não era fácil saber a origem do fogo, a não ser que fosse por culpa de Gaute, que, uma hora antes, passara por ali levando brasas da forja. O pequeno confessara que o recipiente não estava tapado: talvez que um faúlha voasse para o colmo do tecto seco e estaladiço.

Durante o serão que Ulf organizou e em que toda a família tomou parte, o assunto de conversa foi a presença de espírito dos dois gémeos. Cristina mandou distribuir pelos homens cerveja forte e hidromel. Os três rapazes tinham queimaduras nas mãos e nos pés. Os sapatos estavam todos chamuscados e fendidos. Lourenço, que só tinha nove anos, fez grande esforço para suportar com paciência as dores; ao princípio, impara de orgulho, circulando com as mãos ligadas, por entre as pessoas da casa e recebendo os elogios delas.

Nessa noite, Erlend beijou a mulher depois de estarem deitados.

— Cristina, minha querida, não te inquietes tanto pelos pequenos. Não vês de que raça são os nossos filhos? Muitas vezes atormentas-te por eles, como se os visses caminhar para a forca. Parece-me que devias agora colher alegria como recompensa dos teus sofrimentos e fadigas dos anos em que trouxeste incessantemente filhos no ventre, filhos ao peito, filhos nos braços. Nessa altura só falavas desses saquinhos informes, e agora, que cresceram em idade e em razão, andas no meio deles surda e muda, quase nem respondes às suas perguntas. Deus me perdoe, mas parece que os estimas menos depois que já não sofres por sua causa e quando os nossos belos rapazes, tão desembaraçados, te prestam serviço.

Cristina não teve ânimo para lhe responder.

Não pôde dormir; de madrugada, passou devagarinho por cima do corpo adormecido de Erlend, e, descalça, foi abrir a lucarna.

O céu parecia cinzento de nuvens e o ar era frio. A distância, da banda do Sul, onde as montanhas se juntavam e fechavam

o vale, a tempestade varria o espaço. Cristina ficou uns instantes a olhar para fora. Havia sempre calor, e tão sufocante, naquele sótão onde dormiam no Verão! Com a humidade, o vento trazia o aroma do feno, forte e açucarado. Um pássaro pipilava de quando em quando, cortando o silêncio da noite estival.

Cristina acendeu o coto duma vela. Nas pontas dos pés, aproximou-se do banco onde dormiam Ivar e Skule; vacilou a luz sobre eles e passou-lhes a mão pela cara: deviam ter um pouco de febre. Em voz baixa, a mãe rezou uma Ave-Maria e traçou o sinal da cruz na testa dos rapazes. «A forca...» Como podia Erlend gracejar assim, ele que estivera tão próximo de...?

Lourenço suspirava e murmurava em sonhos. Cristina debruçou-se um momento para os dois filhos mais novos, deitados numa caminha junto do leito dos pais. Lourenço parecia febril, e fez um movimento brusco quando a mãe lhe tocou.

Gaute estava de barriga para o ar, com os braços dum branco leitoso, unidos na nuca, por baixo dos compridos cabelos cor de linho. Afastara de si toda a roupa da cama. Encalmadiço, dormia sempre nu: a pele era tão alva que a cara, o pescoço e as mãos queimadas pelo sol sobressaíam naquela brancura deslumbrante. Cristina tapou-o até à cintura.

Só a custo ela se zangava com Gaute. Parecia-se excessivamente com o avô materno. Cristina censurara-o apenas pela sua imprudência, que podia causar tão grande desgraça. Ponderado e inteligente como era, o incêndio servir-lhe-ia de lição e não seria esquecido.

Naakkve e Bjoergulf ocupavam o segundo dos leitos que havia no quarto. A mãe demorou-se a contemplar os dois rapazes. O buço sombreava-lhes já a boca vermelha e de linhas infantis. O pé de Naakkve saía por baixo da coberta, estreito e de peito alto, mas não muito limpo. No entanto, pensava Cristina, não havia muito tempo que esse pé de homem era tão miúdo que desaparecia na mão fechada da mãe e que ela mordiscava, uma após outra, as pontas dos deditos róseos e pequeninos como campainhas de airelas.

Sim, ela não apreciava bastante a sorte que Deus lhe dera.

A recordação do tempo em que estava grávida de Naakkve e as visões de terror em que se debatera assaltavam-na ainda por vezes: o filho nascera e ela, como uma pessoa que acorda oprimida por um pesadelo, saíra para a bendita claridade do dia. Outras mulheres, ao despertar, presenciavam piores desgraças do que as dos seus horríveis sonhos. Mesmo agora, se via um enfermo ou aleijado, Cristina sentia o coração dorido ao lembrar-se das suas apreensões pelo filho que ia nascer. Então humilhava-se diante de Deus e de Santo Olavo com fervor ardente, diligenciava espalhar o bem à sua volta e, rezando, esforçava-se por chorar algumas lágrimas de arrependimento. Mas sentia sempre o coração insatisfeito; arrefecia o ardor e as lágrimas secavam-se-lhe na alma como água na areia. Acabava por resignar-se, dizendo consigo que não possuía esse dom piedoso que esperara herdar do pai. Era dura, cheia de pecados. Contudo, não seria pior do que a maioria das pessoas; por isso, como quase todas, estaria condenada a suportar no outro mundo o fogo que lhe abrandaria a alma e a purificaria.

Lastimava ser assim feita, quando olhava para os seus sete belos rapazes em volta da mesa, ou quando, aos domingos, se encaminhavam para a igreja enquanto os sinos convidavam à alegria e chamavam sobre todos a paz de Deus. No meio de outros moços bem vestidos e de bela aparência, os filhos subiam a colina, à frente da mãe. Que outra mulher deitara ao mundo tantos filhos sem passar pelo desgosto de perder um só que fosse? Todos se tornavam homens, sãos de corpo e de espírito, isentos de qualquer enfermidade física ou moral: sòmente Bjoergulf era um pouco míope. Cristina quereria então esquecer as suas ideias tristes, tornar-se meiga e grata, temer e amar a Deus. Lembrava-se do que o pai dissera certo dia: «Quem, humildemente, se recorda dos seus pecados e se inclina sob a cruz do Senhor jamais terá necessidade de se dobrar ao peso duma infelicidade ou duma injustiça do Mundo».

Cristina soprou a vela e, depois de limpar-lhe o pavio, pô-la no lugar habitual, debaixo da viga superior da parede. Dirigiu-se outra vez para a lucarna. Amanhecia, numa claridade triste e débil.

Nos telhados fronteiros, para onde olhava, raminhos de erva, ressequidos do sol, ondulavam ao leve sopro do vento; um rumor crepitante subia das bétulas, do outro lado da casa.

Cristina contemplou as suas mãos pousadas no peitoril da janelinha: estavam gretadas, estragadas; os braços, escuros até ao cotovelo, mostravam músculos entumecidos, duros como madeira. Em nova, os filhos tinham-lhe sugado o sangue e o leite até que o seu corpo perdera todos os vestígios das delicadas formas virginais. E, agora, o incessante esforço físico destruía a pouco e pouco os restos da beleza que revelara ser ela filha, esposa e mãe de homens de raça nobre: mãos brancas e esguias, braços alvos e macios, pele rosada — essa pele que ela outrora protegia do sol com toucas de linho e cuidara com loções de sábia composição. Desde muito tempo que deixara o rosto, coberto de suor pelo trabalho, tisnar-se como o duma pobre camponesa.

Da sua formosura de rapariga sòmente lhe restavam os cabelos. Eram tão abundantes e sedosos como antigamente, embora raras vezes tivesse vagar para os lavar e tratar. A pesada trança esguedelhada que lhe pendia pelas costas há três dias que não era penteada. Com um movimento de cabeça, Cristina lançou-a para a frente, desmanchou-a e sacudiu os cabelos: envolviam-na ainda como um manto até abaixo dos joelhos. Cristina foi ao baú buscar um pente e, tiritando ao frio da manhã, que entrava pela lucarna sob a qual se sentara, vestida apenas com a camisa, pôs-se a desembaraçar com precaução as madeixas enredadas.

Depois de pentear os cabelos e de os entrançar, sentiu-se um pouco mais bem disposta. Pegou, então, no pequeno Munan adormecido, instalou-o no vasto leito dos pais, junto à parede, e deitou-se entre ele e o marido. Adormeceu, por fim, com a cabeça do filho apoiada ao seu ombro.

Quando acordou, já a manhã ia alta; Erlend e os rapazes estavam a pé.

— Parece-me que ainda mamas — observou Erlend ao ver Munan deitado ao lado de Cristina. O pequeno, ofendido, saiu da alcova e trepou por um dos pilares do balcão: queria demonstrar que era um homem.

— Salta! — gritou-lhe Naakkve, do pátio.

Aparou-o nos braços, fê-lo rodopiar e atirou-o a Bjoergulf; os dois rapazes entretiveram-se a dar voltas ao irmão, tão altas e vertiginosas que o pequeno gritava de alegria e de susto.

Mas, no dia seguinte, como Munan choramingasse porque ao distender a corda dum arco se magoara nos dedos, os gémeos enrolaram-no num tapete e assim o transportaram para a cama da mãe, onde lhe meteram na boca um pedaço de pão tão grande que o pequeno quase sufocava.

II

O capelão de Erlend, em Husaby, ensinara a ler aos três filhos mais velhos de Cristina. Não se tinham mostrado estudantes muito aplicados, mas eram inteligentes; a mãe, que recebera a mesma instrução, ajudara-os, de forma que os pequenos haviam aprendido certo número de coisas.

Durante o ano que Bjoergulf e Nikulaus tinham passado junto de Sira Eiliv, no convento de Tautra, haviam eles, conforme a expressão do padre, «chupado com ardor o leite da senhora Ciência». O mestre era um velho monge, que toda a sua vida, com a infatigável assiduidade das abelhas, colhera conhecimentos nos livros, tanto latinos como noruegueses, que lhe caíam nas mãos. O próprio Sira Eiliv amava a erudição. Mas, na sua estada em Husaby, não tivera ocasião de seguir a sua predilecção pelos estudos. Viver perto de Aslak representava para ele o mesmo que o pasto das serras para o gado faminto. E os dois rapazes, que no convento estavam quase sempre ao lado do seu antigo capelão, acompanhavam, de boca aberta, as conversas cheias de sabedoria dos dois homens. Frei Aslak e Sira Eiliv haviam tido grande satisfação em alimentar o espírito dos moços alunos com o mais puro mel dos tesouros da biblioteca, que Alask enriquecera com numerosos resumos e cópias das obras mais célebres. Em pouco tempo, Naakkve e Bjoergulf tornaram-se tão hábeis que o monge raras vezes necessitava de lhes falar em norueguês, e, quando os pais os vieram buscar, mostravam-se capazes de responder correntemente em bom latim ao professor.

Os dois irmãos não esqueciam o que tinham aprendido. Havia muitos livros em Joerundgaard. Lourenço possuía cinco, dois dos quais couberam por herança a Ramborg, mas esta nunca quisera

aprender a ler, e Simão não se exercitara suficientemente na prática da leitura para que se entretivesse com isso, embora soubesse interpretar um texto ou escrever uma carta. Assim, Simão pedira a Cristina que ficasse com os livros até que os filhos soubessem compreendê-los. Erlend dera à mulher, pouco depois do casamento, três livros que haviam pertencido aos pais, e, além disso, Gunnulf Nikulaussoen oferecera-lhe outro. Este livro, que Gunnulf mandara fazer de propósito para a cunhada, continha extractos de um volume sobre Santo Olavo, seus milagres e de outros, e a missiva que os franciscanos de Oslo mandaram ao Papa pedindo a canonização de Frei Edvin Ricardsoen. Finalmente, Naakkve recebera de Sira Eiliv um livro de orações, no momento da separação. Naakkve lia muitas vezes para o irmão ouvir, numa bela voz, um pouco cantante, como lhe ensinara Frei Aslak. Mas preferia o seu livro de horas, em latim, e outro que pertencera a Lourenço Bjoergulfsoen. Acima de tudo, apreciava um grosso volume escrito em maravilhosa caligrafia, o qual se transmitira na família desde o primeiro antepassado conhecido, o bispo Nikulaus Arnessoen.

Cristina desejaria dar igualmente aos filhos mais novos a instrução que convinha a homens nobres como eles. Mas de que maneira? Sira Erik era muito velho, e Sira Solmund sabia apenas ler no seu breviário, e mesmo assim escapava-lhe o sentido de mais duma passagem.

À noite, de tempos a tempos, Lourenço sentava-se ao lado de Naakkve e pedia-lhe que lhe indicasse as diferentes letras nas lâminas cobertas de cera, mas nenhum dos outros três irmãos mostrava desejo de adquirir semelhantes conhecimentos. Certo dia, Cristina pegou num livro norueguês e disse a Gaute que visse se se recordava do que aprendera em pequeno com Sira Erik; Gaute, porém, a custo conseguiu soletrar duas sílabas, e, logo que encontrou uma palavra mais comprida, fechou o livro e declarou que isso o não divertia.

Uma noite, veio Sira Solmund a Joerundgaard buscar Naakkve. Um senhor estrangeiro, chegado de Nidaros, da festa de Santo Olavo, pedira asilo em Romundgaard, mas nem ele nem a comitiva conheciam a língua do país; por seu lado, o guia que os

conduzira só compreendia algumas palvras isoladas do idioma deles. Sira Erik estava doente, de cama. Naakkve não quereria acompanhar Sira Solmund para falar em latim com o estrangeiro?

O rapaz não ficou muito satisfeito em ser chamado para servir de intérprete, mas seguiu o padre sem protestar. Regressou a casa bastante tarde, animadíssimo e um tanto ou quanto embriagado. Bebera bom vinho, que o cavaleiro trouxera e que oferecera ao padre, ao sacristão e a Naakkve. Chamava-se, o tal senhor, Alland ou Allart de Bekelar, da Flandres, e andava em peregrinação pelos lugares santos dos países nórdicos. Era extremamente amável. A conversa decorrera com alegria. Depois destes preâmbulos, Naakkve falou enfim da proposta que lhe fizera o cavaleiro. Quando este saísse de Romundgaard iria por Oslo e prosguiria nas suas romagens pela Dinamarca e Alemanha; gostaria que Naakkve o acompanhasse na qualidade de intérprete, pelo menos na Noruega. Mas dera a entender que, se o rapaz quisesse segui-lo noutros países, Allart seria capaz de lhe assegurar bom futuro. Na sua terra, as esporas e os colares de ouro, as pesadas bolsas e as espléndidas armaduras pareciam simplesmente esperar que o jovem Nikulaus Erlendsoen as fosse colher.

Naakkve respondera que não era ainda maior e que precisava do consentimento do pai, o que não impedira o cavaleiro Allart de o obrigar a aceitar um presente — que de forma nenhuma seria um compromisso, afirmara ele; era um gibão de seda, cor de ameixa, com mangas enfeitadas de guizos de prata.

Erlend ouviu mais ou menos silencioso, com ar estranho e concentrado. Logo que Naakkve acabou a sua narração, o pai mandou Gaute buscar a escrivaninha e pôs-se a redigir uma carta em latim. Chamou Bjoergulf para que o ajudasse, pois Naakkve não estava em condições de o fazer. Por isso, Erlend disse-lhe que se fosse deitar. Na carta, Erlend convocava o cavaleiro para o dia seguinte, depois da hora prima, a fim de discutirem a proposta do senhor Allart para tomar como escudeiro o moço Nikulaus Erlendsoen, de tão nobre linhagem. Quanto à oferenda do cavaleiro, pedia desculpa de a devolver, mas o senhor Allart que guardasse até que Nikulaus, com a permissão do pai, se obrigasse

por juramento a servir o estrangeiro, conforme o uso da fidalguia de todos os países.

Erlend deitou um pouco de lacre no fim da carta e imprimiu o sinete que tinha no anel. Depois, ordenou a um criado que levasse a missiva e o gibão de seda a Romundgaard.

— Meu querido, julgo que não tencionas deixar partir o teu filho para países estrangeiros com um desconhecido? — perguntou Cristina a tremer.

— Veremos. — Erlend teve um sorriso enigmático. — Aquilo não me agrada muito—acrescentou, ao notar a agitação da mulher. Sorriu mais abertamente e acariciou-lhe a face.

A pedido de Erlend, Cristina mandara juncar de ramos de zimbro e de flores o soalho da sala e cobrir os bancos com os mais belos coxins. Haviam estendido na mesa uma toalha de linho, preparado delicadas iguarias e deitado bebidas em soberbas taças e nas preciosas cornucópias guarnecidas de prata, herança de Lourenço. Erlend barbeara-se com todo o cuidado, frisara os cabelos e envergara uma veste comprida ricamente bordada e cujo tecido provinha de países distantes. Foi receber o convidado à entrada do pátio e, quando os dois homens vinham em direcção à casa, Cristina não póde deixar de dizer consigo que o marido parecia muito mais um desses cavaleiros franceses de que falam as lendas do que aquela personagem gorda e loira no seu fato sumptuoso e variegado de cetim e de veludo.

Estava Cristina na varanda, defronte da sala, lindamente vestida e aparamentada com touca de seda. O flamengo beijou-lhe a mão, quando ela lhe deu as boas-vindas em francês; foram só essas as palavras que dirigiu ao estrangeiro em todo o tempo que ele se demorou em Joerundgaard. Tanto ela como Sira Solmund, que vinha com o seu hóspede, nada compreenderam da conversa dos dois homens. Mas quando o padre se congratulou por haver feito a fortuna de Naakkve, Cristina não disse que sim nem que não.

Erlend falava um pouco francês e correntemente a espécie de gíria alemã que os mercenários empregavam: o diálogo entre ele e o cavaleiro prosseguia com animação e cortesia. No entanto, Cristina reparou que o flamengo parecia cada vez menos satisfeito,

embora procurasse dissimular a contrariedade. Erlend dera ordem aos filhos que permanecessem na sala da casa nova até que os fossem buscar — mas ninguém foi mandado lá.

Os donos da casa acompanharam o cavaleiro e o padre até à porta do pátio. Logo que os dois vultos desapareceram entre os campos, Erlend voltou-se para a mulher e disse-lhe, com um sorriso que nada significava de bom:

— Com aquele homem, eu não deixaria Naakkve sòzinho, nem que fosse apenas para ir a Breidin.

Ulf Haldorsoen aproximou-se. Erlend e ele disseram qualquer coisa que Cristina não percebeu, mas Ulf soltou uma praga e cuspiu. Erlend riu-se e bateu uma palmada no ombro do administrador.

— Sim, se eu tivesse sido um sedentário como os camponeses daqui... Mas não me desfaço dos meus belos falcõezinhos para os entregar ao diabo. O pateta de Sira Solmund não deu por nada!

Cristina ficou de braços pendentes. Corava e empalidecia sucessivamente. O medo e a vergonha causaram-lhe náuseas, as pernas quase se lhe vergavam. Ela ouvira falar desses casos... mas como de factos estranhos e longínquos. Que tais horrores pudessem vir até ao limiar da sua porta... como a derradeira vaga que ameaçasse fazer naufragar a sua barca sobrecarregada, batida pela tormenta... Santa Maria! Ainda ia ter inquietações dessa espécie por causa dos filhos?

Erlend prosseguia com o mesmo sorriso malévolo.

— Tive suspeitas desde ontem à noite. Aquele senhor pareceu-me cortês em excesso, pelo que Naakkve contava. Em parte nenhuma do Mundo há o costume de beijar na boca um homem que se quer para escudeiro, nem é uso presentcá-lo antes que ele haja dado provas da sua capacidade.

Tremendo dos pés à cabeça, Cristina exclamou:

— Como pudeste mandar-me espalhar rosas no soalho e cobrir a mesa com uma toalha de linho para receber um...?

E pronunciou uma palavra terrìvelmente grosseira.

Erlend franziu as sobrancelhas. Apanhara uma pedra e seguia com o olhar a gata amarela de Munan, que restejava pelas ervas,

rente ao muro, pronta a saltar sobre os pintainhos que rondavam a estrebaria.

Pim! — fez a pedra. O gato desapareceu como uma seta por trás do ângulo da casa, e a galinha e os pintos dispersaram-se por todos os lados. Erlend virou-se para a mulher.

— Achei que, apesar de tudo, devia ver esse indivíduo. Podia ser homem de boa fé... Em qualquer caso, tinha eu de mostrar boa educação; não sou o confessor do cavaleiro Allart... E tu, bem ouviste que ele tenciona ir a Oslo. — Erlend riu-se outra vez. — É possível que, por essa via, algum dos nossos fiéis amigos e queridos parentes doutros tempos chegue a saber que não estamos reduzidos a espiolhar farrapos e a comer arenque e pão de aveia em Joerundgaard.

Bjoergulf queixava-se de dores de cabeça e estava deitado quando Cristina, à hora da ceia, subiu ao quarto. Naakkve falou em não comparecer à mesa.

— Estás com ar triste esta noite — disse ela.

— Porquê? — O rapaz teve um sorriso escarninho. — Se demonstrei ser mais parvo do que os outros, se deixei que me lançassem poeira nos olhos, não é razão para eu ficar amuado.

— Consola-te — disse o pai à mesa, como Naakkve continuasse calado. — Não te há-de faltar ocasião para viajar e tentar fortuna.

— Depende de Bjoergulf poder ou não seguir-me — retorquiu o filho em voz baixa, como se quisesse que só o pai o ouvisse. —Falai antes dessas coisas a Ivar e Skule—acrescentou Naakkve, com pálido sorriso. — Eles estão desejando ter idade para se rasparem.

Cristina levantou-se e pôs a capa. Queria ir ver um desgraçado que morava na cabana de Ingebjoerg, declarou ela quando lhe perguntaram aonde ia. Os gémeos ofereceram-se para a acompanhar e levar-lhe o alforje, mas a mãe preferiu partir sòzinha.

A noite estava escura e, ao norte da igreja, o caminho atravessava o bosque, à sombra do Hammeraas. Uma corrente de ar frio passava pelo Rustan e o rumor do rio acompanhava-se de

húmida frescura. Turbilhões de borboletas brancas volteavam nas árvores; de vez em quando os seus enxames roçavam por Cristina. Parecia atraí-las a brancura lustrosa do linho que lhe emoldurava a cara. A mulher expulsava-as com a mão, enquanto subia a encosta, escorregando no espesso tapete de caruma e tropeçando nas raízes torcidas que despontavam no chão da vereda por onde seguia.

Havia anos que um sonho perseguia Cristina. A primeira vez fora na noite anterior ao nascimento de Gaute, mas acontecia-lhe ainda acordar desse pesadelo banhada em suores e com palpitações desordenadas no coração.

No sonho, via um prado florido, num declive, ao fundo do pinhal sombrio que o cercava por três lados: no sopé da encosta, uma lagoa reflectia a mata escura e a clareira verde manchada de sombras. O Sol estava por trás das árvores. Em cima, os derradeiros clarões dourados da tarde penetravam em longos raios tamisados pelas ramagens, e na superfície da água flutuava, entre folhas de nenúfares, a miragem das nuvens incendiadas pelo poente. A meio do prado, na sebe de líquenes, de ranúnculos e das umbelas esverdinhadas da angélica, Cristina distinguia o filho, Naakkve sem dúvida, pelo menos na primeira vez que lhe viera este sonho, pois nessa altura só tinha dois filhos, e Bjoergulf ainda era muito pequenino. Mais tarde, não podia decidir de qual se tratava: a carinha cheia, dourada pelo sol e emoldurada pelos cabelos castanhos, parecia-lhe ser ora dum, ora doutro dos filhos, mas a criança aparentava sempre ter dois ou três anos, vestida com o trajo habitual dos pequenos de Cristina, gabão amarelo de lã fiada e tecida em casa, tingido num banho de líquenes e orlado de galões vermelhos.

Noutras ocasiões, via-se ela do outro lado da lagoa, ou então não estava presente no local onde decorria o sonho, mas, no entanto, observava tudo.

Reparava que o filho ia e vinha apanhando flores. E embora o coração da mãe se oprimisse angustiado, pressentindo o que ia acontecer, ela sentia, ao começo, dolorosa doçura ao ver a criança no meio do prado.

De repente, lá em cima, na orla da mata, surge das trevas um vulto enorme e peludo. Move-se sem ruído; dois olhinhos maus luzem como brasas. O urso aparece, finalmente, todo inteiro, no topo do prado; conserva-se imóvel uns instantes, meneando a cabeça, balouçando os ombros. Depois, desata a correr... Cristina nunca vira um urso vivo, mas sabia que eles não corriam daquela maneira: não é um verdadeiro urso. Este avança com agilidade felina. Parece cinzento, agora. Como um gato gigantesco, desce a encosta em pulos elásticos.

A mãe sente uma aflição mortal: não pode advertir o filho. O pequeno tem a intuição de que se passa qualquer coisa, e olha para trás de si. Com um horrível grito de terror tenta fugir; corre na erva alta, levantando as pernas como os nenés, e Cristina ouve nìtidamente os estalidos dos caules pejados de seiva quando ele atravessa a opulenta e densa vegetação. O pé tropeça num obstáculo, a criança tomba, e um momento depois o monstro cai sobre ela, curvado e com a cabeça escondida nas patas dianteiras. Nesse instante a mãe acorda...

E, de cada vez que este sonho voltava, ela ficava acordada durante horas antes que conseguisse serenar-se a si própria: aquilo não era mais do que um sonho. Abraçava então o filho mais pequenino, que dormia entre Cristina e a parede. E ela punha-se a imaginar o que faria se realmente acontecesse uma coisa assim... Asssustaria com os seus gritos o animal, ou brandiria um pau... Cristina usava sempre uma faca comprida suspensa do cinto.

Logo que ela conseguia acalmar-se vinha outra vaga de angústia submergi-la: mais uma vez a mãe assistia impotente à inútil tentativa de fuga do menino, à impiedosa rapidez e à força esmagadora do animal cruel. O sangue corria impetuoso nas veias dela, ameaçando estalar o coração com o seu afluxo.

A cabana de Ingebjoerg ficava situada à beira do Hammeraas, um pouco abaixo do caminho que ia ter à montanha. Estivera abandonada durante alguns anos e as terras haviam sido arrendadas a um homem que arroteara um terreno não longe dali.

Na cabana refugiara-se um pobre leproso, deixado atrás por

um grupo de mendigos. Cristina mandara-lhe comida, fato e remédios quando ouvira falar do caso, mas não tivera ainda tempo de lá ir.

Mal chegou, viu que o desgraçado estava a morrer. Ao saber, pela mendiga que ficara junto dele, que haviam ido buscar o padre, Cristina lavou-lhe a cara, as mãos e os pés, para que estivesse em condições de receber a extrema-unção.

No miserável quarto enegrecido de fumo havia um cheiro nauseabundo. Quando apareceram ali duas mulheres da vizinhança, Cristina mandou-as ir a Joerundgaard para trazerem tudo o que fosse preciso. Depois, disse adeus e partiu. Sobreviera-lhe temor estranho e doentio à ideia de encontrar o padre com o *Corpus Domini*. Por isso se meteu pelo primeiro atalho com que topou.

Depressa viu que era caminho aberto pelo gado, e daí a pouco achou-se em terreno intransitável. Quando não podia contorná-las, era obrigada a passar de rastos por baixo das árvores abatidas pelo vento e cujas raízes enredadas se erguiam ameaçadoras. Desprendiam-se-lhe pedaços de musgo sob os pés quando tinha de trepar grandes pedregulhos; colavam-se-lhe ramos ao fato. Era quase impossível encontrar passagem entre os silvados para atravessar um regato ou uma clareira pantanosa. E as desagradáveis borboletinhas brancas pululavam por toda a parte: os seus enxames rodopiavam debaixo das árvores e elevavam-se em nuvens dos tufos de estevas quando Cristina poisava lá os pés.

Chegou ela, enfim, aos planaltos situados acima do Laage. O pinhal era aqui menos denso porque as árvores se viam forçadas a estender as raízes na delgada camada de terra que cobria os rochedos; o chão estava todo tapado com líquenes acinzentados que estalavam sob os passos. Aqui e ali a mancha escura duma urze. O olor dos pinheiros evolava-se mais quente, mais seco e mais forte do que no cimo dos montes. Desde a Primavera que a caruma se tornara amarela.

E as borboletas sempre a perseguirem Cristina...

Atraía-a o rumor do ribeiro. Foi até à beira da rocha e olhou para baixo. Ao fundo, luziam ramos; a torrente estava branca de

espuma; precipitava-se, trovejando, por cima das pedras, de cova em cova.

Aquele som monótono de catarata repercutia-se, fremente, no corpo e na alma de Cristina. Era como uma evocação obcecante do tempo — havia uma eternidade! — em que ela julgara não ter forças para suportar a sorte que escolhera por suas mãos. Abrira ao amor carnal, devastador, o asilo da sua vida de donzela, amena e protegida. Desde então vivera só no tormento, no tormento e no tormento; depois fora a escravidão logo que havia sido mãe. Na sua juventude abandonara-se ao Mundo, e cada vez mais se debatia nas redes desse Mundo, cada vez mais se sentia cativa. Quisera esconder os filhos debaixo das suas asas protectoras, presa como estava às preocupações temporais. A agonia, a indizível fraqueza que a dominava, esforçara-se ela por dissimular; na aparência, passara no meio de tudo firme e serena; calara-se e lutara para assegurar o bem-estar dos filhos por todos os meios de que dispunha.

Mas sempre a atormentava esta ideia: se lhes sucede alguma desgraça, não poderei suportar. E, no fundo da alma, gemia ao pensar nos pais. Estes haviam carregado com o mesmo fardo de dor e de inquietação, dia após dia, até à morte; mas tinham tido forças de o levar, não porque amassem menos os filhos, mas porque os amavam melhor.

Iria Cristina ver agora terminada assim a sua luta? Teria ela criado um bando de rapinantes, que se impacientavam no ninho que a mãe lhes preparara, esperando só o momento em que as suas asas estivessem aptas a levá-los para além das montanhas azuis do horizonte? E o pai batia as palmas e ria:

«Voai, voai, meus gaviõezinhos!»

No voo, eles arrancariam e levariam consigo farrapos sangrentos do coração da mãe, sem darem por isso. Ficaria sòzinha; todas as fibras, que antes a prendiam ao velho lar, ela mesma as despedaçara no passado. No fim de contas, assim não era viver, nem morrer.

Cristina voltou-se e desatou a correr, tropeçando no tapete pálido e ressequido dos líquenes; aconchegava a si a capa, para

evitar a sensação desagradável dos ramos que se lhe prendiam. Atingiu, finalmente, os prados do norte da igreja. Atravessou os campos e, de súbito, viu surgiu diante dela um homem.

— És tu, Cristina? — perguntou o vulto.

Ela reconheceu o marido.

— Demoraste-te — disse ele. — Já estava inquieto.

— Inquieto por minha causa? — A sua voz teve uma entoação mais dura e orgulhosa do que ela quereria.

— Precisamente inquieto, não. Mas tencionava ir ao teu encontro.

Nada mais disseram enquanto desciam na direcção do Sul. Em Joerundgaard tudo estava calmo. Alguns cavalos pastavam em redor das casas, mas os criados já se haviam ido deitar.

Erlend aprontava-se a subir para o sótão que lhes servia de quarto no Verão, mas Cristina encaminhou-se para a cozinha.

— Tenho umas coisas a verificar — respondeu ela às perguntas do marido.

Este parou na varanda, e, encostado à balaustrada, esperou pela mulher. Daí a pouco viu-a sair com um archote de pinho resinoso e entrar na casa velha. Esperou ainda uns momentos, depois desceu a escada e foi atrás de Cristina.

Ela acendera uma vela e colocara-a na mesa. Um arrepio, como de medo, percorreu Erlend quando este viu a mulher, de pé, diante da luz bruxuleante naquela casa vazia: só existiam nesse compartimento os móveis fixados ao chão; e, à claridade débil, brilhava a madeira gasta, branca e sem enfeites. No lar frio e varrido só ardia o archote que Cristina atirara para ali. Erlend e a mulher não faziam uso da velha habitação, e havia seguramente mais de seis meses que não acendiam lume nessa lareira. Ao ambiente faltava a atmosfera que deixa a frequentação e o trabalho dos homens; as portas e a abertura do fumeiro estavam fechadas, sabe Deus há quanto tempo. Sacos e peles enroladas e atadas, que Cristina encontrara no armazém das provisões, empilhavam-se no leito que fora de Lourenço e de Ragnfrid.

Dispersa sobre a mesa jazia uma porção de meadas: linhas de

coser, lã de passajar, que Cristina pusera de lado quando tingira. Preparava-se ela para as separar e as pôr em ordem.

Erlend sentou-se no lugar de honra, à cabeceira da mesa, e de redor da sua figura delgada aquele assento pareceu extremamente vasto, desprovido como estava de coxins. Os dois guerreiros de Santo Olavo, com os seus escudos e armaduras assinalados com uma cruz, que Lourenço esculpira nos braços da cadeira, tinham um ar carrancudo, sem graça, sob as mãos morenas e esguias de Erlend. Lourenço fora exímio na escultura de folhagens e de animais, mas nas figuras humanas nunca realizara grande coisa.

Houve um longo silêncio, apenas quebrado de quando em quando pelas patadas dos cavalos, que ressoavam na noite estival.

— Não te vais deitar já, Cristina? — acabou Erlend por perguntar.

— E tu?

— Estou à tua espera — retorquiu o marido.

— Ainda não tenho sono; nem mesmo posso dormir!

— Que te atormenta, Cristina, para julgar que não podes dormir? — perguntou ele daí a instantes.

Cristina endireitou-se. Segurava numa meada de lã verde que voltava e puxava com os dedos.

— De que estáveis a falar, tu e Naakkve? — A mulher, com a garganta seca, engoliu a custo a saliva. — Deste-lhe um conselho... e ele disse que não lhe interessava... mas que Ivar e Skule...

— Ah! já sei! — Erlend esboçou um sorriso. — Dizia eu ao rapaz que ainda tenho um parente prestável, embora Gerlak não deva conservar a mesma solicitude em me beijar as mãos e desembaraçar-me da capa e da espada como noutros tempos. Contudo, possui navios e primos ricos tanto em Breme como em Lynn. Esse homem deve-se lembrar de que tem a obrigação de auxiliar os irmãos da mulher. Por acaso olhei a despesas quando casei a minha filha com Gerlak Triedekensoen?

Cristina conservou-se calada. Erlend, então, exclamou um tanto irritado:

— Por amor de Deus! Não me fites dessa forma, como se fosses de pedra!

— Nunca pensei, quando nos casámos, que os nossos filhos ficassem reduzidos a correr o Mundo e a procurar trabalho em casa de estranhos.

— Que me leve o diabo se alguma vez também imaginei que pedissem fosse o que fosse a alguém! Mas se todos sete se devem alimentar das tuas terras, minha querida, terão de viver como camponeses, e os nossos filhos não são feitos para semelhante regime. Ivar e Skule parecem vir a ser valentes soldados, e nos outros países são bem recompensados os que querem ganhar a sua vida manejando a espada.

— Soldados mercenários e escudeiros particulares, é o que queres fazer dos teus filhos?

— Eu também fui mercenário, quando era rapaz e acompanhei o conde Jacob, que Deus haja! Adquiri certo número de conhecimentos que nenhum homem aprende se não sair da sua região, esteja ele repimpado no lugar de honra, com um cinto de prata em volta da barriga farta de cerveja, ou ande atrás da charrua a cheirar o fedor dos cavalos de lavoura. Levei uma existência agradável ao serviço do conde. Digo-o, embora tivesse esse trambolho no pé desde a idade de Naakkve. Ao menos gozei um pouco da minha mocidade.

— Cala-te! — Os olhos de Cristina haviam-se sombreado. — Não seria para ti a dor mais cruel se os teus filhos se deixassem arrastar para o pecado e infelicidade como tu?

— Oh! Sim! Deus os preserve de tal destino! Mas não vejo motivo para que cometam todas as asneiras do pai. Podemos estar ao serviço de um senhor sem nos arriscarmos a essas aventuras.

— Quem a ferro mata, com ferro morre, assim dizem as Santas Escrituras, Erlend!

— Bem sei, minha querida. Contudo, a maior parte dos teus e dos meus defuntos avós morreram cristãmente na sua cama, depois de receberem os derradeiros sacramentos. Olha, por exemplo, o teu pai! Em novo, mostrou bem que era capaz de se servir da espada!

— Estavam em guerra, Erlend. Se meu pai e outros pegaram em armas, foi por ordem do rei, a quem haviam jurado fidelidade,

e com o fim de salvarem o seu lar. No entanto, o pai dizia-me que não era vontade de Deus que nos matássemos uns aos outros, nós os cristãos...

— Bem sei. Mas o Mundo é assim desde que Adão e Eva comeram a maçã. Nascemos no pecado; com o pecado em nós, que posso eu fazer?

— Estás a proferir palavras vergonhosas.

Erlend interrompeu-a com rudeza:

— Cristina, sabes perfeitamente que me arrependi dos meus pecados e fiz penitência o melhor que pude. É verdade que não sou homem piedoso. Vi demasiadas coisas quando ainda muito criança. Meu pai era tão amigo dos grandes dignitários do capítulo que eles iam lá para casa roncar como porcos: Eiliv, quando era padre, Sigvat Laud e toda aquela súcia. Aquilo não passava de brigas e discussões; mostravam-se cruéis, sem misericórdia pelo próprio arcebispo. Não eram mais pacíficos nem mais santos do que os outros, apesar de todos os dias terem nas mãos os objectos mais sagrados e elevaram o próprio Deus no pão e no vinho.

— Não compete a nós julgar os padres, dizia sempre meu pai; temos o dever de nos inclinar perante o ministério sagrado e obedecer-lhes; a sua natureza humana só pode ser julgada por Deus Todo-Poderoso.

— Sim... — Erlend hesitou em responder. — Sei que teu pai dizia isso, e tu já mo repetiste. Sei também que és mais piedosa do que eu consigo ser. No entanto, Cristina, custa-me a crer que seja boa maneira de interpretar a palavra divina guardar tudo no coração e nada esquecer. Lourenço também era rancoroso. Não digo que teu pai não fosse bom cristão, nobre e bondoso, como tu és, Cristina. Mas, quando às vezes falas com tanta doçura que a gente julgaria que tens a boca cheia de mel, receio que estejas a remoer os males que te causaram noutros tempos, e só Deus sabe se és tão bondosa no fundo da alma como nas tuas palavras.

Num movimento brusco, Cristina lançou-se para cima da mesa, com o rosto escondido nas mãos, e desatou a chorar. Erlend levantou-se num pulo. Ela chorava com soluços fundos e lanci-

nantes que a sacudiam toda. Erlend rodeou com o braço os ombros da mulher.

— Que tens, Cristina? Que tens? — repetiu ele, sentando-se ao lado dela, no banco, e tentando erguer-lhe a cabeça. — Não chores dessa forma, Cristina. Parece que enlouqueceste!

— Tenho medo! — exclamou a mulher, endireitando-se e unindo as mãos sobre os joelhos. — Tenho tanto medo! Oh, minha Nossa Senhora, valei-nos! Tenho tanto medo do que pode acontecer aos meus filhos!

— Mas, minha Cristina, é preciso que te habitues á ideia de que não vais tê-los toda a vida agarrados às tuas saias. Daqui a pouco tempo todos eles serão adultos. E tu procedes tal qual a cadela que ladra a torto e a direito, a amigo e a inimigo, quando se trata dos teus filhos.

Erlend falara sentado, de pernas cruzadas e mãos a rodear o joelho, e fitava a mulher com ar um tanto apoquentado.

Ela pôs-se de pé bruscamente, e ficou silenciosa uns instantes, torcendo as mãos. Depois, sempre calada, deu uns passos no quarto. Erlend contemplou-a sem nada dizer.

— Skule... — Cristina parou em frente do marido. — Skule, um nome aziago que deste ao teu filho! Mas assim quiseste! Quiseste que o duque renascesse nessa criança!

— O nome nada tem de mau. Nome aziago, dizes tu. Depende. Ao baptizar o meu filho com o nome do trisavô, lembrei-me de que ele não teve sorte; mas nem por isso deixou de ser rei com mais direitos do que os descendentes do «penteeiro».

— Tu e Munan Baardsoen tendes grande vaidade em serdes parente do rei Haakon Haalegg.

— Bem sabes que a família de Sverre tem sangue real nas veias pela tia materna de meu pai, Margret Skulesdatter.

Marido e mulher encararam-se durante alguns momentos.

— Sim, sei em que estás a pensar, minha bela esposa. — Erlend tornou a instalar-se no lugar de honra. Com as duas mãos poisadas na cabeça dos guerreiros, inclinou-se para a frente e sorriu, frio e trocista. — Mas, como vês, Cristina, não desanimei

pelo facto de haver empobrecido e perdido os amigos. Mais vale que saibas: não receio que a linhagem de meu pai tenha para sempre decaído do poder e da honra. Também eu tive pouca sorte; contudo, se a minha empresa não falhasse, teríamos, eu e os meus filhos, o nosso lugar à direita do rei, lugar que nos é devido tanto por sermos próximos parentes do monarca como pelo nosso nascimento. Quanto a mim, estou fora do jogo, mas pressinto que os meus filhos hão-de alcançar a situação a que têm direito. Não há necessidade de te atormentares tanto por causa deles. Não teimes em fixá-los neste vale encafuado; deixa-os à rédea solta e talvez os vejas, antes de morreres, nas terras que foram do pai.

— Oh! Como tu falas bem! — Lágrimas ardentes de amargura e de cólera subiram aos olhos da mulher; ela, porém, sufocou-as e riu, com a boca torcida: — Ainda me pareces mais infantil do que os teus filhos, Erlend. Dizes essas coisas e, ainda hoje, Naakkve esteve por um triz a ter um destino que a boca dum cristão nem ousa nomear, e salvou-se por Deus.

— E fui eu que tive a sorte de ser escolhido como instrumento de Deus. — Erlend encolheu os ombros e prosseguiu gravemente: — Não receies essas coisas, Cristina, se foi isso que te fez perder a serenidade, minha pobre mulher. Deviam lembrar-te — ajuntou baixando os olhos e com certa timidez — de que teu falecido pai rezava pelos nossos filhos, como, aliás, rezava por nós todos, de manhã à noite. E tenho a firme convicção de que as intercessões dum homem tão bom podem salvá-los das piores desgraças.

Cristina viu que, furtivamente, o marido fazia, com o polegar, o sinal da cruz no peito. Mas, como ela estava fora de si, ficou ainda mais excitada.

— Então é bastante para ti ocupares o lugar de honra de meu pai e dizeres que teus filhos serão salvos com as suas orações, da mesma forma que comem o pão das terras dele?

Erlend empalideceu.

— Cristina, não me achas digno de me sentar no lugar de Lourenço Bjoergulfsoen?

Cristina moveu os lábios mas não conseguiu emitir qualquer som. Erlend pôs-se de pé:

— Se é isso que queres dizer, nesse caso... tão certo como Deus me ouvir... nunca mais me sentarei ali... Responde! — exclamou perante o silêncio da mulher.

Longo tremor percorreu o corpo de Cristina.

— Era melhor chefe de família do que tu... quem ocupou esse lugar antes de ti.

Só com grande esforço ela conseguira pronunciar estas palavras de forma inteligível.

—Pensa no que estás a dizer, Cristina!

Avançou dois passos para ela. A mulher endireitou-se num sobressalto.

— Sim, bate-me! Já o suportei no passado, posso suportar mais uma vez!

— Bater-te? Não era nada a minha intenção.

O marido conservava-se diante dela, com a mão apoiada na mesa. De novo se olhavam frente a frente e de novo a fisionomia de Erlend tinha aquela estranha serenidade que Cristina lhe vira em raras ocasiões. Desta vez esse ar calmo exasperou-a. Sabia que a razão estava do seu lado; as palavras de Erlend, insensatas, denotavam inconsciência, mas ao ver aquele semblante tranquilo sentia que era ela quem andava mal.

Fitando-o sempre, e quase desfalecendo de angústia pelo que ia dizer, Cristina pronunciou estas palavras:

— Receio bem que não seja com os meus filhos que a tua descendência torne a viver e a prosperar nos domínios de Trondhjem.

Erlend corou até à raiz dos cabelos.

— Querias por força lembrar-me a história de Sunniva Olavsdatter, é o que eu estou a ver!

— Foste tu e não eu quem a nomeou.

Erlend corou ainda mais.

— Nunca pensaste, Cristina, que talvez não estivesses de todo em todo inocente desse caso funesto? Recordas-te daquela noite, em Nidaros, em que me aproximei da tua cama? Sentia-me desolado por me haver portado mal para contigo. Viera pedir-te

que me perdoasses. Respondeste-me que me fosse deitar onde estivera na noite anterior.

— Podia eu adivinhar que dormias com a mulher de teu primo?

Erlend permaneceu um momento defronte dela, especado. Empalideceu e corou outra vez. A seguir, saiu sem dizer uma única palavra.

Cristina não se moveu, e assim ficou durante muito tempo; com as mãos unidas sob o queixo, fitava a luz.

De súbito, ergueu a cabeça com movimento brusco e respirou profundamente. Era preciso que ele ouvisse duma vez aquelas duras verdades que ela tinha a dizer-lhe.

Daí a instantes, ouviu passos na cerca. Pelo som, percebeu que era um cavalo conduzido por um homem. Foi então à varanda e espreitou por entre as ripas de madeira.

A noite empalidecia. Erlend e Ulf Haldorsoen estavam no cerrado. Aquele segurava na rédea do cavalo e Cristina observou que haviam selado o animal e que o marido envergava fato de viagem. Os dois homens falavam; ela, no entanto, não pôde distinguir uma só palavra. Depois, Erlend saltou para a sela e conduziu a montada a passo para a porta de entrada. Não olhou para trás e continuou a conversa com Ulf, que ia ao lado do cavalo.

Logo que desapareceram entre as paliçadas, Cristina correu sem rumor até à cancela, onde se deteve e se pôs à escuta. Percebeu que Erlend, na estrada, largava as rédeas ao cavalo.

Um pouco depois, Ulf voltou. Parou de repente ao vê-la. Durante alguns instantes olharam um para o outro à luz cinzenta da madrugada. Ulf estava com as pernas nuas dentro das botas e tinha uma capa sobre a camisa.

— Que aconteceu? — perguntou Cristina com irritação.

— Tu é que deves saber; eu cá não sei nada.

— Para onde foi ele?

— Para Haugen. — Ulf hesitou. — Erlend foi acordar-me. Disse-me que se tinha de ir embora esta noite, e parecia muito apressado. Pediu-me que lhe levasse alguns objectos do seu uso.

— Parecia zangado? — perguntou Cristina, passados uns segundos.

— Estava calmo. — Depois duma pausa, Ulf ajuntou com brandura: — Receio que tenhas dito o que não devias dizer.

— Erlend tem de tolerar que se lhe fale, ao menos uma vez na vida, como a homem sensato — retorquiu a mulher.

Atravessaram o pátio com passos vagarosos. Ulf encaminhava-se para a casa onde dormia, quando Cristina o deteve.

— Ulf, meu parente e amigo — murmurou com voz angustiada — houve um tempo em que sem cessar me aconselhavas que eu empedernisse o meu coração, por amor dos meus filhos, e que falasse a Erlend.

— Pois sim, mas os anos tornaram-me mais ajuizado, e a ti não, infelizmente!

— É essa a consolação que me ofereces! — disse ela com amargura.

Ulf descansou pesadamente a mão no ombro de Cristina, mas sem nada dizer a princípio. Assim permaneceram. O silêncio em redor era tão profundo que se ouvia o rumor do rio distante. Nos campos, os galos começavam a cantar, e o de Joerundgaard, preso na capoeira, respondeu com um cocoricó sonoro.

— Aprendi a economizar as consolações, Cristina. Fomos pródigos, e é tempo de as pouparmos porque não sabemos durante quantos anos as temos de empregar ainda.

A mulher desprendeu-se com um movimento brusco da pressão daqueles dedos pousados no ombro. E, mordendo os lábios, afastou-se de Ulf e fugiu para a velha casa de Lourenço.

A manhã estava fria. Cristina envolveu-se bem na capa e puxou o capuz para a cara. Com as pernas dobradas, calçada com os sapatos que o orvalho encharcara e de braços cruzados sobre os joelhos, assim se conservou ela junto da lareira fria, embrenhada nos seus pensamentos. De vez em quando as feições contraíam-se-lhe, mas não chorava.

Adormeceu, por fim. Acordou em sobressalto, gelada e dorida. A porta ficara entreaberta; lá fora, brilhava o pátio numa claridade dourada.

Cristina saiu para a varanda. O Sol já ia alto no céu; ouvia-se

o tilintar dum guizo dependurado ao pescoço dum cavalo coxo que pastava no prado. Ao olhar para a casa nova a mãe viu Munan na galeria do último andar, espreitando pela arcada dos pilares.

Os seus filhos! Que pensariam eles quando, ao acordar, reparassem na cama dos pais por desfazer?

Cristina atravessou o pátio e subiu, a correr, para a galeria. Munan estava em camisa, e logo que a mãe chegou ao pé dele, o pequeno agarrou-lhe na mão como se houvesse tido medo.

No quarto, nenhum dos rapazes acabara ainda de se vestir. Todos levantaram os olhos para Cristina e tornaram a abaixá-los com rapidez. A mãe ajudou Munan a calçar as meias.

— Onde está o pai? — indagou Lourenço, admirado.

— Foi esta manhã para Haugen — respondeu ela, notando que os rapazes mais crescidos estavam à escuta. — Bem sabes que há muito tempo tencionava ir verificar em que estado se encontra a casa.

Os dois pequenos fitaram a mãe arregalados de espanto, mas os olhos dos cinco irmãos evitaram-na quando todos saíram do quarto.

III

PASSARAM-SE dias, e, nos primeiros, Cristina não se importou compreender as intenções de Erlend. Fugir assim de casa, indignado e a meio da noite! Não queria saber quanto tempo ele contava demorar-se no seu domínio da montanha para a castigar com a sua ausência. Cristina fervia de cólera contra o marido e enfurecia-se ainda mais por ter de confessar a si própria que fora também culpada: proferira palavras que desejaria apagar.

Realmente, nem sempre tinha razão, e no meio da sua ira dirigia frases cruéis e malévolas ao marido, mas o que mais a magoava era o facto de Erlend nunca se esforçar por esquecer e perdoar, e ser ela obrigada a solicitar humildemente o seu perdão. Aliás, não era frequente Cristina deixar-se levar pelo furor, a não ser quando estava exausta e tinha o coração dilacerado pelos desgostos e tormentos que procurava suportar em silêncio; então, nessas ocasiões, perdia toda a serenidade. Mas Erlend devia compreender. Como podia ele esquecer que, aos constantes cuidados pelo futuro dos filhos, se viera juntar, por duas vezes, nesse Estio, mais uma apoquentação por causa de Naakkve! Depois das preocupações e desgostos da mãe jovem, surgem dores e apreensões doutra natureza que sobrecarregam a mãe envelhecida; eis o que Cristina sabia agora. A indiferença de Erlend quando afirmava que não se afligia pelo futuro dos filhos excitara-a a ponto de a tornar semelhante a uma ursa, ou, como dizia o marido, a uma cadela parida. Troçasse da mulher, se assim queria, mas, vigilante e em guarda como cadela, a mãe protegeria os filhos enquanto fosse viva.

Se Erlend esquecia que ela o não abandonara nos momentos críticos, que fora razoável e justa a despeito da sua cólera quando a esbofeteara e a enganara com aquela odiosa devassa de Lenvik,

tanto pior! Mesmo agora, ao pensar nisso, não sentia rancor contra Erlend por essas coisas, embora fossem as piores ofensas que ele lhe fizera. Se Cristina o censurara era porque sabia que o marido se arrependera de haver procedido mal. Mas sempre, por muito irritada que estivesse com Erlend, a recordação das bofetadas e da sua infidelidade com as respectivas consequências apoquentava-a mais por causa dele do que por si própria. Sentia que com tais desvarios da sua natureza indisciplinada se prejudicara muito mais a si do que a ela.

O que continuava a fazê-la sofrer eram as mortificações que Erlend lhe causara com a sua despreocupação, com a sua impaciência infantil, até por meio do seu amor estouvado e impetuoso, quando mostrava que a amava, apesar de tudo. Era a lembrança de tantos anos em que, nova e terna, com os braços carregados de filhinhos indefesos, ela sentia que não possuía suficientes forças físicas e morais se o pai, chefe da família, não demonstrasse que tinha bastante energia e amor para os proteger, à mulher e aos filhos. Sofrera por se saber fraca, simples de espírito e sem experiência da vida e por não confiar no juízo e na força do marido. Nesse tempo, recebera feridas no coração que não podiam cicatrizar. A própria doce volúpia de apertar o filho nos braços, de lhe aproximar a boca do seu seio e de lhe sentir o peso do corpinho quente e tenro, até esta deliciosa alegria fora perturbada pelo receio e inquietação. «Meu menino, és tão frágil e teu pai não pensa que o seu primeiro dever seja amparar-te.»

E agora, depois de ter os pequenos crescidos, vigorosos, embora lhes faltasse ainda o discernimento de homens, Erlend guardava-os para si. Marido e filhos escapavam-lhe por aquela estranha e pueril tendência de levar tudo para a brincadeira, tendência de que Cristina vira os reflexos em todos os rapazes. Uma mulher, preocupada e absorvida pelos cuidados, não podia segui-los por essa via.

Andava cheia de cólera e de dor por causa de Erlend. Mas perguntava a si própria, apreensiva, que pensariam os filhos.

Ulf fora aos Dofrines, com dois cavalos de carga, e levara a Erlend os objectos que este reclamara: roupa e grande quantidade

de armas, os quatro arcos que lhe pertenciam, sacos pejados de pontas de flechas e, finalmente, três cães. Munan e Lourenço verteram lágrimas abundantes quando viram Ulf pegar na cadelinha de pêlo raso e de orelhas pendentes, macias como seda — era um animal de raça estrangeira que Erlend recebera do abade de Holm. O facto de o pai possuir um cão tão raro parecia, aos dois pequenos, a confirmação da supremacia de Erlend em relação ao resto da humanidade. O pai prometera-lhes que, logo que a cadela tivesse cachorrinhos, cada um deles escolheria o seu da ninhada.

Quando Ulf regressou, Cristina perguntou-lhe se Erlend falara em voltar para casa.

— Não — disse Ulf. — Julgo que tenciona fixar-se lá em cima.

Foi tudo o que Ulf declarou quanto à sua viagem a Haugen. E Cristina não queria interrogá-lo.

No Outono, na altura em que a família deixou a casa de Verão, os filhos mais velhos declararam que preferiam dormir no sótão. Cristina autorizou-os a isso. Ficou ela só com os dois mais novos no rés-do-chão. Na primeira noite disse a Lourenço que se podia deitar na cama dela.

O pequeno enterrou-se, deliciado, no colchão de penas e rebolou-se de contente. Estavam todos habituados a que lhe preparassem uma cama com sacos de couro cheios de palha, colocados no banco; davam-lhes mantas de peles para se cobrirem. Mas, nos leitos, havia almofadas de penas e belas cobertas, além das peles, e os pais tinham fronhas de linho branco sobre as travesseirinhas.

— Até ao pai voltar eu posso dormir aqui? — perguntou Lourenço. — Depois, eu e Munan temos de nos deitar outra vez no banco.

— Quando chegar essa ocasião podeis dormir na cama de Naakkve e de Bjoergulf — respondeu a mãe. — A não ser que até lá eles mudem de ideia e venham cá para baixo quando houver frio.

É certo que havia um fogãozinho de pedra no andar de cima, mas causava mais fumo do que calor, e o vento fazia-se ali sentir com muita força.

Conforme o Outono avançava, o tormento de Cristina ia aumentando. Ninguém parecia ter notícias de Erlend nem preocupar-se com isso.

Nas longas noites outonais, tão escuras, ela ficava acordada, a ouvir a respiração regular dos dois filhos e o rumor do vento que rondava a casa. Pensava em Erlend. Se, ao menos, ele não estivesse naquele lugar da montanha...

No dia em que os dois primos, Erlend e Munan Baardsoen, no decorrer duma conversa, começaram a falar de Haugen, Cristina arrepiara-se. Fora nas vésperas de partirem de Oslo, e Munan Baardsoen viera visitá-los à estalagem. Munan possuía essa quintarola que herdara da mãe. Os dois homens estavam um tanto animados pela bebida e, enquanto ela sofria por os ouvir falar daquele lugar fatídico, Munan fez presente dessa propriedade a Erlend. «Assim, terás ao menos um pedaço de terra na Noruega», dizia Munan, convencendo-o. Toda esta conversa era acompanhada de gracejos e de risadas. Erlend e Munan zombavam de quem pretendia que a casa era assombrada e Haugen inabitável. O terror que inspirara a Munan Baardsoen a morte trágica da mãe e do segundo marido desta parecia ter-se desvanecido do espírito do cavaleiro.

Deu, efectivamente, a Erlend os títulos de propriedade de Haugen. Cristina não pudera dissimular com que aversão vira o marido tornar-se dono daquela quinta horrível. Mas Erlend recebera com gracejos as apreensões da mulher:

— Não é provável que algum de nós chegue a pisar o sobrado daquelas casas, se é que ainda não caíram em ruínas. Quanto ao foro, a tia Aashild e Bjoern não virão reclamá-lo. Portanto, pouco nos importa se, conforme dizem, andam por lá as suas almas penadas.

Quanto mais se aproximava do fim do ano mais Cristina se tornava reservada e taciturna. Os seus pensamentos rodopiavam sempre em volta de Erlend. Só abria a boca para responder às perguntas dos filhos e dos criados. Estes evitavam dirigir-se à patroa e só o faziam em caso de absoluta necessidade, porque ela dava

respostas breves e impacientes quando interrompiam o curso das suas meditações. Cristina não se apercebia de nada disto e quando por fim reparou que os dois filhos mais novos haviam deixado de se informar do pai e de falar dele, a mãe suspirou e disse para consigo: como as crianças esquecem depressa! Não via que, à força de respostadas, os afastara de si. Com os filhos mais velhos ela quase nada conversava.

Enquanto durou o frio seco, Cristina pôde responder às pessoas que, ao passarem por Joerundgaard, pediam notícias de Erlend: estava nas montanhas com o fim de caçar. Mas sobreveio um forte nevão, tanto no vale como nas serras, na primeira semana do Advento.

De manhãzinha, no dia de Santa Lúcia, quando ainda tudo estava escuro e sob um céu estrelado, Cristina, que vinha do estábulo, viu, à luz dum archote resinoso, enfiado num monte de neve, três dos filhos que afivelavam os patins defronte da porta da casa e, um pouco mais longe, o cavalo de Gaute aparelhado e carregado de sacos. Ela adivinhou logo aonde iam os rapazes; tudo o que ousou dizer quando reconheceu Bjoergulf — os outros dois eram Naakkve e Gaute — foi o seguinte:

— Vais sair, Bojergulf? Parece-me que o tempo se fez hoje muito claro, meu filho.

— Vou, como vedes.

— Entrareis em casa antes do meio-dia? — perguntou ela, desamparada.

Bjoergulf andava muito mal nos patins; os seus olhos custavam a suportar o brilho da neve, por isso, no Inverno, ficava geralmente em casa.

Foi Naakkve quem respondeu que talvez a sua ausência se prolongasse por alguns dias.

Esses dias, Cristina passou-os em desassossego moral. Os gémeos mostravam-se carrancudos. A mãe compreendeu que eles queriam fazer parte da caravana, mas que haviam esbarrado com a oposição dos irmãos.

Ao quinto dia, de manhã, os três rapazes regressaram. Tinham partido de madrugada, por causa de Bjoergulf, esclareceu

Naakkve. Queriam estar em casa antes do nascer do Sol. Os dois mais velhos subiram logo para o quarto. Bjoergulf parecia quase desfalecer de fadiga, mas Gaute trouxe o saco e a albarda. Tinha ali dois belos cachorrinhos para os irmãos mais novos, que logo se esqueceram de fazer perguntas e de se desolarem. Gaute mostrava-se um tanto constrangido, embora disfarçasse.

— Ainda há aqui outra coisa que o pai me pediu para vos entregar — disse, vasculhando o alforje.

Eram catorze peles de arminho extremamente belas. A mãe recebeu-as com ar embaraçado, sem saber que resposta dar. Quereria interrogá-lo, mas teve medo de não se poder dominar se abrisse um pouco o seu coração — e Gaute era tão moço! Por fim, conseguiu articular:

— Já estão brancas, as peles; sim, o Outono vai adiantado.

Logo que Naakkve desceu e que ele e Gaute foram comer, Cristina apressou-se a dizer a Frida que ela mesma levaria o almoço a Bjoergulf. Viera-lhe a ideia de que, com esse rapaz taciturno e que parecia mais ponderado do que os irmãos, talvez pudesse falar daquilo que a obcecava.

Bjoergulf deitara-se na cama; pusera um pano sobre os olhos. A mãe dependurou uma panela na gramalheira da chaminé e, enquanto o filho comia, apoiado no cotovelo, ela fez uma infusão de ervas medicinais.

Depois de receber do filho a tigela vazia, Cristina lavou-lhe os olhos, inflamados e vermelhos, com a infusão, e aplicou-lhe panos molhados. Feito isto, encheu-se de coragem e perguntou:

— Teu pai não disse quando contava voltar para casa?

— Não.

— És muito retraído, Bjoergulf — observou a mãe depois dum silêncio.

— Nisso, saio à família.

Houve uma pausa. Ele, então, acrescentou:

— Encontrámos Simão e a comitiva ao norte do Rosten.

— Falaste-lhes?

— Não. É uma espécie de epidemia na família: os parentes não se dão connosco — disse ele a rir.

— É a mim que acusas? — exclamou a mãe já irritada. — Começas por dizer que somos de poucas falas e depois vens com essa, que não podemos ser amigos dos parentes.

Bjoergulf limitou-se a rir outra vez. A seguir, soergueu-se, apoiando-se no cotovelo, como para ouvir a respiração da mãe:

— Por amor de Deus, mãe! Não vale a pena chorar... Sinto-me cansado e exausto. Não estou acostumado a andar de patins. Não façais caso das minhas palavras. Sei muito bem que não sois pessoa que goste de desavenças.

Cristina não se demorou mais junto de Bjoergulf. Por nada deste mundo se afoitaria a perguntar ao filho o que ele e os outros pensavam acerca da separação dos pais.

Noite após noite, quando os rapazes já estavam no quarto, a mãe conservava-se acordada, à escuta: conversariam, ao encontrarem-se sòzinhos? Ouvia diferentes sons: ruído de botas atiradas negligentemente para o chão, tinir de cintos, que deixavam cair; distinguia as vozes dos filhos, mas não as palavras. Falavam uns com os outros em tom meio brincalhão, meio questionador. Um dos gémeos gritava. Arrastavam qualquer coisa ou alguém por terra, de tal forma que caía pó do tecto no quarto de Cristina. Abria-se a porta da galeria com um empurrão violento. Depois ouvia-se grande barulho do lado da varanda; Ivar e Skule soltavam ameaças e davam pontapés e murros na porta fechada. A mãe distinguia então a voz de Gaute, clara e risonha. Estava, evidentemente, no interior do quarto. Ele e os gémeos tinham mais uma vez altercado; e, como remate, Gaute pusera-os fora do aposento. Intervinha a voz varonil de Naakkve: deixassem entrar Ivar e Skule. Prolongavam-se durante uns momentos as risadas e a conversa; então, todos se deitavam e o silêncio descia. Pouco depois fazia-se ouvir um rumor surdo e regular, semelhante ao trovejar longínquo nas montanhas.

A mãe sorria na obscuridade: Gaute ressonava quando estava cansado. O pai de Cristina também ressonava. Estranhas, tais semelhanças. Os outros filhos, parecidos com Erlend no físico, tinham como ele o sono tão silencioso como o dos pássaros. E, ao

lembrar-se destas particularidades que vinham de geração em geração, Cristina não podia deixar de sorrir. A dolorosa tensão do seu espírito afrouxava por instantes, o entorpecimento do sono cortava-lhe o fio das ideias e ela abandonava-se ao bem-estar e ao esquecimento.

Num dos primeiros dias do Ano Novo, o vigário Sira Solmund veio visitar Cristina. Nunca ele comparecera em Joerundgaard sem ser convidado; contudo, a dona da casa recebeu-o muito bem, embora tivesse maus pressentimentos, que, de facto, foram confirmados. Disse Sira Solmund que achava seu dever informar-se da situação de Erlend e de Cristina. Haviam eles, por sua própria autoridade, dissolvido a sua união, contra as leis da Igreja? E, neste caso, qual dos dois cônjuges tinha a responsabilidade desse pecado?

Cristina percebeu que pestanejava enquanto com excessiva prolixidade explicava ao padre que Erlend julgara necessário ocupar-se da sua propriedade em Dofrines: as terras estavam incultas há muitos anos, as construções ameaçavam desmoronar; com tantos filhos, tinham a obrigação de conservar os seus haveres — e assim por diante. Deu tantos pormenores para justificar a separação que Sira Solmund, ainda que pouco perspicaz, reparou na perturbação dela. Cristina fez notar a predilecção do marido pela caça: Sira Solmund não ignorava, decerto, que hábil caçador era Erlend? Como prova, apresentou-lhe as peles de arminho que ele lhe mandara. Na sua atrapalhação, sem saber bem o que fazia, ofereceu-as ao padre.

Logo que Sira Solmund se foi embora, a cólera de Cristina explodiu. Erlend não compreendia que, ficando tanto tempo ausente, ia oferecer oportunidade para esse padre armar discussões?

Sira Solmund era homem de idade difícil de determinar, mas devia ter perto de quarenta anos. Não possuía sagacidade nem grande bagagem intelectual, mas tinha fama de ser sacerdote probo e de bons costumes. Uma irmã dele, já idosa, viúva sem filhos e temível pela sua má-língua, ocupava-se do governo doméstico.

Passava por zeloso servidor da Igreja, mas era, sobretudo,

em coisas insignificantes e aos humildes camponeses que gostava de mostrar aquilo a que chamava «seu dever». Tímido por natureza, não se intrometia de boa vontade nos assuntos dos grandes proprietários e nas questões espinhosas, mas, quando o fazia, obstinava-se com furor na sua opinião.

E as ovelhas estimavam o seu pastor, porque lhe respeitavam a maneira de viver tranquila e honesta e porque ele não era tão ávido de dinheiro nem tão combativo — quando se tratava dos direitos da Igreja e do dever dos paroquianos — como Sira Erik. O motivo da moderação de Sira Solmund provinha, certamente, da sua falta de ousadia em comparação com o velho padre.

Não é que Sira Erik fosse menos estimado por toda a gente da região. Outrora, fora grande a indignação, quando, com descarada avidez, lutara para assegurar o futuro dos filhos que tivera das amantes. Ao princípio, quando viera para ali, os habitantes de Sil não suportavam a maneira imperiosa e severa com que repreendia alguém que infringisse o menor preceito das leis eclesiásticas. Soldado antes de vestir a sotaina, seguira aquele pirata fidalgo, Alf de Tornberg, e as suas maneiras ressentiram-se disso.

Contudo, o povo orgulhava-se do seu padre, porque ele ultrapassava, em sabedoria e força física, a maioria dos seus colegas da diocese. Além do seu ar de chefe, admiravam-lhe a voz magnífica quando cantava a missa. Com o andar dos tempos e sob o peso das duras provações, pelas quais Deus parecera querer castigar o seu servidor dos erros da mocidade, Sira Erik Kaaressoen adquirira maior prudência e piedade e o seu nome era agora conhecido e venerado em toda a diocese. Quando comparecia numa reunião de eclesiásticos, na cidade de Hamar, os outros padres homenageavam-no como a um pai, e constava que o bispo Halvard quisera colocá-lo numa igreja onde o cura teria a dignidade de cónego e assistiria ao capítulo. Mas Sira Erik pedira para continuar onde estava, alegando que já era velho e que a vista lhe enfraquecera.

Em Sil, à beira da estrada real, um pouco ao sul de Formo, via-se a bela cruz de pedra que Sira Erik mandara erguer no

local onde um desmoronamento de terras sepultara, quarenta anos antes, os seus dois filhos mais novos. As pessoas idosas da região, sempre que passavam diante do monumento, paravam para rezar um Padre-Nosso e uma Ave-Maria pela alma de Alf e de Kaare.

Quanto à filha, Sira Erik dotara-a com terras e dinheiro; casara-a com o filho dum lavrador de Viken, bonito rapaz e de boa família; toda a gente considerava Jon Fis como homem honrado. Seis anos depois, ela voltara para casa do pai, esfomeada, doente e andrajosa, arrastando um pequeno em cada mão e grávida de terceiro filho. Os que viviam nesse tempo em Sil sabiam perfeitamente, embora nunca fizessem menção disso, que o pai das crianças fora enforcado em Oslo. Os filhos de Jon seguiram mau caminho; agora, estavam todos três no outro mundo.

Sira Erik sempre se activara em ornar a sua igreja e em enriquecê-la. E, certamente, seria ela que beneficiaria da maior parte da riqueza e dos preciosos livros do velho padre. O novo templo de Santo Olavo e de São Tomé, em Sil, era muito mais importante do que o antigo que ardera, e Sira Erik embelezara-o com preciosos ornamentos. Todos os dias ia lá fazer as suas orações e meditar, mas só celebrava missa nas festas solenes.

Era Sira Solmund quem estava encarregado de quase todos os actos do culto. Todavia, se a alguém morria uma pessoa muito querida, se tinham a alma inquieta ou a consciência atormentada por remorsos, preferiam falar com o velho cura, e todos concordavam em que ninguém voltava da casa de Sira Erik sem haver encontrado alívio às suas dores.

Numa tarde de Primavera, Cristina Lavransdatter foi a Romundgaard e bateu à porta de Sira Erik. Não sabia ao certo como exporia o que tinha a dizer; por isso, depois de entregar a oferenda que trouxera, começou a falar de coisas e loisas, até que o velho, um tanto impaciente, a atalhou nestes termos:

— Vieste apenas para me ver, Cristina, e para saber como passo de saúde? Se assim é, agradeço-te a gentileza, mas tenho a impressão de que te apoquenta qualquer coisa, e, neste caso, fala e não percas tempo com discursos inúteis.

BIBLIOTECA MUNICIPAL PORTALEGRE

Cristina poisou as mãos nos joelhos e baixou os olhos:

— Aflige-me o facto de meu marido estar em Haugen, Sira Erik.

— O caminho não é tão comprido que não lhe possas ir falar e pedir-lhe que volte para junto de ti. Não deve haver muito trabalho nessa quintinha para que seja obrigado a ficar lá mais tempo.

— Sinto medo quando penso que está lá sòzinho — volveu Cristina com um arrepio.

— Erlend tem idade e força para se defender.

— Sira Erik, sabeis o que aconteceu noutro tempo em Haugen? — murmurou Cristina.

O padre voltou para ela os olhos amortecidos, outrora negros e perspicazes. Calava-se.

— Deveis ter ouvido o que diz o povo — prosseguiu ela em voz baixa. — Que andam por lá... as almas deles...

— E é por isso que não te atreves a ir vê-lo? Ou receias que os fantasmas dêem cabo do teu homem? Se o não fizeram até agora, julgo que continuarão a deixá-lo em paz — disse o padre com um riso brusco. — São patranhas, histórias heréticas e supersticiosas, tudo isso que contam acerca de fantasmas. Receio bastante que haja carcereiros severos no lugar onde estão Bjoern e Aashild.

— Sira Erik — murmurou ela trémula — julgais que não haja salvação possível para aquelas duas almas?

— Deus me livre de me atrever a julgar os limites da graça Divina. Mas não acredito que tenham podido tão depressa regularizar as suas contas. Nem todo o mal que fizeram apareceu ainda à luz do dia: os filhos que ela abandonou, vós outras a quem essa mulher astuciosa ensinou práticas... Se eu imaginasse que um pouco das infâmias que fez podia ser expiado dessa forma, então... Mas visto que Erlend lá está, julgo que Deus não achou que servisse dalguma coisa Aashild aparecer ao sobrinho. Todos nós sabemos que, graças à misericórdia do Senhor, à piedade de Sua Santa Mãe e às orações da Igreja, é permitido a uma pobre alma deixar o Purgatório para se mostrar neste Mundo, quando o seu pecado é de natureza a ser expiado com a ajuda dos vivos;

assim se abrevia o prazo da condenação, como, por exemplo, aquele homem que mudou o marco entre Slov e Jarpstar, ou o camponês de Musudal que exibiu documentos falsos a respeito da água do moinho. Mas as almas não saiem do Purgatório sem uma missão lícita. Tudo o que o povo conta, a respeito de fantasmas e de espíritos diabólicos que desaparecem como fumo quando se faz o sinal da cruz ou se pronuncia o santo nome de Deus, não passa de tolices.

— E os que estão no céu? — perguntou suavemente Cristina.

— Os que estão com Deus, os santos, sabes muito bem que podem trazer mensagens e dons do Paraíso.

— Já uma vez vos disse que vi Frei Edvin Rikardsoen — volveu ela no mesmo tom murmurante.

— Sim, seria um sonho, que, aliás, podia ser enviado por Deus ou pelo teu anjo da guarda, ou então esse frade era um santo.

— E meu pai... — disse ela em voz quase imperceptível —; tanto pedi a Deus que me fosse dado tornar a ver o rosto de meu pai! Desejaria tanto tornar a vê-lo. Talvez que eu pudesse, pela expressão da sua cara, saber o que queria que eu fizesse! Se houvesse possibilidade de receber um bom conselho de meu pai...

Cristina mordeu os lábios e limpou com a ponta do lenço as lágrimas, que, irresistìvelmente, lhe afloraram aos olhos.

O padre meneou a cabeça.

— Reza pela sua alma, Cristina, embora eu tenha a firme convicção de que Lourenço e tua mãe já há muito estão a ser aliviados por aqueles junto de quem procuravam a consolação de todas as suas dores, enquanto viviam neste Mundo. E podes ter a certeza de que Lourenço continua a amar-te lá em cima. As orações e missas pelo descanso da sua alma constituem um laço entre nós todos e ele. De que maneira?... Isso faz parte dos mistérios que dificilmente compreendes. Mas não tenhas dúvida de que é preferível agir assim a perturbar a sua paz desejando que ele te apareça.

Cristina teve de esperar um momento para poder dominar a comoção e falar. Depois confiou ao padre o que se passara entre

ela e Erlend na casa velha de Lourenço, repetindo cada palavra que haviam proferido.

O padre conservou-se algum tempo calado depois de ela terminar. Então Cristina uniu as mãos, desesperada:

— Sira Erik! Julgais ser eu quem andou mal? E que andei tão mal que Erlend seja desculpado por fugir daquela maneira, abandonando-nos, a mim e aos filhos? Achais justo que eu vá ter com ele, que me arraste de joelhos e desdiga todas as palavras que não devia ter dito? Sei que se assim não for ele não voltará para casa.

— E tu, achas que precisas de chamar Lourenço do outro mundo para teres o seu conselho? — Sira Erik levantou-se e poisou a mão no ombro de Cristina. — A primeira vez que te vi eras muito pequena. Lourenço sentou-te nos joelhos, cruzou-te as mãozinhas no peito e mandou-te dizer na minha presença o *Pater Noster*. Recitaste-o nìtidamente e sem um erro, se bem que não compreendesses uma única palavra. Mais tarde, aprendeste a tradução na nossa língua de cada uma das orações. Agora, talvez as esquecesses... Não te recordas que teu pai te educou, se orgulhou de ti e te estimou? Honrou esse homem a quem tanto te custa, neste momento, te humilhares. E não te lembras já das magníficas bodas que vos fez, a ti e a Erlend? E que partistes ambos a cavalo como dois ladrões, levando o respeito e a honra de Lourenço Bjoergulfsoen?

Cristina, soluçando, escondeu a cara nas mãos.

— Tenta lembrar-te... Por acaso ele vos exigiu genuflexões antes de vos restituir o seu amor paternal? Parece-te excessivo para o teu orgulho seres forçada a inclinar-te perante alguém a quem talvez não ofendesses tanto como a teu pai?

— Jesus! — Cristina chorava lágrimas amargas. — Jesus!, sêde misericordioso!

— Vejo que ainda te lembras do nome de Aquele de quem teu pai se esforçava por ser discípulo e a quem servia como soldado fiel. — O padre apontou para o crucifixo pregado na parede. — Sem pecado, o Filho de Deus morreu na cruz para expiar os nossos pecados... Vai para casa, Cristina, e medita no que te

disse — terminou Sira Erik logo que ela se mostrou um pouco mais serena.

Nos dias que se seguiram, o vento soprou em fortes rajadas anunciando chuvas torrenciais; e a borrasca veio com tal violência que, se alguém atravessava o pátio, julgava ir pelo ar. Os caminhos tornaram-se intransitáveis. O degelo fora tão rude e tão rápido que os camponeses abandonaram as herdades mais expostas. Cristina guardou a maior parte das coisas no celeiro da casa nova. Quanto ao gado, teve de o meter no estábulo que pertencia a Sira Erik.

O de Joerundgaard ficava situado do outro lado do rio. E, com aquele temporal, foi um caso sério o transporte dos animais. Nos prados do cimo da quinta a neve estava mole como manteiga, e o gado mostrava-se enfraquecido depois do rude Inverno. Duas das vitelas quebraram as pernas, agora tão frágeis como o caule de uma flor.

No dia em que andavam nesse trabalho, Simão Darre passou na estrada com quatro criados e estes deram uma ajuda ao pessoal de Joerundgaard. No meio de vento, de chuva e de barulho, com as vacas que era preciso conduzir e com as ovelhas e cordeiros que tinham de transportar, não houve tempo para conversas nem forma de se entenderem. Mas, á tarde, quando todos se encontravam reunidos em Joerundgaard — Simão e os seus homens estavam à mesa, pois necessitava duma bebida quente quem andara toda a manhã ao frio — Simão pôde, finalmente, trocar algumas palavras com Cristina. Convidou-a a ir nessa mesma tarde para Formo, com as criadas e os filhos: ficariam ele e dois lacaios com Ulf e com os servos. Cristina agradeceu, mas declarou que não queria abandonar a casa. Lourenço e Munan estavam já instalados em Ulvsvoldene e Jartrud refugiara-se na herdade de Sira Solmund. Tornara-se grande amiga da irmã do padre. Simão replicou:

— Toda a gente acha esquisito que tu e Ramborg nunca mais se visitassem. Minha mulher não ficará nada satisfeita se eu entrar em casa sem te levar comigo.

— Bem sei que parece esquisito — respondeu Cristina. — Contudo, julgo que ainda pareceria mais estranho se fosse visitar

minha irmã justamente na ocasião em que o dono desta casa está ausente. Ninguém ignora que houve desavenças entre ti e ele.

Simão não insistiu mais e pouco tempo depois saiu de Joerundgaard com os criados.

A semana das Preces começou por um temporal pavoroso, e na terça-feira correu a notícia de que a cheia levara a ponte do Rosten, aquela que o povo atravessava para ir aos chalés de Hovring. Começavam todos a inquietar-se por causa da ponte ao sul da igreja, embora fosse construída bastante sòlidamente com toros grossos e ainda sustentada por fortes troncos de árvore fixados no leito do rio; mas o caso é que a cheia subia ao cimo dos troncos e, sob o arco da ponte, amontoava-se toda a espécie de destroços que as vagas arrastavam. O Laage inundara os terrenos das duas margens, e, no domínio de Joerundgaard, a água quase atingia as casas e formava um verdadeiro golfo; no meio dos prados, o telhado da forja e a copa das árvores pareciam ilhéus. As cabanas à beira rio já haviam sido levadas na cheia.

Alguns homens da margem leste tinham vindo à igreja: temiam que a ponte abatesse e que não pudessem voltar para suas casas. Mas, na outra riba, ao abrigo da granja de Laugarbru, via-se no meio da borrasca de neve a mancha escura dum grupo de pessoas. Constava que Sira Erik dissera que atravessaria a ponte levando consigo a cruz e que a fincaria na margem oposta, mesmo que tivesse de ir só.

Um turbilhão de neve assaltou a procissão no momento preciso em que esta saía da igreja. Os flocos riscavam o ar em linhas oblíquas. Só se via uma ou outra ponta de terra: onde antes se estendiam os campos rolavam agora ondas negras. As nuvens varriam os flancos pedregosos da montanha e o topo das florestas; de vez em quando tinha-se a visão dum rochedo entre o amontoado das nuvens, lá muito em cima.

O ar estava saturado do trovejar do rio, cuja intensidade variava de contínuo, do rumor das florestas e dos uivos da tempestade. De tempos a tempos juntava-se a todo esse barulho o eco surdo dos aludes e do vento que zunia na garganta das montanhas.

Os círios apagaram-se logo à porta da igreja. Os homens tinham envergado as vestes brancas dos meninos do coro, e a ventania procurava arrebatá-las. Caminhavam em grupo, de redor do pendão, segurando na estamenha para que o vento a não rasgasse, enquanto o cortejo, curvado para diante, trepava penosamente a encosta, enfrentando a tempestade. Mas, sobressaindo ao tumulto do furacão, chegavam aos ouvidos dos assistentes algumas notas da voz sonora de Sira Erik. Cantava, enquanto lutava contra o temporal:

«*Venite: revertamur ad Dominum; qui ipse cepit et sana bit nos; percutiet et curabit nos, et vivemus in conspectu ejus. Sienus sequemurque ut cognoscamus Dominum Alleluia!*»

Cristina e as outras mulheres pararam no sítio onde as ondas invadiam o caminho: mas os rapazes, com as suas vestes brancas, os sacristães e os padres iam já sobre a ponte, e quase todos os homens os seguiam, embora a água lhes chegasse aos joelhos.

A ponte tremia. Nesse momento as mulheres viram, a descer do Norte, uma casa inteira que derivava em direcção à ponte. O remoinho da corrente fazia-a rodopiar; apesar das traves desconjuntadas as paredes continuavam de pé. A mulher de Ulvsvoldene abraçou-se a Cristina Lavransdatter; os dois irmãos mais novos do marido iam no grupo dos meninos do coro. Cristina, sem palavras, lançou um apelo desesperado à Virgem Maria, com os olhos fixos no ponto onde distinguia o vulto branco de Naakkve no meio dos homens que levavam o pendão. As mulheres julgavam ouvir ainda a voz de Sira Erik, se bem que a fúria dos elementos tudo suplantasse. Sira Erik deteve-se a meio da ponte e elevou a cruz, no momento em que a casa veio de encontro ao obstáculo. A ponte tremeu e cedeu: pelo menos, para os assistentes que estavam nas margens, ela pareceu deslizar um pouco para o Sul. A procissão continuou no seu caminho, desapareceu por trás do abaulado da ponte e reapareceu na riba oposta. A casa chocara nos destroços trazidos pela cheia e que se encontravam entre os toros inferiores do arco.

Nesse instante, com rapidez dum milagre, apareceu uma claridade argêntea, como que tamisada; o rio engrossado tomou o

aspecto liso e baço do chumbo derretido. Dispersaram-se as nuvens densas, o sol jorrou vitorioso, e, quando o cortejo tornou a passar na ponte, os raios da cruz cintilaram. Sobre a alva molhada do sacerdote, as tiras cruzadas da estola luziam com maravilhoso brilho purpúreo. O vale, dourado e espelhento de humidade, parecia estar no fundo duma gruta de penumbra azulada, porque nos cimos montanhosos jaziam as nuvens do mau tempo, abatidas pelos raios do Sol, tornando negro o horizonte. A bruma ia-se elevando e o pico acima de Formo emergiu do fundo escuro, deslumbrante de alvura como a sua coifa de neve acabada de cair.

Cristina via Naakkve. O fato encharcado colava-se ao corpo dos rapazes; eles, porém, cantavam com toda a força dos pulmões, sob a luz solar:

«*Salvator mundi, salva nos omnes, Kyrie eleison, Christe eleison, Christe audi nos.*»

Os padres e a cruz tinham passado, e o grupo de camponeses seguia-os, com os seus pesados paramentos ensopados de água. Radiantes e surpresos, contemplavam o céu entoando o apelo implorante do *Kyrie eleison.*

Cristina viu então — não acreditava em seus olhos e teve, por sua vez, de se apoiar à companheira — Erlend, que vinha na procissão. Trazia casaco de pele de rena, donde escorria água, e puxara o capuz para a testa. Sim, era ele em carne e osso! Com a boca entreaberta clamava o *Kyrie eleison* como os outros. Olhou para ela à passagem. Cristina não soube de forma exacta como interpretar a expressão do seu rosto: os lábios não haviam esboçado um sorriso?

Acompanhando as outras mulheres, ela juntou-se ao cortejo que subia em direcção à igreja; os moços cantavam a litania. Cristina só tinha consciência das palpitações do seu coração.

Durante a missa, viu o marido uma única vez. Não se atreveu a ficar no lugar do costume, mas escondeu-se na nave setentrional. Logo que terminou o ofício, saiu ràpidamente e desatou a correr, passando à frente das criadas que haviam estado na igreja.

O vale húmido fumegava ao sol. Cristina precipitou-se para casa sem se importar que o caminho estivesse ou não alagado.

Tratou logo de pôr a mesa e colocou a taça de hidromel defronte do alto assento do dono da casa, antes mesmo de mudar o fato encharcado pela sua vestimenta dos dias de festa: vestido azul-escuro, bordado, cinto de prata, sapatos com fivelas e touca de abas aniladas... Ajoelhou no quartinho contíguo à sala. Incapaz de pensar, incapaz de encontrar as palavras que quereria dizer, só repetia «Ave-Maria, Ave-Maria, Nossa Senhora, Jesus, sabeis o que penso».

Mas as horas passavam. Cristina soube pelas criadas que os homens tinham voltado à ponte. Com o auxílio de machados e de croques desprendiam os destroços amontoados, a fim de salvar a ponte. Os padres tinham ido ajudá-los depois de despirem as vestes sacerdotais.

Só depois do meio-dia é que os homens entraram em casa: os filhos, Ulf Haldorsoen e os três criados, um velho e dois rapazinhos que serviam na quinta.

Naakkve sentara-se já à mesa no seu lugar habitual, à direita do lugar de honra. Mas, de súbito, levantou-se e dirigiu-se para a porta. Cristina chamou-o, a meia voz.

Ele, então, retrocedeu e tornou a sentar-se. O seu rosto juvenil ora empalidecia ora corava. Conservava os olhos baixos e, num momento, mordeu o lábio inferior. A mãe percebia que ele lutava com todas as forças para não perder a calma. Conseguiu-o.

A refeição terminou, enfim. Os filhos, sentados no banco encostado à parede, ergueram-se e contornaram o lugar vazio do dono da casa; ajustaram maquinalmente o cinto, depois de meterem a faca na bainha, e foram-se embora.

Quando todos haviam partido Cristina saiu por sua vez. Ao sol, a água escorria dos telhados. Não estava vivalma no pátio além de Ulf, postado em frente da casa.

Mostrou uma expressão desalentada quando Cristina se aproximou. Como Ulf nada dissesse, ela perguntou-lhe:

— Falaste-lhe?

— Não se trocaram muitas palavras. Mas vi que ele e Naakkve conversavam.

Depois dum silêncio, Ulf acrescentou:

— Erlend teve medo por vossa causa, quando sobreveio o degelo repentino. Pensou vir cá abaixo para ver como estavam as coisas. Naakkve explicou-lhe como te desenvencilhaste... Ignoro de que forma lhe chegou aos ouvidos, mas sabe que deste as peles de arminho. Estava aborrecido com isso. Zangou-se também ao ver que te safaste logo que acabou a missa: julgava que ias ficar para falar com ele.

Cristina não respondeu; voltou as costas a Ulf e entrou em casa.

Nesse Verão, houve grandes disputas entre Ulf Haldorsoen e a esposa. O sobrinho de Ulf, Haldor Jonsoen, viera visitar o tio na Primavera, acompanhado pela mulher, com quem casara no ano anterior. Ficara combinado que Haldor arrendaria a propriedade que Hulf possuía em Skaun e que aí se instalaria, mas Jartrud enfurecera-se: achava que Ulf fizera concessões demasiadamente favoráveis ao sobrinho e percebia que os homens tencionavam assegurar a Haldor, duma maneira ou doutra, a posse da quinta por morte do tio.

Haldor fora lacaio de Cristina em Husaby, e ela estimava o rapaz. A mulher também lhe agradava, por ser calma e graciosa. Pouco depois do dia de São João, o casal teve um filho, e Cristina emprestou à mãe o quarto de tecelagem, onde, habitualmente, as donas da casa de Joerundgaard davam à luz, mas Jartrud levou a mal o facto de Cristina servir de parteira. Contudo, Jartrud era muito nova e inexperiente para tratar da mãe e do recém-nascido.

Cristina foi a madrinha do pequeno e Ulf encarregou-se das despesas do baptismo: Jartrud achou que ele gastava muito dinheiro na cerimónia e nos presentes que colocou no berço e na casa da parturiente. Para pôr fim às recriminações da mulher, Ulf ofereceu-lhe vários objectos preciosos que possuía: uma cruz de prata dourada, com a respectiva corrente, uma capa de peles, com grande fivela de prata, um anel de ouro e um broche. No entanto, ela compreendeu que o marido não lhe queria dar, além do presente de núpcias, a menor parcela das suas terras, e que estas se destinavam aos irmãos se Ulf morresse sem descendência. Então Jartrud desatou

a lamentar-se por haver tido um nado-morto e não restar possibilidades de ter outros filhos. Percebeu a troça das mulheres da vizinhança, e falava disso a toda a gente.

Ulf viu-se obrigado a pedir a Cristina que os alojasse na casa velha, quando Audhild saísse do quarto. No fim do Verão, a criança adoeceu: Cristina é que o tratou, substituindo essa mãe sem experiência.

Quando o casal partiu, no Outono, deixou um vácuo; Cristina teve, sobretudo, saudade do nené. Ainda que isso fosse pouco razoável — no que ela própria concordava — não podia deixar de se sentir um tanto triste por se haver tornado estéril, se bem que não tivesse mais de trinta e quatro anos.

Ocupara-se daquela rapariga tão nova e do pequenito, o que a ajudara a conservar distantes os pensamentos que a mortificavam. Por muito penoso que fosse assistir às discussões de Ulf Haldorsoen com Jartrud, esse estado de coisas sempre lhe criara uma distracção.

Depois da atitude de Erlend, no dia das Preces, Cristina não sentia ânimo de perscrutar como tudo aquilo findaria. Ter-se ele ido embora sem vir falar com a mulher, parecia a esta uma maneira tão cruel de agir que chegava a pensar que Erlend se lhe tornara indiferente.

Cristina não trocara mais uma palavra com Simão Darre desde o dia em que este viera socorrê-la durante o temporal. Com a irmã só falava quando se encontravam na igreja. Ignorava o que pensavam da partida de Erlend para os Dofrines.

Ora, no domingo de São Bartolomeu, Gyrd de Dyfrin veio à missa com os senhores de Formo. Simão tinha ar radiante quando entrou na igreja ao lado do irmão. Depois do ofício, Ramborg aproximou-se de Cristina e, cheia de contentamento, segredou-lhe que estava grávida e que o filho nasceria na época da Anunciação.

— Cristina, minha irmã, não queres vir hoje connosco festejar o acontecimento?

Cristina abanou tristemente a cabeça, acariciou a face pálida da rapariga e pediu a Deus que lhe desse toda a felicidade com esse facto. Mas não podia ir a Formo.

Depois da ruptura com o cunhado, Simão diligenciara contentar-se com o estado de coisas. A sua situação dispensava-o de se preocupar com o que diriam. Auxiliara Cristina e Erlend nos momentos difíceis, e não devia arruinar a sua própria vida por causa dos serviços que lhes podia prestar ainda.

Mas, ao saber que Erlend abandonara Joerundgaard, tornou-se impossível para Simão conservar a calma a que se impusera. Em vão dizia consigo que ninguém sabia ao certo o motivo da ausência de Erlend; o povo conta tanta coisa e sabe tão pouco! De qualquer maneira, não podia intrometer-se no assunto. Contudo, sentia-se apoquentado. Às vezes pensava em ir procurar Erlend, a Haugen, e retratar-se das palavras proferidas quando da separação. Depois arranjaria forma de reconciliar a irmã da mulher e o cunhado. Mas isto não passou duma ideia.

Julgava ele que ninguém reparava na confusão do seu espírito. Fazia a vida habitual; ocupava-se da quinta, mostrava-se alegre e bebia de sociedade com os amigos, ia caçar nas montanhas quando tinha vagar; se estava em casa, brincava com os filhos e nunca se zangava com a mulher. Aos olhos dos criados, ele e Ramborg nunca se tinham dado tão bem: a esposa, agora de carácter mais sereno, deixara de se entregar a acessos de amuo e de cólera infantil por casos sem importância. Mas, no fundo, Simão sentia-se intimidado e hesitante em face dela; incapaz de continuar a tratá-la como se Ramborg fosse ainda uma criança que os outros não tomam a sério, não sabia que atitude adoptar.

Por isso, ficou perplexo quando, numa noite, ela lhe anunciou que estava grávida.

— Provàvelmente não aceitas o facto com muita satisfação? — perguntou ele, por fim, acariciando a mão da mulher.

— Mas tu estás contente, não é verdade?

Ramborg chegou-se para o marido, sem saber se risse se chorasse; Simão sorriu, um tanto embaraçado, e apertou-a nos braços.

— Vou ser razoável, Simão, e não farei cenas como antigamente. Mas ficas a meu lado, ouviste? Não sairás de ao pé de mim, nem que todos os teus cunhados e irmãos sejam levados para a forca!

Simão teve um riso melancólico:

— Para onde iria eu, Ramborg? Não é natural que o pobre diabo do Geirmund se comprometa num caso grave, e esse é o único da família com quem ainda estou em boas relações.

— Oh! — Ramborg riu-se também, enquanto as lágrimas lhe deslizavam pela cara. — Essa zanga só há-de durar até ao dia em que precisem da tua ajuda e que tu lhes estendas a mão. Conheço-te bem, meu querido.

Quinze dias mais tarde, tiveram em Formo a visita inesperada de Gyrd Andressoen. O senhor de Dyfrin vinha acompanhado dum só escudeiro.

O encontro entre os dois irmãos fez-se sem muitas palavras. Gyrd explicou que, como não via a irmã e o cunhado Kruke há alguns anos, se lembrara de os visitar. Depois, Sigurd opinara que, já que ele estava no vale, fosse até Formo.

—Pensei — prosseguiu Gyrd — que não estás tão irritado comigo que não nos possas abrigar na tua casa até amanhã, a mim e ao criado.

— Bem sabes que estou ao teu dispor — retorquiu Simão, corado e de olhos baixos. — Foste gentil em teres querido vir.

Depois da refeição, os dois irmãos passearam juntos. O trigo principiava a amarelar nas encostas expostas ao Sul. O tempo estava magnífico. O Laage cintilava com reflexos brancos junto aos bosques de amieiros. Flutuavam no céu estival grandes nuvens luminosas; o sol resplandecia em todo o vale, e a montanha erguia-se azul-pálida e verde no jogo de sombra e de luz das nuvens que se espraiavam.

Atrás deles, no cerrado, elevava-se o rumor surdo das patadas dos cavalos batendo no chão seco; daí a pouco chegou toda a récua como um furacão através do terreno plantado de amieiros. Simão debruçou-se para a cerca:

— *Bronsvein* está velho — observou.

O cavalo de Gyrd estendeu o pescoço por cima da paliçada e aproximou o focinho do ombro do dono.

— Está, sim. Tem dezoito anos. — Byrd acariciou o animal.

— Sabes, Simão, seria... seria grande infelicidade... se esta desavença nos separasse — disse ele sem olhar para o companheiro.

— Todos os dias eu lamentava o caso — respondeu este em voz baixa. — Obrigado por teres vindo, Gyrd!

Continuaram o seu passeio ao longo da divisória. Gyrd ia à frente e o irmão seguia-o. Acabaram por se sentar na orla dum prado coberto de calhaus e queimado do sol. Elevava-se o perfume forte e açucarado das medas de feno, que se erguiam aqui e ali, onde a foice conseguira cortar, no meio das pedras, um pouco da erva rasteira misturada com flores.

Gyrd relatou as condições de conciliação entre o rei Magnus e os Haftorsoens e a sua gente. Passados momentos, Simão perguntou:

— Achas que seria impossível que um dos numerosos parentes de Erlend tentasse reconciliá-lo com o rei?

— Eu, por mim, não tenho poder — replicou Gyrd Darre — e os que poderiam fazer alguma coisa não sentem grande estima por Erlend. Mas, agora, não desejo falar desse assunto. Erlend Nikulaussoen pareceu-me homem corajoso, amável, mas desempenhou mal a sua missão, dizem eles. Preferia não falar disso agora; sei que tens grande amizade a teu cunhado.

Simão continuou de olhos fitos na claridade fria que banhava o cimo das árvores da colina e a margem do rio. Reflectia: sim, de certo modo era verdade o que Gyrd dizia.

— Aliás, estamos agora de relações cortadas — declarou ele. — Já há muito tempo que não trocamos uma única palavra.

— Parece-me que te tornaste muito combativo com a idade — retorquiu Gyrd rindo. — Nunca pensaste em sair desta terra? — perguntou depois duma pausa. — Se nós, irmãos, não estivéssemos tão afastados poderíamos com mais facilidade ajudar-nos mùtuamente.

— Como podes ter a ideia de semelhante eventualidade? Formo é a minha terra hereditária.

— Asmund de Eiken tem uma parte deste domínio por direito de herança. E sei que ele estaria disposto a fazer uma troca. Não

renunciou ao seu projecto de levar a tua Argjerd a Grunde nas condições que mencionou.

Simão abanou a cabeça.

— A família da nossa avó materna viveu aqui desde os tempos pagãos. E eu desejo que André viva só depois de eu morrer. És doido, falando em me separar de Formo!

— Tens razão... — Gyrd corou. — Mas pensei que talvez... Em Ranmarike está a maior parte da tua família e dos teus velhos amigos. Talvez te agradasse mais viver lá...

— Gosto de viver aqui. — Simão corara também. — Aqui, posso assegurar uma situação firme ao meu filho.

Fitou o irmão, e o rosto fino e engelhado de Gyrd mostrou expressão de constrangimento. Os cabelos deste haviam embranquecido quase todos, mas o seu corpo conservava a agilidade e a esbelteza. Agitou-se um pouco e algumas pedras rolaram pela encosta e desapareceram no trigal do fundo.

— Espero que não vás precipitar todos os calhaus no meu campo... — disse Simão, sorrindo, e com voz propositadamente rude.

Byrd ergueu-se num pulo e estendeu a mão ao irmão mais corpulento. Quando Simão se encontrou de pé conservou um momento a mão de Gyrd na sua. A seguir, pousou o braço no ombro do irmão mais velho, que o imitou; e assim foram os dois lentamente pela encosta fora, a caminho de casa.

À noite estavam sentados na cabana de Saemund. Simão ia dormir na cama de Gyrd. Já tinham rezado as suas orações da noite, mas queriam esvaziar a tigela de cerveja antes de se irem deitar.

— *Benedictus tu in mulicribus... mulieribus...* Lembras-te disto? — disse Simão, de súbito, a rir.

— Lembro-me. Custou-me mais duma paulada, antes que Sira Magnus conseguisse tirar-me da cabeça o latim de minha avó. — Gyrd sorria a esta evocação. — Ele também tinha a mão pesada. Recordas-te daquela vez em que arregaçou a sotaina e desatou a coçar as coxas? E tu disseste-me em segredo que se tivesses as pernas tão mal feitas como Sira Magnus Retilson serias padre para usar sempre sotaina.

Simão sorriu. Parecia-lhe ver ainda o rosto infantil do irmão quase a rebentar de riso sufocado; eram uns garotos, nessa época, e Sira Magnus não se punha com cerimónias quando se tratava de os corrigir.

Gyrd não fora criança muito travessa. Mas não era pelo facto de se haver tornado tão sensato que Simão estimava o outro. Inundou-lhe o coração uma onda de reconhecimento à lembrança desses quarenta anos de amor fraternal que o uniam a Gyrd, o mais fiel, o mais constante de entre todos os homens.

Por haver recuperado a amizade de Gyrd, Simão tinha a impressão de que recomeçava a entrar na vida. Desde muito tempo que os seus dias andavam tão desavindos, tão complicados!

Com fervorosa gratidão, pensava no facto de Gyrd ter vindo pôr fim a um desentendimento de que ele, Simão, era o culpado, pois saíra da casa do outro cheio de ira e proferindo impropérios. O reconhecimento transbordava-lhe do coração; sentia necessidade de não agradecer ùnicamente a Gyrd.

Simão conhecia a maneira como Lourenço receberia semelhante acontecimento. Podia seguir o exemplo do sogro, distribuindo esmolas, mas, quanto a contemplar as chagas de Cristo e a sentir contrição era coisa que não conseguia, a não ser que se tratasse apenas de fixar durante muito tempo um crucifixo, e não era assim que Lourenço se entregava às meditações. Verter lágrimas de arrependimento? Não chorara senão duas ou três vezes depois que era homem, e não fora quando o devia fazer: como quando cometera grandes pecados, primeiro com a mãe de Arngjerd, ele, que era casado, e depois quando matara Holmgeir. No entanto, lastimara profundamente o que fizera; arrependia-se sempre dos seus pecados, confessava-os e cumpria a penitência ordenada pelo padre. Rezava com frequência, dava com regularidade o dízimo e fartas esmolas, especialmente em louvor do Apóstolo São Simão, de São Miguel e da Virgem Maria. Quanto ao resto, fiava-se no que dizia Sira Erik, em saber que a única salvação está na cruz; a maneira como um homem encontraria o inimigo e lutaria contra ele, só Deus a podia decidir.

Agora, Simão sentira a necessidade de mostrar a sua gratidão

a Deus e aos santos duma forma mais fervorosa. Nascera, dizia a mãe, no dia do aniversário do nascimento de Nossa Senhora. Para honrar a Mãe de Deus, veio-lhe à ideia recitar uma oração que raras vezes dizia. Mandara-a copiar quando estava na Corte. Foi, então, buscar o pergaminho.

Fora talvez mais para agradar ao rei Haakon do que por amor de Deus e da Santa Virgem que reunira e aprendera algumas orações enquanto estava ao serviço do monarca. Sim, confessava-o a si próprio; todos os rapazes faziam o mesmo, porque o rei tinha o costume, quando não podia dormir, de interrogar os moços que ficavam a velar no quarto do monarca a respeito dos conhecimentos úteis desse género que eles haviam adquirido.

Como estava distante essa época! A câmara do rei na casa de pedra do domínio de Oslo... Sobre a mesinha, junto do leito, ardia uma tocha solitária; a sua claridade incidia no rosto de feições finas, enrugado, que repousava nas almofadas de seda escarlate. Depois de o capelão terminar a leitura e se ir embora, o rei pegava no livro e lia, com o pesado volume apoiado de encontro aos joelhos erguidos. Nos dois tamboretes, perto do vasto fogão de alvenaria, estavam sentados os dois pajens. Simão ficava quase sempre de guarda com Gustein Sugassoen. Era acolhedor e íntimo aquele quarto; o lume ardia com uma bela chama clara e aquecia sem fazer fumo; o aposento respirava paz, com a sua abóboda de ogivas cruzadas e paredes cobertas de tapeçarias. Mas eles tinham sono por estarem imóveis a escutar a leitura do padre e, depois, à espera que o rei adormecesse, o que raramente acontecia antes da meia-noite. Quando o monarca dormia, tinham autorização de se revezarem na vigília e de descansarem nos intervalos sobre o banco entre o fogão e a porta que dava para a sala. Desejavam com ardor esse belo momento e a custo reprimiam os bocejos.

Acontecia — não com muita frequência — o rei travar conversa com eles: era então extremamente amável e gracioso; lia-lhes uma sentença do seu livro ou alguns versos dum poema que julgava útil ou salutar para os rapazes.

Uma noite, Simão fora acordado pelo monarca, que o chamava nas trevas: a tocha, consumida, extinguira-se. Confuso e envergo-

nhado, soprara as brasas e acendera outra. O rei Haakon tivera um sorriso malicioso.

— Gunstein ressona sempre assim?

— Sim, meu Senhor.

— Na estalagem, dormes no quarto dele, creio eu? Quase tens o direito de exigir para companheiro de cama outra pessoa que faça menos barulho a dormir.

— Agradeço-vos, Senhor, mas aquilo não me incomoda.

— Contudo, deves acordar em sobressalto quando esse trovão rebenta junto aos teus ouvidos, não é verdade?

— É verdade, Real Senhor, mas dou-lhe uma palmada e ele vira-se para outro lado.

O monarca rira.

— Pergunto a mim próprio se vós, moços, compreendeis que sono assim tão fácil é uma dádiva de Deus. Quando chegares à minha idade, Simão amigo, talvez te lembres das minhas palavras.

Esta cena estava infinitamente distante e, no entanto, nítida; mas seria possível que ele, Simão, fosse aquele moço pajem?

Num dos primeiros dias do Advento, Cristina, que se encontrava sòzinha em casa — os filhos tinham ido buscar lenha e musgo — teve a surpresa de ver chegar Simão Darre a cavalo. Vinha convidá-los, a ela e aos rapazes, para o banquete de Natal em Formo.

—Comprendes, Simão, que não devemos aceitar o teu convite — disse ela gravemente. — Podemos continuar amigos no fundo do coração, tu, eu e Ramborg, mas nem sempre se faz o que se deseja.

— Mas, ao menos, não vais visitar tua irmã quando ela tiver de recolher ao leito?

Cristina respondeu que pedia a Deus para que tudo decorresse bem nessa ocasião e trouxesse alegria aos pais.

— Mas — concluiu — não posso dar a certeza de que vou.

— Ora aí está uma coisa que vai parecer esquisita a toda a gente — exclamou Simão com vivacidade. — Tens fama de ser a melhor parteira da região, ela é tua irmã e ambas sois as senhoras de dois principais domínios do Norte.

— Muitas crianças nasceram nestes últimos anos em importantes quintas sem que eu fosse chamada para assistir. Já lá se foi o tempo em que a dona de Joerundgaard era indispensável em tais casos.

Vendo que Simão não acolhera bem as palavras, Cristina ajuntou:

— Diz a Ramborg que irei ajudá-la quando chegar essa hora; quanto ao banquete, não posso ir, Simão.

Mas, oito dias depois do Natal, ela encontrou o cunhado que tinha vindo à missa sem Ramborg. À pergunta de Cristina, respondeu que a mulher estava bem, mas que ficara a descansar para tomar forças, porque no dia seguinte iam todos para Dyfrin. As estradas estavam excelentes, e, já que Gyrd os convidara e que Ramborg tinha tanto desejo de ir lá...

IV

No dia seguinte à festa de São Paulo, Simão Darre atravessou a cavalo o Mjoesen, acompanhado por dois criados. O frio era rigoroso, mas ele achava que não podia conservar-se mais tempo ausente de casa. Os outros membros da família iriam em trenó quando o tempo abrandasse.

Em Hamar, encontrou um amigo, Vigleik Paalssoen, de Fagaberg, e prosseguiram juntos o caminho. Chegados à cidade, detiveram-se um momento numa estalagem onde se vendia cerveja. Enquanto bebiam, houve uma rixa entre alguns mercadores de peles, que estavam embriagados. Simão, ao tentar separá-los, recebeu uma facada no braço direito. Não passava dum rasgão, a que não deu importância; mas a taberneira insistiu em fazer um penso com um trapo.

Depois disso, Simão acompanhou Vigleik e pernoitou em casa deste. Os dois homens partilharam a mesma cama; de madrugada, Simão foi acordado pelo companheiro, que se agitava no seu sono. Por várias vezes, Vigleik pronunciou o nome de Simão, que acabou por sacudi-lo e perguntar-lhe o que tinha.

Vigleik não se lembrava muito bem do sonho. — Mas era mau e tu entravas também. Recordo-me de ver Simão Reidarsoen neste quarto, connosco; convidava-te a sair com ele. Vi-o tão nitidamente que poderia contar cada sarda da sua cara.

— Quem me dera que me pudesses ceder esse sonho — disse o outro, meio a gracejar meio a sério.

Simão Reidarsoen era filho dum tio materno daquele; os dois haviam crescido juntos, mas este Simão morrera com a idade de treze anos.

De manhã, quando os dois homens foram almoçar, Vigleik

notou que o companheiro não abotoara a manga no punho direito. A carne apresentava-se vermelha e inchada até à mão. Fez-lhe esse reparo, mas Simão Darre limitou-se a rir e, quando, um pouco mais tarde, o amigo lhe pediu que se demorasse ali alguns dias até à chegada da mulher — pois Vigleik não podia esquecer o que sonhara — o outro respondeu-lhe quase zangado:

— Oh! Vigleik! O sonho que tiveste a meu respeito é assim tão mau para que julgues que vou morrer por causa da picada duma pulga?

Ao lusco-fusco, Simão e os seus escudeiros encaminharam os seus cavalos para o lago Losnavand. A jornada fora magnífica; agora, os altos picos brancos e azulados das montanhas tomavam uma cor rosada à luz da tarde; à sombra, as árvores que marginavam o lago, dobradas ao peso da neve e da geada, estavam dum cinzento aveludado. Os homens tinham excelentes montadas e uma bela cavalgada diante deles sobre o lago gelado. Aos passos dos cavalos saltavam pedacinhos de gelo com luminosas crepitações. O ar glacial chicoteava-lhes a cara: Simão tinha frio, mas, de vez em quando, inundavam-no vagas de calor e depois arrepios que lhe percorriam a espinha. Entretanto, sentia a língua inchar e tornar-se espessa junto à garganta. Antes mesmo de atravessarem o lago, teve de parar e pedir a um dos criados que o ajudasse a erguer a capa para dar apoio ao braço direito.

Os homens, que tinham ouvido Vigleik Paalsoen contar o sonho, pediram ao amo que lhes deixasse ver a ferida, mas Simão afirmou que sentia apenas certo ardor.

— Decerto tenho de ser canhoto durante alguns dias.

Ao anoitecer, quando subiam a colina, ao norte do lago, Simão teve de reconhecer que o estado do braço podia ser grave. Sentia picadas até ao ombro; o movimento da montada fazia-o sofrer, o sangue latejava-lhe no membro doente, latejava-lhe nas fontes e, desde a nuca, uma dor aguda se lhe espalhava pela cabeça. Tinha frio e calor alternadamente.

O caminho passava muito no alto da vertente, ora através de bosques, ora sobre imensas planícies brancas. Simão via tudo: a Lua que vogava, brilhante, no céu azul pálido, eclipsara todas

as estrelas menos uma ou duas grandes que luziam ao longe no firmamento. A terra cintilava de alvura, as sombras desenhavam-se curtas e recortadas sobre a neve; nas matas, a luz, coada pelos pinheiros carregados de geada, formava manchas e traços irregulares. Simão via tudo isso.

Mas, ao mesmo tempo, via também um campo coberto de ervas amareladas banhado de sol primaveril. Alguns pinheiritos cresciam aqui e ali e brilhavam como veludo verde à luz forte do dia. Simão reconhecia o local: encontrava-se numa cerca de Dyfrin. Os amieiros da banda de além apresentavam tronco cinzento e lustroso e copa florida. Ao fundo, as serras de Raumarike estendim-se muito azuis, mas ainda manchadas de neve. Simão Reidarson e ele dirigiam-se para o bosque, com todos os apetrechos de pesca. Encaminhavam-se para o lago cor de chumbo rodeado de canaviais. O defunto primo ia ao lado de Simão; este via-lhe os cabelos frisados e ruivos que lhe saíam do barrete, reconhecia cada sarda no rosto do garoto: avançava o lábio inferior e soprava: «Puf... puf...» quando julgava que o seu homónimo dizia tolices. Num pulo, atravessavam regatos, saltando montículos por cima da água que brotava do chão coberto de relva. O musgo inchado que atapetava o fundo dos charcos fazia subir bolhas de ar e luzia num verde tenro e viçoso.

Contudo, Simão tinha plena consciência de que ia ali a cavalo. Distinguia claramente o caminho a seguir, com subidas e descidas, ora através de bosques, ora através de extensas planícies, cintilantes ao luar; dormiam grupos de casas com os telhados cobertos de neve, lançando sombras na terra; ao fundo do vale, flutuava, sobre o rio, uma faixa de nevoeiro. Simão sabia muito bem que era Jon que cavalgava atrás dele ou que vinha para seu lado nos caminhos mais largos; surpreendia-se a chamar Simão ao escudeiro, sabendo que se enganava, mas não podia impedir tal coisa; e notava que esse erro mortificava os criados.

— Temos de ver se conseguimos chegar esta noite ao convento de Roaldstad — disse ele num momento de lucidez.

Os homens objectaram que seria preferível procurar asilo mais próximo, por exemplo no presbitério, mas o amo não concordou

com essa ideia. Respondeu, com uma risadinha, que os cavalos se aguentassem. Pensou no número de léguas que ainda faltava percorrer. Os abalos provocados pelo trote da montada causavam-lhe dores lancinantes em todo o corpo, mas Simão queria chegar à sua casa porque compreendia que estava doente.

Se bem que tivesse vagas sucessivas de frio e de calor ardente, sentia ao mesmo tempo a tepidez do sol primaveril na cerca onde continuava a andar, em direcção ao bosque de amieiros, com o camarada morto.

Com intervalos regulares, dissipava-se a miragem; o cérebro tornava-se lúcido, mas doía-lhe muito. Pediu a um dos criados que lhe cortasse a manga do braço ferido. Empalideceu e o rosto inundou-se-lhe de suor quando Jon Daalk rasgou com a faca o casaco e a camisa desde o punho até ao ombro, enquanto Simão amparava com a mão esquerda o membro entumecido. Teve uns instantes de alívio.

Os homens propuseram mandar um recado, de Roaldstad a Dyfrin, mas Simão opôs-se: não queria inquietar a mulher, talvez inútilmente. A viagem em trenó, com aquele frio horrível, podia ser nefasta a Ramborg. Ver-se-ia, quando estivessem em Formo. Simão diligenciou sorrir a Sigurd, para animar os rapazes que pareciam atormentados e infelizes.

— Ireis chamar Cristina de Joerundgaard logo que chegarmos, disse o amo: entende muito de medicina.

A língua dele, dura como pau, quase recusava falar.

«Beija-me, Cristina, minha noiva!» Ela julgaria que Simão delirava. «Não, Cristina. Não é delírio». Então, ficaria surpreendida.

Erlend adivinhara, Ramborg adivinhara. Mas Cristina, absorvida pelo desgosto e pelo rancor, por muito irritada que estivesse contra Erlend, só pensava nesse homem.

«Nunca te importaste comigo, Cristina, minha bem-amada, nunca indagaste se me era penoso tratar como irmã aquela que me fora designada para esposa.»

Ele próprio não previra, no dia em que se despedira da noiva à porta do mosteiro de Oslo, que continuaria a pensar nela e que

nada do que a vida lhe concedesse depois o compensaria da perda da rapariga que lhe fora prometida.

Mas Cristina saberia antes de ele morrer. Beijá-la-ia: «Eu sou aquele que te amou e que te ama ainda».

Simão ouvira outrora estas palavras e nunca as esquecera. Fora no livro dos Milagres de Nossa Senhora, na história duma freira que se evadira com um cavaleiro. No fim, a Virgem Maria salvou os dois amantes e perdoou-lhes os pecados. Se ele cometesse pecado por repetir essas palavras à irmã da mulher, a Mãe de Deus obter-lhe-ia o perdão... Não importunava Nossa Senhora com pedidos frequentes.

«Nesse dia eu não julgava que nunca mais teria verdadeira felicidade nem coragem para nada.»

— Não, Simão, é carga excessiva para *Sokka* o peso de nós ambos, fatigada como está pela comprida jornada — disse ele voltando-se para um dos criados que saltara para a garupa da égua onde ia o amo, a fim de o amparar. — Vejo perfeitamente que és tu, mas tomei-te por outro...

Ao romper da aurora chegaram ao hospício dos peregrinos, e os dois monges encarregados da casa ficaram com o doente a seu cuidado. Quando Simão Andressoen se reanimou um tanto e a febre desceu, devido ao tratamento, obteve, a instâncias suas, que os frades lhe emprestassem um trenó para continuar a viagem.

A neve estava boa, e encontraram mudas de cavalos pelo caminho; viajaram toda a noite e chegaram de manhãzinha a Formo. Simão viera meio adormecido debaixo das peliças que haviam acumulado sobre ele. Sobrecarregavam-no; sentia-se como que esmagado por lajes de pedra e a cabeça doía-lhe. Noutros momentos, caía na inconsciência, mas as dores depressa o arrancavam disso. Tinha a impressão de que o corpo inchava, inchava, se tornava enorme, rebentando quase; o braço não cessava de latejar.

Tentou percorrer a pé a pouca distância do trenó à porta, com o braço válido apoiado no ombro de Jon; Sigurd amparava-o por trás. Simão reparava que os dois homens tinham a pele terrosa e o ar cansado pelas duas noites consecutivas passadas a cavalo.

Queria dizer-lhes algumas palavras a esse respeito, mas não conseguiu proferir um som. Tropeçando no degrau da porta, tombou para a frente com um berro de dor quando o braço, que a inflamação tornara informe, chocou com um objecto. Reluzente de suor, esforçou-se por sufocar os gemidos que lhe queriam sair dos lábios, enquanto o despiam e o ajudavam a deitar-se.

Um pouco mais tarde, apercebeu-se da presença de Cristina Lavransdatter: pilava qualquer coisa num almofariz de madeira. O ruído ecoava-lhe penosamente na cabeça. Despejou ela a água duma caçarola numa taça e deitou algumas gotas de um frasquinho de vidro que tirou do seu cofrezinho. A seguir, lançou na caçarola o conteúdo do almofariz e colocou-a ao lume. Como os seus movimentos eram calmos e seguros!

Cristina aproximou-se do leito com a taça na mão. O seu passo era tão leve! Conservava a formosura e esbelteza de rapariga, aquela mulher delgada, de rosto magro e sério sob a touca de linho.

A inchação do braço estendia-se quase até à nuca, e Cristina fê-lo doer quando meteu a mão debaixo do pescoço do doente e o soergueu. Depois apoiou-lhe a cabeça no seu peito e chegou a taça aos lábios de Simão.

O homem teve um débil sorriso; e, quando ela tornou a deitar, com todas as precauções, a pobre cabeça nas almofadas, ele agarrou com a sua mão válida os dedos esguios e compridos da cunhada, dedos que já não eram macios e brancos como outrora.

— Agora, já não te é fácil bordar a seda, disse Simão. Mas a tua mão é bondosa e leve, e deliciosamente fresca, Cristina.

Pô-la na testa. Cristina deixou-a lá estar e, quando sentiu a palma quente, retirou-a e pousou a outra mão na testa, que ardia até à raiz dos cabelos.

— O teu braço está com feio aspecto, Simão. Mas, com a ajuda de Deus, hás-de melhorar.

— Receio que não me cures, por muito hábil que sejas — retorquiu o cunhado.

Falava em tom quase alegre. A tisana começava a actuar e

ele sofria menos, porém com a estranha sensação de já não ter poder nos olhos: parecia-lhe que se entortavam.

— Seja o que Deus quiser — acrescentou.

Cristina estendeu papa num pano e envolveu com a cataplasma quente o braço, desde a ponta dos dedos até ao ombro, e o peito onde a inflamação desenhava linhas vermelhas que partiam do sovaco. O calor foi de começo doloroso, mas não tardou a aliviar o doente. Cristina embrulhou tudo com lãs e colocou almofadas de penas debaixo do braço. Simão perguntou que pusera ela nos panos.

— Diversas coisas, e em especial raízes de consolda e de erva de andorinha — respondeu a cunhada. — Se estivéssemos no Verão, tê-las-ia colhido verdes do meu jardim. Mas eu tinha apanhado uma boa porção, graças a Deus, e não precisei delas neste Inverno.

— Que foi que me contaste um dia acerca da erva de andorinha? Souberas pela abadessa, quando estavas no convento... era a respeito desse nome...

— Referes-te à significação do nome, que é o mesmo em todas as línguas? Desde o mar da Grécia até ao nosso país, a planta chama-se erva de andorinha.

— Sim, porque floresce em todas as regiões na ocasião em que as andorinhas regressam da sua fuga de Inverno.

Simão apertou os lábios: nessa altura já estaria debaixo da terra há muito tempo.

— Quero ser sepultado perto da nossa igreja, se morrer agora, Cristina. Deixo bens suficientes para André poder ocupar um lugar de certo vulto quando for senhor de Formo. Será um filho que Ramborg vai dar à luz nesta Primavera? Gostaria de viver bastante tempo para ver dois filhos na minha casa...

Cristina participou-lhe que mandara Gaute a Dyfrin com a notícia de que ele adoecera.

— Mas não mandaste o pequeno sòzinho? — indagou Simão, assustado.

— Não dispunha de ninguém capaz de montar o baio senão Gaute — explicou Cristina.

Simão observou que a viagem faria mal a Ramborg.

— Oxalá não se apresse demasiado! Mas gostaria imenso de ver meus filhos.

Um pouco mais tarde, recomeçou a falar da família. Nomeou Arngjerd. Teria feito tolice em não aceitar para ela aquela proposta de casamento? O pretendente parecera-lhe muito velho, e Simão tivera medo de lhe prometer a filha porque Grunde, segundo constava, era violento quando estava embriagado. Desejaria deixar a sua Arngjerd amparada! E, agora, seriam Gyrd e Gudmund os encarregados de a casar!

— Diz a meus irmãos que lhes peço que sejam prudentes neste assunto. Se quisesses tê-la contigo em Joerundgaard durante algum tempo, ficar-te-ia muito grato. E, se Ramborg se tornar a casar, antes de Arngjerd estar arrumada, deves conservá-la a teu lado, Cristina. Não é que Ramborg não tenha sido boa para ela, mas compreendes que, se Arngjerd vivesse com padrasto e com madrasta, podiam considerá-la como criada. Lembras-te que eu era casado com Halfrid quando ela nasceu?

Cristina pousou docemente a sua mão na do cunhado e prometeu que faria tudo o que pudesse pela rapariga. Recordava-se do que presenciara: a situação era difícil para os filhos dum homem de categoria que tinham sido concebidos no adultério: Orme e Margret, Ulf Haldorsoen. Acariciou os dedos de Simão.

— Ainda não morres desta vez — disse ela a sorrir.

Passava às vezes como que um reflexo do meigo e terno sorriso de donzela no magro e severo rosto da mulher. Ah! juvenil Cristina, tão deliciosa!

Nessa noite, Simão teve menos febre; não sofria tanto, dizia ele. Quando Cristina mudou a cataplasma do braço, não o achou tão inchado: a carne estava branda; premiu-a com precaução e a marca dos dedos ficou impressa um instante.

Cristina ordenou aos criados que se deitassem. Permitiu, no entanto, a instâncias de Jon Daalk, que este se estendesse no banco do quarto do patrão. Mandou pôr a cadeira de espaldar entalhado perto do leito e aí se instalou. Simão dormia: acordou

uma vez durante a noite e viu Cristina a fiar. Sentada, muito direita, metera debaixo do braço a haste com a bola de lã. Os seus dedos torciam o fio, o fuso descia, descia sempre ao longo da cintura delgada; depois enrolava a lã fiada e recomeçava a torcer o fio. O fuso descia... Simão adormeceu a olhar para ela.

Quando, de madrugada, o doente tornou a acordar, Cristina ainda fiava. A luz da candeia, colocada de maneira a que os cortinados da cama fizessem sombra ao enfermo, incidia sobre ela. O seu rosto estava pálido e calmo; a boca delicada e cheia adelgaçara, fechada, de lábios bem apertados. De olhos baixos, fiava sem descanso. Não podia ver que, à sombra das cortinas, Simão a contemplava. Parecia tão mortificada que o coração dele sangrava ao observá-la.

Cristina levantou-se e pôs lenha no lume, sem o menor ruído. Ao voltar para o seu lugar, espreitou por trás dos cortinados e encontrou na penumbra os olhos abertos de Simão.

— Como te sentes? — perguntou com doçura.

— Bem. Sinto-me bem, agora.

Tinha, contudo, a impressão de que a axila esquerda principiava a estar sensível, assim como o pescoço, quando movia a cabeça. Mas talvez fosse ilusão...

Certamente Cristina nunca considerara ter perdido alguma coisa ao rejeitar o amor dele. Simão podia, pois, falar-lhe sem escrúpulos. Não seria isso que a tornaria melancólica. Queria dizer-lhe, antes de morrer: «Não deixei de te amar durante todos estes anos».

A temperatura de Simão tornou a subir. E o braço esquerdo doía-lhe, não havia dúvida.

— Deves tentar dormir, Simão — disse Cristina. Talvez te faça bem.

— Já dormi muito esta noite.

Recomeçou a falar dos filhos, dos três que já tinha e a quem estimava ternamente, e do quarto que ia nascer. Depois, calou-se; as dores voltavam, violentas.

— Deita-te um bocadinho, Cristina. Jon pode substituir-te, se achas necessário que fique alguém de vela.

De manhã, quando ela desenfaixou o braço, Simão olhou calmamente para o seu semblante desesperado.

— Não, Cristina! Compreendes que havia muita impureza neste braço... e eu tive arrepios antes de me começares a tratar. Eu bem te disse que não me curavas. Não estejas tão desolada, Cristina!

— Não devias ter feito uma viagem tão comprida — observou ela com voz débil.

— Nenhum homem vive mais tempo do que está escrito — volveu Simão. — E eu queria voltar para casa. Há certo número de coisas de que eu desejava falar-te, a respeito da sucessão. — Riu ao de leve. — Todas as chamas acabam por se apagar.

Cristina fitou-o com os olhos enevoados de lágrimas. Simão sempre tivera o hábito de citar provérbios. Contemplou-lhe o rosto entumecido, as faces pesadas; a papada diminuíra, formando pregas fundas. Os seus olhos estavam embrutecidos e, ao mesmo tempo, brilhantes; de súbito, a expressão e a lucidez voltaram. Ergueu para ela o antigo olhar perscrutador e firme dos seus olhinhos vivos, cor de aço.

Quando a luz do dia iluminou o quarto, Cristina viu que o nariz de Simão se afilara; uma linha branca, partindo das narinas, descia até às comissuras dos lábios.

A mulher dirigiu-se para a janela e aí ficou um momento engolindo as lágrimas. A espessa camada de geada no vidro cintilava com reflexos dum verde dourado. Lá fora, havia sem dúvida um belo dia de Inverno, igual a todos os da semana que decorrera.

«Aquilo era o sinal da morte». Ela sabia-o.

Tornou a aproximar-se da cama e meteu a mão debaixo da coberta. Os tornozelos de Simão estavam empolados e a inchação prolongava-se pelas pernas.

— Queres que mandemos chamar Sira Erik? — perguntou ela meigamente.

— Quero. Esta tarde — respondeu o enfermo.

Era preciso que lhe declarasse o que tinha a dizer antes de se confessar e de receber os sacramentos. Depois, tentaria concentrar a sua atenção noutra coisa.

— É estranho que sejas tu a pessoa que se vai ocupar do meu cadáver — começou ele. — E temo bastante que não seja um cadáver muito bonito.

Cristina sufocou um soluço. Ia preparar mais uma bebida calmante. Mas o cunhado chamou-a:

— Não gosto dessas mistelas que me dás. Perturbam-me as ideias.

Daí a instantes pediu-lhe que, apesar de tudo, lhe desse algumas goladas da beberagem.

— Mas não lhe mistures muita quantidade daquilo que faz dormir; preciso de falar contigo.

Bebeu e esperou que as dores se atenuassem até lhe permitirem conversar com calma e clareza.

— Não queres que eu mande buscar Sira Erik para que te conforte?

— Daqui a pouco. Mas, antes, quero dizer-te uma coisa.

Permaneceu calado uns momentos e, a seguir, falou:

— Dirás a Erlend Nikulaussoen que todos os dias lamentei as palavras que lhe dirigi quando nos separámos a última vez. Palavras mesquinhas e indignas dum homem. Transmite-lhe as minhas saudações e pede-lhe que me perdoe.

Cristina ficou sentada, de cabeça baixa. Simão viu que ela corava até à touca de linho.

— És capaz de entregar este recado a teu marido? — perguntou ele.

A mulher fez um leve sinal de assentimento.

— Se Erlend não vier ao meu enterro, tens de ir a Haugen para lhe dizeres.

Cristina continuou muda e ruborizada.

— Não recusarás fazer por mim o que te peço à hora da morte?

— Farei o que pedes — murmurou ela.

— É mau para os teus filhos que o pai e a mãe estejam separados — recomeçou Simão. — Não sei se reparaste como sofrem. Deve ser penoso para os rapazes saberem que os pais são o assunto da má língua da terra.

Cristina replicou em voz baixa e dura:

— Foi Erlend quem abandonou os filhos, e não eu. Primeiro, os meus filhos foram expulsos da terra onde tinham família e bens hereditários. Se agora têm de suportar que os pais sejam pasto de maledicências no vale onde nasci, não sou culpada.

Simão volveu, depois de um silêncio:

— Não esqueço, Cristina, que possuis o direito de te queixar de muitas coisas: Erlend organizou mal o futuro dos filhos. Mas deves lembrar-te de que, se a sua empresa houvesse dado resultado, os filhos viveriam actualmente na abastança, e ele mesmo teria o seu lugar entre os cavaleiros mais poderosos do reino. Chamam traidor ao homem que falha numa conjuntura dessas, mas se a leva a bom fim o povo fala doutra maneira. Metade da Noruega pensava como Erlend nessa época; sabiam que não era de nosso interesse termos o mesmo rei que os da Suécia e que o filho de Knut Porse seria muito diferente daquele maricas, se pudéssemos ter o Príncipe Haakon a nosso lado desde moço. Muita gente estava à sombra de Erlend, nesse tempo, e impeliam-no para a frente, mas fugiram e esconderam-se quando se descobriu a conspiração. Assim procederam meus irmãos e muitos outros considerados como honrados cavaleiros. Erlend, abandonado e só, não podia deixar de cair. E, nessa ocasião, teu marido provou ser homem corajoso e honesto... embora antes e depois pudesse mostrar-se assim ou assado...

Cristina escutava-o, trémula.

— Se é por causa disso que pronunciaste frases azedas contra teu marido, deves desdizer-te. Tinhas obrigação de lhe pedir desculpa, Cristina, porque houve tempo em que amavas tanto Erlend que não toleravas que dissessem a mínima palavra contra ele na tua presença. E, no entanto, nunca acreditaria que um homem honesto, nobre, soldado do rei, fosse capaz de proceder como ele procedeu então. Lembras-te de como vos surpreendi em Oslo? Pudeste perdoar isso a Erlend, tanto nesse momento como depois.

— Juntei o meu destino ao seu — respondeu Cristina em

voz baixa. — Que seria de mim se eu separasse a minha causa da de Erlend?

— Olha para mim, Cristina — volveu Simão Darre — e diz-me a verdade. Se eu exigisse de teu pai que ele mantivesse a palavra dada, se eu afirmasse que não mais recordaria a tua desonra, mas que não te largaria, que terias feito?

— Não sei.

Simão teve um riso duro.

— Se eu conseguisse, pela força do meu direito, casar contigo, ter-me-ias apertado nos teus braços sem oposição, minha linda Cristina?

O rosto dela empalidecera. Permaneceu sentada sem nada dizer. Simão riu outra vez.

— Não creio que me desses um beijo de ternura se eu me deitasse contigo no leito nupcial.

— Julgo que levaria um punhal para a cama — murmurou ela com voz surda.

— Vejo que conheces a balada de Knut de Borg — replicou Simão com um sorriso acerbo. — Nunca ouvi dizer que isso acontecesse realmente. Mas sabe Deus se não serias capaz de semelhante coisa.

Houve uma pausa e ele, então, prosseguiu:

— É inaudito entre cristãos que marido e mulher se separem como fizeste; sem causa legal e sem o consentimento do bispo. Não tendes vergonha? Calcaste tudo aos pés, saltaste por cima de tudo para vos unirdes. Quando Erlend corria perigo de morte só pensavas em salvá-lo, e ele preocupou-se muito mais contigo do que com os sete filhos, com o seu nome e os haveres. E, quando podeis ter-vos um ao outro com todo o sossego, não sois capazes de viver em paz e harmonia. Já em Husaby havia desinteligências entre vós ambos, que eu bem vi... Aconselho-te, Cristina, por amor de teus filhos, que te reconcilies com teu marido. Se a razão está do teu lado, deve-te ser mais fácil estender a mão a Erlend — concluiu ele com maior doçura. — É mais fácil para ti do que para Erlend Nikulaussoen, que vive miseràvelmente em Haugen — insistiu Simão.

— Não, não é fácil para mim — murmurou ela. — Contudo, parece-me que mostrei capacidade para fazer alguma coisa pelos meus filhos. Lutei, lutei rudemente por eles.

— É verdade, confirmou o homem. — Lembras-te daquele dia em que nos encontrámos no caminho de Nidaros? Estavas sentada na erva, dando de mamar a Naakkve.

Cristina respondeu com um sinal afirmativo.

— Tereis coragem de fazer pelo teu filho o que minha irmã fez pelo dela: entregá-lo a quem estava em condições de o proteger melhor?

A mulher abanou a cabeça.

— E serias capaz de, por ele e pelos teus outros seis belos rapazes, pedir ao pai que esqueça as palavras que proferiste num momento de ira? Não terás ânimo de dizer a teu marido que os filhos precisam dele, que volte para o seu lar?

— Farei o que desejas, Simão — respondeu Cristina baixinho. — Falaste-me com dureza. Outrora repreendeste-me com mais severidade do que qualquer outro leigo...

— Sim, mas hoje posso prometer-te que será a última vez. — A voz dele retomara o tom zombeteiro dos tempos passados. — Não chores, Cristina... Sabes — continuou com o mesmo ar malicioso — sabes que aprendi à minha custa que não nos devemos fiar muito em ti!... Sossega, minha querida! — pediu ele quando lhe ouviu os soluços dolorosos. — Foste para nós irmã bondosa e fiel. Acabámos por nos tornarmos amigos, minha Cristina.

De tarde, Simão pediu que mandassem chamar o padre. Sira Erik veio, confessou-o e ministrou-lhe os derradeiros sacramentos. Depois disso, o moribundo despediu-se dos servos e dos filhos de Erlend, os cinco que ali se encontravam, visto Cristina haver mandado Naakkve a Kruke. Simão quisera ver os filhos dela para lhes dizer o último adeus.

Cristina ficou ainda essa noite a velar o enfermo. De madrugada adormeceu, mas foi acordada por um som estranho: Simão gemia muito baixinho. Sentiu-se profundamente comovida: ele queixava-se dolorosamente como uma infeliz criança abando-

nada, convencido de que ninguém o ouvia agora. Cristina inclinou-se e beijou várias vezes aquele pobre rosto. Sentia já um vago cheiro exalar-se do corpo e do hálito de Simão. Mas, quando surgiu a luz do dia, ela viu que os seus olhos continuavam vivos, límpidos e firmes.

Pareceu sofrer horrìvelmente na ocasião em que Sigurd e Jon o soergueram num lençol para Cristina poder arranjar a cama e torná-la o mais fofa possível. Havia vinte e quatro horas que não queria comer nada, mas tinha sempre sede.

Quando o tornaram a deitar, pediu a Cristina que fizesse sobre ele o sinal da cruz «porque também já não posso mexer o braço esquerdo».

«Quando nos persignamos ou traçamos o sinal da cruz nalguma coisa que queremos proteger, devemos lembrar-nos como a cruz foi santificada e o que significa, e não esquecer que esse sinal teve glória e poder pelo suplício e morte de Cristo».

Simão recordava-se de ter ouvido alguém ler este passo. Não se habituara a reflectir quando fazia o sinal da cruz no peito, sobre a casa ou sobre as terras. Sentia-se mal preparado para a derradeira viagem e teve de se consolar com a ideia de que, ao confessar-se, fizera o que estava em seu poder, e que recebera os santos sacramentos. Ramborg era tão nova! Talvez que a sua vida fosse mais alegre com outro marido; Deus protegeria os filhos! Gyrd ocupar-se-ia do seu bem-estar. Só lhe restava entregar-se a Deus, que julga com a sua misericórdia, e não sobre o valor do homem.

— E dentro em pouco será difícil suportar a minha aproximação — concluiu com um sorriso débil.

Cristina desatou em violento choro, depressa dominado; inclinou-se e beijou mais uma vez o pobre corpo que principava já a decompor-se.

Simão repousava, sereno. A febre e as dores haviam diminuído de intensidade. Pensava ele que não tardaria o fim de todos os seus sofrimentos.

Admirava-se de ter falado a Cristina como fizera. Contudo

não era aquilo que prometera dizer. Mas não pudera falar doutra maneira. Sentia com isso vago despeito.

A gangrena ia acabar por atingir o coração. «O coração do homem é a primeira coisa que vive na barriga da mãe e a última que nele pára.»

Dentro de pouco tempo, muito pouco tempo, o seu coração ia parar.

De noite, Simão delirou. Por duas ou três vezes gemeu tão dolorosamente que era horrível ouvi-lo. Mas, noutros momentos, sorriu e pronunciou o seu próprio nome — pelo menos Cristina assim julgou. Sigrid que estava sentada junto do leito e debruçada para o irmão, murmurou à companheira que ele certamente falava dum primo que fora seu amigo de infância. Por volta da meia-noite ficou mais calmo e pareceu adormecer. Sigrid persuadiu então Cristina a deitar-se no outro leito.

Despertou ela com um rumor — um pouco antes de amanhecer — e comprendeu que principiara a agonia. Simão já não falava, mas Cristina viu-lhe nos olhos que a reconhecia. De repente, foi como se uma lâmina de aço se quebrasse neles, e as pupilas viraram-se sob as pálpebras. O estertor durou ainda uns momentos. O padre voltara e recitava as orações dos moribundos; as duas mulheres estavam sentadas ao lado da cama e viam-se no quarto todos os criados. Era perto do meio-dia quando ele exalou o último suspiro.

No dia seguinte Gyrd entrou no pátio de Formo. Estoirara um cavalo na viagem. Soubera da morte do irmão em Breidin, e ao princípio mostrou-se relativamente calmo. Mas logo que a irmã se lhe abraçou a soluçar, Gyrd apertou-a nos braços e chorou como uma criança.

Ramborg Lavransdatter estava de cama em Dyfrin com um recém-nascido, contou ele. Quando Gaute Erlendsoen chegara lá com o recado de Cristina, ela pusera-se a gritar que Simão ia morrer, que tinha a certeza disso. Depois caíra no chão com convulsões. A criança nascera seis semanas antes do termo, mas tinham esperança que viveria.

Fizeram imponente funeral a Simão Andressoen, que foi sepultado na igreja de Santo Olavo, muito perto do coro. Os habitantes da região estavam satisfeitos por lhe terem escolhido aquele sítio para o derradeiro sono. A velha casa de Formo, que pertencia à família desde Simão Saemundsoen, fora poderosa e valente. Astrid Simonsdatter casara rica, os filhos tinham o título de cavaleiro e assistiam ao conselho do rei, mas raras vezes visitavam a terra alodial da mãe. Quando o neto de Astrid se instalou no domínio, o povo teve a impressão de que a antiga família revivera; depressa deixaram de considerar Simão Andressoen como um estrangeiro, e deploraram que ele morresse tão novo, pois não contava mais de quarenta e dois anos.

V

PASSAVAM-SE semanas após semanas e Cristina preparava-se no íntimo para levar a Erlend a mensagem do defunto. Decidira-se, mas adiava o momento. Havia imensas coisas a fazer na quinta, e ela transigia consigo para executar o seu projecto.

Na altura de Pentecostes, Ramborg regressou a Formo. Deixara os filhos em Dyfrin. «Estão bem», respondeu ela quando Cristina a interrogara. As duas pequenas tinham chorado amargamente a perda do pai. André era muito criança para compreender alguma coisa. Quanto ao último, Simão Simonsoen, desenvolvia-se, e esperava-se que crescesse e se fortificasse.

Ramborg foi diversas vezes à igreja visitar a sepultura do marido; fora disso, nunca saiu de casa. Cristina ia vê-la sempre que podia. Lastimava não haver conhecido melhor a irmã. A viúva tinha a aparência duma criança na sua roupa de luto: o corpo parecia franzino e pouco desenvolvido dentro do pesado vestido de lã azul-escuro; a carinha triangular, pálida e magra, apresentava-se emoldurada por faixas de linho sob o manto de lã preta que tombava em pregas rígidas até à borda da saia. Sombras escuras rodeavam-lhe os olhos grandes, onde as pupilas negras como azeviche tinham um brilho fixo.

Na altura da ceifa do feno, houve uma semana em que Cristina não teve tempo de ir visitar a irmã. Soubera pelos ceifeiros que havia um hóspede em Formo, um tal Jammaelt Halvardsoen. Cristina lembrava-se de que Simão mencionara esse nome; era o proprietério duma grande quinta, não longe de Dyfrin, e amigo de infância de Simão.

Mas, a meio da ceifa, houve um dia de chuva. Cristina aproveitou-o para ir, a cavalo, ver a irmã. Aquela falou do mau tempo e do feno e perguntou em que altura estava a sega no domínio de Formo. Ramborg ripostou bruscamente:

— Jon ocupar-se-á disso, porque eu parto para o Sul dentro de alguns dias, Cristina.

Ramborg levantou-se e pôs-se a andar cá e lá no quarto.

— Quero participar-te uma coisa que te vai surpreender — disse ela passados momentos. — Tu e teus filhos não tardareis a ser convidados para uns esponsais em Dyfrin. Dei a minha palavra a Jammaelt, antes de ele se ir embora. Gyrd quer casar-me.

Cristina ficou muda de espanto. Ramborg, muito pálida, postou-se diante dela, fitando-a com os seus olhos negros. A irmã acabou por dizer:

— Pelo que vejo, não quiseste ficar viúva de Simão muito tempo. Julgava que o choravas com tanto desgosto! Mas és senhora das tuas acções, agora.

Ramborg não replicou. Cristina, então, inquiriu:

— Gyrd Darre sabe que tencionas casar assim tão depressa?

— Sabe. — Ramborg pôs-se outra vez a passear pelo quarto. — Helga aconselha este casamento... Jammaelt é rico... — Ela riu. — E Gyrd é muito inteligente para não ter percebido há muito que eu e Simão vivíamos mal um com o outro.

— Que dizes? Nunca ninguém deu fé de que não vivêsseis bem — volveu Cristina decorridos instantes. — Que eu saiba, só se viu amizade e harmonia entre vós ambos. Simão cedia à tua vontade em tudo e por tudo; satisfazia-te os desejos, lembrava-se sempre de que eras muito nova, e poupava-te penas e fadigas. Gostava dos filhos e mostrava-se grato por lhe teres dado os dois primeiros.

Ramborg teve um sorriso desdenhoso.

Cristina prosseguiu, enfadada:

— Se tens motivos para julgar que não vos entendíeis bem, com certeza não é Simão o culpado.

— Pois não — replicou Ramborg. — Sou eu que devo ter a responsabilidade, se tu não te atreves a tomá-la.

Cristina olhou-a, pasmada.

— Parece-me que não sabes o que dizes — pronunciou ela por fim.

— É assim mesmo — retorquiu a irmã. — Mas é de crer que o ignores. Pensavas tão pouco em Simão que me persuado que isto que te digo é novidade para ti. Achavas que ele só era bom para te ajudar quando estavas em maus lençóis... Nunca desperdiçavas o tempo em pensar quanto isso devia custar a Simão Andressoen... Dizes que se lembrava sempre de que eu era nova. Sim, sorridente e terno, ajudava-me a montar no cavalo e mandava-me para festas e divertimentos, e igualmente sorridente e meigo me recebia quando eu voltava para casa... Acariciava-me como acariciava o cavalo ou o cão... Nunca sentia a minha falta quando eu me ausentava.

Cristina pusera-se de pé. Permanecia imóvel, junto da mesa. Ramborg torcia as mãos a ponto de fazer estalar as articulações e passeava dum lado para outro.

— Jammaelt, esse... Adivinhei há muito tempo o que pensava de mim. Ainda a mulher dele era viva e já eu o percebia. Não que saiba que se traiu pelas suas palavras e maneiras, não julgues isso! Teve mesmo grande desgosto com a morte de Simão. E às duas por três vinha visitar-me para me consolar. É pura verdade o que te digo. Foi Helga que nos observou a ambos que seria oportuno que nos... E, além disso, não vejo por que havia de esperar. Não ficarei nem mais nem menos consolada do que estou. E agrada-me conhecer o que é viver com um homem que se calou, mas que pensou em mim durante anos. Sei o que é viver com alguém que se cala e pensa noutra mulher.

Cristina continuou imóvel. Ramborg parou defronte dela; os seus olhos despediam centelhas:

— Sabes que é verdade o que te digo!

Cristina saiu lentamente da casa, de cabeça pendida para a frente. Enquanto esperava debaixo de chuva, no pátio, que o lacaio lhe trouxesse o cavalo, Ramborg apareceu à porta e fitou a irmã com os olhos cheios de ódio.

Só no dia seguinte Cristina se lembrou da promessa que fizera a Simão no caso de Ramborg se tornar a casar. Voltou, então, a Formo, se bem que essa viagem lhe custasse. E o que mais a desgostava era não ser capaz de dizer uma única palavra que pudesse servir de consolação à irmã. Aquele casamento com Jammaelt parecia-lhe inconsiderado, enquanto Ramborg conservasse tal estado de espírito. Mas Cristina tinha a certeza de que não lhe podia tirar isso da cabeça.

Ramborg, com ar irritado, não permitiu que a enteada fosse para Joerundgaard.

— Acho que, na tua casa, o estado das coisas também não é de natureza a que seja oportuno mandar para lá uma rapariga.

Cristina respondeu com doçura que talvez Ramborg tivesse razão. Mas prometera ao moribundo...

— Se, a delirar, Simão não sentiu que me ofendia com esse pedido, devias compreender que me ofendes transmitindo-mo — disse Ramborg.

Cristina teve de voltar para casa e contentar-se com aquela resposta.

Na manhã seguinte, o tempo prometia estar bom. Quando os filhos vieram almoçar, Cristina declarou que não estaria presente à arrecadação do feno, porque ia fazer uma viagem e talvez ficasse ausente durante alguns dias.

— Tenciono ir aos Dofrines para ver vosso pai. Quero pedir-lhe que esqueça o desentendimento que houve entre nós e suplicar-lhe que volte para nosso lado.

Os filhos coraram e quase nem ousaram olhar para a mãe, mas esta compreendeu que lhes dera grande alegria. Puxou Munan para si e inclinou o rosto para o do pequeno:

— Ainda te lembras de teu pai, meu rapaz?

Sem nada dizer, mas com os olhos brilhantes, o pequeno fez sinal de que sim. Os outros olharam para a mãe, um após outro: parecia tão nova e tão linda como não a viam desde alguns anos.

Um pouco mais tarde saiu ela ao pátio, vestida para a viagem com o seu fato domingueiro: túnica de lã preta bordada a azul e prata na gola e nas mangas, capa negra, de capuz. Naakkve e

Gaute tinham selado três cavalos, pois contavam acompanhar a mãe. Ela não se opôs, mas não conversou muito enquanto cavalgavam juntos. Taciturna e com ar ausente, só dirigia aos filhos palavras insignificantes.

Quando distinguiram ao longe os telhados das casas de Haugen, que sobressaíam no horizonte, Cristina despediu os rapazes.

— Deveis compreender que eu e vosso pai podemos ter assuntos que preferamos discutir a sós.

Os filhos aprovaram com a cabeça e, depois de dizerem adeus à mãe, deram meia volta aos cavalos.

O vento fresco da montanha acariciou-lhe as faces ardentes quando ela chegou ao último outeiro. O sol dourava as casinhas cinzentas, que lançavam sombras alongadas na cerca. Nas faixas de terra o centeio brilhava com as suas espigas balouçando ao vento. Em todas as pedras, em todos os montículos, a erva tinha uma cor amarelada, e, nos prados, o feno estava já disposto em paveias. Mas não aparecia vivalma, nem sequer um cão que desse alarme ladrando.

Cristina desselou o cavalo e levou-o a beber à celha. Não queria deixá-lo solto, por isso o conduziu para a estrebaria. O sol penetrava ali através dum grande buraco no tecto, donde pendiam farrapos de musgo. Nada indicava que houvesse estado há pouco tempo um animal na cavalariça. Cristina deu forragem ao cavalo e deixou-o lá ficar.

Espreitou o estábulo; estava escuro e vazio e o cheiro que lá havia era o duma casa abandonada.

Na parede da habitação viu uma pele esticada, a secar; enxames de varejeiras voaram à aproximação de Cristina. Contra a parede do lado norte, um monte de terra coberto de ervas escondia a saliência do forno. Fora Erlend, decerto, quem fizera o entulho para se defender do vento.

Esperava encontrar a casa fechada, mas a porta abriu-se mal lhe tocou no ferrolho. Erlend nem mesmo se importara de trancar a sua moradia.

Acolheu-a uma atmosfera sufocante, irrespirável, logo no

limiar da porta: um cheiro acre de peles e de estrebaria. Os primeiros sentimentos que dominaram Cristina, quando se encontrou na residência de Erlend, foram o remorso e dolorosa piedade: o quarto parecia um covil.

«Sim, falaste certo, Simão.»

A casa era pequena, mas fora bonita e bem construída. A lareira tinha mesmo uma chaminé de pedra e cal para que o fumo se não espalhasse pelo aposento, como na casa sobradada de Joerundgaard. Quando, porém, ela quis abrir o ventilador para arejar o quarto, reparou que o cano estava obstruído por algumas pedras. O vidro quebrado da janela que dava para a galeria fora substituído por um trapo. Do soalho, quase nem se distinguiam as tábuas, tanta era a lama que o cobria. Não havia um coxim nos bancos, mas só armas, peles e roupa velha dispersas por toda a parte; na mesa, viam-se restos de comida. Zumbiam moscas de redor.

De súbito teve um sobressalto e ficou um momento trémula, palpitante, sem respirar. No leito do fundo — naquele leito onde estivera deitada... aquela coisa... que se não podia nomear... quando Cristina viera a Haugen da última vez — via-se uma forma ao comprido, tapada com um tecido de burel. Ela não soube que pensar...

Mas, de dentes cerrados, foi resolutamente levantar a coberta. Era a armadura, o elmo e o escudo de Erlend, assim como as tábuas do leito. Cristina olhou para a outra cama. Fora ali que tinham encontrado o cadáver de Aashild e o de Bjoern. Erlend dormia nesse leito agora, e ela, provàvelmente, também ali se deitaria nessa noite.

Como podia ele habitar naquela casa? De novo todos os seus sentimentos foram inundados pela piedade. Aproximou-se da cama. Não havia sido feita há infinito tempo. O colchão de palha, na sua gualdrapa de couro, estava duro e baixo. Quanto ao resto, só se viam algumas peles de carneiro e duas almofadas envolvidas em burel, tão sujas que cheiravam mal. Voaram farrapos e poeira quando ela tocou na cama. O marido não estava ali melhor do que um moço numa estrebaria.

Erlend, que nunca achava ter bastante luxo à sua volta, Erlend, que usava camisa de seda, fatos de veludo e magníficas peliças, que se zangava quando ela vestia os filhos com burel tecido em casa, e que nunca gostara que fosse a esposa quem amamentasse os filhos nem que ajudasse as criadas nos seus trabalhos, como a mulher dum jornaleiro, conforme a sua expressão!

«Meu doce Jesus, foi ele mesmo o culpado. Não, não direi uma palavra de censura, desdirei tudo o que disse, Simão. Tinhas razão: o pai dos meus filhos não deve viver aqui. Apresentar-lhe-ei a minha mão e a minha boca e solicitarei o seu perdão. Não é fácil, Simão. Mas havia justiça no que me disseste.»

Lembrou-se dos olhos cinzentos e perscrutadores do cunhado. O seu olhar ficara firme até ao fim. No pobre corpo já em decomposição as pupilas reflectiam a sua alma pura e leal até essa alma ser retirada por Deus como se desembainha uma espada. Cristina sabia que Ramborg dissera a verdade: ele amara durante longos anos a sua primeira noiva.

Todos os dias, no decorrer dos meses que se seguiram à sua morte, pensara em Simão, e parecia-lhe agora que sabia essa verdade antes de Ramborg a haver proclamado. Era como que forçada a evocar todas as recordações que tinha desde que o conhecera. Até aqui, alterara essas recordações que lhe restavam do antigo noivo, como o mau governador falseia a moeda misturando o vil bronze à prata. Quando ele lhe restituíra a liberdade, tomando sobre si a responsabilidade da ruptura, julgara ela que Simão a repelia, deixando-a por desprezo desde o instante em que soubera da sua desonra. Esquecera que, quando no jardim do mosteiro a desligara da promessa, nem suspeitava que ela não fosse pura e casta. Contudo, consentira em arcar com a vergonha da inconstância e da rebeldia da noiva. Só exigira uma coisa: que Lourenço soubesse não ser ele o culpado do rompimento.

E, agora, Cristina tinha a certeza de que Simão se erguera para lhe salvar, aos olhos do Mundo, ao menos uma aparência de honra. Mesmo nesse momento em que soubera o pior do procedimento de Cristina, se esta pudesse voltar o coração para ele,

Simão tê-la-ia tomado por esposa, à face de Deus e da lei, e diligenciaria não lhe fazer sentir na vida comum que guardava a lembrança da sua vergonha.

Apesar de tudo, Cristina sabia que, em nenhum caso, lhe podia dar o seu amor. Não, nunca teria amado Simão Andressoen. No entanto, tudo o que se lastimava de Erlend não ter, encontrava-o em Simão. Mulher fraca que era! Só sabia queixar-se! Dar sem medida àqueles que amava, eis o que Simão fizera. Ela também julgara tê-lo feito.

Mas quando, estouvada e ingrata, recebera as suas dádivas, Simão sorrira. Compreendia agora que muitas vezes, quando estavam juntos, ele tinha o coração amargurado. Sabia, enfim, que, debaixo do seu ar impassível, Simão escondia o seu desgosto: soltava alguns gracejos tolos, calcava a tristeza e mostrava-se sempre pronto a proteger, a socorrer e a dar...

E ela, como se comportara? Indignada, rancorosa, quando oferecia os seus dons sem que Erlend se apercebesse disso.

Aqui neste quarto, proferira Cristina palavras ousadas: «Por minha livre vontade enveredei por caminhos maus, e nunca acusarei Erlend se tombarmos no abismo». Assim falara à mulher a quem impelira para a morte para dar lugar à sua própria paixão.

A esta evocação, Cristina soltou um gemido; pôs as mãos no peito e balouçou o corpo para trás e para a frente. Sim, afirmara com tanto orgulho que jamais se queixaria de Erlend Nikulaussoen se ele se cansasse dela, se a enganasse, se até a abandonasse...

Mas cumpriria a sua palavra se Erlend a houvesse atraiçoado e tudo acabasse... Ele, porém, não a atraiçoara, abandonara-a moralmente, fazendo da vida da mulher uma angústia e insegurança constante... Não, não a enganara, mas também não a protegera, e ela não via o fim disso. E eis que voltava a Haugen para lhe suplicar que regressasse ao lar, que lhe enchesse todos os dias a taça de inquietação e de incerteza, de receio e de vã esperança, de aspirações que se esvairiam...

Sentia-se gasta. Perdera a juventude, a coragem de viver com o marido, mas nunca seria velha bastante para que Erlend se divertisse com ela.

Não, não era suficientemente moça para ter forças de viver com ele, nem muito velha para suportá-lo com paciência. Tornara-se numa mulher fraca; talvez sempre o houvesse sido. Simão tinha razão...

«Simão e meu pai», considerou Cristina. Haviam-lhe guardado amor fiel e tinham-na suportado, se bem que ela os calcasse aos pés por aquele homem com quem já não podia viver... «Ah! Simão, bem sei que nunca pensaste em vingar-te de mim. Mas pergunto a mim mesma se, no fundo da tua sepultura, sabes que estás vingado.»

Não se deteria mais em tais reflexões, precisava de ocupar-se de qualquer coisa. Começou por fazer a cama e, a seguir, procurou serapilheira e vassoura, mas eram objectos que parecia não existirem na casa. Olhou para dentro do compartimento contíguo: percebeu, então, o motivo do cheiro a estrebaria que reinava nos aposentos. Erlend fizera ali uma divisória para o cavalo. Nenhum estrume no chão limpo. A sela e os arreios dependurados na parede estavam brunidos e engraxados.

Logo a piedade varreu como uma vaga todos os outros pensamentos de Cristina. Teria ali alojado *Soten* por não tolerar a solidão absoluta?

Cristina ouviu passos na galeria da casa. Aproximou-se do vidro sujo de poeira e retirou o pano que tapava um buraco a fim de espreitar para fora. Uma mulher punha na varanda uma tigela de leite e um queijinho. Era uma velhota feia, pobremente vestida, e foi-se embora a coxear. Cristina nem sentiu como respirou melhor depois de ver essa mulher.

Continuou a limpar o quarto. Descobriu a inscrição que Bjoern Gunnarsoen traçara numa viga. Era em latim e Cristina não pôde compreender o sentido, mas ele intitulava-se *Dominus* e *Miles*, e havia também ali o nome do domínio da família de Bjoern que este perdera por amor de Aashild Gautesdatter. Na

cadeira esculpida figuravam as suas armas com o unicórnio e as folhas de nenúfar.

Um pouco mais tarde, Cristina julgou ouvir o trote dum cavalo. Foi ao vestíbulo e olhou para fora. Apareceu na encosta arborizada um cavalo preto atrelado a uma carroça cheia de lenha. Ao lado vinha Erlend, conduzindo o animal. Via-se um cão empoleirado no carro; outros corriam e pulavam em volta do dono.

Soten, o castelhano, parou com a carrada no pátio coberto de erva. Um dos cães viera à frente, a ladrar. Erlend, que principiara a desengatar, compreendeu pela agitação dos cães que se passava alguma coisa de extraordinário. Agarrou no machado que estava sobre a lenha e dirigiu-se para a casa.

Cristina apressou-se a entrar no quarto. De pé, encostada à pedra do fogão, esperou, trémula. Erlend entrou, de machado em punho, precedido e seguido pelos cães, que imediatamente encontraram a intrusa e deram furioso alarme. A primeira coisa em que ela reparou foi na onda de sangue que subiu ao rosto do marido e que tanto o rejuvenesceu; depois notou-lhe o tremor animado da boca, fina e delicada, e a expressão dos seus grandes olhos.

A presença dele cortou-lhe a respiração. Via-o mal barbeado; via-lhe os cabelos compridos, que se tinham tornado grisalhos. Mas aquele rubor que, em sucessivas vagas, lhe invadia as faces, era o mesmo da sua mocidade! Conservava-se juvenil e belo; os anos, os acontecimentos, nada o vencera.

Apresentava-se miseràvelmente vestido; a camisa azul estava suja e em farrapos sob o colete de couro cheio de cortes e de esfoladelas, rasgado nos ilhós dos atacadores, mas que se dobrava com flexibilidade aos movimentos vigorosos e ágeis do corpo. As calças justas mostravam um rasgão nos joelhos, e uma costura de trás desfizera-se na coxa da outra perna. Contudo, nunca no seu aspecto ressaltara tanto a raça de chefes e de poderosos senhores de quem descendia. Que belo porte, na sua alta estatura esbelta, de ombros largos um pouco descaídos, nos seus membros compridos e airosos! Em frente da mulher, levemente apoiado num

pé, metera uma das mãos no cinto que lhe circundava a cintura fina enquanto a outra pendia segurando o machado.

Chamara os cães. Olhava para Cristina sem nada dizer, embora corasse e empalidecesse alternadamente. Por fim, articulou com voz pouco firme:

— Vieste até aqui, Cristina?

— Quis ver como estavas instalado — respondeu ela.

— Pois bem! Já viste. — Relanceou o olhar pelo aposento. — Não estou mal. Felizmente vieste num dia em que a cama estava feita e a casa limpa.. — Como percebesse a sombra dum sorriso nos lábios da mulher, volveu com uma risada: — Ou foste tu quem pôs em ordem tudo isto?

Depois de se desembaraçar do machado, sentou-se num banco, de costas voltadas para a mesa. De repente, o semblante risonho tornou-se sério:

— Não falas.... Ao menos não aconteceu nada lá em casa, isto é, em Joerundgaard? Os pequenos...?

— Os nossos filhos estão bem. Mas têm tantas saudades de ti! Vim pedir-te que voltes para junto de nós. Fazes-nos falta a todos — terminou ela baixando os olhos.

— Estás com ar juvenil e saudavel, Cristina.

Erlend observou-a, com um sorriso. Vermelha, como se houvesse recebido uma bofetada, Cristina balbuciou:

— Não é por isso...

— Bem sei que não é porque te aches muito nova e fresca para viver como viúva — disse Erlend quando Cristina se interrompeu. — Não creio que resulte nada de bom se eu voltar para casa — ajuntou ele gravemente. — Debaixo do teu governo tudo prospera em Joerundgaard. És feliz nas tuas empresas. E eu, estou contente com a minha sorte.

— Os pequenos não ficarão satisfeitos enquanto não nos reconciliarmos — murmurou ela.

— Oh! São tão novos! Com certeza esquecerão a nossa desinteligência quando chegarem a ser homens. Aliás, posso-te dizer que os vejo de tempos a tempos — acrescentou a sorrir.

Cristina sabia, mas ficou humilhada e sentiu ser isso mesmo

que Erlend quisera, pois julgava que a mulher ignorava os seus encontros. Os filhos imaginavam que a mãe não sabia nada.

— Nesse caso, deves estar ao facto de que nem todos os negócios correm bem em Joerundgaard — respondeu ela.

— Nunca nos ocupamos de Joerundgaard. Vamos juntos à caça... Mas deves ter fome e sede. — Levantou-se bruscamente. — Estás de pé. Senta-te no lugar de honra, Cristina. Sim, minha querida. Não te darei este assento estreito.

Foi buscar à galeria o leite e o queijo, e trouxe pão, manteiga e carne salgada. Cristina tinha fome, e sede em especial; no entanto, foi com dificuldade que engoliu a comida. Erlend comeu depressa e mal, conforme o seu costume quando não havia assistentes.

Durante a refeição, falou de si. A gente do sopé da encosta cultivava-lhe as terras e trazia-lhe leite e alguns alimentos, mas a maior parte do tempo vivia-a ele no alto da montanha, caçando e pescando. Tencionava até deixar o país e procurar serviço junto dum capitão estrangeiro.

— Oh! Não, Erlend!

O marido lançou-lhe um olhar perscrutador e rápido. Ela, porém, não disse mais nada. A sombra começava a invadir o quarto; o lenço da cabeça e o rosto de Cristina avultavam, brancos, na parede escura. Erlend levantou-se e acendeu lume no fogão. Depois, escarranchou-se no banco, voltado para a mulher. Em torno dele agitava-se a claridade rubra das chamas.

Cristina sentia-se revoltada só com ideia de que Erlend podia conceber tais projectos, ele que já era quase tão velho como Lourenço quando morreu! Não seria de estranhar que seguisse a sua caprichosa fantasia e partisse à busca de novas aventuras.

— Não te basta, então, esta fuga para longe de mim e dos filhos? — exclamou Cristina. — Precisas ainda de fugir do país?

— Se eu mais cedo houvesse compreendido qual a tua opinião a meu respeito, mais cedo teria deixado a *tua* quinta — respondeu Erlend gravemente — Começo a perceber que tiveste de suportar muitas coisas por minha causa.

— Bem sabes, Erlend, quando falas da *minha* quinta, que

és senhor de tudo o que possuo. — Cristina deu pela entoação meiga da sua própria voz.

— Mas também sei que fui péssimo senhor nas minhas terras. — Interrompeu-se e continuou então: — Lembro-me do tempo em que Naakkve ainda não era nascido... Falavas do filho que tinhas no ventre e que um dia tomaria o meu lugar à cabeceira da mesa. Compreendo, Cristina, que sofreste com o que aconteceu... Por isso, é preferível que tudo continue como agora. Não me desagrada viver aqui.

Cristina circundou o olhar pelo quarto onde descia a escuridão. As sombras enchiam todos os cantos, e a luz das chamas flutuava e vacilava.

— Não sei como podes suportar esta casa — disse ela, arrepiada. — Não tens ocupação nenhuma, ninguém em teu redor; devias, ao menos, arranjar um moço para a quinta.

— Para eu cultivar a quinta? É o que tu queres dizer?—volveu ele a rir. — Não, Cristina, bem sabes que não tenho jeito para lavrador. Sou incapaz de me conservar sossegado no mesmo lugar.

— Sossegado no mesmo lugar...? Estiveste bastante sossegado aqui durante todo o Inverno.

Erlend sorriu ao de leve; os seus olhos mostraram uma expressão ausente, distante.

— Sim, de certa maneira. Aqui não preciso de me preocupar senão com o que me passa pela cabeça; posso ir e vir conforme me dá na gana. E sempre tive o dom de poder dormir quando não há razão para estar acordado; durmo como um urso no covil quando o tempo está mau para passear pelas montanhas.

— E nunca sentiste medo por estar *aqui* sòzinho? — murmurou Cristina.

Erlend fitou-a com ar de incompreensão. Depois, riu-se:

— Medo, por dizerem que a casa é assombrada? Nunca notei nada de anormal. Até já tenho desejado que o meu parente Bjoern me dê o prazer de uma visita. Lembras-te de ele dizer que eu não suportaria o gume duma lâmina no nó da garganta? Gostaria agora de responder a esse sujeito que não me assustei muito quando tive a corda ao pescoço.

A mulher sentiu um calafrio. Ficou muda de terror. Erlend pôs-se de pé.

— São horas de dormir, Cristina.

Rígida e fria, viu ela o marido tirar a coberta da armadura e estendê-la na cama, entalando-a por baixo das almofadas sujas.

— É o que possuo de mais limpo — explicou ele.

— Erlend ! — Cristina apertou as mãos no peito, procurando dizer alguma coisa para ter ainda um momento de espera. Tremia de medo. De repente, lembrou-se da comissão que a fizera vir ali.

— Erlend, tenho um recado para ti. Simão, à hora da morte, encarregou-me de te dizer que todos os dias lastimou as palavras que proferiu quando vos separastes a última vez. Qualificou-as de pouco dignas dum homem e pediu que lhas perdoasses.

— Simão... — Erlend permaneceu uns instantes com a mão pousada no leito e de olhos fitos no solo. — De todas as pessoas é essa quem eu menos gostaria que se evocasse a lembrança...

— Não sei que houve entre vós — replicou Cristina com a sensação de que estava a ser cruel. — Mas seria muito estranho e muito pouco natural em Simão que ele te tivesse, como pretendia, ofendido bastante. A razão não devia estar toda do teu lado...

Erlend meneou a cabeça e disse em voz baixa:

— Considerei-o como irmão quando precisei do seu auxílio. E aceitei-lhe os serviços e a amizade sem perceber quanto lhe custava suportar-me. Parece-me que outrora era mais fácil viver: dois homens como ele e eu batiam-se em combate singular. Encontravam-se numa ilha e deixavam as armas decidir para qual seria a loura donzela.

Agarrou de cima do banco a capa que ali jazia e lançou-a aos ombros.

—Queres que eu deixe aqui os cães contigo esta noite?

Cristina pusera-se de pé.

— Para onde vais, Erlend?

— Deitar-me no celeiro.

— Não.

Erlend deteve-se. Salientava-se, esbelto e moço, na claridade rubra das brasas que se cobriam de cinzas.

— Não me atrevo a dormir sòzinha neste quarto... não me atrevo...

— E atreves-te a dormir comigo? — Cristina viu-lhe o sorriso e sentiu-se desfalecer. — Não tens medo que eu te esmague com o meu abraço?

— Prouvera a Deus que pudesses fazê-lo!

E ela deixou-se ir nos braços dele.

Quando acordou, já a luz da manhã coava através do vidro.

Um peso lhe oprimia o peito: Erlend dormia com a cabeça no ombro dela; um dos seus braços descansava em cima da mulher.

Ésta olhou para os cabelos grisalhos do marido. Olhou para os seus próprios seios flácidos; abaixo deles desenhavam-se os ossos curvos das costelas sob fina camada muscular. Dominou-a uma espécie de terror enquanto as recordações dessa noite lhe vinham à memória, uma após outra. Naquela casa, ambos eles... na sua idade! Sentia-se envergonhada ao ver manchas vermelhas nos braços cansados de mãe e nos seios esgotados. Bruscamente, puxou a coberta e tapou-se.

Erlend acordou, ergueu-se, lesto, sobre o cotovelo e fitou o rosto da mulher. Os olhos tinham ainda a névoa do sono.

— Imaginava... Imaginava que havia sonhado outra vez...

Percorreu-a um tremor profundo e selvático ao som daquela voz em que o júbilo e a angústia se misturavam. Abriu os lábios de encontro à boca do marido. Nunca ela sentira doçura comparável.

O Sol tinha já um esplendor dourado e as sombras alongavam-se no cerrado verdejante quando, de tarde, desceram ao regato para ir buscar água. Erlend transportava dois baldes grandes. Cristina caminhava a seu lado, esbelta e flexível. O lenço da cabeça escorregara-lhe para as costas e cobria-lhe os ombros; os cabelos castanhos brilhavam-lhe ao sol. De olhos fechados e de cara erguida para a luz, sentia que as suas faces estavam rosadas, que as feições se haviam dulcificado. De cada vez que encontrava o olhar de Erlend, descia as pálpebras, sobressaltada por ver no rosto do marido a admiração pela sua beleza.

Erlend teve a ideia de se banhar. Enquanto ele seguia o curso da água até um pouco mais adiante, Cristina sentou-se na erva, encostada a uma pedra. O ribeiro da montanha embalava-a com o seu murmúrio, murmúrio que a mergulhou em meia sonolência. De tempos a tempos, quando lhe pousavam mosquitos na pele, entreabria os olhos e enxotava-os.

Entre os vimieiros, de redor da bacia que formava a torrente, surgia de vez em quando o corpo branco de Erlend. Cristina tornava a fechar os olhos e sorria, feliz e lassa. Ficava sem forças na presença dele, tal como outrora.

O marido veio e deitou-se defronte dela, na erva. Tinha os cabelos molhados e a frescura da água nos lábios vermelhos que apoiou na palma da mão de Cristina. Barbeara-se e vestira uma camisa mais limpa do que a anterior, mas também não muito bonita. Sorrindo, enfiou os dedos debaixo dos braços, no sítio onde havia um rasgão:

— Podias ter-me trazido uma camisa, já que viestes cá acima.

— Logo que eu regresse a casa hei-de talhar e coser camisas para ti — respondeu ela com um sorriso e passando-lhe a mão pela cara.

Erlend agarrou nessa mão:

— Nunca mais te deixarei partir, Cristina.

A mulher sorriu sem retorquir. Erlend recuou um pouco, sempre de barriga para baixo. À sombra húmida das moitas cresciam florinhas brancas, em forma de estrelas. Tinham pétalas sulcadas de veios azuis como seios de mulher e no centro de cada flor havia um botãozinho castanho. Erlend colhia-as todas.

— Tu, que és tão sábia nesta matéria, Cristina, deves conhecer-lhe o nome.

— É erva de Friggja. Não, Erlend, não faças isso! — Corou e repeliu a mão dele que lhe procurava meter as flores pelo seio abaixo.

Erlend riu e mordiscou, uma após outra, as pétalas brancas. Depois pousou o ramalhete na mão aberta da mulher e fechou-lhe os dedos sobre as flores.

— Lembras-te daquele dia em que passeámos no jardim da albergaria de Hofvin? Deste-me uma rosa...

Cristina abanou com lentidão a cabeça, toda sorridente.

— Não, não. Tiraste-me a rosa que eu tinha nas mãos.

— É deixaste-ma tirar. Da mesma forma te deixaste levar por mim, doce e suave como uma rosa. Mas, mais tarde, picaste-me até fazer sangue, minha linda. — Chegou-se para os joelhos da mulher e abraçou-a pela cintura. — Esta noite, Cristina, isso de nada te serviu; não te deixei ficar quieta, à espera.

Cristina inclinou a cabeça e descansou-a no ombro de Erlend.

Ao quarto dia, tinham-se eles refugiado no bosque de bétulas, entre as colinas do cimo da quinta, porque nesse dia o caseiro ia arrecadar o feno. Erlend e Cristina concordavam em que ninguém soubesse que ela estava em Haugen. O marido foi duas ou três vezes a casa buscar de comer e de beber, mas Cristina ficou em cima, sentada debaixo das bétulas. Do sítio onde se encontravam viam o caseiro e a mulher a transportar às costas as medas de feno.

— Recordas-te—perguntou Erlend—de me haver prometido que virias tratar do governo doméstico no dia em que eu fosse de vez para uma quintarola das montanhas? Querias ter duas vacas...

Cristina riu com doçura e desgrenhou-lhe os cabelos.

— Que pensariam nossos filhos ao verem a mãe fugir dessa maneira e abandoná-los?

— Acho que gostariam imenso de serem eles próprios os senhores de Joerundgaard — objectou Erlend, sorrindo. — Têm idade para isso. Gaute, apesar de muito moço, é já um lavrador autêntico, e Naakkve é um homem.

— Oh! Não! É possível que ele tenha esse conceito de si, e todos os outros cinco, mas ainda não possui o senso dum homem.

— Se sair ao pai, tarde ou nunca terá — respondeu Erlend. Esboçou um sorriso malicioso. — Julgas que podes guardar os filhos debaixo da tua capa, Cristina. Com certeza não sabes que Naakkve foi pai no Verão passado.

— Que dizes? — Cristina ficou vermelha e cheia de receio.

— É verdade. Foi aqui. A criança nasceu morta, e aposto

como o mariola do rapaz não torna a pôr os pés em casa da sua amada. É a viúva do filho de Paals, de Hagsbrekken. Pelo menos, a mulher afirma que a criança era dele. Seja como for, alguma coisa devia ter feito. Já temos idade para sermos avós...

— Como podes falar assim dum acto desonroso do teu filho?

Dera-lhe uma pancada no coração ao escutar as palavras tão despreocupadas de Erlend, que parecia achar divertido o facto de Cristina nada saber daquilo.

— Que queres que te diga? — perguntou Erlend no mesmo tom. Naakkve tem dezoito anos. Bem vês que de pouco te serve vigiar os teus filhos como se fossem crianças. Quando estiveres instalada a meu lado, trataremos de o casar.

— Julgas que será fácil casar Naakkve conforme a sua estirpe? Não, meu caro esposo, creio que depois disso tu mesmo deves compreender a necessidade de voltar para Joerundgaard e de me ajudar a governar os rapazes.

Erlend apoiou-se no cotovelo:

— Não farei nada do que dizes. Sou e continuarei a ser um intruso em Sil. Lá, só se lembram de que fui condenado como traidor ao rei e ao país. Nunca percebeste que jamais me senti à vontade durante os anos que vivi em Joerundgaard? Em Skaun, habituei-me a ser considerado doutra forma. Mesmo nessa época, na minha juventude, quando falavam do meu procedimento mau e de que estava banido da Igreja, eu era, apesar de tudo, Erlend Nikulaussoen de Husaby! A seguir, tive a sorte de poder mostrar aos compatriotas setentrionais que o valor dos meus avós não tinha degenerado em mim. Não, repito. Aqui, neste bocado de terra que me pertence, sou livre. Ninguém examina os vestígios dos meus passos, não ralham nas minhas costas. Ouve-me, Cristina, meu único amor, fica junto de mim. Nunca te arrependerás. Está-se aqui melhor do que em Husaby. Não sei explicar-te a razão, mas jamais me senti tão leve de espírito, tão alegre; nem em criança nem depois. Husaby era um inferno enquanto vivi lá com Eline, e tu e eu nunca fomos inteiramente felizes nesse lugar. No entanto, Deus, que tudo vê e sabe, é testemunha de que te amei cada dia e cada hora desde que te encontrei. Creio que esse

domínio foi amaldiçoado: minha mãe viveu e morreu no meio de tormentos, em Husaby, e meu pai andava sempre triste. Aqui está-se bem, Cristina. Seria uma felicidade se quisesses ficar a meu lado; tão verdade como Deus haver morrido por nós na cruz, és-me tão querida hoje como na noite em que dormiste debaixo da minha capa, naquela noite depois da festa de Santa Margarida; eu estava sentado junto de ti e contemplava-te.. Oh, bela flor fresca e delicada, que mão alguma ainda maculara!

Cristina respondeu lentamente:

— Recordas-te, Erlend, de que nessa noite pediste a Deus que eu nunca derramasse uma lágrima por culpa tua?

— Recordo-me, e Deus e os santos do céu sabem que o meu pedido era sincero. É certo que as coisas decorreram doutra forma... Suponho que é o que acontece neste Mundo. Mas amei-te sempre, quer me portasse mal ou bem. Fica comigo, Cristina!

— Não reflectes — perguntou ela com meiguice — nos aborrecimentos e desgostos que teriam os teus filhos se eu fizesse o que dizes? E eles não podem escapar à má língua da terra fugindo todos sete para as montanhas.

Erlend baixou os olhos.

— São tão novos, tão decididos! Livrar-se-iam dos apuros. Mas nós, Cristina, não temos muitos anos à nossa frente para chegarmos a velhos. Queres desperdiçar o tempo em que és ainda bela e nova e podes gozar a vida?

Cristina desviou a vista perante o fulgor dos olhos de Erlend. Decorreram momentos e, então, disse:

— Esqueces, Erlend, que dois dos nossos filhos ainda são crianças? Achas que devo abandonar Lourenço e Munan?

— Trazes para aqui esses dois, a não ser que Lourenço prefira viver com os irmãos. Já não é um nené. Munan continua bonito? — ajuntou o pai com um sorriso.

— Continua. É uma linda criança.

Depois disto houve um longo silêncio, e, quando recomeçaram a falar, foi sobre outros assuntos.

No dia seguinte, como nos anteriores, Cristina acordou ao romper da aurora. Escutou num momento os passos dos cavalos

que andavam no pátio. Tinha Erlend apertado nos seus braços. Nas manhãs precedentes, quando despertava, sentia a mesma vergonha angustiosa da primeira manhã e lutava por afastá-la. Erlend e ela eram esposos em desacordo que se haviam reconciliado: que melhor podia acontecer aos filhos do que verem o pai e a mãe outra vez amigos?

Mas nessa manhã diligenciou pensar nos seus rapazes. Cristina era como uma mulher que o génio das montanhas houvesse aprisionado. Erlend arrebatara-a para ali depois do primeiro abraço no bosque de Gerdarud. Eram novos então; não podia ser realidade que ela tivesse dado a esse homem sete filhos, que fosse mãe de rapazes já crescidos, vigorosos. Parecia-lhe que dormira nos braços dele e vivera em sonho os longos anos da sua vida conjugal em Husaby. As palavras despreocupadas de Erlend influenciavam Cristina, encontravam eco no seu coração. Com uma espécie de vertigem, sentia que o marido lhe acabava de tirar o séptuplo fardo de responsabilidades que lhe pesavam. O mesmo deve ser para uma égua fogosa a quem acabam de desselar no cerrado: retiram-lhe a albarda, a sela e os antolhos, e sobre ela sopra a aragem dos vastos espaços; pode pastar a erva fina da montanha, correr à vontade pelas planícies...

Ao mesmo tempo, Cristina desejava, com nostálgica doçura, um novo fardo. Suspirava por aquele que nela estaria durante nove longos meses. E adquirira essa certeza logo na primeira manhã em que acordara ali, nos braços de Erlend. Juntamente com a dureza, com a secura e irritação angustiada do seu espírito, a esterilidade abandonara-a. No seu seio escondia o filho de Erlend, e com doce impaciência a alma ansiava pelo momento em que ele havia de nascer.

«Os rapazes não precisam de mim», pensava ela. «Só não gostarão que eu os empurre para o trabalho. O menino e eu seremos um estorvo para eles. Não, não partirei daqui... temos de ficar ao lado de Erlend. Não posso ir-me embora...»

Mas, quando Cristina e Erlend estavam ambos a almoçar, ela declarou à mesma que tinha de regressar a Joerundgaard por causa dos filhos.

Em Lourenço e Munan é que a mãe pensava. Já eram suficientemente crescidos para que Cristina se envergonhasse com a ideia de que estivessem ali com Erlend e ela, arregalados de espanto ao verem os pais assim rejuvenescidos. Por outro lado, os dois pequenos não podiam dispensar a mãe.

Erlend olhou-a fixamente quando a ouviu dizer que se ia embora, mas os lábios acabaram por esboçar um sorriso fugitivo.

— Pois bem, seja! Se queres partir, não posso impedir-te!

Quis acompanhá-la parte do trajecto, e cavalgou ao lado dela através do Rosten até Sil; só se resolveu a deixá-la no momento em que distinguiram a torre da igreja por cima dos pinheiros. Despediu-se, então. Até ao derradeiro instante, conservou um ar sorridente, malicioso e seguro de si.

— Sabes que, minha Cristina, se voltares, de dia ou de noite, quer eu espere muito ou pouco tempo, receber-te-ei como se a rainha dos céus descesse até à minha morada.

Ela riu-se.

— Não terei a tua eloquência, mas sabes bem, amigo, que haverá alegria no teu lar no dia em que o chefe da família retome o lugar que lhe compete.

Erlend abanou a cabeça e riu também. Sorrindo, disseram adeus um ao outro; sorrindo, o marido se inclinou para ela, quando pararam as montadas lado a lado, beijou-a várias vezes, e entre cada beijo contemplou-a com olhos risonhos.

— Veremos, no fim de contas, qual de nós é mais teimoso, minha linda Cristina. Não será a última vez que nos vemos, sabes tão bem como eu.

Quando Cristina passou diante da igreja, sentiu leve arrepio: tinha a impressão de que acabara de sair do seu cativeiro mágico da montanha, de que Erlend era o génio, e que ele não podia atravessar o caminho em frente da cruz que se erguia no adro.

Cristina puxou as rédeas, indecisa, com vontade de voltar para trás.

Mas o olhar foi-se-lhe ao longo das colinas verdejantes, em direcção à sua bela quinta do vale, pelos prados e campos fora, através dos meandros espelhentos do rio. As montanhas de redor

envolviam-se em bruma zul; no céu vogavam, como velas desfraldadas, nuvens estivais... Seria loucura. Era ali, em casa dos filhos, o domínio de Erlend e de Cristina. Ele não seria o cavaleiro dos elfos mas sim um cristão, apesar das suas fantasias e caprichos repentinos; o esposo por quem ela conhecera dias bons e maus, o seu bem-amado, embora a houvesse feito sofrer com as suas invenções imprevistas. Tinha de o encarar tal como era; se não podia viver sem ele, só lhe restava voltar à mesma existência do passado, ansiosa e incerta. Erlend não tardaria nada a vir viver com ela, agora que a tornara a encontrar...

V

CRISTINA explicou aos filhos que o pai tinha certos negócios a tratar em Haugen antes de voltar para a companhia deles. Provàvelmente só regressaria no fim do Outono.

Andava ela cá e lá na casa, rejuvenescida e de faces rosadas, o rosto mostrava-se meigo e suave, os movimentos pareciam mais vivos nas suas ocupações; contudo, realizava muito menos trabalho do que antes, quando as suas maneiras eram mais calmas e ponderadas. Não repreendia os filhos com tanta severidade como costumava fazê-lo quando eles cometiam alguma tolice ou qualquer coisa que lhe desagradava. Agora, dirigia-lhes um gracejo ou fingia nada ter visto.

Lourenço quis dormir no quarto dos irmãos.

— Pois sim. Já és um homem. — A mãe acariciou os bastos cabelos do rapazinho e puxou-o para si; chegava-lhe à altura do peito. — E tu, Munan, suportarás ainda uns tempos que eu te considere criança?

À noite, quando já estava deitado, Munan gostava imenso que a mãe se sentasse na borda da cama; descansava a cabeça nos joelhos dela e falava-lhe de maneira mais infantil do que durante o dia, quando os irmãos o podiam ouvir. Ambos conversavam a rspeito do regresso de Erlend.

Depois, o petiz aninhava-se junto à parede, a mãe entalava-lhe os lençóis e, a seguir, acendia uma vela e punha-se a passajar a roupa dos filhos.

Desafivelava o corpete e passava a mão pelos seios: eram, agora, cheios e firmes como os duma rapariga. Arregaçava as mangas até ao ombro e observava o braço nu: tornara-se mais

alvo, mais roliço. Levantava-se e dava alguns passos, sentia quanto o andar era mais elástico, acariciava as ancas que haviam deixado de ser pontudas e secas como as dum homem. O sangue circulava-lhe nas veias como a seiva que sobe nas árvores na Primavera.

Cristina e Frida ocupavam-se em regar com água morna a cevada para a cerveja do Natal. Frida esquecera-se de a molhar a tempo e os grãos tinham inchado quase em seco. A ama, porém, não ralhou com a criada; os seus lábios esboçaram um sorriso às desculpas da outra. Pela primeira vez, Cristina não se lembrara de cuidar do malte.

No Natal, Erlend estaria ali. Quando recebesse o recado que ela tencionava mandar-lhe não deixaria de vir logo. O marido não era tão doido que não compreendesse que na situação actual não havia possibilidades de a mulher se instalar em Haugen, longe de toda a gente. Mas embora tivesse a certeza do seu estado, queria esperar e só mandar essa mensagem quando sentisse a vida mexer dentro de si. No segundo Inverno que Cristina passara em Joerundgaard ocorrera um mau sucesso. Consolara-se depressa. Não havia medo de que acontecesse o mesmo desta vez. Era *impossível*. Mas, em todo o caso...

Tinha a impressão de que devia debruçar-se inteiramente para esse ente tão pequenino que trazia em si, fechar-se em volta dele para o proteger — como se dobram os dedos em redor duma chama que se acaba de acender.

Um dia, no fim do Outono, Ivar e Skule anunciaram-lhe a sua intenção de irem visitar o pai. O tempo estava bonito; gostariam de ficar em Haugen para acompanhar Erlend à caça, aproveitando a ausência de neve.

Naakkve e Bjoergulf estavam a jogar ao xadrez; interromperam-se para escutar.

— Não sei que dizer — murmurou Cristina.

Não tinha ainda pensado por quem mandaria o seu recado a Erlend. Por isso olhava com hesitação para os dois filhos, já quase adultos. Achou-se tola, mas não pôde decidir-se a confiar-lhes o segredo. E se lhes dissesse que levassem Lourenço consigo e pedisse

a este que falasse a sós com o pai? Era tão novo que de nada se admiraria. Contudo...

— O vosso pai conta voltar dentro de pouco tempo — disse ela. — Poderíeis adiar o seu regresso com a ida a Haugen. Além disso, tenciono mandar-lhe um recado...

Os gémeos resmungaram, mas Naakkve levantou os olhos de cima do tabuleiro de xadrez e ordenou em tom breve:

— Fazei como a mãe vos diz!

Perto do Natal, Cristina mandou Naakkve ao Norte.

— Dirás que tenho muitas saudades dele... e vós também.

Não mencionou o novo elemento que surgia — parecia-lhe provável que o filho mais velho, já homem, houvesse percebido a gravidez da mãe.

Falaria disso ao pai, se julgasse oportuno.

Naakkve regressou sem ter encontrado o pai. Este partira para Raumsdal. Certamente fora avisado de que a filha e o genro se iam instalar em Bjoergin e que Margret desejava falar com o pai em Veoey.

Era muito natural... Cristina passava noites de insónias; de vez em quando acariciava as faces de Munan, adormecido a seu lado. Desgostava-a a ideia de que Erlend não estivesse ali no Natal. Mas nada mais natural que ele quisesse ver a filha, repetia a mulher de si para si. Enxugava as lágrimas conforme lhe deslizavam pela cara. Chorava agora com facilidade, como quando era nova.

Pouco depois do Natal, morreu Sira Erik. Cristina fora visitá-lo duas vezes no Outono passado, quando ele estava de cama, e assistiu ao enterro. Fora disso, não se mostrava em parte nenhuma. Sentiu grande pena com a morte do velho pároco.

Na refeição que se seguiu ao enterro, soube que alguém vira Erlend em Lesja; dirigia-se para Haugen. Sem dúvida que não tardaria a regressar para junto dela.

Dias depois, estava Cristina sentada perto da janela. Bafejou o espelho que tirara da arca, limpou-o, poliu-o e, em seguida, examinou o rosto.

Desde alguns anos que o sol lhe tisnara a pele, mas, agora, todo o queimado desaparecera. Via a pele branca, as faces róseas

como uma imagem pintada. Nunca fora tão linda. Maravilhada, radiante de alegria, Cristina quase se sentia sufocar.

Teriam, enfim, aquela filha que Erlend tanto desejara, se os prognósticos das parteiras se realizassem. Chamar-se-ia Magnhild. Desta vez devia quebrar o uso estabelecido e pôr, em primeiro lugar, o nome da mãe de Erlend.

No espírito de Cristina apresentou-se de repente uma aventura que ouvira contar noutros tempos: a história de sete filhos, expulsos e exilados na landa selvagem por causa duma irmãzinha que ainda não nascera. Cristina riu-se de si própria. Como lhe viera essa história à cabeça?

Tirou da mesa de costura a camisa de fino linho branco em que trabalhava quando se encontrava sòzinha. Embainhou-a e bordou pássaros e outros animais sobre o fundo de pontos abertos. Havia muitos anos que não cosia pano tão fino. Ah! Se Erlend quisesse vir já, enquanto o seu estado a tornava bela, juvenil, rosada e desabrochavam as suas formas!

Depois do dia de S. Gregório o tempo mostrou-se quase primaveril. A neve fundia e tomava um brilho de prata; havia já manchas escuras na vertente exposta ao Sul e as montanhas envolviam-se em bruma azulada.

Certa manhã, Gaute estava no pátio a consertar um trenó; Naakkve, encostado ao telheiro, observava o trabalho do irmão. Cristina saiu da cozinha sobraçando uma selha cheia de pão que acabara de tirar do forno.

Gaute levantou a cabeça e viu-a. Largou logo o machado e o trenó e correu a desembaraçá-la da selha, que levou para a despensa.

Cristina ficou imóvel, corada. Quando Gaute voltou, ela aproximou-se dos filhos.

— Creio que vai ser preciso irdes um destes dias a Haugen. Direis a vosso pai que é urgente, agora, que ele regresse e tome o governo de Joerundgaard. Já poucas forças tenho... e será justamente na ocasião dos trabalhos da Primavera que estarei imobilizada.

Os rapazes escutavam-na; haviam-se também ruborizado, mas a mãe viu que estavam profundamente felizes. Naakkve respondeu num tom que se esforçava por tornar indiferente:

— Podíamos ir hoje, à hora de noa... Que dizes, Gaute?

No dia seguinte, Cristina ouviu que entravam cavaleiros no pátio. Eram Gaute e Naakkve, e vinham sós. Quando ela lá chegou, tinham-se eles apeado e conservavam-se lado a lado, silenciosos e de olhos baixos; não disseram nada.

— Que respondeu vosso pai? — perguntou Cristina.

Gaute, apoiado na espada, continuou a desviar a vista. Naakkve, então, tomou a palavra:

— O pai pediu-nos que vos dissesse ter esperado por vós todos os dias deste Inverno. E disse também que não seríeis menos bem recebida do que da última vez que lá fostes.

O rosto de Cristina mudou de cor.

— Não lhe dissestes que... que não tardarei a ter outro filho?

Gaute respondeu sem levantar a cabeça.

— O pai não pareceu ser de opinião de que isso fosse motivo que vos impedisse de ir a Haugen.

Cristina permaneceu calada uns momentos e volveu, então, em voz baixa mas incisiva:

— Que disse ele, ao certo?

Naakkve quis responder, mas Gaute ergueu um pouco a mão e lançou um olhar suplicante ao irmão. Este não fez caso e declarou:

— O pai encarregou-nos de vos dizer o seguinte: Não ignoráveis no momento em que essa criança foi procriada qual o estado dos seus haveres. E se ele não se tornou mais rico depois, também não ficou mais pobre.

Cristina voltou as costas aos filhos e subiu lentamente para o quarto. Lassa e pesada, sentou-se no banco junto à janela que o sol limpara da geada.

Era verdade; fora ela quem mendigara a permissão de se deitar nos braços dele. Mas Erlend não devia lembrar esse facto, nem mandar tal resposta pelos filhos.

Mantinha-se o tempo de Primavera. Houve vento sul e chuva durante oito dias; o rio aumentou e o seu rumor tornou-se mais sonoro. Sussurraram regatos pelas encostas; sobrevieram aludes; depois, o sol voltou.

Por trás das casas, na noite azulada, Cristina ouvia os pássaros que ainda cantavam nas moitas. Gaute e os gémeos tinham ido para a cabana da montanha: tencionavam caçar tetrazes. De manhã, o canto das aves subia de todos os lados.

Cristina premiu as mãos de encontro ao peito: a sua expectativa não se prolongaria muito; devia ter paciência até ao fim. Ela também fora injusta algumas vezes e pouco acomodatícia. Exageradamente apreensiva pelos filhos — despropositada, como dizia Erlend. Contudo, desta vez, ele mostrava-se cruel em excesso. Aproximava-se o dia em que seria forçado a vir: o marido devia saber...

Sucediam-se os aguaceiros e o sol. Certa tarde, os filhos chamaram pela mãe; estavam todos sete no pátio e os criados também. Por cima do vale desdobravam-se três arcos-íris; o mais baixo apoiava-se sobre as casas de Formo, completo e de cores deslumbrantes; os outros dois eram mais desvanecidos e os cimos abaulados diluíam-se no céu.

Estavam ainda a contemplar esse belo e estranho sinal quando a atmosfera escureceu. Do Sul acorreu uma pancada de água tão compacta que dum instante para o outro tudo ficou branco.

À noite, Cristina, sentada num banco, contava a Munan a história do rei Suio e de sua linda filha, chamada Mjoll, e a do rei Harold Luva, que fora arrebatado para o interior dos Dofrines pelo gigante das montanhas. Cismava ela, com certa pena, que havia mais dum ano que não estava assim sentada no meio dos filhos, a contar histórias. Coitado do Lourenço, e do Munan! Pouco os animara! E não tardaria muito para eles serem adultos. Quando os outros eram pequenos e que ainda moravam em Husaby, a mãe contava-lhes, muitas vezes, histórias, à noite; sim, muitas, muitas vezes!

Notou que os rapazes mais velhos a escutavam, o que a fez

corar e perder o fio à narração. Munan pediu-lhe que continuasse. Então Naakkve levantou-se e veio sentar-se mais perto.

— Lembrais-vos, mãe, da de Forstein Uksafot e dos elfos da floresta de Hoejland? Contai-nos essa lenda!

Enquanto acedia ao desejo de Naakkve, vinham-lhe recordações ao espírito. O pai e o grupo de ceifeiros descansavam, estirados na erva, e comiam. Lourenço Bjoergulfsoen estava deitado de barriga para baixo; ela, Cristina, criança ainda, escarranchara-se nas costas dele e batia-lhe com os calcanhares nos quadris; havia muito calor e obtivera licença para andar descalça como as ceifeiras. O pai passara em revista toda a linhagem dos elfos de Hoejland: Jernskjold tivera por mulher Skjoldvor, as filhas eram Skolddis e Skjoldgerd que matou Forstein Uksofot. Skjodgerd casara com Skjoldketil, os filhos eram Skoldbijoern e Skjeldkedin e Valskjold, que desposou Skjoldskjessa; geraram Skjedkedin e Skjoldorm. Skjolddulf seduziu Skjoldkata e fez-lhe dois filhos, Skjold e Skjoldketil. Não, não, esse último nome já ele pronunciara, gritara Kobbjern, rindo-se, porque Lourenço se havia gabado de saber de cor duas dúzias de nomes de elfos, e nem conseguira dizer a primeira dúzia. Lourenço rira-se também.

«Mas sabei que os elfos fazem tal qual como nós: repetem os nomes dos antepassados.» Os ceifeiros teimavam: «não, não»; condenaram-no a pagar como multa um copo de hidromel a cada um. «Pois seja», repetira o patrão. «Tê-lo-eis à noitinha, quando acabardes o trabalho.» Mas os homens queriam já, e, por fim, mandaram Tordis buscar o hidromel.

Os ceifeiros tinham-se levantado e formavam círculo. A cornucópia andou de mão em mão. Depois, todos pegaram nas foices e ancinhos e a sega do feno continuou. Haviam encarregado Cristina de levar para casa a cornucópia vazia. Levava-a agarrada com as duas mãos enquanto corria descalça sobre a erva verde da vereda. Detinha-se de bocado a bocado, quando algumas gotas de hidromel se juntavam no fundo do recipiente. Então, erguia-o sobre a carinha e lambia a borda dourada da cornucópia e os próprios dedos.

Cristina Lavransdatter permanecia imóvel, com o olhar

ausente. «Pai!» Lembrava-se de certas expressões do seu rosto, de certa palidez semelhante à brancura duma encosta arborizada quando uma rajada de vento revira as folhas das bétulas, dum clarão nos seus olhos cinzentos como despede uma lâmina ao ser desembainhada. Mas o carácter alegre e expansivo de Lourenço, que na sua juventude se exprimia por gracejos, conforme os anos passavam, por sossegada mansidão, um pouco melancólica, ia sobrepondo-se a tudo. No fundo da alma, ele tinha, no entanto, outra coisa além de meiga brandura. Cristina, com o andar dos tempos, percebera que a extraordinária doçura do pai não significava que não visse com grande acuidade os erros e vilanias dos homens; essa doçura provinha do facto de Lourenço sondar sempre o seu coração perante Deus e quebrantá-lo na contrição e no arrependimento das suas faltas.

«Não, meu pai, não me impacientarei. Também eu tenho sido culpada para com Erlend.»

Na véspera da Invocação da Santa Cruz, esteve ela à mesa com todos da casa, com seu ar habitual, mas, logo que os filhos subiram para o quarto a fim de se irem deitar, a mãe chamou em voz baixa por Ulf Haldorsøen. Pediu-lhe que fosse dizer a Isrid que a ama a esperava na velha casa de tecelagem.

Ulf respondeu:

— Deves mandar chamar Ranveig de Ulvsvoldene e Haldis, a irmã do padre. O mais conveniente seria pedir a Astrid e a Ingebjørg de Lopsgaard que viessem para governar a casa.

— Já não dá tempo — retorquiu Cristina. — Senti as primeiras dores de manhã. Faze como te digo, Ulf. Não quero ninguém a meu lado além das minhas criadas e de Isrid.

— Cristina — volveu Ulf com gravidade —, não compreendes que pode dar que falar se te escondes nesta noite?

Cristina deixou cair pesadamente os braços sôbre a mesa. Fechou os olhos.

— Digam de mim o que quiserem. Não tenho forças de suportar, esta noite, estranhos à minha volta.

No dia seguinte, estavam os filhos mais velhos sentados de redor da mesa, calados e de olhos baixos, enquanto Munan palrava

sem cessar do irmãozinho que vira nos braços da mãe, na casa de tecelagem. Bjoergulf acabou por lhe dizer que já estavam fartos de o ouvir falar daquilo.

Deitada com o pequenito, Cristina não fazia senão escutar. Tinha a impressão que mesmo a dormir escutava e esperava.

Levantou-se ao oitavo dia, mas as criadas viam que ela não estava bem. Cristina tinha frio e calor alternadamente. Num dia, o leite corria-lhe com tanta abundância dos seios que o corpete ficava encharcado; no dia seguinte não tinha o suficiente para saciar o nené. Contudo, ela recusava tornar a recolher ao leito. Não largava um só instante o filho, nunca o depunha no berço; à noite, deitava-o a seu lado, de dia, andava cá e lá com ele ao colo; sentava-se com o seu menino junto à lareira ou na borda da cama, escutando e esperando; olhava fixamente para o filho e, no entanto, parecia não o ver nem o ouvir chorar. De repente, era como se acordasse; começava a passear pelo quarto, com a criança nos braços. Com a face encostada à do menino, cantava baixinho e embalava-o; sentava-se outra vez, dava-lhe o peito, e, como antes, ficava de olhos fixos, como que petrificada.

Seis semanas depois de o filho nascer, e quando a mãe ainda não tinha saído da casa de tecelagem, Ulf Haldorsoen e Skule vieram falar com ela. Apresentavam-se vestidos com fato de viagem.

— Vamos a Haugen, Cristina — disse Ulf. — Temos de pôr fim a esta situação.

Cristina continuou sentada, rígida e muda, com o filho ao seio. De começo, pareceu não compreender. Depois, bruscamente, levantou-se, com o rosto escarlate.

— Faze como entenderes. Se tens muitas saudades do patrão, não te retenho. Nesse caso, mais vale que eu te pague os salários; assim, não precisas de voltar para te ocupares de nós.

Ulf soltou uma praga. Em seguida, olhou para a mulher postada em sua frente com o filho apertado ao peito. Cerrou os lábios e calou-se.

Skule, entretanto, avançou um passo:

— Mãe, vou visitar meu pai. Se esquecestes que Ulf foi como

um pai para todos os vossos filhos, deveis, apesar de tudo, lembrar-vos de que não tendes o direito de me governar e de me dar ordens como se eu fosse um lacaio ou uma criança de cueiros.

— Sim? — E a mãe deu-lhe uma bofetada que o fez cambalear. — Creio que tenho o direito de te governar, a ti e a todos, enquanto vos der de comer e de vestir. Vai-te! — gritou ela batendo com o pé no chão.

Skule ficou fora de si, cheio de cólera, mas Ulf disse-lhe em voz baixa:

— É preferível vê-la assim desrazoável e furiosa do que para ali sentada de olhos alucinados, como se o desgosto lhe houvesse tirado o juízo.

A criada Gunhild correu atrás deles: voltassem à casa de tecelagem porque a ama lhes queria falar. Em tom breve e autoritário, Cristina ordenou a Ulf que montasse a cavalo e fosse a Breindin falar a um homem que lhe alugara duas vacas; levaria consigo os gémeos; não era necessário regressarem antes do dia seguinte. Depois mandou Naakkve e Gaute à cabana da montanha, com a missão de observarem se tudo estava em bom estado no parque dos cavalos de Illmanndal; de caminho, passariam pela casa do alcatroeiro Bjoern, filho de Isrid, e pedir-lhe-iam que viesse falar com ela nessa mesma tarde. Inútil protestar que o dia seguinte era domingo.

No outro dia, quando os sinos tocaram, a dona de Joerundgaard saiu de casa acompanhada de Bjoern e de Isrid, que levava a criança. Cristina fornecera-lhes fatos decentes; ela, porém, para a sua visita de purificação, ia tão enfeitada de jóias de ouro que toda a gente podia ver que era a senhora e, os outros dois, seus subordinados.

Arrogante, com ar de desafio, Cristina afrontou o espanto misturado de indignação dos paroquianos quando atravessou o adro. Sim, outrora fora à igreja de outra forma, acompanhada de mulheres de alta condição social. Sira Solmund fitou-a sem amenidade quando a viu defronte do pórtico da igreja com um círio na mão, mas recebeu-a com o costumado cerimonial.

Isrid estava já um tanto senil e Bjoern era homem esquisito e taciturno que nunca se ocupava da vida dos outros. Estes dois eram os padrinhos.

Isrid disse o nome da criança ao padre. Sira Solmund teve um sobressalto, hesitou alguns segundos e, depois, proclamou numa voz que se espalhou até à nave central:

— Erlend — em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Durante um momento os fiéis ficaram estupefactos. Cristina sentiu uma alegria selvática e vingadora.

O filho parecera forte quando nascera. Mas, logo na primeira semana, Cristina notou que se não desenvolvia bem. Tivera a impressão, no instante do parto, que o coração se esboroava dentro dela como uma brasa consumida. E, quando Isrid lhe apresentara o recém-nascido, afigurara-se-lhe débil a chama da vida dessa criança. Mas afastara de si tal ideia; sentira já tantas vezes quebrantar-se-lhe o coração!

Contudo, as suas apreensões cresceram de dia para dia. O pequeno chorava contìnuamente e não tinha apetite: às vezes, a mãe devia esperar longos momentos antes que conseguisse fazê-lo chupar o peito. E quando, por fim, o levava a mamar, ele adormecia quase a seguir. Não engordava.

Com indizível angústia, Cristina julgou notar que o pequenino Erlend definhava a olhos vistos desde o dia em que fora baptizado com o nome do pai.

Nenhum, nenhum dos filhos havia sido tão amado por ela como este desventuradinho. Nenhum fora concebido num transporte de felicidade tão doida; a nenhum tinha a mãe trazido no ventre com expectativa tão cheia de alegria. Cristina lançava um olhar retrospectivo para os nove meses decorridos: no fim, lutara por conservar a esperança e a fé, como se luta pela vida. Não teria forças de suportar a perda desse filho. Também não tinha forças de o salvar.

«Deus Todo-Poderoso, Maria, rainha de misericórdia, Santo Olavo...»

Ela própria sentia a inutilidade de se prostrar e de rezar pela vida do seu menino.

«Perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores.»

Ia à missa todos os dias santificados, como sempre fizera. Beijava a umbreira da porta, aspergia-se com água benta, inclinava-se profundamente diante do velho crucifixo colocado acima do transepto. O Salvador abaixava para ela o seu olhar, triste e suave, de agonia. Cristo morria para salvar os seus carrascos. Santo Olavo, postado em frente do Senhor, intercedia sem interrupção pelo povo que o banira e matara.

«Como perdoamos aos nossos devedores...»

«Santa Maria, o meu filho morre.»

«Não sabes, Cristina, que eu teria preferido levar a cruz e sofrer o seu suplício do que ficar aos pés da cruz do meu Filho e vê-lo expirar? Mas como eu sabia que era necessário, para a salvação da humanidade pecadora, o meu coração submeteu-se quando o meu Filho pediu: pai, perdoai-lhes, que não sabem o que fazem.»

«Como nós perdoamos aos nossos devedores.»

«Não será uma oração, o que tua alma grita, antes que digas o *Pater Noster* com sinceridade.»

«Perdoai as nossas dívidas...»

«Lembras-te de quantas vezes foram remidos os teus pecados? Contempla os teus filhos. Olha para aquele que está no primeiro lugar como chefe desse lindo grupo de moços. Durante vinte anos viste Deus aumentar em beleza, em saber, em virilidade o fruto do teu pecado...»

«Vês a Sua misericórdia, mas onde está a tua misericórdia para com o último filho deixado em casa?»

«Lembras-te de teu pai, lembras-te de Simão Darre?»

No fundo do coração Cristina sentia que não perdoara a Erlend. Não podia, porque não queria. As mãos apertavam-se de redor do vaso que continha o seu amor e ela não consentia ainda em largá-lo, se bem que esse vaso nada mais contivesse do que a última gota de amargas fezes. Porque, no momento em que pudesse perdoar a

Erlend e não pensar nele com essa acrimónia, acabaria tudo o que houvera entre ambos.

Assim assistia à missa, com a certeza de que não extraía disso nenhum bem moral. Tentava rezar: «Santo Olavo, ajudai-me, modificai milagrosamente o meu espírito, para que eu possa orar sem mentir, pensar em Erlend com alma serena e piedosa!» Contudo, ela própria sabia que não desejava o deferimento do seu pedido. Por isso, sentia que a sua oração era inútil quando suplicava a Deus que lhe conservasse a vida do filho. Um penhor prestado por Deus — eis o que era o pequenino Erlend — só com uma condição lhe seria dado conservá-lo, e essa condição ela não aceitava. E era inútil mentir a Santo Olavo.

Dia após dia se debruçou para o filho doente. As lágrimas não lhe cessavam de correr: chorava de mansinho e sem que o rosto, pálido e rígido, mostrasse qualquer expressão. Dir-se-ia de pedra; só os olhos iam ficando vermelhos a pouco e pouco. Se alguém entrava, ela enxugava depressa as lágrimas, inteiriçava-se e permanecia silenciosa.

No entanto, pouca coisa era preciso para fundir aquele gelo. Um dos filhos mais velhos entrava, relanceava o olhar pelo irmãozinho e dizia duas ou três palavras ternas e compassivas: a mãe quase nem podia impedir os soluços. Se pudesse falar aos filhos da sua ansiedade pelo pequenino, o coração desfazer-se-ia em pranto. Mas os rapazes haviam-se tornado tímidos com a mãe. Desde o dia em que tinham sabido qual o nome que ela dera ao irmão mais novo, pareciam ter-se aproximado mais uns dos outros e, de alguma forma, afastado dela. Mas, num dia em que estava a olhar para o pequeno Erlend, disse Naakkve:

— Mãe, dai-me licença que vá participar ao pai o estado desta criança.

— Agora já de nada serviria — respondeu Cristina com desespero.

Munan era o único que não se afligia. Trazia os seus brinquedos ao irmãozinho, ficava encantado quando a mãe lhe permitia pegar nele e julgava firmemente que fizera sorrir o nené. Falava do regresso do pai e perguntava se este gostaria do último filho.

Cristina, sentada, imóvel e pálida, sentia o coração dilacerar-se àquela tagarelice infantil.

A criança tornara-se magra e enrugada como um velho; os olhos brilhavam, anormalmente grandes e límpidos. Não obstante, começara a sorrir à mãe, que gemia ao ver esse sorriso. Acariciava-lhe os braços franzinos, agarrava-lhe nos pés: decerto nunca esse ente pequenino procuraria, maravilhado, apanhar estas coisas minúsculas e rosadas que se agitariam no ar por cima dele e nas quais não reconheceria as próprias pernas. Jamais esses pèzitos pousariam no chão.

Assim atormentada, vendo decorrer todos os dias úteis da semana, ocupada apenas na contemplação do filho moribundo, Cristina pensou, ao vestir-se para ir à igreja, que se tornara suficientemente submissa. Perdoar a Erlend? Rompera com ele, era-lhe indiferente; se ao menos lhe fosse dado conservar o seu maior tesouro, o mais precioso, perdoaria de boa vontade a esse homem.

Mas quando, aos pés da cruz, murmurou o *Pater* e chegou às palavras: «*sicut et nos dimittibus debitoris nostris*», sentiu o coração apertar-se, tão duro como um punho fechado. Não!

Desesperada, com a alma doente, chorou por não ter a energia de querer perdoar.

Erlend Erlendsoen morreu na véspera do dia de Santa Maria Madalena, com a idade de três meses.

VI

NESSE Outono, o bispo Halvard fez uma visita pastoral ao norte do vale. Chegou a Sil na véspera do dia de S. Mateus. Havia perto de vinte anos que ali não vinha, de sorte que muitas crianças esperavam pela sua confirmação. Munan Erlendsoen pertencia a esse número. Tinha oito anos.

Cristina pediu a Ulf Haldorsoen que levasse o filho ao bispo: já não possuía um amigo na terra natal a quem pudesse pedir esse serviço. Ulf pareceu contente quando ela lhe falou nisso. Ao toque do sino, Cristina, o administrador e o pequeno puseram-se a caminho. Os outros filhos tinham ido à primeira missa depois das matinas — todos excepto Lourenço, que estava de cama com febre. Os rapazes não quiseram assistir à missa solene porque haveria grande multidão na igreja.

Ao passar diante da casa do intendente, Cristina reparou em numerosos cavalos amarrados à paliçada. A meio caminho, Jartrud adiantou-se a cavalo, acompanhada de muitas pessoas. Ulf fingiu que não viu a mulher e os parentes desta.

Cristina sabia que o administrador não pusera os pés em casa desde os primeiros dias do ano. Nessa altura houvera, certamente, entre ele e a mulher discussões piores do que as anteriores, e Ulf transportara o seu baú e armas para o quarto do último andar, onde, daí para cá, dormira com os filhos de Cristina. Uma vez, no começo da Primavera, Cristina emitira a opinião de que ele procedia mal não se reconciliando com a esposa. Ulf fitara-a, rindo, o que fechara a boca à mulher de Erlend.

O tempo estava lindo. Para além do vale, a atmosfera mostrava-se azul entre os cimos das montanhas. Rareava a folhagem

amarela das bétulas que guarneciam as encostas; o trigo fora quase todo ceifado e, nos prados, a erva luzia verde e molhada de orvalho; aqui e ali ondulava um campo de centeio.

Havia grande afluência de gente defronte do templo; soavam relinchos de cavalos, porque a estrebaria pertencente à igreja estava cheia e muitos homens tiveram de deixar na rua os animais.

À passagem de Cristina e dos companheiros emanou daquela multidão um burburinho surdo e hostil. Certo rapazola bateu nas coxas soltando uma risada escarninha, mas alguns velhos mandaram-no calar. Lentamente e de cabeça erguida, Cristina atravessou o adro e entrou no cemitério. Deteve-se um instante diante da sepultura do filho e, em seguida, em frente da de Simão Andressoen. Nesta pedra sepulcral estava gravada a imagem dum homem com elmo aberto e armadura, de mãos apoiadas num escudo triangular ornado com seu brasão. Na beira da pedra lia-se o seguinte: «*In pace, Simon Armiger. Proles Dom, Andreae Filii Gundmundi Militis Pater Noster*».

Ulf esperava-a diante do pórtico sul.

Nesse momento entrou Jartrud no cemitério, acompanhada por quatro homens: os dois irmãos dela e dois camponeses velhos. Um destes, Kolbein Jonsoen, fora escudeiro de Lourenço Bjoergulfsoen durante vários anos. Dirigiam-se todos para a porta da sacristia.

Ulf Haldorsoen correu ao encontro deles. Cristina ouviu-os falar com excitação. Ulf queria impedir a mulher e a respectiva comitiva de prosseguirem o seu caminho. Começaram pessoas a agrupar-se em redor e Cristina aproximou-se também. Ulf pulou, de súbito, para o envasamento do pórtico e apoderou-se da primeira acha que apanhou à mão. Quando um dos irmãos de Jartrud o quis arrancar desse lugar, Ulf saltou para a frente e brandiu a arma, atingindo o ombro do cunhado. Acorreram homens e tentaram dominá-lo. Ele debateu-se, e Cristina viu que o rosto de Ulf estava purpúreo e convulsionado.

Nesse instante apareceram à porta Sira Solmund e um padre do séquito do bispo. Os eclesiásticos trocaram algumas palavras com os camponeses. Pouco depois, os três criados, que traziam o

broquel episcopal, levaram Ulf para fora do cemitério, enquanto a mulher e os companheiros entravam na igreja atrás dos padres.

Cristina aproximou-se do grupo de camponeses.

— Que há? — perguntou com aspereza. — Por que razão vos apoderastes de Ulf?

— Bem viste que deu uma machadada num homem, no cemitério — respondeu um deles.

Todos se afastaram, de maneira que ela ficou sòzinha com o filho diante da porta da igreja.

Cristina calculou que a mulher tencionava apresentar queixa do marido ao bispo. Como se enfurecera e perturbara a paz da igreja, metera-se em maus lençóis. Ao ver um estranho que vinha à porta e olhava para fora, Cristina chegou-se a ele, declinou o seu nome e pediu que a levasse à presença do prelado.

Na igreja, todos os tesouros estavam expostos, mas os círios dos altares não tinham sido ainda acesos. Pelas janelinhas redondas do cimo penetravam raios de Sol que escorriam pelas colunas escuras. Na nave central, parte dos paroquianos havia-se já instalado no banco encostado à parede. No coro, via-se um grupinho composto de Jartrud Herbrandsdatter e de seus dois irmãos — Geirulo com o braço ao peito — Kolbein Jonsoen, Sigurd Geitung e Tore Borghildsoen, todos em frente do assento episcopal. Atrás do cadeirão esculpido estavam enfileirados dois moços padres de Hamar, Sira Solmund e alguns homens.

Todos fitaram a Senhora de Joerundgaard quando esta avançou e se inclinou profundamente diante do bispo.

Monsenhor Halvard era alto e robusto, de aspecto extraordinàriamente imponente. Por baixo do solidéu de seda vermelha, brilhavam como neve os seus cabelos brancos, e o rosto cheio, comprido e oval, era muito corado; possuía nariz grande e aquilino, queixo proeminente; a boca, estreita como uma fenda, era quase desprovida de lábios; a barba curta e branca contrastava com as sobrancelhas espessas e escuras que lhe sombreavam os olhos dum negro brilhante.

— Deus seja contigo, Cristina Lavransdatter — começou ele, fixando na mulher um olhar perscrutador. Uma das mãos do velho

apertava a cruz de ouro que se lhe via no peito: a outra descansava nas pregas da túnica purpúrea, segurando uma tabuinha encerada. — Que te traz aqui? — continuou. — Não seria melhor esperares pela tarde e ires procurar-me a Romundgaard para me dizeres o que desejas?

— Jartrud Herbrandsdatter procurou-vos aqui, Monsenhor — respondeu Cristina. — Ulf Haldorsoen está ao serviço de meu marido há trinta e cinco anos. Sempre foi para nós amigo e fiel aliado; pensei que talvez pudesse auxiliá-lo, por meu turno.

Jartrud riu com ar de chacota. O resto da assistência contemplava Cristina; as pessoas da terra com indignação, a comitiva do bispo com ar de curiosidade. O prelado relanceou pelos presentes um olhar inquisidor e voltou-se de novo para Cristina.

— Aventuras-te a propor-te como testemunha de defesa de Ulf Haldorsoen? Deves saber — ajuntou erguendo a mão quando Cristina tentou responder — que ninguém tem o direito de exigir o teu depoimento neste caso, excepto teu marido, a não ser que a consciência te leve a isso. Reflecte primeiro...

— Julguei, Monsenhor, que poderia oferecer uma caução por Ulf, visto ele se haver deixado arrebatar pela ira e pegado em armas na igreja. E meu marido—prosseguiu ela com esforço—fará certamente tudo o que estiver ao seu alcance para ajudar o seu amigo e parente.

O bispo voltou-se com alguma impaciência para o grupo que o rodeava e que parecia dominado por violenta agitação:

— Essa mulher aí do fundo não tem necessidade de estar aqui. Os seus companheiros podem esperar na nave central. Ide-vos todos embora enquanto eu falo com a Senhora de Joerundgaard e mandai sair os fiéis um momento e Jartrud Herbransdatter com eles.

Um dos padres jovens, que estava ocupado em preparar as vestimentas episcopais, depôs delicadamente a mitra com a cruz de ouro sobre a capa pregueada, e, a seguir, desceu para falar ao povo reunido na nave. O grupo seguiu-o. Os paroquianos saíram da igreja e o bedel fechou as portas.

— Mencionaste teu marido — disse o bispo fitando Cristina.

— É verdade que procuraste reconciliar-te com ele no Verão passado?

— É verdade, Monsenhor.

— Mas não vos reconciliastes?

— Perdoai-me a observação: não vim queixar-me de meu marido. Vim para vos falar do assunto que diz respeito a Ulf Haldorsoen.

— Teu marido sabia que esperavas um filho? — prosseguiu Monsenhor Halvard. Parecia descontente com a objecção de Cristina.

— Sabia, Monsenhor.

— E como recebeu Erlend Nikulaussoen a notícia?

Cristina, que enrolava e tornava a enrolar uma tira da touca entre os dedos, baixou os olhos.

— Não quis a reconciliação, quando soube?

— Desculpai-me, Monsenhor — respondeu ela fortemente corada. — Pouco importa que Erlend, meu esposo e senhor, tenha agido duma maneira ou doutra comigo; sei que virá cá se assim puder servir a causa de Ulf.

— Queres dizer que, por amizade com esse tal Ulf... Falemos francamente, já que o caso foi divulgado... Por amizade com esse homem, Erlend reconhecerá como filho a criança que deste à luz na Primavera?

Cristina ergueu de repente a cabeça e olhou para o bispo, estupefacta, com os lábios entreabertos. A pouco e pouco pareceu compreender as palavras pronunciadas por ele. Monsenhor Halvard perscrutava-lhe gravemente a fisionomia.

— É sabido, mulher, que ninguém, além de teu esposo, te pode processar por causa disso. Mas deves comprender que tu e ele cometeis grave pecado se Erlend aceitar a paternidade do filho de outro para encobrir Ulf. Ficareis todos em melhor posição, se pecastes, quando confessardes o pecado e fordes absolvidos.

Palidez e rubor sucediam-se no rosto de Cristina.

— Pretende alguém que não seja meu marido... que não seja filho dele?

O bispo levantou-se lentamente:

— Queres fazer-me acreditar, Cristina, que ignoras o que corre por aí a teu respeito e do vosso intendente?

— Sim, ignoro. — Endireitou-se e lançou a cabeça para trás, com as faces tão brancas como a sua touca de mulher casada. — Peço-vos, meu reverendo pai e Senhor, se alguém espalhou infâmias acerca da minha pessoa, que o obrigueis a repeti-las na minha presença.

— Não pronunciaram nomes — respondeu o bispo. — Mas Jartrud Herbrandsdatter pediu autorização para se separar do marido e voltar para a sua família; acusa-o de a ter deixado por outra mulher, uma mulher casada, e de ter gerado um filho nela.

Houve um silêncio. Depois Cristina insistiu:

— Monsenhor, por piedade, ordenai a esses homens que repitam diante de mim se essa mulher sou *eu*.

O prelado fitou com olhar grave e penetrante a fisionomia de Cristina. Em seguida, fez um sinal, e a comitiva de Jartrud subiu da nave e rodeou a cadeira episcopal. Monsenhor Halvard tomou a palavra:

— Camponeses de Sil, dirigistes-vos hoje a mim, em hora indevida, para me apresentardes queixa, queixa que devíeis antes apresentar ao meu mandatário. Condescendi em vos escutar, sabendo que não podíeis de forma nenhuma estar ao facto das leis e regulamentos. Mas eis que esta mulher, Cristina Lavransdatter de Joerundgaard, me fez um pedido estranho: deseja ela que eu vos pergunte se ousais dizer na sua presença quais as notícias que se propalaram pela região e pretendem que Erlend Nikulaussoen não era o pai da criança que ela deu à luz na Primavera passada.

Sira Solmund respondeu:

— Diz-se isto em cada herdade, em cada cabana: a criança foi gerada no adultério e no incesto pela patroa e seu intendente. Não é de crer que essa mulher ignore o que se dizia a seu respeito.

O bispo ia expor qualquer coisa, mas Cristina articulou em voz alta e firme:

— Que Deus Todo-Poderoso, a Virgem Maria, Santo Olavo e

São Tomás Arcebispo me ouçam: nunca soube que essa mentira fora espalhada.

— Não é fácil acreditar-te — retorquiu o padre. — Nesse caso, por que motivo quiseste dissimular com tanto cuidado que estavas grávida? Fugias de toda a gente e quase nem puseste os pés na rua durante todo o Inverno.

— Há muito tempo que não tenho amigos nesta terra. Nestes últimos anos pouco convivi com as pessoas de cá. Mas até hoje não sabia que todos se haviam tornado meus inimigos. Contudo, eu ia à missa todos os domingos.

— Ias, sim, e envolvias-te em amplas capas e vestias-te de forma a que ninguém percebesse que a barriga te crescera.

— Não fazia mais do que fazem as outras mulheres: gostamos de parecer bem — respondeu Cristina em tom breve.

O padre prosseguiu:

— Se a criança fosse de teu marido, como dizes, tê-la-ias tratado tão mal, como trataste, a ponto de lhe causar a morte por falta de cuidados?

Um dos eclesiásticos de Hamar deu um passo em frente e avançou o braço para amparar Cristina. Um instante depois ela dominara-se e, pálida, endireitou-se, depois de lhe agradecer com uma inclinação de cabeça.

Sira Solmund voltou com furor à carga:

— Disseram as criadas de Joerundgaard, e minha irmã viu também quando lá foi: «A senhora tinha tanto leite que lhe corria do seio e lhe encharcava os vestidos». Mas todas as mulheres que viram o cadáver podem certificar que o pequeno morreu de fome.

O bispo fez um gesto com a mão.

— Basta, Sira Solmund. Tratemos do assunto que nos ocupa: indaguemos em primeiro lugar se Jartrud Herbrandsdatter se indispôs com o marido por ter ouvido boatos que a senhora de Joerundgaard declara falsos; em seguida, se Cristina pode refutar esses boatos. Ninguém pretende, julgo eu, que ela haja assassinado o filho.

Cristina, lívida, conservou-se calada.

O prelado dirigiu-se, então, ao pároco de Sil.

— Quanto a ti, Sira Solmund, o teu dever era falar a esta mulher e fazer-lhe saber o que se dizia. Não o fizeste?

O padre corou.

— Orei do fundo da alma por essa mulher, esperando que ela vencesse a sua obstinação e chegasse ao arrependimento. Seu pai não me tinha amizade—continuou Sira Solmund, exaltando-se.— Contudo, sei que Lourenço Bjoergulfsoen foi homem honesto e piedoso. Era digno de melhor sorte, mas essa criatura, filha dele, cobriu-o de vergonha. Ainda mocinha, causou com a sua frivolidade a morte de dois rapazes. Depois, faltou à sua palavra e desfez os esponsais com um filho de cavaleiro, belo e valente, que o pai lhe escolhera para marido. Conseguiu de forma indecorosa os seus fins e casou com esse homem que, não o ignorais, Monsenhor, foi condenado por alta traição. Mas imaginei que o seu coração empedernido se humilhasse quando se visse odiada e desprezada, com a pior das famas, ela e toda a família, nessa Joerundgaard onde o pai e Rangfrid Ivarsdatter viveram rodeados da estima e da afeição de cada um. Mas a sua imprudência chegou ao cúmulo de trazer o filho para o crisma confiando a missão de vo-lo apresentar... ao homem com quem, à vista de toda a gente, vive no duplo pecado do incesto e do adultério.

O bispo fez sinal ao padre para se calar.

— Que grau de parentesco existe entre teu marido e Ulf Haldorsoen? — perguntou ele a Cristina.

— Ulf é filho natural de Baard Petersoen de Hestnoes, e este, irmão uterino de Gaute Erlendsoen de Skogheim, avô materno de Erlend Nikulaussoen.

Monsenhor Halvard voltou-se, impaciente, para Sira Solmund.

— Não se trata de incesto. A sogra de Cristina Lavransdatter e Ulf são primos. As relações carnais entre parentes tão próximos são, de facto, grave pecado, se é verdade o que dizem. Mas não tornes as coisas piores do que são.

— Ulf Haldorsoen é padrinho do filho mais velho desta mulher — replicou Sira Solmund.

O bispo interrogou com o olhar Cristina, que respondeu:

— Assim é, Monsenhor.

O prelado ficou silencioso um momento.

— Que Deus te acuda, Cristina Lavransdatter — disse ele com desgosto. — Conheci teu pai... fui seu hóspede em Joerundgaard, na minha juventude. Se Lourenço Bjoergulfsoen vivesse, nada disto teria acontecido. Pensa em teu pai, Cristina; por amor dele, deves afastar de ti essa vergonha e lavar-te da acusação que te fazem, se puderes.

Como um relâmpago, Cristina reconheceu o bispo: certo dia de Inverno, ao pôr do Sol, um cavalinho baio que se empinava no pátio e um padre de cabelos negros e rosto corado agarrando-se-lhe à correia, salpicado de escuma, querendo dominar o fogoso animal e subir-lhe para a garupa desselada. Grupos de convidados do banquete do Natal, risonhos e ébrios, agitavam-se em redor; entre eles o pai de Cristina, vermelho pela bebida e pelo frio, falava alto e alegremente.

De súbito, Cristina virou-se para Kolbein Jonsoen.

— Kolbein! Tu que me conheces de pequenina, que me conheceste, a mim, a meus irmãos e irmãs, em casa de meus pais, que estimavas tanto meu pai... Kolbein, acreditas no que dizem a meu respeito?

O camponês olhou-a com severidade e tristeza:

— Estimávamos teu pai, dizes tu? Sim, nós, os servos, pobre gente do povo, estimávamos Lourenço de Joerundgaard e julgávamo-lo justo e bom como Deus quer que seja um amo e senhor... Não nos perguntes, Cristina Lavransdatter, a nós que fomos testemunhas do grande amor que teu pai te dedicava e que vimos a forma como recompensaste esse amor, o que te achamos incapaz de fazer.

Cristina inclinou a cabeça para o peito. O bispo não conseguiu mais que ela lhe respondesse às perguntas.

Monsenhor Halvard levantou-se, então. Ao lado do altar-mor havia uma porta que ia ter à abside do coro. Parte dessa galeria era utilizada como sacristia; a outra estava munida de minúsculas janelinhas pelas quais os leprosos que assistiam à missa da banda

de fora, separados do resto da comunidade, podiam receber a hóstia. Mas havia muito anos que não existiam leprosos naquela localidade.

— É preferível que esperes ali, Cristina, até depois do ofício. Quero conversar contigo mais tarde; mas, agora, fica sòzinha uns momentos.

Cristina fez uma profunda reverência em frente do bispo.

— Desejaria ir-me já embora, Monsenhor, se me permitísseis.

— Faze como quiseres, Cristina Lavransdatter. E que Deus te proteja. Se estás inocente, Deus e os seus mártires, Santo Olavo e São Tomás, que morreram por uma causa justa, serão teus defensores.

Cristina tornou a fazer uma vénia; depois, saindo pela porta da sacristia, encaminhou-se para o cemitério.

Um vultozinho solitário, vestido com gabão vermelho, novo em folha, estava ali postado, rígido e direito. Munan voltou para a mãe a pálida cara infantil e ergueu para ela os olhos dilatados pelo terror.

Os filhos! Cristina não pensara neles. Em súbito lampejo, viu o rancho dos seus rapazes. Tinham vivido na periferia da sua existência nesse último ano, chegados uns aos outros, como uma récua de cavalos sob a tempestade, à espreita, espavoridos, longe da mãe, enquanto ela se debatia nos derradeiros sobressaltos do amor que morria. Que tinham pensado, quanto haviam sofrido, enquanto ela se comprazia no seu furor? Que seria deles agora?

Cristina segurava na sua mão o punho de Munan. O pequeno olhava em frente, com um tremor nos lábios.

De mãos dadas, a mãe e o filho atravessaram o cemitério e a praça em frente da igreja. Cristina ia cismando nos filhos e sentia-se prestes a desfalecer. Ao badalar dos sinos a multidão subia em direcção ao templo.

Cristina ouvira um dia contar a história de um homem assissinado que não caía no chão de tal forma estava crivado de flechas: ela não pôde cair por causa de todos aqueles olhos que a traspassavam.

Cristina e Munan entraram em casa. Os filhos rodeavam Bjoergulf, que estava sentado à mesa. Naakkve, no meio dos irmãos, tinha uma mão apoiada no ombro do peticego. A mãe mirou o rosto estreito e sombrio do primogénio, os seus olhos azuis e o fino buço preto que lhe encimava a boca vermelha.

— Já sabeis? — perguntou ela com serenidade, aproximando-se do grupo.

— Já. Gunhild estava na igreja.

Naakkve falara por todos.

Cristina permaneceu imóvel um momento, até que disse:

— Algum de vós soube que falavam de mim e de Ulf?

Num movimento brusco, Ivar Erlendsoen virou-se para ela:

— Podeis supor, mãe, que nesse caso não teríeis ouvido o eco dos nossos actos? Não seria eu que ficaria quieto ao ouvir minha mãe qualificada de adúltera, nem mesmo se soubesse que era verdade.

Cristina interrogou, dolorosamente:

— Queria saber, meus filhos, que pensastes de tudo o que aconteceu este ano?

Os rapazes guardaram silêncio. Por fim, Bjoergulf ergueu a cabeça e fitou a mãe com os seus olhos mortiços:

— Jesus! Que podíamos nós pensar, este ano e todos os outros anos? Julgais que nos era fácil ter opinião?

Naakkve interveio.

— Eu talvez devesse falar-vos do assunto, minha mãe, mas a vossa atitude não nos proporcionava explicações. E, quando baptizastes nosso irmão mais novo com o nome do pai, como se este houvesse morrido...

Interrompeu-se com viva comoção.

Bjoergulf prosseguiu:

— Vós e o pai não pensáveis senão nos vossos mal-entendidos... nem um segundo refletistes que nos tornávamos homens. Nunca prestastes atenção àqueles que, por desgraça, se encontravam entre as vossas armas e recebiam feridas sangrentas.

Saltara do seu lugar enquanto falava. Naakkve pousou a mão no ombro do irmão. Cristina percebeu que Bjoergulf dizia

a verdade: esses dois já eram homens. A mãe sentia-se como que nua diante deles; expusera-se sem pudor à vista dos filhos.

O que haviam presenciado durante o crescimento é que os pais iam ficando velhos e que o ardor da mocidade não se lhes ajustava. Não tinham sabido envelhecer com honra e dignidade.

De súbito, uma voz infantil quebrou o silêncio. Munan explodia num clamor desesperado:

— Mãe, mãe, vão prender-vos, mãe? Vão levar-nos para longe?

Abraçou-se a ela e encostou a carinha infeliz ao peito de Cristina. Esta deixou-se cair no banco e acolheu nos braços o filho soluçante. Tentou acalmá-lo:

— Meu filho, meu filho, não chores assim!

— Ninguém pode levar daqui a nossa mãe — interveio Gaute, aproximando-se e tocando na mão de Munan. — Não chores, que não lhe podem fazer nada. Sossega... Vamos, vamos, compreendes perfeitamente que defenderemos a nossa mãe!

Cristina conservou-se sentada, com o filho encostado a si: as lágrimas do pequeno haviam-na aliviado de alguma forma.

Lourenço sentou-se então na cama, com as faces rubras de febre.

— Que tencionais fazer, irmãos?

— Logo que a missa terminar iremos ao presbitério oferecer uma caução por Ulf — respondeu Naakkve. — É a primeira coisa a fazer, não sois da minha opinião?

Bjoergulf, Gaute, Ivar e Skule apoiaram-no. Cristina atalhou-os:

— Ulf usou armas contra um homem no recinto do cemitério. E é necessário que eu faça qualquer coisa para desmentir essas infames calúnias. São coisas tão graves, meus filhos, que eu acho deveríeis pedir conselho a alguém para saber como deveis actuar.

— E a quem quereis que peçamos conselho? — replicou Naakkve, em tom levemente irónico.

— Sigurd de Sundbu é meu primo pelo lado de minha mãe — respondeu Cristina, com certa hesitação.

— Se ele até hoje se não lembrou disso — volveu o rapaz no

tom anterior — não vamos solicitá-lo agora que caímos na desdita. Que dizeis a isto, meus irmãos? Se ainda não somos maiores, cinco de nós estão, apesar de tudo, aptos a pegar em armas.

— Filhos meus, as armas não servem de nada neste caso — observou Cristina.

— Deixai-nos proceder como entendermos — respondeu Naakkve. — Agora, mãe, é tempo que nos deis de comer. E sentai-vos no vosso lugar habitual, por causa dos criados — disse ele em voz imperiosa.

Foi com dificuldade que Cristina comeu qualquer coisa. Perguntava a si própria se tencionavam ir buscar o pai. E pensava nas possíveis consequências daquela intriga. Nesse ponto, conhecia mal a lei, mas supunha ser preciso, para sua justificação, o juramento que se segue a uma conciliação amigável e o que é prestado por onze testemunhas. Sendo assim, teria isso de correr pela igreja matriz em Ullinsyn de Vaage. Lá, possuía Cristina parentes do lado materno em quase todos os grandes domínios.

E, se não aceitassem o seu juramento e ela tivesse de ficar diante deles sem se poder reabilitar daquela acusação ignóbil? Desonrar o pai? Lourenço viera como um desconhecido para o vale. Mostrara-se capaz de se fazer valer sòzinho e adquirira a estima de todos. Quando propunha alguma coisa em assembleia, era sempre seguido. Ela, porém, sabia que a sua vergonha recairia nele! Compreendia agora como o pai estivera isolado; isolado e estranho no meio de toda a gente, de cada vez que a filha o carregava mais de mágoa, de vergonha e de desprezo.

Cristina não imaginara poder sofrer ainda desta maneira; muitas vezes pensara que o coração se ia despedaçar, mas de novo o sentia prestes a alquebrar-se.

Gaute foi até à varanda e inspeccionou os caminhos do lado Norte.

— O povo já vem da igreja — disse ele. — Esperamos que se disperse um pouco?

— Não — respondeu Naakkve. — É bom que vejam que os filhos de Erlend ousam mostrar-se. Rapazes, temos de nos preparar! É preferível pordes o capacete.

Naakkve era o único que possuía armadura completa. Deixou de lado a cota de malha, mas enfiou o elmo na cabeça, pegou no escudo, na espada e num gládio comprido. Bjorn e Gaute puseram os velhos capacetes de ferro que usavam quando se exercitavam à espada, mas Ivar e Skule tiveram de se contentar com o morrião de aço empregado nas guerras dos camponeses.

A mãe contemplava-os com estranha opressão.

— Não acho bem irdes assim armados ao presbitério — disse ela angustiada. — Não deveis esquecer a paz do domingo e a presença do bispo.

Naakkve respondeu:

— Há agora escassez de honra em Joerundgaard. Somos forçados a aceitar as condições que nos oferecerem.

— Não, não, Bjoergulf — protestou a mãe, ansiosa, quando o rapaz, cuja vista era tão débil, se apoderou duma pesada acha de combate. — Lembra-te de que não vês bem!

— Ora! Verei tão longe quanto este machado — replicou Bjoergulf, sopesando a arma.

Gaute foi ao leito do irmão doente e agarrou na comprida espada do avô, que o pequeno Lourenço gostava de ver dependurada ao lado da cama.

— Empresta-me a tua espada, amigo. Tenho a impressão de que o avô sentiria prazer em vê-la tomar parte na nossa aventura.

Cristina torcia as mãos de desespero, mas permanecia sentada. Quereria gritar de sofrimento e de angústia, mas impelida por uma força que ultrapassasse a dor e alucinação, como ela gritara ao dar à luz aqueles homens. Não cessara de receber golpes sobre golpes durante a vida. Mas sabia que as feridas se haviam cicatrizado, se bem que ainda fossem sensíveis como carne viva, e que não verteriam sangue até lhe causarem a morte. Nunca ela se sentira viver como nesse momento.

Despojada de flores e de folhas, não fora cortada, nem arrancada pela raiz. Pela primeira vez, desde que era esposa de Erlend Nikulaussoen, esqueceu o pai e não viu senão os filhos.

Mas estes não viram a mãe, sentada, muito branca, de pupilas

dilatadas e olhar baço. Munan continuava deitado no colo dela; não a largara. Os cinco rapazes saíram da sala.

Cristina levantou-se e foi à varanda. Eles apareceram por trás das dependências e, pela vereda estreita, em fila, dirigiram-se para Romundgaard entre searas luminosas. Os capacetes de aço e de ferro brilhavam ao de leve, mas o Sol despedia centelhas no gládio de Naakkve e nas pontas dos chuços que os gémeos levavam. Cristina ali ficou de pé, seguindo com o olhar os cinco rapazes: era a mãe deles todos.

Ao entrar na sala, deixou-se cair diante da arca sobre a qual estava pousada a imagem da Virgem Maria. Os soluços rasgavam-lhe o peito. Munan, por seu turno, desatou a chorar e aninhou-se junto da mãe. Lourenço saltou da cama e lançou-se de joelhos, do outro lado. Cristina abraçou os dois filhos mais novos.

Desde que o pequenino morrera, em vão ela procurara orar a Deus. Dura, fria, pesada como pedra, sentira-se despenhar na goela escancarada do inferno. Agora, as orações saíam-lhe dos lábios sem esforço; e sem vontade, inconsciente, a sua alma lançou a Maria, Virgem e Mãe, Rainha do céu e da terra, apelos de angústia, de reconhecimento e de louvor: «Nossa Senhora, sou rica, possuo ainda tesouros dum valor inestimável que me podem ser roubados. Mãe de Misericórdia, tomai-os sob a vossa guarda!»

Estava imensa gente no pátio de Romundgaard; e, quando os filhos de Erlend Nikulaussoen ali chegaram, alguns camponeses perguntaram-lhes o que queriam.

— Nada que vos diga respeito... ao menos, por enquanto — respondeu Naakkve com um sorriso zombeteiro. — Hoje, vamos falar ao bispo. Depois, talvez que eu e meus irmãos tenhamos também de conversar convosco. Mas, por enquanto, não tendes nada a recear de nós.

Houve burburinho e gritos de protesto. Sira Solmund apareceu e quis impedir que os rapazes entrassem, mas, nessa altura, intervieram alguns camponeses, e, tomando o partido deles, emitiram a opinião de que os moços tinham o direito de se informar da acusação lançada contra a mãe. Os criados do bispo surgiram

por sua vez e deram-lhes ordem para se retirarem: a refeição estava na mesa e ninguém dispunha de tempo para os atender nesse momento. Esta intervenção desagradou aos camponeses.

— Que há, boa gente? — disse de súbito uma voz forte por cima do povo.

Ninguém reparara que o bispo aparecera à varanda do primeiro andar. Alto, pesado e imponente na sua túnica cor de púrpura, com o solidéu vermelho sobre os cabelos brancos, interrogou:

— Quem são esses moços?

Responderam-lhe que eram os filhos de Cristina de Joerundgaard.

— És tu o mais velho? — perguntou o bispo, dirigindo-se a Naakkve. — Quero falar contigo. Os outros que esperem no pátio.

Naakkve subiu a escada e entrou na sala com o bispo. Monsenhor Halvard sentou-se no lugar de honra e contemplou o rapaz, que se postara diante do prelado apoiado no gládio.

— Como te chamas?

— Nikulaus Erlendsoen, Senhor.

— Achas oportuno estar tão bem armado para falar ao teu bispo, Nikulaus Erlendsoen? — volveu ele com leve sorriso.

Nikulaus corou violentamente. Foi depressa depor a um canto as armas e a capa e, a seguir, voltou. Inclinou diante do bispo a cabeça descoberta. Uma das mãos rodeava o punho da outra. O seu porte era desembaraçado, decente e respeitoso.

Monsenhor Halvard comentou de si para si que o mancebo aprendera cortesia e maneiras cavalheirescas. Não podia ser criança de colo na época em que o pai perdera a riqueza e a alta situação; Nikulaus lembrava-se sem dúvida do tempo em que era o herdeiro do senhor de Husaby. «Que pena! Um rapaz de tão bela aparência!» pensou o bispo.

— São todos teus irmãos, os que vieram contigo? Quantos sois?

— Somos sete vivos, Monsenhor.

Tantas vidas juvenis envolvidas naquele assunto! O prelado suspirou involuntàriamente.

— Senta-te, Nikulaus. Vens para me falar dessa história que corre a respeito de tua mãe e do intendente?

— Agradeço-vos, Monsenhor; prefiro ficar de pé na vossa presença.

O bispo perscrutou com olhar ponderado o semblante do rapaz. Depois, pronunciou com lentidão:

— Sabes, Nikulaus, custa-me a crer no que dizem a respeito de Cristina Lavransdatter; e o direito de a acusar de adultério só pertence ao seu esposo e senhor. Mas a coisa complica-se por causa do parentesco que existe entre Ulf e teu pai e por ele ser teu padrinho; e da forma como Jartrud apresentou queixa, há pormenores que podem ser interpretados em detrimento de tua mãe. Sabes se é verdade, como Jartrud pretende, que o marido lhe bateu muitas vezes e que a abandonou há perto dum ano?

— Ulf e a mulher não se davam bem. Meu padrinho já não era novo quando se casou, e às vezes mostra-se severo e arrebatado. Mas para nós, para mim e meus irmãos e para meu pai e minha mãe, sempre foi o amigo mais fiel. E o primeiro pedido que vos venho fazer, Monsenhor, é que deis liberdade a Ulf, contra caução, se é possível.

— Não és maior ainda? — perguntou o bispo.

— Não, Monsenhor. Mas minha mãe prontifica-se a pagar o penhor que exigirdes, seja qual for.

O prelado meneou a cabeça.

— Tenho a certeza de que meu pai dirá a mesma coisa. Tenciono, ao sair daqui, ir procurá-lo para lhe contar o que se passa. Se quiserdes conceder-lhe uma entrevista amanhã...

O bispo agarrou no queixo e ficou um momento pensativo, coçando com o polegar os pêlos curtos da barba, o que produziu um débil rangido.

— Senta-te, Nikulaus. Conversaremos melhor.

Naakkve inclinou-se para agradecer e sentou-se.

— Nesse caso, é certo que Ulf recusou viver em comum com a mulher? — observou ele, insistindo na questão esquecida por instantes.

— Sim, Monsenhor, pelo menos que eu saiba.

O bispo sorriu sem querer e o rapaz sorriu também.

— Desde o Natal que Ulf dorme no quarto onde meus irmãos e eu nos deitamos.

O bispo demorou alguns segundos a prosseguir o interrogatório.

— E as refeições? Onde as comia?

— Mandava encher o alforje de provisões quando ia para a floresta ou para qualquer parte. — Naakkve pareceu um tanto hesitante. — Há algumas complicações neste assunto: minha mãe preferia que ele comparecesse à mesa connosco, como antes do casamento. Ulf não quis porque, dizia, uma alteração do contrato estabelecido entre ele e meu pai podia dar que falar. Por ocasião do casamento, decidiram que parte dos produtos da quinta lhe seriam entregues para a casa, e Ulf achava injusto que a mãe teimasse em alimentá-lo sem uma redução daqueles comestíveis. Mas, afinal, a mãe conseguiu que Ulf comesse connosco; mais tarde resolveriam o resto.

— Hum! Tua mãe tem fama de administrar bem os seus haveres e de ser trabalhadora e económica...

— Não na comida! — atalhou Naakkve com vivacidade. Todos o podem testemunhar. Homens ou mulheres que nos serviram dirão que a mãe não olha a despesas quanto à comida. A esse respeito, não se modificou desde o tempo em que éramos ricos. Nunca ela se sente tão satisfeita como quando pode apresentar na mesa um bom prato, uma gulodice; e tudo tão abundante que todos os criados, até ao guardador de porcos, e mesmo o mendigo, têm o seu quinhão de acepipes.

— Hum! — O prelado abismou-se nas suas reflexões. — Disseste que tencionavas falar com teu pai?

— Sim, Monsenhor. Não é natural? — Como o bispo tardasse em responder, Naakkve continuou: — Estivemos com o pai este Inverno, meu irmão Gaute e eu. Falámos da gravidez da nossa mãe. Mas não notámos o *mínimo* sinal, nem ouvimos a menor palavra que deixasse entrever que o pai duvidasse da fidelidade da nossa mãe, ou que ficasse surpreendido com a notícia. Meu pai nunca gostou de viver em Sil, queria habitar no seu domínio dos

Dofrines, e a mãe esteve lá algum tempo no Verão passado. Ele estava irritado pelo facto de a mãe não querer ficar em Haugen na sua companhia. Desejava que ela nos deixasse, Gaute e eu, explorar Joerundgaard e que se fosse instalar na casa dos Dofrines.

O bispo Halvard não cessava de passar o dedo pela barba e de olhar para o rapaz.

Fosse qual fosse o carácter de Erlend Nikulaussoen, seria incapaz de acusar de adultério a esposa na presença dos filhos.

Muitas coisas pareciam desfavoráveis a Cristina Lavransdatter; no entanto, o bispo não acreditava na acusação: a mulher tinha um ar sincero quando negava conhecer o que diziam dela. Contudo, não esquecia que Cristina cedera ao apelo do desejo carnal. Usara vis estratagemas para obter o consentimento de Lourenço, tanto ela como o homem de quem vivia agora separada.

Quando haviam aludido à morte do filho, notara que o remorso a atormentava. Mas se, por falta de cuidados, causara a morte da criança, não podiam levar Cristina ao tribunal dos homens. Teria de expiar o crime consoante as ordens do seu confessor. E nada provava que o filho não fosse do marido, mesmo que o houvesse tratado mal. Não podia, evidentemente, andar satisfeita em ter outra criança, agora que o marido a abandonara e que já possuía sete filhos, criados em condições inferiores à sua estirpe. Seria exigir o impossível querer que ela gostasse muito desse recém-vindo.

Não a julgava mulher adúltera. Contudo, só Deus sabia o que ouvira e conhecera durante os quarenta anos do seu ministério! Mas acreditava em Cristina Lavransdatter.

Quanto à atitude de Erlend Nikulaussoen só podia ser interpretada duma maneira. Se não se importava com a mulher enquanto ela estava grávida, nem com o nascimento do filho, nem com a sua morte, é porque pensava não ser o pai.

Tratava-se agora de saber como iria o marido actuar. Tomaria a defesa da mulher, por causa dos sete filhos? Assim procederia um homem honesto. Ou iria acusá-la de adultério, já que o caso se espalhara? Pelo que o bispo ouvira contar a respeito de

Erlend de Husaby, não era de estranhar que fosse incapaz dessa resolução.

— Jammaelt Havardsoen é casado com a irmã, viúva de Simão Darre de Formo. Tem, além disso, dois primos do lado do pai, Ketil Asmundsoen de Skog e a irmã de Ketil, Ragna, que é mulher de Sigurd Ryrning. Ivar Gjesling de Ringheim e o irmão Haavard Trondsoen são primos pelo lado materno. Mas todos moram muito longe de nós.

— E Sigurd Eldjarn de Sundbu? Também é primo de tua mãe. Num caso destes, o cavaleiro tem o dever de tomar a defesa da sua parente. É preciso que vás avisá-lo logo que possas.

Naakkve respondeu lentamente:

— Existe pouca amizade entre ele e nós. E não creio, Monsenhor, que seja proveitosa para minha mãe a defesa dele. A descendência de Erlend Eldjarn não é muito bem vista na região. Nada prejudicou tanto meu pai, na opinião do povo, como o facto dos Gjeslings haverem tomado parte na conspiração que nos custou Husaby e, a eles, a perda de Sundbu.

— Erlend Eldjarn... — O bispo sorriu. — Sim, tinha a faculdade especial de se indispor com as pessoas. Cortou relações com todos os genros. Teu avô materno, que era homem pacífico e que não receava humilhar-se se isso pudesse favorecer a paz e a harmonia entre os membros da família, nem conseguiu escapar: Erlend Eldjarn e ele tornaram-se inimigos mortais.

— É verdade. — Naakkve esboçou um sorriso. — Zangaram-se por uma ninharia: dois lençóis com bainhas abertas e uma toalha de barra azul, tudo avaliado em dois marcos de prata. Mas minha avó disse ao marido que queria que essas coisas lhe coubessem quando das partilhas, e Gudrun Ivarsdatter, por seu lado, fez a mesma recomendação ao esposo. Erlend apoderou-se disso e escondeu no saco de viagem; porém Lourenço tirou tudo para fora. Achava que tinha mais direitos, porque fora Ragnfrid quem tecera os lençóis e a toalha quando era solteira e vivia em Sundbu. Mas Erlend ficou furioso e até esbofeteou meu avô. Então Lourenço atirou-o três vezes ao chão e sacudiu-o como se sacode uma

pele. Nunca mais se falaram, e tudo por causa duns farrapos... Minha mãe ainda os tem na arca.

O prelado riu com vontade. Conhecia muito bem aquela história, que fizera divertir os outros nessa alura. Ah! Esses maridos das filhas de Ivar que eram tão zelosos em contentar as respectivas consortes! Mas o bispo conseguira o que desejava: as feições do moço tinham-se distendido num sorriso, e fugira, por momentos, a expressão ansiosa dos seus belos olhos azuis. Monsenhor Halvard riu mais abertamente.

— Ainda se falaram uma vez, Nikulaus, na minha presença. Foi em Oslo, no banquete do Natal, no ano anterior ao da morte da rainha Eufémia. O defunto rei Haakon conversava então com Lourenço. Este viera cumprimentar o rei e assegurar-lhe a sua fidelidade. O monarca expunha a Lourenço que essa inimizade entre cunhados era mesquinha e contrária ao espírito cristão. Teu avô aproximou-se então dum grupo de cavaleiros, entre os quais se encontrava Erlend, pediu-lhe amigàvelmente que lhe perdoasse haver-se encolerizado, e declarou que ia mandar os objectos litigiosos à senhora Gudrun com os cumprimentos afectuosos do irmão e irmã. Erlend respondeu que consentia na reconciliação se Lourenço proclamasse diante da assistência que procedera como um ladrão nas partilhas da herança do sogro. Teu avô rodou nos calcanhares, e foi essa, creio eu, a última vez que os genros de Ivar Gjesling se encontraram neste mundo — concluiu o bispo com uma risada sonora. — Mas ouve-me agora, Nikulaus Erlendsoen — prosseguiu ele unindo as mãos. — Não sei se seria acertado advertir já teu pai e pôr em liberdade Ulf Haldorsoen. É necessário que tua mãe se reabilite das acusações formuladas contra ela, visto que o fizeram abertamente. Mas achas que lhe será fácil arranjar outras mulheres que queiram também prestar juramento?

Nikulaus ergueu para o bispo um olhar hesitante e receoso.

— Espera, porém, alguns dias, Nikulaus! Teu pai e Ulf são pouco estimados nesta região e não nasceram aqui. Cristina e Jartrud são ambas do vale, mas Jartrud é oriunda do Sul, e eu já percebi que Lourenço Bjoergulfsoen não foi esquecido pelos con-

terrâneos. Dir-se-ia que molestaram tua mãe sobretudo por a considerarem má filha, mas sinto que a maioria deles compreende que servem mal a memória do pai atacando assim a filha; arrependem-se já. Não tarda que só desejem ver Cristina reabilitada. E talvez encontrem muito pouca coisa no saco de Jartrud quando o esvaziarem. Já o mesmo não acontecerá se o marido continuar a irritar os camponeses com as suas maneiras.

— Perdoai-me, Monsenhor — disse Naakkve olhando bem de frente para o bispo — mas desagrada-me nada fazer por meu padrinho e não chamar meu pai em socorro de minha mãe...

— Meu filho, insisto em que tomes o meu conselho. Não tenhamos muita pressa em chamar Erlend Nikulaussoen. Entretanto, escreverei a Sigurd de Sundbu para que venha falar comigo... Mas, que é isto? — exclamou de repente; e, levantando-se, foi à varanda.

Encostado à casa, Gaute e Bjoergulf Erlendsoen defendiam-se de diversos lacaios do bispo. Bjoergulf deitou por terra um homem com uma machadada no momento em que o prelado e Naakkve apareceram. Alguns camponeses mantinham Ivar e Skule enquanto outros transportavam um ferido. A certa distância estava Sira Solmund, cujo nariz e boca sangravam.

— Detei-vos! gritou Monsenhor Halvard. — Atirai fora as armas, filhos de Erlend!

Desceu ao pátio e aproximou-se dos rapazes, que, imediatamente, haviam obedecido à sua imposição.

— Que aconteceu?

Sira Solmund avançou, inclinou-se e respondeu:

— Eis o que aconteceu, meu reverendo Pai: Gaute Erlendsoen quebrou a paz do domingo e bateu em mim, seu pároco, como vedes.

Aproximou-se por seu turno um velhote, saudou o bispo e tomou a palavra:

— Monsenhor, o moço foi rudemente provocado. O padre falou da mãe em termos que Gaute não podia escutar com serenidade.

— Cala-te, Sira Solmund. Não posso ouvir senão uma pessoa

de cada vez, observou o prelado, impaciente. — Fala, Olavo Trondsoen.

Este prosseguiu:

— O padre meteu a ridículo os filhos de Erlend e excitou-os, mas Gaute e Bjoergulf ripostaram com bastante moderação. Gaute respondeu também que Cristina passara parte do Verão em Haugen com o marido, e que nessa ocasião é que foi procriado o desgraçadinho, causa de todo este alvoroço. Mas o padre replicou que os moradores de Joerundgaard sempre haviam sido muito letrados: Cristina conhecia certamente a história do rei David e de Betsabé, e Erlend Nikulaussoen talvez fosse assim perverso como o cavaleiro de Urie.

As faces do bispo tornaram-se tão purpúreas como as suas vestes, e os olhos negros faiscaram-lhe. Fitou Sira Solmund, mas não lhe dirigiu palavra.

— Não ignoras, Gaute Erlendsoen, que, pelo que fizeste, te arriscaste à excomunhão? — disse ele.

Ordenou, em seguida, que conduzissem a Joerundgaard os filhos de Erlend; dois criados e quatro camponeses que o bispo escolheu entre os mais dignos e mais sensatos deviam acompanhá-los e guardá-los à vista.

— Vai com eles, Nikulaus — disse a Naakkve — e está sossegado! Teus irmãos não beneficiaram a causa de tua mãe, mas sei que foram provocados.

No íntimo, o bispo de Hamar achava que os filhos de Cristina não a tinham prejudicado. Reparara que muitas pessoas formavam da senhora de Joerundgaard uma opinião diferente da que haviam tido de manhã, quando ela fizera transbordar a taça levando à igreja Ulf Haldorsoen para servir de padrinho ao filho. Um desses camponeses era Kolbein Jonsoen. Monsenhor Halvard nomeou-o chefe do grupo de vigilância.

Naakkve dirigiu-se em primeiro lugar para o quarto onde estava a mãe sentada aos pés da cama de Lourenço, com Munan instalado nos joelhos. O rapaz contou o sucedido, insistindo no facto de o bispo a considerar inocente e julgar o acto de violência

dos irmãos como devido a provocação. Dissuadiu Cristina de ir falar com o prelado.

Nesse momento introduziram os quatro irmãos. A mãe fitou-os, pálida e com um brilho estranho nos olhos. No meio do desespero e da angústia, o coração parecia dilatar-se-lhe. No entanto, falou com serenidade a Gaute:

— Meteste-me em má situação, meu filho, e não honraste a espada de Lourenço Bjoergulfsoen, desembainhando-a para fazer calar um miserável que remoía calúnias.

— Desembainhei-a antes contra os escudeiros do bispo — replicou Gaute despeitado. — Mas, de facto, não é nenhuma honra para o avô sermos forçados a pegar em armas por semelhante causa.

Cristina olhou para o filho. Teve de desviar a cara; embora sofresse com as palavras de Gaute, não podia deixar de sorrir. É assim que uma criancinha enterra os primeiros dentes no bico do peito da mãe.

— Acho preferível que vos vades embora daqui e que leveis Munan. Não deveis deixá-lo sòzinho um instante até que se acalme — disse Naakkve em voz baixa a Cristina. — Conservai-o a vosso lado e não o deixeis sair de casa, para que ele não veja que há uma guarda de vigia aos irmãos.

A mãe levantou-se.

— Meus filhos, se não me julgais indigna, peço-vos que me deis um beijo antes de eu partir.

Naakkve, Bjoergulf, Ivar e Skule aproximaram-se e beijaram-na. O excomungado olhou tristemente para a mãe, e, quando esta lhe estendeu a mão, ele pegou numa ponta da manga e poisou aí os lábios. Todos, com excepção de Gaute, eram mais altos do que Cristina.

A mãe compôs a cama de Lourenço e saiu levando Munan consigo.

Havia em Joerundgaard quatro edifícios: a casa alta, a nova (que servira para habitação de Estio durante a infância de Cristina, antes de Lourenço ter construído a casa maior), a velha mo-

radia e o armazém do sal, em cujo sótão dormiam as criadas nos meses de Verão.

Cristina foi com Munan para o quarto da casa nova; aí pernoitava desde a morte do pequenino. Andava ela a passear de cá para lá no aposento quando Frida e Gunhild lhe trouxeram a ceia. A ama encarregou Frida de levar comida e bebida aos homens que estavam de guarda. A criada respondeu que já o fizera por ordem de Naakkve, mas que eles não queriam aceitar nada da senhora enquanto estivessem na quinta cumprindo tal missão. Haviam trazido provisões.

— Em todo o caso, leva-lhes um púcaro de cerveja — disse Cristina.

A criadinha Gunhild mostrava-se chorosa:

— Nenhum dos teus servos acredita no que dizem de ti, Cristina Lavransdatter. Sempre afirmámos que eram mentiras.

— Então, já tínheis ouvido essas calúnias? Mais valia que mas houvésseis participado — retorquiu a patroa.

— Não nos atrevemos por causa de Ulf — acudiu Frida.

Grunhild acrescentou, banhada em lágrimas:

— Ele ordenou que nada te disséssemos. Muitas vezes pensei em falar-te do que constava por aí e pedir-te que fosses mais prudente, quando te demoravas a conversar com Ulf até altas horas.

— Ulf... nesse caso... estava ao corrente do que se dizia?

— Jartrud acusava-o disso há muito tempo. Provàvelmente esta era a causa de ele lhe bater. Uma noie, pelo Natal, quando já se via que andavas grávida, tinham ido todos beber em casa deles. Estavam presentes Solveig e Oelivind e gente do sul do vale. Jartrud acusou o marido de ser o causador da tua gravidez. Ulf bateu-lhe tanto com o cinto que a fivela ficou cheia de sangue. E, desde então, Jartrud sempre afirmou que Ulf não dissera palavra para negar aquilo de que ela o acusava.

— E depois desse dia é que a calúnia se espalhou? — perguntou Cristina.

— Sim. Mas todos os teus servos sempre protestaram — balbuciou Gunhild.

Para sossegar Munan, Cristina deitou-se ao lado dele, mas não se despiu nem fechou os olhos em toda a noite.

Entretanto, no seu quarto, Lourenço levantara-se e vestira-se. E, ao entardecer, quando Naakkve desceu para ajudar os trabalhos na quinta, o rapazinho dirigiu-se à cavalariça. Selou o baio que pertencia a Gaute; era o melhor cavalo, a seguir ao garanhão, e, este, Lourenço não se atrevia a montá-lo.

Alguns homens da guarda perguntaram-lhe aonde ia.

— Que eu saiba não estou prisioneiro — respondeu Lourenço. — Mas não preciso ocultar que vou a Sundbu. Não me impedireis de ir procurar o cavaleiro para que ele tome a defesa de minha mãe.

— Dentro em pouco será noite — observou Kolbein Jonsoen. — Não vamos deixar esta criança atravessar às escuras o terrível Vaagerosten. Temos de falar antes à mãe.

— Não, não — suplicou Lourenço com leve tremor nos lábios. — Parto para uma missão que Deus e a Virgem me hão-de ajudar a levar a bom fim se a nossa mãe não está culpada. E, se está, tudo me é indiferente...

Foi obrigado a interromper-se porque as lágrimas o sufocavam.

O homem hesitou um momento. Kolbein olhou para o rapazinho.

— Vai, e que Deus te proteja, Lourenço Erlendsoen — disse ele aprontando-se para ajudá-lo a montar.

Lourenço, porém, puxou tão bruscamente o cavalo que os homens tiveram de se afastar. Chegado à porta, subiu para cima de um pedregulho e saltou para a garupa de *Raud*. Depois, inclinado para a frente, partiu em direcção ao Vaage.

VII

O cavalo escumava pela rapidez do percurso quando Lourenço chegou a um sítio onde sabia existir uma ladeira através das encostas pedregosas e entre muralhas escarpadas, que se erguiam a pique acima do vale de Silsaa. Era necessário que atingisse o planalto antes de anoitecer. Lourenço não conhecia essa montanha entre Vaage, Sil e os Dofrines, mas o baio passara aí um Verão e várias vezes transportara Gaute a Haugen, embora por outros caminhos. O rapazinho inclinou-se e afagou o pescoço do cavalo.

—É preciso que encontres a vereda que vai ter a Haugen, meu lindo *Raud*. É preciso que me leves a casa de meu pai esta noite.

Logo que chegou ao cimo do *fjell*, endireitou-se na sela. A escuridão aumentava ràpidamente. Atravessou um valezinho pantanoso; no horizonte, cada vez mais escuro, sucediam-se serras escarpadas. Nas encostas, luziam os troncos brancos das bétulas; de vez em quando, o peito do cavalo e o rosto do pequeno eram fustigados pelos ramos de folhas molhadas. Desprendiam-se pedras ao trote da montada e rolavam até ao regato do fundo do desfiladeiro; os cascos do cavalo chapinhavam na água. *Raud* encontrou o seu caminho na sombra envolvente; o rumor do ribeiro aproximava-se e distanciava-se conforme ele subia ou descia as encostas. Ecoou um berro na montanha, mas Lourenço não soube reconhecer que espécie de animal gritara. O vento soprava e cantava, mais forte... menos forte...

O rapazinho apoiava o chuço no pescoço do cavalo, com a ponta entre as orelhas do animal. Estavam precisamente numa montanha onde havia ursos. Lourenço perguntava a si próprio quando chegaria ao fim daquele vale estreito e tão comprido. Bai-

xinho, pôs-se a recitar: «*Kyrie eleison, Christe eleison, Kyrie eleison...*»

Raud atravessou um rio pouco fundo, fazendo marulhar a água. No céu luziam cada vez mais estrelas. Os picos esfumavam-se na sombra da noite, e o vento cantava noutro tom no espaço descoberto. O pequeno largou a rédea da montada e trauteou tudo o que conseguiu lembrar do hino *Jesus Redemptor omnium — Tu lumen et splendor patris,* intercalando o *Kyrie eleison.* Cavalgava agora em direcção ao Sul: via-o pelas estrelas, mas não ousava intervir, tinha de se fiar no cavalo. Atravessaram rochas lisas, onde o líquene cobria as pedras como tapete cinzento. *Raud* diminuiu o passo, deteve-se, perscrutou a escuridão e farejou o vento. Lourenço notou que o céu empalidecia na banda do Leste e surgiam nuvens orladas de prata. O cavalo recomeçou a andar, para o lado onde a Lua despontava. Devia faltar um hora para a meia-noite.

Logo que a Lua se elevou por cima das serras e apareceu, redonda e luminosa, no firmamento, fez cintilar a neve dos picos e dos cabeços abaulados e alvejar os farrapos de névoa que flutuavam nos desfiladeiros. Lourenço reconheceu o local: encontrava-se nas turfeiras, abaixo dos montes de Blaahoe.

Daí a pouco viu um caminho que descia para o vale. E três horas depois *Raud* entrava, coxeando, sob o luar albente, na cerca de Haugen.

Quando Erlend abriu a porta o filho tombou desmaiado no chão da galeria.

Não tardou a voltar a si; estava deitado numa cama entre peles sujas e mal cheirosas. Um archote resinoso, metido na parede, espalhava débil claridade. O pai, inclinado para ele, humedecia-lhe o rosto com qualquer coisa. Erlend encontrava-se meio despido, e Lourenço notou, à luz vacilante, que os cabelos dele estavam brancos.

— Mãe — disse o pequeno ao abrir os olhos.

Erlend desviou-se, de forma que o filho não lhe pôde ver a cara. Passado um instante, perguntou com voz imperceptível:

— Tua mãe... está doente?

— Tendes de ir depressa, pai, para a salvar. Acusam-na de coisas horríveis... prenderam-na, a ela e a meus irmãos.

Erlend tacteou as faces e as mãos ardentes do rapazinho: a febre aumentara.

— Que dizes?

Lourenço sentou-se e relatou de maneira coerente os acontecimentos da véspera. O pai ouviu-o em silêncio. Mas a meio da narrativa foi acabar de se vestir; calçou as botas e pôs as esporas. Em seguida, trouxe ao filho uma tigela de leite e alguma coisa de comer.

— Não podes ficar aqui sòzinho, meu rapaz. Vou levar-te a casa de Aslaag, que mora perto, em Breindin, antes de me ir embora.

— Pai! — Lourenço agarrou-lhe no braço. — Pai, quero ir convosco para casa.

— Mas estás doente, meu pobre filho — disse Erlend.

Lourenço não se lembrava de ter ouvido uma entoação tão terna na voz do pai.

— Quero ir convosco para casa de minha mãe, quero voltar para casa da mãe!

E o rapaz desatou a chorar como uma criancinha.

— *Raud* coxeia, filho! — Erlend tentou acalmá-lo, tomando-o nos braços, mas tudo foi inútil. — E tu estás tão fatigado... Vamos — acabou por dizer — *Soten* aguentará com nós ambos.

Depois de haver selado o castelhano e dado um molho de forragem a *Raud,* instalado no lugar do outro, Erlend declarou:

— Temos de mandar alguém aqui para levar o teu cavalo e se ocupar dos meus negócios.

— Ficareis em casa, pai? — perguntou Lourenço com alegria.

O olhar de Erlend perdeu-se no espaço.

— Não sei, mas tenho a impressão de que nunca mais voltarei cá.

— Não ides mais bem armado? — indagou o pequeno, ao ver que o pai só tinha a espada e uma machada leve e se preparava para sair de casa. — Nem sequer levais o escudo?

Erlend examinou o broquel. O couro estava tão esfolado e

estragado que o leão vermelho, em campo de prata, se encontrava quase desvanecido. Tornou a colocá-lo no seu lugar e tapou-o.

— Estou suficientemente armado para pôr fora da minha casa um vil campónio — disse ele.

Fechou a porta atrás de si, saltou para o cavalo e ajudou Lourenço a montar na garupa.

O céu cobria-se cada vez mais; quando chegaram ao sopé da encosta, onde a floresta se adensava, avançaram às escuras. Erlend, percebendo que o filho estava tão alquebrado que a custo se mantinha na montada, passou Lourenço para a sua frente e amparou-o com o braço. A cabeça loura e juvenil descansava-lhe no peito; de todos os filhos era este o que mais se parecia com a mãe. O pai beijou os cabelos do rapazinho e puxou-lhe o capuz para a testa.

— Tua mãe desgostou-se muito quando o menino morreu? — perguntou em voz baixa.

Lourenço respondeu:

— Não chorou depois da morte dele, mas ia todas as noites ao cemitério. Gaute e Naakkve seguiam-na, embora não se atrevessem a falar-lhe e a mostrar-lhe que a espiavam.

Houve um silêncio, e Erlend disse então:

— Não chorou... Lembro-me do tempo em que tua mãe era nova; nessa altura chorava tão fàcilmente como o orvalho corre pelos ramos de vimeiro junto ao rio. Era tão sensível e terna, a minha Cristina, quando se encontrava entre pessoas que pressentia cheias de bons sentimentos por ela! Aprendeu a empedernir o coração... e julgo que fui eu o maior causador disso.

—Gunhild e Frida diziam que, em vida de meu irmão, a mãe chorava sem cessar, quando pensava que ninguém a via.

— Que Deus me perdoe! — exclamou Erlend em voz baixa e sufocada. — Fui um isensato!

Cavalgavam nesse momento no fundo do vale, na corrente de ar frio do ribeiro. Erlend abafou, o melhor que pôde, o filho na sua capa. Lourenço ia prestes a adormecer; sentia que do fato do pai se exalava um cheiro a miséria. Vinham-lhe recordações da sua primeira infância, quando viviam em Husaby; ao sábado, depois

do banho, Erlend rolava entre as mãos bolinhas perfumadas, e o aroma subtil ficava-lhe nas palmas e no vestuário durante todo o domingo.

O cavalo avançava em passo igual e rápido; contudo a charneca estava imersa em escuridão. Sem mesmo reflectir, Erlend sabia onde se encontrava: conhecia as diferentes notas do rumor do rio, conforme o Laage precipitava a sua corrente ou a afrouxava antes duma cascata. Passavam em planaltos onde os cascos do cavalo faziam despedir centelhas do rochedo. *Soten* pousava as patas com segurança e ligeireza entre as raízes torcidas dos pinheiros, quando o caminho era através da mata espessa; o marulho e um som surdo indicavam que iam atravessando prados verdes onde corria um regato. Chegariam ao romper da aurora, e já não era sem tempo...

Sem descanso, os pensamentos de Erlend transportavam-se àquela noite longínqua em que conduzira um trenó ao longo deste mesmo vale. Bjoern Gunnarsoen, sentado atrás, sustinha nos braços uma mulher morta. Mas a recordação era difusa e irreal. Irreal era também o que o filho lhe dissera acerca do que se passava em Sil e das insensatas acusações a Cristina. Não podia, por assim dizer, apreender-lhe o sentido. Quando chegasse, pensaria então nas providências a tomar. De real só existia a sua tensão de espírito e a ansiosa expectativa: ia tornar a ver Cristina.

Esperara-a tanto, tanto! E nunca duvidara que ela acabasse por vir até ao momento em que soubera qual o nome que a mulher dera ao filho.

À pálida luz da aurora, saía gente da igreja onde houvera ofício de matinas celebrado por um dos padres de Hamar. Os que já estavam no adro viram passar Erlend Nikulaussoen e comunicaram a notícia aos outros. Resultou daí viva curiosidade e muitos comentários. O povo descia a encosta e formava grupos no sítio onde o caminho de Joerundgaard se desviava da estrada.

Erlend entrou no pátio na ocasião em que a Lua declinava e desaparecia por trás das serras.

Em frente da casa do intendente encontravam-se algumas pessoas; parentes e amigos de Jartrud, que haviam pernoitado na residência dela. Ao tropel do cavalo apareceram os homens que estavam de vigia.

Erlend deteve a montada. Passeou o olhar pelos camponeses e perguntou em voz forte e zombeteira:

— Houve algum banquete na minha casa sem que eu fosse prevenido? Por que estais reunidos aqui a esta hora matinal, boa gente?

De todos os lados incidiram nele olhares sombrios e hostis. Erlend estava sentado, direito e esbelto, no corpulento garanhão castelhano.

Soten possuía crina em escova, agora hirsuta, não aparada; não se apresentava almofadado e os topetes tinham pêlos cinzentos, mas os olhos mostravam um clarão inquietante; batia com as patas no chão, agitava as orelhas e sacudia a cabeça fina, enchendo de flocos de escuma o peitoral e o cavaleiro. Os arreios haviam sido vermelhos e a sela incrustada de ouro. Mas tudo estava esfolado, partido. E o próprio homem parecia um mendigo: os cabelos, que lhe saíam em tufos sob o velho chapéu de lã negra, eram quase brancos, a barba, mal feita, invadia-lhe o rosto pálido e enrugado, de nariz proeminente. No entanto, permanecia muito direito e contemplava com sorriso arrogante o grupo de camponeses; era, apesar de tudo, juvenil e tinha aparência de grande senhor. Então o ódio inflamou-se contra aquele intruso indomável que se conservava de cabeça erguida depois de haver acumulado o desgosto, a vergonha e a miséria sobre quem os camponeses consideravam seus chefes.

No entanto, foi com serenidade que o primeiro respondeu a Erlend.

— Vejo que encontraste o teu filho. Suponho que já sabes não estarmos aqui reunidos para um banquete, e admiro-me que possas brincar com um assunto destes.

Erlend baixou os olhos para o pequeno, que dormia ainda, e a voz enterneceu-se-lhe.

— O meu filho está doente, conforme vedes. As notícias que me deu pareceram-me tão inverosímeis que fiquei na dúvida se ele não delirava. Parte do que contou deve ser loucura, é o que eu estou a ver...

Falando, Erlend olhava, de sobrancelhas franzidas, para a porta da estrebaria donde saíam Ulf Haldorsoen e dois homens, um dos quais era o cunhado; traziam alguns cavalos.

Ulf largou a rédea do animal e aproximou-se depressa de Erlend.

— Eis-te, enfim, Erlend, e eis o pequeno. Louvado seja Deus! A mãe não soube que ele desaparecera. Íamos agora à sua procura. O bispo deu-me liberdade condicional quando soube que a criança partira sòzinha para Vaage. Mas como está Lourenço? — perguntou com ansiedade.

— Graças a Deus, que encontraste o pequeno! — choramingou Jartrud aparecendo no pátio.

— Ah! Estás aqui, Jartrud! exclamou Erlend. — O meu primeiro trabalho será pôr-te na rua, a ti e à tua súcia. Antes de nada limparei a minha casa dessa caluniadora! Depois, todos os que espalharam mentiras a respeito de minha mulher, responderão por isso...

— Devagar, Erlend...—interveio Ulf Haldorsoen.—Jartrud é minha mulher legítima. Creio que nenhum de nós deseja retomar a vida em comum. Ela, porém, não sairá da minha casa antes de eu entregar a meus sogros os seus bens, o dote e os presentes de núpcias.

— Não sou eu o dono da casa? — perguntou Erlend, furioso.

— Pergunta a Cristina Lavransdatter, que aí vem — replicou Ulf.

Ela aparecera na galeria e descia lentamente a escada. Num gesto maquinal puxou a touca que lhe escorregara para a nuca e alisou as pregas do vestido domingueiro que conservava em si desde a véspera. Mas o rosto parecia de pedra.

Erlend impeliu o cavalo em direcção a Cristina, passo a passo; inclinado para a frente na sua montada, fitou com indizível angústia o semblante lívido e inanimado da mulher.

— Cristina — suplicou — minha Cristina! Venho para junto de ti!

Dir-se-ia que ela não via nem escutava. Lourenço acordou nesse instante e deixou-se deslizar para o chão. Logo que pousou os pés na erva do pátio caiu desmaiado.

Um tremor percorreu a fisionomia da mãe. Abaixou-se e levantou nos braços o rapaz, encostando-lhe a cabeça ao pescoço, como se fosse uma criancinha; mas as pernas compridas de Lourenço pendiam moles e inertes.

— Cristina, minha querida — implorou Erlend, desesperado — sei que venho muito tarde.

De novo, um tremor agitou as feições da mulher.

— Tarde de mais — disse ela com voz rude. Os olhos fixaram-se no filho que jazia desmaiado nos seus braços. — O nosso último filho já dorme debaixo da terra, e agora será a vez de Lourenço. Gaute está excomungado. E os outros irmãos... Ainda não destruímos tudo o que possuíamos, Erlend.

Afastou-se e atravessou o pátio, transportando o filho. O marido seguiu-a a cavalo.

— Cristina... Jesus! Que posso eu fazer por ti? Cristina, não queres que fique contigo?

— Não preciso que faças o que quer que seja por mim — disse ela no mesmo tom. — Por mim nada podes fazer, ou fiques aqui ou te atires ao Laage.

Os filhos de Erlend tinham vindo para a galeria do primeiro andar. Gaute desceu a escada a correr e quis deter Cristina.

— Mãe — suplicou ele.

Ela, porém, lançou-lhe um olhar profundo que o tornou perplexo.

Junto da escada do celeiro estava um grupo de camponeses.

— Afastai-vos! — ordenou a senhora, que queria passar com o seu precioso fardo.

Soten agitava, inquieto, a cabeça para a direita e para a esquerda, e caracolava. Erlend fê-lo dar meia volta e Kolbein

Jonsoen agarrou-lhe no freio. Cristina, que não vira bem o que sucedera, voltou-se e disse por cima do ombro:

— Larga o cavalo, Kolbein! Se ele quer partir, que vá...

Kolbein segurou-o com mais força e replicou:

— Não compreendes, Cristina, que é tempo de o chefe da família estar na sua casa? Tu, ao menos, devias compreender — ajuntou virando-se para Erlend.

Mas este bateu na mão do camponês e avançou o cavalo com tanta rudeza que o velho cambaleou. Acorreram dois homens; Erlend, entretanto, gritou:

— Ide-vos embora! Nada tendes a ver com a minha vida, e eu não sou um rústico: não me prenderão à terra como um boi no estábulo. Se não governo a quinta, também a quinta não me governa.

Cristina voltou-se para o marido e exclamou:

— Sim, vai-te! Vai-te para o diabo! Vai para o inferno aonde me levaste e para onde lançaste tudo o que tiveste nas tuas mãos!

O que se seguiu foi tão rápido que ninguém teve tempo de perceber e de impedir alguma coisa. Tore Borjhildsoen e outro homem agarraram no braço de Cristina:

— Cristina, não fales assim a teu marido!

Erlend impeliu o cavalo para eles.

— Ousais tocar em minha mulher! — disse brandindo o machado e assentando-o em Tore Borghildsoen. O golpe atingiu-lhe o meio das espáduas e lançou-o por terra. Erlend ergueu de novo o machado, mas, no momento em que se firmava nos estribos, alguém lhe enterrou uma espada na virilha. Era o filho de Tore Borghildsoen.

Soten empinou-se e agitou no ar as patas dianteiras. Erlend premiu com os joelhos os flancos do animal, debruçou-se para a frente, puxou as rédeas com a mão esquerda e tornou a erguer o machado. Mas, quase no mesmo instante, soltou-se dum dos estribos e o sangue correu pela perna esquerda. Algumas setas e dardos zuniram por cima dele. Ulf e os filhos de Erlend acudiram de achas na mão e espadas desembainhadas. Nesse momento um homem traspassou o flanco do animal que Erlend montava. *Soten*

tombou sobre os joelhos, soltando relinchos estridentes aos quais responderam outros cavalos da estrebaria.

Erlend levantou-se, auxiliado por Bjoergulf. Gaute acorreu e deu o braço ao pai.

— Acaba com ele! — disse o dono, olhando para o seu cavalo caído agora de lado, de pescoço estendido e com baba de sangue a escorrer-lhe da boca.

Ulf deu-lhe o golpe de misericórdia.

Os camponeses haviam-se desviado. Tore Borghildsoen foi transportado para casa do intendente, e um dos criados do bispo levou o camarada que estava ferido.

Cristina largara Lourenço, que voltara a si, e ambos se chegavam um para o outro. Ela não parecia haver compreendido o que acontecera, de tal forma tudo fora tão precipitado.

Os filhos quiseram conduzir Erlend para a casa maior, mas este protestou:

— Não quero ir para lá... não quero morrer no leito de Lourenço Bjorgulfsoen.

De súbito, foi como se Cristina acordasse: correu e abraçou-se ao marido. A rigidez do rosto desfazia-se sob as lágrimas, como o gelo se quebra em pedaços, a uma pedrada.

— Erlend! Erlend!

O marido inclinou a cabeça para a frente até encostar a face à da mulher, e assim permaneceu uns instantes.

— Ajudai-me a subir para a casa velha, meus filhos, disse ele. — Quero deitar-me lá.

À pressa, a mãe e os filhos arranjaram a cama e despiram o ferido. Cristina pensou os ferimentos. O sangue jorrava da virilha; o golpe duma flecha, no lado esquerdo do peito, sangrava também, mas não com muita abundância.

Erlend passou diversas vezes a mão pela cabeça da mulher.

— Não podes curar-me, minha Cristina!

Esta ergueu para o marido o olhar desesperado. Percorreu-a um calafrio. Lembrou-se de que Simão pronunciou as mesmas palavras, e tirou daí mau presságio.

Erlend encostava-se à pilha de almofadas, com a perna erguida

e dobrada para estancar a hemorragia. Cristina estava sentada a seu lado. Ele agarrou-lhe na mão:

— Recordas-te da primeira noite que passámos nesta cama, minha boa Cristina? Ignorava que já te pesava um desgosto causado por mim. Infelizmente, não foi o único que te acarretei...

Cristina pôs a mão do marido entre as suas. A pele dessa mão estava gretada. De redor das unhas estreitas e caneladas incrustara-se um círculo negro, e cada vinco das articulações se desenhava escuro. A mulher beijou os dedos de Erlend e regou-os com as suas lágrimas.

— Como os teus lábios são quentes! — disse ele com doçura. — Esperei, esperei-te tanto! O meu coração chamava por ti. Ia ceder e voltar para teu lado, quando soube... Pensei então, ao saber que ele morrera, quanto já era tarde...

Cristina respondeu, soluçante:

— Esperava ainda por ti, Erlend: julgava que viesses, ao menos uma vez, visitar a sepultura do menino...

— Não me receberias como amigo. E Deus sabe que tinhas razão para o fazer... Como estavas linda e terna, meu amor, murmurou fechando os olhos.

A mulher chorava perdidamente.

— Agora, só nos resta perdoar um ao outro, como convém a esposos cristãos... se é que podes — acrescentou ele.

—Erlend, Erlend! — Cristina inclinou o rosto lívido. — Não deves falar tanto, meu amor.

— Tenho de me apressar para dizer o que devo dizer — replicou o marido. — Onde está Naakkve? — perguntou, ansioso.

Responderam-lhe que na véspera à noite, logo que o rapaz soubera que o irmão partira sòzinho com rumo a Sundbu, selara um cavalo e partira também o mais velozmente possível. Devia estar aflitíssimo por não haver encontrado Lourenço. Erlend suspirou e passeou as mãos pelo cobertor de lã.

Os seis filhos aproximaram-se do leito.

— Não vos preparei um futuro fácil — disse o pai. Interrompeu-se para tossir uma ou duas vezes. Nos lábios apareceu-lhe espuma sangrenta que Cristina limpou com a ponta do lenço.

Erlend calou-se um instante e prosseguiu então: — Deveis perdoar-me, se vos é possível... E jamais esquecereis, filhos meus, que a vossa mãe lutou dia a dia durante os anos que vivemos juntos. Nunca houve entre nós desinteligências além daquelas de que fui causador, porque não pensava bastante no vosso bem. Ela amou-vos mais do que à própria vida.

— Nunca esqueceremos — disse Gaute chorando — que vós, pai, fostes o mais destemido dos homens e o mais valoroso chefe. Tínhamos orgulho em sermos vossos filhos, tanto quando a má sorte vos perseguiu como no tempo da prosperidade.

— Não sabes o que dizes — replicou Erlend com uma risadinha que acabou em tosse. — O que eu não quero é que provoques em tua mãe o desgosto de me perder: ela já sofreu bastante desde que me conheceu.

— Erlend, Erlend! — soluçou Cristina.

Um após outro, os filhos beijaram a mão e a face do pai e, banhados em lágrimas, foram sentar-se junto à parede. Gaute enlaçou com os braços os ombros de Munan e encostou-o a si; os gémeos permaneciam ao lado um do outro. Erlend pousou de novo a mão na de Cristina. Aquela mão estava fria. Ela puxou-lhe os cobertores até ao queixo, mas conservou a mão sob a roupa.

— Erlend — disse a mulher a chorar — que Deus nos tenha na Sua santa graça. Temos de mandar buscar um padre.

— Sim — respondeu ele com voz débil. — É preciso que alguém vá aos Dofrines chamar o pároco Sira Guttorm.

— Erlend, ele não chegará a tempo — retorquiu Cristina com um calafrio.

— Chegará, sim — ripostou Erlend. — Se Deus me quiser fazer essa graça, pois não posso receber o derradeiro sacramento da mão desse padre que espalhou infâmias a teu respeito.

— Erlend, por amor de Deus, não fales assim.

Ulf Haldorsoen aproximou-se e inclinou-se para o moribundo.

— Irei eu aos Dofrines, Erlend.

— Lembras-te, Ulf — disse Erlend com voz cada vez mais fraca e mais hesitante — do tempo em que deixámos Hoestnaes, tu e eu? — Riu de novo. — Prometi que seria para ti fiel aliado.

Sabe Deus, amigo, que na maior parte das vezes foste tu e não eu quem deu prova de fidelidade, Ulf. Quero dizer-te... obrigado... amigo e parente.

Ulf debruçou-se e beijou os lábios ensanguentados do outro.

— Obrigado a ti, Erlend Nikulaussoen.

Acendeu uma vela, colocou-a perto da cabeceira do moribundo e saiu.

As pálpebras de Erlend tornaram a descer. Cristina não despregava os olhos do seu rosto pálido; de quando em quando acariciava-o docemente. Via que o fim se aproximava.

— Erlend — suplicou ela em voz baixa — Erlend, por amor de Jesus, consente que chamemos Sira Solmund. Deus é sempre Deus, seja qual for o padre que o traga.

— Não! — O marido ergueu-se tão bruscamente do leito que a roupa da cama escorregou e lhe descobriu o corpo nu e amarelo. Os pensos do peito e da virilha tingiram-se de novas manchas vermelhas pelo sangue que brotou. — Sou um pecador... Que Deus, pela Sua infinita graça, tenha misericórdia de mim, segundo a Sua vontade, mas sinto que... — Erlend recaiu nas almofadas e prosseguiu com voz débil: — ...não viverei o tempo necessário para me tornar bastante velho... e bastante piedoso... para poder suportar na minha casa a presença de quem inventou mentiras a teu respeito.

— Erlend, Erlend, pensa na tua alma!

O marido agitou febrilmente a cabeça nas almofadas. As pálpebras haviam-se tornado a fechar.

— Erlend! — Ela juntou as mãos e exclamou no cúmulo do desespero: — Erlend, não compreendes que a maneira como procedeste para comigo tornou a calúnia inevitável?

O homem reabriu os seus grandes olhos. Os lábios estavam exangues, mas passou-lhe pelo semblante alquebrado um reflexo do seu juvenil sorriso.

— Beija-me, Cristina — murmurou. Transpareceu-lhe na voz um eco do antigo riso. — Houve, creio eu, entre ti e mim, muitas coisas que.., não eram a fé cristã e a união conjugal... para que possamos perdoar-nos mùtuamente como esposos cristãos.

Chamou-o ela pelo nome, gritou o seu nome; ele, porém, ficou de olhos fechados, pálido até aos cabelos brancos como uma árvore recentemente descascada. Algumas gotas de sangue lhe apareciam nas comissuras dos lábios; Cristina limpou-as e implorou-o em voz baixa. Quando ela se mexia, sentia o vestido teso e embebido do sangue que correra quando ajudara o marido a entrar e a deitar-se na cama. De vez em quando elevava-se do peito de Erlend um leve gorgolejo; parecia respirar com dificuldade; porém nada mais ouviu, de nada mais teve consciência, enquanto, sem agitação mas inexoràvelmente, penetrava no frio da morte.

Abriu-se a porta do quarto com um empurrão brusco e Naakkve entrou a correr; atirou-se de joelhos ao lado da cama e agarrou na mão do pai, chamando-o com desespero.

Vinha acompanhado dum indivíduo alto e corpulento, vestido com capa de viagem. A nova personagem inclinou-se diante de Cristina:

— Se eu soubera, minha parente, que tínheis necessidade do apoio dos vossos amigos...

Interrompeu-se ao ver que Erlend agonizava, persignou-se e retirou-se para o canto mais afastado. Depois, em voz baixa, o cavaleiro de Sundbu começou a recitar a oração dos moribundos; Cristina, porém, não pareceu ter notado a chegada do senhor Sigurd.

Naakkve, de joelhos, debruçava-se para o leito.

— Pai, pai! Já não me reconheceis, pai!

Encostou a cara na mão de Erlend, que a mãe segurava; as lágrimas e os beijos do moço choviam nas mãos unidas dos pais.

Cristina afastou a cabeça do filho, como se despertasse um pouco.

— Estás a incomodar-nos — disse ela impaciente — vai-te embora!

Naakkve, ainda de joelhos, ergueu o busto.

— Ir-me embora? Oh! mãe...

— Sim, sim. Senta-te ao lado dos teus irmãos.

Naakkve levantou a cara, banhada de lágrimas e crispada pela dor e pelo desespero; mas os olhos da mãe nada viam. Então, foi

ele para o banco onde já se encontravam os seis irmãos. Cristina não deu fé da ausência do filho. Ferozmente, fixava o rosto de Erlend, que, duma brancura de neve, brilhava à luz das velas.

Pouco depois, a porta tornava a abrir-se. Com círios e ao telintar de campainhas de prata, entraram diáconos atrás do bispo Halvard. Ulf Haldorsoen era o último da comitiva. Os filhos de Erlend e Sigurd ajoelharam diante da Hóstia Sagrada. Mas Cristina limitou-se a erguer a cabeça; voltou um instante os olhos cheios de lágrimas para os recém-vindos, sem nada ver, e deitou-se, como antes, por cima do cadáver de Erlend.

TERCEIRA PARTE

A CRUZ

I

«TODAS as chamas acabam por se apagar». Houve um dia em que estas palavras de Simão Darre ressoaram no coração de Cristina.

Era no Verão, quatro anos depois da morte de Erlend Nikulaussoen. De todos os filhos de Cristina, apenas Gaute e Lourenço estavam em casa com a mãe.

Dois anos antes, ardera a velha forja, e Gaute construíra outra do lado da estrada real. A antiga elevava-se ao sul da casa, perto do rio, entre a colina de Joerundgaard e montões de pedras provenientes de esboroamentos sucessivos em tempos passados.

Quase sempre, na época das cheias, a água subia até à forja velha.

Já nada restava dela. Sòmente as duas lajes da porta indicavam ainda onde era a entrada, e podia-se reconhecer o lugar da fornalha. Uma relva fina, verde e macia, crescia agora na camada negra do carvão.

Cristina Lavransdatter semeara linho, nesse ano, nas proximidades da velha forja, porque Gaute decidira fazer trigais dos campos mais chegados, onde, desde tempos remotos, as senhoras de Joerundgaard semeavam o seu linho e tinham a sua horta.

Na quinta-feira, à tarde, trouxera cerveja e viandas ao caseiro da colina. Nas noites claras de Verão, a lareira isolada no prado tomava o aspecto dum altar pagão doutras eras, destacando-se da erva verde, cinzento e manchado de fuligem. Durante a canícula, ia Cristina, de cesto enfiado no braço, colher framboesas, no pino do dia, ou dessas folhas de que se fazem boas tisanas contra a febre. As últimas notas do carrilhão do meio-dia, em honra da Mãe de Deus, perdiam-se no ar saturado de claridade.

Toda a terra parecia preparar-se para o descanso sob a luz ardente do Sol.

Desde a aurora molhada de orvalho que se ouvia o cantar das foices nos prados floridos, o som do ferro contra o ferro, e os das vozes que chamavam de perto ou de longe. Agora, a actividade humana calava-se: era a hora da sesta.

Cristina escutava, sentada na vertente pedregosa. Nada se ouvia além do murmúrio do rio e do sussurro da folhagem ao sopro da viração.

Por cima dos prados zuniam moscas em surdina, e algures, muito distante, telintava o chocalho duma vaca. Vinha um pássaro, em voo rápido e silencioso, ao longo dos ulmeiros; elevava-se outro e descia com pios agudos para um tufo de cardos.

O vento empurrava nuvens azuladas por cima das serras, nuvens de bom tempo, que surgiam de trás das montanhas e se diluíam no céu estival.

Brilho trémulo do Laage além das árvores, centelhas que o sol produzia entre a folhagem... Não existia, ali, mais do que uma sensação visual, a própria voz do silêncio perceptível ao ouvido da alma?

Com o lenço puxado para a testa, a abrigá-la do sol, Cristina observava o jogo de luz e de sombras que se estendiam pelo vale.

«Todas as chamas acabam por se apagar!» No bosque de amieiros, ao longe da margem pantanosa, luziam charcos entre os vimieiros. Havia aqui juncos, espadanas e cíperos, mas o que mais abundava era o quinquefólio, que desenrolava o seu espesso tapete verde e vermelho de folhas e flores. Cristina apanhara um grande braçado. Durante muito tempo pensara que essa planta continha alguma virtude. Secara-a, fervera-a, juntara-a à cerveja e ao hidromel. Mas não, nada se podia extrair dela.

Apesar de tudo, Cristina não resistia a molhar os sapatos no pântano para ir colher quinquefólio.

Arancava as folhas dos caules e entrançava grinaldas com os escuros capítulos floridos. A sua cor lembrava o vinho tinto e o louro hidromel.

Sob os estames rubros ressumava uma humidade viscosa. Às

vezes, Cristina fazia uma coroa para a estátua da Virgem que estava na sala da casa. Era um costume dos países do Sul, dissera o pároco, que já lá tinha ido. Aqui, no vale, os moços não usavam pôr grinaldas na cabeça quando iam dançar.

Em Trondhjem, os homens das hostes do rei tinham introduzido esse hábito. Cristina pensava que uma coroa assim, cor de púrpura, iria tão bem ao rosto claro de Gaute e aos seus cabelos louros, ou à cabeleira castanha de Lourenço!

Decorrera uma eternidade desde o tempo em que ele ia, com os rapazinhos e a ama, para o cerrado de Husaby, nos dias bonitos de Verão. Nem mesmo conseguia, com a ajuda de Frida, fazer com suficiente rapidez grinaldas para os filhos impacientes. Cristina recordava-se de que, nessa época, ainda amamentava Lourenço; Ivar e Skule declaravam que também era precisa uma coroa para o nené, — mas com flores muito pequeninas, ajuntavam os gémeos, que tinham então quatro anos.

Os filhos de Cristina já não eram crianças. Lourenço, o mais novo, ia fazer dezasseis anos. No entanto, não se podia considerá-lo homem! A pouco e pouco, ela compreendera que o conhecia menos do que aos outros. Não se afastava da mãe, como Bjoergulf, nem era retraído, propositadamente calado, como o cego. Mas talvez ainda fosse mais silencioso por natureza. Quando todos os irmãos estavam em casa, ninguém reparava nos seus silêncios. Tinha ar saudável. Toda a gente gostava desse lindo rapazinho sorridente, sem ver que Lourenço se conservava na maior parte do tempo sòzinho e calado.

Em Joerundgaard, achavam-no o mais belo dos filhos de Cristina. Para a mãe, aquele em que ela pensasse era nesse momento o mais formoso, o que a não impedia de notar que a beleza de Lourenço tinha qualquer coisa de luminosa.

Os cabelos castanhos claros e as faces de maçã camoesa pareciam dourados pelo sol; semeados de pontinhos de ouro os seus olhos grandes e cinzentos. Assemelhava-se imensamente a Cristina. Tinha como ela a pele clara, um pouco tisnada. Alto e forte para a sua idade, mostrava-se trabalhador e habilidoso nas tarefas que lhe confiavam; era submisso à mãe e aos irmãos, alegre,

amável e acomodatício, mas tão cismador! Nas noites de Inverno, quando as pessoas da casa, reunidas na sala de tecelagem, gracejavam e palravam enquanto iam trabalhando, Lourenço ficava a sonhar.

No Verão, terminado o dia de labuta na quinta, Cristina instalava-se perto do filho, que, deitado na erva, chupava resina ou mordiscava um caule de azedeira.

A mãe fitava os olhos dele enquanto lhe falava. Dir-se-ia que o rapaz estava ausente. Depois, sorria a Cristina e respondia-lhe com precisão e inteligência. Às vezes, acontecia demorarem-se a conversar como bons amigos, sentados, durante horas, ao lado um do outro.

Mas, logo que ela se levantava para entrar em casa, os pensamentos de Lourenço recomeçavam a deambular pelo espaço.

Cristina não chegava a perceber em que podia o rapaz reflectir tão profundamente.

Era hábil nos exercícios físicos e no manejo das armas; entregava-se, todavia, a isso com menos ardor do que os irmãos. Nunca tomava a iniciativa de ir caçar sòzinho, mas parecia contente quando Gaute o convidava a acompanhá-lo à caça.

Até então dir-se-ia não ver que as mulheres faziam olhos doces ao belo adolescente que ele era.

Não tinha predilecção pela ciência dos livros, e a resolução dos irmãos mais velhos, de se retirarem para um convento, não havia, na aparência, impressionando o mais novo.

Cristina não via que ele tivesse outros projectos senão o de ficar sempre em casa a ajudar Gaute nos trabalhos da quinta. Às vezes pensava que Lourenço se parecia com o pai, no ar estranho e ausente. Mas as horas silenciosas de Erlend eram alternadas com horas de doida exuberância, e o rapazinho nada possuía do carácter violento e impetuoso do pai. Nem este se tinha mostrado tão alheio ao que se passava em sua volta.

Sim, Lourenço era actualmente o mais novo. Havia muito tempo que Munan jazia debaixo da terra, ao lado do pai e do irmãozinho. Finara-se no princípio da Primavera, no ano seguinte ao assassínio de Erlend.

Depois da morte do marido, a viúva ficara como se nada visse nem ouvisse. Mais do que sofrimento, sentia-se gelada de corpo e alma, sem energia. Era como se nela sangrasse até morrer a ferida que matara Erlend.

Tivera ele nas suas mãos toda a vida de Cristina desde aquela hora, pesada de tempestade, em que na granja de Skogen ela se abandonara pela primeira vez a Erlend Nikulaussoen.

Era, então, nova e inexperiente, sem compreender nada do que fazia, mas tentando, apesar de tudo, dissimular. Quereria chorar, mas sorria porque pensava oferecer ao seu amado o dom mais precioso! Que esse dom fosse precioso ou não, entregara-se a Erlend, inteiramente e para sempre!

A sua virgindade, que Deus na Sua clemência adornara de beleza e saúde quando a fizera crescer na honra e segurança da casa familiar onde o pai e a mãe exerciam a mais branda severidade, arremessara-a Cristina para os braços de Erlend. E desde então ficara presa nesses braços.

Frequentes vezes, no decurso dos anos que se seguiram, revoltara-se ìntimamente contra as provas de amor do marido, curvando-se, submissa, à vontade do esposo, enquanto se sentia prestes a morrer de lassidão...

Pensara com uma espécie de alegria feroz, ao contemplar o lindo rosto de Erlend e o seu belo corpo vigoroso, que já ninguém tinha o poder de lhe esconder os defeitos do marido. E ele, sempre formoso e juvenil, cobria-a de carícias tão ardentes como no tempo em que ela era também nova e bela! Cristina, no entanto, envelhecera, amadurecera, e essa ideia embriagava-a de orgulho vitorioso.

É fácil permanecer moço quem nada quer saber, quem é incapaz de satisfazer as exigências da vida, quem não luta por subjugar as circunstâncias à sua vontade decidida!

E, contudo, até ao receber os beijos dele nos seus lábios fechados e rígidos, mesmo quando se desviava do marido para só pensar no rude combate pelo futuro dos filhos, entregava-se-lhe com ardor igual ao que outrora lhe ateava no sangue.

Julgava às vezes que os anos a haviam tornado fria, por o

coração já se lhe não aquecer quando via brilhar nos olhos de Erlend o clarão dos dias passados, ou quando a voz do marido tomava essas entoações profundas que a obrigavam a abandonar-se, sem força e sem vontade, aniquilada pela felicidade como nos primeiros tempos do seu amor.

Como antigamente necessitava da presença de Erlend para a compensar da tristeza da separação, necessitava agora, em silêncio, mas com toda a sua alma, atingir o fim a que se propunha. Queria quando fosse velhinha de cabelos brancos, ver todos os filhos estabelecidos, felizes e em segurança.

Era, actualmente, pelos filhos de Erlend que ela conhecia as dores da expectativa e da incerteza.

Ardia num desejo, que se parecia com a fome e a sede, de ver os seus descendentes vencerem!

Da mesma forma que se dera a Erlend, dava-se depois a esse mundo que nascera da sua união. Aceitava boamente qualquer esforço que a vida lhe exigisse, oferecia-se para todo o trabalho que pudesse assegurar a prosperidade de Erlend e dos filhos.

Insensìvelmente, não separava o marido de nenhum dos seus actos: ausente ou não, estava com ela: em Husaby, quando, ajudada pelo capelão, tentava decifrar os papéis de Erlend, ou quando dava ordens aos trabalhadores e aos moços da quinta, ou se ocupava com as criadas na cozinha, ou quando, sentada no jardim, nos belos dias de Verão, se entretinha com as crianças. Se a sua cólera explodia contra o marido pelo facto de alguma coisa andar fora do seu lugar ou de os filhos lhe desobedecerem, isso só lhe dizia respeito, porque Erlend era para ela a pura fonte de alegria, até mesmo a que a mulher experimentava quando recolhiam o feno bastante seco, ou se a colheita era boa, ou se os novilhos se desenvolviam bem, ou se escutava os pequenos choramingando e rindo no pátio.

Se acabava de fazer fatos pomposos para os filhos, contente com o seu minucioso e perfeito trabalho de Inverno, era sempre a certeza de pertencer a Erlend que lhe flamejava no coração.

O marido é que se mostrava cansado naquelas tardes de Primavera quando ela regressava do rio com as criadas, onde haviam

estado a lavar a lã da última tosquia. Cristina vinha com os rins a doer por esse trabalho, negra de suarda até aos cabelos, cheirando a gordura de carneiro e com a impressão de que nunca conseguiria ficar limpa...

E, agora que Erlend desaparecera, a viúva já não encontrava motivo para a actividade incansável da sua vida. Fora a ele que haviam derribado, e ela ia morrer como uma árvore cujas raízes estão cortadas.

Os rebentos germinados nela podiam desenvolver-se sòzinhos daí por diante e decidir a sua própria sorte.

Atravessou então um pensamento o espírito de Cristina. Por que não encarara ela assim as coisas quando Erlend ainda era vivo?

Apresentavam-se-lhe imagens fugitivas duma existência com o marido no seu domínio da montanha: ambos, rejuvenescidos, e o menino a meio deles. Mas Cristina não sentia arrependimento nem mágoa. Não poderia separar o seu destino do dos filhos. A morte, entretanto, cedo os ia separar, porque sem Erlend ela já não tinha forças de viver. Tudo o que acontecera, tudo o que aconteceria ainda, estava escrito.

Os cabelos de Cristina iam embranquecendo, a pele perdia o viço, ela já não se ataviava, e limitava-se a vestir-se decentemente. De noite, pensava em Erlend, de dia, andava como em sonho, sem falar a ninguém quando a não interrogavam, não parecendo ouvir quando os filhos lhe dirigiam a palavra.

Aquela mulher activa, que de tudo se ocupava, já não tocava em trabalho nenhum. O amor inspirara-lhe a actividade material. Erlend não lhe ficara grato por isso: não era assim que queria ser amado.

Ela, porém, não podia fazer doutra maneira. Era seu feitio amar com tal ardor e dedicação.

Parecia caminhar para a sepultura. Foi então que uma epidemia se espalhou pela região e que os filhos de Cristina caíram enfermos.

A doença era mais perigosa para os adultos do que para as crianças. Ivar adoeceu tão gravemente que ninguém esperava a

sua cura. No delírio, o rapaz gritava que queria levantar-se e pegar nas armas. Sem dúvida pensava na morte do pai.

Naakkve e Bjoergulf a custo o retinham no leito. A seguir, Bjoergulf e Lourenço caíram também de cama; este último, com o rosto alterado, olhos mortiços, entre as fendas estreitas das pálpebras, parecia consumido de febre.

A mãe velava todos três. Naakkve e Gaute haviam sido atacados, em pequenos, da mesma doença, mas, em Skule, ela era muito menos grave. Frida tratava dele, assim como de Munan, na sala do rés-do-chão. Ninguém julgava Munan em perigo; contudo, nunca fora robusto, e certa noite, quando o imaginavam quase restabelecido, o rapazinho teve uma síncope. Frida chamou pela mãe. Cristina acorreu e, pouco depois, Munan exalava o último suspiro nos braços dela.

A morte do filho tirou Cristina da sua apatia. Quando o outro pequeno morrera, o seu desespero fora como que molhado do sangue da destruição de todos os sonhos de felicidade. A tormenta que lhe consumia o coração susteve-a, de alguma forma, nesse momento.

As excessivas provações que haviam terminado pelo desaparecimento de Erlend deixaram na alma de Cristina terrível lassidão. Tinha a certeza de morrer de saudades, e essa certeza atenuava-lhe a dor. Sentia as sombras aumentarem de redor, enquanto esperava que a porta se abrisse também para ela.

Junto do corpo sem vida de Munan, a mãe despertou e chorou.

Era o seu *menino*, o último que ainda podia acarinhar, de quem podia rir quando devia ser severa e repreendê-lo pelas suas insignificantes culpas e estouvamentos.

Era tão terno para a mãe, amava-a tanto! Sentia-se ferida na sua carne. Não estava, pois, prestes a morrer! A morte não podia receber uma mulher que instilada o seu próprio sangue em tantos corações juvenis!

Cristina, no seu lúcido desespero, ia da criança deitada no seu leito mortuário para os outros filhos doentes. Haviam deposto Munan na mesma sala onde estivera o cadáver de Erlend e

do pequenito — três mortos em Joerundgaard em menos dum ano. Com o coração devorado pela angústia, mas silenciosa e rígida, Cristina esperava que a morte lhe levasse mais outro, e esperava isso como um acontecimento inevitável.

Até aí não apreciara devidamente a graça que Deus lhe fizera concedendo-lhe tantos filhos.

E, o que era mais grave, pensara muito nos tormentos, no sofrimento, na inquietação, na luta...

Contudo, aprendera à sua custa, dia após dia — pela mágoa quando um filho lhe fugia dos braços, pela alegria quando um nené se lhe agarrava ao seio. Então, como a felicidade ultrapassava a pena e a dor! Lastimara que Erlend se preocupasse tão pouco com o futuro da sua raça. Cristina esquecia que assim procedera quando enfrentara o mandamento de Deus e espezinhara a honra da família para seguir o seu amado.

E, agora, ele estava longe, e os filhos iam morrer um a um!

Talvez acabasse por ficar sòzinha — mãe sem filhos.

Havia muitas outras coisas que notara sem reflectir no tempo em que via o mundo através do véu do seu amor por Erlend.

Percebera que Naakkve tomava a sério o seu papel de chefe dos irmãos. Vira também que ele gostava imenso de Munan. Todavia, foi inesperada para a mãe a dor que o rapaz mostrou quando da morte daquele.

Entretanto, os outros doentes iam-se restabelecendo, embora lentamente. No domingo de Páscoa, Cristina foi à missa com quatro dos filhos; Bjoergulf estava ainda de cama e Ivar continuava muito fraco para poder sair de casa.

Lourenço crescera muito durante a doença, e os acontecimentos dos últimos meses deram-lhe uma ponderação superior à sua idade.

Cristina sentia-se velha. Para ela, uma mulher só era nova enquanto tivesse filhos pequeninos que dormissem no colo dela, que brincassem à sua volta e reclamassem os cuidados maternos de hora a hora. Quando os pequenos crescem e se afastam da mãe, esta é já uma velha.

Jammaelt Halvardsoen, seu cunhado, dizia que os filhos de Erlend eram ainda garotos; e Cristina nem chegara aos quarenta anos. Devia tornar a casar, precisava dum homem que a ajudasse a explorar a quinta e a educar os rapazes mais novos. Jammaelt citara à cunhada diversos indivíduos de consideração que, no seu parecer, seriam bons partidos para ela. Cristina poderia ir a Aelin no Outono, ele arranjaria maneira de os apresentar e depois falariam mais pormenorizadamente de tudo isso.

Cristina esboçara um pálido sorriso. Sim, de facto, não fizera ainda quarenta anos! Se aludissem a outra mulher, viúva tão cedo e com um rancho de filhos, diria como Jammaelt: «E' preciso que se case e procure o apoio dum novo marido. Pode ter ainda numerosa descendência». Ela, porém, não queria tornar a casar.

Pouco depois da Páscoa, Jammaelt de Aelin chegou a Joerudgaard. Era a segunda vez que Cristina via este seu cunhado. Nem ela nem os filhos haviam assistido aos esponsais em Dyfrin nem às bodas em Aelin.

As duas cerimónias haviam-se sucedido, com pequeno intervalo, na Primavera do ano em que ela esperava o último filho.

Logo que Jammaelt soubera do assassínio de Erlend Nikulaussoen, apressara-se a vir a Sil. Procurou por todos os meios valer à cunhada e aos sobrinhos da mulher. Fez o possível para regularizar os negócios mais urgentes que Erlend tivera entre mãos, e ele mesmo se encarregou da acção contra os assassinos, visto nenhum dos filhos de Cristina ser maior.

Mas, nessa altura, ela nada via do que decorria à sua volta. O próprio julgamento que condenou Gulmund Toressoen como assassino de Erlend, Cristina aceitou-o indiferente.

À segunda visita de Jammaelt, Cristina conversou mais com ele. Era homem simpático. Contemporâneo de Simão Darre, passara a idade juvenil; parecia ponderado e calmo, nada feio, mas um tanto curvado.

Gaute e ele tornaram-se bons amigos logo de entrada. Naakkve e Bjoergulf, depois da morte do pai, tinham-se aproximado ainda mais um do outro e faziam grupo à parte. Ivar e Skule declararam à mãe que Jammaelt lhes agradava, mas acrescentaram:

— Ramborg podia fazer a Simão a honra de ficar viúva mais tempo. Este marido não vale o outro.

Os dois rapazes conservavam de Simão afectuosa lembrança. O tio soubera dirigir, com gracejos ou severo, aqueles indisciplinados, que não toleravam a menor reprimenda dos pais sem lançarem olhares furiosos ou cerrarem os punhos.

Enquanto Jammaelt esteve em Joerundgaard, Munan Baardsoen veio também visitar Cristina. Em que se tornara o cavaleiro, outrora considerado forte e imponente?... Usava então com dignidade o seu corpo maciço, o que o fazia parecer mais alto do que realmente era. Agora, a gota torcia-lhe os membros, e a pele flácida enrugava-se-lhe no corpo emagrecido. Estava calvo e só se lhe viam umas tristes farripas brancas em redor do crânio.

Noutros tempos, a barba negra e espessa enquadrava-lhe o rosto carnudo; mas, hoje, cresciam-lhe pêlos brancos em todas as pregas moles do queixo e do pescoço, onde dificilmente Munan Baardsoen passava a navalha. Era agora um velho remeloso, que se babava um tanto e que sofria do estômago. O filho, Inge, a quem chamavam Fluga por causa da mãe, vinha com ele. Fluga era homem já de certa idade. Munan Baardsoen arranjara-lhe casamento rico e conseguira-lhe o apoio do bispo Halvard. Munan fora marido da prima do bispo, e Monsenhor Halvard mostrava-se pronto a auxiliar Inge.

Havia concedido ao prelado o cargo de senescal em Hedemarken, e ele nomeara Inge Munansoen seu mandatário, de sorte que este possuía actualmente grande quantidade de terras em Skaun e em Ridabu. A mãe acabara também de adquirir uma propriedade nessas paragens; tornara-se piedosa e caritativa, e jurara levar vida pura até à morte. «Não está decrépita nem senil!», afirmou Munan Baardsoen ao ver o sorriso de Cristina. Queria decidir Brynhild a vir governar-lhe a casa de Hamar, mas a mulher recusara...

— Tenho tão poucas alegrias na minha velhice — observou Munan. — Os teus filhos não são pessoas pacíficas; discutem e batem uns nos outros.

O cavaleiro Baardsoen tivera a filha mais nova duma amante

quando já estava casado; não podia, pois, deixar-lhe nenhuns bens. Ela roubava o pai o mais possível. Era pior do que os irmãos. Depois de viúva morava no domínio de Skogheim, património de Munan.

Este tinha dela um medo terrível, mas, quando tentava instalar-se em casa de algum dos filhos, era assaltado por queixas acerca da avareza e da indignidade do resto da família.

Achava-se mais feliz quando estava com uma filha legítima, freira em Gimsoey, e gostava de passar, de vez em quando, uns tempos no hospício do convento, procurando purificar a sua alma com penitências e orações sob a direcção da filha. Infelizmente, não ousava demorar-se muito tempo em Gimsoey.

Cristina não tinha a certeza de serem os descendentes de Brynhild mais amigos do pai do que os outros irmãos, mas Munan Baardsoen preferia-os a todos os outros filhos.

Por muito lastimável que fosse esse parente de Cristina, foi contudo na companhia dele que a dor rígida da viúva pareceu ceder um pouco pela primeira vez.

O cavaleiro Munan falava de Erlend, de manhã à noite; quando não gemia pelos infortúnios pessoais, evocava o defunto sobrinho e exaltava as proezas de Erlend, sobretudo as da sua mocidade desvairada. Que fogosa temeridade quando, tão moço, fugira para correr o Mundo! E a senhora Magnhild a lamentar-se em Husaby por causa do pai de Erlend, e o pai a lamentar-se por causa do primogénito! Munan Baardsoen divagava até falar de Hestnaes e do religioso e sensato cavaleiro Baard, pai adoptivo de Erlend.

A tagarelice de Munan era, na aparência, estranha consolação para a viúva dolorosa. Mas, à sua maneira, esse homem estimara o sobrinho, sempre vira em Erlend a mais notável beleza e inteligência... «o que não sabia era servir-se delas», acrescentava o velho.

Cristina dizia consigo que a entrada de Erlend, com a idade de dezasseis anos, nas hostes do rei, sob a vigilância daquele parente, não lhe fora nada favorável; mas não podia deixar de sorrir, enquanto Munan palrava com a saliva ao canto da boca

e pestanejando os olhos lacrimosos. Ela sorria docemente, ternamente, na radiosa alegria de reviver a adolescência de Erlend. Nessa época ele ainda não se comprometera para sempre na aventura de Eline Ormsdatter...

Jammaelt, que conversava a sério com Gaute e Naakkve, observava a cunhada com admiração.

A viúva instalara-se no banco com aquele velho tão feio e com Ulf Haldorsoen, que, na opinião de Jammaelt, tinha um ar sinistro. E Cristina sorria enquanto os escutava e lhes deitava bebida no copo. Jammaelt não lhe vira ainda aquele sorriso que a tornava tão juvenil.

Jammaelt julgava impossível a permanência dos seis filhos na quinta da mãe. Não se podia esperar que um homem rico e de nascimento igual ao de Erlend quisesse dar uma parente sua a Nikulaus se os cinco irmãos vivessem com ele e, uma vez casados também, se alimentassem dos produtos do domínio.

Era, no entanto, necessário arranjar noiva àquele rapaz, dizia Jammaelt. Já tinha vinte anos e parecia enérgico.

Eis a razão pela qual Jammaelt tencionava levar consigo Ivar e Skule quando regressasse à sua terra. Encontraria forma de lhes assegurar o futuro.

Depois da morte de Erlend, as grandes personagens do país lembravam-se de que o defunto era de estirpe igual à sua; e, se não fora a má sorte, seria chefe, destemido e valoroso, de muitos deles.

Mostraram rigor contra quem havia tomado parte no assassínio de Erlend.

Jammaelt contou que muita gente se informava dos filhos de Cristina.

Encontrara pelo Natal os senhores de Sudrheim, que lhe tinham dito serem parentes dos rapazes. Jon pedira-lhe que transmitisse os seus cumprimentos a Cristina e lhe participasse que receberia como família os filhos de Erlend Nikulaussoen se algum deles quisesse trabalhar na sua casa de Sudrheim.

Jon Haftorsoen ia casar com Eline, filha mais velha de Erling Vidkunsoen, e a noiva perguntara se os filhos se pareciam com

Erlend — recordava-se de este visitar Bjoergvin, quando ela era pequena, e de lhe parecer o mais formoso dos homens. O irmão da rapariga, Bjarne Erlingsoen, prontificara-se também a ajudar os filhos de Erlend.

Cristina contemplava os seus dois gémeos enquanto Jammaelt ia conversando. Cada vez mais se pareciam com o pai — os mesmos cabelos negros como carvão, levemente ondulados na testa e na nuca, o mesmo rosto estreito de nariz proeminente, a mesma boca finamente desenhada. Mas possuíam queixo mais curto e mais largo, e os olhos eram mais escuros do que os de Erlend. E precisamente o que tornava Erlend de tão singular beleza — pensava a mulher — era quando, no semblante moreno e sob os cabelos negros, se erguia, inesperado, o seu olhar azul e límpido.

Os olhos dos gémeos brilhavam com sombrio fulgor quando Skule respondeu ao tio, em nome dos dois:

—Agradecemos a vossa proposta, mas já falámos a Munan e a Inge e aconselhámo-nos com nossos irmãos; está tudo combinado com os nossos parentes mais chegados; acompanharemos Inge e tencionamos ficar este Verão no domínio que lhe pertence e onde talvez nos demoraremos.

Na mesma noite os dois filhos foram conferenciar com a mãe ao quarto onde esta se deitara.

— Deveis compreender-nos — disse Ivar Erlendsoen.

— Não mendigaremos a amizade e o auxílio daqueles que ficaram mudos perante a injustiça feita a nosso pai — ajuntou Skule.

Cristina aprovou com a cabeça.

Os filhos tinham razão. Jammaelt era sensato, leal e bem intencionado na sua proposta, mas a mãe sentia-se contente em ver os rapazes fiéis à memória do pai, se bem que nunca imaginasse outrora que os seus filhos fossem servir um descendente de Brynhild Fluga.

Os dois gémeos partiram com Inge Fluga logo que Ivar pareceu suficientemente forte para montar a cavalo. A casa ficou silenciosa sem eles. Cristina reflectia que no ano anterior estava

na sala de tecelagem, deitada ao lado do recém-nascido... Seria um sonho? Tão pouco tempo antes, ainda se sentia nova; todos os desejos e penas duma mulher jovem lhe faziam o coração bater de esperança, de ódio e de amor.

E eis que o seu rancho se reduzia a quatro filhos. Já ela não se agitava senão com a ansiedade que sentia pelos rapazes crescidos. No silêncio que se seguiu à partida dos gémeos, a angústia que lhe inspirava o estado de Bjoergulf ateou-se-lhe com viva chama.

Enquanto houvera hóspedes em Joerundgaard, instalara-se ele com Naakkve na antiga sala de Inverno. De dia, levantava-se da cama, mas ainda não saíra de casa. Cristina reparava, com receio inconfessado, que Bjoergulf ficava sempre sentado no mesmo lugar, quase sem se mover.

Sabia que o estado dos olhos dele havia piorado depois da última doença. Naakkve não falava muito, mas mostrava-se taciturno desde a morte do pai e parecia evitar a mãe.

Certo dia Cristina encheu-se de coragem e interrogou Naakkve acerca da vista de Bjoergulf. As respostas foram evasivas a princípio, mas o rapaz acabou por dizer a verdade à mãe:

— Ainda consegue distinguir uma luz muito forte!

Naakkve empalidecera ao falar e, logo a seguir, desviou-se e saiu do quarto.

Pelo dia adiante, depois de Cristina esgotar as lágrimas, pensou que seria uma consolação falar com serenidade a Bjoergulf, e foi, então, ao quarto deste.

O filho estava na cama. Logo que a mãe se aproximou, viu, pela expressão do rapaz, que ele já sabia da sua conversa com Naakkve.

— Mãe, não vos aflijais — disse, inquieto.

Cristina quereria abraçá-lo, chorar e gemer pela crueldade do destino. Todavia, contentou-se em pegar-lhe na mão.

— Dura provação a que Deus te dá, meu filho — exclamou com voz rouca.

Modificou-se a expressão do semblante de Bjoergulf; tor-

nou-se firme e resoluta. Mas teve de esperar um momento antes de responder:

— Já há muito tempo que eu sabia dever suportar isto. Enquanto estivemos em Tautra, Frei Alask consolava-me, prevendo que tudo resultaria assim... Como Nosso Senhor foi tentado no deserto... Dizia ele que o verdadeiro deserto para um cristão é a perda da vista ou um dos cinco sentidos. E neste caso o cristão segue os passos do seu Rei no deserto, mesmo que o corpo lhe fique entre os irmãos, entre a família. Frei Alask lia-me passagens dos livros de São Bernardo. Se uma alma compreende que Deus a chamou especialmente para suportar tal provação, ela não deve ter medo de a não poder suportar. «Deus conhece a minha alma, melhor do que a minha alma se conhece a si própria».

E assim continuou Bjoergulf a discorrer, confortando a mãe com energia espiritual superior à que se podia esperar da sua idade.

À noite, Naakkve veio falar em particular a Cristina. Confiou-lhe a resolução que ele e Bjoergulf haviam tomado: queriam ser frades e entrar para o convento de Tautra.

Cristina ficou como que assombrada por um raio, mas Naakkve estava muito calmo. Esperariam que Gaute fosse maior e pudesse ser o amparo da mãe e dos irmãos mais novos. Como convinha aos filhos de Erlend de Husaby, levariam para o convento tantos bens quanto possível. Mas não queriam prejudicar os irmãos. Não haviam herdado do pai nada que valesse a pena mencionar, mas os três rapazes que tinham nascido antes de Gunnulf entrar para a vida monástica possuíam algumas terras no Norte. Embora este houvesse deixado a Erlend quase tudo o que não oferecera à Igreja, os sobrinhos foram também contemplados. Visto Naakkve e Bjoergulf não reclamarem a totalidade do que lhes pertencia por direito de herança, a sua morte para este mundo facilitava a tarefa de Gaute, que seria o chefe e o continuador da raça.

Cristina sentia o cérebro andar à roda. Nunca imaginara que Naakkve se inclinasse para a vida do claustro. Mas não fez objecções; fora um choque imprevisto e não ousava desviar os filhos de tão bela e útil resolução.

—Ainda éramos crianças quando prometemos nunca nos separarmos — disse Naakkve.

A mãe concordou com um movimento de cabeça. Para ela, essa promessa significaria que Bjoergulf ficaria com o irmão mais velho, mesmo depois do casamento deste.

A coragem viril do rapaz tão novo e tão desgraçado era um verdadeiro milagre. De cada vez que a mãe lhe falou, no decorrer da Primavera, só o ouviu proferir palavras piedosas e cheias de enérgica resignação. Cristina não cabia em si de espanto; decerto que Bjoergulf compreendera há muito tempo o inevitável e consagrara a alma a Deus desde a sua estada no convento de Tautra.

Como aquele filho devia ter sofrido sem ela dar por nada, absorvida como andava pelos seus cuidados!

E Cristina, logo que se encontrava sòzinha, lançava-se de joelhos defronte da imagem da Virgem, na sala de Joerundgaard, ou diante do altar quando a igreja estava aberta.

Com o coração despedaçado e com lágrimas de humilhação, suplicava a Nossa Senhora que servisse de mãe a Bjoergulf e o compensasse da negligência da que o era por laços de sangue.

Estava Cristina acordada em certa noite de Verão. Naakkve e Bjoergulf haviam reocupado o quarto do último andar, mas Gaute dormia no rés-do-chão com Lourenço, pois os dois rapazes mais velhos queriam exercitar-se em vigílias e orações, segundo dissera Naakkve.

Cristina ia adormecendo quando julgou ouvir alguém andar de mansinho no sótão e depois descer às apalpadelas como um cego.

Talvez Bjoergulf saísse por necessidade... Contudo, a mãe levantou-se e começou a vestir-se.

Nesse momento a porta, lá em cima, abriu-se bruscamente e correram passos pela escada... Cristina foi ao vestíbulo: o nevoeiro era tão denso que quase nem se distinguiam as casas do outro lado do pátio.

Junto da paliçada, Bjoergulf lutava com desespero por se arrancar das mãos do irmão.

— Que te faltará quando ficares livre de mim? gritava o cego. — Estarás desligado de todas as promessas e já não desejarás retirares-te do mundo!

Cristina não percebeu a resposta de Naakkve; precipitou-se descalça na erva molhada. Bjoergulf conseguira escapar-se das mãos do outro, mas cambaleou como se lhe houvessem dado uma machadada, e caiu na laje extensa, onde bateu com os punhos fechados.

Naakkve, ao ver Cristina, correu para ela.

— Ide para casa, mãe, é preferível que eu resolva isto sòzinho. Ide, ide para casa — insistiu em voz baixa, tornando a aproximar-se do irmão.

Entretanto Cristina permaneceu no mesmo lugar, a alguns passos deles. O chão estava molhado, em todas as ervas deslizavam gotas. Chovera durante o dia e agora as nuvens cobriam a terra de névoa espessa e leitosa.

Pouco depois os filhos entraram: Naakkve conduzia Bjoergulf pelo braço. Cristina recuou até à porta do vestíbulo; viu que o rosto do cego estava cheio de sangue: ferira-se na pedra. Involuntàriamente, a mãe chegou a mão à boca e mordeu a sua própria carne.

Na escada, Bjoergulf fez nova tentativa de fuga, atirou-se de encontro à parede e gritou:

— Maldito, maldito seja o dia em que nasci!

Logo que ouviu Naakkve fechar, atrás de si e do irmão, a porta do quarto, Cristina foi devagarinho até ao andar de cima e ali ficou à escuta.

Bjoergulf gritava e praguejava. De vez em quando, ela percebia uma palavra daquela linguagem desvairada.

Às vezes era Naakkve quem falava, mas em voz muito baixa, como num murmúrio.

Por fim Bjoergulf desatou em pungentes soluços.

A mãe tremia de frio e de aflição; só tinha a capa por cima da camisa, os cabelos soltos estavam molhados da humidade nocturna; ela, porém, não se movia. Finalmente, tudo se acalmou no quarto dos filhos.

Ao entrar no seu aposento, Cristina aproximou-se do leito onde dormiam Gaute e Lourenço. Nada tinham ouvido. Enquanto as lágrimas lhe deslizavam pela cara, a mãe estendeu a mão, tocou nas faces quentes dos filhos e escutou a sua respiração igual. Esses dois não eram tudo o que lhe restava da passada riqueza?

Meteu-se na cama, a tiritar. Um dos cães que estavam deitados junto do leito de Gaute saltou para o de Cristina e enroscou-se a seus pés. O animal adquirira esse costume e a dona não tinha ânimo de o mandar embora, ainda que o peso lhe esmagasse as pernas e as fizesse dormentes. Este cão fora o predilecto de Erlend. De pêlo áspero, negro como carvão, estava adestrado para a caça aos ursos.

Nessa noite, Cristina achou bom tê-lo ali para lhe aquecer os pés gelados.

No dia seguinte, não viu Naakkve antes do almoço. Entrou ele nessa altura e sentou-se à cabeceira da mesa, lugar que tomara depois da morte do pai.

— Como está Bjoergulf? — perguntou a mãe em voz baixa.

Naakkve evitou-lhe o olhar, mas respondeu, igualmente em tom abafado, que Bjoergulf dormia.

— Já... já alguma vez esteve assim? — murmurou ela.

Naakkve fez sinal afirmativo e foi logo a seguir para o quarto do irmão.

Vigiava Bjoergulf a toda a hora do dia e da noite e impedia o mais possível que a mãe se aproximasse do cego.

Mas Cristina adivinhava que os dois rapazes passavam momentos cruciantes.

Nikulaus Erlendsoen deveria ser o patrão em Joerundgaard. Infelizmente não dispunha de tempo para se ocupar da exploração da quinta, e não tinha interesse nem capacidade para essa tarefa, tal como o pai. Cristina e Gaute encarregavam-se de tudo. Ulf Haldorsoen foi-se também embora nesse Verão. Depois da desastrosa história que terminara com a morte de Erlend, Jartrud voltara para casa dos irmãos. Ulf ficara em Joerundgaard. Queria demonstrar que não se deixava levar por intrigas e calúnias. Mas

dera a entender que não permaneceria eternamente na quinta. Tencionava, talvez, ir para o seu domínio de Skaun, quando tudo fosse esquecido, para que o não acusassem de fugir às bocas do mundo. Mas aconteceu que o mandatário do bispo começou a investigar se Ulf Haldorsoen não repudiara ilegalmente a mulher! Foi então que Ulf se dispôs a partir e retomou Jartrud, decidido a pôr-se a caminho antes que as chuvas de Outono tornassem impraticável a travessia das montanhas.

Contou a Gaute que pensava em associar-se ao marido da irmã, armeiro em Nidaros. Instalar-se-ia na cidade e mandaria Jartrud para Skjoelvirkstad, onde o sobrinho seria seu administrador.

Na última noite, Cristina bebeu à saúde dele pela taça de prata dourada que o pai herdara do avô Ketil Svenske. Como recordação, ofereceu a Ulf essa taça. Depois, enfiou-lhe no dedo um anel de ouro que pertencera a Erlend. Em memória dele, Ulf devia usá-lo.

Este, como parente, beijou-a ao agradecer.

— Quando me encontraste pela primeira vez, Cristina, naquela ocasião em que eu, criado, te devia levar ao meu amo, não pensavas que nos havíamos de separar assim, não é verdade?

Cristina ficou vermelha como uma papoula, porque ele sorria com o seu antigo ar sarcástico, embora no olhar se lhe espelhasse o desgosto.

— Seja como for, Ulf, não desejas voltar a Trondhjem, tu que nasceste e cresceste no Norte? Eu, muitas vezes, tenho saudades do fiorde, apesar de lá ter vivido poucos anos...

Ulf sorria ainda. Cristina prosseguiu com doçura:

— Se, em nova, te ofendi com a minha arrogância ou com... eu não sabia nesse tempo que Erlend e tu éreis parentes... se então te magoei, deves perdoar-me.

— Não, não sabias. A culpa não foi de Erlend, foi do meu orgulho. Visto que meu pai me renegara, eu nada queria pedir...

Levantou-se bruscamente e aproximou-se de Bjoergulf que estava sentado no banco.

— Meu filho: teu pai e Gunnulf testemunharam-me amizade desde a infância, ao contrário de meus irmãos de Hestnaes. Mas nunca aludi ao meu parentesco com Erlend senão quando eu julguei, ao fazê-lo, servi-lo melhor, a ele, à mulher e a vós, meus filhos adoptivos. Compreendes? — gritou Ulf impetuosamente, pondo a mão na cara de Bjoergulf e tapando-lhe os olhos fechados.

— Compreendo.

A resposta de Bjoergulf foi meio sufocada pelos dedos do outro.

— Comprendemos — disseram Nikulaus e Gaute.

Invadiu Cristina singular comoção. Iria falar de coisas que ela ignorava? Juntou-se ao grupo formado pelos quatro homens e disse:

— Tem a certeza, Ulf, parente nosso, que todos nós sabemos teres sido para mim e para Erlend o amigo mais leal. Deus te abençoe.

No outro dia, Ulf Haldorsoen saiu de Joerundgaard.

Durante o Inverno seguinte, Bjoergulf recuperou a paz, pelo menos Cristina assim o julgou. Comparecia à mesa com os irmãos, ia com eles à missa e aceitava com bons modos os serviços que a mãe lhe prestava.

Como o tempo fosse passando e Cristina nunca mais ouvisse os filhos falarem do convento, meditou na extrema repugnância que tinha em dar Naakkve para a vida monástica.

No convento, Bjoergulf seria mais feliz do que em qualquer outra parte, não havia dúvida. Mas resignar-se-ia ela a separar-se, dessa forma, de Naakkve? Porque o primogénito estava ainda mais estreitamente ligado ao seu coração do que os outros filhos.

E Cristina não via que Naakkve possuísse as virtudes dum monge. É certo que era bem dotado para o estudo e que gostava dos exercícios espirituais e do recolhimento. Contudo, a mãe não lhe encontrava grandes disposições religiosas. Não frequentava com fervor a igreja, faltava muitas vezes à missa por motivos fúteis, e ela sabia que nem ele nem Bjoergulf iam, na confissão, além das fórmulas comuns.

O novo pároco, Sira Rolfsoen, era filho de Rolf de Blakarsarv, que desposara a prima de Ragnfrid Ivardsdatter, de sorte que visitava com assiduidade a sua parente de Joerundgaard. Era homem duns trinta anos, instruído e bom sacerdote. Mas os dois filhos mais velhos de Cristina conservavam-no a distância. Pelo contrário, ele e Gaute depressa se tornaram amigos. Este fora o único da prole de Erlend que granjeara amizades em Sil. No entanto, nenhum dos irmãos continuava tão isolado naquela terra como Naakkve. Nunca se misturava com os outros. Se acaso ia a um baile ou a qualquer festa, ficava de longe a ver os outros a divertirem-se, com ar de quem se achava muito superior para tomar parte naquilo.

Mas, se tinha o capricho de entrar na dança e nos jogos, entrava sem ser convidado, e então o povo dizia que ele queria demonstrar a sua superioridade.

Era ousado, forte e ágil. Vencera dois ou três dos mais célebres espadachins de Sil, que depois disso eram forçados a tolerar as suas maneiras. E, se lhe dava na gana dançar com uma rapariga, levava-a sem se importar com os irmãos e demais parentes. Nunca uma mulher dizia *não* quando Nikulaus Erlendsoen lhe propunha a sua companhia. Apesar de tudo, não o estimavam.

Depois da cegueira de Bjoergulf, Naakkve raras vezes o deixava, mas quando saía não se mostrava diferente do que sempre fora. Por causa do irmão abandonara as grandes caçadas — o que o não impedira de comprar, no Outono, um valioso falcão branco, e de continuar a exercitar-se no arco.

Bjoergulf aprendera a jogar ao xadrez. Os dois irmãos passavam às vezes dias inteiros entretidos nisso; ambos eles tinham a paixão do jogo.

Soube Cristina um dia que ralhavam de Naakkve e duma rapariga, Tordis Gunnarsdatter de Skjenne. Tordis esteve no Verão seguinte na sua casa da montanha e Naakkve ausentou-se várias vezes, de noite. Constou que visitara Tordis.

Cristina consumia-se de inquietação. Como uma folha de faia, o coração pendia-lhe ora para um lado ora para outro.

Tordis pertencia a uma família respeitável e diziam-na boa

rapariga. Naakkve não teria coragem de a desonrar. Se os dois cometessem alguma imprudência seria necessário casá-los.

Doente de angústia e de vergonha, Cristina era, no entanto, forçada a reconhecer que não enfrentava o caso de forma muito trágica.

Dois anos antes, nem quereria ouvir falar de Tordis Gunnarsdatter para lhe suceder em Joerundgaard.

O avô da pequena vivia na sua propriedade com cinco filhos casados. Tordis tinha muitos irmãos. Seria uma noiva pobre. Ainda por cima, todas as mulheres daquela família davam à luz, pelo menos, um filho idiota. Essas criaturas trocavam os respectivos filhos ou entregavam-se a bruxedos por causa deles. Mas tudo o que faziam para proteger as parturientes de nada servia, e não obtinham resultado baptizando as crianças ou consagrando-as à Virgem e aos santos.

Havia nessa época dois velhos em Skjenne que Sira Erik dizia terem sido trocados. Ambos eram surdos-mudos de nascença.

A bruxa da floresta enfeitiçara o irmão mais velho de Tordis quando ele tinha dezassete anos. À parte estes pormenores, a família de Skjenne era bem constituída e considerada: vivia na abastança, mas, muito numerosa, não chegava a ser rica.

Só Deus podia saber se Naakkve não cometeria pecado abandonando a sua resolução, visto já se haver consagrado ao serviço da Virgem.

Aliás, teria ele de fazer um ano de noviciado no convento antes de pronunciar os votos, e podia desistir se visse que não era de feitio a servir Deus daquela maneira.

Cristina ouvira dizer que a condessa francesa, mãe do célebre doutor em teologia Tomás de Aquino, fechara num quarto o filho com uma mulher formosa, de costumes dissolutos, com o fim de o dissuadir da resolução de se retirar do mundo.

Não fora acção abominável? E, apesar disso, essa mulher morrera reconciliada com Deus.

Cristina é que não cometeria tão horrível pecado aceitando a ideia de receber Tordis por nora e de a acolher com os braços abertos.

Jammaelt Halvardsoen chegou a Formo, no Outono, e confirmou os boatos que corriam no vale a respeito da divisão do reino. De acordo com os primeiros dignitários da Igreja e do país, cavaleiros e conselheiros da Noruega, Magnus decidira entregar os seus Estados, em partes iguais, a cada um dos filhos que tivera da rainha Branca. Na Assembleia de Varberg, concedera o título de rei da Noruega ao príncipe Haakon, seu filho mais novo.

O clero e a nobreza do reino tinham jurado sobre relíquias sagradas que entregariam o país nas mãos do príncipe. Haakon, segundo se dizia, era uma criança de três anos, amável e prometedora.

Enquanto o rei e a rainha se demorassem na Suécia, o filho seria educado na Noruega. Dar-lhe-iam por governantes quatro mulheres de cavaleiros nobres, e por aios dois senhores do clero e dois leigos.

Erling Vidkunsoen e o bispo de Bjoergvin prepararam a eleição do rei, e Bjarne Erlingsoen encarregara-se de obter o consentimento do monarca, que preferia Erling a todos os outros súbditos noruegueses.

Cada qual profetizava o maior bem para o país logo que o rei viesse viver para a Noruega. Defenderia a lei e o direito dos noruegueses e velaria pelas suas necessidades em lugar de perder tempo e de gastar o dinheiro do país em empresas longínquas. Cristina ouvira falar da eleição do rei assim como das divergências com os mercadores alemães em Bjoergvin e da guerra na Suécia e na Dinamarca. Mas não prestara mais atenção a isso do que ao eco do trovão nas montanhas quando há tempestade ao longe.

Se bem que já soubessem do caso, os filhos de Erlend escutaram em sobressalto a narrativa de Jammaelt. Bjoergulf estava sentado, com a mão na testa, tapando os olhos sem vida. Gaute ouvia, de lábios entreabertos e com os dedos crispados no cabo do punhal. Lourenço respirava ofegante e o seu olhar corria do tio para Naakkve, que ocupava o lugar de chefe da família.

Nikulaus Erlendsoen estava pálido e os seus olhos brilhavam.

— Acontece muitas vezes, disse ele, que aqueles que mais com-

bateram um homem durante a vida deste lhe seguem as pisadas depois de o haverem metido debaixo da terra para ser roído pelos vermes... Quando a sua boca já não pode falar, os outros que valiam menos dão-lhe então o seu apoio...

— É possível que haja um fundo de verdade no que dizes — retorquiu Jammaelt em tom conciliador. — Teu pai pensou, antes de ninguém, no meio de sair do atoleiro, meio que consistia em pôr dois irmãos no trono, um na Suécia e outro aqui. Erlend Nikulaussoen era homem destemido e inteligente. Mas toma cuidado, Nikulaus, não vás pronunciar palavras que possam prejudicar Skule...

— Skule não me pediu licença quando partiu — replicou o rapaz com rudeza.

— Não se lembrou de que eras maior — volveu Jammaelt no mesmo tom conciliador — e eu também não me lembrei; de forma que foi a meu pedido e por minha vontade que ele jurou fidelidade a Bjoern...

— Estou certo de que aquele trampolineiro se lembrou, mas sabia que eu nunca lhe daria o meu consentimento... Parece que os senhores de Giske precisam desse bálsamo para a consciência doente...

Skule Erlendsoen era, pois, dedicado a Bjarne Erlingsoen! Encontrara o moço fidalgo quando, no Natal, fora visitar a tia. Bjoern dera a entender que, noutros tempos, Erlend salvara a vida e a liberdade graças às suas instâncias e às do cavaleiro Erling. Sem a ajuda deles, Simão Andressoen nada teria obtido do rei Magnus.

Ivar estava ainda em casa de Inge Fluga. As asserções de Bjarne Erlingsoen não eram inteiramente falsas, Cristina bem o sabia, pois concordavam com a narrativa que Simão fizera da sua expedição a Tunsberg.

Todavia, durante anos, odiara Erling Vidkunsoen. Não deveria ele conseguir para Erlend melhores condições?

Nessa época Bjarne não dispunha de grande poder, porque era muito novo, mas Cristina verificava sem alegria que Skule

se devotara a esse homem; e ela atormentava-se com a ideia de que os gémeos seguissem os ditames da sua fantasia e andassem a correr o Mundo. Pela idade, eram ainda crianças!

Depois da visita de Jammaelt, Cristina ficou tão desassossegada que a custo podia reflectir.

Se fosse verdade, conforme diziam, que o facto de fazer subir ao trono da Noruega esse rapazinho de Tunsberg seria causa de prosperidade e de segurança para o país, o povo poderia já ter beneficiado dessa vantagem há dez anos... se Erlend não houvesse... Não, Cristina não queria pensar nestas coisas. Mas o caso é que não podia deixar de pensar, justamente porque reparava na admiração dos filhos pelo pai. Viam nele o modelo perfeito do herói, o cavaleiro sem medo e sem mácula.

Cristina sempre julgara que Erlend fora traído pelos seus iguais e pela sua opulenta família. Haviam prejudicado o marido. Mas Naakkve excedia-se ao dizer que o tinham lançado aos vermes...

Ela também tivera grande parte da responsabilidade. Contudo, fora a falta de ponderação e a teimosia desesperada de Erlend que lhe haviam causado a morte desastrosa. Oh! Como se afligia por Skule estar em casa de Bjarne Erlingsoen! Chegaria o tempo em que não a atormentaria mais esse desassossego e essa angústia perpétua? «Jesus, lembrai-vos das dores que a Vossa Santa Mãe sofreu por Vós! Tende piedade de mim, que sou mãe, e consolai-me!»

Cristina receava por todos os filhos, até por Gaute, que possuía as capacidades dum bom administrador, mas era por demais apressado em restabelecer a prosperidade da família. Naakkve concedia-lhe plena liberdade, e Gaute metia-se em toda a espécie de empresas. Com outras pessoas da terra, voltara a explorar as antigas minas de ferro da montanha. Vendia muitas coisas, não só o que devia vender para pagar dívidas mas também as reservas da quinta. Cristina habituara-se a ver os celeiros repletos, e zangou-se quando o filho franziu o nariz à manteiga

rançosa e troçou do toucinho que há dez anos estava pendurado do tecto.

Queria que nunca houvesse falta de carne na sua casa; nenhum pobre devia sair de Joerundgaard sem uma esmola, mesmo se reinasse a fome na região. E, ao menos, não haveria penúria quando tornassem a aparecer casamentos, baptismos e festins no velho domínio!

Diminuía a ambiciosa esperança que a mãe alimentara pelo futuro dos filhos. Já se consideraria feliz se eles se estabelecessem naquela região! Cristina podia, permutando certas propriedades e reunindo outras, distribuir os seus bens de maneira a que três dos filhos vivessem na terra que a cada qual pertencia; e Joerundgaard, com a parte de Laugarbru situada aquém do rio, podia dar sustento para três famílias.

Não era condição de vida para homens nobres, mas os filhos não seriam pobres, apesar de tudo. A existência no vale era tranquila. A agitação que reinava na Noruega entre os dirigentes pouco ou nada se fazia ali sentir.

Sinal do declínio daquela raça dominadora?

Deus tinha o poder de dar aos descendentes de Erlend uma posição mais preponderante, se julgasse necessário para o bem deles.

No entanto, não tentava Cristina em vão reuni-los em volta dela, *à sua maneira?* Não era nada fácil segurar aqueles rapazes, filhos de Erlend Nikulaussoen!

Foi nessa época que encontrou paz e consolo na evocação dos dos filhos que repousavam no cemitério.

No decorrer desses anos, pensara neles todos os dias. Quando via crianças crescerem e desenvolverem-se, perguntava a si mesma como teriam sido os seus filhos se não houvessem morrido. Mas, agora, enquanto se ocupava dos trabalhos diários com a actividade de outro tempo, embora com ar ausente e concentrado, não a abandonava a recordação dos pequenos finados. Nos seus devaneios eles cresciam, desenvolviam-se, tornavam-se tal como desejaria que fossem.

Munan era tão dedicado à família como Naakkve, mas mostrava-se para a mãe alegre e comunicativo como Gaute.

Nunca inquietava Cristina com invenções arriscadas; era meigo, sensato como Lourenço, mas confiava todos os seus pensamentos à mãe.

Inteligente como Bjoergulf, sem que qualquer desgraça projectasse a sua sombra no seu caminho: assim, a sua inteligência não tinha a amargura a acompanhá-la. Corajoso e ousado como os gémeos, era menos rebelde do que estes.

As doces e felizes recordações que conservava da graça amável dos filhos voltavam-lhe à memória quando pensava no pequeno Erlend. Estava de pé, sobre os joelhos da mãe; ela ia vesti-lo e rodeava-lhe com o braço o ventre pequenino e roliço. E ele defendia-se com as mãos, com todo o seu precioso corpinho, das carícias da mãe.

Ensinava-o a andar; passara no peito do pequeno e por baixo dos braços uma toalha dobrada. E o miúdo ficava suspenso daquela faixa, pesado como um saco de chumbo, e pousava aqui e ali os pés minúsculos... rindo até se torcer como uma minhoca...

Cristina levava-o ao colo pelo cerrado dos novilhos ou dos carneiros: ele soltava gritos de alegria ao ver os bácoros, erguia a cabeça e ficava boquiaberto para os pombos do telhado...

Corria para a mãe, entre as ervas altas, chamava-a a cada baga que descobria, depois comia-a na mão de Cristina e com tanta avidez que lhe molhava a palma com os seus lábios gulosos.

Cristina recordava as suas alegrias maternais, e revivia-as nessa existência de sonho com os dois pequenos, esquecendo cuidados e penas...

Pela terceira vez voltou a Primavera desde que haviam sepultado Erlend. Cristina já não ouvia falar de Tordis e de Naakkve, mas também nada diziam em casa a respeito do convento.

Aumentava a sua esperança: não tinha culpa, mas não gostava que o primogénito entrasse para a vida monástica.

Pouco antes do dia de S. João, Ivar Erlendsoen chegou a Joerundgaard. Ao saírem da casa paterna, os dois gémeos eram ado-

lescentes de dezasseis anos. Ao presente, Ivar parecia um homem feito. Tinha perto de dezoito anos e a mãe achava-o tão belo, tão viril, que não se cansava de o contemplar.

No primeiro dia, Cristina levou-lhe o almoço à cama: pão de trigo com mel, bolos e cerveja da melhor. Sentou-se na borda do leito enquanto o filho comia e bebia, sorrindo a todas as suas conversas. Depois examinou-lhe o fato, peça por peça. Vasculhou-lhe o saco de viagem, sopesou na mão esguia e tisnada a nova fivela de prata que Ivar usava, desembainhou o punhal e elogiou-o.

Feito isso, voltou a sentar-se na cama, e Ivar disse-lhe:

— É preferível que saibais já o que vim cá fazer, mãe. Quero licença de Naakkve para o meu casamento.

Estupefacta, Cristina ergueu os braços ao céu.

— Oh! Filho! És ainda tão novo! Ao menos, não irás cometer uma tolice?

Ivar pediu-lhe que o escutasse. Havia uma viúva, moça ainda e chamada Signe Gamalsdatter, que morava em Rognheim de Fauskar. O domínio era de seis geiras e a maior parte pertencia à viúva, que a herdara do único filho. Mas andava em demandas com a família do marido, e Inge Fluga tentara apropriar-se de toda a espécie de lucros por meios ilegais, oferecendo-se para ajudar Signe a obter os seus direitos.

Ivar zangara-se e defendera a mulher. Acompanhara-a ao paço episcopal, pois Monsenhor Halvard sempre testemunhara a Ivar uma benevolência verdadeiramente paternal. Estava mais do que provado o delito de Inge Munansoen, mas este conseguira arranjar amigos entre as altas personalidades da terra e inspirar medo aos homens de classe inferior. Com muita habilidade lançara poeira nos olhos do bispo. Monsenhor Halvard também não tinha muita vontade de usar de severidade por causa do cavaleiro Munan...

Em conclusão, os primos tinham-se separado como inimigos quando Ivar saíra do domínio de Inge Fluga. Viera-lhe então a ideia de se deter em Rognheim a fim de cumprimentar Signe antes de abandonar aquela região. Fora na altura da Páscoa. Ficara, afinal, em casa da viúva, ajudando-a nos labores da Primavera.

E agora estavam de acordo para se casarem. Ela não achava Ivar Erlendsoen muito juvenil para seu marido e administrador. E o bispo, como dissera há pouco, simpatizava com ele. Evidentemente que não tinha idade nem instrução para que Monsenhor Halvard lhe confiasse um alto cargo, mas saberia singrar na vida se casasse em Rognheim.

Cristina brincava com o seu molho de chaves. A linguagem do filho era razoável, e Inga Fluga tivera o que merecia. O pior seria o desgosto de Munan Baardsoen, coitado do velho! Quanto à noiva, tinha trinta anos e pertencia a gente modesta e pobre; contudo, o primeiro marido enriquecera, de maneira que deixara a mulher em boa situação. Signe era honesta, gentil e desembaraçada.

Nikulaus e Gaute acompanharam Ivar quando este voltou para o Sul, mas Cristina não quis deixar Bjoergulf. Quando os filhos regressaram a Joerundgaard, Naakkve anunciou à mãe que estavam celebrados os esponsais de Ivar e de Signe. O casamento realizar-se-ia no Outono em Rognheim.

Tempos depois, Naakkve veio falar a Cristina, que estava a coser na casa de tecelagem. Trancou a porta e declarou então que, visto Gaute ter vinte anos e Ivar se ir casar, tencionavam, ele e Bjoergulf, partir depois do Verão para o convento, onde iniciariam o seu noviciado. Cristina pouca coisa respondeu, e só falaram das disposições a tomar em consequência da resolução dos dois rapazes.

Alguns dias mais tarde, chegaram enviados de Aasmund de Skjenne que vinham convidar a família de Joerundgaard para o banquete dos esponsais de Tordis com o honesto filho dum lavrador dos Dofrines. Nessa noite, Naakkve foi mais uma vez procurar a mãe à casa de tecelagem e tornou a fechar a porta com a tranca. Sentou-se junto da lareira e entreteve-se a remexer as brasas com um raminho. As noites estavam frescas, e Cristina acendera o lume.

— Só há festas e alegria, querida mãe — disse ele com um sorriso amarelo. — Banquete de esponsais em Rognheim, banquete de esponsais em Skjenne; e, depois, segue-se o casamento de Ivar.

Quando Tordis for a cavalo com o seu vestido de noiva, não tomarei parte no cortejo, nessa altura já estarei no mosteiro.

Demorou uns momentos a resposta de Cristina. Sem erguer os olhos da costura — uma aparatosa veste para Ivar — ela proferiu:

— Julgavam muitas pessoas que Tordis teria desgosto se te fizesses frade!

— Eu próprio assim julguei, durante certo tempo — murmurou Naakkve.

Cristina pousou o trabalho no regaço e olhou para o filho, cujo semblante tomara uma expressão calma e severa. Que formoso era ele!

Os cabelos negros, penteados para trás, caíam em madeixas sedosas e onduladas sobre o pescoço esbelto e moreno.

De feições mais regulares do que o pai, tinha o rosto mais largo, o nariz menos comprido, a boca maior. Os olhos azuis eram rasgados, as sobrancelhas bem desenhadas.

Contudo, Erlend fora ainda mais belo. Possuía os movimentos ligeiros e a graciosidade dum animal bravio e aquela persistente expressão de juventude que faltava a Naakkve.

A mãe tornou a pegar no trabalho, mas não coseu.

De súbito, disse, com os olhos descidos para a costura, enquanto endireitava a bainha com a ponta da agulha:

— Lembra-te, Naakkve, que não pronunciei uma única palavra contra a vossa piedosa resolução. Não me aventuro a isso. Mas és novo, e deves saber melhor do que eu que está escrito nas Sagradas Escrituras: «Não convém a um homem olhar para trás uma vez que colocou a mão na charrua.»

A fisionomia de Naakkve continuou impassível.

— Sei que há muito tempo pensais nisso — prosseguiu a mãe. — Mas, em criança, não sabíeis a que tínheis de renunciar. Agora, que sois homens, não achas que seria prudente provar mais um pouco a vossa vocação? Pelo nascimento, estás destinado a ser o chefe da família.

— Agora, dais-me conselhos!

Naakkve levantou-se, ofegante. De repente, levou a mão ao peito e, entreabrindo o gabão e a camisa, mostrou os cinco sinais vermelhos que se viam sob os pêlos negros.

— Pensáveis que eu era muito criança para compreender a razão porque gemíeis e suspiráveis quando depúnheis beijos nestes sinais, no tempo em que eu era pequeno. Não compreendia, mas nunca esqueci as palavras que dizíeis a chorar... Mãe, mãe, esquecestes que meu pai teve morte miserável, sem confissão, sem sacramento? E ousais desviar-me da minha resolução?... Tanto eu como meu irmão sabemos a que voltamos as costas. Para mim, não é grande sacrifício renunciar ao domínio de Joerundgaard e ao casamento, nem a uma felicidade e paz semelhantes àquelas que gozastes juntos, vós e meu pai.

A costura caiu das mãos de Cristina. A saudade da sua vida com Erlend, dos bons e dos maus dias, invadiu-lhe a alma. Que podia saber aquela criança da renúncia a que se ia impor?

Naakkve notou que os olhos da mãe se enchiam de lágrimas.

— *Quod mihi et tibi est, mulier!* — exclamou ele.

Cristina estremeceu, mas o filho prosseguiu, fremente de comoção:

—O Senhor não disse estas palavras porque desprezasse a Sua Mãe, mas admoestou-a, a Ela, pérola pura, sem mácula nem defeito, quando lhe quis dar conselhos sobre a maneira como Ele devia empregar o poder que recebera do Pai do céu, e não da mãe pelo sangue. Mãe, não podeis dar-me conselhos neste assunto, não vos arrisqueis a dar-mos!

Cristina baixou a cabeça.

Daí a pouco, Naakkve volveu mais docemente:

— Esquecestes que me expulsastes para longe? — O rapaz calou-se como se receasse o tremor da sua voz. — Queria ajoelhar-me a vosso lado diante do leito mortuário de meu pai, mas dissestes-me que me fosse embora dali. Não compreendeis que o meu coração sangra no meu peito de cada vez que penso nisto?

Cristina murmurou de forma quase imperceptível:

— Foi por essa razão que te mostraste tão frio para mim depois que enviuvei?

Não obteve resposta.

— Nunca me perdoaste, Naakkve?

Disse ele em voz muito baixa, desviando o olhar:

— *Às vezes*, perdoei.

— Mas não sempre, não é verdade, Naakkve?—gemeu ela.— Naakkve, julgas que estimei menos Bjoergulf do que tu? Sou mãe dele, sou mãe de vós ambos. Como foste cruel em fechar a porta entre ele e mim!

O rosto pálido de Naakkve empalideceu ainda mais.

— É certo que fechei a porta. Fui cruel? Jesus vos acuda! Não sabeis... — a voz perdeu-se num murmúrio, como se estivesse a morrer: — Pensei que não era preciso que vós... Queria poupar-vos...

Afastou-se bruscamente, dirigiu-se para a porta e destrancou-a. Mas ficou no limiar, de costas voltadas para Cristina. Por fim, ela chamou-o de mansinho.

O rapaz veio, então, e postou-se diante dela, de cabeça baixa:

— Mãe, sei quanto tudo isto vos custa!

Cristina pôs as duas mãos no ombro do filho, que tentou esconder a cara, inclinando-se e beijando-lhe o pulso. Um dia, ela não sabia quando, Erlend fizera o mesmo. Acariciou os braços de Naakkve. Este ergeu a mão e afagou-lhe a face. Sentaram-se em silêncio ao lado um do outro.

— Mãe — disse Naakkve passados momentos, em tom sereno — possuís ainda o crucifixo que meu irmão Orm vos deixou?

— Tenho-o comigo. Ele pediu-me que nunca me separasse da cruz.

— Se Orm conhecesse a minha decisão, consentiria que fosse eu a usar esse crucifixo. Também ficarei sem herança e sem família...

Cristina tirou a cruzinha de prata escondida sob a camisa, e Naakkve recebeu-a, ainda quente do peito da mãe. Beijou com respeito o relicário do centro da cruz e prendeu a fina cadeia em volta do pescoço.

— Recordas-te de Orm? — perguntou a mãe.

— Não sei; às vezes parece-me que sim, mas talvez seja por tanto me terdes falado dele na minha infância.

Naakkve conservou-se ainda uns instantes sentado ao lado de Cristina; depois, levantou-se.

— Boa noite, mãe.

— Boa noite, filho. Deus te abençoe.

Ele saiu. Cristina dobrou a vestimenta de Ivar, arrumou os objectos de costura e cobriu de cinzas o lume.

«Deus te abençoe, Deus te abençoe, meu pequeno Naakkve!»

Apagou a vela e saiu também da velha casa de tecelagem.

Alguns dias mais tarde, Cristina encontrou Tordis numa herdade do vale cujos moradores estavam doentes e não podiam recolher o seu feno. Os irmãos e irmãs da confraria de Santo Olavo foram executar esse trabalho. À tarde, Cristina e a rapariga percorreram juntas parte do caminho. Cristina caminhava lentamente, à maneira das velhas, e conversava duma coisa e doutra. A pouco e pouco levou Tordis a contar-lhe espontâneamente o que se passara entre ela e Naakkve. Com efeito, haviam tido entrevistas no Verão passado. Quando estivera no chalé, ele ia vê-la de noite; Tordis sabia o que diziam de Naakkve, mas este nunca a ofendera, nem com palavras, nem com actos. Deitara-se algumas vezes ao lado dela sobre a colcha da cama, conversando. Um dia, a rapariga perguntara-lhe se tencionava pedi-la em casamento, e Naakkve respondera que não podia, visto que se consagrara ao serviço de Nossa Senhora. O rapaz repetira-lhe a mesma coisa na Primavera, e então ela decidira não se opor mais à vontade do pai e do avô...

— Chamaríeis a desgraça para cima de vós ambos, se ele faltasse à sua promessa e tu resistisses à tua família — disse Cristina.

Apoiava-se ao bordão e contemplava a companheira. Esta era uma pequena de rosto formoso e meigo emoldurado por magníficos cabelos louros.

— Se Deus quiser, hás-de ser feliz, Tordis. O teu noivo parece ser pessoa honesta!

— Sim, agrada-me — retorquiu a moça; e, de súbito, desatou a chorar.

Cristina consolou-a com palavras de pessoa experiente e sensata. Mas o coração oprimia-se-lhe de dor. Como gostaria de chamar filha àquela criança bondosa e linda!

Depois do casamento de Ivar, Cristina demorou-se algum tempo em Rognheim. Signe Gamalsdatter não era bonita e parecia velha, mas possuía carácter afectuoso e agradável. Patenteava sincero amor pelo juvenil marido, e tratou a mãe e os irmãos de Ivar com o maior dos respeitos, como se não pudesse honrá-los e servi-los bastante, a esses entes tão superiores a ela!

Ver outra pessoa incomodar-se para satisfazer os seus desejos e agradar-lhe, afigurava-se, para Cristina, um caso inédito. Mesmo no tempo em que ela era a poderosa senhora de Husaby, rodeada de numerosos criados, nenhum destes a servira daquela maneira. Ninguém pensava no conforto e bem-estar da ama, ao passo que ela não se poupava a dirigir e a ajudar em todos os trabalhos da casa.

A solicitude de Signe consolou Cristina. Afeiçoou-se à nora. Quando pedia a Deus que desse felicidade a Ivar, pedia também que Signe nunca tivesse ocasião de se arrepender por haver feito entrega da sua pessoa e dos seus bens a um marido tão moço.

Pouco depois do dia de S. Miguel, Naakkve e Bjoergulf partiram de Joerundgaard. Cristina soube que eles tinham chegado bem a Nidaros e entrado como noviços no convento de Tautra; depois, nunca mais teve notícias. E, agora, havia um ano que a mãe estava sózinha com Gaute e Lourenço na sua quinta. A ela, parecia-lhe que decorrera muito mais tempo desde aquele dia de Outono do ano anterior em que, ao passar a cavalo diante da igreja, vira o nevoeiro cobrir, como espesso tapete, os campos e as casas de Joerundgaard. Voltava, depois de ter acompanhado os dois filhos mais velhos aos Dofrines, e o seu estado de espírito era o dum viajante que regressa ao lar e sabe que nada mais encontrará do que cinzas e brasas extintas.

Quando passava defronte das ruínas da antiga forja — nesse ano, campânulas, ervilhacas e ranúnculos espalhavam-se pelo prado

e cobriam tudo — Cristina julgou ver a imagem da sua própria vida: nunca mais acenderiam lume entre as pedras manchadas de fuligem!

No entanto, da camada de cinzas e dos resíduos de carvão despontava, vitoriosa, uma relva brilhante e fina. E, nas fendas da lareira, a madressilva que nasce em toda a parte ostentava os seus ramalhetes cor-de-rosa.

II

UMA noite, Cristina acordou com a entrada de cavaleiros no pátio. Bateram na porta da casa e ela ouviu Gaute dar cordiais boas-vindas aos seus hópedes.

Os criados tiveram de se levantar. No andar de cima havia grande algazarra. Cristina distinguiu a voz colérica da criada Ingrid.

Essa, era uma rapariga honesta, não permitia que se aproximassem demasiadamente da sua pessoa...

Gargalhadas alegres e juvenis responderam às palavras irritadas de Ingrid, e no meio daquele barulho elevou-se o timbre agudo de Frida. Coitada, não adquiria juízo com a idade! Tinha quase a de Cristina e, contudo, era ainda necessário que a patroa a vigiasse...

Com isto, Cristina voltou-se na cama e tornou a adormecer.

No dia seguinte, Gaute levantou-se ao romper da manhã, conforme costume. Não podia dormir depois do sol-nado, nem sequer quando bebia cerveja na véspera à noite.

Quanto aos hópedes, não apareciam antes do almoço, e andavam pela quinta durante o dia. Às vezes vinham para comerciar; noutras ocasiões tratava-se de simples reunião de amigos. Gaute era muito hospedeiro. Cristina cuidava em que nada faltasse aos convidados de Gaute. Sem dar por isso, sorria àquela efervescência de juventude, à alegria que animava de novo a casa. Falava pouco com os amigos do filho: o que a interessava era ver Gaute tão contente e sociável.

A atitude de Gaute Erlendsoen não diferia em coisa nenhuma quer se dirigisse a gente humilde ou a ricos proprietários.

Embora a acção intentada contra os assassinos de Erlend houvesse acarretado inimizades e que numerosas famílias evitassem encontrar-se com os rapazes de Joerundgaard, Gaute não contava um único inimigo.

O cavaleiro Sigurd de Sundbu afeiçoara-se bastante ao moço primo.

Cristina nunca vira Sigurd antes do acaso o trazer até ao leito mortuário de Erlend; dera então provas da mais viva amizade. Ficara em Joerundgaard até ao Natal e fizera o possível por ajudar a viúva e os órfãos.

Os filhos de Erlend testemunharam-lhe gratidão sincera e deferente, mas só Gaute se lhe afeiçoou realmente e o foi visitar a Sundbu.

Este domínio ia sair da família por morte do neto de Ivar Gjesling, que não tinha descendência. Os filhos de Halfsoen seriam os únicos herdeiros.

Sigurd já era velho; sofrera o desgosto de ver a mulher perder a razão quando tivera um nado-morto. Há quarenta anos que vivia com a louca. Quase todos os dias a visitava para se informar do seu estado. Morava numa das mais belas casas de Sundbu, onde numerosas criadas a serviam e velavam pelo seu bem-estar. «Reconheces-me hoje, Gyrid?», perguntava o marido. Acontecia não responder ou então dizer: «Sim, reconheço-te perfeitamente, és o Isaías que habita Brotveit, no sopé da colina.»

Tinha sempre um fuso na mão. Nos seus melhores dias fiava um fio regular e fino, mas, quando piorava, arrancava a lã do fuso e espalhava pelo quarto a que as servas haviam cardado. Cristina soube todos estes pormenores por Gaute, e daí para cá acolheu o primo com a maior amabilidade, quando ele vinha a Joerundgaard. Mas recusava ir a Sundbu; nunca mais lá fora depois do seu casamento.

Gaute Erlendsoen crescera menos do que os outros filhos de Cristina. Ao lado da mãe e dos irmãos tão altos, parecia baixo, mas era de estatura regular. De facto, Gaute dir-se-ia tomar mais importância e autoridade depois da partida dos gémeos e dos irmãos mais velhos. Entre eles todos não se afirmara o seu carácter.

Toda a gente o achava excepcionalmente bem constituído e belo. Parecia-se com o avô materno: cabelos louros, olhos cinzentos bem colocados, cara oval de faces cheias, pele fresca e boca bem desenhada.

Tinha nobreza o seu porte, e as mãos, um tanto grandes mas bonitas, mostravam vigor pouco comum. De pernas um tudo-nada curtas, usava sempre vestes compridas quando o trabalho o não obrigava a andar de calções — embora a última moda decretasse para os elegantes túnicas mais curtas do que as antigas. Notava-se isso no modo de vestir dos viajantes de categoria que passavam pelo vale.

Quando Gaute Erlendsoen ia à igreja ou a festas, com a sua vestimenta de seda verde que lhe descia até aos pés, cinto de prata de redor do corpo esbelto e ampla capa de peles de esquilo lançada para as costas, todos olhavam com simpatia e benevolência o moço senhor de Joerundgaard. Na mão, levava Gaute o magnífico machado encastoado de prata que Lourenço Bjoergulfsoen herdara de Ivar Gjesling, e por toda a parte se dizia que era agradável ver Gaute Erlendsoen seguir as pisadas dos seus valentes antepassados.

Ele, tão novo, mantinha as boas tradições rurais tanto na forma de se vestir e no género de vida como no carácter.

A cavalo, Gaute excedia a todos. Era cavaleiro exímio. Pretendiam os vizinhos que não havia um cavalo em toda a Noruega que Gaute não fosse capaz de montar. Constava que no ano anterior, em Bjoergvin, dominara um fogoso garanhão que até aí ninguém pudera domar. O animal amansara tanto nas mãos de Gaute que este conseguira montá-lo desselado, servindo-se, à laia de rédea, da fita dos cabelos duma donzela.

Mas quando Cristina interrogou o filho a respeito dessa aventura, ele limitou-se a rir e não a informou de nada.

Cristina sabia que Gaute era leviano para as mulheres, e censurava-o por isso. Mas tal defeito provinha sobretudo do acolhimento, em demasia amável, que o belo sexo reservava a esse rapaz airoso e expansivo.

Por enquanto, nada daquilo era mais do que brincadeira e criancice. Gaute não tomava as coisas a peito como Naakkve, e nada ocultava.

Chegara mesmo a contar à mãe que tivera um filho duma rapariga da região de Sundbu; fora há dois anos.

Gaute indemnizara com generosidade a mulher, constituindo-lhe um dote conforme a condição dela. Quanto à criança, Sigurd confidenciou a Cristina que o pai desejava educá-la em sua casa, logo que o nené fosse desmamado. Gaute gostava imenso da filhinha e ia vê-la sempre que estava em Vaage. Era, dizia com orgulho, a mais linda criança que se podia ver.

Baptizara-a com o nome de Magnhild.

Já que o rapaz cometera uma asneira, declarava Cristina, mais valia que trouxesse a pequena para Joerundgaard e fosse para ela um bom pai.

E Cristina ansiava pela chegada da petiza. Mas a criança morreu com um ano de idade. Gaute teve grande desgosto e Cristina lamentou não ter visto a netinha.

Sempre lhe custara a corrigir Gaute, tão débil na sua infância. Era mais agarrado à mãe do que os outros, e parecia-se com o pai de Cristina: podiam confiar nele; desde pequeno que mostrava ponderação, e seguia a mãe para toda a parte, prestando-lhe mil serviços, que, na sua inocência infantil, julgava de grande utilidade para Cristina.

Oh! não, nunca ela tivera coragem de ser severa para Gaute, mesmo que ele fizesse qualquer tolice por amuo ou por falta de senso, natural na sua idade, se bem que fosse inteligente e ajuizado. E, por esta razão, cedia aos conselhos afectuosos.

O capelão de Husaby, muito entendido em doenças de crianças, fora da opinião que tornassem a amamentar Gaute, que tinha então dois anos, pois nenhum outro remédio dera resultado.

Os gémeos acabavam de nascer, e Frida, ama de Skule, que tinha mais leite do que o necessário, sentia repugnância em dar o peito a Gaute. É que ele não era de apetecer com a sua cabeça enorme e o seu corpo muito magro. Não falava, nem se aguentava nas pernas.

Frida receava que se tratasse de uma criança *trocada*, e, contudo, o pequeno fora bonito e saudável antes da doença que o atacara aos onze meses. Perante a obstinação da criada, Cristina teve, ela própria, de amamentar Gaute até este perfazer três anos. Mas Frida continuava a não poder suportá-lo. Ia sempre dizer a Cristina o pior possível dele.

Frida ocupava o primeiro lugar, à mesa, no banco das criadas; na ausência da patroa, usava as chaves da casa. Tudo o que lhe passava pela cabeça contava ao pessoal. Cristina tolerava-a e chegava a divertir-se com as suas tagarelices, embora às vezes se maçasse; mas tomava o máximo cuidado em que as conversas da mulher não tivessem consequências aborrecidas.

Andava Frida vexada pelo facto de Gaute se sentar à cabeceira da mesa como chefe de família. Não queria ver nele mais do que um garoto, e elogiava os irmãos, principalmente Bjoergulf e Skule, que ela criara. Zombava da estatura de Gaute e das suas pernas curtas. O rapaz replicava com bom humor:

— Vês, Frida, se me tivesses dado o teu leite, seria eu tão belo mocetão como meus irmãos! Mas fiquei reduzido a mamar em minha mãe... — e ele sorria para Cristina.

Às vezes, à noitinha, a mãe e o filho saíam juntos. A estreiteza da vereda obrigava Cristina a caminhar atrás de Gaute, que empunhava o seu machado de longo cabo, como um homem idoso; a mãe sorria nas costas dele. Sentia impetuoso desejo de correr para o filho, de o agarrar e de o apertar contra si para brincar e dizer tolices com o seu Gaute, como ela fazia nos tempos em que ele era criança.

Iam até ao lavadouro, à beira do rio, e aí se sentavam a escutar o rumor da água que se escoava límpida e violenta na penumbra.

Havia ocasiões em que não pronunciavam palavra, mas acontecia também Gaute interrogar Cristina acerca de histórias antigas do país ou a respeito dos avós. A mãe contava o que vira ou ouvira na sua infância. Nunca, nessas tardes, os lábios de Cristina proferiram o nome do marido, nem ela falava dos anos passados em Husaby.

— Mãe, decerto estais gelada — dizia Gaute. — A noite arrefeceu.

— É verdade que sim, e hirta como um pau, de estar sentada nesta pedra. — Cristinha punha-se de pé. — Começo a envelhecer, meu Gaute.

Subia a encosta com a mão apoiada no ombro do filho. Lourenço dormia profundamente na sua cama. Cristina acendia a candeia de azeite e não se deitava logo, saboreando a calma dos seus pensamentos.

E havia sempre algum trabalho em que ela podia ocupar os dedos. Lá em cima, no outro andar, Gaute arrastava qualquer coisa; depois a mãe ouvia-o subir para o leito. Ela endireitava-se um instante, sorria à débil chama da candeia, movia docemente os lábios, fazia o sinal da cruz no rosto, no peito e no ar, e recomeçava a coser.

Bjoern, cão velho, levantava-se e sacudia-se bocejando, e depois aproximava-se da dona. Se esta o afagava, ele pousava as patas nos joelhos de Cristina, e agradecia as suas palavras meigas lambendo-lhe conscienciosamente a cara e as mãos, agitando a cauda. Quando *Bjoern* voltava ao seu lugar, olhava para a dona com ar confuso; os olhinhos lustrosos, o corpo pesado e peludo, e até as ondulações da cauda atestavam a sua malícia. Cristina sorria plàcidamente e fingia que nada via. Então *Bjoern* saltava para a cama e aí se enroscava.

Pouco depois, Cristina soprava a luz, espevitava a mecha e mergulhava-a no azeite.

A claridade da noite de Verão iluminava os vidros. Cristina recitava as últimas orações do dia, despia-se em silêncio e metia-se na cama. Dispunha as almofadas, o cão instalava-se de encontro às suas costas e ela adormecia.

O bispo Halvard nomeara Sira Dag seu mandatário na região de Sil. Fora a este que Gaute comprara os dízimos episcopais de três anos sucessivos. Gaute comerciava também em peles e géneros alimentícios; enviava mercadorias para Raumsdal e até para Bjoergvin, por barco.

Cristina não gostava dessas empresas. Sempre vendera em

Hamar os produtos do domínio, pois assim é que faziam o pai e Simão Andressoen, mas Gaute associara-se ao cunhado, Gerlak de Paus, que era excelente comerciante, bem relacionado com os mais ricos mercadores alemães de Bjoergvin.

Margret, filha de Erlend, e o marido haviam estado em Joerundgaard no ano seguinte ao da morte do pai. Fizeram importantes donativos à igreja pelo repouso da sua alma. Quando Margret em solteira vinha a Husaby, a amizade entre ela e a madrasta não ia além dos limites da conveniência, e a rapariga não se importava absolutamente nada com os irmãos. Agora, que perfazia trinta anos sem ter filhos do seu casamento com Gerlak, tomara-se da mais terna afeição fraternal pelos belos filhos de Cristina; fora ela a origem do entendimento entre o marido e Gaute.

Margret continuava formosa. Mas como era alta e corpulenta! Nunca Cristina vira mulher igual! Em volta da cintura havia espaço para numerosas placas de prata; uma fivela, tão grande como um escudete, exibia-se muito a propósito entre os dois volumosos seios. O seu corpo maciço apresentava-se enfeitado como um altar, coberto de estofos preciosos e de ouro. Gerlak Tiedekensoen parecia nutrir pela esposa um amor inconcebível.

No ano precedente, na Primavera, Gaute estivera em casa da irmã durante a sessão do tribunal, e no Outono levou pela montanha uma manada de cavalos para vender em Bjoergvin. O negócio fora tão lucrativo que o rapaz prometera recomeçar no próximo Outono; e era muito capaz de cumprir a sua palavra, pensava Cristina. Talvez que tivesse no sangue um pouco do temperamento de viandante que o pai possuía... Sossegaria ao envelhecer. Quando a mãe soube que ele se preparava para sair de Joerundgaard, foi a primeira a apressar a partida do filho. No ano anterior tivera de voltar pela montanha, em pleno Inverno.

Foi-se numa bela manhã de sol, pouco depois do dia de S. Bartolomeu. É a época da matança dos carneiros, e em toda a casa flutuava o cheiro de carne cozida. O pessoal estava farto e satisfeito. Durante todo o Verão os criados não tinham provado carne além da salgada, mas agora davam-lhe bons pedaços de carneiro e caldo nutritivo ao jantar e à ceia, em vários dias consecutivos.

Cristina, cansada mas contente depois da primeira grande matança do ano e da fabricação de salsichas e morcelas, fora até à estrada, onde acenou ao filho que partia.

A colina ressoava à passagem dos cavalos com arreios de guizos, montados por moços robustos que levavam armas luzentes. Gaute voltou-se na sela e levantou o chapéu em sinal de adeus à mãe, e Cristina retribuiu a saudação com um breve grito de alegria e de orgulho.

Um pouco depois do solstício de Inverno, chegou a chuva, o vento e a neve. Cristina andava preocupada por causa de Gaute, que ainda não regressara. Mas, antigamente, tremera muito mais pelos outros. Acreditava na boa estrela de Gaute.

Uma semana mais tarde, quando, à noite, ela voltava do estábulo, distinguiu um grupo de cavaleiros parados junto da paliçada de Joerundgaard. De redor da lanterna dançavam espirais de nevoeiro semelhantes a fumo. Cristina atravessou o pátio escuro para ir ao encontro dos homens envolvidos em peliças, que ela julgava ser Gaute e a sua comitiva; não era costume receber hóspedes àquela hora tardia. Reconheceu então Sigurd de Sundbu no cavaleiro da frente, que se apeou com os seus movimentos pesados de velho.

— Trago notícias de Gaute, Cristina — declarou Sigurd, depois de trocarem saudações. — Está em Sundbu desde ontem.

Havia muito escuro para Cristina lhe poder ver a expressão do rosto. Mas o primo falava em tom singular. E, quando se encaminhou para a porta da sala, mandou os seus escudeiros seguirem o palafreneiro de Joerundgaard para o quarto dos criados.

Nada mais disse, e Cristina sentiu medo: foi, porém, com voz serena que perguntou, quando se encontraram sòzinhos na sala:

— Que notícias são essas, primo? Gaute estará doente, visto não vir contigo?

— Não, nunca vi Gaute com tanta saúde; a comitiva dele é que está fatigada.

Soprou a espuma da caneca que Cristina lhe entregara, bebeu e elogiou a cerveja.

— Deve beber bem quem traz notícias agradáveis — disse, sorrindo, a senhora de Joerundgaard.

— Resta saber que dirás dessas notícias quando me escutares até ao fim — replicou Sigurd com ar hesitante. — Gaute não veio sòzinho, desta vez.

Cristina, de pé, esperava o seguimento.

— Trouxe consigo... a filha de Helge de Hovland... Raptou a pequena... roubou-a ao pai!

Cristina continuou calada, mas sentou-se no banco em frente de Sigurd. Apertava os lábios com força.

— Gaute pediu-me que viesse cá. Receava que te zangasses. Disse-me que te contasse... E pronto, está tudo dito!

Sigurd estava quase sem fôlego.

— Conta-me tudo o que sabes — volveu Cristina.

O homem começou uma narrativa confusa, embrulhada, adornada de infindas digressões. Ele próprio ficara assustado com o que Gaute fizera.

Contudo, Cristina conseguiu compreender que o filho encontrara a rapariga em Bjoergvin no ano anterior. Chamava-se Jofrid; não, não era noiva doutro, mas Gaute achava que de nada lhe serviria pedi-la aos pais. Helge de Hovland era muito rica e nobre; as suas principais propriedades ficavam situadas da banda do Voss. O demónio tentara os dois jovens.

Sigurd sacudia o fato e coçava na cabeça como se os piolhos o devorassem.

Fora no Verão... Quando Cristina imaginara Gaute em Sundbu a acompanhar o primo nas caçadas aos ursos, que destruíam as pastagens, descera ele a Sogn através da montanha. Jofrid tinha lá uma irmã casada.

Sigurd soltou um gemido aflitivo. Naquele tempo, prometera a Gaute nada dizer. Sabia perfeitamente que o rapaz se enamorara duma rapariga, mas nunca julgara que se metesse numa aventura tão insensata!

— Terá de a pagar caro — disse Cristina; o seu rosto continuava impassível.

— Felizmente estamos no Inverno e os caminhos tornaram-se

intransitáveis — prosseguiu Sigurd. — Se os senhores de Hovland tiverem ânimo de reflectir, talvez digam consigo: «Mais vale que Gaute tenha Jofrid com consentimento da família, visto já ser dele».

— Mas se não chegam a essa conclusão, se reclamam vingança pelo rapto?

O cavaleiro Sigurd coçava-se com frenesim cada vez maior. Respondeu docemente:

— Não sei se o caso se resolve com dinheiro...

Cristina guardou silêncio e ele continuou:

— Gaute dizia... esperar que o recebesses bem... Dizia que não eras tão velha que houvesses esquecido... enfim, pensava que tu desposaste o homem que querias... Compreendes?

Cristina fez sinal afirmativo.

— É a rapariga mais linda que tenho visto na minha vida — continuou Sigurd, com os olhos marejados pela comoção.—É pena que o diabo impelisse Gaute para essa má acção, mas, apesar de tudo, vais receber gentilmente os dois pobres pequenos...

Cristina tornou a abaixar a cabeça.

Toda a terra estava lúgubre e escura sob as pancadas de chuva quando Gaute entrou no pátio, no dia seguinte, à hora de noa.

A testa de Cristina molhou-se de suor frio. Na porta, inclinou-se para a frente a fim de ver melhor Gaute que ajudava a apear-se uma mulher vestida com capa e capuz negros.

Era de pequena estatura; quase nem chegava ao ombro do homem.

Gaute quis levá-la para casa, ela, porém, repeliu-o.

O rapaz, com ar apressado, foi falar aos criados de Joerundgaard e deu as suas ordens aos escudeiros que o acompanhavam. Quando se voltou para o lado da porta, Cristina tinha nas suas as mãos da recém-vinda. Gaute correu para elas com uma exclamação de alegria. Na sala, Sigurd, tossindo e ofegante por tantas comoções, abraçou-o e deu-lhe uma palmada amigável.

Cristina ficara cativa logo que a rapariga erguera para ela

o rosto pálido e meigo metido no capuz encharcado. Como era nova! Quase uma criança!

Jofrid dissera:

— Não espero ser bem recebida em vossa casa, mãe de Gaute. Mas todas as portas estão fechadas para mim, menos esta. Quereis acolher-me, senhora? Não esquecerei que vim pobre e desonrada, mas tenho o firme desejo de vos servir, a vós e a Gaute, meu senhor.

Cristina, então, pegara nas mãos pequeninas da outra e exclamara, sem reflectir:

— Que Deus perdoe a Gaute o mal que te fez, minha linda filha. Entra, Jofrid. Deus nos ajude, que eu, por mim, ajudar-te-ei o mais que puder.

Logo que disse estas palavras, Cristina teve a impressão de que fizera acolhimento excessivamente afectuoso àquela mulher que ela não conhecia.

Entretanto, Jofrid tirava os abafos. O pesado vestido de burel azul-claro, de manufactura caseira, gotejava na borda da saia, e a chuva atravessara a capa, molhando-lhe os ombros. O porte da rapariga era cheio duma dignidade doce e triste. Da sua cabeça, inclinada com graciosidade, pendiam duas tranças grossas e escuras que desciam até à cintura.

Cristina levou amàvelmente Jofrid pela mão e instalou-a no canto do banco mais quente, junto da lareira.

— Deves estar gelada, pobre pequena.

Gaute beijou Cristina.

— Mãe, fomos impelidos pelo destino. Já vistes moça tão linda como a minha Jofrid? Eu queria-a, custasse o que custasse! Haveis de ser boa para ela, mãe querida!

Linda? Sim, encantadora, essa Jofrid Helgesdatter. Cristina não se cansava de a contemplar. Era de pequena estatura, com ombros e ancas largas, roliça e bem feita. A pele, tão fina e clara, tornava-a bela, embora fosse um tanto pálida. Tinha as feições um pouco curtas, contudo agradavam as faces e a curva enérgica do queixo assim como os lábios rubros e os dentes regulares e brancos, quais dentes de leite.

Quando erguia as pálpebras, os seus olhos verdes e luminosos brilhavam como estrelas debaixo das compridas pestanas. Cabelos negros, olhos luminosos! Cristina não conhecia nada de mais lindo desde o dia em que vira Erlend pela primeira vez... e era isso que haviam herdado quase todos os seus belos rapazes.

Cristina fez com que Jofrid se sentasse a seu lado, à mesa. A rapariga continuava tímida e reservada na presença das criadas, corando de cada vez que Gaute erguia o copo para beber à saúde dela.

Ele, no lugar do chefe de família, resplandecia de orgulho e de felicidade.

Para festejar dignamente o regresso do filho, Cristina mandara estender uma toalha e pôr na mesa duas velas de cera em castiçais de cobre dourado. Gaute e Sigurd não cessavam de beber à saúde um do outro, e o enternecimnto do velho ia aumentando. Passou o braço por cima de Gaute e jurou interceder por ele junto dos parentes ricos e do próprio rei Magnus. Havia de conseguir um acordo com a família ultrajada da rapariga.

Ele, Sigurd Eldjarn, não tinha um inimigo; o carácter brigão do pai e a sua infelicidade com a mulher é que haviam originado o vácuo em seu redor...

Por fim, Gaute pôs-se de pé, de copo na mão.

«Como é belo, pensou Cristina, tão parecido com meu pai!» Lourenço ficava assim cheio de entusiasmo, transbordante de alegria de viver, quando começava a estar embriagado.

— Escutai-me: esta mulher, Jofrid Helgesdatter, e eu, festejamos nesta noite a nossa chegada a casa. Se Deus quiser, festejaremos mais tarde as nossas bodas! Obrigado, Sigurd, pela tua amizade, e obrigado, mãe, por nos haverdes recebido como eu esperava do vosso coração maternal. Eu e meus irmãos muitas vezes dissemos entre nós que éreis a mulher mais digna, a mãe mais devotada que se pode encontrar neste Mundo. Por isso é que vos peço que nos deis a honra de preparar com as vossas mãos o nosso leito nupcial de maneira sumptuosa e bela para que eu possa, sem vergonha, convidar Jofrid a dormir comigo. Peço-vos também que acompanheis Jofrid ao quarto para que ela se deite na cama com

as honras que as circunstâncias permitem, pois não tem mãe nem parentes aqui.

Sigurd estava completamente bêbedo; desatou a rir.

— Dormistes juntos na minha casa. Nem podia deixar de ser assim, porque, antes, já havíeis partilhado da mesma cama...

— Pois sim, meu primo — retorquiu Gaute, sacudindo com altivez as madeixas douradas — mas esta é a primeira noite que passará nos meus braços aqui, neste domínio que será dela, se Deus quiser. E vós, bons servos, bebei, alegrai-vos esta noite. Vistes aquela que será minha mulher em Joerundgaard. Espero que todos vós lhe rendais homenagem, e conto convosco para me ajudar a guardá-la e a defendê-la como convém.

Enquanto acolhiam este discurso com aclamações estrepitosas, Cristina levantou-se sem ruído e fez sinal a Ingrid para que a seguisse.

O magnífico quarto de Lourenço Bjoergulfsoen estava bastante danificado por haver albergado durante anos os filhos de Erlend. Cristina não concedera aos rapazes, tão negligentes e desordenados, mais do que o estrictamente necessário, e do mobiliário mais grosseiro. Raras vezes mandava limpar o aposento: era trabalho perdido. Gaute e os amigos sujavam tudo tão depressa era varrido.

As paredes e o soalho estavam impregnados do cheiro dos homens, que se deitavam na cama húmida de chuva ou de suor, e sujos pelas caminhadas nos bosques ou do trabalho nos campos; havia, além disso, um bafio de estrebaria, de fatos de couro e de peles molhadas.

Agora, Cristina e as criadas limpavam tudo o melhor que podiam. A senhora de Joerundgaard trouxe lençóis finos, cobertores e almofadas, queimou bagas de zimbro, e sobre a mesinha colocou uma taça de prata com as últimas gotas de vinho que havia em casa, pão alvo e uma vela de cera num castiçal de bronze. A seguir, puxou a mesa para junto do leito. O quarto não podia ficar mais elegante em tão pouco tempo.

Haviam pendurado armas no tabique que separava o aposento do celeiro: a espada de combate de Erlend e a outra que ele

costumava usar, os machados de Bjoergulf e de Naakkve e outros mais pequenos que os rapazes quase nunca empregavam por serem muito leves.

No entanto, fora com essas machadinhas que o pai fizera toda a espécie de objectos. Tinha tanta habilidade e firmeza de mão que poucas vezes se servia doutras ferramentas para acabar o seu trabalho.

Cristina resolveu levar as machadas para o sótão e guardou-as na arca de Erlend, onde já se encontrava a camisa ensanguentada e a arma que ele tinha na mão quando recebera o golpe mortal.

Gaute propôs, rindo, a Lourenço que levasse a vela diante da noiva até ao quarto. O pequeno sentiu-se, ao mesmo tempo, atrapalhado e orgulhoso. Cristina via que Lourenço compreendia a gravidade do casamento ilegal do irmão; mas o rapazinho estava excitado com aquela extraordinária aventura, e fixava os olhos brilhantes em Gaute e na encantadora rapariga.

Na escada, a luz apagou-se. Jofrid disse a Cristina:

— Gaute não devia exigir isto de vós, mesmo que estivesse bêbedo! Não me acompanheis mais longe, senhora! Não esqueço que sou uma mulher seduzida, separada da família.

— Não me julgo superior de mais para te servir, até meu filho reparar o mal que te fez e teres o direito de me chamar sogra. Senta-te para eu te pentear. Que lindos são os teus cabelos!

Depois de as criadas se terem ido deitar, Cristina, já na cama, sentiu de novo certa inquietação. Afinal, dissera àquela rapariga mais do que pensava.

Mas Jofrid, tão moça ainda, dava a entender que não se julgava melhor do que era: uma criança, no fim de contas, que desprezara a honra e a obediência.

Eis como se passavam as coisas quando levavam a desposada para casa antes das bodas! Cristina suspirou.

Houvera tempo em que ela também estava pronta a tudo arriscar por Erlend! Em todo o caso não tinha a certeza do que faria se a mãe de Erlend morasse em Husaby...

Ora! Não ia aumentar as dificuldades da rapariga...

Ouvia-se ainda o passo trôpego de Sigurd na sala onde devia

dormir com Lourenço. O velho falava dos dois jovens com sincera simpatia — faria todo o possível para que aquela aventura acabasse em bem...

No dia seguinte, Jofrid mostrou à mãe de Gaute o que trouxera para Joerundgaard: dois sacos de couro cheios de roupa e um cofrezinho feito dum dente de morsa esculpido, onde ela guardava as jóias.

Como se houvesse adivinhado os pensamentos de Cristina, Jofrid declarou que todos esses objectos lhe pertenciam; recebera-os, para seu uso pessoal, da herança da mãe. Nada trouxera que fosse do pai.

Cristina estava sentada, com o queixo apoiado na mão; revivia a noite da sua fuga de casa — havia uma eternidade! — quando ela guardara as suas jóias numa caixinha. O que levava consigo fora-lhe dado pelos pais, que ela já desonrara em segredo e que ofendera e desolara pùblicamente.

Jofrid, a julgar pela sua roupa e jóias que herdara da mãe, devia vir duma casa excepcionalmente rica. Cristina avaliava em mais de trinta marcos de prata a roupa desdobrada perante ela. Só a capa escarlate guarnecida de peles brancas, com fivela de prata e capuz forrado de seda, devia ter custado dez a doze marcos. Se o pai da rapariga consentisse num acordo com Gaute, tudo iria bem. Mas considerariam Gaute partido aceitável para essa mulher?

E se Helge decidisse perseguir Gaute com tanta dureza como tinha direito e poder o futuro anunciava-se muito triste.

— Minha mãe usava sempre este anel — disse Jofrid. — Quereis aceitá-lo, senhora? Saberia então que não me julgais tão severamente como se poderia esperar duma mulher digna e de alta estirpe.

— Nesse caso, tenho de tentar substituir tua mãe? — respondeu Cristina, sorrindo e enfiando o anel no dedo. Era uma argolinha de prata ornada duma bela ágata branca; Cristina dizia consigo que, para a pequena, esse anel tinha grande valor visto ter pertencido à mãe.

— Sinto-me obrigada a retribuir-te o presente — volveu ela, abrindo o seu cofre e tirando dali um anel de ouro com uma

safira. — Foi a oferenda que meu marido depôs na minha cama quando Gaute nasceu.

Jofrid beijou a mão que lhe entregava a jóia.

— Tencionava suplicar-vos outra espécie de presente, minha mãe — respondeu com delicioso sorriso. — Não temais que Gaute haja trazido para casa uma mulher indolente e ociosa... Mas acontece que não possuo traje conveniente para o trabalho. Dai-me um dos vossos vestidos velhos, e consenti que eu vos ajude na casa; talvez que chegueis um dia a estimar-me mais do que hoje podeis...

Era o momento de Cristina mostrar o conteúdo dos seus baús. Jofrid teve palavras de compreensível elogio para o belo trabalho da senhora de Joerundgaard. Esta ofereceu-lhe uma coisa ou outra no decurso das suas pesquisas: duas toalhas de linho com entremeio, outra debruada de azul, uma coberta de bom pano e, para acabar, a grande tapeçaria mural que representava uma caçada, com falcões.

— Não quero que estas coisas saiam de casa, e, com a ajuda de Deus e de Nossa Senhora, Joerundgaard será um dia o teu lar.

Contentes uma com a outra, foram visitar os celeiros e os armazéns de provisões, o que durou algumas horas.

Cristina quis dar a Jofrid o seu vestido de burel verde com borbotos tecidos no estofo, mas a rapariga achou-o demasiadamente bonito para fato de trabalho.

«Coitada! Procura agradar à sogra!», pensava Cristina, escondendo um sorriso.

Descobriram, por fim, um vestido velho cor de castanha; serviria muito bem, afirmou Jofrid, se o cortasse em baixo e o remendasse sob os braços e nos cotovelos. Reclamou logo a tesoura e demais objectos de costura e pôs mãos à obra. Cristina pegou também no seu trabalho, e foi assim que Gaute e Sigurd as encontraram quando, à tarde, entraram em casa.

III

CRISTINA concordava, sem desprazer, que Jofrid sabia servir-se das mãos. Se aquela aventura terminasse bem, Gaute podia gabar-se da sua sorte; teria uma esposa activa, bonita e rica. Cristina não encontraria pessoa com maior capacidade para lhe suceder em Joerundgaard, nem que procurasse em toda a Noruega.

Certo dia, exprimira a resolução — mais tarde, não soube como os seus lábios haviam podido pronunciar tais palavras — de se instalar com Lourenço na casa dos velhos e de entregar as suas chaves a Jofrid Helgesdatter logo que esta fosse mulher legítima de Gaute.

Pensou, depois, que devia reflectir antes de falar. Mais duma vez proferira frases precipitadas.

Entretanto, Jofrid não andava bem de saúde. Cristina suspeitara-o desde a chegada da rapariga a Joerundgaard, e lembrava-se do primeiro Inverno que passara em Husaby. Estava casada, o pai e o marido haviam-se ligado por laços de família, fosse qual fosse a sorte dessa amizade quando descobriram a falta cometida. Apesar disso, a vergonha e o remorso haviam-na feito sofrer, e, no íntimo, quisera mal a Erlend. Tinha, então, dezanove anos. Jofrid tinha apenas dezassete; raptada de sua casa, vivia em Joerundgaard no meio de estranhos, trazendo no ventre o filho de Gaute. Cristina era forçada a reconhecer que Jofrid mostrava mais energia e coragem do que ela própria tivera. Mas Jofrid não ofendera a santidade do claustro, não faltara à sua promessa nem rompera esponsais, não enganara nem roubara a honra da família às ocultas. Aqueles dois entes não tinham tanto peso na

consciência como Cristina, embora houvessem pecado contra a lei do país, contra a obediência e bons costumes.

Cristina não se cansava de rezar pela felicidade de Gaute, e tranquilizava-se pensando que Deus não podia infligir ao rapaz e a Jofrid castigo mais duro do que aquele com que o Senhor os punira a ela e ao marido: haviam casado, e o fruto do seu pecado nascera como herdeiro legítimo.

Nem Gaute nem Jofrid aludiam ao estado da juvenil mulher, e Cristina não queria aflorar o assunto, ainda que sentisse desejo de aconselhar aquela criança inexperiente. Jofrid devia poupar-se, descansar de manhã em vez de se levantar antes de todos. Cristina percebia que a rapariga queria produzir mais do que a própria senhora de Joerundgaard.

Não sendo Jofrid dessas pessoas que aceitam a piedade dos outros, Cristina nada mais podia fazer do que subtrair-lhe às escondidas o trabalho mais penoso e tratá-la, a sós e na presença dos criados, como se fosse legalmente sua nora.

Frida andava furiosa por ser obrigada a ceder o seu lugar, ao lado de Cristina, àquela «desavergonhada» de Gaute. Qualificou Jofrid com um feio nome num dia em que estava com a patroa na cozinha. Pela primeira vez Cristina esbofeteou a criada.

— Parece incrível que pronuncies uma palavra dessas, cadela velha, que andas a correr atrás dos homens!

Frida limpou o sangue que lhe corria do nariz e da boca e exclamou:

— Não devereis valer mais, Jofrid e vós, que sois filhas de senhores, do que as filhas dos pobres. Sabeis que vos preparam com antecedência um leito nupcial guarnecido de colchas de seda. Sois vós que andais atrás dos homens, quando, sem poder esperar, correis pelas matas com rapazes e paris bastardos!

— Cala-te e vai-te lavar, que o sangue está a pingar na mesa — replicou a ama com serenidade.

Na porta, Frida esbarrou com Jofrid. Cristina percebeu no olhar da rapariga que esta ouvira as palavras da criada.

— Aquela infeliz fala como uma insensata — disse Cristina. — Não posso mandá-la embora porque não teria para onde ir.

Jofrid esboçou um sorriso de mofa, e a outra apressou-se a acrescentar:

— Criou dois dos meus filhos...

— Mas não Gaute — atalhou Jofrid. — E ela está sempre a recordar que o não criou. Por que a não casais?

Cristina não pôde deixar de rir.

— Não penses que já não tentei isso. Mas as coisas só decorreram bem até a altura em que o homem veio conversar com aquela que devia ser sua esposa...

A senhora de Joerundgaard esperava aproveitar essa oportunidade para fazer compreender a Jofrid que na sua casa só encontraria benevolência maternal. Mas a rapariga parecia encolerizada.

Começava a ver-se que trazia mais do que o seu próprio peso. Numa tarde em que Jofrid ia escolher penas para novos colchões, Cristina aconselhou-a a que amarrasse um lenço na cabeça para não ficar cheia de penugem. A rapariga tapou os cabelos com um trapo de linho.

— Eis o que me convém mais agora, em vez de andar com a cabeça descoberta — disse ela sorrindo.

— Talvez — respondeu secamente Cristina.

Não compreendia que Jofrid pudesse gracejar sobre tal assunto.

Alguns dias mais tarde, ao entrar na cozinha, viu Jofrid a tirar as tripas de tetrazes. O sangue respingara-lhe para os braços. Assustada, Cristina chamou-a de parte:

— Não deves tocar em sangue... Não sabes que...

— Oh! Julgais que tudo isso que dizem é verdade? — perguntou Jofrid com ar de dúvida.

Cristina falou então dos sinais vermelhos que Naakkve tinha no peito. Fê-lo intencionalmente para que Jofrid compreendesse que não estava ainda casada quando presenceara o incêndio da igreja.

— Não pensavas semelhante coisa de mim? — interrogou em voz baixa.

— Gaute contou-me tudo. Vosso pai prometera-vos a Simão Andressoen, mas fugistes com Erlend Nikulaussoen para casa da

tia dele, e Lourenço viu-se obrigado a consentir no vosso casamento.

— Não foi bem assim: não fugimos. Simão desligou-me da promessa feita desde que me inclinei para Erlend, e meu pai consentiu, embora contra vontade. Estive noiva um ano. Não achas que é pior do que julgavas? — acrescentou ela, como a rapariga a olhasse com ar aterrado.

Jofrid limpou o sangue que lhe manchava o braço alvo.

— Sim — respondeu ela em tom baixo e com firmeza — eu não arriscaria a minha boa reputação e a minha honra sem absoluta necessidade. Nada direi a Gaute. Ele julga que o pai vos raptou por não poder obter-vos doutra maneira.

«Tens razão», pensou Cristina.

Como o tempo decorresse e a mãe se preocupasse sempre com o futuro de Gaute, julgou ela que o mais acertado seria o filho mandar uma mensagem a Helge de Holvland, entregando a sua sorte nas mãos dele e pedindo-lhe que lhe desse Jofrid por esposa, nas condições que Helge entendesse fixar. Quando Cristina transmitiu a Gaute a sua ideia, o rapaz pareceu perplexo e esquivou-se a responder. Mais tarde perguntou com rudeza à mãe se esta se encarregaria de mandar uma carta em pleno Inverno através da montanha.

— Não, mas Sira Dag poderia certamente mandar, pela costa, porque os padres têm outras facilidades no envio de cartas, mesmo no Inverno.

Gaute objectou que seria muito dispendioso.

— Nesse caso não será de tua esposa que terás um filho na Primavera? — replicou Cristina indignada.

— Seja como for, o caso não se arranjará tão depressa como isso — respondeu o filho, encolerizado.

Quanto mais passavam os dias, mais Cristina se sentia oprimida e desassossegada. Percebia que arrefecera o primeiro entusiasmo do filho por Jofrid. Gaute andava sempre aborrecido.

Desde o princípio que aquela aventura parecera muito má a Cristina, mas dizia com os seus botões que seria ainda pior se o homem se arrependesse do que fizera.

«Tanto melhor se deploram o seu pecado, mas pena é se Gaute lastimar menos haver ofendido o Senhor do que recear cobardemente o homem a quem ultrajou!»

Gaute, o filho que a mãe sempre julgara o mais perfeito de todos... Não podia ser verdade o que diziam dele: que era leviano e inconstante com as mulheres... Estaria já farto de Jofrid, agora que ela se mostrava pesada e fenecida, e que se aproximava o dia em que ele devia prestar contas do seu acto de violência à família da amante? Cristina desculpava o filho: ela própria se deixara arrastar com a mesma facilidade, apesar de só haver tido, na sua infância, exemplos de piedade e de costumes puros. Os filhos, esses, sabiam desde pequenos que a mãe se desviara do bom caminho, que o pai, na sua mocidade, tivera filhos da esposa de outro, e que pecara com uma mulher casada quando eles já eram crescidos. A vida de Ulf Haldorsoen, as conversas licenciosas de Frida... Ah! não era de admirar que fossem fracos à tentação...

Gaute devia casar com Jofrid se conseguisse obter a licença da família — devia casar e ficar reconhecido por isso —, mas que desgosto para Jofrid se percebesse que Gaute a desposava contrariado e só por obrigação!

Durante a Quaresma, Cristina e a rapariga preparavam as provisões para os alforjes dos lenhadores. Batiam o peixe seco para o achatar, enchiam vasilhas de manteiga e bilhas de cerveja e de leite. Cristina via que Jofrid se fatigava muito em estar de pé, mas quando a mandou descansar a outra ficou vexada.

Para a tornar de bom humor, a sogra teve a ideia de lhe perguntar:

— Diz-me cá, Jofrid, foi com a fita dos teus cabelos que Gaute domou o tal garanhão?

— Não, senhora — respondeu a rapariga corando e com irritação. — Foi com a de minha irmã Aasa. A princípio Gaute namorou-a, mas quando regressei a casa ele não soube qual de nós preferia. Esperava encontrar Aasa na residência de Dagrun, neste Verão; zangou-se quando impliquei com ele por causa de minha irmã, e jurou por Deus e pelos santos que não era desses que se

chegam de mais às filhas de pessoas honradas. «Nada houvera entre mim e Aasa que me impedisse de deitar contigo nessa noite», dizia Gaute. Acreditei-o.

Jofrid ria-se agora. Olhou para Cristina e meneou a cabeça com ar de desafio:

— Mas eu queria casar com Gaute, e pouco falta para que o obtenha. Em geral tudo decorre conforme a minha vontade.

Cristina acordou a meio da noite. Sentia nas faces e no nariz o frio cáustico. A manhã não devia estar longe, mas Cristina hesitou em levantar-se para observar as estrelas. Encolheu-se na cama para se aquecer um pouco mais. No mesmo instante recordou-se do sonho que tivera:

Estava na sala de Husaby e acabara de dar à luz um filho. O menino, deitado nos braços da mãe, apresentava-se envolvido numa pele de cordeiro, que escorregara deixando ver o corpinho vermelho. Apoiava as mãos minusculas no seu rosto e enterrava os joelhos no ventre de Cristina. De vez em quando movia-se um pouco. Ela não se sentia admirada pelo facto de o pequeno não estar enfaixado e de não haver ninguém no quarto. O seu calor aquecia o nené, e os menores movimentos deste repercutiam-se no coração da mãe. A fadiga e as dores do parto subsistiam ainda, mas como sombra que se dissipa, enquanto deitada no seu leito contemplava o filho e sentia a alegria e o amor maternal crescerem nela, tal como a luz do dia se eleva a pouco e pouco por trás das serras.

Ao mesmo tempo que estava deitada na cama, via-se também no pátio, encostada à casa. A seus pés brilhava o vale ao sol da manhã. Era Primavera. O vento soprava frio e trazia o cheiro do mar distante. As montanhas banhavam-se na luz. Derretera a neve em certos pontos de redor da casa, mas alvejava ainda em todas as clareiras da floresta verde-escura. Flutuavam nuvens ligeiras no céu cor de aço. Havia debaixo das árvores neve amontoada, dura como granizo nocturno, e entre as casas a sombra era glacial, pois o sol não ultrapassara os picos a leste do domínio. Diante de Cristina, a brisa matinal agitava e fazia brilhar as

ervas secas, enquanto uma espessa camada de gelo, de reflexos metálicos, aprisionava ainda as raízes...

Cristina soltou um gemido involuntário. Lourenço dormia e a mãe ouvia-lhe a respiração igual que partia do outro leito. E Gaute? Esse, estava no quarto de cima com a amante...

Suspirou, agitou-se, e o velho cão colou-se-lhe às pernas vergadas debaixo da coberta.

Cristina ouviu então Jofrid andar cá e lá. Saltou da cama, calçou os sapatos e enfiou o vestido de burel e o casaco de cabedal.

Às apalpadelas, aproximou-se da lareira, agachou-se, soprou e remexeu as cinzas: nem uma brasa. O lume apagara-se de todo durante a noite. Sacou o fuzil, mas a isca estava húmida. Por fim, cansou-se dos seus esforços inúteis e, pegando na pá, foi pedir a Jofrid algumas brasas.

No fogão ardia um lume maravilhoso que iluminava todo o quarto. À claridade das chamas, Jofrid fixava a fivela de cobre no gabão de pele de rena pertencente a Gaute. Na penumbra do leito distinguia-se o dorso nu do rapaz: Gaute dormia sem camisa, mesmo com frio de rachar. Estava sentado e almoçava na cama.

Jofrid levantou-se, pesada, e disse com certo ar de dona de casa:

— Quereis um gota de cerveja, mãe? Aqueci-a para Gaute. Levai também um poucachinho para Lourenço; ele e Gaute têm de ir à floresta; está muito frio para os homens.

Cristina esboçou um gesto de mau humor quando voltou para o seu quarto e acendeu o lume. Jofrid parecia estar absolutamente à vontade. E aquele Gaute a fazer-se servir pela amante, e a solicitude desta pelo esposo ilegítimo! Como tudo aquilo era impudico e repugnante!

Lourenço ficou na floresta, mas Gaute, esfomeado e cheio de fadiga, regressou á noite. As duas mulheres demoraram-se para lhe fazerem companhia enquanto ele ia bebendo; os criados haviam-se ido deitar.

Cristina via que Jofrid não estava bem. Deixara cair a costura no regaço e a dor contraía-lhe as feições.

— Dói-te alguma coisa, Jofrid? — perguntou Cristina docemente.

— Os pés e as pernas, um pouco.

Jofrid trabalhara todo o dia como costumava, sem querer descansar. Agora tinha pontadas; as pernas estavam entumescidas.

De súbito, caíram-lhe lágrimas das bordas das pestanas. Cristina nunca vira uma mulher chorar de forma tão estranha. Jofrid estava sentada, silenciosa, com os dentes cerrados, enquanto lágrimas redondas e transparentes, com aquele aspecto duro das pérolas, lhe deslizavam pelo rosto contraído e coberto de manchas escuras. Parecia vexada por não se haver podido dominar, e foi contra vontade que deixou Cristina ampará-la até à cama.

Gaute seguiu as duas mulheres.

— Sofres, minha querida? — perguntou com timidez.

A sua cara, vermelha do frio, mostrava uma expressão desolada. Olhava para a mãe, que ajudava Jofrid a deitar-se, descalçando-a e tratando-lhe dos pés e das pernas inchadas.

— Sofres, minha querida? — repetiu ele.

— Julgas que me comportaria desta maneira se não sofresse? — respondeu a rapariga, enfadada.

— Sofres? — insistiu o rapaz.

— Bem vês que sim. Não fiques aí especado como um imbecil... — Cristina virara-se para o filho: os seus olhos despediam centelhas.

A muda inquietação em que andava por causa do remate daquela história de amor, a impaciência por ter de tolerar na sua própria casa a vida irregular desse par juvenil, a dúvida angustiosa que sentia a respeito da coragem do filho, tudo o que a sufocava há muito tempo explodiu num acesso de furor:

— És assim tão parvo para a julgares feliz, ela que está a ver que não és um homem, visto que não te atreves a atravessar a montanha com receio do vento e da neve? Sabes que dentro em

pouco se arrastará de joelhos, com as dores do parto, e que o filho será tido por bastardo, porque não ousas ir falar com o pai. Ficas confortàvelmente sentado ao pé da lareira, e não te arriscas sequer a mexer um dedo para defenderes a mulher que tens e o filho que vais ter. Teu pai não receava o meu ao ponto de não lhe querer falar, nem era tão friorento que não quisesse atravessar de patins a montanha. Que vergonha para ti e que desgraça a minha ter de viver o dia em que me veja forçada a qualificar de poltrão um dos filhos que Erlend me deu!

Gaute agarrou com as duas mãos no banco feito dum cepo de madeira e atirou-o para a outra extremidade do quarto. Correu à mesa e fez voar tudo o que ali se encontrava. Depois saiu, mas não sem dar mais um pontapé no banco. Cristina e Jofrid ouviram-no praguejar pela escada abaixo.

— Mãe, fostes realmente muito severa para Gaute — disse a rapariga, apoiando-se no cotovelo. — Não podeis esperar com justiça que ele arrisque a vida para ir a casa de meu pai com o fim de saber se tem licença para casar com a namorada seduzida... com a única camisa que eu trazia quando cá cheguei... ou se irá ser expulso do país...

As vagas de cólera agitavam ainda Cristina. Respondeu com altivez:

— Apesar de tudo, não creio que meu filho se sinta satisfeito nesta inacção.

— Não, se não me tivesse a mim para reflectir por ele — retorquiu Jofrid.

Quando viu o semblante assustado de Cristina, o riso fez-lhe tremer a voz.

— Querida mãe, bastante me custa reter Gaute, e não quero que ele cometa mais tolices por minha causa; não quero privar os meus filhos da riqueza que posso esperar da minha família, ainda que uma conciliação fosse o mais honroso para nós todos.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que logo que os meus parentes procurem Gaute, o cavaleiro Sigurd irá ao encontro deles, para que vejam que Gaute tem aliados. Terá de pagar o resgate por inteiro. Mas,

depois, meu pai será forçado a dar-me a Gaute de tal maneira que tornarei a ter, como minhas irmãs, pleno direito à herança paterna.

— Mas, nesse caso... é por tua culpa, se te não casaste antes do nascimento do teu filho?

— Desde o momento em que fugi de casa com Gaute... quem vai acreditar que ele colocou uma espada desembainhada entre nós durante a noite?

— Nunca falou das suas intenções à tua família?

— Não; sabíamos que seria inútil, mesmo que Gaute fosse mais rico do que é. — Jofrid mais uma vez desatou a rir. — Meu pai imagina que entende melhor do que ninguém do comércio de cavalos. Mas terá de ser muito mais esperto do que meu pai quem conseguir enganar Gaute Erlendsoen em matéria de trocas de cavalos.

Cristina não pôde deixar de sorrir, apesar do descontentamento que sentia.

— Não conheço muito bem a lei nesse ponto — disse ela — mas duvido que Gaute obtenha com facilidade um acordo que aches *bom*. Se Gaute for condenado ao desterro e teu pai te levar para casa, ou exigir que entres num convento para expiares a tua falta...

— Não me pode mandar para um convento sem me conceder um dote valioso, e por isso será mais barato e mais honroso para ele entender-se com Gaute e receber uma indemnização. Assim, não terá de se desfazer dos seus bens quando eu casar. Quanto ao meu direito de herança, julgo que meu pai achará uma partida bem feita a meu cunhado Olavo. Doutra forma, teriam o encargo do meu filho. Meu pai há-de reflectir antes de me levar para Hovland com um bastardo. Eu também não percebo muito bem a lei, mas conheço meu pai e conheço Gaute. A questão não se resolverá antes de eu estar outra vez leve e saudável. Nessa altura, mãe, não me vereis chorar. Gaute terá a conciliação... Escutai-me! Gaute descende de fidalgos e até de reis, e vós sois aparentada com as melhores famílias do país; consentistes que os vossos filhos não ocupassem o lugar a que tinham direito pelo nascimento, mas

afirmo-vos que vereis ainda os vossos descendentes, os filhos de Gaute, na situação que lhes compete.

Cristina ficou calada. Talvez tudo decorresse conforme a vontade de Jofrid, talvez se houvesse afligido sem razão pela rapariga. Jofrid emagrecera de rosto. As faces já não eram cheias, e notava-se-lhe mais o queixo forte e voluntarioso. A rapariga bocejou, tornou a sentar-se e procurou com os olhos as meias e os sapatos. Cristina entregou-lhos e Jofrid agradeceu.

— E não repreendais Gaute, mãe! Ele não anda muito satisfeito por ainda não estarmos casados... mas eu não quero que o meu filho seja indigente antes mesmo de haver nascido.

Quinze dias mais tarde, Jofrid deu à luz um belo e robusto rapaz, e Gaute mandou logo um portador com essa notícia a Sundbu. Sem demora, Sigurd chegou a Joerundgaard para ser padrinho de Erlend Gautessoen.

Embora Cristina se alegrasse com a vinda desse neto, sofria com a ideia de o nome de Erlend reviver num bastardo.

— Teu pai arriscou-se a mais para assegurar os direitos do filho — disse ela a Gaute, certa noite em que ele estava sentado na sala de tecelagem entretido a ver lavar o nené. Jofrid dormia sossegadamente na sua cama. — A sua afeição pelo velho Nikulaus não seria muita, mas em todo o caso respeitava-o bastante para não dar o seu nome a um filho ilegítimo.

— E, então, Orm, que tinha o nome do avô materno? — replicou Gaute. — Talvez eu não proceda como bom filho, mas lembrai-vos, mãe, que no tempo em que meu pai vivia não o julgáveis exemplar... Agora falais, por tudo e por nada, como se ele houvesse sido quase um santo. Sabemos o contrário. Teríamos grande orgulho em sermos como nosso pai. Não esquecemos que era nobre e valente, superior a todos pelos dons que mais agradam num homem, mas não me queirais convencer que era o rapaz mais virtuoso que jamais entrou no quarto de mulheres. Também não foi famoso no cultivo das suas terras... No entanto, meu pequenino Erlend, oxalá te pareças com o avô...

Gaute pegou no menino que já estava pronto para dormir e

apoiou o queixo na carinha vermelha emoldurada pela touca de lã branca.

— Erlend Gautessoen de Joerundgaard, tu que és tão bem dotado e tanto prometes, diz a tua avó que não tens medo que teu pai te renegue. — Fez o sinal da cruz sobre a criança, que depôs no colo de Cristina. Em seguida, foi contemplar a juvenil esposa adormecida. — Dizeis que tudo decorre o melhor possível para a minha Jofrid, mãe? Todavia, ela está pálida... Enfim, entendeis mais do que eu destas coisas. Dormi na paz de Deus!

Um mês depois de o filho nascer, Gaute deu uma grande festa para o baptismo de Erlend, e nela compareceram todos os parentes, de perto ou de longe. Cristina calculou que Gaute convidara toda a família para esta conhecer a sua situação. Estava-se na Primavera, e era possível que o pai de Jofrid não tardasse a dar notícias suas.

Cristina teve a alegria de ver chegar Ivar e Skule. Apareceram também em Joerundgaard o primo Sigurd Kyrning, genro do tio que morava em Skog, Ivar Gjesling de Ringheim e Halvard Trondsoen. Cristina nunca mais encontrara os filhos de Trond desde que Erlend arrastara para a sua ruína os rapazes de Sundbu. Eram agora velhos. Descuidados mas generosos e francos na sua mocidade, não se haviam modificado; mostraram atitude sincera e amigável perante os filhos de Erlend e do seu sucessor em Sundbu, o cavaleiro Sigurd.

A cerveja e o hidromel corriam em catadupas em honra do menino, Jofrid e Gaute recebiam os convidados com tanta naturalidade que se poderia julgá-los casados pelas diligências do próprio rei. Toda a gente se mostrava alegre e ninguém parecia lembrar-se de que a honra e a prosperidade do moço casal estavam ainda em jogo.

Mas Jofrid é que não o esquecia.

— Quanto mais se mostrarem ousados e altivos na entrevista com meu pai, mais ele ficará disposto a ceder — declarou a rapariga a Cristina. — Olavo Piper nunca soube dissimular que gostaria de conviver com os nobres do país.

A única pessoa que não parecia muito à vontade naquela

reunião era Jammaelt Havaldsoen. O rei Magnus concedera-lhe, pelo Natal, o título de cavaleiro, Ramborg Lavransdatter tornara-se em grande dama.

Desta vez, a instâncias da cunhada, Jammaelt trouxera consigo André Simonsoen, o mais velho dos enteados. Cristina ouvira dizer que o rapazinho era um tanto singular, o que a atormentara bastante. Teria sido castigado no corpo e no espírito pelo que ela ousara fazer-lhe em pequeno? Mas o padrasto afirmara que André era forte e saudável. Tinha um coração de ouro e talvez fosse mais inteligente do que o vulgar. No entanto, era sujeito a visões. Às vezes, o seu espírito parecia ausente, e depois fazia coisas estranhas. Por exemplo, no ano anterior. Certo dia pegou na colher de prata que Cristina lhe oferecera por ocasião do seu nascimento e num belo colchete de camisa que herdara do pai. Saiu de casa e desceu à ponte do rio que liga a estrada real de Aelin. Aí ficou algumas horas à espera. Por fim, passou um velho mendigo e uma mulher que levava um filho ao colo. André dirigiu-se a eles, deu-lhes os seus tesouros e pediu que o deixassem transportar a criancinha. Em casa estavam aflitíssimos porque André não aparecera para jantar nem para cear. Toda a gente partiu à sua procura e Jammaelt acabou por saber que alguém vira André muito longe, do lado norte, em companhia duns vagabundos a quem chamavam Krepp e Kraaka. O rapazinho levava o filho deles.

No dia seguinte, quando Jammaelt conseguiu alcançar André, este confessou-lhe ter ouvido uma voz, na missa do domingo anterior, enquanto fitava o quadro do altar. Esse quadro representava a Mãe de Deus e São José com o Menino Jesus a caminho do Egipto.

André sentira-se tomado do desejo de haver vivido naquele tempo, pois, nesse caso, pediria para acompanhar a Santa Família e para transportar o Menino. Ouvira então uma voz, a mais suave do Mundo inteiro, e essa voz prometera-lhe um sinal se ele comparecesse na ponte de Bjerkheim em determinado dia. Em geral, André não gostava de falar das suas visões, porque o pároco dizia que eram invenções ou perturbações de espírito; as

maneiras singulares de André assustavam Ramborg. Mas o rapazinho conversava muito com uma criada velha bastante piedosa e com um dominicano que percorria o país durante a Quaresma. Sem dúvida que André acabaria por escolher a vida espiritual, e seria, nesta hipótese, Simão Simonsoen quem se estabeleceria em Formo. Simão era um petiz robusto e cheio de vida, parecidíssimo com o pai; tornara-se o predilecto da mãe.

Ramborg e Jammaelt não haviam tido filhos da sua união. Pessoas que tinham visto Ramborg em Raumarike disseram a Cristina que ela engordara imenso e se tornara muito indolente. Convivia com as famílias mais categorizadas da região, e não queria regressar à sua terra natal. Cristina não tornara a ver a irmã desde o dia em que se haviam separado em Formo. No entanto tinha a certeza de que Ramborg lhe continuava a querer mal.

Entendia-se bem com Jammaelt, o qual se ocupava dos filhos da mulher com terna solicitude. Decidira que o primogénito daquele que viesse a herdar os seus bens, no caso de morrer sem descendência, desposasse Ulvhild Simonsdatter. Assim, seria a filha de Simão Darre quem usufruiria dos bens depois da morte dele.

Arngjerd casara com Grunde de Eiken no ano seguinte ao da morte de Simão. Gyrd Darre e Jammaelt ofereceram-lhe um magnífico dote, tal como o pai — eles sabiam isso — tencionara dar a essa filha. A rapariga era feliz, dizia Jammaelt. Grud fazia tudo o que a mulher queria, e já tinham dois lindos pequenos.

Cristina ficou comovida ao tornar a ver o filho de Simão e de Ramborg. Era o vivo retrato de Lourenço Bjoergulfsoen, ainda mais do que Gaute. Nos últimos anos, Cristina perdera a esperança de ver Gaute tornar-se semelhante ao avô pelo carácter.

André Darre tinha agora doze anos. Alto e esbelto, louro e bonito, era de natureza um tanto silenciosa, ainda que parecesse saudável e alegre. Comia com apetite, mas recusava sempre carne. Havia nele qualquer coisa que o diferenciava dos outros rapazes; Cristina não saberia dizer o quê, embora o observasse de perto. André e a tia tornaram-se bons amigos; ele, entretanto, nunca aludiu às suas visões nem caiu em êxtase durante a sua estada em Sil.

Os quatro filhos de Erlend mostravam-se contentes com a sua reunião em casa da mãe, mas Cristina não lhes pôde falar muito. Quando conversavam uns com os outros, sentia ela que a existência e felicidade dos rapazes haviam deslizado para fora do seu campo visual.

Os dois que tinham chegado de longe estavam separados do lar, e os outros dois, que permaneciam em Joerundgaard, não tardariam a afastá-la do governo da casa.

A festa calhava a meio da Primavera, em plena escassez, mas Cristina via que, desde muito tempo, Gaute se preparara para a defrontar, economizando tudo o mais possível durante o Inverno. Não só guardara maior quanidade de forragem do que costumava como a pedira emprestada a Sigurd.

O rapaz tudo fizera sem a consultar. E as discussões a respeito do caso de Gaute passavam, por assim dizer, por cima da cabeça da mãe, mesmo estando ela sentada na sala com os homens.

Não ficou muito admirada quando Ivar um dia lhe participou que Lourenço o acompanharia no seu regresso a Rognheim.

Ivar, entretanto, insistia para que a mãe se instalasse em casa dele depois do casamento de Gaute.

— Tenho a impressão de que Signe é uma nora mais acomodatícia; em qualquer caso, há-de custar-vos abandonar a direcção de Joerundgaard onde fostes habituada a governar.

Apesar disso, Jofrid parecia agradar a Ivar, como a todos os homens. Sòmente Jammaelt lhe mostrava certa frieza.

Cristina, com o neto no regaço, cismava: nem em Joerundgaard nem em Kognheim a vida lhe seria propícia. Não é fácil envelhecer. Dir-se-ia ter sido há poucos anos que os homens altercavam por causa dela, jovem e amada. Agora, passara para segundo plano. Ainda há dois dias, os filhos eram assim como o netinho... E Cristina pensou no pequenino defunto que revivia nos seus sonhos. Depois, lembrou-se da mãe. Imaginava-a sempre mulher idosa e melancólica. Mas Ragnfrid também fora nova, quando aquecera Cristina com o calor do seu corpo. Como esta,

não reflectira, quando tinha ao seio um ente indefeso e minúsculo, que em cada dia essa criança se iria afastando mais dela.

«Quando tiveres filhos, Cristina, compreenderás...», dissera Ragnfrid certo dia.

Sim, hoje compreendia que o espírito da mãe se absorvera todo nela. Ragnfrid recordava-se das ideias que tivera antes de a filha nascer, recordava-se dos anos em que Cristina nada sabia, anos de esperança, de angústia, de sonhos — uma criança não suspeita destas coisas até por sua vez chegar à época da expectativa, do receio e das aspirações...

Como tudo isto é misterioso!

Dispersaram-se os hóspedes a pouco e pouco: alguns foram a Formo visitar Jammaelt, outros acompanharam Sigurd até Vaage...

Finalmente, numa bela manhã, chegaram a Joerundgaard, com grande tropel dos seus cavalos, dois caseiros de Gaute que moravam ao sul do vale. O senescal vinha a caminho com o pai de Jofrid e a respectiva família.

Lourenço correu direito à estrebaria.

No dia seguinte, à tarde, Joerundgaard parecia um campo de concentração. Os parentes de Gaute encontravam-se ali todos com os seus escudeiros armados, e os amigos haviam acorrido de toda a parte. Surgiu então Helge de Hovland, com numerosa escolta, a fim de pedir contas do rapto da filha. Num fugitivo instante, Cristina pôde ver Helg Duk que entrava no pátio ao mesmo tempo que o senescal Paulo Soerkvessoen. O pai de Jofrid era homem já velho e com ar enfermiço. Alto e curvado, coxeava bastante depois de se apear. O genro, Olavo Piper, era baixo, atarracado e ruivo.

Gaute foi ao encontro deles, de cabeça erguida. Em semicírculo, via-se o grupo dos parentes e amigos no patamar da escada. No meio, estavam postados os dois velhos representantes da Ordem de Cavalaria, Sigurd e Jammaelt.

Da janelinha da sala de jantar, Cristina e Jofrid observavam o encontro, mas não entendiam as palavras trocadas.

Os homens subiram para o primeiro andar, e as duas mulhe-

res voltaram para a casa de tecelagem. Nenhuma delas se atrevia a falar. Cristina sentou-se perto do lume. Jofrid andava cá e lá com o filho ao colo. Decorreram longos momentos até que a rapariga embrulhou o menino num cobertor e saiu do quarto. Pouco depois, Jammaelt Halvardsoen veio contar à cunhada o que se passara. Gaute oferecera a Helge Duk seis marcos de ouro pela honra de Jofrid e pelo seu rapto, preço igual ao que o irmão de Helg pagara pela vida do filho. Gaute, ao receber Jofrid da mão do pai desta, dar-lhe-ia os convenientes presentes de núpcias, e, em troca, Helge reconciliar-se-ia inteiramente com a filha e com o genro, daria a Jofrid o mesmo dote das irmãs e o seu direito à herança paterna.

Sigurd responsabilizara-se, em nome da família de Gaute, pelo cumprimento dos termos do acordo.

Helge Duk parecera logo disposto a aceitar a proposta, mas o genro, Olavo Piper, e Nerid Kaaressoen, noivo de Aasa, insurgiram-se contra a conciliação e disseram que Gaute era o mais impudente dos homens por ele próprio apresentar as condições do seu casamento com uma rapariga que desonrara em casa do cunhado e raptara em seguida. Era inadmissível que Gaute pudesse exigir para Jofrid herança paterna proporcional à das irmãs.

— Via-se perfeitamente — disse Jammaelt — que Gaute não fixava de boa vontade o preço do seu casamento com uma rapariga de gente nobre, que seduzira e que lhe dera um filho, mas via-se também que a lição e o seu breve discurso lhe foram bem ensinados para que os soubesse de cor!

Enquanto discutiam os prós e os contras do assunto, Jofrid entrara com o filho ao colo.

Então Helge Duk desatara a chorar e tudo se fizera como ela queria.

Evidentemente que Gaute nunca poderia propor semelhante indemnização se Jofrid não tivesse tal dote que as duas somas se compensassem. Afinal, Gaute obtinha Jofrid. Não lhe trazia mais do que o conteúdo dos sacos que tinha consigo na sua chegada a Joerundgaard; ele, porém, cedia à mulher a maior parte dos

seus bens como presente de núpcias, e os irmãos consentiam nisso. Contudo, teriam um dia grande riqueza «se a sua união não fosse estéril...»

A estas palavras, Ivar Gjesling desatara a rir e com ele todos os homens.

Cristina corou por Jammaelt ter ouvido os dichotes que se haviam seguido.

No outro dia, Gaute Erlendsoen celebrou os seus esponsais com Jofrid Helgesdatter e esta foi à igreja em visita de purificação com tanta pompa como se fosse esposa legítima. Sira Dag disse que ela tinha agora esse direito. Jofrid foi em seguida com o filho para Sundbu e aí residiu em casa do cavaleiro Sigurd até à altura do seu casamento, que se realizou um mês mais tarde, pouco depois do dia de São João. Foram bodas magníficas e sumptuosas. Na manhã seguinte, Cristina entregou solenemente as suas chaves ao filho, e Gaute prendeu-as no cinto da esposa.

Sigurd Eldjarn ofereceu também uma grande recepção em Sundbu. Por essa ocasião selaram um pacto de amizade entre ele e os primos, antigos moradores do domínio.

Sigurd distribuiu com generosidade uma porção de objectos valiosos, tanto aos Gjeslings como a todos os seus convidados, conforme o grau de parentesco e de amizade: louças, jóias, armas, peles, cavalos... E todos foram de opinião que Gaute Erlendsoen levara a sua aventura a uma conclusão muito honrosa.

IV

NUMA manhã de Verão, no ano seguinte, estava Cristina na galeria da antiga casa de Lourenço, ocupada em arrumar os seus baús, quando ouviu passos de cavalo no pátio. Avançou e espreitou o que se passava através das finas colunas da varanda. Um dos lacaios trazia pela rédea dois cavalos, e Gaute apareceu à porta da estrebaria, com o filho aos ombros. A carinha rosada erguia-se acima dos cabelos louros do pai, e Gaute segurava na sua mão morena os pulsos roliços do petiz.

Depois, entregou-o a uma criada que atravessava o pátio, e montou a cavalo. Mas, como Erlend gritasse e estendesse os braços para o pai, Gaute tornou a pegar nele e sentou-o na sela. No mesmo instante, Jofrid saiu da casa principal.

— Para onde vais com Erlend, Gaute?

O marido respondeu que ia ao moinho que a cheia ameaçava levar.

— E Erlend quer vir com o pai.

— És doido!

Jofrid arrebatou-lhe o filho e Gaute soltou uma gargalhada.

— Julgas que eu o ia levar comigo?

— Julgo, sim. — A mulher ria também. — Acarretas o pobre do pequeno para toda a parte aonde vais. Pouco te falta para imitares o lince e devorares o teu filho só para o não deixares a outra pessoa.

Agarrando na mãozinha de Erlend, Jofrid fê-lo acenar ao pai, que saía do pátio; depôs, então, a criança sobre a relva e inclinou-se um momento para lhe falar antes de voltar para casa.

Cristina ficou a contemplar o neto, tão lindo no seu vestido escarlate, que luzia ao sol matinal.

Erlend dançava de roda com os olhos no chão. De súbito, descobriu um monte de aparas de madeira, e logo se aplicou com energia a atirá-las ao ar.

Cristina pôs-se a rir.

O miúdo tinha um ano e três meses, mas, na opinião dos pais, era de grande precocidade, pois sabia andar e correr e dizia uma ou outra palavra. Ei-lo a dirigir-se para o regato da extremidade do pátio. Aquela regueira tornava-se em ribeiro quando chovia na montanha. Cristina correu para o pequeno e pô-lo nos braços.

— Não, isso não! Tua mãe ralha, se te molhas.

O petiz fez beicinho, indeciso se havia de gritar ou submeter-se: não o deixavam patinhar no regato para onde ia com tanto gosto; por outro lado, molhar-se equivalia, para ele, a um pecado mortal; Jofrid era muito severa nesse ponto...

Que ar ponderado o seu! Cristina beijou-o, pousou-o no chão e voltou para a galeria. Mas o seu trabalho não avançava, ela não fazia senão olhar para o pátio...

O sol da manhã derramava uma luz branda nos três edifícios fronteiros. Cristina tinha a impressão de que nunca reparara naquelas casas imponentes com as suas varandas de colunas ricamente entalhadas. O catavento dourado, no cimo da empena do celeiro novo, salientava-se contra o fundo azulado das montanhas.

Nesse ano, o Verão começara húmido, e a erva dos telhados resplandecia, viçosa.

Cristina soltou um leve suspiro e, depois de relancear a visita pelo pequeno Erlend, continuou na arrumação dos baús.

De repente, um grito de criança rasgou o silêncio. A avó largou tudo o que tinha na mão e correu para fora.

Erlend chorava, e o seu olhar ia ora para o dedo que erguia ora para uma vespa que, meio morta, jazia por terra.

Logo que Cristina o pegou ao colo e o lastimou, o petiz gritou com mais força e quando, com exclamações de piedade e de ternura, ela pôs terra molhada e uma folha verde sobre a picada, o desespero de Erlend tornou-se assustador.

Embalando-o e acalmando-o, levou-o para a sala, enquanto ele gritava como se o estivessem a esfolar. Bruscamente, a meio dos berros, o pequeno calou-se. Reconhecera o boião e a colher de osso que a avó tirara da prateleira. Cristina molhou bocadinhos de pão no mel e deu-os a comer a Erlend, continuando a lamentá-lo e a esfregar a sua face na cabecinha guarnecida de cabelos louros ainda levemente ondulados na nuca. O pequeno tivera lindos caracóis, mas dera cabo deles com o roçar constante nas almofadas do berço...

Erlend esquecera o seu desgosto; ergueu o rosto para o de Cristina e tentou agarrá-lo com as mãos pegajosas.

Estavam em plena brincadeira quando Jofrid entrou:

— Trouxestes o pequeno; não valia a pena incomodar-vos, eu estava no celeiro...

Cristina contou o desastre sucedido a Erlend.

— Não o ouviste gritar?

Jofrid agradeceu à sogra.

— Mas não vos incomodeis mais connosco...

E pegando no filho, que lhe estendia agora os braços e queria ir para ela, saiu da sala.

Cristina, depois de colocar no seu lugar o boião de mel, deixou-se ficar sentada, de braços pendentes. Os baús podiam esperar até que Ingrid tivesse tempo de se ocupar deles...

Haviam decidido que Cristina levaria Frida Styrkaarsdatter para a servir quando ela se instalasse na casa dos velhos. Mas Frida casara com um dos criados que tinham acompanhado Helge Duk, um rapaz que podia ser filho dela.

— Na minha terra é hábito os lacaios obedecerem aos seus superiores quando estes lhes dão conselhos no seu interesse — dissera Jofrid a Cristina, que se admirava daquele casamento.

— E aqui — replicara a sogra — os servos não estão acostumados a dar-nos ouvidos senão quando somos razoáveis; seguem os nossos conselhos se forem vantajosos para eles como para nós; aviso-te, Jofrid, e trata de nunca esqueceres!

— É verdade o que diz minha mãe, Jofrid — acrescentara Gaute com ar hesitante.

Mesmo antes de estarem casados, Cristina reparara que Gaute receava contradizer Jofrid; era o marido mais submisso do mundo. A mãe reconhecia que, em muitos aspectos, Gaute tinha razão em se deixar guiar pela mulher. Jofrid era sensata, inteligente e mais activa do que a maioria das recém-casadas. E não se mostrara mais leviana do que a sogra fora no seu tempo: Cristina também calcara aos pés o dever filial e desprezara a sua honra por não poder alcançar por outro preço o homem que ela desejava.

Logo que a sua vontade triunfara, tornara-se numa mulher absolutamente honesta e fiel.

Era evidente que Jofrid amava o marido com todas as veras da sua alma; andava cheia de orgulho pela beleza de Gaute e pela nobre raça a que ele pertencia; as irmãs de Jofrid tinham casado ricas, mas não podiam olhar bem para a cara dos respectivos maridos senão de noite e quando não havia luar... E, quanto aos antepassados deles, nem se devia falar, dizia Jofrid com um riso escarninho.

A rapariga velava ciosamente pela honra e prosperidade do esposo; em casa, amimava-o o mais possível. Mas se Gaute se atrevia a discordar da opinião da mulher, mesmo em casos sem importância, a fisionomia de Jofrid tomava tal expressão que Gaute se perturbava, hesitante. Depois, admoestava-o severamente.

No entanto, pelo ar risonho de Gaute, não havia dúvida que o casal vivia feliz. Gaute amava a mulher. Ambos estavam orgulhosos do filho, que adoravam.

Tudo correria às mil maravilhas se Jofrid Helgesdatter não fosse... sim, se não fosse avara. Impossível não perceber isso. Não era pelo facto de a rapariga se mostrar autoritária que a sogra se desolava. Desde a ceifa, no primeiro Outono que se seguiu ao casamento, Cristina compreendera que o pessoal andava descontente, embora ninguém lhe houvesse dito nada.

Noutros tempos, acontecia terem os criados de comer arenque ou carne estragada ou toucinho rançoso e fibroso como madeira resinosa. Mas sabiam que a patroa os compensaria com um bom

acepipe noutra refeição. Servir-lhes-ia, por exemplo, sopa de aveia, queijo fresco, boa cerveja além da habitual.

E, quando na mesa apareciam alimentos não muito saborosos, todos compreendiam que era o que havia a mais nos celeiros repletos de Cristina; a abundância de Joerundgaard espalhava-se por toda a região, quando os outros estavam na penúria.

Agora, ninguém tinha a certeza da solicitude de Jofrid em distribuir as suas provisões pelos necessitados no caso de haver fome na terra. Era isto que afligia a sogra; a seus olhos, diminuíra a honra do domínio e a dos próprios donos.

Notara ela, no decorrer desse ano, que a nora só queria bem ao marido e ao filho. Depois do dia de São Bartolomeu deram a Cristina apenas dois carneiros em lugar dos quatro que lhe deviam.

É certo que os glutões haviam dizimado o gado nas montanhas, no Verão anterior... mas mesmo assim! Cristina achava vergonhoso ratinhar dois carneiros num rebanho tão grande; mas calou-se. E aquela mesquinhez repetiu-se em tudo que tinham obrigação de entregar a Cristina, tanto na matança que houvera no Outono como no trigo, na farinha, na forragem das suas quatro vacas e dos seus dois cavalos: obtinha muito pouco ou produtos de qualidade inferior.

Gaute lastimava o caso, Gaute tinha vergonha — a mãe bem reparava —, ele, porém, não ousava intervir e fingia que não dava por nada.

Sempre fora generoso como todos os filhos de Erlend Nikulaussoen. Cristina qualificava isso de prodigalidade nos outros rapazes, mas Gaute era muito trabalhador e poucas coisas exigia para seu uso. Contanto que tivesse bons cavalos, cães e alguns falcões, nada mais desejava.

Em compensação era muito hospitaleiro para todos os que vinham a Joerundgaard e bastante esmoler para os mendigos. Possuía as qualidades dum verdadeiro senhor. Assim deviam ser os nobres que vivem em propriedades suas, na terra natal, comentava Cristina de si para si: aumentarem os seus haveres, nada desperdiçar, mas não fazer economias quando o amor de

Deus e dos Seus pobres — ou a obrigação de manter a honra da raça — exigia que se despendesse dinheiro

Jofrid tinha acentuada predilecção pelos amigos ricos e parentes mais considerados do marido. Neste assunto, Gaute parecia menos disposto a curvar-se aos desejos da mulher. Tentava conservar-se fiel aos seus antigos companheiros de mocidade, companheiros de libertinagem, dizia Jofrid. Cristina soube que o filho levara existência mais desregrada do que ela julgava. Mas os amigos é que nunca mais vieram a casa de Gaute sem ser convidados.

Até então, nenhum pobre implorara inùtilmente a ajuda do senhor de Joerundgaard, porém este dava menos quando Jofrid o via. Às ocultas dela era mais generoso, mas ninguém podia fazer muita coisa às escondidas de Jofrid. Cristina percebia também que a nora tinha ciúmes dela. A mãe possuíra a amizade e a plena confiança do filho, desde o tempo em que o pequeno era o seu infeliz *aborto,* que não conseguia viver nem morrer. Agora, notava o descontentamento de Jofrid quando Gaute vinha sentar-se ao lado da mãe para lhe pedir conselho ou ouvi-la contar histórias do passado.

Se o marido se demorava junto de Cristina na casa dos velhos, Jofrid arranjava logo pretexto para lá comparecer. E os seus ciúmes não eram menos intensos quando a avó se ocupava demasiadamente do pequenino Erlend...

Na erva rasteira e espezinhada do pátio desenvolviam-se algumas plantas coriáceas de folhas verde-escuras. E eis que, nos belos dias de Verão, despontavam florinhas azuis nos rebentos que surgiam de cada uma daquelas estrelas carnudas e achatadas contra o solo.

Cristina dizia consigo que essas folhas velhas, esmagadas pelos pés dos homens e dos animais, deviam amar a delicada florescência criada pela sua seiva como ela amava o filho do seu filho.

Era vida da sua vida e carne da sua carne, tanto como os seus próprios filhos, mas ainda com mais encanto. Quando o sentava nos joelhos e a mãe os fitava com olhos de avara e que

depois recuperava o seu menino logo que podia decentemente fazê-lo, apertando-o de encontro a si, segura do seu direito, Cristina pensava: «Têm razão aqueles que explicam a palavra de Deus, ao afirmarem que a vida material é irremediàvelmente manchada pela desarmonia.»

Neste Mundo onde os seres não se misturam, não engendram novas gerações e não são atraídos uns para os outros senão sob a influência das paixões da carne, a dor e as decepções são tão inevitáveis como as geadas no Outono. A vida e a morte separam os amigos da mesma forma que o Inverno faz cair as folhas das árvores.

Uma tarde, quinze dias antes do de Santo Olavo, apresentou-se em Joerundgaard um grupo de mendigos, pedindo abrigo para essa noite. Cristina encontrava-se na porta da casa dos velhos, sua residência actual.

Ouviu Jofrid, que fora ao encontro dos pedintes, dizer-lhes que lhes daria comida mas não alojamento.

— Somos muito numerosos, cá em casa, e a quinta pertence também a minha sogra.

A ira acendeu-se no coração de Cristina. Nunca, até ali, haviam negado asilo em Joerundgaard aos viandantes que por lá passavam.

O sol-poente dourava já os cimos das montanhas. A mãe de Gaute correu a reunir-se à nora e aos mendigos.

— Eles podem ficar no meu quarto, Jofrid, e também lhes posso dar de comer. Na nossa casa não é costume recusar abrigo aos pobres que o pedem por amor de Deus.

— Fazei como entenderdes, mãe — replicou Jofrid, corando até à raiz dos cabelos.

Quando Cristina observou de perto os vagabundos, quase se arrependeu da sua proposta. Não fora inteiramente sem-razão que a nora não quisera recolher aquela gente.

Gaute e os servos andavam a trabalhar em prados distantes, na outra banda do Sil, e não pernoitariam em casa. Jofrid estava

só na quinta com dois criados velhos e dois pequenos, além da sogra e da respectiva aia. Cristina vira toda a espécie de indivíduos nessa classe de pobres caminheiros, mas estes não lhe agradavam. Quatro deles eram homens novos e robustos — três ruivos com olhos dum brilho selvático, sem dúvida irmãos. O outro, cujas narinas estavam rasgadas e a quem faltavam as orelhas, falava com sotaque estrangeiro.

Havia ainda dois velhos: um homenzinho baixo, contorcido, com a cara, os cabelos e a barba esverdinhada pela sujidade e velhice, e com o ventre inchado por qualquer doença; e uma mulher idosa, de cabeça envolvida num lenço conspurcado de sangue e de pus, e as mãos e pescoço cobertos de chagas. Cristina sentiu um calafrio ao pensar que aquela desgraçada se poderia aproximar de Erlend.

No entanto, por causa dos dois velhos, era bom que o grupo não fosse obrigado a ir até a Hammeraas nessa noite.

Os vagabundos mostraram-se pessoas pacíficas. O homem sem orelhas ainda tentou agarrar Ingrid quando esta pôs a mesa, mas *Bjoern* ergueu-se, rosnando. Todos pareciam cheios de fadiga e desanimados. Às perguntas de Cristina responderam que viviam em grande miséria e que haviam recebido poucas esmolas; talvez tivessem mais sorte em Nidaros. A mulher pareceu contente quando recebeu um bom unguento feito de gordura de cordeiro (e de urina dum recém-nascido), mas recusou a proposta de Cristina para despegar o trapo da cabeça com água quente a fim de o substituir por um lenço de linho. No entanto, aceitou o lenço. Pelo sim pelo não, Cristina mandou a criadinha Ingrid deitar-se ao fundo do leito. Durante a noite, *Bjoern* rosnou por várias vezes, mas, afora isso, tudo estava sossegado. Pouco depois da meia-noite, o cão correu para a porta e soltou breves latidos. Ouviram-se passos de cavalo no pátio. Era Gaute que voltava. A mãe adivinhou que Jofrid o mandara chamar.

De manhã, Cristina encheu com generosidade as sacolas dos mendigos. Estes não haviam ultrapassado o muro da quinta quando ela viu Gaute e Jofrid dirigirem-se para a casa dos velhos.

Cristina sentou-se e pegou no fuso; saudou amàvelmente os

filhos logo que entraram e pediu a Gaute notícias a respeito do feno. Jofrid franziu o nariz ao aspirar o cheiro acre e forte que os vagabundos haviam deixado no quarto. A sogra fingiu que nada percebia. Gaute remexia-se e parecia ter dificuldade em dizer o motivo por que viera. Jofrid falou então:

— Há uma coisa, mãe, que acho devermos esclarecer. Vejo muito bem que me julgais mais escrupulosa do que conviria ser a dona de Joerundgaard: sei que é esta a vossa opinião e que pensais também que eu assim diminuo o prestígio de Gaute. Não falarei do medo que tive ontem só com a ideia de mandar entrar aquele bando de maltrapilhos, estando eu na quinta apenas com o meu filhinho e dois criados; aliás, notei que partilhastes do meu receio quando relanceastes o olhar pelos mendigos. Mas há muito tempo reparo que me julgais avarenta na comida e cruel para os pobres. Não o sou, minha mãe. Joerundgaard já não é o domínio dum guerreiro do rei, dum homem rico, como na época do vosso pai. Éreis filha de gente abastada, frequentáveis as casas dos vossos parentes poderosos e endinheirados, fizestes um casamento rico, e vosso marido introduziu-vos numa socidade ainda mais poderosa e magnífica do que a outra em que havíeis sido educada. Ninguém pode esperar que, na vossa idade, compreendais até que ponto a situação de Gaute é diferente. Falta-lhe a herança do pai, e é obrigado, com todos os irmãos, a partilhar os bens de Lourenço Bjoergulfsoen, vosso pai... Não esqueço quão pouca coisa trouxe eu para cá, afora a criança que eu tinha nas entranhas e a pesada multa a pagar aos meus... Tudo pode melhorar com o andar dos tempos, mas vejo-me forçada a pedir a Deus que dê muitos e muitos anos de vida a meu pai... Somos novos, eu e Gaute, e não sabemos qual o número de filhos que teremos...

— Acredito-o, Jofrid. — O olhar que a sogra ergueu para o rosto afogueado da nora era cheio de gravidade. — Nunca pretendi que não fosses mulher capaz e esposa fiel e bondosa para meu filho. Mas é necessário que me deixes dispor do que me pertence como fui habituada. Estou velha, já o disseste, e não me ajeito a ideias novas.

Os dois filhos, percebendo que a mãe nada mais tinha a dizer-lhes, despediram-se dela a toda a pressa.

Como sempre, o primeiro impulso de Cristina foi dar razão a Jofrid. Mas, ao reflectir, disse consigo: «É insensatez comparar as esmolas de Gaute com as que meu pai fazia. Lourenço Bjoergulfsoen oferecia donativos à igreja pelo descanso da alma dos pobres e dos desconhecidos que morriam em Sil, dotava as órfãs para que elas pudessem casar, dava festas em Joerundgaard nos dias dos santos patronos seus preferidos, pagava a viagem aos enfermos e penitentes que iam em peregrinação a Santo Olavo...»

Mesmo que Gaute fosse muito rico, não lhe seriam impostas tais despesas.

O filho não pensava mais nos seus haveres do que se tornava necessário: de carácter generoso, tinha bom coração. Mas o pai de Cristina respeitava os pobres — ela bem o sentira —, e respeitava-os porque Jesus, encarnando-se em homem, escolhera a condição do pobre.

Lourenço amara os trabalhos rudes; achava que toda a ocupação manual estava enobrecida pelo facto de a Mãe de Deus ter sido esposa dum carpinteiro e de Ela própria fiar para se alimentar a si e aos seus, embora fosse filha de gente rica e descendesse de reis e de grandes sacerdotes do país dos judeus.

Dois dias depois, de manhãzinha, Cristina entrou no quarto dos filhos. Jofrid vestia-se ainda e Gaute estava na cama. A mãe envergara uma túnica e capa de burel cinzento. Trazia um chapeirão de feltro negro sobre a touca de linho, e nos pés tinha sapatos grossos. Gaute corou fortemente ao vê-la com esse traje. Cristina disse-lhe que desejava ir a Nidaros para assistir à festa de Santo Olavo, e pediu ao filho que tratasse dos negócios dela durante a sua ausência. Gaute retorquiu que a mãe devia levar os seus cavalos, um escudeiro e uma criada. Mas falava como se pode esperar dum homem que está inteiramente nu na presença da mãe e, por consequência, sem grande autoridade.

Cristina sentiu dó por vê-lo tão atrapalhado, e lembrou-se de fingir que tivera um sonho.

— Desejo também encontrar teus irmãos. — Mas, ao pronunciar estas palavras, voltou-se para outro lado; até então não confessara a si própria quanto necessitava de coragem e como temia tornar a ver os dois filhos mais velhos.

Gaute quis acompanhar a mãe em parte do percurso. Enquanto se vestia e comia qualquer coisa, Cristina sentou-se e entreteve-se com o pequeno Erlend. Este acordara há pouco, e gorjeava, buliçoso.

À partida, ela beijara Jofrid, o que antes nunca fizera. Todo o pessoal da casa se reunira no pátio. Ingrid espalhara a notícia da romagem a Nidaros, que a patroa ia empreender.

Cristina agarrou no bordão ferrado e, como não quisesse montar, Gaute depôs o alforje no cavalo, que impeliu para a frente.

Chegados ao alto da colina, Cristina voltou-se para olhar Joerundgaard a seus pés. Como estava linda a quinta nessa manhã de sol, molhada de orvalho! O rio luzia muito branco. Viam-se ainda todos no pátio: reconheceu o vestido claro e a touca de Jofrid, e, nos seus braços, a mancha rubra do fato de Erlend.

Gaute notou que a mãe empalidecia de comoção.

O caminho embrenhava-se na floresta, à sombra da montanha de Hamar; Cristina ia por ali adiante, ligeira como uma rapariguinha. Nem ela nem o filho falavam muito. Depois de andarem durante duas horas, chegaram a uma encruzilhada. Todo o vale dos Dofrines se estendia ao fundo.

Cristina pediu, então, a Gaute que não fosse mais longe. Antes de se separar dele, desejava descansar um pouco.

Em baixo, serpenteava a faixa luminosa do rio e viam-se herdades semelhantes a pontinhos verdes na orla das matas. Mais acima, as turfeiras azuis ou amarelas de líquenes salientavam-se nos montes entre os quais brilhavam as geleiras.

Corriam nuvens no firmamento, mas sobre as montanhas o céu estava límpido. As serras, livres da sua capa de nevoeiro, sucediam-se, azuladas.

O desejo nostálgico de Cristina ia atrás das nuvens algodoadas pela longa estrada que a esperava; passava, rápido, por cima dos vales, introduzia-se nos desfiladeiros estreitos das montanhas, subia as veredas abruptas que dominavam os abismos.

Alguns dias mais e ela atravessaria os belos vales de Trondhjem, seguiria o curso do rio até ao fiorde.

E toda ela fremia à lembrança dessa terra à beira-mar onde vivera a sua mocidade.

Revia o nobre vulto de Erlend. Mudando sem cessar de atitude e de expressão, ficava indistinto como uma imagem reflectida na água.

A sua última paragem seria em Feginsbrekka. Tornaria a ver a cidade na foz do rio, entre o fiorde azul e o verde Strind, e a igreja branca e majestosa, alcandorada na colina, com seus cataventos dourados, suas torres vertiginosas e o clarão do poente na rosácea da fachada. Ao fundo, sob as montanhas azuis de Frosta, estava o convento de Tautra, baixo e escuro, semelhante ao dorso duma baleia; e o campanário da sua igreja tinha o aspecto do timão dum navio...

«Oh! Meu Bjoergulf, meu Naakkve!»

Cristina distinguia ainda ao longe o monte da terra natal. Estava na sombra, como que esfumado, mas os seus olhos atentos reconheciam o caminho do chalé, que ia através da floresta. Por cima do manto verde do pinhal, os picos circundavam a pastagem do gado de Sil.

Ouvia-se tocar trompa na montanha. Os sons extinguiam-se e recomeçavam, como se fossem crianças a soprar.

Ao longe, tilintavam chocalhos de vacas; o rio rumorejava e, da floresta, subia um fundo suspiro no ar quente do dia. Naquele silêncio, Cristina tremia de comoção. O desejo impelia-a para a frente, a saudade puxava-a para trás. Assaltavam-na imagens difusas: eram os trabalhos quotidianos; via-se com os pastores no caminho da floresta. Perdera-se uma vaca na turfeira. Brilhava o sol. Quando ela parava um instante, de ouvido à escuta, a pele ardia-lhe pelo próprio suor.

A imaginação levava-a para casa. Retrocedia até àquela tarde

de mau tempo, prelúdio de noite invernosa. Cristina abrira a porta e o vento quase a derrubara. Mas eis que da sombra surgiam dois vultos informes, cobertos de peles e de neve: Ivar e Skule regressavam. Os seus patins enterravam-se profundamente na neve que sempre amolecia no pátio quando soprava o vento Norte. Formavam-se então fundos regos em dois sítios...

De súbito, Cristina sentiu enternecida saudade por aqueles resvaladouros que toda a gente da quinta e ela própria haviam amaldiçoado cada Inverno. Tinha a impressão de estar condenada a não mais os ver.

Saudades e desejos rasgavam-lhe o coração — iam dum lado para outro como vagas de sangue, procurando o seu caminho através da região onde ela vivera, juntando os filhos dispersos no Mundo e os seus mortos que jaziam debaixo da terra.

Perderia Cristina a coragem? Nunca até então se sentira assim.

Reparou que Gaute a olhava fixamente. A mãe sorriu como a pedir desculpa: era altura de se separarem.

Gaute chamou pelo cavalo que pastava mais longe. Foi buscar o animal; quando voltou, mãe e filho disseram adeus um ao outro. Cristina tinha já o saco ao ombro. O rapaz pusera o pé no estribo, mas reconsiderou e avançou para ela.

— Mãe...

Num momento, ela fitou os seus olhos perplexos e envergonhados.

— Mãe, não fostes... não tivestes nenhuma alegria neste ano, mãe. Jofrid é bem intencionada, tem grande respeito por vós. Contudo, eu deveria ter-lhe dito, mais do que o fiz, como sois digna, corajosa e dedicada.

— Donde te vêm semelhantes ideias, meu filho? — Cristina falava docemente e com ar admirado. — Sei muito bem que já não sou nova, e diz-se que os velhos nunca estão satisfeitos, mas não cheguei ainda a uma idade que não vos possa compreender, a ti e a tua mulher. Ficaria aborrecida se Jofrid julgasse ter sido inútil todo o trabalho que teve em afastar de mim penas e cuidados... Não creias, filho meu, que não reconheço as grandes quali-

dades da tua mulher e o teu amor filial; se o não mostrei tanto como devia, sê indulgente para mim e lembra-te que os velhos são assim feitos.

Gaute ficara boquiaberto a contemplar a mãe. Bruscamente, debulhou-se em lágrimas; sacudido pelos soluços, apoiava-se ao cavalo.

Cristina não fraquejou, a sua voz não traiu nada do que ela sentia: só exprimia espanto e ternura maternal.

— Gaute, és novo e sempre foste o meu filho amimado, como dizia teu pai. Mas não encares as coisas dessa maneira, agora que és homem feito e dono da tua casa... Se eu me destinasse a Romaborg ou a Jorsal! Mas não corro perigo nenhum nesta viagem. Podes ter a certeza de que encontrarei companheiros de romagem quando chegar a Toftar, se não antes. Todos os dias, nesta época, passam bandos de peregrinos.

— Mãe, mãe, perdoai-nos, a nós que vos arrancámos das mãos toda a autoridade, que vos relegámos para um canto...

Cristina meneou a cabeça e sorriu:

— Receio que os meus filhos me julguem mulher ciosa do seu poder.

Gaute voltou-se para ela. A mãe pegou nas mãos do filho e pediu-lhe que acreditasse na sua gratidão para com ele e Jofrid.

— Que Deus te acompanhe, meu rapaz.

Impeliu o cavalo para o lado e, rindo, bateu-lhe uma palmada no meio das ilhargas «para lhe dar sorte».

Seguiu com o olhar o filho até ele desaparecer sob o talude. Que airoso ia no seu cavalo cinzento!

Cristina sentia tudo, com extraordinária nitidez: a atmosfera vibrante de luz, o perfume quente do pinhal, o sussurro dos pássaros nas matas. Ao mesmo tempo via o que se passava dentro de si própria, como acontece quando se está atacado de febre violenta.

Via uma casa deserta, silenciosa e solitária. Via uma praia, donde o mar se retirara para muito longe; só ali restavam calhaus esbranquiçados, montes de sargaços escuros e sem vida e toda a espécie de destroços arrojados pelas ondas...

Cristina ajeitou melhor o saco, pegou no bordão e começou a descer em direcção ao vale. Se não tornasse a ver esses sítios, seria por desígnio de Deus. Nada devia recear. Persignou-se e apressou o passo, com o desejo de chegar ao sopé da colina, onde o caminho se abre entre quintas.

Só de certo ponto da estrada se distinguiam as casas de Haugen empoleiradas no planalto... O coração de Cristina bateu rápido a esse pensamento.

Conforme esperava, encontrou numerosos romeiros quando, ao entardecer, chegou a Toftar. No dia seguinte, reuniu-se a um grupo que se dirigia para a montanha.

Um padre, o respectivo criado e duas mulheres, mãe e irmã dele, todos a cavalo, passaram à frente. Cristina sentiu uma pancada no coração ao ver aquela mãe que ia no meio dos filhos.

Entre os seus companheiros havia dois camponeses velhos da região dos Dofrines, dois moços jornaleiros de Oslo e outro camponês com a filha e o marido desta.

Levavam ao colo o nené do casal, uma pequenina de dezoito meses, e tinham um cavalo que montavam alternadamente. Aqueles três vinham duma terra chamada Andabu, do sul do país. Cristina ignorava a situação exacta desse sítio. Na primeira tarde, pediu que lhe mostrassem a criança que chorava e gemia sem descanso. Que aparência lastimosa tinha a pobre pequena, com a sua cabeça muito grande, desprovida de cabelos, e o seu corpinho desarticulado! Não podia falar nem estar sentada. A mãe parecia envergonhada por a filha ser assim, e, quando Cristina se ofereceu para transportar a petiza durante algum tempo, deixaram-na de vez com ela.

A mulher partiu à frente sem se importar mais com a filha. É certo que tanto ela como o marido eram muito novos, teria dezoito anos qualquer deles; talvez aquela estivesse fatigada de levar nos braços a criança, pesada e choramingona.

O avô, homem de meia idade, feio e ríspido, quisera, no entanto, levar a neta a Nidaros; devia pois gostar dela.

Cristina ia na cauda do cortejo com o velhote e dois frades

franciscanos. Sentia-se vexada pelo facto de aquela gente de Andabu nunca convidar os monges a que montassem no seu cavalo. Contudo, era visível que o mais novo dos franciscanos estava bastante doente.

O outro, Frei Arngrim, era baixo, gordo, com cara de lua-cheia, vermelha e sardenta, olhos castanhos e vivos, e cabelos ruivos como um resplendor a circundar a tonsura. Falava pelos cotovelos, informando os auditores da pobreza em que viviam os frades de Skidan. Haviam adquirido uma casa nessa cidade, mas estavam na maior miséria! A custo obtinham alguma coisa para o serviço divino, e certamente não chegariam a edificar a igreja que devia ser construída pelas diligências dos monges. Frei Arngrim atribuía toda a culpa às freiras de Gimsoey, que perseguiam os pobres frades mendicantes com o seu ciúme e animosidade, e que lhes haviam intentado um processo. Fartou-se de dizer mal delas.

Cristina não gostou nada de ouvir o monge falar daquela maneira, e o que ele contou a respeito da eleição nada canónica da abadessa, do sono das religiosas durante os ofícios, das suas conversas licenciosas no refeitório, pareceu-lhe pouco digno de fé. Chegou mesmo a dizer sem rodeios que havia uma freira que não era tida por casta...

Apesar de tudo, Frei Arngrim mostrava-se bondoso e caritativo. Transportava a petiza doente quando julgava Cristina com os braços fatigados, e, se a criança chorava muito, ele corria, com o hábito arregaçado, através da charneca; os zimbros arranhavam-lhe as pernas nuas e cabeludas, saltava lama das poças, mas o frade corria, chamando pela mãe da pequena, gritando que a menina tinha fome e sede. Depois, voltava, apressado, a reunir-se a Frei Torgils. A este, patenteava tanto desvelo como o mais afectuoso dos pais.

Com o frade doente, não deviam pensar em atingir Hjerdkin nessa noite. Os homens dos Dofrines conheciam uma cabana à beira dum regato, um pouco mais ao sul do campo, e os romeiros decidiram ir para lá.

Anoitecera. Perto da água o solo estava pantanoso, por cima das turfeiras elevava-se uma névoa branca e as bétulas pingavam de humidade. A oeste das encostas rochosas pairava a foice da Lua, quase tão pálida e baça como a própria atmosfera.

Torgils detinha-se cada vez mais. Tossia que metia dó. Frei Arngrim amparava-o durante os acessos de tosse e limpava-lhe em seguida a cara e os lábios com as mãos, que mostrava depois a Cristina, meneando a cabeça: estavam cheias do sangue que o outro cuspia.

Encontraram o casebre, mas em ruínas, e tiveram de procurar um canto abrigado para aí acender lume. Aquela pobre gente do Sul não suspeitava que as noites na montanha fossem tão frias. Cristina tirou do seu alforje a capa que Gaute a obrigara a trazer, pois era muito leve e quente — feita de pano comprado a mercadores e forrada de castor. Quando embrulhou nela Frei Torgils, este murmurou, com voz tão rouca que mal se podia ouvir:

— A criança podia deitar-se encostada a mim.

Assim fizeram. A menina gemia, o monge tossia, mas, de vez em quando, ambos dormiam, apesar de tudo.

Cristina velou parte da noite com um dos homens dos Dofrines e com Frei Arngrim, para cuidarem do lume. O clarão amarelado desaparecia do céu. Muito próximo, destacava-se um lago da montanha, branco e calmo, apenas perturbado de tempos a tempos pelos círculos que fazia um peixe ao mover-se. Sob os rochedos, a água reflectia extensas sombras negras. De súbito, retiniu um grito agudo nesse canto escuro. O monge estremeceu e agarrou no braço dos dois companheiros. Cristina e o camponês pensaram que fosse qualquer animal; mas uma pedra rolou como se alguém andasse sobre as rochas, e ouviu-se outro grito. Não seria o apelo de voz humana? O frade articulou em voz muito alta:

— *Jesus Kristus Soter... Vicit leo de tribu Juda.*

Sentiram então o estrondo duma porta a fechar-se na montanha.

Despontava a aurora, a vertente oposta e os bosquetes de bétulas surgiam da sombra quando o outro camponês dos Dofrines e os homens de Oslo os vieram revezar.

O último pensamento de Cristina, antes de adormecer, foi que, se continuassem a viagem tão lentamente, ver-se-ia obrigada a mendigar o seu pão ao chegar ao vale de Gaul, porque estava resolvida a oferecer um donativo aos frades mendicantes no momento da separação.

Quando os peregrinos, transidos de frio, rodearam Frei Arngrim, que recitava as orações da manhã, o Sol ia já alto no céu e o vento matinal cobria o lago de rugas contínuas. Frei Torgils, sentado, muito encolhido e a tiritar, esforçava-se por não tossir enquanto acompanhava as orações do companheiro.

Ao ver aqueles dois hábitos iluminados pelo sol, Cristina lembrou-se de que sonhara com Frei Edvin; não se recordava do resto. Ajoelhou-se diante dos monges, beijou-lhes a mão e pediu-lhes que abençoassem o grupo dos viajantes.

Os outros tinham percebido, pela capa forrada de castor, que Cristina não era de condição humilde. E quando ela lhes disse que já por duas vezes passara na estrada real para atravessar a serra dos Dofrines, tornou-se para eles uma espécie de guia. Os camponeses da região nunca tinham ido além de Hjerdkinn e os habitantes de Vik não conheciam nada por ali.

Chegaram a Hjerdkinn para as vésperas e, depois do ofício na capela, Cristina passeou sòzinha na montanha. Queria encontrar o caminho que seguira na companhia do pai e o regato junto do qual se haviam sentado. Não os achou, mas julgou reconhecer o monte para onde trepara com o fim de lobrigar Lourenço depois de ele a deixar. Pelo menos a forma dos picos era muito semelhante.

Ajoelhou-se no meio das murtas. Declinava a tarde de Inverno; fundiam-se numa cor uniforme os rochedos cinzentos e as turfeiras escuras, mas por cima das serras o céu vesperal espalhava a sua luminosidade. O reflexo branqueava os charcos e o último clarão do dia refractava-se, pálido, no regato que deslizava com murmúrio inquieto sobre as pedras e se perdia na areia da lagoa.

Mais uma vez, Cristina foi assaltada por aquelas visões que lembravam o delírio da febre. O curso da água era a imagem da sua própria vida. Também ela correra sem tréguas nem descanso através dos espaços desertos deste Mundo; revoltara-se contra todos os obstáculos que lhe barravam o caminho; a claridade divina reflectia-se, quebrada e difusa, na sua vida. No entanto, sentia obscuramente que, pelas suas angústias, cuidados e amor — de cada vez que o fruto do pecado se transformava em sofrimento —, a sua alma obstinada e arreigada à terra conseguia apoderar-se dum raio de luz celeste.

«Ave-Maria, cheia de graça, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus, que derramou o Seu sangue pelos nossos pecados!...»

Enquanto rezava as cinco Ave-Marias, comemorando a saudação angélica, adquiriu a certeza de que era a sua dor que a autorizava a procurar a protecção da Mãe de Deus: dor pelos filhos que perdera, dor maior a cada infelicidade que o destino acarretava aos outros, aos vivos, sem que ela os pudesse preservar.

Maria, a pureza perfeita, a humildade perfeita, a obediência perfeita à vontade do Pai, sofrera mais do que todas as mães. E a sua caridade inclinava-se para o débil reflexo dos sofrimentos no coração duma pecadora, coração consumido pela paixão que tudo devasta e por todos os pecados que estão na natureza do amor: obstinação, desobediência, rancor, orgulho — coração de mãe, no entanto...

Cristina escondeu o rosto nas mãos. Num instante, julgou não ter forças de se separar de todos os filhos.

Rezou então o *Pater*. Recordou-se do seu adeus ao pai nesse mesmo sítio — havia tantos anos! —, do seu adeus a Gaute, dois dias antes.

Os filhos tinham-na ofendido por estouvamente infantil, mas, tivessem-no feito por maus desígnios, como ela ofendera o pai, o seu amor por eles não se modificaria.. É tão fácil perdoar aos filhos!

«*Gloria patri et filio et spiritui sancto*», recitou, beijando o

crucifixo que o pai lhe dera outrora. Beijou-o com humildade e reconhecimento. Apesar de tudo, apesar da sua feroz teimosia, o coração inquieto acabara por se apoderar dum tímido clarão de amor que vira, na alma do pai, radiar luminoso e tranquilo como o céu que o lago distante reflectia.

No dia seguinte houve vento frio, chuva e nevoeiro. Cristina não se afoitava a ir mais longe com a criança doente e Frei Torgils. Mas o frade era, de todos, quem mostrava mais ardor. Teria medo de morrer antes de chegar a Nidaros? Recomeçaram a andar. O nevoeiro estava tão denso que Cristina receou seguir o caminho aberto no rochedo e que, sabia ela, descia em direcção ao albergue de Drivdalen. Chegando ao alto da encosta, acenderam uma fogueira e aí se instalaram para pernoitar.

Depois das orações da tarde, Frei Arngrim contou a bela lenda dum barco que se salvou no mar pelas preces duma freira à Virgem Maria. Nossa Senhora fez erguer a estrela da manhã sobre as ondas.

O monge parecia simpatizar com Cristina. Enquanto ela, sentada perto do lume, embalava a pequenita para que os companheiros pudessem dormir, Frei Arngrim aproximou-se e começou, em voz baixa, a falar de si. Era filho dum pobre pescador. Tinha catorze anos quando, numa noite de Dezembro, o mar lhe arrebatara o pai e um irmão; ele fora salvo noutra barca.

Vira nesse desastre um sinal do céu. Desde então tinha medo do mar. Fora assim que se inclinara para a vida monástica. Mas demorou-se ainda três anos na companhia da mãe; haviam conhecido a fome e a miséria, e ele continuara com receio de andar de barco.

Nessa altura casara-se a irmã, e o marido desta tomara o encargo da casa, associando-se aos pescadores. Arngrim pôde dessa forma entrar no convento dos frades franciscanos em Tunsberg.

A princípio, troçaram da sua baixa extracção, mas o superior era bondoso e tomou a sua defesa. E, desde que ali chegara Frei Torgils Olavsoen, os frades mostraram maior piedade e entenderam-se melhor uns com os outros, pois Torgils era tão devoto, tão paciente, embora fosse de família mais nobre do que os

demais Irmãos! A mãe e as irmãs, muito ricas, concediam importantes donativos ao convento. Mas depois que eles se haviam instalado em Skidan e que Frei Torgils adoecera, tudo tornara a correr mal. Frei Arngrim deu a entender a Cristina que se admirava de Cristo e a Virgem permitirem que os seus frades andassem por caminhos tão cheios de espinhos.

— Eles próprios escolheram a pobreza para a sua vida terrestre — respondeu Cristina.

— É-te fácil dizer isso, tu que és decerto rica — observou o monge com ar zangado. — Com certeza nunca soubeste o que é ter fome!

Cristina teve de confessar que assim era.

Frei Torgils pôde fazer em carro e a cavalo a maior parte da travessia dos vales de Up e de Skona, mas o seu estado piorava, e cada vez enfraquecia mais. Os companheiros de Cristina mudavam incessantemente: uns deixavam-na, novos romeiros vinham substituí-los. Quando chegou próximo de Staurin, nenhum dos que haviam atravessado a montanha a acompanhava, excepto os dois monges.

De manhã, Frei Arngrim veio falar-lhe, a chorar. O Irmão Torgils tivera uma forte hemoptise durante a noite e não podia continuar a viagem. Chegariam muito tarde a Nidaros para assistir à festa.

Cristina agradeceu aos frades a sua direcção espiritual e assistência que lhe haviam prestado durante o percurso. Frei Arngrim pareceu surpreendido com a magnificência do seu presente de despedida, pois o rosto iluminou-se-lhe. Ela também receberia uma oferenda, em troca. O frade tirou da sacola uma bela oração escrita em pergaminho. No fim haviam ajuntado todos os nomes de Deus. Um espaço livre esperava que aí inscrevessem a graça da suplicante.

Cristina achou pouco provável que o monge pudesse saber alguma coisa a respeito da sua vida, nem com quem fora casada, mesmo que ela escrevesse o nome do pai. Contudo, pediu-lhe que pusesse simplesmente: Cristina, viúva.

Ao descer para o vale de Gaul, tomou o atalho que passava longe dos sítios habitados; dizia consigo que, se encontrasse pessoas das herdades mais importantes, poderia alguém reconhecer a antiga senhora de Husaby; nem sabia por que razão queria evitar que a reconhecessem. No dia seguinte, atravessou bosques e colinas para ir à igreja de Vatsfjeld, consagrada a São João Baptista, mas que a gente moça da terra chamava de Santo Edvin.

A capela estava situada numa clareira, a meio da floresta densa. Espelhava-se, assim como o cabeço que atrás dela se erguia, numa lagoa donde então brotava água miraculosa. Dominava a fonte uma grande cruz de madeira, e, de redor, jaziam muletas, bordões; dos braços daquela pendiam farrapos de velhas ligaduras e pensos.

A igreja ficava dentro dum recinto cuja porta estava fechada. Cristina ajoelhou do lado de fora da paliçada e pensou no tempo em que, vestida de seda e na companhia de homens e mulheres de alta categoria, todos nos seus fatos de gala, ela se sentara naquela capelinha, com Gaute nos joelhos. A seu lado, de pé, Sira Eiliv dava a mão a Naakkve e a Bjoergulf. Os servos estavam misturados com a multidão que ficara na rua.

Orava fervorosamente para que esse mísero filho fosse dotado de inteligência e de saúde. Nada mais pedira ao Senhor, nem mesmo que a livrasse das dores nas costas que a faziam sofrer desde o nascimento dos gémeos.

Hoje, revia Gaute tão belo e altivo no seu cavalo cinzento. Quanto a ela... Poucas mulheres da sua idade, de quarenta e tanto anos, gozavam assim de saúde; percebera-o durante a travessia das montanhas.

«Senhor, dai-me isto e aquilo, e mais aquilo ainda, eu Vos agradecerei, e nada mais pedirei do que isto e aquilo.»

Era assim que ela orava a Deus, para que Ele a deixasse cumprir a sua vontade, e sempre obtivera o que queria, ou quase.

E ei-la ali, com o coração despedaçado, não porque houvera pecado contra o Senhor, mas porque estava descontente por não poder até ao fim realizar os seus desejos.

Não se aproximara de Deus com a sua coroa de virgem, nem com o seu pecado, nem com o seu tormento; não se chegara para Ele enquanto o mundo ainda lhe misturava um pouco de doçura ao fel do seu cálice.

Mas agora estava ali; agora sabia que o mundo é como uma taberna: quem já nada possui para gastar é posto na rua. Cristina não sentia júbilo nenhum com a sua resolução; antes lhe parecia que a decisão não partira dela. Os pobrezinhos que tinham vindo à sua casa, chegavam e mandavam-nos sair. Uma vontade estranha à sua instalara-se no meio dos mendigos e dos doentes, ordenando-lhe que os seguisse, longe do lar onde ela fora a senhora.

Se consentira em partir sem se revoltar muito, é porque compreendia que Gaute seria mais feliz com a mãe ausente.

Vergara as circunstâncias à sua vontade, tivera a sorte que escolhera, mas não podia criar os filhos segundo o seu desejo: eram como Deus os fizera. O carácter deles determinava-lhes os actos. Contra esse carácter, a mãe não era assaz forte para lutar.

Gaute mostrava-se bom amo, bom marido, pai devotado, capaz e tão honesto como a maior parte das pessoas. Mas não possuía as qualidades dum chefe; nem estava na sua natureza aspirar às coisas que a mãe ambicionava para ele. Todavia, dedicava bastante amor a Cristina para ficar desolado com a ideia de que ela esperasse que esse filho fosse diferente do que era.

Eis porque Cristina queria mendigar de ora avante o seu pão, embora sofresse no seu orgulho por já nada possuir para dar. Era *necessário* chegar a isso.

O pinhal, que parecia absorver a luz do Sol, sussurrava brandamente. A igrejinha silenciosa e fechada cheirava a alcatrão. Cristina gostaria de estar perto do frade, hoje morto, que a levara pela mão até à claridade do amor de Deus quando era ainda criança insconsciente. Sempre ele lhe estendera a mão quando ela se extraviava por caminhos ínvios. Ajudara-a enquanto vivia na terra, e depois...

De súbito, Cristina recordou-se do sonho que tivera na antevéspera:

Encontrava-se no pátio duma extensa herdade. Frei Edvin saía da casa e aproximava-se dela. Tinha as mãos cheias de pão. E, quando chegou junto de Cristina, partiu um grande pedaço e deu-lho. Ela compreendeu que devia, como pensava fazê-lo, pedir esmola, mas Frei Edvin acompanhava-a, e ambos iam implorando a caridade pública.

Ao mesmo tempo, Cristina sabia que esse sonho tinha duplo sentido: a herdade não era só um grande domínio, mas também lugar sagrado, e Frei Edvin fazia parte dos moradores da casa. O pão que lhe dava não seria verdadeiramente o pão vulgar. Era a hóstia santa, *panis angelorum*. Ela recebera o alimento dos anjos da mão do frade, e este aceitara o seu voto.

V

ENFIM, chegara ao termo da sua viagem! Cristina Lavransdatter sentou-se, para descansar, num monte de feno, junto dos muros de Sionsborg. O vento fazia ondular como uma faixa vermelha e luzidia o recanto dum prado em flor. Ao fundo, apesar do promontório verdejante que quase escondia a riba, via-se um pedaço do fiorde. As vagas azuis e escuras de cristas espumosas quebravam-se nas penedias da costa.

Cristina respirou fundo. Era bom encontrar-se outra vez ali; era bom, mesmo que a ideia de nunca mais sair desses sítios lhe parecesse bastante estranha.

As freiras de Rein seguiam a disciplina dos frades de Tautra — a regra de São Bernardo. Quando Cristina se erguesse ao romper da aurora para ir à igreja, saberia que Naakkve e Bjoergulf, nesse momento, iriam tomar o seu lugar no coro. Assim passaria a sua velhice com os dois filhos, embora não fosse como esperara.

Cristina tirou as meias e os sapatos e lavou os pés no regato. Entraria descalça em Nidaros.

Atrás dela, acotovelavam-se alguns garotos junto da porta fortificada do castelo, procurando passagem entre as vigas caruchosas. Quando descobriram Cristina, dirigiram-lhe palavrões e motejos. Ela não lhes deu atenção, até que um dos pequenos — poderia ter oito anos — se deixou ir aos roldões pelo prado inclinado e quase a derrubou. Repetiu com ar atrevido as palavras grosseiras que ouvira os outros dizer. Cristina virou-se para o garoto e sorriu:

— Não grites tanto, bem vejo pelas calças que usas que és um gnomozinho.

Os rapazes, ouvindo Cristina falar, desceram todos a correr. Pareceram muito embaraçados quando se viram na presença daquela

mulher vestida de romeira, que não lhes ralhava pela sua impertinência, mas que os fitava com os seus grandes olhos claros e serenos, enquanto os lábios esboçavam um sorriso malicioso. Mostrava rosto magro, testa larga e queixo redondinho. O sol havia-a queimado, e em redor dos olhos multiplicavam-se pequeninas rugas. Contudo, não tinha aparência de velha.

Os mais afoitos do grupo entabularam conversa com ela e puseram-se a fazer-lhe perguntas para disfarçar a atrapalhação de todos eles. Cristina sentia-se cheia de indulgência. Os garotos eram muito parecidos com os dois gémeos, tão petulantes na sua infância; contudo, os filhos nunca haviam falado de forma tão grosseira. Aquelas crianças deviam pertencer a gente do povo.

E, quando soou a hora à qual Cristina aspirava desde a sua partida, hora em que a cruz de Feginsbrekka veria Nidaros a seus pés, não conseguiu consagrar-se à meditação. Todos os sinos da cidade chamavam ao mesmo tempo os fiéis para as vésperas, mas os pequenos não cessavam de palrar e de lhe indicar com o dedo tudo o que se distinguia do alto da colina.

Não se via Tautra, envolvido em nevoeiro.

O bando dos rapazes desceu com ela a encosta de Steinberg. Desta vez eram os chocalhos dos rebanhos que ressoavam. Vacas e cabras voltavam da pastagem.

Cristina e a sua comitiva tiveram de esperar, à porta da fortaleza que domina Nidaros, que o gado passasse.

Os pastores gritavam, admoestavam os animais, as vacas empurravam-se umas às outras, e os pequenos diziam a Cristina o nome dos donos de cada uma delas. Quando, por fim, chegaram ao outro lado da porta e se encontraram no caminho marginado de vegetação, Cristina teve imensa dificuldade em saber onde devia pousar os pés, entre os montes de bosta, no chão calcado.

Alguns dos rapazes acompanharam-na, sem que fossem convidados, até à igreja de Cristo. No meio da sombria floresta de colunas, enquanto Cristina mirava as luzes e os dourados do coro, os pequenos não pararam de puxar-lhe pela manga a fim de que ela visse as manchas multicolores que o sol, passando através da rosácea, produzia nas abóbadas, ou as pedras sepulcrais do pavimento,

ou o precioso dossel do altar, e todas as coisas que atraem particularmente a atenção das crianças.

Não deixavam Cristina sossegada para poder concentrar-se. Cada palavra que os rapazinhos pronunciavam despertava-lhe no coração a saudade dos filhos, e até a nostalgia da quinta, das casas, do gado, da actividade de mãe no seu reino.

Receava ainda ser reconhecida por um ou outro dos seus amigos doutros tempos. Ela e Erlend instalavam-se quase sempre na sua casa de Nidaros durante as festas e ali recebiam numerosos convidados. Cristina não suportava a ideia de encontrar qualquer deles.

Devia, no entanto, visitar Ulf Haldorsoen, que administrara as terras que ela ainda possuía nas montanhas do Norte, as quais constituiriam o seu dote quando entrasse no convento de Rein. Nestes dias era natural que ele alojasse os seus parentes de Skaun; Cristina não iria, pois, vê-lo já.

Sabia ela que um dos antigos servos de Erlend morava numa quintarola perto de Bratoere. Dedicava-se à pesca dos golfinhos e dos marsuínos do fiorde e era dono duma estalajem de marinheiros. «As casas estão repletas», responderam a Cristina quando esta pediu pousada. Mas logo apareceu o estalajadeiro que a reconheceu imediatamente.

Que estranho, ouvir alguém chamá-la pelo seu nome de outrora!

— Que vejo?! É bem a mulher de Erlend Nikulaussoen de Husaby? Sê bem-vinda, Cristina, seja qual for a razão que te traz a minha casa.

Mostrou-se muito contente em vê-la aceitar o abrigo que ele lhe podia oferecer, e prometeu levá-la a Tautra no seu barco, no dia seguinte à festa.

Cristina ficou até altas horas da noite a conversar no pátio com o bom do homem, e sentiu-se impressionada ao notar quanto os antigos servos de Erlend estimavam e respeitavam a memória do seu jovem chefe.

Aamund empregou com frequência esta palavra: *jovem*, Erlend era *jovem!*

Ulf Haldorsoen comunicara-lhe a morte desastrosa do amo e parente, e Aamund afirmou a Cristina que nunca encontrava um dos velhos companheiros, do tempo de Husaby, que não falassem do seu valente patrão. Por duas vezes haviam feito uma subscrição entre si para mandar dizer uma missa no dia aniversário da sua morte. Aamund informou-se em especial dos filhos de Erlend, e, depois, Cristina interrogou-o acerca dos seus antigos conhecimentos.

Era meia-noite quando se deitou, ao lado da mulher de Aamund. Este quisera a todo o custo ceder o leito conjugal a Cristina, e acabou por conseguir que ela ocupasse, ao menos, o seu lugar.

No outro dia era véspera de Santo Olavo. Logo de manhã Cristina desceu até aos bancos de areia e observou o movimento que havia sobre os pontões. O seu coração pulsou quando viu chegar o abade do convento de Tautra, mas os frades que o acompanhavam eram todos velhos.

Antes das nove horas já a multidão afluía à igreja de Cristo, transportando e amparando os aleijados e enfermos. Tratavam de encontrar para eles lugar na nave donde se pudessem aproximar das relíquias à passagem da procissão, no dia seguinte depois da missa solene. Cristina contornou as barracas que haviam armado no adro. Além de círios e de tapetes de junco, sobre os quais se ajoelhavam no templo, vendiam, principalmente, comidas e bebidas.

Encontrou ela a família de Andabu, e ficou a tomar conta da petiza enquanto a mãe foi beber um copo de cerveja.

Nesse instante chegou um cortejo de peregrinos ingleses, com círios acesos e pendões flutuantes. Os encontrões foram tais quando os recém-vindos furaram a multidão aglomerada em frente das tendas que Cristina perdeu de vista os companheiros. Vagueou por todos os lados, no lugar onde havia menos gente, embalando o nené que não parava de chorar. Quando ela, para a consolar, lhe encostava a carinha ao pescoço, a criança tentava sugar a pele de Cristina, de tal forma estava sequiosa. Em vão procurou a mãe da pequenita, e, então, pensou indagar se haveria possibilidades de encontrar leite. Chegada à rua central, notou o mesmo aperto na

praça. Surgia um bando de cavaleiros vindos do Sul na ocasião em que os escudeiros da casa real desembocavam no largo entre a igreja e o convento. Cristina refugiou-se na ruela mais próxima; mas nesta havia um formigueiro de gente a pé e a cavalo que se encaminhava para a igreja. O entulho era tanto que ela, para se livrar, teve de subir para cima dum muro.

O ar vibrava com o som dos sinos. Na catedral tocavam a noa. Àquele barulho, a criança deixou de chorar e olhou para o céu; passou um clarão de inteligência nos seus olhos baços e ela sorriu. Comovida, Cristina beijou a pobre pequena.

Só então percebeu que estava sentada no muro de pedra que rodeava a cerca de lúpulos da casa de Nikulaus, sua antiga residência na cidade.

Reconhecia perfeitamente a chaminé que se erguia no telhado coberto de musgo. Perto, havia o hospício, que tivera direito ao lúpulo, com grande despeito de Erlend...

Cristina apertou mais a si a criança e beijou-a de novo.

Quem lhe tocava no joelho? Era um frade com o hábito e capuz dos dominicanos. Viu-lhe o rosto enrugado de velho, a boca sumida, os olhos cor de âmbar profundamente enterrados nas órbitas.

— Será possível? És tu, Cristina Lavransdatter?

O monge descansou no muro os braços cruzados e apoiou neles a cabeça.

— Como vieste parar aqui?

— Gunnulf!

A cabeça dele ergueu-se até roçar pelo joelho de Cristina.

— Achas assim estranho o facto de eu estar aqui?

De súbito, lembrou-se de que se sentara no muro dessa propriedade que pertencera antes a Gunnulf e depois a Erlend. Era estranho, realmente.

— Quem é essa criança que tens no colo? Não é de Gaute?

— Oh! não! — Ao recordar-se da linda carinha do neto, do seu corpo robusto e bem construído, ela abraçou-se mais à petiza doente; a piedade submergia-a. — É filha duma mulher que fez comigo a travessia da montanha.

No mesmo instante vieram-lhe à memória as palavras de André Simonsoen; Cristina contemplou com respeito o corpinho raquítico deitado nos seus braços.

A pequena recomeçara a chorar. Antes de nada precisava de saber se o frade a poderia ajudar a encontrar leite.

Gunnulf levou-a para o outro lado da igreja e foi buscar uma tijela de leite. Enquanto Cristina dava de beber ao seu nené adoptivo, falou com Gunnuf, mas a conversa descaía.

—Tantos anos e tantos acontecimentos se passaram depois do nosso último encontro — disse ela com melancolia. — As notícias que tiveste de teu irmão deviam ser para ti bastante custosas de suportar.

— Deus tenha a sua alma — murmurou Gunnulf com voz comovida.

Calou-se até ela o interrogar a respeito dos filhos que estavam em Tautra.

O convento recebera com alegria esses dois noviços, que pertenciam a uma das melhores famílias do país. Nikulaus mostrava possuir grandes dons espirituais e fazia tais progressos na ciência e no temor a Deus que o abade o comparava ao admirável antepassado, o glorioso bispo Nikulaus Arnessoen.

Foi assim ao princípio. Mas, pouco depois de os noviços tomarem o hábito, Nikulaus comportara-se muito mal e provocara distúrbios no convento. Gunnulf não estava bem ao facto das razões dessa mudança. Mas constava que o abade Johannes não concedia a ordenação aos noviços antes de eles passarem três anos no claustro, e não quisera fazer excepção para Nikulaus.

O superior, achando também que Nikulaus lia e meditava mais do que permitia o seu grau de maturidade espiritual, e que, além disso, estragava a saúde com exercícios de piedade excessivos, decidira mandá-lo para uma propriedade rural do convento, em Indersoen. Sob a direcção de alguns frades, Nikulaus iria, obedientemente, fazer plantações de macieiras. Mas Nikulaus revoltara-se contra o digno abade e acusara os monges de dissiparem em estúrdias os bens do mosteiro, de descuidarem por indolência o serviço divino e de fazerem conversas inconvenientes.

Os factos principais da questão só eram conhecidos dentro dos muros de Tautra, disse Gunnulf. Contavam que Nikulaus se sublevara contra os frades propostos pelo superior para o castigar. Estivera no calabouço durante certo tempo, mas chegara à resispiscência logo que o abade o ameaçara de o separar de Bjoergulf e de mandar um dos monges a Munkabu. Fora o cego que levara Nikulaus a reconsiderar. Desde então submetera-se e fizera penitência.

É o pai que revive neles—observou Gunnulf com amargura.— Era de esperar que meus sobrinhos tivessem dificuldade não só em obedecer como em se mostrar firmes na sua santa resolução.

— Também podes falar da herança materna — respondeu Cristina dolorosamente. — O meu orgulho não era mais do que desobediência, Gunnulf, e eu fui inconstante, como eles. Em toda a minha vida desejei, ao mesmo tempo, seguir o bom caminho e satisfazer os meus caprichos.

— Os caprichos de Erlend, é o que tu queres dizer — retorquiu o monge com ar triste. — Meu irmão não te seduziu apenas uma vez, Cristina, seduziu-te cada dia que passaste com ele. Tirou-te a reflexão, a ponto de nem mesmo compreenderes que tinhas pensamentos de que deverias corar e que não podias escondê-los a Deus.

O olhar de Cristina perdeu-se no espaço.

— Não sei se tens razão, Gunnulf, não sei se cheguei a esquecer que Deus via o fundo do meu coração; o meu pecado é ainda maior; contudo, não será, como decerto julgas, por causa dos meus pensamentos lúbricos e da minha fraqueza cobarde que me envergonho mais. Devo ainda sentir maior vergonha pelas minhas ideias serem às vezes mais amargas do que veneno quando eu pensava em meu marido. Mas um pecado resulta doutro, sem dúvida. Disseste um dia que os que se amam com ardente desejo acabam por ser como duas serpentes a morderem-se! Gunnulf, durante todos estes anos, sempre que me lembrava de Erlend, morto sem sacramentos e devendo apresentar-se assim ao julgamento de Deus, de Erlend assassinado quando tinha a ira no coração e as mão cheias de sangue, consolava-me com a ideia de que ele não era como tu o julgas, como eu própria me tornei... De nada se recordava, nem do seu furor, nem do mal que os outros lhe fizeram, nem do que ele fizera

aos outros... Gunnulf, estava tão belo, com ar tão sereno quando o vesti! Tenho a certeza de que Deus, conhecedor de tudo, sabe que Erlend nunca odiou ninguém, fosse por que fosse.

O monge olhava para ela; depois inclinou a cabeça. Daí a pouco perguntou:

— Sabes que Eiliv Serkessoen é o capelão das freiras de Rein?

— Sim? — exclamou Cristina radiante.

— Julgava que fora por esse motivo que havias escolhido o convento de Reins — respondeu Gunnulf; e acrescentou daí a instantes que era obrigado a voltar para o seu mosteiro.

Começara já o primeiro nocturno quando Cristina entrou na igreja. A nave e as proximidades do altar estavam cheias de gente, mas um bedel, que reparara naquela mulher com uma criança muito doente, impeliu-a para diante, de maneira que ela se encontrou no meio de aleijados e de moribundos, que haviam instalado no centro da igreja.

Sob a nave brilhavam centenas de luzes. Os maceiros recebiam os círios dos peregrinos e colocavam-nos nos tocheiros em forma de cúpula guarnecida de pontas, que estavam dispostos aqui e ali. Conforme a luz do dia ia morrendo por trás dos vitrais, mais clareava o interior do templo; tornava-se tépido, acolhedor, com o seu cheiro de cera quente, mas, de vez em quando, elevava-se dos andrajos dos mendigos e dos doentes uma vaga de fedor.

Ressoou sob as abóbadas o cântico do coro, acompanhado de órgão, de tambores, de flautas, de instrumentos de cordas; Cristina compreendeu, então, porque chamavam à igreja uma barca. Toda aquela gente que enchia o templo parecia estar a bordo dum barco, e a música era como o barulho do mar. Por vezes tudo se calava, como vagas que se apaziguam, e só uma voz humana lia passos das Sagradas Escrituras.

Encostados uns aos outros, os romeiros empalideciam, com expressão cansada, enquanto se prolongava a vigília. Quase ninguém saía entre os ofícios, e os que se encontravam no centro da igreja não arredavam pé.

Nos intervalos dos nocturnos, dormiam ou rezavam. A criança

dormiu quase toda a noite. Numa ou duas ocasiões Cristina teve de a embalar e de lhe dar leite da tigela de madeira que Gunnulf fora buscar ao convento.

O seu encontro com o irmão de Erlend perturbara singularmente Cristina.

Cada passo que dera para Nidaros reavivara nela a recordação do marido. Não pensara em Erlend nesses últimos tempos em Joerundgaard. As inquietações que sentia pelos filhos adolescentes deixavam-lhe poucos momentos para reflectir no seu próprio destino.

Contudo, Erlend estava como que atrás de todos os seus pensamentos. Sòmente faltava o vagar a Cristina para se voltar para ele.

A alma dela vivera como se vive numa quinta durante a actividade estival, quando se abandona a sala grande para ir habitar o quarto do andar de cima.

Todos os dias passamos diante da moradia de Inverno, mas nunca se pensa em lá entrar; nem sequer em pousar a mão no ferrolho da porta. Quando, por acaso, é necessário ir à sala, ela parece-nos estranha e quase solene porque está empregnada do odor da solidão e do silêncio.

Enquanto falava ao homem que fora testemunha da alternância das sementeiras e das ceifas da sua existência com Erlend, parecera-lhe que via essa existência sob novo aspecto, da mesma forma que se descobre o vale onde nascemos do alto duma montanha que até então nunca se subira: reconhecemos cada domínio, cada cerca, cada pântano, cada torrente; mas julgamos ver pela primeira vez como todas essas coisas estão colocadas em relação ao solo que as suporta.

E, dessa nova visão, surgira a palavra que a libertara dos pensamentos amargos que alimentava a respeito de Erlend, e da sua ansiedade pela alma do marido, morto sem sacramentos. «Deus bem sabia que ele nunca quisera mal a ninguém.»

Chegara, enfim, a observar a sua própria vida como dos altos picos duma serra. Agora, o seu caminho descia em direcção à sombra e à morte; ela, porém, obtivera a graça de compreender que, na solidão do claustro e à porta do túmulo, a esperava Aquele que sem-

pre considerara a vida humana como se considera o vale do cimo das montanhas.

Ele vira os pecados, as penas, o amor e o ódio no coração de Cristina, da mesma maneira que observamos as grandes quintas e os casebres arruinados, os campos que alvejam nas ceifas e os desertos maninhos que se estendem na terra. Ele descera para as Suas criaturas, os Seus pés haviam percorrido o mundo dos homens. Entrara em castelos e cabanas, juntara os pecados dos ricos e dos pobres e levara-os para o alto da Cruz.

«Não a minha felicidade e orgulho, mas o meu pecado e sofrimento, ó meu doce Jesus!»

Cristina levantou os olhos para o crucifixo que se erguia a uma altura vertiginosa sob a cúpula.

Quando o sol matinal iluminou os vitrais do fundo do coro, e que cintilantes pedras preciosas, vermelhas, amarelas, verdes e azuis, fizeram empalidecer a luz dos círios do altar e o brilho do relicário de ouro, Cristina ouviu a última vigília — a primeira missa.

A leitura que acompanhava esse ofício dizia respeito aos milagrosos dons de cura que Deus concedera ao Seu fiel cavaleiro Olavo Haraldsoen.

Cristina elevou a criança doente para a cruz e rezou por ela.

Tiritava, depois da longa estadia no templo frio, e sentia-se esgotada pelo jejum. O cheiro de tão grande multidão, o fedor nauseabundo que se desprendia dos enfermos e dos mendigos misturava-se ao fumo dos círios e tornava a atmosfera pesada, viscosa, por cima daquele povo em oração sobre a pedra fria, naquela fria manhã.

Uma camponesa gorda, amável e alegre, sentada numa pele de urso, com as pernas paralíticas tapadas por outra pele, e que dormitava encostada à coluna, puxou a cabeça fatigada de Cristina para o seu regaço amplo.

—Descansa aqui, minha irmã; estou certa que precisas de repouso.

Cristina adormeceu, apoiada aos joelhos daquela desconhecida, e teve um sonho.

Entrava na velha sala de Inverno da casa paterna. Era nova e solteira. A pesada trança castanha pendia-lhe nos ombros. Erlend companhava-a. Precedia-a e endireitava-se depois de se haver curvado sob a padieira da porta.

O pai de Cristina encontrava-se sentado junto da lareira e munia de cabos as pontas de flechas. A seu lado, no banco, amontoavam-se cordas de tripa e setas.

No momento em que Erlend entrava com ela, o pai inclinava-se para o brasido com o fim de agarrar uma panelinha de ferro de que se servia sempre para derreter a resina. Mas retirou vivamente a mão, sacudiu-a no ar e meteu na boca os dedos queimados; sugou-os, meneando a cabeça e sorrindo à filha e a Erlend.

Cristina acordou com o rosto banhado em lágrimas. Permaneceu ajoelhada durante a missa solene que o próprio arcebispo celebrou no altar-mor.

Nuvens de incenso rolavam as suas espirais sob a nave rumorosa, onde, agora, se misturava a luz irisada do dia com a dos círios. O fumo sadio e balsâmico do incenso espalhava-se, expulsando o mau cheiro da miséria e da doença.

Mas Cristina sentia-se ligada aos mendigos e desgraçados cobertos de chagas no meio dos quais Deus a colocara; e, com o coração dilatado por um transporte de ternura fraternal, rezou por aqueles que eram pobres como ela e que sofriam como ela sofrera.

«Levantar-me-ei e irei para meu Pai.»

VI

O mosteiro ficava situado numa pequena eminência acima do fiorde; por isso, de qualquer direcção que viesse o vento, o bramido da ressaca na praia dominava o sussurro do pinhal da colina.

Cristina, ao passar no fiorde com Erlend, vira o campanário da igreja que se erguia além das matas; mas nunca realizara o seu projecto de visitar o convento fundado pela antepassada, embora Erlend falasse muitas vezes em a acompanhar até lá. Não abordara ao mosteiro de Rein antes de entrar nele para sempre.

A vida em Rein, pelo que imaginava Cristina, devia ser parecida com a do convento de Oslo ou do de Bakke; afinal, era muito diferente. Em primeiro lugar, pelo seu silêncio. Aqui, as religiosas estavam verdadeiramente mortas para o mundo. A reverenda Madre Ragnhild gabava-se de estar apartada da vida há cinco anos e nesses cinco anos nenhuma das freiras pusera os pés fora do convento...

Não educavam crianças em Rein, e na ocasião da chegada de Cristina não existiam ali noviças. Desde muito tempo que nenhuma rapariga pedira para ser recebida na comunidade, e a última que tomara o véu fora Soror Borghild Marcelina, havia seis anos. A mais nova das freiras era a Irmã Turid, mas fora trazida para Rein aos dezassete anos pelo avô, homem muito severo, que se fizera padre. A neta tinha as mãos torcidas de nascença e o seu juízo não parecia muito perfeito, por isso a fizeram tomar o hábito logo que atingiu a idade precisa. Andava agora próximo dos trinta anos e era muito enfermiça, mas no seu rosto espelhava-se grande doçura. Desde o primeiro dia, Cristina empenhou-se em servir Soror Turid, que lhe recordava a sua irmã Ulvhild, morta tão nova.

Sira Eiliv proclamava que a condição modesta não devia ser obstáculo para as raparigas desejosas de professar. Apesar disso nunca haviam entrado naquele mosteiro senão filhas ou viúvas dos homens mais poderosos e mais nobres da região de Trondhjem.

Durante o período agitado que se seguiu à morte do bem-aventurado rei Haakon Haalegg, a piedade pareceu diminuir nas famílias dos grandes senhores. Actualmente eram sobretudo filhas de burgueses ou de camponeses que pensavam na vida monástica. E procuravam quase sempre o convento de Bakke, onde muitas tinham sido educadas, e cujas religiosas pertenciam, em geral, a gente do povo. Não estavam ali tão enclausuradas, e o mosteiro ficava menos afastado da estrada.

Cristina não usufruía muitas oportunidades de conversar com Sira Eiliv, mas notou que a situação do padre era ao mesmo tempo esgotante e ambígua.

Se bem que Rein fosse convento rico e a comunidade contasse apenas com metade do número de freiras que podia alimentar quando da sua fundação, reinava grande desordem nas finanças e dificilmente equilibravam o seu orçamento.

As três últimas abadessas haviam demonstrado mais devoção do que sabedoria profana; contudo, sustentaram alto e bom som que elas e o convento não deviam obedecer ao arcebispo — e chegaram ao ponto de recusar ouvir os seus conselhos paternais.

Os frades da mesma ordem, de Tautra ou de Munkabu, que serviam de capelães em Rein, eram sempre homens de certa idade; não se podia troçar a respeito deles, mas as suas aptidões em dirigir a prosperidade temporal de Rein afiguravam-se bastante fracas.

Quando o rei Skule edificara a magnífica igreja de pedra e doara ao convento o seu domínio hereditário, tinham primeiro construído casas de madeira. Um incêndio destruíra-as trinta anos mais tarde. Madre Audhild, abadessa nessa época, empreendeu reconstruí-las de pedra e cal, e datavam desse tempo os melhoramentos do templo e a imponente sala conventual.

Fizera ela também uma viagem a Borgonha, para assistir ao capítulo geral da Ordem; trouxera da sua expedição o esplêndido

cibório de marfim que se encontrava perto do altar-mor, digna morada do corpo do Senhor, o mais belo ornamento da igreja, orgulho e objecto de ternura das freiras. Madre Audhild deixou, ao morrer, grande fama de piedade e de virtude. Infelizmente, a sua ignorância em tratar com os operários construtores e a sua falta de previsão na compra e venda de domínios haviam prejudicado a prosperidade de Rein; as abadessas que lhe sucederam não foram capazes de reparar os estragos.

Como teria Sira Eiliv conseguido o lugar de capelão e administrador do convento? Cristina ignorou-o sempre. Mas adivinhou que, ao princípio, a superiora e as freiras haviam recebido esse padre secular com desconfiança e má vontade.

Além das suas funções de sacerdote e de director de consciências, Sira Eiliv tinha o cargo de velar pela boa gerência dos bens da comunidade e de ordenar as contas, mas reconhecendo sempre a autoridade da abadessa e os direitos das monjas em se dirigirem a si próprias. Devia, além disso, aceitar a vigilância do abade de Tautra, sem descuidar as boas relações com o outro serventuário da igreja, monge também de Tautra. A sua idade e reputação de perfeita moralidade, a sua piedade humilde e os seus conhecimentos das leis canónicas e das leis do país serviam-lhe de muito; entretanto, era-lhe necessário ser prudente nos menores actos.

Vivia com outro padre e os sacristães numa casinha situada ao nordeste do convento. Era ali que albergavam os frades que, de tempos a tempos, vinham em missão.

Quando Nikulaus fosse ordenado, Cristina sentir-se-ia feliz, se ainda vivesse, em ver o seu primogénito celebrar missa na igreja de Rein.

Cristina Lavransdatter fora, ao começo, admitida a provas. Depois de jurar na presença de Madre Ragnhild, de duas religiosas, de Sira Eiliv e de dois frades, viver na pureza e na obediência, e depois de entregar, como testemunho de renúncia a todos os bens do Mundo, o seu sinete nas mãos de Sira Eiliv, que o quebrou com um golpe de acha, foi autorizada a usar o hábito

das monjas: vestido de lã cinzenta, touca branca e véu preto. Não lhe concederam, porém, o direito de ter o escapulário. Ao fim de certo tempo, julgaram que poderia pronunciar os votos.

Contudo, era-lhe ainda difícil não se lembrar do passado. Sira Eiliv transcrevera em língua norueguesa, para ler no refeitório, uma obra sobre a vida de Cristo escrita pelo sábio e piedoso doutor Boaventura. Enquanto Cristina escutava e os seus olhos se marejavam de lágrimas à ideia da beatitude de quem amasse Cristo e Sua Mãe, a cruz, a dor, a pobreza e a humilhação, conforme lá se dizia, ela não podia deixar de evocar aquele dia em que, em Husaby, Gunnulf e Sira Eiliv lhe haviam mostrado o livro latino de que este era a tradução — certo volume espesso, escrito em pergaminho muito delgado e de brancura deslumbrante. Nunca imaginara conseguissem tornar tão fina a pele de vitelo. O livro estava ornado de belas iluminuras e de letras capitais de cores flamejantes como pedras preciosas.

Gunnulf dissera, rindo, e Sira Eiliv concordara com o seu calmo sorriso, que a compra dessa obra lhes esvaziara tanto a bolsa que haviam sido forçados a vender as vestes e a comer com mendigos num convento. Por fim, souberam da chegada a Paris de alguns religiosos noruegueses, e então pediram-lhes emprestado com que viver.

Depois de cantar as matinas, as freiras voltavam para o dormitório, mas Cristina ficava na igreja. As manhãs eram ali doces e agradáveis, contudo, no Inverno, havia um frio terrível, e ela sentia-se amedrontada naquela penumbra, no meio de todas essas pedras sepulcrais, embora não despregasse os olhos da lâmpada que ardia em frente do cibório de marfim. Mas, tanto no Inverno como no Verão, quando estava nesse cantinho do coro, dizia consigo: «Eis que Naakkve e Bjoergulf acordam e rezam pela alma do pai». Nikulaus pedira à mãe que dissesse as suas orações e salmos de intercessão todos os dias depois das matinas ao mesmo tempo que eles. Cristina via sempre, sempre, aqueles dois diante de seus olhos, tais como os vira no chuvoso dia que passara em Tautra. Nikulaus surgira defronte dela no parlatório, singularmente alto e estranho no seu hábito branco, com as mãos metidas

debaixo do escapulário. Era o filho, e, no entanto, tão diferente! Sobressaltou-a a semelhança com o pai. Não seria Erlend que ela via vestido de frade?

A mãe tivera de contar tudo o que sucedera em Joerundgaard desde a partida dos rapazes... Ela, porém, esperava... esperava... Por fim, perguntara, inquieta, se Bjoergulf não lhe aparecia.

— Não sei, mãe — respondera Nikulaus; e acrescentara —: Bjoergulf abandonou-se a duros combates antes de se curvar sob a cruz e de se submeter ao Senhor; quando soube da tua vinda, pareceu recear a ressurreição do passado.

Cristina contemplava o filho enquanto este falava. O seu rosto estava muito queimado do sol e as mãos estragadas pelo trabalho.

— Apesar de tudo, aprendi a conduzir a charrua e a manejar o ancinho e a foice — dissera ele com um sorriso.

Nessa noite, no albergue, Cristina não conseguiu dormir, e foi com tristeza de morte que se dirigiu à igreja quando os sinos tocaram a matinas. Os frades estavam colocados de tal maneira que ela só distinguiu a cara de alguns, e esses não eram os filhos.

No dia seguinte foi ao jardim com um converso que lá trabalhava e que lhe mostrou as plantas raras e os arbustos que davam renome a esse lugar.

Enquanto percorriam as alamedas, afastaram-se as nuvens, deixando ver o Sol. O jardim cheirava a aipo, cebola e tomilho. Cintilavam pesadas gotas de chuva nos maciços de lírios amarelos e de aquilégias azuis que guarneciam os ângulos dos canteiros. De repente, apareceram na portinha abobadada os dois filhos de Cristina. A mãe julgou ter um antegozo das alegrias do paraíso quando viu os frades avançarem para ela na vereda marginada de árvores frutíferas.

Pouco falaram. Bjoergulf calava-se quase constantemente. Agora que atingira toda a altura, tinha a aparência dum gigante.

A longa separação afinara as percepções de Cristina. Compreendia em absoluto a luta que esse filho tivera de sustentar — e que certamente ainda hoje mantinha; conforme ia crescendo e se

tornava vigoroso, o seu espírito ficava mais penetrante e a vista já se lhe extinguia...

Entretanto, pediu notícias de Frida Styrkaarsdatter. Cristina disse-lhe que a tinham casado.

— Deus a abençoe! — exclamou o monge; era boa criatura; para mim foi uma ama fiel e dedicada.

— Sim, parece-me que foi mais tua mãe do que eu — replicou Cristina em tom amargurado. — Não deste pelo meu amor maternal quando passaste tão duras provações na tua adolescência!

Bjoergulf respondeu com doçura:

— Agradeço a Deus, porque o Inimigo não me reduziu a ser tão pouco viril que eu apelasse para o vosso coração maternal. Conheci, no entanto, a vossa ternura, mas via que já tínheis um fardo bem pesado. Depois de Deus, foi Nikulaus que me salvou, de cada vez que estive quase a sucumbir à tentação.

Não tocaram mais no assunto, e Cristina não lhes perguntou se gostavam de estar no convento, nem lhes falou dos erros que haviam cometido e do desvalimento que atraíram com os seus distúrbios. Os filhos, porém, pareceram muito contentes quando souberam da resolução da mãe em professar no mosteiro de Rein.

Depois da sua hora de oração, Cristina, ao atravessar o dormitório, via as freiras deitadas duas a duas nas suas camas, vestidas com o hábito que nunca despiam. Pensava na diferença que, sem dúvida, existia entre ela e essas mulheres consagradas desde novas ao serviço do Criador. O mundo é um amo ao qual não é fácil escapar, uma vez que nos submetemos ao seu poder. Tinha ela, na realidade, fugido ao mundo? Não, fora expulsa, como por um patrão cruel. E agora, haviam-na aceitado aqui, da mesma forma que o amo caridoso recebe a criada velha e lhe dá por piedade qualquer tarefa insignificante para fazer, enquanto alimenta e alberga esse pobre ente gasto, velho e abandonado.

Havia um corredor do dormitório à sala de tecelagem. Cristina instalava-se aí sòzinha, a fiar. As religiosas de Rein eram célebres pelas suas teias de linho. Todas as monjas e conversas iam trabalhar nos campos de linho no Verão e no Outono, e, no

BIBLIOTECA MUNICIPAL PORTALEGRE

dia em que arrancavam as plantas, era verdadeiro dia de festa no convento.

A principal ocupação das freiras, durante as horas de trabalho, consistia em fiar, tecer e fazer paramentos. Não havia ninguém em Rein que escrevesse ou iluminasse manuscritos como as religiosas de Oslo, que, debaixo da direcção de Madre Groa Guttormsdatter, tinham chegado a tão grande perfeição. Também faziam bordados artísticos com fios de seda e de ouro.

Ao fim duns momentos, Cristina escutava com prazer o barulho da capoeira do convento, que despertava.

As Irmãs-conversas iam à cozinha preparar o almoço do pessoal. As freiras, essas, não tocavam em nenhum alimento, em nenhuma bebida antes da missa, a não ser que estivessem doentes. Quando tangia a hora prima, Cristina encaminhava-se para a enfermaria, se havia doentes, para revezar Soror Ágata ou qualquer outra monja de serviço. Soror Turid, coitada, estava muitas vezes enferma.

E daí a pouco Cristina poderia regozijar-se com a refeição da manhã, que era depois da terceira hora de oração e da missa reservada aos criados do convento. Todos os dias ela se alegrava com esse momento belo e solene.

O refeitório era uma casa de madeira, mas imponente. Todas as mulheres do mosteiro comiam juntas: as freiras na primeira mesa, de que a abadessa ocupava a cabeceira; as três velhas monjas, que haviam professado em Rein antes da própria Madre Ragnhild, colocavam-se ao lado dela e as restantes sentavam-se mais longe.

Depois da oração comiam e bebiam em silêncio, com maneiras calmas e decentes. Muitas vezes, uma freira lia em voz alta; Cristina dizia consigo que, se as pessoas, no mundo, soubessem comportar-se assim durante as refeições, veriam mais claramente que a bebida e a comida nos são dadas por Deus, e amariam mais ao próximo. Pensariam menos em guardar tudo para si e para a família. Nem ela mesma compreendera isso no tempo em que tinha à mesa um bando indisciplinado, turbulento e vociferador — que ria e se empurrava —, enquanto os cães se agita-

vam debaixo da mesa e levantavam o focinho para receber um osso ou um sopapo, conforme a disposição dos rapazes.

Rein via poucos viajantes. Às vezes um barco, tripulado por gente de alta categoria, atracava ao entrar ou ao sair do fiorde. Então, maridos e mulheres iam com seus filhos ao mosteiro saudar uma parente que professara. Apareciam também ali pessoas encarregadas de administrar as terras e os bens do convento e, de tempos a tempos, vinha um monge de Tautra.

Por ocasião das festas, celebradas com grande pompa — a de Santa Maria, a do Corpo de Deus, a de Santo André —, os habitantes das regiões vizinhas dos dois lados do fiorde compareciam na igreja do convento. Mas, nos outros dias, só os caseiros de Rein e os trabalhadores que moravam perto assistiam aos ofícios. A vasta nave ficava quase vazia. Havia ainda os pobres, o grupo privilegiado a quem, há mais de dez anos, concediam cerveja e comida; pessoas ricas tinham feito legados para esse efeito.

Outros mendigos subiam diàriamente a Rein, sentavam-se junto do muro da cozinha para comer e iam ao pátio procurar as freiras para lhes confiar as suas penas e males; aleijados, enfermos, leprosos, entravam e saíam. Eram numerosos os que sofriam de lepra, mas sempre os houvera nessa terra à beira-mar, dizia Madre Ragnhild.

Quando os caseiros vinham pedir diminuição de renda e moras no pagamento, tinham mil coisas a contar a respeito das suas dificuldades e da sua pouca sorte. Quanto mais desgraçados eram, menos vergonha tinham em ostentar a sua miséria diante das freiras, mas, pelo que diziam, embora da boca só lhes saíssem palavras piedosas, eram os outros os responsáveis da sua triste sina.

Depois disso, não era de admirar que, durante os recreios e na sala de tecelagem, a conversa girasse em volta da vida daquela gente.

Soror Turid confidenciou mesmo a Cristina que, quando a assembleia das religiosas devia decidir determinado negócio, a discussão se desviava sempre e acabava em comentários sobre as

pessoas envolvidas na questão. Pelo que diziam as freiras, Cristina percebia que estas não sabiam mais do assunto em que falavam além do que tinham ouvido contar pelos interessados ou pelos servos leigos do convento que andavam cá e lá no país. Eram muito crédulas, quer os interlocutores dissessem bem de si próprios ou mal dos vizinhos...

Cristina cismava com desgosto nesses leigos impiedosos, e até em Frei Arngrim, os quais acusavam de serem desordenados os conventos de freiras, e de acolherem com avidez todos os boatos e conversas licenciosas!

Os mesmos que vinham a Rein e ensurdeciam com o seu palavreado a Reverenda Madre ou qualquer das monjas que podiam levar a escutá-los, censuravam-nas por palestrarem umas com as outras dos rumores desse mundo a que haviam renunciado. E as críticas que faziam a respeito do conforto que fruíam as religiosas eram devidas a criaturas que tinham milhentas vezes recebido a sua subsistência das mãos das boas freiras.

E, entretanto, as esposas do Senhor jejuavam, velavam, rezavam, trabalhavam e por fim compareciam na sala para uma refeição solene...

Antes de professar, Cristina serviu as monjas sempre com afectuoso respeito.

Dizia ela consigo que, decerto, nunca seria uma religiosa perfeita; dispersara os dons que pudera ter para o recolhimento e devoção. Seria, contudo, tão humilde e fiel que Deus, na Sua graça, lhe permitiria tornar-se boa serva do Senhor.

Findava o Verão do ano 1349. Cristina devia pronunciar os seus votos pelo Natal.

Passara dois anos no convento de Rein. Certo dia, recebeu a feliz notícia de que os seus dois filhos acompanhariam o abade Johanes para assistirem à cerimónia em que ela professaria... Frei Bjoergulf dissera, ao saber da resolução da mãe: «Eis que o meu sonho se realiza. Sonhei duas vezes, este ano, que nós ambos a tornaríamos a ver no Natal. Mas não poderá ser tal qual, pois, no sonho, eu *via-a* realmente.»

Frei Nikulaus ficara também muito contente. Mas, ao mesmo tempo, Cristina soube novidades menos animadoras a respeito do filho mais velho. Mostrara-se ele brutal para com alguns camponeses da banda de Steinker por causa dum direito de pesca. Havendo os frades, numa noite, surpreendido os camponeses a devastar a reserva de salmões do mosteiro, Nikulaus lançara por terra um dos homens e atirara o outro para o rio; ainda por cima, pecara gravemente, proferindo tremendas pragas.

VII

ALGUNS dias mais tarde, Cristina foi ao pinhal com diversas freiras para apanhar musgo destinado a fornecer a cor verde. Esse musgo é raro; cresce, geralmente, nos ramos quebrados ou cortados. Logo que chegaram à mata, as mulheres dispersaram-se e perderam-se de vista no nevoeiro.

Este tempo singular durava há já alguns dias. Vento nenhum, mas uma bruma espessa que parecia azul do lado do mar e verde nas montanhas, quando, por instantes, clareava o suficiente para se entrever a paisagem. Às vezes tornava-se mais denso o nevoeiro, quase opaco, noutras dissipava-se o bastante para que uma mancha branca indicasse o lugar do sol na muralha da névoa.

Havia um calor de estufa, calor raro perto de fiorde nessa época do ano: estava-se na antevéspera da Natividade da Virgem. Toda a gente falava do tempo, inquieta com o que ia resultar de tudo aquilo.

Cristina transpirava nessa atmosfera quente, húmida e sem vida. O que lhe haviam dito de Naakkve oprimia-lhe o coração. Chegara ela até à paliçada de troncos de árvore, próximo do caminho que subia do fiorde, e, enquanto rasava o musgo, Sira Eiliv, a cavalo, surgiu do nevoeiro. Deteve a montada e disse algumas palavras a respeito do tempo. Entabulou-se a conversa. Cristina perguntou ao padre se sabia alguns pormenores sobre aquela história de Naakkve, embora tivesse a certeza de que a sua pergunta era inútil. Sira Eiliv fingia sempre ignorar o que sucedia em Tautra.

— Não creio, Cristina, que devas recear não vir ele aqui no Natal por causa disso — replicou o padre — pois é esta a dúvida que te atormenta, não é verdade?

— A minha dúvida é outra, Sira Eiliv. Temo que Naakkve nunca tenha feitio de monge.

— Imaginas que podes julgar essas coisas? — perguntou Sira Eiliv franzindo as sobrancelhas.

Apeou-se do cavalo, que prendeu a um tronco, e debruçou-se na paliçada, olhando para Cristina com firmeza e ar interrogador.

— Receio que Naakkve tenha muita dificuldade em se curvar à disciplina da ordem, respondeu ela. — Era tão novo quando professou! Não sabia a que renunciava, nem se conhecia a si próprio... Mas tudo o que presenciou na sua infância, a ruína da herança paterna, a desunião entre o pai e a mãe, que findou com a morte de Erlend, fizeram-lhe perder o gosto de viver neste Mundo. Não reparei, no entanto, que essas experiências o orientassem para a religião.

— Não reparaste? Podias, por acaso, reparar? É natural que parecesse difícil a Naakkve, como a mais dum bom frade, submeter-se à disciplina da ordem. Ele é violento, é moço; talvez demasidamente moço para ter compreendido, quando renunciou a tudo, que o mundo é um soberano tão severo como qualquer outro; em suma, é um tirano. Creio que és também desta opinião, minha irmã... Se Naakkve entrou no convento mais por dedicação a Bjoergulf do que por amor a Deus, não acredito, no entanto, que o Senhor o não queira recompensar por o rapaz haver tomado a cruz impelido pela ternura fraternal. Maria, Mãe de Jesus, que Naakkve venera e ama desde a mais tenra infância, far-lhe-á ver claramente um dia que o Seu filho desceu à terra para ser o irmão de Naakkve e levar a cruz por ele...

O cavalo relinchava brandamente contra o peito do padre, que o afagou e prosseguiu como se falasse para si próprio:

— Desde os seus primeiros passos, Naakkve deu provas de maravilhosas aptidões para amar e sofrer. Creio que é bem dotado para a vida monástica... E tu, Cristina, devias ter visto o bastante para te confiares um pouco mais ao Senhor Todo-Poderoso. Não compreendeste que Ele tem na sua mão cada alma, enquanto essa alma não se aparta de Deus? Julgas, ó criança que és, apesar da tua idade, que o Senhor castiga o pecado quando colhes penas

e humilhações por haveres seguido por capricho e orgulho os caminhos proibidos? Pretenderás que punias os teus filhos quando eles queimavam os dedos mergulhando-os no caldeirão de água fervente (de que os impedias de se aproximarem) ou se o gelo se quebrava debaixo deles quando antes lhes tinhas dito que não se arriscassem a ir para lá? Não compreendeste, quando o frágil gelo estalava sob os teus passos, que submergias logo que largavas a mão de Deus, mas que te salvavas do abismo sempre que imploravas o Seu auxílio? A afeição que vos ligava, a ti e teu pai, não foi a tua consolação, depois de colheres o fruto da tua desobediência, depois de lhe haveres resistido e arvorado o teu capricho contra a sua vontade?... Não compreendeste ainda, minha irmã? Deus veio em teu socorro logo que o invocaste, até quando rezavas com meia convicção e hipocrisia. Concedeu-te mais do que pedias. Amavas Deus como amavas teu pai; não o amavas tanto como ao teu capricho. Todavia, desolavas-te sempre que te separavas dele. O Senhor fez-te a graça de recolheres um pouco de bons grãos de trigo entre todo o joio semeado pela tua culposa obstinação... Levou para Si dois dos teus filhos, quando eram ainda crianças inocentes. Por esses já nada deves recear. Os outros traçaram o seu caminho, embora de maneira diferente daquela que desejavas. Lourenço, com certeza, dizia o mesmo de ti! E teu marido, Cristina, Deus tenha a sua alma! Sei que o acusaste no fundo do teu coração, a toda a hora do dia pela sua imprudente cegueira! Por minha parte, julgo que deve ser mais duro para uma mulher orgulhosa pensar que Erlend Nikulaussoen a póde arrastar para a sua vergonha, traição e crise depois de ela saber que esse homem agia sem reflectir. Quase acredito que, se foste capaz de reter Erlend junto de ti, enquanto vivestes em comum, é porque permaneceste tão fiel à tua cólera e à tua dureza como havias sido fiel ao teu amor... Longe da vista longe do coração, era a norma de Erlend para todos menos para ti... Que Deus o tenha em sua glória! Temo que ele nunca tivesse sentido verdadeiro arrependimento das suas culpas. Mas lastimou, no entanto, a ofensa que te fizeram, e afligiu-se com isso. Devemos esperar que esse remorso lhe tenha servido depois da sua morte.

Cristina conservava-se imóvel e calada; Sira Eiliv nada mais acrescentou. Desprendeu a rédea do cavalo, murmurou: «A paz seja contigo», montou e afastou-se.

Quando, um pouco mais tarde, Cristina regressou ao convento, Soror Ingrid veio ao seu encontro para lhe anunciar que um dos filhos esperava por ela no parlatório. Chamava-se Skule.

O rapaz, que se entretinha a conversar com os tripulantes do seu barco, levantou-se precipitadamente à entrada da mãe.

Oh! Era bem seu filho, com os movimentos rápidos, a cabeça pequena e erguida nos ombros largos, o corpo esbelto! Cristina correu para ele, radiante, mas parou de repente, sem respirar, ao ver o rosto de Skule.

Quem pudera mudar assim o seu filho tão belo? O lábio superior estava como que sulcado, esmagado por pancada ou golpe; ao cicactrizar-se achatara, deformara-se, e ficara marcado de estrias brancas.

A boca aparecia repuxada para um lado, como num perpétuo sorriso de escárnio. O osso do nariz desviara-se ao soldar-se. Skule sibilava ao falar: faltava-lhe um dente da frente e outro, estragado, tomara cor escura.

Corou perante o olhar da mãe:

— Parece-me que não me reconheceis, mãe — disse ele, sorrindo e tocando no lábio com o dedo; talvez o seu gesto fosse involuntário e o rapaz não pensasse em mostrar a boca deformada.

— Não estamos separados há tanto tempo que tua mãe não te reconheça — respondeu Cristina, serenamente, como se nada visse.

Skule Erlendsoen partira, dois dias antes, de Bjoergvin, num barco à vela, e trazia uma mensagem para o bispo e para o tesoureiro do rei em Nidaros, da parte de Bjarn Erlingsoen.

Pelo dia adiante, mãe e filho foram sentar-se debaixo dos freixos do jardim, e só então, assim na intimidade, Skule falou dos irmãos.

Lourenço estava ainda na Islândia. A mãe nem fora informada da sua partida.

Skule contou que encontrara o irmão mais novo em Oslo, no Inverno anterior, na assembleia da nobreza. Assistia à reunião com Jammaelt Halvardsoen. Esse rapaz sempre tivera vontade de correr o Mundo, por isso entrara para o serviço do bispo de Skaalholt e partira.

Quanto a ele, acompanhara Bjarne à Suécia, e depois estivera na guerra da Rússia. Cristina meneava a cabeça, em silêncio. Esse facto também ela ignorava. Skule gostara imenso de lá estar. Ria-se. Pudera, enfim, cumprimentar os velhos amigos de que o pai tanto falava: russos carélios... Não, não, aquela gloriosa ferida não fora ganha na batalha, mas numa rixa. O homem que a fizera nunca mais seria obrigado a mendigar o seu pão.

Mas Skule não se mostrava muito disposto a falar da rixa ou da guerra. Actualmente era ele o primeiro escudeiro mordomo-mor em Bjoergvin; o amo prometera obter-lhe as terras que o pai possuíra no vale de Orkla e que a Coroa sequestrara.

Cristina viu que nos grandes olhos cinzentos de Skule passava uma sombra àquelas últimas palavras.

— Pensas que não podes contar com tal promessa? — inquiriu ela.

Skule sacudiu a cabeça.

— Qual! Determinaram tudo, nestes dias; Bjarne fez o que prometeu quando entrei para o seu serviço. Trata-me por parente e amigo. Estou mais ou menos na situação que tinha Ulf em nossa casa.

Skule tornou a rir, o que não embelezava o seu rosto desfigurado.

Contudo, era de bela estatura e esbelto. Ervergava um fato talhado à última moda: calças tão justas como meias e um gibão cingido e curto que era fechado por botões de cobre. Esse traje revelava quase indecentemente as formas vigorosas do seu corpo.

«Dir-se-ia que anda a passear em roupa interior», comentou a mãe de si para si.

A testa e os belos olhos de Skule não haviam mudado.

— Tens alguma coisa que te aborreça? — aventurou-se Cristina a dizer.

— Oh, não! É por causa deste tempo — respondeu ele levantando-se.

O Sol estava no poente, invisível, mas o nevoeiro tomara um curioso reflexo rubro. A igreja, que dominava a copa das árvores, desenhava-se escura e indefinida naquele fundo sangrento.

— Foi preciso remar em todo o comprimento do fiorde com esta calmaria — acrescentou Skule. Depois, mudou de assunto e falou dos irmãos.

Bjarne mandara-o ao Sul. Atravessara o país a cavalo, passando pelas montanhas de Vaage, de sorte que trazia notícias frescas de Ivar e de Gaute.

— Ivar está bem, têm dois filhos em Rognheim: Erlend e Gammal, bonitos pequenos. Quanto a Joerundgaard, cheguei lá para o baptismo. Jofrid e Gaute diziam que, visto haverdes morrido para o mundo, poderiam dar o vosso nome à filha. Jofrid impa de orgulho por serdes sogra dela; estais a rir, mas sabei que, desde que não viveis juntas, Jofrid acha consolador falar de «minha sogra Cristina Lavransdatter». Dei a Cristina Gautesdatter o meu melhor anel de ouro, porque ela possui lindos olhos, e estou convencido de que será o vosso retrato.

Cristina teve um sorriso melancólico.

— Dentro em pouco sou capaz de acreditar, Skule, que meus filhos me ornamentam com todas as virtudes que é costume atribuir aos velhos quando já estão debaixo da terra.

— Não digas isso, mãe! — exclamou o rapaz com singular violência; em seguida sorriu também. — Sabeis perfeitamente que nós, vossos filhos, sempre pensámos, desde que nos vestiram calças, que éreis a mais nobre e a mais inteligente das mulheres, embora às vezes nos apertásseis de mais debaixo das vossas asas. Em compensação, debatemo-nos rudemente para sair do ninho. Mas tínheis razão em afirmar que só Gaute, entre nós todos, possuía as qualidades dum chefe — ajuntou Skule rindo às gargalhadas.

— Não troces de mim — disse Cristina, e Skule viu as faces da mãe cobrirem-se de rubor delicado, como se fosse uma donzela.

Ele riu ainda mais.

— É verdade, querida mãe; Gaute Erlendsoen de Joerundgaard tornou-se notável em toda a região do Norte. Ficou célebre pelo rapto da noiva. — Skule ria a bandeiras despregadas, o que ia mal à sua boca deformada. — Fizeram uma canção onde se diz que foi pela força da espada que conquistou a rapariga e que se bateu durante três dias nas montanhas com os parentes da sua dama. Atribuem-lhe também a honra do festim que o cavaleiro Sigurd ofereceu em Sundbu e depois do qual consolidaram a paz da família a peso de ouro e de prata. O facto de tudo isso ser mentira não parece aborrecer nem prejudicar Gaute. Gaute domina o país... e Jofrid domina Gaute.

Cristina meneava a cabeça e mostrava sempre o seu sorriso triste, embora o rosto retomasse um ar juvenil, enquanto contemplava o filho. Era este, agora, quem se parecia mais com o pai. Pelo menos, esse jovem guerreiro desfigurado possuía como Erlend a alegria de viver.

Mas a firmeza ponderada do seu espírito era devida a ter sido senhor das suas acções desde muito novo. O coração da mãe regozijava-se pelas qualidades do filho; de súbito, lembrou-se das palavras que Sira Eiliv pronunciara nesse mesmo dia.

Como se inquietara pelos seus rapazes indisciplinados, e como os tratara severamente, porque sofria e receava por eles! Teria ficado satisfeita se os filhos fossem dóceis e tímidos?

Não se cansava de interrogar Skule a respeito do pequeno Erlend. Mas Skule quase não o vira. Era robusto e bonito, e deixavam-no fazer tudo o que queria.

Desvanecia-se o clarão rubro do nevoeiro; a noite descia e os sinos da igreja badalaram.

Mãe e filho puseram-se de pé. Skule agarrou no braço de Cristina.

— Mãe — disse ele em voz baixa — recordai-vos daquele dia em que levantei a mão para vós? Enfurecido, atirei-vos uma raqueta que vos atingiu no olho... Lembrai-vos, mãe? Dizei-me, enquanto estamos sós, perdoastes-me inteiramente?

Cristina soltou um suspiro; sim, recordava-se.

Mandara os gémeos levar um recado aos chalés, mas, ao chegar ao pátio, vira o cavalo ajaezado a pastar e os dois filhos a jogar à pela. Quando ela os admoetara, Skule, fora de si, atirara-lhe a raqueta à cabeça.

Lembrava-se de que a pálpebra inchara tanto que se fechara quase. Os filhos olhavam para ela, olhavam para Skule; depois, afastaram-se do irmão como se este fosse leproso. Mas, antes, Naakkve administrara-lhe uma sova impiedosa.

Vira, então, que Skule tentava esconder a sua ira e vergonha por trás dum sorriso escarninho. À noite, porém, quando Cristina se despia às escuras, Skule chegara-se de mansinho para ela; nada dissera, mas agarrara a mão da mãe e beijara-a. E, logo que ela lhe tocara no ombro, o rapaz lançara-lhe os braços ao pescoço, apoiando a face na de Cristina. A pele de Skule era macia e fresca, pele de criança: não seria mais do que uma criança aquele rapaz brigão e arrebatado.

— Perdoei-te, Skule, não saberia explicar-te a que ponto o meu perdão é completo, só Deus o pode saber.

Ficou um momento de pé, com a mão pousada no ombro do filho. Ele agarrou no pulso de Cristina e apertou-o até lhe fazer doer, depois lançou-se-lhe nos braços com toda a ternura, receio e timidez daquele dia remoto.

— Que tens, filho? — perguntou a mãe assustada.

Viu, na sombra, que o rapaz sacudia a cabeça; Skule largou-a e ambos se encaminharam para a igreja.

Durante o ofício, Cristina lembrou-se que, de manhã, esquecera o manto da ceguinha Aasa, depois de estarem a conversar no banco do adro, e, acabada a cerimónia, foi buscá-lo.

No pórtico, viu Sira Eiliv, com uma lanterna na mão, e Skule.

— Morreu, quando atracámos — dizia Skule com voz estrangulada e em tom desesperado.

— Quem morreu?

Os dois homens estremeceram com a presença de Cristina.

— Um dos meus marinheiros — respondeu o rapaz em voz baixa.

O olhar de Cristina ia dum para outro. À luz da lanterna distinguia-lhes o semblante atormentado. O padre mordia o lábio inferior, e o queixo tremia ao de leve.

— Será melhor dizeres a sua mãe o que se passa, meu filho; é preferível estarmos preparados para esta cruel provação, se Deus quer infligi-la ao nosso povo.

Skule, porém, soltou um gemido e calou-se. Foi o padre quem falou:

— Reina a peste em Bjoergvin, Cristina, essa epidemia mortal de que temos ouvido fizer que devasta todos os países.

— A peste negra — murmurou Cristina.

— De nada serviria tentar descrever-vos a situação em Bjoergvin quando de lá parti — disse Skule. — Ninguém a pode imaginar. Bjarne esforçou-se ao princípio por vencer a doença quando esta apareceu nas quintas que rodeiam o convento de São João. Quis fechar todo o cabo norte por trás duma barricada de soldados, se bem que os frades o ameaçassem de excomunhão. Chegou nessa altura um barco inglês com doentes a bordo, Bjarne proibiu-os de descarregar as mercadorias ou de abordarem. Morreu toda a tripulação, e Bjarne mandou afundar o navio, mas, antes, vieram algumas mercadorias para terra e a gente de Bjoergvin ia, de noite e às escondidas, buscar mais. Os Irmãos de São João insistiam, além disso, para que os moribundos fossem assistidos pela Igreja. Quando as mortes se multiplicaram na cidade, julgámos inútil a barragem. Já não existe um ser vivo em Bjoergvin, com excepção dos que transportam os cadáveres. Quem pode, foge dali, mas a peste acompanha-os.

— Jesus!

— Mãe, lembrais-vos da última invasão dos arganazes em Sil? Havia-os em todos os caminhos, em todas as veredas, e morriam aos montes em cada sarça, envenenando os cursos de água com a sua podridão... Recordais-vos?

Skule cerrava os punhos, a mãe tremia.

— Senhor, tende piedade de nós todos! Louvado seja Deus por teres sido mandado para cá, meu filho.

O homem batia os dentes, na sombra.

— A mesma coisa dissemos, eu e os outros, no dia em que saímos de Bjoergvin. Quando chegámos a Molde, o primeiro caiu doente. Amarrámos-lhe pedras aos pés quando ele morreu, prometemos mandar dizer uma missa pela sua alma logo que chegássemos a Nidaros, e atirámo-lo ao mar. Deus nos perdoe! Mas os dois seguintes levámo-los para terra e proporcionámos-lhes o socorro da Igreja e a paz do cemitério. Ninguém escapa ao seu destino, de qualquer maneira. O quarto morreu quando entrávamos no rio, e o quinto expirou esta noite.

— Tens de voltar a Bjoergvin? — perguntou a mãe. — Não podes ficar aqui?

Skule meneou a cabeça e pôs-se a rir, com um riso sem alegria.

— Parece-me que dentro em pouco será diferente estar aqui ou ali. É inútil ter medo; quem tem medo é homem morto. Ah! quem dera ser da vossa idade, mãe!

— Ninguém sabe o que lhe é poupado quando morre novo — replicou Cristina docemente.

— Calai-vos, mãe, pensai no tempo em que tínheis vinte e três anos; quereríeis haver sido privada dos anos que vivestes depois?

Quinze dias mais tarde, Cristina viu pela primeira vez um pestífero. Em Rissa constou que a epidemia grassava em Nidaros e se espalhava no país. De que maneira? Era difícil sabê-lo, pois ninguém saía da sua região e, se viam um desconhecido na estrada, fugiam para as florestas; nenhuma pessoa abria a sua porta a estranhos.

Mas, certa manhã, apresentaram-se dois pescadores no convento. Traziam um homem embrulhado num pano de vela. Quando, ao romper da aurora, haviam descido à praia, tinham encontrado um barco, que eles não conheciam, perto do pontão; jazia na coberta um homem desmaiado. Era duma casa situada abaixo do mosteiro, mas a família saíra da terra.

O moribundo, envolvido na vela húmida, estava deitado na relva do pátio; os pescadores conservavam-se a boa distância e falavam com Sira Eiliv; as servas e as Irmãs conversas haviam-se

refugiado dentro de casa. Mas, próximo da sala conventual, viam-se as freiras agrupadas, como um pequeno rebanho assustado e trémulo.

Madre Ragnhild aproximou-se. Era magra e velha, de rosto largo e chato, com narizinho vermelho e redondo, semelhante a um botão. Os seus olhos castanhos, grandes e de pálpebras vermelhas, lacrimejavam um pouco.

— *In nomine patris et filii et spiritus sancti* — pronunciou com voz clara; depois, engolindo a saliva: — Levai-o para a enfermaria.

Soror Ágata, a mais idosa das freiras, abriu caminho entre as outras e, por sua livre vontade, seguiu a abadessa e os homens que transportavam o doente.

Cristina, a meio da noite, foi levar um remédio que preparara na cozinha, e Soror Ágata perguntou-lhe se teria coragem de ficar para vigiar o lume. Cristina julgava-se mulher para tudo, familiarizada como estava a nascimentos e mortes. Assistira a cenas piores do que esta, e diligenciava pensar no que presenciara de mais terrível. O pestífero, sentado muito hirto na cama, sufocava a cada expectoração de sangue que se seguia aos acessos de tosse. Mantinha-se direito à custa duma correia que Soror Ágata lhe passara em volta do peito magro e coberto de pêlos ruivos. A cabeça pendia-lhe para a frente, o rosto mostrava-se lívido; tremia com incessantes calafrios.

Soror Ágata, entretanto, rezava tranquilamente, e quando a tosse sacudia o doente ela amparava-lhe a cabeça com um dos braços e chegava-lhe à boca uma taça. O desgraçado gritava com dores, os olhos rolavam-lhe nas órbitas de forma assustadora, e, por fim, deitou de fora a língua muito negra, enquanto os seus gritos morriam num lamentoso gemido.

A monja despejou a taça no lume sobre a qual Cristina lançou um braçado de zimbro. O quarto encheu-se de fumo amarelo e acre, e, em seguida, os ramos consumiram-se numa chama forte.

Soror Ágata dispunha as almofadas debaixo das costa do homem, humedecia-lhe os lábios escuros e gretados com água avinagrada, aconchegava-lhe ao corpo a colcha suja de sangue.

— Não tarda o fim — disse ela. — Já está frio, quando, há pouco, ardia como brasa. Sira Eiliv preparou-o para a morte.

A freira tornou a sentar-se ao lado do moribundo e recomeçou a rezar.

Cristina tentava em vão vencer o terror pânico que a dominava: não assistira a mortes muito mais cruéis? Mas isto era a peste, era o castigo de Deus pela dureza do coração de todos os homens, só conhecida de Deus que tudo sabe.

A cabeça andava-lhe à roda, sentia-se como que balouçada sobre ondas nas quais os pensamentos amargos e perversos que ela tivera neste mundo se erguiam numa vaga enorme no meio duma infinidade de vagas semelhantes. Depois tudo se afundava e só havia dor e gemidos impotentes.

«Senhor, valei-nos!»

Sira Eiliv entrou durante a noite. Ralhou deveras com Soror Ágata por não ter seguido os seus conselhos nem amarrado um lenço molhado em vinagre diante do nariz e da boca.

Chorosa, a freira murmurou que isso de nada serviria, mas tanto ela como Cristina tiveram de fazer o que o padre lhes ordenava.

A calma e a firmeza de Sira Eiliv deram certa coragem a Cristina, e talvez ela tivesse vergonha...

Afoitou-se então a sair da fumarada de zimbro e veio ajudar Soror Ágata.

O doente espalhava um cheiro nauseabundo que o fumo não atenuava; pus, sangue, transpiração e o hálito pestilencial que lhe saía da garganta...

Cristina recordou-se das palavras de Skule acerca da invasão dos arganazes. Mais uma vez sentiu terrível desejo de fugir, embora soubesse que não existia nenhum lugar onde pudesse escapar à peste.

Mas, logo que se dominou o bastante para tocar no moribundo, dissipou-se a pior angústia, e ela ajudou Soror Ágata conforme pôde até o homem exalar o último suspiro. Nessa altura o rosto dele estava inteiramente negro.

As religiosas fizeram em volta da colina da igreja uma procissão com as relíquias, a cruz e círios acesos.

Todos aqueles que, nessa terra, podiam andar ou mesmo rastejar, seguiram o cortejo.

Mas, poucos dias depois, morreu uma mulher próximo de Stroemmen, e a epidemia alastrou-se com violência, de repente, em toda a região. A morte, o pavor, a miséria pareceram precipitar os homens num mundo onde o tempo já não existia.

A epidemia começara apenas havia algumas semanas, mas dir-se-ia que tudo o que sucedera antes de a peste e a morte desatarem na sua cavalgada através do país desaparecera do espírito dos homens, como a costa se afunda aos olhos do viajante cujo navio é impelido para o largo pelas rajadas de vento.

Ninguém ousava evocar o tempo em que a vida, a sequência regular dos dias de trabalho era a ordem segura e natural das coisas, e em que a morte parecia uma eventualidade remota.

Ninguém podia imaginar que a vida seria de novo assim, se a humanidade não fosse toda exterminada.

— Vamos todos morrer, sem dúvida — diziam os homens que traziam para o convento os filhinhos, órfãos de mãe.

Alguns diziam-no com ar sombrio e duro, outros choravam e lamentavam-se. As mesmas palavras eram proferidas pelos que vinham buscar o padre para os moribundos e pelos que transportavam os cadáveres para a igreja paroquial ou para o cemitério próximo ao convento. Muitas vezes viam-se obrigados a abrir eles mesmos a cova.

Sira Eiliv encarregara os servos leigos, que ainda restavam, de ceifarem os campos do mosteiro. E, em toda a região, exortava o povo a continuar os trabalhos da terra e a ajudarem-se mùtuamente nos cuidados necessários para o gado, a fim de não morrerem de fome quando a peste acabasse com a desordem.

Ao começo, as religiosas aceitaram aquela desgraça com uma espécie de resignação pasmada. Fecharam-se na sala conventual, mantendo o lume aceso noite e dia no fogão enorme. Dormiam e comiam ali. Sira Eiliv aconselhara a que conservassem lume bem ateado em todas as quintas e casas providas de lareira. As freiras,

contudo, receavam o fogo; tinham ouvido imensas vezes as mais idosas falarem do incêndio que houvera trinta anos antes. As horas das refeições e do trabalho já não eram observadas, e as monjas não se ocupavam das diversas tarefas habituais.

Tanta criança estranha que chegava ao convento reclamando alimento e agasalho! Traziam doentes, principalmente de famílias ricas que podiam pagar a sua sepultura no mosteiro e mandar dizer missas pela sua alma, mas alguns, também, pobres e isolados, que não esperavam nenhum auxílio dos parentes.

Aqueles que estavam em situação intermediária sofriam e morriam na sua residência. Em certas herdades já não existia uma única pessoa.

Apesar de tudo, as freiras conseguiram ter as suas horas de oração.

A primeira religiosa a adoecer foi Soror Inga, mulher da idade de Cristina. Manifestou tal medo da morte que fazia pena vê-la e ouvi-la. Fora tomada de calafrios, na igreja, durante a missa. Trémula, apavorada, arrastara-se de joelhos, pedindo a Deus e à Virgem que a deixassem viver. Logo depois, invadira-a febre violenta e ficara coberta de suor de sangue.

O coração de Cristina palpitou de terror. Decerto que teria atitude tão lastimável como aquela quando chegasse a sua hora.

O pior para os pestíferos não era a morte em si, era o pavor atroz que a precedia.

A seguir, foi madre Ragnhild que contraiu a doença. Cristina sentira certo espanto por essa mulher haver sido escolhida para ocupar as altas funções de abadessa. Era velha, apática, resmungona, inculta. Mas, quando a morte passou a mão por cima dela, madre Ragnhild provou ser verdadeira esposa do Senhor.

A doença manifestou-se-lhe sob a forma de inchaços e bubões. A abadessa não permitiu que as suas filhas espirituais lhe descobrissem inteiramente o corpo. Debaixo do braço apareceu-lhe um tumor que se tornou tão grande como uma maçã e surgiram-lhe outros no pescoço.

Esses bubões, duros e vermelhos, causavam-lhe dores indizíveis; a febre consumia-a, ela, porém, dava exemplo de paciência

evangélica, e, por suspiros, implorava ao Senhor o perdão dos seus pecados. Rezava com fervor sincero pelas irmãs da comunidade, pelos doentes e desgraçados, por todos os que iam deixar este Mundo.

Sira Eiliv chorava ao administrar-lhe o viático e, todavia, a firmeza e incansável actividade do padre, no meio de toda aquela desgraça, era motivo de admiração.

Madre Ragnhild já por diversas vezes pedira a Deus que lhe recebesse a alma e tomasse as freiras sob a Sua protecção quando, de repente, os tumores que lhe cobriam o corpo começaram a rebentar.

Essa alteração era sinal de que recuperaria a saúde. Conforme se provou mais tarde, as pessoas atingidas pela peste manifestada em bubões podiam-se curar, mas as que expectoravam sangue morriam todas.

O exemplo da abadessa e o facto de uma pestífera melhorar animaram as religiosas. As circunstâncias obrigavam-nas a mungir as vacas, a limpar os estábulos, a cozinha e até a ir buscar ramos de zimbro ou de pinheiro, cujo fumo saneava a atmosfera.

Todas elas despendiam grande actividade. Tratavam os doentes o melhor possível, davam-lhes remédios a tomar. Como já não houvesse triaga e raiz de arum, as freiras distribuíam gengibre, pimenta, açafrão e vinagre para combater o contágio.

O pão veio a faltar: as religiosas fizeram cozeduras durante a noite. Esgotaram-se as especiarias: substituíram-nas por bagas de zimbro e agulhas de pinheiro, para mastigarem e assim se preservarem da epidemia.

Uma após outra, adoeceram e morreram. Os sinos do mosteiro e da igreja paroquial não cessavam o dobre de finados, que se extinguia no ar pesado, pois não desaparecera o extraordinário nevoeiro.

Havia como que uma ligação misteriosa entre a epidemia e essa bruma.

Ora caía neve e gelo e os campos branqueavam com a geada, ora vinha o degelo e a névoa reaparecia.

O povo via um sinal de mau agouro na partida brusca das

aves marinhas. Habitualmente, cobriam estas, aos milhares, as margens do estreito que, desde o fiorde, entra pelas terras dentro e parece um rio no meio de prados, mas que se alarga formando um lago interior de água salgada, ao norte do mosteiro de Rein.

Em lugar das gaivotas, surgiram corvos em bandos sinistros. Em cima de cada pedra, ao longo da água, via-se empoleirada uma dessas aves negras, e o seu grito horrível rasgava a bruma; numerosas gralhas invadiam os bosques e, grasnando, sobrevoavam toda a terra.

De vez em quando, Cristina pensava nos seus filhos dispersos, nos netos que ela jamais conheceria; revia a nuca dourada do pequeno Erlend. Mas tudo lhe aparecia difuso e longínquo. Não estavam tão longe e tão próximo de todos os homens, nessa época de angústia? E Cristina tinha tanto que fazer durante o dia! Felicitava-se por ser acostumada a toda a espécie de trabalhos.

Acontecia, quando estava a mungir as vacas, chegarem ao estábulo crianças desconhecidas. Cristina não lhes perguntava donde vinham nem o que se passava em casa delas, mas dava-lhes de comer e levava-as para o convento, para a sala do capítulo ou para qualquer outro lugar onde houvesse lume, ou então metia-as numa das camas do dormitório.

Admirava-se de quase nunca dispor de tempo para se concentrar e rezar, quando eram tão necessárias as orações fervorosas de toda a gente.

Ajoelhava defronte do santo cibório se tinha um momento livre, mas dos lábios só lhe saíam suspiros ou Padres-Nossos e Ave-Marias recitados maquinalmente.

Notava que a sua atitude perdia tudo o que adquirira de monacal nesses dois anos. Voltava a ser a senhora doutros tempos, enquanto diminuía o grupo das religiosas e os ofícios estavam abandonados; a abadessa tinha a língua meio paralisada e o trabalho aumentava para o reduzido número que ainda não adoecera.

Um dia, soube ela, por acaso, que Skule não saíra de Nidaros. A tripulação do barco morrera ou fugira, e ele não pudera reunir outros marinheiros. Estava de saúde, mas entregava-se a uma vida de orgia, como aliás faziam, de desespero, muitos outros rapazes.

Era certo morrer quem mostrasse medo, e então procuravam aturdir-se com festas e bebidas. Dedicavam-se a jogos de azar, dançavam e cortejavam as mulheres. Estas haviam também perdido a cabeça nessa época maldita. Burguesas respeitáveis, raparigas das melhores famílias, fugiam de casa e, em companhia de meretrizes, corriam as tabernas para se encontrarem com homens desregrados.

— Que o Senhor lhe perdoe! — dizia Cristina; mas o seu coração estava demasiadamente alquebrado para se afligir muito.

Nas aldeias, também só havia pecados e desvairos. No convento pouca coisa sabiam a esse respeito; quem dispunha de tempo para conversas? Mas Sira Eiliv, que, sem descanso, andava por todos os sítios a visitar doentes e moribundos, disse um dia a Cristina que o perigo das almas era ainda maior que o dos corpos.

Numa noite, estavam os sobreviventes de Rein reunidos em volta do fogão da sala conventual: quatro monjas, duas Irmãs conversas, um velho criado de estrebaria, um rapazinho, duas mendigas e algumas crianças. A abadessa continuava deitada num banco sobre o qual luzia um crucifixo, na sombra, suspenso da parede branca. Cristina e Soror Turid encontravam-se sentadas ao lado uma da outra, aos pés da reverenda madre. Haviam decorrido nove dias depois do último falecimento na comunidade, e desde cinco que ninguém morrera no convento ou nas casas mais próximas. A peste parecia declinar em toda a região, segundo dizia Sira Eiliv. Pela primeira vez, em três meses, desceu um raio de esperança sobre aquele grupinho fatigado e silencioso que se comprimia junto do lume. A velha Soror Torunn Marta pousou o seu terço no regaço e, pegando na mão duma garotinha que se conservava de pé, diante dela, disse-lhe:

— Vês, pequena, como a Santa Mãe de Deus não nos priva durante muito tempo da Sua misericórdia?

— Não é a Virgem Maria, irmã Torunn, é a deusa Hel. Ela há-de ir-se embora desta terra com o seu ancinho e a sua vassoura logo que sacrificarem um inocente no cemitério. Amanhã já estará longe.

— Que significa essa linguagem de pagã, Magnhild? — perguntou a freira perplexa. — Merecias um açoite.

— Que querias tu dizer, Magnhild? Fala sem receio — interveio Cristina, que as escutava, ofegante. De repente, lembrara-se de ter ouvido, na sua mocidade, a senhora Aashild falar de práticas terríveis e criminosas, às quais recorrem os homens desesperados quando o demónio os tenta...

Os pequenos tinham estado na mata, ao lusco-fusco; havia lá uma casa de terra batida, e alguns dos rapazinhos aproximaram-se e viram um grupo de homens que pareciam deliberar. Segundo depreenderam das suas palavras, tinham-se apoderado de Tore, filho de Steinnum, e deviam-no sacrificar nessa noite a Hel, a deusa da peste.

Os garotos discorriam animadamente, orgulhosos da atenção dos adultos. Nem pensavam em lastimar o pequeno Tore. Aliás, esta criança era considerada como a escória da humanidade: mendigava, mas nunca aparecia no convento, e a mãe fugia, sem querer falar a ninguém, se o padre Eiliv ou qualquer enviado da abadessa se lhe dirigia; pedidos ou ameaças eram inúteis. Durante dez anos pertencera ela ao número das meretrizes de Nidaros; depois, tivera uma doença que a desfigurara e a impossibilitara de recorrer aos seus meios de subsistência. Viera, então, para a aldeia e instalara-se num casebre da margem. Às vezes, ainda acontecia um ou outro mendigo viver com ela certo tempo... Quem seria o pai da criança? A própria mãe devia ignorá-lo...

— Temos de lá ir — disse Cristina, não podemos ficar aqui muito sossegadas quando, à nossa porta, almas baptizadas se vendem ao diabo.

As religiosas hesitavam. Aqueles homens eram os piores patifes da região, violentos e ímpios. A extrema miséria e o desespero deviam ter feito deles verdadeiros demónios.

— Ah! Quem dera ver Sira Eiliv aqui! — gemiam elas.

A situação do padre durante a epidemia tornara-se de tal ordem que as freiras lhe atribuíam dons miraculosos.

Cristina torcia as mãos:

— Pois bem! Irei sózinha, se vós, minha Madre, me concederdes licença...

A abadessa apertou-lhe o braço com tanta força que a outra

soltou um grito. A velha monja pôs-se de pé. Por sinais, indicou que a vestissem e lhe dessem a cruz de ouro, emblema da sua dignidade, e o báculo abacial. Depois, enfiou o braço no de Cristina, a mais nova e a mais forte das religiosas. Nessa altura, todas as freiras se levantaram e as seguiram.

Saíram pela porta do compartimento situado entre a sala do capítulo e o coro da igreja. A noite de Inverno estava glacial. Madre Ragnhild tiritava, os dentes entrechocavam-se-lhe. Desde que adoecera transpirava constantemente; os tumores haviam deixado chagas mal cicatrizadas que lhe causavam imensas dores a cada passo que dava. Mas, resmungando de impaciência, abanou a cabeça às súplicas das freiras para que retrocedesse, e, chegando-se mais para Cristina, atravessou trémula o jardim.

Logo que os seus olhos se habituaram à escuridão, as mulheres viram no chão folhas secas e brilhantes. Distinguiam o céu enevoado por cima das árvores desnudadas. O rumor do fiorde, por trás das colinas, dir-se-ia um suspiro baixo e triste.

Na extremidade do jardim havia uma cancela que o separava dos campos. As freiras sentiram um arrepio ao ouvirem ranger o ferrolho carcomido da ferrugem que Cristina se esforçava por correr. A mancha escura das madeiras embreadas destacava-se da sombra menos densa das montanhas, e, no fundo das nuvens claras desse lado da água, recortavam-se os contornos do telhado, das goteiras e da torre com a sua cruz. De facto, havia gente no cemitério — as freiras mais pressentiam do que viam a presença desses homens. E eis que despontou uma luzinha, como se uma lanterna estivesse pousada no chão. Rodeava-a a penumbra.

Chegando-se umas para as outras, as mulheres, assustadas, murmuravam orações; avançavam alguns passos, paravam, à escuta, e tornavam a avançar. Encontravam-se perto da paliçada quando a voz débil duma criança se fez ouvir:

— Ai! Ai! Sujaste a minha fatia de pão!

Cristina soltou-se do braço da abadessa e entrou a correr no cemitério. Empurrou alguns vultos, tropeçou num monte de terra e viu-se à beira duma cova aberta. Ajoelhou-se e, debruçando-se, ergueu o pequeno, que, de pé, no fundo do buraco, se lastimava

ainda pelo facto de a terra lhe haver sujado a bela fatia barrada de mel que lhe tinham dado para o conservar quieto lá dentro.

Os homens, sobressaltados, davam mostras de querer fugir. Cristina via-lhes os pés à luz da lanterna colocada no solo. Um deles não iria saltar sobre ela?

Nesse instante distinguiu-se a mancha clara dos hábitos.

Cristina tinha ainda nos braços o rapazinho, mas, como ele continuasse a choramingar por causa da sua fatia, pô-lo sobre a erva e sacudiu a terra que sujara o pão.

— Vá, come-a, já está limpa e saborosa como antes... E, vós outros, regressai às vossas casas. Ide-vos embora e agradecei a Deus por não haverdes cometido uma acção irremediável.

Cristina conseguira dominar o tremor da voz. Falava como as amas falam aos servos, com brandura, sem sequer lhe passar pela ideia que eles lhe pudessem desobedecer.

Involuntàriamente, vários homens se dirigiram para a porta. Um deles, porém, pôs-se a gritar:

— Esperai! Não vedes que a nossa vida e tudo o que possuímos estão em jogo? Agora que as desavergonhadas das freiras vieram meter o nariz onde não eram chamadas, não devem sair daqui nem espalhar o que viram.

Nenhum dos outros se mexeu. Soror Inês, com voz aguda e carregada de lágrimas, exclamou, entretanto:

— Oh, meu doce Jesus, meu Esposo, graças vos dou por nos concederdes morrer para glória do Vosso nome!

Madre Ragnhild deu-lhe uma cotovelada sem amenidade e, avançando em passo cambaleante, ergueu do chão a lanterna. Ninguém moveu um dedo para lhe impedir o gesto. Quando ela elevou a luz até à altura do peito, cintilou a cruz de ouro suspensa do pescoço. Apoiada no seu báculo, a abadessa projectou sucessivamente a claridade da lanterna em todos os rostos que a rodeavam, e inclinou a cabeça diante de cada um deles; em seguida, fez sinal a Cristina para falar.

— Voltai tranquilos para vossas casas, meus caros irmãos, disse Cristina. — Tende a certeza de que a Reverenda Madre e as Irmãs aqui presentes darão provas de espírito de caridade, tal como

o Senhor lhes ordena e a honra da Igreja o exige. Afastai-vos um pouco para que possamos sair com esta criança... e regressai a vossas casas.

Os homens permaneciam indecisos, quando se fez ouvir uma exclamação de angústia:

— Não é preferível imolar um só do que morrermos todos? Esse pequeno não pertence a ninguém.

— Pertence a Cristo. Antes morrer até ao derradeiro do que violentar um dos Seus meninos.

Mas o homem que falara primeiro atalhou-a:

— Cala-te, ou faço-te engolir as palavras com isto — e brandia um facalhão. — Ide todas para casa dormir e pedi ao vosso abade que vos console. E bico calado a respeito de tudo, senão, afirmo por Satanás, ficareis sabendo que nada de pior poderíeis fazer do que intrometer-vos nos nossos negócios.

— É inútil gritares tão alto para que te ouça... aquele de quem falas... Ele não está longe daqui, fica tu sabendo — disse Cristina sem se comover.

A maior parte dos homens pareceram inquietos e aproximaram-se da abadessa, que segurava na lanterna.

— O que podia acontecer de pior, para qualquer de nós, era ficarmos em casa enquanto estáveis a construir a vossa morada nas profundezas do inferno.

Arntor praguejava. Cristina sabia que ele detestava as freiras porque o pai tivera de lhes entregar a quinta como penhor quando se vira obrigado a pagar o seu resgate por assassínio e incesto com a prima da mulher. Numa explosão de raiva, gritava horríveis mentiras a respeito das monjas, acusando-as de pecados tão pavorosos que só o diabo podia inspirar a um homem.

As pobres religiosas, aterradas, choravam e baixavam a cabeça àquelas palavras de ódio, mas continuavam firmes em redor da velha abadessa, que iluminava com a lanterna a cara furiosa de Arntor, fitando-o com olhar sereno.

Em compensação, no coração de Cristina ateou-se a ira, como o lume acabado de acender despede labaredas:

— Cala-te! Enlouqueceste ou o Senhor castigou-te com a ce-

gueira? Que audácia a nossa se tentássemos escapar à Sua cólera, *nós* que vimos as Suas esposas consagradas irem ao encontro da espada que se desambainhou para os pecados do Mundo. Velavam e rezavam enquanto cometíamos pecados mortais e esquecíamos a toda a hora o Criador. Fechavam-se no recinto de orações e nós, na nossa cupidez, corríamos o Mundo consoante a nossa vontade, atrás de prazeres grandes ou pequenos. Saíram elas do seu retiro para virem até nós quando o anjo da morte nos foi mandado, e juntaram à sua volta os doentes, os que não tinham casa, os que tinham fome. Doze das nossas irmãs morreram de peste, bem o sabeis, e nem uma delas pensou ir-se embora, abandonando o seu posto; nem uma só deixou de rezar por nós com ternura fraternal antes de a língua se lhe secar na boca donde saía o sangue da sua vida!

— Falas bem de ti e das tuas iguais!

— *Eu* sou igual a *ti!* — exclamou Cristina fora de si. — Não sou uma destas santas religiosas, sou das vossas!

— Como és amável, mulher — escarneceu Arntor. — Tens medo, já vejo. Pouco te falta para dizeres que a mãe deste pequeno é igual à tua pessoa.

— O julgamento pertence ao Senhor, que morreu por nós ambas. Onde está ela, a Steinunn?

— Vai ao seu covil, e lá a encontrarás — respondeu Arntor.

— É preciso prevenir a pobre da mulher de que o filho está connosco — disse Cristina às freiras. — Mandaremos alguém amanhã de manhã.

Arntor soltou uma gargalhada de mofa, mas um dos companheiros gritou:

— Ela morreu. Há quinze dias que Bjarne a deixou e aferrolhou a porta, e Steinunn estava nessa altura na agonia.

— Na agonia? — Cristina olhava para os homens com terror. — Não havia então ninguém que lhe fosse buscar um padre? O cadáver ficou lá sem que pessoa alguma tivesse a piedade de a sepultar... E o filho... queríeis...

Ao verem o pavor de Cristina, os miseráveis, de vergonha, per-

deram a cabeça. Gritavam todos ao mesmo tempo. Depois, uma voz dominou as outras:

— Vai tu própria buscá-la, minha irmã!

— Sim, vou! Qual de vós irá comigo?

Ninguém respondeu.

— Vai tu sòzinha — bradou Arntor.

— Amanhã, ao romper da aurora, iremos buscá-la, Arntor. Pagarei a sua sepultura e mandarei dizer missas pela sua alma.

— Vai esta noite, e acreditarei então na vossa santidade e virtude.

Arntor avançava a cabeça para Cristina. Esta deu-lhe um murro em cheio na cara, soluçando alto de medo e de furor.

Madre Ragnhild aproximou-se dela; fazia esforços inúteis para falar. As religiosas gritavam que no dia seguinte enterrariam a morta. Mas o demónio parecia haver tirado o juízo a Arntor. Continuava a urrar:

— Vai agora, e acreditaremos na piedade de Deus.

Cristina ergueu a cabeça. Pálida e hirta, pronunciou:

— Irei.

Levantou do chão a criança e entregou-a a Soror Torunn; em seguida, afastando os homens, desatou a correr, tropeçando nas sepulturas, em direcção à porta do cemitério. As freiras seguiam-na, chorosas, e Soror Inês gritava que queria acompanhá-la. A abadessa agitava as mãos para deter Cristina, mas nenhum aviso podia já prevalecer contra a exaltação desta última.

Nesse instante distinguiram vultos que se moviam na sombra da paliçada; e a voz de Sira Eiliv perguntou:

— Que significa esta reunião de gente?

O padre entrou no círculo luminoso da lanterna; empunhava uma acha. As freiras rodearam-no logo e os homens acharam oportuno dar às-de-vila-diogo, mas à porta do cemitério foram detidos por alguém que brandia uma espada; na escuridão, entrechocaram-se armas.

— Ai daquele que perturba a paz deste lugar.

Cristina dizia consigo que o homem do sabre só poderia ser o valente armeiro de Credoveiten. Pouco depois, um indivíduo de

cabelos brancos, alto e espadaúdo, surgiu ao lado dela. Era Ulf Haldorsoen.

O padre entregou-lhe a acha que ele lhe emprestara e pegou no petiz que estava ao colo da freira, enquanto dizia:

— Embora já passe da meia-noite, vinde todos à igreja; quero esclarecer este caso.

Nenhum dos assistentes teve a ideia de desobedecer; mas, ao chegarem à estrada, afastou-se do grupo um vulto feminino que se encaminhou para a vereda da mata. O padre chamou e ordenou-lhe que ficasse com os outros. Da sombra do atalho, a voz de Cristina respondeu:

— Não posso voltar, Sira Eiliv, antes de cumprir a minha promessa.

O padre e outras pessoas correram atrás dela. Quando a alcançaram, a viúva de Erlend encostou-se à paliçada. Sira Eiliv ergueu a lanterna. Ainda que o rosto de Cristina estivesse lívido, o sacerdote viu, ao fitar os olhos da mulher, que ela não enlouquecera como ele receara.

— Vem connosco, Cristina — disse o padre — amanhã irás lá acompanhada por alguns homens; eu mesmo irei.

— Dei a minha palavra, não posso voltar para o convento antes de fazer o que prometi.

— Sira Eiliv ficou um momento perplexo; por fim, murmurou:

— Talvez tenhas razão. Vai, minha irmã, em nome do Senhor!

Cristina desapareceu nas trevas do caminho.

Quando, de repente, sentiu Ulf Haldorsoen a seu lado, exclamou, com voz sacudida e exaltada:

— Vai-te embora, não pedi que me acompanhasses.

Ulf volveu docemente, a rir:

— Cristina, senhora minha, ainda não sabes que podem suceder coisas que não pediste nem ordenaste? Tiveste bastantes ocasiões para perceber que nem sempre dispões do direito de levar sòzinha o fardo com que carregas os teus ombros. Ajudar-te-ei hoje a realizar o teu desígnio.

O pinhal sussurrava por cima deles, o barulho das vagas apro-

ximava-se ou distanciava-se conforme o capricho do vento. A escuridão era absoluta na vereda.

Daí a pouco, Ulf prosseguiu:

— Já uma vez te segui, quando saíste de noite. Não é natural que te acompanhe mais esta vez?

Ela respirava alto e depressa; tropeçou e Ulf amparou-a. A partir desse instante conservou ele na sua a mão de Cristina, e guiou-a. Pareceu-lhe ouvi-la chorar, e perguntou a causa das suas lágrimas.

— Choro ao pensar que foste sempre tão bom, tão fiel para nós, Ulf... sei que tudo o que fazias era principalmente por causa de Erlend, mas quase creio, amigo, que sempre me julgaste com mais indulgência do que devias, pelo que conhecias da minha vida.

— Gostava tanto de ti como de Erlend, Cristina. — Calou-se, e ela percebeu que a comoção o perturbava. Passados momentos Ulf continuou: — Por isso, o motivo que me trouxe até cá me pareceu penoso. Tenho tristes notícias a dar-te. Que Deus te fortifique, Cristina!

— Skule? Skule morreu? — interrogou Cristina baixinho.

— Não, Skule estava de saúde quando ontem lhe falei, e agora a epidemia rareia na cidade. Mas tive hoje notícias de Tautra...

Ouviu-a soltar fundo suspiro; ela, porém, não disse nada e ele prosseguiu:

— Há dez dias que ambos morreram. No mosteiro só quatro frades sobreviveram e a ilha está como que varrida de todos os habitantes.

Tinham chegado à orla da mata. No vasto espaço que se lhes estendia em frente acolheu-os o vento e o rumor das ondas. Em qualquer parte, na sombra, luzia uma mancha branca. Era a ressaca, numa enseada dominada pelo médão de areia clara.

— Ela mora aqui — disse Cristina.

Ulf reparou que a companheira tremia com arrepios espasmódicos e apertou-lhe a mão.

— Foste tu mesma que o quiseste. Lembra-te disso e não percas agora a presença de espírito.

Cristina respondeu em voz estranhamente nítida e cortante, que que o vento levou consigo.

— O sonho de Bjoergulf vai realizar-se, entrego-me nas mãos de Deus e da Virgem Maria.

Ulf tentou ver-lhe o semblante, mas a escuridão era densa. Agora, iam ao longo da praia. A passagem era por vezes tão estreita sob os rochedos que as vagas lhes molhavam os pés; ora atravessavam espessas camadas de sargaços, ora tinham de saltar por cima de penedos. Finalmente, descobriram uma massa negra encostada ao médão.

— Fica aqui — ordenou Ulf.

Avançou, abanou a porta, e ela ouviu-o cortar com a acha os laços de vimes e tornar a empurrar a porta. Esta desabou para o interior e ele entrou no casebre sombrio.

Não havia muito vento, mas a noite estava tão opaca que Cristina nada distinguia, além das franjas de espuma que apareciam e desapareciam sobre as ondas e da claridade difusa das vagas que se quebravam na praia. Via também a mancha negra de encontro à areia, e sentia-se metida num buraco escuro, verdadeiro limiar da morte.

O bramido das vagas, o marulho da água, que se retirava entre os calhaus da praia parecia-lhe corresponder ao movimento do seu próprio sangue. Não iria o seu corpo despedaçar-se, como um vaso que se quebra em mil pedaços? Doía-lhe o peito; a cabeça dir-se-ia vazia e desconjuntada, e a brisa da noite traspassava-a toda. Soube, com estranha certeza, que a doença lhe deitara as garras; e era como se esperasse que uma luz, cujo rugido dominaria o das vagas, irrompesse das trevas, e, então, ela sucumbiria de pavor.

Puxou o capuz que lhe descaíra para as costas, aconchegou a si o manto negro e amplo e uniu as mãos. Mas não lhe veio à ideia rezar; a sua alma tinha muito que fazer para se escapar da sua morada em ruínas; de cada vez que respirava, o peito parecia rasgar-se.

De súbito, acendeu-se lume na cabana, e um minuto depois Ulf Haldorsoen chamou-a:

— Vem ajudar-me, Cristina.

Estava na porta e entregava-lhe um archote de lenha resinosa.

Sufocou-a o cheiro de cadáver, embora no casebre entrasse ar puro. De olhos fixos, com a boca entreaberta, de lábios rígidos como madeira, ela procurou a defunta com o olhar. Mas viu apenas um fardo comprido que jazia por terra, envolvido na capa de Ulf.

Este arrancara tábuas de qualquer parte e colocara por cima a porta; com a machada fez cavilhas e buracos e procurou fixar as pranchas.

Relanceava de quando em quando o olhar para o lado de Cristina e, de cada vez, o seu rosto se tornava mais sombrio.

— Sempre queria saber de que maneira te ias desenvencilhar sòzinha desta aventura — disse ele, enquanto trabalhava.

Nem um músculo estremeceu na fisionomia inanimada e hirta que o archote iluminava: era o semblante duma morta ou duma louca.

— Que pensas disto, Cristina? — acrescentou Ulf com um riso brusco. E, como ela continuasse na mesma: — Vamos, acho que farias bem em rezar.

Sempre rígida e pasmada, ela começou:

— *Pater noster qui es in celis. Adveniat regnum tuum. Fiat voluntas tua in celo et in terra...*

Deteve-se.

Ulf, sem despregar os olhos do rosto de Cristina, continuou:

— *Panem nostrum quotidianum, da nobis, hodie...*

O homem terminou o *Pater* com voz firme e clara, depois fez o sinal da cruz sobre a forma imóvel e transportou-a sem vacilar para a padiola que acabara de fazer.

— Vai à frente — disse Ulf — será um pouco mais pesado, mas sentirás menos o mau cheiro. Deita fora o archote, veremos melhor sem ele, e tem cuidado não tropeces, Cristina, pois preferia não tocar ainda neste pobre cadáver.

A dor que oprimia Cristina aumentou quando pôs nos ombros os varais da padiola.

O peito não *queria* aceitar aquela carga. Ela, contudo, cerrou os dentes. Enquanto seguiram a margem onde o vento soprava, Cristina não sentiu cheiro nenhum.

— Aqui, tenho primeiramente de segurar no corpo e, em seguida, na maca — observou Ulf quando chegaram próximo do sítio onde haviam descido para a praia.

— Podíamos ir um pouco mais longe — respondeu a companheira — até onde descem os carros dos sargaços; a encosta não é muito íngreme.

O homem ouviu-a falar em tom calmo e ponderado; percorreu-o um tremor e a testa molhou-se-lhe de suor, agora que se tranquilizava; julgara que ela perdera a razão no decurso dessa noite.

Caminhavam com dificuldade na vereda ensaibrada que ia ter ao pinhal. Nenhum obstáculo detinha o vento; no entanto não era igual ao da praia, e, à medida que se afastavam do rumor do mar, Cristina sentia que deixara o domínio do pavor para voltar a sua casa.

Um trigal que ninguém ceifara apareceu inteiramente branco ao longo do caminho. Cristina sentia-lhe o perfume, e as espigas inclinadas pareciam dar-lhe as boas-vindas.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas de piedade fraternal. Saía do deserto da sua aflição e encontrava-se de novo na comunidade dos vivos e dos mortos...

O terrível cheiro a cadáver vinha para ela quando o vento lhe soprava nas costas, mas não era tão insuportável como no casebre. No espaço corria ar fresco, húmido e puro. Ulf Haldorsoen estava ali e protegia-a do horror negro e sinistro de que se afastavam e que se atenuava mais e mais; esta certeza prevalecia no sentimento de transportar uma coisa terrível naquela padiola. Chegados à orla do bosque, viram brilhar archotes.

— Vêm ao nosso encontro — disse Ulf.

Logo depois foram rodeados por um bando de pessoas que traziam tochas, lanternas e uma maca tapada com um pano mortuário. Sira Eiliv estava entre os recém-vindos, e Cristina reconheceu com surpresa vários dos homens que se encontravam

no cemitério algumas horas antes. Muitos deles choravam. Quando a livraram da sua carga, a viúva de Erlend Nikulaussoen quase tombou. Sira Eiliv quis ampará-la, ela, porém, gritou:

— Não me toqueis, não vos aproximeis, sinto que tenho a peste.

Apesar de tudo, Sira Eiliv segurou-a pelos ombros.

— Mulher, fortifica o teu coração lembrando-te do que Nosso Senhor disse: «O que fizerdes a um destes meninos é a mim que o fareis».

Os olhos de Cristina fixaram o padre e desviaram-se, depois, para os homens que transportavam a defunta da padiola construída por Ulf para a maca mortuária. A capa deslizou um pouco e descobriu um sapato acalcanhado e molhado. Cristina ajoelhou entre os varais da padiola, beijou o sapato e exclamou:

— Deus te proteja minha irmã, Deus regozije a tua alma à Sua luz! O Senhor é misericordioso para nós todos que vivemos aqui nas trevas.

De repente, sentiu que a vida se arrancava do seu corpo. Uma dor fulgurante, indizível, que vinha do fundo, sacudiu-a dos pés à cabeça. Tudo o que havia no seu peito lhe subiu à garganta. Da boca saiu-lhe sangue que tinha o sabor do sal e do cobre; o vestido ficou-lhe inundado, escuro e brilhante.

— Jesus! Como é possível haver tanto sangue numa velha! — murmurou ela para si.

Ulf Haldorsoen levantou-a e levou-a nos braços.

Sob o pórtico, vinham ao encontro do cortejo as religiosas com círios acesos. Cristina ainda não voltara a si por completo, mas sentiu que entrava, amparada ou transportada, na casa caiada de branco cheia da luz vacilante e amarela dos círios e do clarão rubro dos archotes.

O rumor dos passos era semelhante ao do mar. Para a moribunda, as chamas das tochas confundiam-se com o fogo da própria vida que se extinguia, e as passadas ressoando nas lajes eram o bramido do rio da morte que subia em direcção a ela.

Depois, as luzes espalharam-se num espaço maior. Cristina

encontrava-se de novo debaixo do céu escuro, atravessando o pátio; agitavam-se manchas de luz no muro de pedras cinzentas com pesados contrafortes e janelas altas: era a igreja do convento.

Alguém levava Cristina. Ulf, sem dúvida, mas confundia-se com outros que já a haviam transportado. Quando ela rodeou com os braços o pescoço do homem e apoiou a face na cara barbuda, imaginou-se criança ao colo do pai; e, ao mesmo tempo, julgava apertar um filho de encontro a si. Atrás da cabeça de Ulf brilhavam chamas purpúreas. Não viriam elas do fogo imenso de que se alimentam os amores?

Um pouco mais tarde, Cristina abriu os olhos; recuperara a lucidez. Estava deitada numa cama do dormitório, e uma religiosa debruçada para ela tinha a parte inferior do rosto tapada com um pano que cheirava a vinagre. Era Soror Inês. Reconheceu-a pelos olhos e pela verrugazinha vermelha que lhe via na testa. A luz do dia entrava através das janelas de colunetas.

Cristina não sofria, sentia-se apenas infinitamente lassa e esgotada; o suor inundava-a e, quando respirava, atravessavam-lhe o peito dolorosas pontadas.

Bebeu com avidez a tisana refrescante que Soror Inês lhe chegou aos lábios. De súbito, começou a tiritar.

Enquanto se deixava cair nas almofadas, veio-lhe à memória o que acontecera durante a noite. Desaparecera a impressão de viver um mau sonho. «Eu decerto estava meio alucinada», pensou. Sentia-se contente por ter podido realizar o seu desígnio: salvar a pobre criança e impedir aqueles desventurados de carregarem a consciência com semelhante crime. Devia, acima de tudo, rejubilar-se por haver tido a sorte de agir daquela forma justamente antes de morrer, mas não ousava...

Experimentava o género de satisfação que sentia em Joerundgaard quando, à noite, na sua cama, estava cansada por haver trabalhado bem todo o dia.

Queria agradecer a Ulf.

Pronunciara o seu nome, e ele, que certamente se encontrava

perto, devia tê-la ouvido, pois aproximou-se do leito de Cristina. Esta estendeu-lhe a mão e Ulf segurou-a e apertou-a com afecto.

Bruscamente, a moribunda agitou-se; as suas mãos procuravam qualquer coisa debaixo do escapulário.

— Que desejas, Cristina? — perguntou o homem.

— A cruz — murmurou ela, conseguindo agarrar o crucifixo dourado do pai. Lembrara-se de que prometera na véspera mandar dizer missas pela alma da infeliz Steinunn sem pensar que já nada possuía neste mundo — só podia dispor dessa cruz, que o pai lhe dera, e do anel de casamento que ainda usava.

Retirou-o do dedo e contemplou-o. Descansava-lhe, pesado, na mão; de ouro brilhante, era ornado de grandes pedras vermelhas. «Erlend...» pensou ela. E sentiu que lhe era necessário separar-se também dessa jóia. Porquê, não sabia, mas assim era preciso.

De mágoa, fechou os olhos e entregou o anel a Ulf.

— A quem o destinas? — perguntou ele em voz baixa; e, como ela não respondesse: — Queres que o dê a Skule?

Cristina abanou a cabeça, com os olhos obstinadamente fechados.

— Steinunn... prometi mandar... dizer missas...

Abriu as pálpebras e olhou para o anel que o armeiro tinha na sua palma escura. As lágrimas brotaram violentas; nunca compreendera em absoluto o que significava para si esse anel.

Como murmurara contra aquela existência, à qual o anel de casamento a votara! Quanta revolta, quanto ira! Contudo, amara a sua vida, fruíra dias bons e maus. Não havia um só deles que ela entregasse a Deus sem saudade, nem um sofrimento que pudesse sacrificar sem se sentir empobrecida.

Ulf e a religiosa trocaram algumas palavras que ela não percebeu, e o armeiro saiu do quarto. Cristina quis levantar a mão para limpar os olhos, mas não teve forças, e a mão ficou inerte em cima do peito; pesava-lhe muito e parecia-lhe sentir ainda o anel em volta do dedo. Tornava a perder a noção das coisas. Precisava de ver se realmente a aliança já não estava no seu lugar; talvez sonhasse que se separara dela.

Também não estava muito certa do que se passara durante a noite: a criança na cova... as ondas negras do mar... os clarões fugitivos nas vagas... o cadáver que ela transportara... Seria sonho ou realidade? Já não podia abrir os olhos.

— Minha irmã — disse a religiosa — não adormeças. Ulf foi buscar o padre.

Bruscamente, Cristina despertou de vez e fixou o olhar na mão; o anel não estava lá. Não estava, mas ficara uma marca branca no lugar que ocupara. No dedo moreno, estragado pelos trabalhos rudes, havia como que uma cicatriz de pele alva e fina. Cristina reconhecia as duas manchas redondas deixadas pelos rubis e um M pequenino, inicial da Santa Virgem gravada no ouro da placa do meio.

O último pensamento lúcido de Cristina foi que morreria antes de a marca desaparecer, e sentiu-se feliz com essa ideia.

Era um mistério que não compreendia muito bem, mas de que estava certa. Deus não cessava de a envolver com Seu amor, quase sem ela dar por isso; e, apesar da sua obstinação, apesar do seu espírito pesado e material, ficara um pouco desse amor nela, actuando como o sol que fecunda a terra. Brotara uma flor que não pudera secar a paixão da carne, houvesse esta sido chama ardente ou tempestade de cólera furiosa.

Cristina fora a serva do Senhor, serva rebelde, caprichosa, orando apenas com os lábios, hipócrita no fundo do coração, preguiçosa, negligente, sem paciência perante o castigo, sem perseverança nas suas empresas. Contudo, Ele conservara-a ao Seu serviço, mantivera o pacto que lhe impusera... Debaixo do anel de ouro brilhante, a marca secreta indicava ser ela serva dum Senhor, dum Rei, que vinha nas mãos consagradas do padre para a libertar e a salvar.

Depois de Sira Eiliv lhe haver administrado os derradeiros sacramentos, Cristina Lavransdatter perdeu a consciência do que a rodeava.

Acometera-a febre altíssima e acessos de violentas hemoptises. O padre disse às monjas que o fim não tardaria.

Por vezes, a moribunda readquiria suficiente lucidez para

distinguir um ou outro rosto: Sira Eiliv, as freiras... Madre Ragnhild aproximou-se do leito, e, em seguida, Ulf.

Cristina esforçara-se por mostrar que os reconhecia e que a sua presença lhe causava prazer; mas os que a rodeavam só reparavam que as mãos dela raspavam o lençol nos horrores da agonia.

Num instante, Cristina viu Munan. O pequeno olhava-a, através duma porta entreaberta. Depois, retirou a cabeça, e a mãe não mais desfitou essa porta, esperando a reaparição do filho. Mas foi a abadessa quem entrou e passou na cara da moribunda um pano molhado. Também isso lhe fazia bem.

Tudo desapareceu numa bruma vermelha, e Cristina ouviu um ruído ensurdecedor que a assustou ao princípio. Mas o rumor acalmou-se a pouco e pouco e o nevoeiro tornou-se transparente e luminoso. Nada mais foi do que a névoa matinal que precede a aurora — um grande silêncio. Cristina soube que morria.

Sira Eiliv e Ulf Haldorsoen deixaram a defunta. À entrada do pátio, ambos pararam.

Caíra neve. Quem velara Cristina, enquanto ela se entregava ao derradeiro combate, não havia dado pelas agruras do tempo. Deslumbrou-os a brancura do telhado da igreja; o campanário brilhava no fundo cinzento do céu. Camadas finas e alvas cobriam os peitoris das janelas e as cornijas. Os dois homens pareciam hesitar em imprimir os seus passos na neve fresca do pátio.

Aspiraram o ar da manhã. Depois do cheiro nauseabundo que sempre se desprendia dum pestífero, aquele ar era agradável, puro e leve, como se a neve houvesse varrido da atmosfera a doença e o contágio. Sentiam nos lábios o gosto da água duma nascente...

O sino começou a tocar. Sira Eiliv e Ulf levantaram a cabeça para o ver balançar-se por trás das lucarnas do campanário. Destacavam-se flocos à vibração do sino, redopiavam, caíam em bolinhas, descobrindo placas do telhado escuro.

— A neve não se vai conservar — observou Ulf.

— É capaz de derreter antes da noite — respondeu o padre.

Entre os rasgões das nuvens via-se o céu pálido e dourado; reflectiram-se no chão alguns raios tímidos de sol.

Ulf Haldorsoen proferiu em voz baixa:

— Estou a pensar numa coisa, Sira Eiliv; quero dar terras à Igreja e a taça de prata que Cristina me ofereceu como recordação de Lourenço Bjoergulfsoen, para celebrarem missas regulares por alma dela, pelos filhos e por Erlend, meu parente.

O padre retorquiu em tom igualmente baixo, sem olhar para Ulf:

— Tenho a impressão de que deves sentir necessidade de agradecer Àquele que te trouxe cá ontem. Estás satisfeito em ter podido ajudá-la a noite passada, não é verdade?

— É verdade, sim — respondeu Ulf Haldorsoen. E ajuntou com leve sorriso: — Hoje, meu reverendo, quase me arrependo de haver sido homem tão virtuoso... para ela.

— É inútil perder tempo com arrependimentos tão supérfluos.

— Que quereis dizer?

— Quero dizer que só é útil o arrependimento que sentimos pelo pecado cometido.

— Que entendeis por isso?

— Só Deus é bom, nada podemos fazer de bom sem Ele. Portanto, é supérfluo lastimar uma boa acção. Subsistirá o bem que fizeste, mesmo quando se desmoronarem as montanhas.

— Talvez, talvez, mas não compreendo em absoluto o que me expondes, Sira Eiliv, porque estou cansado.

— E deves também estar com fome; vem comigo à cozinha.

— Obrigado, não tenho vontade de comer — disse Ulf.

— No entanto, é preciso comeres qualquer coisa.

E Sira Eiliv pousou a mão no braço do armeiro. Atravessaram o pátio, com destino à cozinha.

Sem mesmo pensarem nisso, caminhavam de maneira tão leve e delicada quanto lhes era possível sobre a neve recente.

FIM

ÍNDICE

I — LAÇOS DE FAMILIA 9
Capítulo I 11
» II 22
» III 48
» IV 62
» V 101

II — OS DEVEDORES 133
Capítulo I 135
» II 160
» III 180
» IV 208
» V 225
» VI 247
» VII 261
» VIII 287

III — A CRUZ 303
Capítulo I 305
» II 341
» III 357
» IV 375
» V 399
» VI 410
» VII 420

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO
E IMPRESSO PARA A
PORTUGÁLIA EDITORA
NA TIP. LEANDRO, LDA.
TRAV. DO NORONHA, 28 E 30-A
LISBOA